KIERKEGAARD

Os Pensadores



Os Pensadores



1979

EDITOR: VICTOR CIVITA

CIP-Brasil. Catalogação-na-Fonte
Câmara Brasileira do Livro, SP

Kierkegaard, Søren Aabye, 1813-1855.
K59d Diário de um sedutor ; Temor e tremor ; O desespero humano / Søren Aabye Kierkegaard ; traduções de Carlos Grifo, Maria José Marinho, Adolfo Casais Monteiro. — São Paulo : Abril Cultural, 1979.
(Os pensadores)

Inclui vida e obra de Kierkegaard.
Bibliografia.

1. Existencialismo 2. Filosofia dinamarquesa 3. Kierkegaard, Søren Aabye, 1813-1855 4. Pecado 5. Psicologia religiosa 6. Religião - Filosofia I. Título: Diário de um sedutor. II. Título: Temor e tremor. III. Título: O desespero humano. IV. Série.

CDD-198.9
-142.7
-200.1
-200.19
78-0925 -233.2

Índices para catálogo sistemático:
1. Existencialismo : Filosofia 142.7
2. Filosofia dinamarquesa 198.9
3. Filósofos dinamarqueses : Biografia e obra 198.9
4. Pecado : Teologia dogmática cristã 233.2
5. Psicologia religiosa 200.19
6. Religião : Filosofia 200.1

Contra Capa:

ESTE VOLUME CONTÉM AS SEGUINTES OBRAS:

O DIÁRIO DE UM SEDUTOR (1843)

A obra retrata aquilo que Kierkegaard entende por modo de vida estético, caracterizado pelo hedonismo romântico e sofisticado. O sedutor é um indivíduo que escolhe o mergulho na paixão, as contradições da existência amorosa. Escolhe como finalidade da vida o prazer, gozando pessoalmente a estética e gozando esteticamente sua própria personalidade.

TEMOR E TREMOR (1843)

O episódio bíblico de Abraão, que se dispõe a matar o filho Isaac em obediência à ordem divina, serve de tema à reflexão de Kierkegaard sobre a natureza da fé. E é fundamentalmente como paradoxo que a fé se revela: “paradoxo capaz de fazer de um crime um ato santo e agradável a Deus, paradoxo que devolve a Abraão o seu filho, paradoxo que não pode reduzir-se a nenhum raciocínio, porque a fé começa precisamente onde acaba a razão”.

O DESESPERO HUMANO (DOENÇA ATÉ À MORTE)

A dialética do desespero — doença que marcaria o fundo da consciência do cristão até à morte — é analisada por Kierkegaard, em suas múltiplas facetas: o desespero inconsciente de ter um eu; o desespero que não quer, e o desespero que quer ser ele próprio; a relação entre desespero e pecado.

Tradução de: *Carlos Grifo, Maria José Marinho, Adolfo Casais Monteiro.*

Consultor da Introdução: *Marilena de Souza Chauí*

Orelhas:

Os Pensadores - KIERKEGAARD

“O paradoxo da fé consiste em que o Indivíduo é superior ao geral, de maneira que, para recordar uma distinção dogmática hoje já raramente usada, o Indivíduo determina sua relação com o geral tomando como referência o absoluto, e não a relação ao absoluto em referência ao geral. Pode ainda formular-se o paradoxo dizendo que há um dever absoluto para com Deus; porque nesse dever, o Indivíduo se refere como tal absolutamente ao absoluto. Nestas condições, quando se diz que é um dever amar Deus, exprime-se algo que difere do anteriormente dito; porque se esse dever é absoluto, a moral encontra-se rebaixada ao relativo. De qualquer modo não se segue daí que a moral deva ser abolida, mas recebe uma expressão muito diferente, a do paradoxo, de forma que, por exemplo, o amor para com Deus pode levar o cavaleiro da fé a dar ao seu amor para com o próximo a expressão contrária do que, do ponto de vista moral, é o dever. Se assim não é, a fé não tem lugar na vida, é uma crise, e Abraão está perdido, visto que cedeu.”

KIERKEGAARD: *Temor e Tremor*

“Assim como talvez não haja, dizem os médicos, ninguém completamente são, também se poderia dizer, conhecendo bem o homem, que nem um só existe que esteja isento de desespero, que não tenha lá no fundo uma inquietação, uma perturbação, uma desarmonia, um receio de não se sabe o quê de desconhecido ou que ele nem ousa conhecer, receio duma eventualidade exterior ou receio de si próprio; tal como os médicos dizem de uma doença, o homem traz em estado latente uma enfermidade, da qual, num relâmpago, raramente um medo inexplicável lhe revela a presença interna.”

KIERKEGAARD: *O Desespero Humano*

FAZEM PARTE DESTA SÉRIE:

VOLTAIRE
MARX
FREUD
ARISTÓTELES
SARTRE
ROUSSEAU
NIETZSCHE
KEYNES
ADORNO
SAUSSURE
PRÉ-SOCRÁTICOS
GALILEU
PIAGET
KANT
BACHELARD
DURKHEIM
LOCKE
PLATÃO
DESCARTES
MERLEAU-PONTY
WITTGENSTEIN
HEIDEGGER
BERGSON
STO. TOMÁS DE AQUINO
HOBBES
ESPINOSA
ADAM SMITH
SCHOPENHAUER
VICO
KIERKEGAARD
PASCAL
MAQUIAVEL
HEGEL
E OUTROS

SØREN AABYE KIERKEGAARD

DIÁRIO DE UM SEDUTOR

*

TEMOR E TREMOR

*

O DESESPERO HUMANO

Traduções de Carlos Grifo, Maria José Marinho,
Adolfo Casais Monteiro

Títulos originais:

Forförerens Daghog

Frygt og Baeven

Sygdommen til Doeden

Traduções publicadas sob licença de Editorial Presença Ltda.,

Lisboa *(Diário de um sedutor* ou *A arte de amar);*

Guimarães Editores, Lisboa *(Temor e Tremor);*

Livraria Tavares Martins, Porto *(O desespero humano).*



KIERKEGAARD

(1813 - 1855)

VIDA e OBRA

Consultoria de Marilena de Souza Chauí

“Minha vida não será, apesar de tudo, mais do que uma existência poética.” Essa afirmação do filósofo dinamarquês Søren Aabye Kierkegaard revela, segundo György Lukács (1885-1970), seu heroísmo, sua honestidade e sua tragédia. Para Lukács, o heroísmo de Kierkegaard residiu em ter desejado criar formas a partir da vida; sua probidade, em ter seguido até o fim o caminho escolhido; e sua tragédia, em ter desejado viver aquilo que jamais poderia ser vivido.

Régis Jolivet afirma que o pensamento de Kierkegaard formou-se, “não tanto por assimilação de elementos estranhos, mas sobretudo através de uma luta de consciência, cada vez mais intensa e cada vez mais exigente, perante as condições, não já da existência em geral, mas do seu próprio existir”. Ainda segundo Jolivet, a filosofia de Kierkegaard é precisamente ele mesmo, e ele mesmo, não fortuitamente e, de certo modo contrariado, mas ele mesmo voluntária e sistematicamente, a tal ponto que o “existir como indivíduo” e a consciência desse existir chegaram, a ser, para ele, condição absoluta da filosofia e até sua única razão de ser.

A existência e a razão

Considerado por muitos historiadores como o primeiro representante da filosofia existencialista. Søren Aabye Kierkegaard nasceu a 5 de maio de 1813, em Copenhague, filho de Michael Pedersen Kierkegaard, então com 56 anos de idade, e de Anne Srensdatter, de 44 anos. Seu pai era um agricultor da Jutlândia ocidental que se mudou para Copenhague, onde enriqueceu como comerciante de lã.

A primeira infância, Kierkegaard passou-a toda na companhia do pai, que insistia no aprendizado rigoroso do latim e do grego e inculcou no filho uma devoção pietista atormentada pela ansiedade. Desperto, desde muito cedo, para um tipo de vida imaginativa, pois seu pai exigia que representasse estórias e cenas teatrais,

Kierkegaard passou a sentir a vida como um palco permanente para a devoção religiosa.

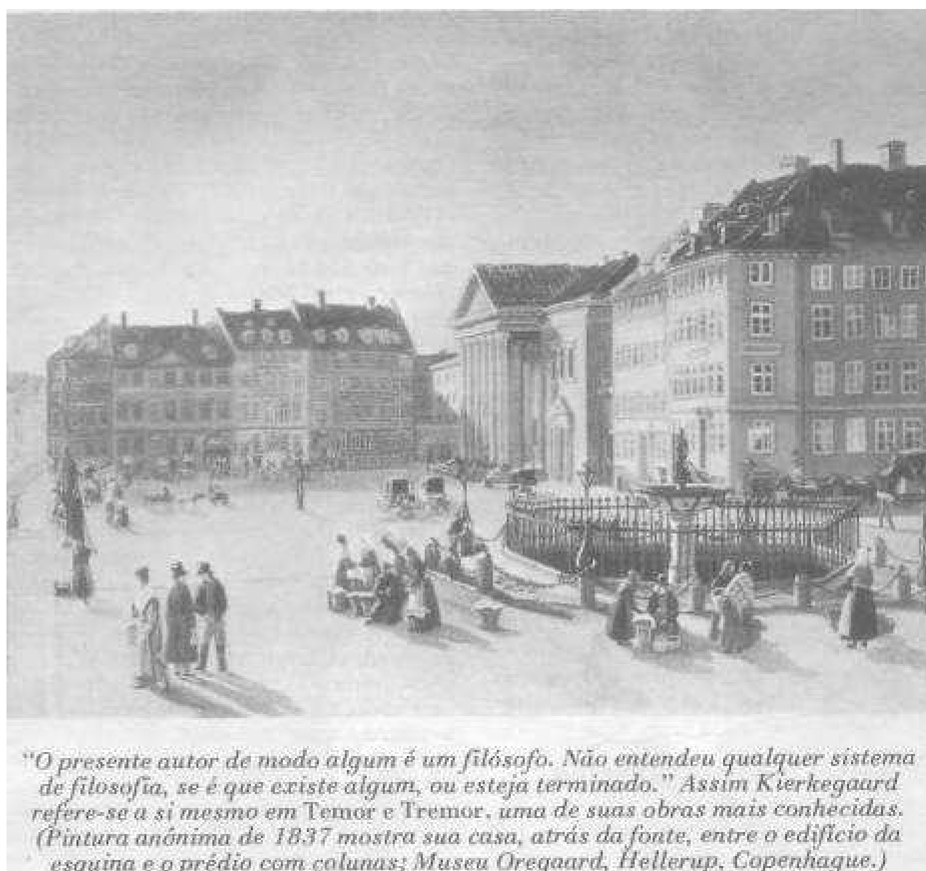
A profundidade do sentimento religioso, que o acompanhou desde a infância, levou-o a ingressar no curso de teologia da Universidade de Copenhague. Nessa escola, Kierkegaard tomou conhecimento do sistema filosófico de Hegel (1770-1831), cuja influência estendia-se a todos os setores intelectuais e até mesmo à teologia protestante, que estava impregnada de seu racionalismo. Inicialmente, Kierkegaard deixou-se seduzir pelas sutilezas da dialética hegeliana; a lógica parecia-lhe uma "apaixonante voluptuosidade". No entanto, logo começou a se sentir impressionado pela forma como o sistema hegeliano se arrogava o direito de ignorar a existência concreta do indivíduo. Por causa disso Kierkegaard passou a contestar energicamente o hegelianismo. Para o pensador dinamarquês, a existência humana não pode deixar-se dissolver na pura conceituação intelectual.

Jean-Paul Sartre (1905 —   ), analisando as relações entre os dois pensadores, afirma: "O que opõe Kierkegaard a Hegel é que para o último o trágico de *uma* vida é sempre superado. O vivido se dissolve no saber". E acrescenta o filósofo existencialista francês: "'Para Kierkegaard, pouco importa que Hegel fale de 'liberdade para morrer' ou que descreva corretamente alguns aspectos da fé, o que ele critica no hegelianismo é o fato de negligenciar a *insuperável opacidade* da experiência vivida. Não é somente, nem sobretudo no nível dos conceitos que está o desacordo, mas antes no da crítica do saber e da delimitação de seu alcance".

A angústia da sensualidade

A filosofia de Hegel opunha-se ao desejo intelectual mais profundo de Kierkegaard: "uma verdade que seja verdadeira *para mim"* ou "a idéia pela qual eu possa viver e morrer". Por outro lado, o

luteranismo então imperante na Dinamarca também se opunha à sua concepção da verdade filosófica. Kierkegaard sentia que a Igreja luterana estava por demais burocratizada e afastada da religiosidade interior, que considerava essencial para o verdadeiro cristão. O jovem Kierkegaard, obcecado pelo sentimento do pecado e pela angústia da sensualidade que o assaltavam nessa época, tornou-se então um "filósofo solitário", no dizer de Jean Wahl, e abandonou a religião. Ao mesmo tempo, entregou-se a uma vida desregrada de prazeres, gastando altas somas em roupas, comidas e bebidas. Esse período crítico de sua juventude iniciou-se no mesmo ano da morte de seu pai (1838) e teve evidentes relações com esse triste acontecimento.



"O presente autor de modo algum é um filósofo. Não entendeu qualquer sistema de filosofia, se é que existe algum, ou esteja terminado." Assim Kierkegaard refere-se a si mesmo em Temor e Tremor, *uma de suas obras mais conhecidas. (Pintura anônima de 1837 mostra sua casa, atrás da fonte, entre o edifício da esquina e o prédio com colunas; Museu Oregaard, Hellerup, Copenhague.)*

Passados os primeiros momentos de crise, Kierkegaard resolveu retomar os estudos universitários e tornar-se pastor. Em 1841, terminou a tese *Sobre o Conceito de Ironia* e pregou o primeiro sermão.

Um ano antes, ficara noivo de Regine Olsen, jovem de 17 anos de idade. Contudo, à medida que se definia a singularidade de sua vocação, Kierkegaard começou a perceber que não seria capaz de partilhar sua vida com outra pessoa; ao mesmo tempo, achava que não lhe cabia o papel convencional de pastor protestante. Decidiu então romper o noivado, interpretando a decisão como conseqüência de uma vocação filosófica e religiosa. "De fato — comenta Lukács — mesmo Regine, que ele havia abandonado, que em sonho transformara em um ideal além de seu alcance, não pode ser para Kierkegaard mais que uma etapa, porém uma etapa que o conduziu de maneira mais acertada a seu objetivo."

Com o rompimento do noivado, Regine Olsen sentiu-se ferida em seu orgulho de mulher e casou-se com Fritz Schlegel, posteriormente governador das Índias Ocidentais Holandesas. Kierkegaard passou a viver solitariamente sua realidade singular e incomunicável, declarando que sua vida deveria ser "reflexão do princípio ao fim". Em carta a Peter Lind, chamava a atenção para a vantagem de sentir-se um tanto abandonado por parte dos amigos. "O silêncio deles — afirmava — é nitidamente proveitoso para mim, porque me obriga a fixar a vista no meu eu; porque me estimula a aprender esse eu que é o meu; porque me obriga a manter-me fixo na infinita instabilidade da vida e a voltar para mim o espelho côncavo com que dantes procurava abarcar a vida fora de mim mesmo. Esse silêncio agrada-me porque me sinto capaz desse esforço e com coragem para segurar o espelho, mostre-me ele o que mostrar, o meu ideal ou a minha caricatura." Homem problema para si mesmo, Kierkegaard nunca deixou de se interrogar e de se analisar a si próprio. Para ele, a filosofia resumia-se em tomar consciência das exigências absolutas feitas a qualquer pessoa que queira viver uma existência verdadeiramente autêntica.



"O amor romântico carece, pois, de reflexão, e nisso consiste o seu defeito. Assim, seria aconselhável, como método, submeter o verdadeiro amor conjugal a uma espécie de dúvida prévia . . ." A vida amorosa de Kierkegaard foi profundamente marcada pelo rompimento de seu noivado com Regine Olsen. (Regine, em tela de Baerentzen Emilius Ditlev; acervo do Museu de Hillerod.)

A existência autêntica

Apesar de viver isolado, Kierkegaard polemizou violentamente com personalidades dinamarquesas da época. A principal dessas polêmicas levou-o a atacar de maneira impiedosa as autoridades da Igreja luterana da Dinamarca. Inconformado com as disparidades entre o caráter introspectivo da fé cristã e o conformismo social e

político da Igreja estabelecida, escreveu diversos artigos contra o primaz luterano Hans Larsen Martensen (1808-1884), que seguia uma orientação hegeliana Coerentemente com suas posições, Kierkegaard recusou-se a receber os sacramentos de pastor: "pastores são oficiais do rei; oficiais do rei nada têm a ver com a cristandade".

Ao lado das polêmicas que marcaram os anos seguintes ao rompimento de seu noivado, Kierkegaard dedicou-se intensamente à redação de inúmeras obras, muitas das quais vindas a público sob curiosos pseudônimos: Victor Eremita, Johannes de Silentio, Constantin Constantio, Johannes Climacus, Nicolaus Notabene, Virgilius Haufniensis, Hilarius Bogbinder, Anti-Climacus. Entre essas obras, salientam-se *Sobre o Conceito de Ironia* (1841), *Discursos Edificantes* (1843/44), *Ou, Ou. Um Fragmento de Vida* (1843), *Temor e Tremor* (1843). *A Repetição* (1843) *O Conceito de Angústia* (1844), *Etapas no Caminho da Vida* (1845). *O Desespero Humano (Doença até à Morte)* (1849).

Ou estético ou ético

"A vida subjetiva, na própria medida em que é vivida, não pode jamais ser objeto de um saber; ela escapa, em princípio, ao conhecimento... Essa interioridade que pretende afirmar-se contra toda filosofia, na sua estreiteza e profundidade infinita, essa subjetividade reencontrada para além da linguagem, como a aventura pessoal de cada um em face dos outros e de Deus, eis o que Kierkegaard chamou de existência." Com essas palavras Jean-Paul Sartre sintetiza todo o caráter da filosofia de Kierkegaard; uma filosofia da existência, que o pensador dinamarquês construiu, em oposição a todos os sistemas racionalistas, especialmente ao sistema hegeliano. No século XX, alguns estudiosos procuraram mostrar como se encontra um "existencialismo" nas obras de Hegel,

sobretudo em sua *Fenomenologia do Espírito.* Segundo Merleau-Ponty, por exemplo, pode-se falar de um existencialismo nessa obra, no sentido de que nela Hegel não se propõe a encadear conceitos, mas revelar a lógica imanente da experiência humana; de maneira mais precisa, haveria um existencialismo em Hegel no sentido de que ele não concebe o homem como consciência que possui seus próprios pensamentos, mas como vida que procura compreender a si mesma.

Kierkegaard, porém, não pensava no Hegel de 1807 (data da publicação da *Fenomenologia do Espírito),* mas no Hegel do fim da vida, aquele que tratava a história como desenvolvimento visível de uma lógica, na qual a experiência individual da vida humana subordina-se à vida própria das idéias. Assim, Kierkegaard combateu a filosofia hegeliana como um sistema que esvazia a existência humana de todo caráter concreto, dissolvendo-a em puros conceitos racionais. O filósofo dinamarquês defendia a tese de que qualquer esquema particular de conceitos constitui apenas uma possibilidade entre outras, cuja concretização não depende dos próprios conceitos, mas do indivíduo. Assim, o que este faz não depende do que ele *compreende,* mas do que ele *quer,* ou seja, do que ele *escolhe.*

A noção de "escolha" constitui uma das idéias fundamentais da filosofia de Kierkegaard. Ela seria o próprio núcleo da existência humana. Para Kierkegaard, o ponto de vista hegeliano, segundo o qual a existência humana se desenvolve logicamente no interior de esquemas conceituais, não constitui apenas um erro intelectual mas, sobretudo, uma tentativa de dissimular os verdadeiros fatos e rejeitar as responsabilidades implicadas pela escolha. "A essência do conceito kierkegaardiano de escolha — como diz Alasdair MacIntyre — reside em que esta última é despida de critérios." Em outras palavras, para Kierkegaard não existem quaisquer razões lógicas que obriguem o homem a optar por esta ou aquela forma de vida.

Uma aplicação concreta da doutrina kierkegaardiana da escolha encontra-se em sua obra *Ou, Ou. Um Fragmento de Vida,*

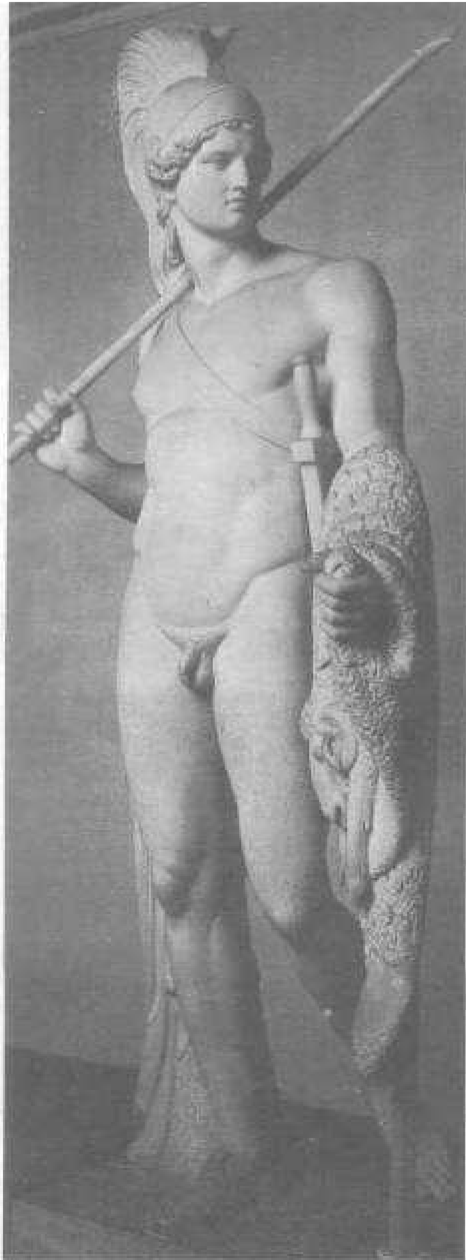
publicada em 1843. Nesse livro, Kierkegaard analisa os modos de vida estético e ético. O modo de vida estético seria caracterizado pelo hedonismo romântico e sofisticado, ao qual se contrapõe, não apenas a dor, mas, sobretudo, o tédio. Em *Diário de um Sedutor,* o personagem central penetra no mais fundo abismo da paixão, "escolhendo" viver a existência amorosa em todas as suas contradições. Retrato característico desse tipo de conduta encontra-se em outra obra de Kierkegaard, *Purifiquem Vossos Corações,* na qual o autor interroga sobre aquele que escolheu o modo de vida estético: "Vejam-no em sua temporada de prazer: não almejou ele a um prazer depois do outro, variando sua senha?" O protagonista da opção estética tenta realizar todas as possibilidades, mas estas não lhe proporcionam mais do que uma atualidade transitória. O mais importante, porém, está em que a ameaça do tédio é perpétua, porque ele exige constante defesa. Conseqüentemente, a busca estética de novidades conduz, em última instância, ao desespero, tema da última obra, *O Desespero Humano (Doença até à Morte).*



"O homem é uma síntese de infinito e de finito, de temporal e de eterno, de liberdade e de necessidade . . ."
(Caricatura de Kierkegaard, por H. P. Hansen; Bibl. Real de Copenhague.)

O mesmo absurdo que está na raiz da conduta estética encontra-se também no modo de vida ético. Em *Temor e Tremor* (1843), Kierkegaard relata várias versões da história de Abraão e Isaac, e em todas elas se encontra o absurdo que conduz ao abismo da fé. O modo de vida ético contrasta com a conduta estética, instaurando-se nos terrenos do dever, das regras universais e de todas as exigências e tarefas de caráter incondicional. Segundo Kierkegaard, para aquele que se encontra no estágio ético, a coisa mais importante não é saber se ele é capaz de contar nos dedos todos os deveres mas se sentiu, alguma vez, a

intensidade do dever, de tal modo que sua consciência esteja plenamente garantida da eterna validez de seu ser.

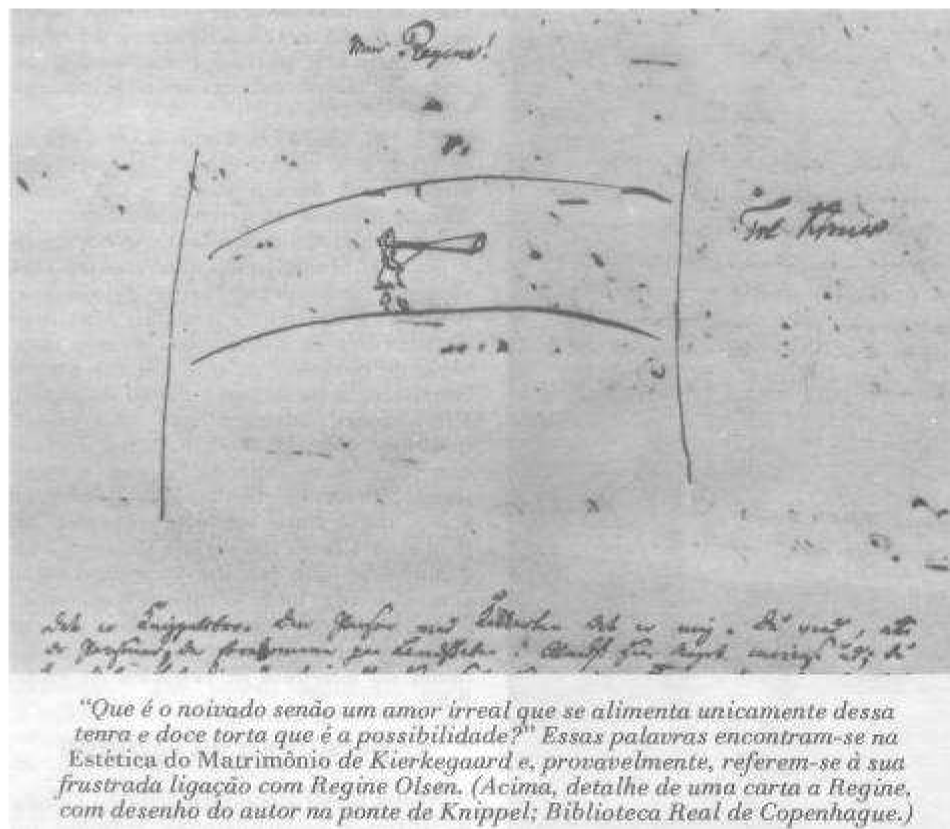

Na época de Kierkegaard, a cultura dinamarquesa contribuiu decisivamente para o neoclassicismo nas artes, através da escultura de Thorvaldsen. (Museu Thorvaldsen, Copenhague.)

Nessa ordem de idéias, é fundamental o papel desempenhado pelo sentimento na teoria kierkegaardiana da escolha ética. A intensidade de sentimento parecia tão importante a Kierkegaard que ele considerava a paixão como aquilo de que seu tempo carecia mais profundamente.

Em *Ou, Ou,* o confronto entre a opção estética e a opção ética é apresentado nas figuras de um jovem e um velho, compondo dois caracteres contrapostos, entre os quais o leitor sente-se obrigado a decidir. Mas Kierkegaard mostra claramente suas preferências pelo ético. Segundo a análise de Alasdair MacIntyre, o exame da alternativa levanta uma série de questões no que diz respeito à consistência da argumentação do autor. Kierkegaard sustenta que não existe qualquer critério objetivo para decidir entre as duas opções, e, ao mesmo tempo, favorece nitidamente o estágio ético, mostrando ser este superior ao primeiro. Certas passagens sugerem que o indivíduo que escolhe a conduta estética não faz uma verdadeira escolha. Admitir isso, para MacIntyre, seria negar a própria doutrina kierkegaardiana da ausência de critérios na escolha.

O paradoxo da religião

Assim como a conduta estética levada às últimas conseqüências culmina no desespero, a etapa ética, atingindo seus limites supremos, faz surgir a contradição. A passagem do ético ao religioso torna-se então necessária. Em *Temor e Tremor* (1843), Kierkegaard afirma que, quando o pecado entra em discussão, a ética fracassa, pois o arrependimento (implícito no sentimento de pecado) é a suprema expressão da ética, mas, ao mesmo tempo, constitui a mais profunda contradição ética. A solução da contradição somente seria possível mediante a passagem para outro tipo de, conduta: a etapa religiosa.



"Que é o noivado senão um amor irreal que se alimenta unicamente dessa tenra e doce torta que é a possibilidade?" Essas palavras encontram-se na Estética do Matrimônio de Kierkegaard e, provavelmente, referem-se à sua frustrada ligação com Regine Olsen. (Acima, detalhe de uma carta a Regine, com desenho do autor na ponte de Knippel; Biblioteca Real de Copenhague.)

Exemplo de passagem do ético ao religioso, segundo Kierkegaard, encontra-se no episódio bíblico referente a Abraão e Isaac. Quando Deus exige de Abraão o sacrifício de seu filho Isaac, Abraão, dentro do nível ético, está diante da necessidade de cometer

uma transgressão absolutamente proibida. Abraão não tem saída a não ser pelo salto do ético ao religioso. Em outros termos, Abraão deve saltar para a fé, aceitando o absurdo da exigência divina e concordando com uma suspensão do ético, em favor do religioso. Em tais situações críticas, a escolha que o indivíduo sente-se obrigado a fazer independe de quaisquer critérios racionais, isto é, as regras gerais e universais não podem ajudá-lo. Apesar disso, segundo Kierkegaard, existem algumas experiências, à margem do ético e do religioso, que podem servir de indicação, Uma delas é o desespero, outra é a ansiedade. Kierkegaard descreve-as em *O Conceito de Angústia* (1844), titulo que, para Jean Wahl, constitui uma provocação. Para Jean-Paul Sartre, "a angústia não pode, em caso algum, ser objeto de um conceito e, numa certa medida, enquanto ela se encontra na fonte da livre opção temporalizante, ela é o fundamento não-conceitual de todos os conceitos".



"*Estar* mortalmente doente *é não poder morrer, mas nesse caso a vida não permite esperança, e a desesperança é a impossibilidade da última esperança, a impossibilidade de morrer. Enquanto ela é o supremo risco, tem-se confiança na vida; mas quando se descobre o infinito do outro perigo, tem-se confiança na morte." (Retratos de Kierkegaard, aos 29 anos e pouco antes de morrer.)*

Assim, na interpretação de Sartre, é necessário poder compreender que a palavra "angústia" é a universalização do singular e, portanto, um falso conceito. Este remete à universalidade enquanto que a angústia "reconduz para o Único, seu fundamento".

Por outro lado, Alasdair MacIntyre é de opinião que o desespero tem a mesma orientação que a angústia. O homem, em estado de desespero, verifica que se desespera não de fatos contingentes, mas de si mesmo. O desespero kierkegaardiano constituiria, portanto, o fato de o indivíduo ver-se confrontado com a vacuidade, o vazio, que não pode ser preenchido nem pelos prazeres estéticos, nem pelas obrigações éticas. Em *A Repetição* (1843), Kierkegaard mostra que o homem não pode repetir cada uma de suas experiências estéticas (e éticas), a fim de gozar um prazer passado. A repetição, contudo, é possível no plano do futuro, na aceitação da vida como um recomeço, conversão que se abre ao sentimento do prodigioso e do divino; em outros termos, a repetição só é possível como impulso de submissão religiosa ao desconhecido, e radica no próprio absurdo de sua impossibilidade como recomposição de experiências estéticas e condutas éticas do passado. Por essa razão, toda a filosofia de Kierkegaard centraliza-se no significado e nas complexas implicações do fato de se ser cristão. Toda a sua vida constituiu uma intensa experiência da contraposição entre aquilo que considerava ser o cristianismo em seu significado mais profundo e as roupagens exteriores com as quais se revestia a Igreja luterana de seu tempo. Para Kierkegaard, a vivência mais profunda do cristianismo é a vivência e a certeza da fé. Trata-se de uma certeza muito peculiar, pois correspondente a uma incerteza objetiva e, conseqüentemente, constitui um paradoxo e um absurdo. A realidade da subjetividade implicada na fé consistiria em algo finito, mas dependente de uma infinitude essencial que é a infinitude de Deus. Como conciliar as duas é o grande paradoxo do cristianismo. Afrontar esse paradoxo, segundo Kierkegaard, implica necessariamente "suspender o ético" e

entregar-se totalmente ao religioso. Tal entrega não conduz à tranqüilidade mas, ao contrário, a um permanente conflito, pois a eternidade e a infinitude de Deus são ao mesmo tempo, absolutamente reais e absolutamente incompreensíveis. Por isso, Kierkegaard concluiu que não se pode propriamente falar de Deus ou, em outras palavras, formular uma teologia. Impõe-se, portanto, uma transformação na própria linguagem empregada pelo homem: a razão deve ser posta de lado, dando lugar à súplica e até mesmo à imprecação.

CRONOLOGIA

1813 — *Em Copenhague, a 5 de maio, nasce Søren Aabye Kierkegaard.*
1817 — Hegel publica a *Enciclopédia das Ciências Filosóficas.*
1835 — Surge *O Pai Goriot,* de Balzac.
1836 — Musset publica a *Confissão de um Filho do Século.*
1840 — Nasce Auguste Rodin.
1841 — *Kierkegaard conclui sua lese* Sobre o Conceito de Ironia. Feuerbach publica a *Essência do Cristianismo.*
1842 — Nasce Mallarmé.
1843 — *Kierkegaard publica* Temor e Tremor, *e* Ou. Ou. Um Fragmento de Vida.
1844 — *Publica as* Migalhas Filosóficas *e* O Conceito de Angústia.
1845 — Marx e Engels publicam *A Sagrada Família.*
1846 — Vem à lume o *Sistema das Contradições Econômicas ou Filosofia da Miséria,* de Proudhon.
1847 — Marx publica a *Miséria da Filosofia — Resposta à Filosofia da Miséria,* de Proudhon.
1848 — John Stuart Mill publica os *Princípios de Economia Política.* Nasce Paul Gauguin.
1849 — Dickens escreve *David Copperfield.* Morte de Poe.
1850 — Morre Balzac. Nasce Maupassant.
1851 — *Kierkegaard publica* Sobre meu Trabalho como um Autor.
1853 — Nasce Vincent Van Gogh. Publica se o *Sistema de Ética,* de Fichte.
1854 — Nasce Rimbaud. Publica-se *Walden,* de Thoreau. Morre Schelling.
1855 — *A 11 de novembro, em Copenhague, morre Kierkegaard.*

BIBLIOGRAFIA

SARTRE, J. P.: *Questão de Método,* Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1967; Abril Cultural (Sartre — série Os Pensadores). 1974, 1978.

GATEAU, J. J.: *Introduction* in *Traité du Désespoir,* de Kierkegaard, Gallimard, Paris, 1963.

Kierkegaard Vivant, vários autores, Gallimard, Paris, 1966.

MACINTYRE, A.: *Kierkegaard, Soren Aabye* in *The Encyclopedia of Philosophy,* 8 vols., The MacMillan Company & The Free Press, Nova York, 1967.

BRETALL, *R.:A Kierkegaard Anthology,* Princeton, 1946.

GEISMAR, E. O.: *Lectures on the Religious Thought of Soren Kierkegaard,* Minneapolis. 1937.

HOHLENBERG, J. E.: *Soren Kierkegaard,* Londres, 1954.

JOLIVET, R.: *Introduction to Kierkegaard,* Londres, 1950.

LOWRIE, W.: *Kierkegaard,* Nova York, 1938.
LOWRIE, W.: *A Short Life of Kierkegaard,* Princeton, 1942.
SWENSON, D. F.: *Something about Kierkegaard,* Minneapolis, 1941.
WAHL, J.: *Études Kierkegaardiennes,* Paris, 1938.
MESNARD, P.: *Kierkegaard: sa Vie, son Oeuvre, avec un Exposé de sa Philosophie,* 1954.
PRICE, G.: *The Narrow Pass: a Study of Kierkegaard's Concept of Man,* 1963.

DIÁRIO DE UM SEDUTOR

Tradução de Carlos Grifo

Sua passion predominante è la giovin principiante.

Don Giovanni N.° 4 Ária[1]

Agora que, no meu pessoal interesse, me decido a passar a limpo a cópia exata de uma outra que, com o coração em sobressalto, consegui em tempo adquirir, rabiscando-a à pressa, não posso libertar-me da sensação de ser oprimido por uma angústia difícil de dominar. Como outrora, a situação apresenta-se-me ao espírito cheia de inquietação e como que eivada de censuras. Contrariamente aos seus hábitos, ele não tinha fechado a secretária e assim tudo o que ela continha se encontrava à minha mercê; mas de nada serviria tentar desculpar a minha atitude pela recordação de que não abri qualquer gaveta. Uma delas estava já aberta, e nela havia uma quantidade de folhas soltas e, sobre elas, um grande *in-quarto,* belamente encadernado. Na capa estava colada uma vinheta branca onde, com a sua própria letra, ele escrevera: *Commentarius perpetuus* N.° 4. Contudo, foi em vão que tentei convencer-me a mim próprio de que, se este lado do livro não estivesse voltado para cima, e se não tivesse sido tentado por aquele título extravagante, não teria sucumbido à tentação ou que, pelo menos, lhe teria resistido. O próprio título era estranho, não tanto em si próprio mas pelo que o rodeava. Lançando um olhar rápido pelas folhas soltas, verifiquei que continham estudos de situações eróticas, alguns conselhos sobre este ou aquele assunto, rascunhos de cartas de um gênero muito particular, de que pude, mais tarde, apreciar o estilo negligente, mas intencional, e artisticamente rigoroso. Hoje, depois de ter penetrado a consciência artificiosa desse homem perverso, quando evoco a situação, quando, com os olhos bem abertos a qualquer astúcia, avanço, na minha imaginação, para aquela gaveta, a minha impressão é a mesma que deve dominar um comissário de polícia quando entra no quarto de um falsário, abre os seus esconderijos e

encontra numa gaveta um monte de folhas soltas que serviram para ensaios de escrita e desenho: numa descobre um esboço de folhagem, noutra um parágrafo, numa terceira uma linha escrita às avessas. Tudo isto lhe prova, sem dificuldade, que a pista é boa, e ao seu contentamento vem juntar-se uma certa admiração por tudo o que aquilo implica, sem margem de dúvida, de estudo e diligência. Penso que, no seu lugar, as minhas sensações seriam outras, pois não estou habituado a investigar atos criminosos e não uso insígnia de polícia. Num tal caso, o sentimento de me ter embrenhado em terreno proibido viria sobrecarregar pesadamente a minha consciência. Como é hábito acontecer, não fiquei, nessa ocasião, menos privado de idéias que de palavras. Uma impressão domina-nos até que a reflexão se liberta de novo e, complexa e ágil nos seus movimentos, seduz o estranho desconhecido, insinuando-se no seu espírito. Quanto mais se vai desenvolvendo a reflexão, tanto mais apta fica a dominar-se e, como um funcionário de alfândega no serviço dos passaportes, de tal modo se familiariza com o aspecto dos mais estranhos tipos que já não é tarefa fácil desconcertá-la. Ora, embora a minha, conforme creio, esteja sobremaneira desenvolvida, a primeira surpresa foi enorme; lembro-me perfeitamente de ter empalidecido, de ter estado prestes a cair por terra, de o ter temido. Suponham que ele regressava nesse momento e me encontrava ali, desmaiado, a gaveta na mão — ah!, uma má consciência pode trazer interesse à vida.

Em si, o título do livro não me feria a imaginação, pensei tratar-se de uma coletânea de excertos, o que se me afigurava perfeitamente natural, pois sabia que ele sempre se aplicara aos seus estudos com o maior zelo. Mas muito diferente era o conteúdo. Tratava-se afinal de um diário, nem mais nem menos, e mantido com um cuidado extremo. E embora, segundo o que dele eu antes conhecia, não pareça muito indicado um comentário da sua vida, devo confessar ter compreendido, após a primeira vista de olhos

lançada ao diário, que o título foi escolhido com grande soma de gosto e compreensão, testemunhando, sobre ele próprio e sobre a situação, uma real superioridade estética e objetiva. Este título está em perfeita harmonia com todo o conteúdo. A sua vida foi uma tentativa constante para realizar a tarefa de viver poeticamente. Dotado de uma capacidade extremamente evoluída para descobrir o que de interessante existe na vida, soube encontrá-lo e, tendo-o encontrado, soube sempre exprimir o que vivera com uma veia quase poética. Por conseqüência, o seu diário não é de uma precisão histórica nem uma simples narrativa, não foi redigido no modo indicativo, mas sim no conjuntivo. Muito embora tenham os pormenores, naturalmente, sido anotados após terem sido vividos, por vezes talvez mesmo bastante tempo depois, a narrativa dá, muitas vezes a sensação de que tudo acontece naquele próprio instante, sendo a vida dramática de tal modo intensa que, por vezes, se diria que tudo decorre perante os nossos olhos. É sobremodo inverossímil que ele tenha escrito este diário com uma finalidade particular; salta à vista que, no sentido mais estrito, apenas se revestia para ele de uma importância pessoal, e o conjunto bem como os pormenores inibem-nos de pensar que temos perante nós uma obra literária, e muito menos destinada a ser impressa. É certo que ele nada teria a temer pessoalmente se a publicasse pois que, na sua maior parte, os nomes são de tal modo extravagantes que não é provável sequer a sua realidade; apenas suponho serem reais os nomes próprios, de modo que ele próprio podia reconhecer com segurança a verdadeira personagem, enquanto um terceiro seria induzido em erro pelo apelido. Quanto mais não seja, é esse o caso da jovem Cordélia, que conheci e que representa todo o fulcro de interesse do diário; chamava-se ela, na realidade, Cordélia, mas não Wahl.

Mas como explicar então que o diário tenha tomado uma feição de tal modo poética? A resposta não apresenta dificuldades,

resultando de possuir ele, na sua pessoa, uma natureza poética que não era, se o quiserem, nem suficientemente rica nem suficientemente pobre para distinguir entre a poesia e a realidade. O tom poético era o excedente fornecido por ele próprio. Esse excedente era a poesia cujo gozo ele ia colher na situação poética da realidade, e que retomava sob a forma de reflexão poética. Era este o seu segundo prazer e o prazer constituía a finalidade de toda a sua vida. Primeiro gozava pessoalmente a estética, após o que gozava esteticamente a sua personalidade. Gozava pois egoisticamente, ele próprio, o que a realidade lhe oferecia, bem como aquilo com que fecundava essa realidade; no segundo caso, a sua personalidade deixava de agir, e gozava a situação, e ela própria na situação. Tinha a constante necessidade, no primeiro caso, da realidade como ocasião, como elemento; no segundo caso a realidade ficava imersa na poesia. O resultado da primeira fase era pois o estado de espírito, de onde surgiu o diário como resultado da segunda fase, tendo esta palavra um sentido algum tanto diferente nos dois casos. Graças à ambigüidade em que decorria a sua vida, sempre ele esteve sob o império de uma influência poética.

Por detrás do mundo em que vivemos, muito lá atrás, em último plano, existe um outro mundo; a sua relação recíproca assemelha-se à que existe entre as duas cenas que acontece vermos no teatro, uma por detrás da outra. Através de uma leve cortina, distinguimos como que um mundo de gaze, mais leve, mais etéreo, de uma outra qualidade que a do mundo real. Muitos daqueles que deambulam em carne e osso pelo mundo real não lhe pertencem, mas sim ao outro. Perder-se assim a pouco e pouco, sim, quase desaparecer da realidade, pode ser saudável ou mórbido. O caso desse homem, tal como eu o conheci outrora sem o conhecer, era mórbido. Ele não pertencia à realidade e, no entanto, tinha muito a ver com ela. Passava sempre acima da realidade, e mesmo quando mais se lhe entregava, estava longe dela. Mas não era o bem que dela

o afastava e, no fundo, também não o mal — mesmo hoje não seria capaz de lho imputar. Tinha ele um pouco de *exacerbatio cerebri* (exaltação da mente), em relação ao qual não dispunha a realidade de estímulo suficientemente forte, a não ser de um modo fugidio. Ele não sucumbia ao peso da realidade, não era demasiado fraco para a suportar, não, era antes demasiado forte; mas tal força era uma doença. Logo que a realidade perdia a sua importância como estimulante, ficava desarmado, e nisso consistia o mal que o habitava. Tinha consciência disso, mesmo no momento do estímulo, e o mal estava nessa consciência.

Conheci a jovem cuja história preenche a maior parte do diário. Não sei se ele terá seduzido outras, mas, segundo os seus papéis, é o mais provável. Parece ter sido ainda versado num outro tipo de experiências que o caracterizam bem; pois ele era, em extremo, intelectualmente determinado, para ser um sedutor vulgar. O diário demonstra também que, por vezes, era algo de totalmente arbitrário o que ele desejava, uma saudação por exemplo, e por preço algum quereria obter mais, por ser a saudação aquilo que a pessoa em questão possuía de mais belo. Com o auxílio dos seus dotes espirituais, sabia tentar uma jovem, sabia atraí-la a si, sem se preocupar com possuí-la, no sentido literal do termo... Posso imaginar como ele saberia conduzi-la ao ponto culminante em que tinha a certeza de ser ela capaz de tudo lhe sacrificar. Mas, tendo as coisas sido conduzidas até esse ponto, tudo rompia sem que, pelo seu lado, tivesse havido a menor constância, sem que uma só palavra de amor houvesse sido pronunciada e, muito menos, uma declaração de amor, uma promessa. No entanto, algo ficara impresso nela, como uma marca. E duplamente lhe sentia a infeliz o travo amargo, porque nada tinha em que o basear, e porque estados de espírito, de natureza muito diferente, a continuavam certamente a sacudir, num terrível e demoníaco sabá, sempre que exprimia as suas queixas, ora dela própria, perdoando-o, ora dele. E decerto

perguntaria então a si próprio se não seria afinal tudo aquilo uma ficção, pois que apenas em sentido figurado se podia falar em realidade, no que àquelas relações dizia respeito. Não tinha ninguém a quem se pudesse confiar; porque, no fundo, ela nada tinha a dizer. Podemos contar um sonho aos outros, mas o que ela tinha para contar não era sonho, e sim realidade. Porém, logo que pretendia descrevê-la a alguém e sossegar o seu espírito inquieto, nada encontrava para dizer. E ela própria bem o sentia. Ninguém mais podia compreender de que se tratava, e tudo aquilo agia sobre ela com o seu peso inquietante. Estás vítimas eram pois de um tipo muito especial. Não era o caso de jovens que, desprezadas ou julgando-se desprezadas pela sociedade, se entregassem alta e saudavelmente ao seu desgosto ou, levando as coisas demasiado a peito, extravasassem o ódio ou o perdão. Nelas, nenhuma transformação visível se operara; eram respeitadas como sempre, as suas vidas decorriam semelhantes às de quaisquer outras e, contudo, haviam-se modificado, sem que quase conseguissem exprimir essa modificação, e sem que os outros a pudessem notar. A sua vida não fora quebrada nem desviada, como é o caso daquelas, antes se curvara dentro delas próprias; perdidas para os outros, em vão procuravam reencontrar-se. Tal como podemos dizer que era impossível descobrir a pista desse homem (os seus pés conservavam as pegadas que faziam — é assim, com efeito,, que melhor posso representar a sua infinita intelectualidade), também podemos afirmar que não foi ativamente responsável por qualquer das vítimas. A sua vida era demasiado intelectual para que ele pudesse ser um sedutor, no sentido vulgar do termo, embora por vezes se revestisse de um corpo parastático e fosse então, todo ele, sensualidade pura. Mesmo na sua aventura com Cordélia, tudo é de tal modo confuso que lhe era possível afirmar ter sido ele o seduzido. Sim, e a própria jovem pode ter tido por vezes dúvidas a tal respeito. Também neste caso, os traços que deixou da sua passagem são tão vagos que não é

possível descortinar qualquer prova. Para ele, os indivíduos nunca foram senão estímulos, e lançava-os para longe de si do mesmo modo que as árvores deixam tombar as folhas — ele rejuvenescia, enquanto morria a folhagem.

Mas que poderá passar-se no seu cérebro? Penso que, tal como desviou os outros do bom caminho, ele próprio se acabará por perder. Desviou os outros do bom caminho, não sob o aspecto de uma relação exterior, mas sim de uma relação interior, relativa a eles próprios. É revoltante que um homem indique mal a estrada a um viajante que ignora o caminho a percorrer, e o abandone em seguida, sozinho no engano. Mas não será mais revoltante ainda levar alguém a perder-se em si próprio? O viajante tem, apesar de tudo, a consolação da paisagem, cujo aspecto se vai constantemente modificando aos seus olhos, e o fato de que, em cada uma dessas modificações, pode ter a esperança de encontrar uma saída; mas aquele que se perde em si próprio não tem um tão vasto terreno por onde encaminhar os seus passos; em breve se dá conta de estar fechado num círculo, de onde lhe é impossível escapar. Penso que assim se virão a passar as coisas no caso dele, mas numa bem mais terrível medida. Nada consigo imaginar de mais penoso que um intrigante cujo fio de intrigas se quebra, e volta então, contra si próprio, toda a sua sagacidade, porque nesse momento a sua consciência acorda e logo ele tenta libertar-se das confusas malhas em que se enredou. De nada lhe servem as muitas aberturas que existem na sua toca de raposa; no momento em que já a sua alma inquieta julga descortinar a luz do dia penetrando no covil é, afinal, uma nova entrada que se lhe depara e, perseguido pelo desespero como o animal selvagem pelos cães, constantemente busca uma saída e sempre encontra uma entrada por onde, uma vez mais, penetra em si próprio. Um tal homem não é, em todos os casos, o que se pode chamar um criminoso; ele é, muitas vezes, iludido pelas suas próprias intrigas. E no entanto sobre ele recai um castigo mais

terrível que o do criminoso; porque, se a compararmos com esta loucura consciente, o que pode valer mesmo a dor do arrependimento? A sua punição é de caráter puramente estético; pois até o dizer que a consciência desperta é, para ele, uma expressão demasiado ética; a consciência apresenta-se-lhe apenas como um conhecimento superior tomando a forma de uma inquietação que, num sentido mais profundo, nem sequer o acusa, mas o mantém desperto, e lhe não permite qualquer repouso na sua estéril agitação. Também não é ele um insensato; pois a infinita variedade de pensamentos finitos não se petrificou na eternidade da demência.

Também para a pobre Cordélia difícil será reencontrar a paz. Ela perdoa-lhe, do mais fundo do seu coração, mas não encontra repouso porque a dúvida regressa; foi ela quem acabou o noivado, foi ela a culpada da desgraça, foi o seu orgulho que aspirou ao que foge ao banal. Ela arrependeu-se, mas não encontra repouso, porque os pensamentos acusadores a desculpam; foi ele quem, pela sua astúcia, lhe introduziu na alma tal projeto. E então odeia-o, o seu coração alivia-se em maldições, mas, uma vez mais, não encontra repouso; censura-se por tê-lo odiado, ela, que é afinal uma pecadora; censura-se porque, apesar de todas as perfídias por ele praticadas, sempre será culpada. Ele agiu cruelmente para com ela, enganando-a e — quase seríamos tentados a dizê-lo — mais cruelmente ainda por ter despertado nela a reflexão versátil, porque lhe provocou uma evolução suficientemente estética para que ela não escute já, com simplicidade, uma só voz, e seja capaz de nessa voz descortinar, ao mesmo tempo, múltiplos sentidos. Desperta então na sua alma a recordação; esquece a sua falta e culpa, para apenas recordar os momentos de beleza, aturdindo-se numa exaltação mórbida. Em tais momentos, não somente o recorda, como ainda o compreende com uma *clairvoyance*[2] que prova quão profundamente ela evoluiu. E já não vê nele nem o criminoso, nem o homem nobre; nesses momentos

a lembrança que dele tem é puramente estética. Escreveu-me uma vez um bilhete onde exprimia as suas impressões a respeito dele: *Era, por vezes, de tal modo intelectual que eu me sentia reduzida a nada como mulher, e noutras tão selvagem e apaixonado, cheio de tantos desejos, que quase me fazia estremecer. Umas vezes eu era para ele como uma estranha, outras abandonava-se inteiramente; mas se, num destes últimos momentos, lhe lançasse os braços ao pescoço, tudo podia mudar num só instante e o que eu abraçava era apenas uma nuvem. Antes de o encontrar conhecia já esta expressão, mas foi com ele que lhe aprendi o verdadeiro sentido; penso sempre nele cada vez que a utilizo, e é também a ele que devo cada um dos meus pensamentos. Sempre gostei de música. Ele era um incomparável instrumento, sempre vibrante e com uma amplitude que nenhum outro poderá alcançar; ele era a soma de todos os sentimentos, de todos os estados de espírito; para ele nenhum pensamento era demasiado elevado, ou desesperado; podia rugir como uma tempestade de outono, ou sussurrar como uma brisa estival. Não perdia uma só palavra que eu dissesse e, no entanto, nunca podia estar certa de que as minhas palavras alcançavam o efeito pretendido, pois sempre desconhecia qual seria esse efeito. Escutava aquela música que eu própria fazia acontecer. E era com uma inexprimível angústia, mas misteriosa, feliz e inefável, que eu escutava essa música que eu própria provocava e, ao mesmo tempo, não provocava, mas era sempre harmoniosa. E ele continuava a enredar-me nas malhas do encanto.*

Tudo isto é horrível para ela, mas ainda mais o virá a ser no que a ele se refere; assim concluo baseando-me no fato de eu próprio mal dominar a angústia que se apodera de mim cada vez que penso nestas coisas. Também eu fui arrastado para aquele mundo nebuloso, para esse mundo de sonhos onde, a cada instante, somos assustados pela nossa própria sombra. É em vão que, muitas e muitas vezes, lhe tenho tentado escapar; estou ainda incluído na galeria das suas personagens como um espectro ameaçador, como

uma acusação muda. Que estranho tudo isto ! Ele envolveu tudo no maior mistério e, apesar disso, existe um outro mistério mais profundo ainda: sou confidente e bem ilegítima foi a maneira como cheguei a sê-lo. Nunca conseguirei esquecer todo este assunto. Algumas vezes tenho pensado em falar-lhe dele. Mas para quê? — ou negaria tudo, sustentando que o diário não passa de uma tentativa poética, ou obrigar-me-ia ao silêncio, o que, dada a forma como me tornei confidente, lhe não poderia recusar. Ai de mim, nada existe no mundo tão totalmente impregnado de sedução e tão maldito como um segredo.

Recebi de Cordélia um conjunto de cartas. Não sei se estará completo, mas creio recordar ter-me ela dado um dia a entender que, de modo próprio, havia suprimido algumas. Das que recebi fiz uma cópia que inserirei nas páginas do diário, passadas a limpo. É certo que estas cartas não têm data mas, ainda que a tivessem, isso não me seria de grande ajuda dado que no diário, à medida que prossegue, as datas vão rareando cada vez mais; sim, à exceção de um único caso, abandona toda e qualquer precisão nesse aspecto, como se a história, embora representando uma realidade histórica, se fosse tornando qualitativamente tão importante na sua evolução, se fosse idealizando de tal modo que, por essa mesma razão, qualquer tipo de cronologia podia ser negligenciado. O que, por outro lado, me auxiliou muito foi o fato de existirem, em vários pontos do diário, algumas frases cuja importância, logo de início, não notei. Mas, considerando-as em função das cartas, compreendi que estas se baseiam nelas. Ser-me-á pois fácil incluir as cartas no lugar devido, dado que inserirei sempre uma carta no ponto em que se esboçou a sua razão de ser. A não me ter apercebido destes indícios, teria sido o causador de um mal-entendido, pois nunca me teria vindo à idéia que, em diferentes épocas, segundo probabilidades que fundamento no diário, as cartas sucederam-se tão próximas umas das outras que Cordélia parece ter chegado a receber várias no

mesmo dia. Se eu tivesse seguido a minha primitiva idéia, sem dúvida que as teria distribuído de modo mais eqüitativo, nunca chegando assim a ter a menor noção do efeito por ele conseguido, graças à apaixonada energia com que se serviu deste meio para manter Cordélia no paroxismo da paixão.

Além dos completos esclarecimentos sobre as suas relações com Cordélia, o diário contém ainda algumas pequenas descrições, intercaladas no resto. Tais descrições foram sempre assinaladas por ele com uma *nota bene* à margem. Não têm qualquer relação com a história de Cordélia, mas deram-me uma viva idéia do sentido de uma expressão muitas vezes por ele usada e que, anteriormente, eu não compreendia na sua totalidade: *é preciso ter sempre uma linha preparada para apanhar peixe.* Se me tivesse chegado às mãos um volume precedente deste diário, teria provavelmente encontrado várias outras de tais descrições a que, à margem, ele chama, em determinado ponto: *actiones in distans;* é ele próprio quem afirma que Cordélia lhe ocupava demasiado o espírito para ter o tempo necessário de pensar noutra coisa.

Pouco depois de ter abandonado Cordélia, recebeu desta algumas cartas que devolveu sem abrir. Encontravam-se elas entre as que Cordélia me confiou, e dado que ela própria lhes quebrou o lacre, creio poder permitir-me copiá-las também. Nunca me falou do seu conteúdo mas, ao referir-se às suas relações com Johannes, costumava citar alguns versos de Goethe, segundo creio, que, de acordo com a diversidade dos seus estados de espírito e os diferentes tons de voz por eles condicionados, pareciam significar várias coisas:

Gehe,
Verschmähe
Die Treue,
Die Reue
Kommt nach.[3]

Eis as cartas:

Johannes!

Não te chamarei "meu" Johannes, pois sei bem que nunca o foste; bem punida estou por ter permitido à minha alma que se deleitasse nesse pensamento; e contudo, chamo-te meu; meu sedutor, meu enganador, meu inimigo, meu assassino, autor do meu infortúnio, túmulo da minha alegria, abismo da minha infelicidade. Chamo-te meu e a mim chamo tua, e tal como outrora te lisonjeava ouvi-lo, a ti que orgulhosamente te inclinaste para me adorar, deve agora soar como uma maldição lançada sobre ti, uma maldição para toda a eternidade. Não te regozijes com o pensamento de ter eu a intenção de te perseguir, de me armar com um punhal para excitar a tua troça! mas, para onde quer que fujas, ainda assim sou tua; vai até o fim do mundo, ainda assim serei tua; dá o teu amor a centenas de outras, ainda assim sou tua; sim, mesmo à hora da morte serei ainda tua. A própria linguagem de que me sirvo contra ti deverá provar-te que sou tua. Tiveste a audácia de iludir um ser tão completamente que tudo te tornaste para esse ser, para mim, e que terei o mais infinito prazer em me tornar tua escrava — pertenço-te, sou tua, tua maldição.

Tua Cordélia

Johannes!

Havia um homem rico que possuía ovelhas e gado em grande quantidade; havia uma pobre rapariga que apenas possuía uma ovelha, uma ovelha que comia do seu pão e bebia da sua água. Tu eras o homem rico, rico de tudo o que de esplêndido existe sobre a terra; eu era a pobre rapariga que apenas possuía o seu amor. Tomaste-o e regozijaste-te com ele; depois o desejo acenou-te e sacrificaste o pouco que eu possuía; mas das tuas próprias riquezas nada pudeste sacrificar. Havia um homem que tinha animais em

grande quantidade, grandes e pequenos; havia uma pobre rapariga que apenas possuía o seu amor.

Tua Cordélia

Johannes!

Não haverá pois esperança alguma? Não despertará pois de novo o teu amor, nunca mais? porque eu bem sei que me tiveste amor, muito embora não saiba o que me dá tal certeza. Esperarei, ainda que o tempo me pareça longo, esperarei até que estejas saciado do amor das outras, e então o teu amor por mim ressurgirá do túmulo, amar-te-ei então, como sempre te amei, como outrora, oh! Johannes! como outrora! Johannes! representará essa insensível frieza contra mim a tua verdadeira natureza; o teu amor, as riquezas do teu coração, seriam apenas mentira, fingimento; terás voltado agora a ser tal como és? Tem paciência para com o meu amor, perdoa-me por te amar ainda. Bem o sei, o meu amor é para ti um fardo; mas o tempo virá em que regressar ás para junto da tua Cordélia. Tua Cordélia! Escuta esta palavra de súplica! Tua Cordélia! Tua Cordélia.

Tua Cordélia

Ainda que Cordélia não tenha estado à altura do que nela provoca a admiração pelo seu Johannes, claramente ressalta no entanto de tudo isto que não era desprovida de modulação. O seu estado de espírito manifesta-se claramente em cada uma das suas cartas, embora lhe tenha faltado uma certa clareza de expressão. Este é, principalmente, o caso da segunda carta, onde se adivinha, mais do que se compreende, o seu pensamento. Mas, quanto a mim, tal imperfeição só vem torná-la mais comovente ainda.

4 de abril

Prudência, bela desconhecida! Prudência! não é coisa fácil descer de uma carruagem e, por vezes, equivale mesmo a um passo decisivo. Poderia emprestar-vos uma novela de Tieck onde veríeis que uma dama, ao desmontar do cavalo, se comprometeu de tal modo que esse fato veio a decidir toda a sua vida futura. Sucede também que os estribos das carruagens são, de ordinário, tão desajeitadamente feitos que se torna quase necessário renunciar a qualquer graciosidade e, em desespero de causa, arriscar um salto que vos lança nos braços do cocheiro ou de um criado. Sim, essa gente é invejável; quer-me parecer que vou tentar arranjar um lugar de criado numa casa onde haja jovens raparigas; é tão fácil a um criado tornar-se confidente dos segredos de uma donzelinha. — Mas, rogo-vos, pelo amor de Deus, não salteis; sim, está já escuro; não vos incomodarei, limitar-me-ei a ficar debaixo deste reverbero, ser-vos-á impossível ver-me e, não é assim? apenas se é tímido na medida em que se é visto, mas só se é visto na medida em que se vê; — assim, por solicitude para com o criado, que talvez não fosse capaz de resistir a um salto como o vosso, por solicitude para com o vestido de seda, *idem* por solicitude para com os folhos de renda, por solicitude para comigo, permiti a esse pé gentil, cuja elegância admirei já, que tateie o mundo, correi o risco de confiardes nele, ele saberá equilibrar-se, e se estremeceis um instante ao pensamento de ele não conseguir encontrar sítio onde pousar, se estremeceis ainda depois que o encontrou, então adiantai depressa o outro pé, pois quem poderia ser tão cruel que vos deixasse pairar nessa atitude, quem seria tão desairoso, tão indolente, que se não apressasse perante a revelação do belo? Ou temeis talvez uma terceira pessoa — o criado certamente não, e muito menos eu, pois que já admirei o pequenino pé, como sou naturalista, aprendi com Cuvier a tirar daí as mais

seguras conclusões. Apressai-vos pois! Ah, como essa angústia aumenta a vossa beleza. Mas a angústia em si não é bela, só o é no instante em que nos apercebemos da energia que a ela se sobreleva. Perfeito ! Que bem se firmou agora o pequenino pé. Já reparei que as jovens com pés pequenos sabem geralmente manter melhor o equilíbrio que aquelas cujos pés são maiores, largos como os do andarilho. Quem o poderia pensar? O fato vai contra tudo o que a experiência estabeleceu; ao saltar da carruagem são maiores as possibilidades de o vestido ficar preso que quando se desce tranqüilamente. Mas na verdade é sempre um pouco grave para as jovens passear de carruagem; acabarão ainda por não poder sair. Perdem-se as rendas e os folhos, e é tudo! Ninguém viu coisa alguma; apenas se avista o perfil sombrio de um homem envolto até os olhos numa capa; é impossível ver de onde vem ele, pois vos encandeia a luz do reverbero;.passa por vós no momento em que vos preparais para dar entrada na casa. Precisamente no momento decisivo um olhar oblíquo é lançado sobre um objeto. Corais, o vosso peito enche-se demasiado para poder lançar fora o ar de uma só vez; há irritação no vosso olhar; um altivo desprezo; os vossos olhos, onde brilha uma lágrima, suplicam; lágrima e súplica são igualmente belas e aceito-as com igual direito, pois nada há que eu não possa representar. No entanto, escolho a crueldade — qual será o número da casa? Mas que vejo eu? A montra de uma casa de quinquilharia! Bela desconhecida, será talvez uma ação revoltante da minha parte, mas seguirei o caminho que se me abre... Ela esqueceu já o que se passou, ah, sim! quando se tem dezessete anos, quando, nessa idade feliz, se sai a fazer compras, quando se encontra um indizível prazer em cada um dos objetos, grandes ou pequenos, que a mão encontra, nessa idade o esquecimento é fácil. Ainda me não viu; estou na outra ponta do balcão, muito longe, à parte. Na parede oposta está suspenso um espelho; ela não repara, mas o espelho sim. Com que fidelidade soube ele captar a sua imagem; é como um escravo

humilde que prova a sua dedicação pela fidelidade, um escravo para quem ela tem importância mas que nenhuma importância possui para ela, que pode ousar compreendê-la, mas não tomá-la. Este infortunado espelho que tão bem sabe captar a sua imagem, mas não captá-la, este infortunado espelho que não pode guardar a sua imagem no segredo do seus esconderijos furtando-a ao olhar do mundo inteiro, mas antes apenas sabe revelá-la a outros como, neste momento, a mim! Que suplício não seria para um homem se fosse assim a sua natureza. E contudo, não é certo que há muitas pessoas que assim são, que nada possuem a não ser no momento em que mostram aos outros a sua posse, que apenas captam a aparência das coisas e não a sua essência, que tudo perdem no momento em que esta se pretende mostrar, tal como este espelho perderia a sua imagem ao primeiro sopro com que ela pretendesse abrir-lhe o coração? Se um homem fosse incapaz de manter na memória uma imagem da beleza, nem sequer no instante da sua presença, ver-se-ia obrigado a desejar estar sempre afastado dela, nunca demasiado próximo para assim poder ver a beleza do que aperta nos braços, e que já não vê, mas poderia rever se se afastasse, e que afinal, no momento em que lhe é impossível ver esse objeto por estar próximo dele, no momento em que os seus lábios se unem num beijo, será mesmo assim visível para os olhos da sua alma... Ah! como ela é bela! Pobre espelho, que suplício para ti, mas também que sorte por não saberes o que é o ciúme. A sua cabeça, perfeitamente oval, inclina-se um pouco para a frente, o que lhe realça a fronte; esta ergue-se, altiva e pura, sem de modo algum refletir as suas faculdades intelectuais. Os seus cabelos escuros emolduram terna e docemente a fronte. O seu rosto é como um fruto, arredondado e úmido; a pele é transparente e os meus olhos dizem-me que será, sob os dedos, de um macio de veludo. Os seus olhos — sim, ainda os não vi, escondem-se atrás de pálpebras cujas armas, pestanas onduladas e sedosas, representam um perigo para quem lhe procure

o olhar. A sua cabeça é como a de uma madona, impregnada de pureza e inocência; inclina-se como a da Madona, mas sem se perder na contemplação do Único, há mobilidade na expressão do seu rosto. O que ela contempla é a variedade, as múltiplas coisas sobre as quais lançam um reflexo as esplêndidas suntuosidades da Terra. Tira uma luva para mostrar, ao espelho e a mim, a mão direita branca e bem esculpida, como uma obra de arte antiga, e sem qualquer ornamento, nem sequer uma simples aliança de ouro anular — bravo! Ergue os olhos e tudo se modifica, sem se modificar; a fronte é um pouco menos elevada, o rosto um pouco menos regularmente oval, mas mais vivo. Fala com o vendedor, está alegre, feliz e exuberante. Escolheu já um, dois, três objetos, pega num quarto, segura-o na mão, os seus olhos baixam-se de novo, pergunta o preço, põe o objeto de lado sob a luva, trata-se certamente de um segredo, destinado a um — a um noivo? — mas ela não está noiva! Ah, bem sei, há muitas que não estão noivas e no entanto têm um namoro, muitas que estão noivas e no entanto não conhecem o amor... Deverei esquecê-la? Deverei deixá-la na paz da sua alegria?... vai para pagar, mas perdeu ou esqueceu a bolsa... dá provavelmente a sua direção, o que não quero ouvir, pois não desejo privar-me da surpresa; estou certo de a voltar a encontrar na vida, e sei que a reconhecerei; talvez também ela me reconheça pois não é tão depressa que se esquece o meu olhar oblíquo. Então, quando, por um acaso, a voltar a encontrar onde menos o espere, a sua vez chegará. Se me reconhecer, se o seu olhar mo não assegurar imediatamente, decerto terei ocasião para a olhar de lado, e prometo-vos que recordará a situação. Nada de impaciência, nada de avidez; o prazer deve ser bebido em lentos tragos; ela está predestinada, encontrá-la-ei de novo.

5 de abril

Assim é que eu gosto: sozinha, ao anoitecer, em Oestergade. Sim, bem vejo o criado que vos segue, e podeis ter a certeza de não julgar eu tão mal de vós a ponto de pensar que passeáveis só; acreditai-me, a minha experiência não podia deixar de, logo ao primeiro golpe de vista lançado à situação, me mostrar aquele rosto severo. Mas por que tanta pressa? Estamos apesar de tudo um pouco ansiosos, sentimos um certo bater de coração que não resulta de um desejo impaciente de voltar a casa, mas de um impaciente temor que penetra todo o corpo com a sua doce inquietação e provoca o ritmo acelerado dos passos. — Mas que sensação deliciosa, sem preço, passear assim, sozinha — com o criado a pouca distância de vós... Temos dezesseis anos, já lemos muito, muitos romances entenda-se, e, ao atravessarmos por acaso o quarto dos irmãos, surpreendemos uma frase no meio de uma conversa, entre eles e os seus amigos, uma frase acerca de Oestergade. Depois começamos a adejar por várias vezes ao redor deles no intuito de, se possível, obtermos mais completas informações. Mas em vão. De qualquer modo é necessário, como convém a uma rapariga já crescida, conhecer um pouco o mundo. Ah, se de improviso pudéssemos sair, na companhia do criado. Céus! — há o paizinho e a mãezinha, lembra-te da cara que eles fariam; e, além disso, que desculpa dar? Se se trata de uma recepção a ocasião não é boa, realiza-se um pouco cedo demais, pois ouvi August falar de nove, dez horas; o regresso fica para demasiado tarde e o mais certo é ser perseguida por qualquer galanteador. Quinta à tarde, ao voltar do teatro, seria na verdade uma excelente ocasião. Simplesmente, nesse caso, é sempre preciso ir de carruagem, e além disso temos de transportar também a Senhora Thomsen e as suas amáveis primas; ainda se fosse sozinha poderia abrir um pouco a janela e assim espreitar para

o exterior. Contudo: *unverhofft kommt oft.*[4] Hoje, dizia-me a mãezinha: estou com medo que não consigas acabar a tempo o bordado para o dia de anos do paizinho, de modo que, para poderes trabalhar com toda tranqüilidade, vai para casa da tua tia Jette e fica lá até a hora do chá; depois o Jens te irá buscar. No fundo, a idéia não era de modo algum agradável, porque em casa da tia Jette uma pessoa aborrece-se de morte; mas depois volto sozinha, às nove horas, com o criado. E quando Jens chegar pode muito bem esperar até as dez menos um quarto e então, a caminho! Oh! e se eu encontrasse o Senhor meu irmão ou o Senhor August — não, antes não, talvez não seja tão desejável como me parece, porque então seria acompanhada até casa — não, obrigada! a liberdade acima de tudo —, mas se os pudesse ver sem que eles me notassem... E então, minha jovenzinha, que vedes afinal, e que vos parece que vejo eu? Primeiro, a pequena *Mütze*[5] que vos fica maravilhosamente e está em perfeita harmonia com a precipitação do vosso andar. Não é um chapéu, nem uma boina, antes uma espécie de touca. Mas, estou certo, não a trazíeis esta manhã, ao sair de casa. Foi o criado que vo-la trouxe ou tê-la-íeis pedido emprestada à tia Jette? — Passeais talvez incógnita. — Mas, quando queremos observar o que se passa à nossa volta, também não é conveniente deixar que o véu cubra todo o rosto. Ou talvez não se trate de um véu mas antes de uma renda larga. O escuro não me permite distingui-lo. Mas seja o que for, esconde-vos a parte superior do rosto. O queixo é bastante belo, embora um tudo nada pontiagudo, a boca é pequena e entreabre-se; decerto porque ides demasiado depressa. Os dentes — brancos de neve. E ainda bem que assim é. Os dentes têm uma importância capital, são como que um guarda do corpo que se esconde por detrás da sedutora doçura dos lábios. As faces brilham de saúde. — Se inclinásseis um pouco a cabeça para o lado seria talvez possível insinuar-me sob esse véu ou renda. Mas cuidado, um olhar assim, de baixo para cima, é mais perigoso que um olhar *gerade aus.*[6] É

como na esgrima; e que arma haverá tão afiada, tão aguda, tão brilhante no seu movimento e, graças a tudo isto, tão perigosa como um olhar? Marca-se uma quarta alta, como diz o esgrimista, apara-se em segunda; quanto mais prestes a chegar está o ataque, tanto melhor. Quem poderá descrever tal instante? O adversário quase sente o golpe, é tocado, sim, é assim, mas tocado num ponto muito diferente do que esperava... Ela avança valorosamente, sem medo e sem mácula. Tende cuidado; aí vem alguém, baixai o véu, não deixeis que vos manche o seu olhar profano; não podeis calcular o que isso é; ser-vos-ia impossível, durante muito tempo, olvidar a abominável angústia com que ele vos atingiria — não destes por isso, mas eu bem vejo que ele abarcou a situação. O criado foi escolhido como primeiro alvo — sim, começais agora a ver as conseqüências de passear sozinha com um criado. O vosso perseguidor fê-lo cair. No fundo é ridículo, mas que ides agora fazer? Voltar atrás para o ajudar a levantar-se não é possível, passear com um criado todo sujo é desagradável, e passear completamente só é grave. Atenção, o monstro aproxima-se... Não me respondeis, mas olhai-me ao menos, será que o meu aspecto vos dá alguma razão de temor? Não causo impressão alguma, pareço um benévolo homenzinho, vindo de um outro mundo. Nada nas minhas palavras vos pode incomodar, nada vos recorda a situação, não esboço um único movimento que vos possa ofender no mais íntimo aspecto. Estais anda um pouco assustada, ainda não esquecestes o impulso com que se lançava para vós essa figura *unheimliche*.[7] Sentis um pouco de simpatia por mim, a minha timidez, a impedir-me de vos olhar de frente, dá-vos superioridade; isso regozija-vos e empresta-vos segurança, estaríeis quase tentada a troçar-me. Seria quase capaz de apostar que, neste momento, teríeis a coragem de me passar o braço por cima dos ombros, se tal pensamento vos passasse pela cabeça... Viveis então em Stormgade. Cumprimentais-me fria e rapidamente. Será apenas isto que mereci, eu que ajudei a libertar-vos de todo este problema?

Arrependeis-vos, voltais atrás para agradecer a minha delicadeza, e estendeis-me a mão. — Por que empalidecer? Não é a minha voz a mesma, e a minha atitude, o meu olhar, não se mantêm ainda calmos e tranqüilos? Este aperto de mão? Mas poderá acaso um aperto de mão significar alguma coisa? Sim, muito, minha donzelinha, muito — antes de quinze dias ter-vos-ei explicado tudo, mas até lá manter-vos-eis na contradição: eu sou um homem benévolo que, como um cavalheiro, presta auxílio a uma jovem, e posso pois apertar-vos a mão como homem inofensivamente benévolo.

7 de abril

Seja então segunda-feira, à uma hora, na Exposição. Muito bem, terei a honra de lá estar à uma hora menos um quarto. Um pequeno encontro marcado. No sábado tomei enfim uma resolução e decidi-me a ir visitar o meu amigo Adolph Bruun, quase sempre em viagem. Com esse fim em vista, dirijo-me, por volta das sete horas da tarde, a Vestergade, onde, segundo me tinham dito, ele devia morar. Mas, no terceiro andar, onde cheguei quase sem fôlego, não o consegui encontrar.Prestes a descer a escada, os meus ouvidos são aflorados por uma melodiosa voz de mulher que diz, quase num murmúrio: *Seja então segunda-feira, à uma hora, na Exposição — a essa hora as outras não estão, mas bem sabes que me não atrevo a receber-te em casa.* O convite não me era dirigido mas sim a um mancebo que, zás, ei-lo que sai da porta tão depressa que os meus olhos, e muito menos as minhas pernas, o não conseguem alcançar. Ah! por que não haverá gás nas escadas? Assim poderia talvez ter visto se valia a pena ser tão pontual. Porém, talvez eu nada tivesse ouvido se houvesse gás. O que existe, existe sempre pelo melhor dos motivos; sou e serei sempre um otimista... Mas qual será ela? Para

falarmos como Dona Anna, a Exposição fervilha de raparigas. É exatamente uma hora menos um quarto. Bela desconhecida! Possa o vosso futuro ser, em todos os sentidos, tão pontual como eu; ou preferis talvez que nunca ele chegue com um quarto de hora de avanço? — como quiserdes; em tudo estou ao vosso serviço... *Feiticeira sedutora, fada ou bruxa, faz desaparecer a névoa em que te ocultas,* manifesta-te, por certo te encontras já aqui, embora invisível aos meus olhos, revela-te, ou então ousarei talvez esperar uma manifestação. Haverá aqui várias pelo mesmo motivo que ela? É muito possível. Quem poderá penetrar os desígnios do homem, mesmo quando ele vai simplesmente a uma Exposição? — Eis uma jovem na primeira sala, e como ela se precipita, mais rápida que a má consciência perseguindo o pecador. Esquece-se de mostrar o seu bilhete de entrada, o porteiro vestido de vermelho fá-la parar. Mas, Deus do céu, que pressa! Deve ser ela. Por que este ardor intempestivo? Não é ainda uma hora e lembrai-vos que ides ao encontro do bem-amado; será pois completamente desprovido de importância o modo como a pessoa se apresenta em tais ocasiões, ou será nelas que, como se costuma dizer, é preciso dar às pernas? Quando é alguém de sangue jovem e inocente como o dela que tem um encontro, lança-se a ele como um desesperado. Está completamente fora de si. Eu, pelo contrário, confortavelmente sentado na minha poltrona, tenho diante dos olhos o panorama encantador de uma paisagem agreste... Que jovem diabólica! Voa através de todas as salas. Mas vejamos, é necessário ocultar um pouco os vossos desejos, recordai o que se diz à Menina Lisbeth: *Ai! ai! não é bonito para uma rapariga deixar ver assim os seus sentimentos.* Enfim, claro, a entrevista com o mancebo é o que há de mais inocente. — Em geral, os apaixonados consideram um encontro como o mais belo dos instantes. Eu próprio me lembro ainda hoje, como se tivesse sido ontem, da primeira vez em que voei para o sítio combinado, com o coração a transbordar das desconhecidas alegrias

que me esperavam, recordo a primeira vez em que fiz o sinal convencionado, a primeira vez em que uma janela se abriu, a primeira vez em que a portinha do jardim foi aberta pela mão invisível de uma jovem que se escondia ao abri-la, a primeira vez em que, numa clara noite de verão, ocultei uma donzela debaixo da minha capa. Contudo, esta opinião comporta muitas ilusões. A terceira pessoa, que se mantém calma, nem sempre considera que os apaixonados tenham grande encanto em tais instantes. Fui testemunha de várias entrevistas em que, embora a rapariga fosse encantadora e o mancebo belo, a impressão de conjunto era quase repulsiva, e a própria entrevista muito longe de ter beleza; é certo que os apaixonados devem, sem dúvida, ter pensado o contrário. Em determinado sentido, ganha-se com a experiência; pois se é certo que perdemos a doce inquietação provocada pelo desejo impaciente, adquire-se a atitude que contribui para tornar o instante verdadeiramente belo. Sinto-me por vezes vexado ao ver um homem, em semelhante circunstância, de tal modo perturbado que, por puro amor, é tomado de *delirium tremens.* Mas cada um contenta-se com o que pode. Em vez de ter suficiente ponderação para gozar da inquietude da beldade, para deixar essa inquietude inflamar a sua beleza e levar a jovem ao rubro da paixão, ele apenas produz uma confusão sem graciosidade, o que o não impede de voltar feliz para casa, imaginando que viveu algo de maravilhoso. — Mas que diabo aconteceu a esse homem, já são quase duas horas. Ah, sim, que magnífica gente estes apaixonados, não há dúvida! Um valdevinos destes que faz esperar uma rapariga! Não, assim nunca. Creio poder-me gabar de ser um homem muito mais digno de confiança! Melhor será sem dúvida abordá-la, agora que, pela quinta vez, ela passa à minha frente. *Perdoai a minha audácia, bela Menina, sem dúvida procurais aqui a vossa família, já por várias vezes passásteis por mim rapidamente e, ao seguir-vos com os olhos, notei que paráveis sempre na penúltima sala. Não sabeis talvez que para lá dessa há uma outra,*

onde é possível que se encontre quem procurais. Ela faz-me uma reverência que valoriza a sua elegância. A ocasião é favorável, sinto-me feliz por o mancebo não vir, pois que se pesca sempre melhor em águas turvas; quando uma jovem é presa da emoção podemos arriscar com proveito muitas coisas que, de outro modo, resultariam vãs. Pus na reverência que lhe dirigi a medida exata que se pode esperar de um estranho, estou de novo instalado na minha poltrona, encaro a paisagem agreste e observo-a. Segui-la imediatamente seria demasiado arriscado, poderia parecer indiscreto e ela ficaria desde logo de sobreaviso. Neste momento ela pensa que foi por compaixão que a abordei, estou pois nas suas boas graças. — Não há quem quer que seja na última sala, bem o sei. A solidão terá sobre ela uma boa influência; enquanto houver gente ao redor, estará inquieta; sozinha, acalmar-se-á. Tinha razão, ficou lá. Dentro em pouco entrarei na sala, *en passant;*[8] tenho ainda todo o direito a uma réplica, sim, ela quase me deve uma saudação. — Está sentada. Pobre pequena, que ar melancólico tem; chorou ou, pelo menos, chegaram-lhe as lágrimas aos olhos. É revoltante — provocar as lágrimas a uma jovem como esta! Mas tranqüiliza-te, serás vingada, eu te vingarei, e ele aprenderá o que esperar significa. Como é bela, agora que se acalmaram as várias tempestades e ela repousa num estado de espírito. A sua natureza é melancolia e harmonia na dor. Como ela é gentil. Enverga um vestido de viagem e, no entanto, não estava de modo algum para partir; vestiu-o para ir em busca da alegria, e agora o vestido simboliza a sua dor, pois ela é como aquele de quem a alegria se despede. Parece ela dizer adeus para sempre ao bem-amado. Que ele desapareça pois! — A situação é favorável, o instante chama-me. O que importa agora é exprimir-me de modo a dar a idéia de pensar que ela procurava a família ou pessoas amigas, mas fazendo-o com o calor necessário para que cada palavra se harmonize com os seus sentimentos, e terei então uma boa possibilidade de me insinuar nos seus pensamentos. — Diabos levem

o tratante — esse tipo que se aproxima é sem dúvida ele. Vejam-me este desmancha-prazeres, agora que eu acabava de preparar tudo como queria. Bom, bom, ainda conseguirei obter alguma coisa de tudo isto. É apenas necessário que me mantenha no quadro, que encontre o meu lugar na situação. Assim que ela me aviste será levada a rir-se de mim por ter eu pensado que ela tentava encontrar a família, quando ela procurava uma coisa muito diferente. Tal sorriso torna-me um confidente, sempre é alguma coisa. — Mil agradecimentos, minha filha, esse sorriso tem para mim mais valor do que tu pensas, é um começo, e começar é sempre o mais difícil. Agora conhecemo-nos e o nosso conhecimento tem por base uma situação picante; isso me basta até nova ordem. Não ficareis aqui mais de urna hora, creio; dentro de duas horas saberei quem sois, pois para que outro fim julgais que a polícia mantém fichas de recenseamento?

9 de abril

Estarei cego? Terá a minha alma perdido o seu poder visual? Vi-a, mas é como se tivesse sido uma revelação celeste, pois a sua imagem de novo desapareceu completamente para mim, e é em vão que dispenso todas as energias da minha alma para evocar. Se alguma vez a voltasse a ver, reconhecê-la-ia imediatamente, ainda que fosse entre centenas de outras. Agora ela desapareceu e, com todo o seu desejo, a minha alma procura em vão alcançá-la. — Passeava eu em Langelinie, aparentemente desatento e sem dar conta de quem me rodeava, quando de súbito a avistei. O meu olhar fixou-se inabalavelmente sobre ela, não obedecendo já à vontade do seu dono; não conseguia imprimir-lhe qualquer movimento a fim de abarcar o objeto que desejava ver; os olhos fixos em frente, não via. Como um esgrimista que apara um golpe, o meu olhar imobilizava-

se, como hipnotizado, na direção tomada. Impossível baixá-lo, impossível erguê-lo, impossível desviá-lo por mim próprio, impossível ver, porque via demasiado. A única coisa que recordo é que ela trazia uma capa verde, e é tudo; eis o que se pode chamar tomar a nuvem por Juno; ela escapou-me, tal como José à mulher de Putifar, deixando-me apenas a sua capa. Estava com uma senhora já de idade que parecia ser sua mãe. Essa, posso-a descrever dos pés à cabeça, e isto muito embora, no fundo, quase a não tenha olhado e, quando muito, apenas lhe tenha dado atenção *en passant.* Assim acontecem as coisas. A jovem impressionou-me, esqueci-a; a outra não me causou qualquer impressão, e é a que melhor consigo lembrar.

11 de abril

Continuo ainda embaraçado na mesma contradição. Sei que a vi, mas sei também que a esqueci de novo, mas de um modo a que não traz conforto a breve recordação que me resta. Como se se encontrasse em jogo o meu bem-estar, chamo essa imagem com inquietação e ardor, e contudo ela não se mostra, e seria quase capaz de arrancar os olhos a fim de os punir pela sua falta de memória. Após ter-me enraivecido de impaciência, e tendo-se restabelecido em mim a calma, é então como se um pressentimento e uma recordação tecessem uma imagem que, contudo, não chega a tomar forma para mim, porque a não consigo imobilizar num conjunto; ela é como o desenho num tecido leve, desenho mais claro que o fundo, e que não conseguimos ver por ser demasiado diáfano. — Trata-se de uma disposição estranha mas que no entanto não deixa de, em si própria, ter algo de agradável, pois me convence de que sou ainda jovem. Uma outra consideração me pode também revelar a mesma coisa: é sempre entre as donzelas que procuro a minha presa, e não entre as

mulheres jovens. Uma mulher tem menos natural, mais *coquetterie,* as relações com ela não são belas, nem interessantes, mas sim picantes; e o picante vem sempre em último lugar. — Nunca esperei ser capaz de voltar a saborear estas primícias de uma paixão. Sucumbi ao amor, obtive aquilo a que os nadadores chamam uma passagem, não é pois de espantar que me sinta um pouco perplexo. Tanto melhor, vejo nisto a promessa de um prazer maior.

14 de abril

Já me não reconheço. Frente às tempestades da paixão o meu espírito é como um mar enraivecido. Se alguém pudesse surpreender a minha alma em tal situação, julgaria ver uma barca mergulhando a pique no mar, como se, na sua terrível precipitação, a sua rota marcasse o fundo do abismo. Não veria que, no cimo do mastro, vigia um marinheiro. Forças frenéticas, erguei-vos, ponde-vos em movimento; ó potências da paixão, ainda que o choque das vossas vagas conseguisse lançar a espuma até as nuvens, mesmo assim não serieis capazes de vos erguer acima da minha cabeça; mantenho-me tranqüilo como o Rei das falésias.

Quase não consigo firmar os pés; como ave marinha tento em vão mergulhar no mar tempestuoso do meu espírito. E, no entanto, tal tempestade é o meu elemento, nela edifico como *Alcedo ispida* constrói o seu ninho sobre o mar.

Os perus incham de raiva perante a cor vermelha, e o mesmo sucede comigo quando vejo verde, de cada vez que vejo uma capa verde; e porque muitas vezes os meus olhos me enganam, acontece mesmo malograrem-se todas as minhas esperanças à vista de um maqueiro do hospital Frederico.[9]

20 de abril

Refrear-se é uma condição capital em qualquer prazer. Não espero vir a ter tão depressa informações acerca da jovem que de tal modo preenche a minha alma e todos os pensamentos que alimentam o meu pesar. Porém, manter-me-ei tranqüilo; porque há também doçura neste estado de emoção sombrio e misterioso, se bem que forte. Sempre me agradou, nas noites de luar, passear de barco num ou outro dos nossos deliciosos lagos. Recolho então vela e remos, desmonto o leme, deito-me ao comprido e olho a abóbada celeste. E quando as vagas embalam o barco no seu seio, quando as nuvens voam ao sabor do vento e escondem um instante a lua para logo de novo a revelarem, é quando, apesar de todo este movimento, eu encontro o repouso; o balançar das vagas acalma-me, o ruído que produzem embatendo contra o barco soa como uma monótona canção de embalar; o rápido perpassar das nuvens, o mudar constante de luz e sombra embriagam-me, e, de olhos abertos, sonho. É deste modo que também agora me reclino, recolho as velas, desmonto o leme; nos seus braços me embalam o desejo e uma esperança impaciente; desejo e esperança que se vão acalmando cada vez mais, que, cada vez mais, me levam a transportes de alegria; cuidam-me como a uma criança, sobre mim ergue-se em abóbada o céu da esperança, a imagem da jovem paira rapidamente diante dos meus olhos como a lua indecisa, deslumbrando-me agora com a sua luz, logo, com a sua sombra. Que prazer ser assim sacudido sobre um mar agitado — que prazer ser sacudido em si próprio.

21 de abril

Os dias passam e nada de novo me trazem. Mais do que nunca

me dão prazer as jovens e, no entanto, não tenho o desejo do prazer. É ela quem, por toda parte, busco. E isso torna-me, muitas vezes, pouco imparcial, perturba-me a vista, enerva o meu prazer. Está agora prestes a chegar o tempo ameno em que, ao percorrer as ruas e as praças, se acumulam pequenas dívidas que no inverno, na vida mundana, é muitas vezes necessário pagar por bom preço; porque uma jovem pode esquecer muitas coisas, mas nunca uma situação. É certo que a vida mundana nos relaciona com o belo sexo, mas não reside aí o necessário para iniciar a aventura. Na vida mundana toda a jovem está preparada, a situação é desprovida de recursos e, porque já muitas vezes se criou a mesma situação, a jovem não recebe dela qualquer emoção voluptuosa. Na rua ela sente-se à vontade, e eis por que tudo produz um efeito mais forte, tudo é como que mais enigmático. Darei cem rixdales[10] pelo sorriso de uma jovem numa situação de rua, mas nem sequer dez por um aperto de mão em sociedade; trata-se de valores de espécies em tudo diferentes. Iniciada a aventura, procuramos na sociedade a jovem em causa. Temos com ela entendimentos secretos e tentadores; é esse o mais eficaz dos estimulantes que conheço. Ela não ousa falar de tais entendimentos, mas pensa neles; não sabe se foi ou não esquecida; e, em breve, a poderemos conduzir a uma mais íntima perturbação. Temo não conseguir acumular muitas de tais dívidas este ano; esta jovem ocupa demasiado o meu espírito. Em certo sentido, os meus lucros serão magros, mas tenho, em contrapartida, uma oportunidade de ganhar o prêmio grande.

5 de maio

Demoníaco acaso! Nunca te amaldiçoei por teres surgido, amaldiçoo-te porque, em absoluto, te não mostras. Ou será uma nova invenção Tua, ser inconcebível, estéril mãe de tudo, única coisa

que resta dessa época em que a necessidade deu à luz a liberdade, e em que a liberdade se deixou iludir para regressar ao seio da mãe? Demoníaco acaso! Tu, meu único confidente, único ser que julgo digno de ser meu aliado e meu inimigo, sempre idêntico malgrado as tuas diferenças, sempre inconcebível, sempre um enigma! Tu, a quem amo com toda a minha alma simpatizante, tu, a cuja imagem e semelhança me criei a mim próprio, por que não apareces? Não mendigo, não te suplico humildemente que te mostres deste ou daquele modo, porque tal culto seria uma idolatria, e pouco agradável para ti. Desafio-te ao combate; por que te não mostras? Ou será que parou o pêndulo do universo; será que foi resolvido o teu enigma e te lançaste, tu também, nas águas do eterno? Terrível pensamento! o mundo, de fastio, ficaria parado! Demoníaco acaso! Eu te espero. Não pretendo vencer-te com princípios, nem com isso a que os imbecis chamam caráter; não, eu quero sonhar-te! Não quero ser um poeta para os outros; mostra-te, pois em sonhos te crio, e devorarei o meu próprio poema, será esse meu único alimento. Ou considerar-me-ás indigno? Como a bailadeira que dança para glória do seu deus, me consagrei ao teu serviço; leve no corpo e no vestir, ágil, desarmado, renuncio a tudo; nada possuo, nada desejo possuir; nada amo, nada tenho a perder mas, graças a isto, não me terei tornado mais digno de ti, de ti que, sem dúvida, já de há muito te cansaste de arrancar aos homens o que eles amam, enfadado com os seus suspiros covardes e as suas covardes preces? Surpreende-me, estou pronto, lutemos, não por um prêmio, apenas pela honra. Deixa que a veja, apresenta-me uma oportunidade que pareça impossível, mostra-me entre as sombras do reino dos mortos, e eu a trarei de novo à vida; que ela me odeie, que me despreze, que use para comigo da maior indiferença, que ame um outro, nada temo; mas faz mover estas águas paradas, interrompe o silêncio. Matar-me assim de fome é uma vergonha para ti, pois imaginas ser mais forte do que eu.

6 de maio

A primavera chega; tudo se prepara para desabrochar, e as jovens também. As capas são postas de lado, e a minha capa verde estará também talvez já arrumada. Eis o que resulta de travar conhecimento com uma jovem na rua, e não em sociedade, onde logo se fica a saber o seu nome e a que família pertence, onde mora e se está noiva. Este último ponto tem uma enorme importância, como informação, para todos os pretendentes sérios e ponderados, que nunca poderiam ter a idéia de se apaixonarem por uma jovem já prometida. No meu lugar, um animal como este sentir-se-ia em mortais embaraços, e ficaria completamente aniquilado se os seus esforços na procura de informações fossem coroados de êxito e se, além disso, viesse a saber que ela estava noiva. A mim, porém, tudo isto me traz poucos cuidados. A questão dos esponsais apenas constitui uma dificuldade cômica. E eu não temo nem as dificuldades cômicas, nem mesmo as que são trágicas; de entre elas, as únicas que receio são as dificuldades enfadonhas. Até agora não fui capaz de conseguir uma única informação, embora esteja certo de nada ter negligenciado e me ter visto por várias vezes obrigado a reconhecer a verdade das palavras do poeta:

Nox et hiems longaeque viae, saevique dolores.
Dolores his castris, et labor omnis inest.[11]

Provavelmente ela não é sequer de Copenhague, mas do campo talvez, talvez, é de se ficar doido de raiva com todos estes talvez, e quantos mais talvez aparecem, mais o vou ficando. Tenho sempre o dinheiro a postos para fazer a viagem. Em vão a busco no teatro, nos concertos, nos bailes, pelas alamedas. Em determinado sentido isso causa-me prazer; em geral, uma jovem que passa muito do seu tempo em tais divertimentos não merece ser conquistada; falta-lhe, na maior parte dos casos, o caráter primitivo que, para mim,

constitui sempre uma condição *sine qua non.* É mais provável encontrar uma Preciosa entre os Ciganos, que nesses jardins zoológicos onde as donzelas são postas em leilão — isto dito com a maior inocência, compreenda-se!

12 de maio

Vamos, minha filha, por que não te deixaste ficar tranqüilamente abrigada na porta-cocheira? Não há absolutamente nada a apontar a uma jovem que aí procura abrigo contra a chuva. Eu próprio o faço quando não trago chapéu de chuva, e mesmo às vezes quando tenho um comigo, como, por exemplo, agora. Posso aliás nomear muitas respeitáveis senhoras que não hesitariam em fazê-lo. Fica-se tranqüilamente de costas voltadas para a rua para que as pessoas que passam não possam sequer saber se nos abrigamos ou se nos preparamos para entrar na casa. Em contrapartida, é imprudente esconder-se atrás de uma porta entreaberta, sobretudo por causa das conseqüências; quanto mais uma pessoa se esconde, tanto mais se torna desagradável ser surpreendida. Mas, se nos escondemos, o melhor é ficar-se quieto, entregue à guarda do gênio bom e de todos os anjos; é sobretudo muito importante não espreitar para fora — a fim de ver se a chuva parou. Quando se pretende sabê-lo dá-se com firmeza um passo em frente e olha-se o céu com ar sério. Mas quando alguém espreita com um pouco de curiosidade, timidamente, com ansiedade e sem convicção, e logo se recolhe rapidamente — até uma criança compreenderia esse movimento, chamam-lhe o jogo das escondidas. E eu, que participo em todos os jogos, poderia abster-me? iria calar-me quando me interpelam?... Não julgueis que alimento a vosso respeito qualquer pensamento ofensivo; bem sei que não tínheis qualquer idéia preconcebida ao espreitar, o movimento foi feito da

maneira mais inocente. Mas nem sequer no terreno da imaginação se deve desafiar-me; nem o meu nome nem a minha boa reputação o consentiriam. Além disso fostes vós quem começou. Aconselho-vos a nunca falardes a ninguém deste incidente; o dano seria vosso. E que poderia eu fazer senão o que faria qualquer cavalheiro no meu lugar? — oferecer-vos o meu guarda-chuva? Mas onde se meteu ela? magnífico! escondeu-se na entrada da casa do porteiro — é uma jovem, a mais encantadora, jovial e alegre que se pode imaginar. — *Talvez me pudésseis dizer onde se encontra a jovem senhora que, há apenas um instante, espreitava por esta porta e que aparentemente precisava de um chapéu de chuva. É a ela que procuramos, o meu guarda-chuva e eu.* E vós rides — permitis talvez que vos envie amanhã o meu criado para que lho entregueis, ou preferis que vos arranje uma carruagem? — ora essa, não há de quê, é a mais natural das delicadezas. — Já há muito tempo que não via uma rapariga tão alegre como esta; o seu olhar é tão infantil e, no entanto, tão decidido, a sua maneira de ser tão encantadora, tão casta e, contudo, é curiosa. — Vai em paz, minha filha, se não existisse uma capa verde teria eu talvez o desejo de travar um conhecimento mais íntimo. — Vejo-a passar pela Store Köbmagergade. Como é inocente e confiante, sem a menor afetação. Vejam como ela caminha no seu passo ligeiro, como agita a cabeça — mas a capa verde exige abnegação.

15 de maio

Feliz acaso! Como te agradeço! Vi-a, direita e orgulhosa, misteriosa e pensativa como um abeto que, de um só jato, como um pensamento solitário, brota do mais profundo da terra, e se eleva para o céu, enigmático também para si próprio, um todo indivisível. A faia ornamenta-se com uma coroa cujas folhas podem contar o que

abaixo delas se passa; o abeto não tem coroa, não tem história, mantém-se enigmático para si próprio — e assim estava ela. Escondia-se em si própria, brotava do fundo de si própria, e havia nela um orgulho repousante semelhante ao vôo usado do abeto, embora este esteja preso ao solo. Espalhava-se sobre ela uma melancolia, semelhante ao arrulhar do pombo, um profundo desejo sem objeto. Ela era um enigma que enigmaticamente possuía a sua própria solução, um segredo, e que podem valer todos os segredos dos diplomatas perante este? perante este enigma? e que palavra poderá ser tão bela como a que o resolve? Como a linguagem é cheia de significado, como é concisa: resolver — quanta ambigüidade nesta palavra! que beleza e força ela possui em todas as combinações em que intervém! Tal como a riqueza da alma é um enigma, também, enquanto a língua se não solta e assim o enigma se resolve, é a jovem um enigma. — Feliz acaso! — como te agradeço! Se a tivesse visto no inverno, ela estaria talvez envolta na sua capa verde, estaria talvez transida pelo frio, e as intempéries da natureza teriam tornado menor a sua beleza. Mas agora, que felicidade! Avistei-a enfim no início do verão, na mais bela época do ano e à luz de um entardecer. O inverno tem também as suas vantagens. Um salão de dança, brilhantemente iluminado, é um quadro que pode favorecer uma jovem em vestido de baile; mas é raro que ela aí apareça no ponto mais perfeito do seu encanto, precisamente porque tudo lho parece exigir, exigência que, quer ela lhe ceda quer não, cria um efeito desagradável; por outro lado, tudo contribui para dar a impressão do caráter efêmero da situação, da sua vacuidade, e provoca uma impaciência que torna o prazer menos agradável. Há dias em que não seria capaz de passar sem um salão de baile, pois me compraz o seu luxo, a sua inapreciável superabundância de juventude e beleza, e o seu entrechocar de forças de todas as naturezas; mas o que experimento então não é tanto o prazer, antes mergulho no campo das possibilidades. Não é uma única beldade que nos mantém presos

ao seu encanto, mas um conjunto; paira diante dos nossos olhos uma visão em que todas aquelas figuras femininas se confundem, e em que todos os movimentos buscam qualquer coisa, o repouso numa única imagem que se não vê.

Era no caminho que vai de Nörreport a Oesterport; aproximavam-se as seis e meia. O sol perdera já a sua força, dela apenas restava a recordação numa claridade doce que banhava a paisagem. A natureza respirava com maior liberdade. O lago estava calmo, brilhante como um espelho. As calmas moradias de Blegdammen refletiam-se na água que, até grande distância da margem, se apresentava sombria como metal. O caminho e os edifícios do outro lado eram fracamente iluminados pelos raios de sol. No céu, claro e puro, apenas uma nuvem tênue deslizava furtivamente, perceptível sobretudo quando se fixavam os olhos no lago, em cujo espelho desaparecia pouco a pouco. Nem uma folha mexia. — Era ela. Os meus olhos não me enganaram, se bem que a capa verde o tenha feito. Embora já há tanto tempo o esperasse, foi-me impossível dominar uma certa emoção cujo subir e tombar eram como os da cotovia quando, rasando os terrenos vizinhos, se elevava e logo se deixava tombar, cantando. Estava só. Esqueci já como estava vestida, mas agora possuo uma imagem dela. Estava só, aparentemente mergulhada não em si própria, mas nos seus próprios pensamentos. Não pensava, mas o trabalho silencioso dos pensamentos tecia para ela uma imagem de desejos e de pressentimentos, imagem inexplicável como o são os múltiplos suspiros de uma donzela. Estava na flor da sua idade. Neste sentido, uma jovem não se desenvolve como um rapaz, ela não cresce, nasce. Um rapaz começa imediatamente a desenvolver-se, o que demora muito tempo; uma donzela nasce durante muito tempo e nasce mulher feita, mas o instante desse nascimento chega tarde. É por isso que ela nasce duas vezes, e a segunda é quando se casa, ou melhor, é nesse instante que ela cessa de nascer, é apenas nesse

momento que ela nasceu. Não foi apenas Minerva que brotou, acabada e perfeita, do cérebro de Júpiter; não foi apenas Vênus que, em todo o seu encanto, saiu das ondas do mar; toda donzela, cuja feminilidade não foi ainda corrompida por aquilo a que se chama desenvolvimento, é também assim. Ela não desperta por gradações sucessivas, mas de uma só vez; e assim, tanto mais sonhará, desde que as pessoas não sejam tão estúpidas que a acordem demasiado cedo. Esse sonhar é uma prodigiosa riqueza. — Estava pois ocupada, não consigo própria, mas em si própria, e essa ocupação era, também ela, repousante e calma. É assim que uma jovem é rica, e basta aflorar essa riqueza para nos tornarmos ricos também. Ela é rica ignorando que possui seja o que for; mas é rica, pois ela é, em si própria, um tesouro. Uma doce paz reinava sobre ela, e um pouco de melancolia também. Era fácil sopesá-la com o olhar, leve como uma Psiquê transportada por gênios, sim, mais leve ainda, pois ela própria se transportava. Podem os doutrinários discutir a Assunção, não me parece ela inconcebível porque a Madona não era já deste mundo; mas a leveza de uma jovem, essa sim é ininteligível, desafia as leis da gravidade. — Ela não reparava em coisa alguma e, por essa mesma razão, ignorava que alguém reparava nela. Eu mantinha-me a grande distância e bebia a sua imagem com os olhos. Caminhava lentamente, nenhuma pressa perturbava a sua calma ou a paz das coisas em seu redor. Um moço pescava, sentado à beira do lago; e ela parou, olhando a superfície da água e a pequena bóia. Não havia caminhado depressa, mas procurou refrescar-se um pouco; desfez o nó de um pequeno lenço que, sob o xale, trazia à volta do pescoço; um colo branco de neve, e no entanto quente e cheio, foi acariciado por uma brisa leve vinda do lago. O moço não parecia contente por ser observado no seu trabalho de pescador e, tendo-se voltado, olhava-a com um ar assaz fleumático. A sua figura era na verdade ridícula e não posso censurá-la por ter acabado por se rir dele. E que juventude no seu riso; estou certo de que, se estivesse sozinha com o

moço, não temeria bater-se com ele. Os seus olhos eram grandes e radiosos; observando-os com mais atenção, notava-se neles um brilho sombrio a deixar adivinhar profundezas insondáveis porque era impossível penetrar neles; eram puros e inocentes, doces e calmos, cheios de alegria quando sorriam. O nariz era finamente arqueado e, quando a olhava de perfil, como que se recolhia na fronte, tornando-se assim mais pequeno e um tudo nada mais arrebitado. Recomeçou a caminhar, e segui-a. Felizmente que havia vários outros passeantes naquele caminho; trocando algumas palavras com um ou outro de entre eles, deixava-a tomar algum avanço, voltando a alcançá-la pouco depois, mas evitando assim a necessidade de caminhar, a distância, tão lentamente como ela. Dirigia-se para Oesterport. Desejava vê-la de mais perto sem eu próprio ser visto. Na curva do caminho há uma casa onde poderia ter a oportunidade de o conseguir. Conhecia os donos e bastou-me pois fazer-lhes uma visita. Passei por ela a passos largos, não tendo de modo algum o ar de me interessar por ela. Adiantei-me um bom troço de estrada, dirigi uma saudação geral à família e apoderei-me da janela que dá para o caminho. Ela aproximava-se e eu olhava-a, olhava-a, enquanto continuava a tagarelar com os convidados que tomavam chá na sala. O seu modo de andar em breve me convenceu que ela não freqüentara os cursos de uma escola de dança de uma importância por aí além e, no entanto, tal andar era impregnado de um certo orgulho e de uma nobreza simples, mas também de uma certa inconsciência de si própria. Voltei a vê-la ainda uma vez, sem que de modo algum o tivesse esperado. Da janela, a vista não alcançava muito longe, na estrada, mas podia ver uma pequena ponte sobre o lago e, com grande espanto meu, ali a descubro de novo. Vem-me à idéia que ela habita talvez nas redondezas, que a sua família pode ter alugado por aqui algum pequeno apartamento durante o verão. Começava já a lamentar a minha visita temendo que ela voltasse atrás e a perdesse de vista, porque o fato de ela ter

aparecido na outra extremidade da ponte era como um sinal de que ela ia desaparecer da minha vida — eis senão quando ela volta a aparecer outra vez, e bem perto. Acabava de passar diante da casa; rápido, agarro no chapéu e na bengala para tentar ultrapassá-la ainda várias vezes voltando em seguida atrás, para segui-la até descobrir onde ela mora. — Mas na minha pressa, tenho a pouca sorte de tropeçar com uma senhora que servia o chá à companhia. Ergue-se um grito terrível — e ali fico eu com o chapéu e a bengala nas mãos, pensando apenas em me escapar. E, para dar novo aspecto às coisas e arranjar um motivo para a minha retirada, exclamo pateticamente: quero, como Caim, exilar-me destes lugares que viram derramar este chá. Mas tudo parecia conspirar contra mim; o dono da casa tem a infeliz idéia de querer completar a minha observação e jura pelos seus deuses que me não será permitido partir antes de ter tomado uma chávena de chá, sem eu próprio ter oferecido às senhoras o chá derramado, e assim tudo reparar. Completamente convencido como estava de que, naquelas circunstâncias, o meu anfitrião consideraria uma delicadeza chegar mesmo a vias de fato, não havia outra coisa a fazer senão ficar. — Entretanto, ela desaparecera.

16 de maio

Como é belo estar apaixonado e como é interessante saber que se está. Eis a diferença. Poderá irritar-me pensar que, pela segunda vez, ela desapareceu diante dos meus olhos. Mas, em determinado sentido, isso dá-me prazer. A imagem que dela possuo parece ser uma imagem ora real, ora ideal, da sua figura. Evoco agora essa imagem perante os meus olhos; mas é justamente porque representa a realidade, ou porque a realidade lhe foi causa, que ela possui um certo encanto. Não sinto qualquer impaciência pois ela é certamente

de Copenhague e, de momento, isso me basta. Esta possibilidade constitui a condição para que a sua imagem possa realmente aparecer — e é necessário beber o *prazer* a lentos tragos. E como não estaria tranqüilo, eu que ouso considerar-me o filho dileto dos deuses, a quem coube a rara fortuna de se apaixonar uma vez mais? É no entanto algo que nenhuma arte, nenhum estudo, pode fazer desabrochar; é uma dádiva. Mas se consegui fazer nascer um novo amor, quero também ver durante quanto tempo conseguirei mantê-lo. Tratá-lo-ei com maior carinho que aquele que dei ao meu primeiro amor. A sorte não nos bafeja muitas vezes, devemos pois aproveitá-la o mais possível quando se apresenta; o mal está em que não é de modo algum difícil seduzir uma jovem, mas sim encontrar uma que valha a pena ser seduzida. — O amor possui muitos mistérios e, no primeiro, também os há, embora de importância secundária — a maior parte das pessoas lança-se para a frente de olhos fechados, comprometendo-se num noivado ou fazendo qualquer outra parvoíce, e pronto, em menos de um nada tudo está acabado, e ficam sem saber nem o que ganharam, nem o que perderam. Já por duas vezes que ela me apareceu e desapareceu; significa isto que, em breve, aparecerá com mais freqüência. José, tendo explicado o sonho do Faraó, acrescenta: se ele se repetiu por duas vezes é porque o fato está prestes a cumprir-se.

Deveria ser interessante podermos ver, com alguma antecedência, as forças cujo aparecimento condiciona o conteúdo da existência. Agora a sua vida decorre tranqüilamente; não tem ainda a menor suspeita da minha existência, muito menos do que se passa em mim, e menos ainda da segurança com que os meus pensamentos penetram o seu futuro; porque a minha alma anseia cada vez mais pela realidade e assim se vai, cada vez mais, fortalecendo. Quando, à primeira vista, uma jovem me causa uma emoção suficientemente profunda para provocar a imagem do ideal, a realidade não é, na maior parte dos casos, particularmente

desejável; mas, se ela o faz, por muito experimentados que sejamos, quase sempre nos domina a nossa boa fortuna. Àquele que não tem então uma grande segurança e não ousa confiar nos seus olhos e na sua vitória, aconselharei sempre que arrisque o ataque logo nesse primeiro estado em que, precisamente porque se sente dominado, possui forças sobrenaturais; pois tal domínio é uma estranha mistura de simpatia e egoísmo. Mas perderá assim um prazer; porque não poderá gozar a situação, dado que ele próprio se encontra englobado, escondido nela. É difícil dizer o que é mais belo, fácil dizer o que é mais interessante. Mas é sempre bom manter a linha tão tensa quanto possível. No fundo, é esse o verdadeiro prazer e, quanto ao dos outros, por certo que o ignoro. A simples posse pouca importância tem, e os meios de que essa espécie de amantes se serve são, no geral, bastante medíocres; não desdenham utilizar o dinheiro, o poder, a influência de outrem, os soporíferos, etc. Mas poderá o amor ser um prazer quando não comporta o mais absoluto dos abandonos, quero dizer, de um dos dois lados? mas para isso é geralmente necessário ser dotado de espírito, o que, na maior parte dos casos, falta a tais amantes.

19 de maio

Cordélia! Chama-se então Cordélia! Um belo nome, o que não deixa de ter a sua importância, pois pode, muitas vezes, ser assaz desagradável pronunciar um nome feio acompanhado pelas mais ternas expressões. Logo de longe a reconheci; ao seu lado esquerdo acompanhavam-na duas outras jovens. Pelo seu modo de andar dir-se-ia que iam parar em breve. Eu encontrava-me à esquina da rua onde, sem deixar de observar a minha desconhecida, fingia ler um cartaz. As jovens despediram-se. As duas outras tinham-se, sem dúvida, desviado do seu caminho para a acompanharem, pois

voltaram para trás. Ela encaminhou-se na minha direção. Tendo dado alguns passos, uma das jovens correu atrás dela e gritou, em voz suficientemente alta para eu poder ouvir: Cordélia! Cordélia! Depois aproximou-se a terceira; cochichando, mantiveram um conciliábulo íntimo, e foi em vão que, com o meu ouvido mais apurado, tentei surpreender o seu segredo; depois riram-se todas três e, num passo um pouco mais rápido, apressaram-se pelo caminho anteriormente seguido pelas duas companheiras. Seguindo-as, vi-as entrar numa casa de Ved Stranden. Esperei durante muito tempo, convencido que Cordélia iria em breve voltar, sozinha. Mas foi em vão.

Cordélia! Um nome verdadeiramente maravilhoso! era também assim que se chamava a terceira filha do rei Lear, aquela excelente jovem que não tinha o coração ao pé da boca, cujos lábios se mantinham mudos quando o seu coração estava repleto. Assim será também a minha Cordélia. Estou certo que se lhe assemelha. Mas, num outro sentido, ela tem contudo o coração nos lábios, não sob a forma de palavras, mas, de maneira mais acolhedora, sob a forma de um beijo. Que saudáveis são os seus lábios! Nunca vi outros mais belos.

O mistério de que quase rodeio este assunto, mesmo aos meus próprios olhos, é uma prova entre outras de que estou realmente apaixonado. Todo amor tem o seu mistério, e também o amor pérfido desde que nele exista o necessário elemento estético. Nunca me veio à cabeça a idéia de pretender confiar-me a outros, ou gabar-me das minhas aventuras. Acontece pois que estou quase contente por não conhecer ainda a sua direção, mas apenas um sítio onde ela vem muitas vezes. É até possível que, graças a isto, me tenha aproximado da minha finalidade. Posso fazer as minhas observações sem despertar a sua atenção e, a partir desse ponto seguro, não me será difícil encontrar acesso junto da sua família. E a dar-se o caso de esta circunstância se revelar um obstáculo — pois bem! aceitá-la-ei;

tudo que fizer, o farei *con amore;* e é assim que amo, *con amore.*

20 de maio

Hoje consegui algumas informações acerca da casa onde a vi entrar. Habita ali uma viúva com as suas três queridas filhas. Estas não se coíbem de dar superabundantes informações desde que, bem entendido, as possuam. A única dificuldade reside em compreender tais informações, elevadas à terceira potência, pois falam as três ao mesmo tempo. Soube que ela se chama Cordélia Wahl e é filha de um capitão da marinha. Este morreu há já alguns anos, bem como a mãe. Era um homem muito duro e severo. Cordélia vive presentemente com a sua tia paterna que, segundo dizem, deve ter o caráter do irmão, mas é, por outro lado, uma senhora muito respeitável. Até aqui tudo muito bem, mas as três irmãs nada mais sabem; nunca põem os pés em casa de Cordélia, se bem que esta as venha muitas vezes visitar. Segue, com as outras duas, cursos nas cozinhas do Rei. Conseqüentemente vem aqui, em geral, pouco depois do meio-dia, algumas vezes de manhã, mas nunca à noite. Leva uma vida muito recatada.

A história termina aqui e não encontro nela qualquer ponte por onde me seja possível chegar até a morada de Cordélia.

Ela tem pois uma idéia do que são os desgostos da vida, as suas misérias. Vendo-a, quem o poderia adivinhar? Contudo, tais recordações vêm de quando era mais jovem, constituem um horizonte sob o qual ela viveu sem bem se aperceber dele. Ainda bem que assim é, isso salvou a sua feminilidade, e ela não foi corrompida. Por outro lado, isto ajudará a educá-la se soubermos evocar bem tal passado. Todas estas coisas produzem geralmente orgulho, quando não têm um efeito destrutivo, e ela encontra-se muito longe de ter sofrido tal destruição.

21 de maio

Mora em frente das muralhas o que não é um sítio muito favorável para mim, dado que não há vizinhos defronte com quem se possa travar conhecimento, nem lugares públicos de onde seria possível observar sem ser notado. As próprias muralhas constituem um mau posto de observação, pois sobre elas fica-se demasiado exposto. Quanto a passear na rua, será melhor não escolher o lado que ladeia as muralhas porque nunca aí passa ninguém e, sendo demasiado insólito, atrairia as atenções sobre mim; seria pois necessário ir pelo lado das casas de onde nada se vê. Trata-se de um prédio de esquina. Da rua avistam-se também as janelas que dão para o pátio, pois ao lado não há qualquer prédio. Penso que uma dessas janelas seja a do seu quarto.

22 de maio

Encontrei-a hoje, pela primeira vez, em casa da senhora Jansen. Fui-lhe apresentado. O fato pareceu ser-lhe quase indiferente, ou não atrair a sua atenção. Tornei-me o mais insignificante possível para melhor poder observá-la. Ficou apenas um instante, pois apenas viera buscar as suas amigas com quem ia às cozinhas do Rei. Ficamos os dois sós na sala, enquanto as meninas Jansen se vestiam para sair e, com calma frieza, quase negligentemente, disse algumas frases sem importância que, polidamente, ela honrou com uma resposta que nem sequer mereciam. E partiram. Teria podido oferecer-me para as acompanhar, mas tal atitude teria sido suficiente para revelar o galanteador, e não creio ser esse o modo propício para a conquistar. — Não, preferi sair também alguns instantes depois e, por um

caminho diferente e andando muito mais depressa que elas, dirigir-me para as cozinhas do Rei de modo que, ao chegar à esquina da Store Kongensgade, pude, para seu grande espanto, passar por elas quase a correr, sem as cumprimentar, sem parecer sequer dar por elas.

23 de maio

É para mim uma necessidade absoluta conseguir acesso à casa; para tal tenho as armas prontas, como dizem os militares. No entanto, o assunto parece tornar-se assaz complicado e difícil. Nunca conheci uma família que vivesse de modo tão recatado. É apenas ela e a tia. Nenhum irmão, nenhum primo, nem sequer um vago parente afastado a quem deitar a mão, enfim, nem uma palha a que me agarre. Passeio sempre com um dos braços livres e, nesta altura, por nada do mundo seria capaz de sair de braço dado a duas pessoas; o meu braço é como um arpão que é necessário ter sempre a postos, o meu braço está destinado aos acontecimentos fortuitos —- pode acontecer que, num futuro longínquo, apareça um vago parente ou amigo a quem ela me veja, de longe, tomar por um momento o braço — será o primeiro movimento para iniciar a escalada. Aliás não está bem que uma família viva assim tão isolada; priva-se a pobre rapariga da sua possibilidade de travar conhecimento com o mundo, para já não mencionar as outras conseqüências perigosas que do fato podem advir. Isto paga-se sempre. O mesmo sucede quando se trata de arranjar um casamento. Através de um tal isolamento fica-se perfeitamente seguro contra os pequenos furtos. Numa casa onde se recebe muito, a ocasião faz o ladrão. Mas isso não tem grande importância; com tais raparigas não há grande coisa a roubar; apenas com dezesseis anos o seu coração é já um autêntico livro de autógrafos, e nunca tive o desejo de acrescentar o meu nome onde

muitos outros tenham escrito já os seus. Nunca me passa pela cabeça a idéia de pôr o meu nome numa vidraça ou numa parede, nem de o gravar numa árvore ou num banco do parque de Frederiksberg.

27 de maio

Quanto mais a olho mais me convenço de que ela é uma figura isolada. Eis o que um homem não deve ser, nem mesmo quando mancebo; porque, dado que o seu desenvolvimento repousa essencialmente na reflexão, são-lhe necessárias as relações com os outros. Essa é também a razão pela qual uma jovem não deve ser interessante, pois no interessante há sempre uma reflexão relativa ao próprio, tal como, na arte, o interessante é sempre representantivo do artista. Uma jovem que, para agradar, se faz interessante, agradará principalmente a si própria. É isto que há a objetar, de um ponto de vista estético, a qualquer espécie de coquetismo. Muito diferente é tudo aquilo a que, impropriamente, se chama também coquetismo e que provém da própria natureza; por exemplo o pudor feminino, sempre o mais belo dos coquetismos. Assim, uma jovem interessante poderá talvez agradar mas, tal como ela própria abandonou a sua feminilidade, os homens a quem agradará são geralmente, por seu lado, pouco viris. Uma tal jovem não é afinal interessante senão pelas suas afinidades com os homens. A mulher é do sexo fraco e, no entanto, cabe-lhe mais essencialmente que ao homem encontrar-se só durante a juventude; deve bastar-se a si própria, mas é por uma ilusão e dentro dessa ilusão que ela se basta a si própria; foi com esse dote de princesa que a natureza a presenteou. E é precisamente esse abandonar-se à ilusão que a isola. Muitas vezes perguntei a mim próprio por que não haverá nada mais funesto para uma rapariga que conviver muito com outras raparigas.

Manifestamente, isso advém de esse convívio não ser carne nem peixe; limita-se ela a perturbar a ilusão sem a explicar. O destino mais profundo da mulher é ser companheira do homem, mas o convívio com o seu próprio sexo facilmente provocará a este respeito uma reflexão que faz dela uma dama de companhia em vez de uma companheira. A própria linguagem é, a tal respeito, bem significativa, pois chama ao homem senhor e à mulher, não serva ou algo de semelhante, não, mas antes emprega uma determinação de essencialidade, e assim ela é companheira, não dama de companhia. Quisesse eu imaginar a jovem ideal, vê-la-ia sempre só no mundo e, por conseqüência, entregue a si própria, e sobretudo sem amigas. É certo que as Graças eram três, mas ninguém, segundo creio, teve jamais a idéia de as representar conversando entre si; na sua taciturna trindade, formam elas uma bela unidade feminina. A tal respeito quase estaria tentado a recomendar o uso de gaiolas para guardar as moças, caso tal procedimento não tivesse efeitos perniciosos. Seria perfeitamente desejável que uma rapariga mantivesse sempre a sua liberdade, mas sem que lhe fosse dada a ocasião de ser livre. Então ela seria bela e evitaria tornar-se interessante. De nada serve dar um véu de virgem ou de jovem desposada a uma rapariga que se dá muito com outras raparigas; mas o homem dotado de suficiente instinto estético considerará sempre que a jovem inocente, no sentido mais eminente e profundo da palavra, é conduzida até ele velada, mesmo quando não é de regra o véu nupcial.

Rendo homenagem ao pai e à mãe nos seus túmulos pela severa educação que ela recebeu, e ela vive tão retirada que, de gratidão, seria capaz de me lançar ao pescoço da tia. Ela desconhece os prazeres do mundo, é-lhe estranha a saciedade pueril. É orgulhosa, resiste àquilo que constitui o prazer das outras jovens, e é isso que importa. Saberei aproveitar-me desta espécie de mentira. Luxo e vestidos não têm para ela a atração que exercem sobre outras

jovens; agrada-lhe algum tanto travar polêmicas, mas isso é necessário a uma jovem que possui uma imaginação exaltada como a sua. Ela vive no mundo do imaginário. E se viesse a tombar em mãos incipientes, daí poderia resultar algo de bem pouco feminino, precisamente porque existe nela tanta feminilidade.

30 de maio

Os nossos caminhos cruzam-se por todo lado. Hoje, encontrei-a três vezes. Estou a par das suas menores saídas, dos sítios e dos momentos em que a irei encontrar; mas tal não me serve para preparar encontros a sós com ela; pelo contrário, a minha dissipação a tal respeito é enorme. Posso desperdiçar como simples bagatela encontros que, muitas vezes, me custaram várias horas de espera; não me encontro com ela, limito-me a aflorar a periferia da sua existência. Quando sei que ela está para ir à casa da senhora Jansen não faço grande esforço para ali a encontrar, a menos que tenha um profundo interesse em observar algum pormenor; prefiro ir um pouco mais cedo à casa da senhora Jansen e, se possível, encontrá-la à porta no momento em que ela chega e eu me preparo para sair, ou na escada, caso em que, à pressa, passo por ela sem quase lhe dar atenção. São estas as primeiras malhas a apertar ao seu redor. Não a faço parar na rua, onde a saúdo sem nunca me aproximar dela, mas, de longe, estou sempre a visá-la com os olhos. Os nossos contínuos encontros causam-lhe espanto, ela sente sem dúvida que no seu horizonte apareceu um novo astro que, na sua marcha estranhamente regular, exerce sobre a sua uma influência perturbadora; mas não tem a menor idéia da lei que regula esse movimento, é antes tentada a olhar à direita e à esquerda no intuito de descobrir, se possível, o ponto para onde ele se dirige; ignora, tanto como os seus antípodas, que ela própria é esse ponto.

Acontece-lhe o mesmo que à generalidade dos que me rodeiam: pensam que me disperso por um grande número de aventuras, porque estou em perpétuo movimento e, como Fígaro, digo: uma, duas, três, quatro intrigas ao mesmo tempo, eis o meu prazer. É necessário que a conheça em toda a sua vida espiritual, antes de iniciar o meu ataque. A maior parte das pessoas aprecia uma donzela como uma taça de champanhe, isto é, na espuma de um instante, ah! sim, tem a sua beleza, e no caso de algumas jovens é sem dúvida tudo o que se pode alcançar; mas, neste caso, há mais. Se a individualidade é demasiado fraca para suportar a claridade e a transparência, pois bem! saboreemos o que é obscuro; aparentemente, Cordélia é capaz de as suportar. Quanto maior é o abandono que se traz ao amor, mais o interesse aumenta. Este gozo do instante é uma violação num sentido espiritual, se não em aparência, e numa violação o gozo é apenas imaginário, ele representa, como um beijo roubado, algo que nada vale. Não, se nos é possível conseguir de uma jovem que ela só veja uma única finalidade para a sua liberdade, a de se entregar, que ela reconheça nessa entrega a sua suprema felicidade, e que a obtenha quase à força de insistência, mantendo-se livre. É só então que se poderá falar do prazer e, para chegar a tal ponto, a influência espiritual é sempre necessária.

Cordélia! Que nome magnífico! — Fico em casa e, como um papagaio, exercito-me a tagarelar, digo: Cordélia, Cordélia, minha Cordélia. Tu, minha Cordélia! Não posso deixar de sorrir ao lembrar-me da prática com que um dia, num instante decisivo, pronunciarei estas palavras. É sempre necessário fazer estudos prévios, tudo deve estar sempre bem ensaiado. Não é de espantar que os poetas descrevam sempre esse primeiro instante do tratamento por tu, esse belo momento em que os amorosos se despojam e, não por aspersão (embora haja muitos que não chegam mais longe), mas pela descida às águas do amor, e apenas então, ao saírem desse batismo, se

compreendem bem como velhos conhecidos, embora apenas se conheçam há um instante. Não há instante mais belo para uma jovem e, para o desfrutar completamente, é necessário colocarmo-nos sempre numa posição de superioridade, de modo a sermos não apenas o catecúmeno, mas também o sacerdote. Com o auxílio de um pouco de ironia, o segundo instante desse momento torna-se um dos mais interessantes, e equivale a um desnudamento espiritual. É necessário ter poesia bastante para não trair o encanto do momento, e o ator deve ter sempre o seu papel de cor.

2 de junho

Ela é orgulhosa, de há muito que o sei. Quando está com as suas amigas Jansen, fala muito pouco, e é evidente que a sua tagarelice a aborrece, há um sorriso em volta dos seus lábios que parece levar a crê-lo. Conto com este sorriso. — Noutros momentos, e com grande espanto das Jansen, pode quase animar-se como um rapaz. Mas, recordando a sua vida de criança, compreendo-o bem. Tinha apenas um irmão, mais velho que ela um ano. Apenas conheceu pai e irmão, foi testemunha de episódios tristes, tudo coisas suscetíveis de provocar o enjôo pela tagarelice comum. O pai e a mãe não foram felizes juntos; o que, de maneira mais ou menos precisa ou obscura, atrai geralmente uma jovem, não a atrai a ela. É possível até que desconheça qual o verdadeiro papel de uma rapariga. É possível que, em certos instantes, ela não deseje ser uma rapariga, mas um homem.

É dotada de imaginação, de alma, de paixão, numa palavra, de tudo o que é de natureza essencial, mas não subjetivamente refletido. Hoje, um caso específico veio confirmar esta opinião. Sei, pelas irmãs Jansen, que ela não toca piano por ser contra os princípios de sua tia. Sempre o lamentei pois que, através da música,

se encontra sempre um cômodo meio de comunicação com uma jovem, desde que, como é óbvio, não se tenha a imprudência de tomar atitudes de entendido. Hoje fui à casa da Senhora Jansen; havia entreaberto a porta sem bater, imprudência que me é muitas vezes útil e que, sempre que necessário, remedeio pelo ridículo, isto é, batendo à porta já aberta — ali estava ela, sozinha, ao piano — parecia tocar às escondidas — era uma ariazinha sueca — a sua destreza não era grande, impacientava-se mas logo se faziam ouvir sons mais melodiosos. Voltei a fechar a porta e fiquei cá fora, escutando as tonalidades dos seus estados de alma; havia por vezes na sua interpretação um fervor que me fazia lembrar Mettelil, a que tocava a sua harpa de ouro de modo a fazer brotar o leite dos seus seios. — Na sua dicção havia algo de melancólico, mas também de dionisíaco. — Teria podido aparecer então, teria podido aproveitar esse instante — mas seria um erro. — A recordação não é exclusivamente um meio de conservar, mas também um meio de aumentar, pois o que está embebido em recordação tem um duplo efeito. — Muitas vezes se encontra nos livros, sobretudo nos livros de cânticos, uma florinha seca — a razão para ali ser colocada deve ter sido um belo instante, outrora, mas, mesmo assim, a recordação é ainda mais bela. Evidentemente, ela esconde que toca piano, ou talvez só saiba tocar aquela ariazinha sueca! — Terá acaso para ela um interesse particular? — Nada sei de tudo isto, mas é por isso que o incidente tem para mim tanta importância. Um destes dias, quando tiver ocasião de falar mais intimamente com ela, conduzi-la-ei inocentemente para este assunto e fá-la-ei cair nesta armadilha.

3 de junho

Não posso decidir ainda como deverá ela ser compreendida; assim, conservo-me perfeitamente quieto, apagado — sim, como a

sentinela na trincheira que se lança por terra a fim de escutar o menor eco do inimigo que avança. Porque, para ela, eu não existo; não se trata de uma relação negativa, mas de uma relação inexistente: Até aqui não ousei qualquer experiência. — Vê-la e amá-la, é assim que se exprimem nos romances — sim, é assaz verdadeiro desde que o amor não tenha dialética; mas, ao fim e ao cabo, que podem os romances ensinar-nos acerca do amor? Apenas mentiras que ajudam a passar o tempo.

Segundo as informações que presentemente possuo, e quando penso na emoção que me causou o primeiro encontro, verifico que a concepção que tinha a respeito dela se modificou bastante, tanto a seu como a meu favor. É certo que nem todos os dias acontece encontrar-se uma jovem completamente só, nem que ela esteja mergulhada assim em si própria. Segundo a prova da minha severa crítica ela era: encantadora. Mas o encanto é um elemento muito fugaz que passa como o dia de ontem, que já acabou. Não a tinha imaginado no quadro em que vive, nem, sobretudo, tão imediatamente familiarizada com as tormentas da vida.

Quem me dera conhecer os seus verdadeiros sentimentos. Não creio que alguma vez se tenha sentido apaixonada, pois o seu espírito é muito desordenado para tal; acima de tudo, não pertence à classe das virgens teoricamente experientes, para as quais, muito antes do tempo, é tão *geläufig*[12] imaginarem-se nos braços de um marido. As figuras da vida real, vindas ao seu encontro, não foram capazes de confundir o seu espírito quanto à relação entre o sonho e a realidade. A sua alma alimenta-se ainda com a divina ambrosia dos ideais. Mas o ideal que flutua diante dos seus olhos não é decerto uma pastora ou uma heroína de romance, nem uma amorosa, mas uma Joana d'Arc, ou algo de muito semelhante.

Falta ainda saber se a sua feminilidade é suficientemente forte para a deixar refletir-se, ou se ela deseja apenas que a colham como se colhe a beleza e o encanto; resta saber se poderemos ousar esticar

a corda ainda mais. É muito já encontrar uma imediata feminilidade, mas se nos arriscarmos a provocar a mudança, encontraremos o interessante. Neste caso, o melhor será atirar-lhe, muito simplesmente, com um pretendente para os braços. Acreditar que isto possa ser nocivo a uma jovem é, por parte das pessoas, uma superstição. — É assim, se ela for uma planta muito fina e delicada que na sua vida tem apenas um único fausto: o encanto; será então melhor para ela nunca ter ouvido falar de amor; mas no caso contrário há tudo a ganhar e, no caso de não existir já um, nunca eu hesitaria em arranjar-lhe pretendente. Mas tal pretendente não deverá também ser uma caricatura que de nada serviria; deve ser um mancebo verdadeiramente respeitável, e até amável se possível for, mas no entanto nunca o bastante para a paixão da jovem. Ela tratará com altivez um homem assim, perderá o gosto pelo amor, perderá quase a confiança na sua própria realidade logo que se dê conta do seu destino e veja o que a realidade lhe oferece; dirá então: se amar é apenas isto, não é grande coisa. Ela torna-se orgulhosa no seu amor, e esse orgulho torna-a interessante, enriquecendo a sua natureza com um matiz superior; mas, por outro lado, fica mais próxima da sua perca, e tudo isto a torna continuamente cada vez mais interessante. Entretanto, o mais judicioso será observar primeiro o círculo dos seus amigos para ver se, entre eles, existirá um tal pretendente. Em casa dela não se depara qualquer oportunidade, pois quase ninguém a visita. Mas, por vezes, ela freqüenta outras famílias onde seria talvez possível encontrá-lo. É sempre perigoso arranjar um pretendente antes de ter colhido informações a este respeito; dois pretendentes de idêntica insignificância poderiam ser nocivos pela sua relatividade. Enfim, hei de ver se não se esconde em qualquer parte um tal apaixonado, um apaixonado que não tem a coragem de atacar a casa, um ladrão de galinhas que não vê qualquer possibilidade numa casa de tal modo claustral.

O princípio estratégico, a lei que deve regular todos os movimentos nesta campanha, será pois apenas entrar em contato com ela quando uma situação oferecer interesse. O *interessante* constitui assim o terreno sobre o qual se deve travar a luta, e o potencial do interessante deve ser esgotado. A menos que me tenha iludido bastante, toda a sua natureza está predisposta nesse sentido, de modo que o que peço é precisamente o que ela dá, sim, o que ela própria pede. O essencial é adivinhar o que cada uma pode oferecer e, conseqüentemente, o que ela pretende. É por isso que todas as minhas aventuras de amor têm sempre uma realidade para mim próprio, constituem um elemento da vida, um período de formação de que estou bem seguro, e muitas vezes a ele se liga um talento especial adquirido: aprendi a dançar por causa da primeira jovem que amei, aprendi a falar francês por causa de uma bailarina. Nesses tempos o meu domínio era a praça pública, tal como o é para todos os papalvos, e muitas vezes fui enganado. Hoje, procuro primeiro regatear o preço. Mas, como a sua vida fechada o parece indicar, terá ela talvez esgotado um aspecto do interessante. Trata-se pois de encontrar um outro aspecto que, à primeira vista, lhe não parece sê-lo, mas que — justamente por causa desse obstáculo — se lhe torne interessante. Para tal fim não escolho o poético, mas o prosaico. Comecemos pois por aí. A sua feminilidade começará por ser neutralizada pelo bom senso e o gracejo prosaicos, não diretamente, mas sim indiretamente, bem como por aquilo que é absolutamente neutro: o espírito. Ela quase perderá a sua feminilidade para si própria, mas, em tal situação, ser-lhe-á impossível isolar-se, e lançar-se-á nos meus braços, não como se eu fosse um amante, mas de modo totalmente neutro; acordará então a sua feminilidade que arrancaremos do esconderijo para a elevar à sua elasticidade extrema; se a fizer embater contra qualquer obstáculo real, passará além; a sua feminilidade atingirá um apogeu quase sobrenatural, e ela pertencer-me-á com uma paixão soberana.

5 de junho

Não precisava ir muito longe. Ela freqüenta a casa do Senhor Baxter, o negociante. Ali a encontrei, bem como a um homem à medida exata dos meus projetos. Eduardo, o filho mais velho, está perdidamente apaixonado por ela, o que, até com um olho fechado, se vê olhando os seus. Trabalha na casa comercial de seu pai. É um mancebo bonito, bastante simpático, um pouco tímido, o que, a seus olhos, segundo se me afigura, o favorece.

Pobre Eduardo! Não sabe de todo como se conduzir quanto aos seus sentimentos. Quando sabe que ela lá está à tarde, prepara-se exclusivamente por sua causa, põe o seu fato preto novo exclusivamente por sua causa, punhos brancos exclusivamente por sua causa, e acaba assim por fazer uma figura quase ridícula, ao aparecer na sala entre as outras pessoas com os seus fatos habituais. O seu embaraço é tão grande que parece milagre e, se fosse um disfarce, Eduardo não seria um concorrente perigoso. É muito difícil fazer uso do embaraço, mas pode-se ganhar muito com ele. Já por várias vezes o tenho utilizado na conquista de alguma jovenzinha. As raparigas falam geralmente com muito desdém dos homens embaraçados mas, secretamente, gostam bastante deles. Um toque de embaraço lisonjeia a vaidade de uma jovem, fá-la sentir a sua superioridade, é como um brinde que se lhe concede. Adormecidas as desconfianças, escolhe-se uma ocasião em que elas teriam precisamente razões para pensar que se morre de embaraço para lhes mostrar que, muito pelo contrário, se é perfeitamente capaz de andar sem auxílio. O embaraço priva os homens do seu caráter masculino, e é por isso que serve relativamente bem para equilibrar os sexos, e, por conseqüência, as mulheres sentem-se humilhadas ao compreenderem que se tratava apenas de um

disfarce, coram de si próprias, e compreendem então muito bem que, de certo modo, ultrapassaram os seus limites; é como quando continuam, durante muito tempo, a tratar um rapaz como se ele fosse ainda uma criança.

7 de junho

Eis-nos pois amigos, Eduardo e eu; uma verdadeira amizade, as melhores relações existem entre nós, tais como não foram vistas desde a mais bela época da Grécia. Depressa nos tornamos íntimos logo que o levei a confiar-me o seu segredo, mas apenas depois de lhe ter arrancado numerosos comentários a propósito de Cordélia. Escusado será dizer que, depois de todos estes segredos reunidos, não havia qualquer razão para deixar de me confiar aquele. Pobre rapaz! já há muito tempo que ele suspira. Arranja-se com extremos de cuidado cada vez que ela vem, depois acompanha-a quando, ao anoitecer, ela volta a casa, o coração vibra-lhe ao pensar que o braço dela repousa no seu, durante o caminho observam as estrelas, ele puxa a sineta da casa, ela desaparece, ele desespera — mas mantém a esperança para a próxima vez. Ele, que tem tido tão soberbas ocasiões, não teve ainda a coragem de pôr os pés na soleira da sua porta. Embora, no fundo de mim próprio, não me possa impedir de troçar de Eduardo, acho mesmo assim que, na sua candura, algo de belo existe. Embora eu pense conhecer praticamente tudo que constitui o erotismo, nunca observei em mim próprio um estado semelhante, esta angústia e este tremer do amor, ou seja, nunca o constatei em tal grau que me tenha feito perder o auto-domínio pois, de outro modo, conheço-o bem, embora em mim, tenha como efeito tornar-me mais forte. Poderá talvez alguém dizer que, nesse caso, não devo ter estado nunca verdadeiramente apaixonado; é possível. Censurei Eduardo, encorajei-o a confiar na nossa amizade. Amanhã

terá ele de dar um passo decisivo, deve ir pessoalmente a sua casa, para a convidar. Tive a idéia atroz de o levar a pedir-me que o acompanhasse. Toma-a por uma excepcional prova de amizade. A ocasião apresenta-se exatamente como eu a desejara, isto é, aparecerei como uma rajada de vento. E se ela tinha a menor dúvida sobre o significado da minha conduta, esta vai decerto conseguir embrulhar tudo de novo.

Nunca tive o hábito de me preparar para uma conversa, mas sou agora obrigado a isso a fim de poder falar com a tia, pois assumi o respeitável encargo de conversar com ela e encobrir assim as tentativas amorosas de Eduardo para com Cordélia. Em tempos, a tia viveu por alguns anos no campo, e graças aos meus próprios estudos, assaz aprofundados de obras de economia rural, bem como às informações, baseadas na sua experiência pessoal, que a tia me vá dando, faço progressos nos meus conhecimentos e nas minhas aptidões.

É completo o meu sucesso junto à tia; considera-me como um homem judicioso e sério, com o qual se pode ter prazer em conversar, e que é muito diferente dos nossos ridículos elegantes. Não pareço porém ter caído particularmente nas boas graças de Cordélia. É verdade que ela possui uma feminilidade demasiado pura, demasiado inocente, para exigir que todos os homens lhe façam a corte; mas tem, em muito alto grau, a intuição do que há de rebelde na minha existência.

Quando me vejo assim instalado na sala, tão acolhedora, quando, como um anjo, ela espalha em redor o seu encanto sobre aqueles que entram em contato com ela, sobre bons e maus, sinto-me por vezes impaciente, sou tentado a lançar-me para fora do meu esconderijo; porque, embora aos olhos de toda a gente esteja simplesmente sentado na sala, a verdade é que estou de emboscada; sinto-me tentado a agarrar-lhe a mão, a beijar a jovem, a escondê-la em mim no temor de a ver ser-me roubada por outro. Assim, quando,

ao entardecer, Eduardo e eu a deixamos, e ela me estende a mão para se despedir, quando a seguro na minha, é-me por vezes difícil deixar a pequena ave escapar-se-me da mão. Paciência! — *quod antea fuit impetus, nunc ratio est*[13] — ela deverá estar envolta de modo bem diferente nas minhas redes, antes que eu liberte todo o irresistível poder do amor. Tal instante não terá sido por nós destruído com meras guloseimas, com antecipações intempestivas, e bem mo deverás agradecer, minha Cordélia. Laboro no desenvolvimento dos contrastes, estendo o arco do amor a fim de produzir ferida mais funda. Como um arqueiro, vou estendendo e distendendo alternadamente a corda do meu arco, ouço a sua melodia, e é um cântico guerreiro; mas não viso ainda, não pouso a flecha na corda.

Quando um pequeno número de pessoas se reúne muitas vezes na mesma sala, cria-se facilmente uma tradição segundo a qual cada um terá o seu lugar próprio, o seu posto, e o todo torna-se um quadro, como que uma carta do terreno que, em qualquer instante, podemos abrir à nossa frente. Presentemente, em casa das Wahl, formamos juntos um quadro assim. À tarde, serve-se o chá. A tia, que até aí estivera sentada no sofá, toma então geralmente o seu lugar diante da pequena mesa de trabalho, de onde Cordélia se retira para se aproximar da mesa de chá, em frente do sofá; Eduardo segue-a e eu sigo a tia. Eduardo arma em misterioso, tenta segredar e, regra geral, consegue-o tão bem que fica completamente mudo; mas eu não faço tanto mistério das minhas efusões para com a tia, falo dos preços do mercado, do número de bilhas de leite necessário para fazer uma libra de manteiga, sirvo-me da nata como intermediário e da batedeira como dialética — eis aí coisas que uma donzela pode não só escutar sem perigo mas que, por outro lado, o que é muito mais raro, constituem uma conversação sólida, substancial e edificante, tão enobrecedora para o espírito como para o coração. Em geral, viro as costas à mesa e aos sonhos de Eduardo

e Cordélia, para sonhar em uníssono com a tia. E não é a natureza grande e sábia no que às suas produções se refere? Que dom precioso constitui a manteiga, que magnífico resultado de natureza e arte! Estou quase certo de que a tia nunca seria capaz de ouvir o que se diz entre Eduardo e Cordélia, isto desde que algo fosse realmente dito; foi essa promessa que fiz a Eduardo e eu cumpro sempre a minha palavra. Em contrapartida, ouço perfeitamente qualquer palavra por eles trocada, e mesmo cada movimento, por menor que seja. Isto é importante para mim, porque nunca se sabe o que um homem, no seu desespero, é capaz de arriscar. Os homens mais prudentes e os mais tímidos atrevem-se por vezes aos atos mais loucos. Embora eu de modo algum me pareça interessar pelo que se passa entre os dois jovens solitários, é perfeitamente claro que Cordélia sente constantemente a minha presença invisível entre ela e Eduardo.

Não deixa de ser singular o quadro que nós quatro formamos. Se me fosse necessário procurar entre os quadros conhecidos por certo que encontraria facilmente uma analogia, tanto mais que, no meu foro interior, penso em Mefistófeles; a única dificuldade reside no fato de Eduardo não ser um Fausto. E, se eu próprio me metamorfoseio em Fausto, a dificuldade mantém-se porque Eduardo não é de modo algum um Mefistófeles. E também eu o não sou, sobretudo aos olhos de Eduardo. Este toma-me pelo gênio bom do seu amor, e faz bem; pode pelo menos ter certeza de que ninguém poderia velar pelo seu amor com um cuidado maior que o meu. Prometi-lhe conversar com a tia e cumpro com toda a seriedade essa respeitável tarefa. A tia quase se desfaz, perante os nossos olhos, em pura e simples economia rural; visitamos a cozinha, a cave, o sótão, falamos das galinhas, dos perus, dos patos, etc., e tudo isto choca Cordélia. Naturalmente ela não se pode dar conta das minhas verdadeiras intenções. Continuo a ser um enigma para ela, mas um enigma que não tem desejos de resolver e que a irrita, sim, que a

indigna mesmo. Sente muito bem que a tia se torna quase ridícula, e que a tia é, no entanto, uma senhora tão digna de veneração que por certo não merece que tal lhe suceda. Por outro lado, represento tão bem o meu papel, que ela sente perfeitamente a inutilidade de tentar demascarar-me. Por vezes conduzo a representação um pouco mais longe até levar Cordélia a sorrir da tia, às escondidas. Mantenho invariavelmente uma seriedade extrema, mas ela não consegue deixar de sorrir. Eis a primeira falsa lição, é necessário ensiná-la a sorrir ironicamente; mas este sorriso atingir-me-á quase tanto como à própria tia, pois ela não sabe em absoluto o que pensar de mim. É no entanto possível que eu seja simplesmente um desses mancebos precocemente envelhecidos — é sempre possível; outras coisas são também possíveis. Após ter sorrido da tia, indigna-se contra si própria; volto-me então e, continuando a conversar com a tia, olho-a com muita gravidade; então ela sorri de mim, da situação.

As nossas relações não são as dos carinhos ternos e fiéis da compreensão, nem as da sedução, mas as dos impulsos contrários entre si, do desentendimento. Na verdade, as minhas relações com ela não se assemelham a coisa alguma; são de natureza espiritual, o que naturalmente é, para uma jovem, coisa alguma. Contudo o meu método atual apresenta excepcionais vantagens. Quando se arma ao galanteador, desperta-se uma suspeita e suscita-se uma resistência contra si próprio; estou a salvo de tudo isto. Não sou vigiado, muito pelo contrário, mais depressa estariam inclinados a encarar-me como um homem de confiança, apto a vigiar uma donzela. O método tem apenas um defeito. Leva tempo, pelo que apenas pode ser empregue com vantagem no caso de indivíduos para quem é o interessante que tem valor.

Que força rejuvenescedora a de uma rapariga; nem a frescura do ar matinal ou a maresia, nem o sopro do vento, nem o perfume do vinho ou o seu sabor — nada, em todo o mundo, possui uma tal força rejuvenescente.

Tenho esperança de a conseguir levar em breve a odiar-me. Tomei já completamente o aspecto de um solteirão. Só falo no prazer de me instalar confortavelmente numa boa poltrona, de me deitar numa cama bem fofa, em ter um criado honesto e um amigo dedicado em quem possa confiar em quaisquer circunstâncias. Agora, se conseguir levar a tia a abandonar as suas reflexões sobre a economia rural, será de tais coisas que conversarei a fim de encontrar uma ocasião mais propícia para ironizar. É possível rir de um solteirão e chegar mesmo a ter pena dele; mas uma tal conduta num mancebo, que possui no entanto algum espírito, revolta qualquer donzela, porque aniquila tudo o que o seu sexo significa, toda a sua beleza e poesia.

Assim decorrem os dias. Vejo-a, mas não lhe falo, falo com a tia na sua presença. Mas por vezes, durante a noite, acontece-me dar livre curso ao meu amor. Passeio então defronte das suas janelas, envolto na minha capa e de chapéu derrubado para os olhos. O seu quarto de cama dá para o pátio mas, porque a casa é de esquina, é possível avistá-lo da rua. Algumas vezes ela deixa-se ficar por um instante junto da janela ou abre-a para olhar as estrelas, e ninguém a vê, salvo aquele que é, sem dúvida, a última pessoa por quem ela se julgaria observada. A estas horas mortas rondo então como um espírito, como um espírito assombro o lugar onde se encontra a sua morada. E então esqueço tudo, não tenho projetos, não faço cálculo algum, lanço a razão pela borda fora, dilato e fortifico o meu coração com profundos suspiros, exercício que me é necessário para não ser constrangido pelo que, na minha conduta, existe de sistemático. Outros serão virtuosos durante o dia e pecadores à noite; eu sou pura dissimulação de dia, e à noite, apenas desejos. Ah! se ela pudesse penetrar na minha alma — se!

Se esta jovem pretende ver claro em si própria, tem de confessar que sou o homem que lhe convém. É demasiado apaixonada, as suas emoções são demasiado profundas para ser feliz

no casamento; nem de longe seria o bastante deixá-la perder-se nos braços de um puro e simples sedutor; porém, se ela se perder graças a mim, salvará de tal naufrágio o que é interessante. Em relação a mim ela deve, segundo um jogo de palavras dos filósofos: *zu Grunde gehen.*[14]

No fundo, está farta de ouvir Eduardo. Como sempre sucede quando se fixam limites apertados ao que é interessante, tanto maior o número de motivos de interesse que se vão descobrindo. Por vezes, ela escuta a minha conversa com a tia. Quando tal sucede, um indício, breve despontar no horizonte, chega como de um outro mundo, causando tanta admiração à tia como à própria Cordélia. A tia vê o relâmpago mas nada ouve, Cordélia ouve a voz mas nada vê. Mas, no mesmo instante, tudo volta a entrar na ordem estabelecida, e a conversa com a tia prossegue o seu caminho monótono como os cavalos de posta no silêncio da noite; acompanha-a o ronronar melancólico do samovar. Em tais momentos a atmosfera do salão torna-se por vezes lúgubre, principalmente para Cordélia. Não tem ninguém a quem falar, ninguém a quem escutar. Se se volta para Eduardo corre o risco de que este, no seu embaraço, faça qualquer disparate; se se volta para o outro lado, para a tia e para mim, a segurança que aí reina, o ritmo monótono da conversa bem cadenciada, face à falta de segurança de Eduardo, criam o mais desagradável dos contrastes. Compreendo perfeitamente que, para Cordélia, a tia deve ter o aspecto de estar enfeitiçada, dado que se move inteiramente segundo o ritmo marcado por mim. Além disso, não lhe é possível tomar parte na nossa conversa; isto porque um dos meios de que me permiti servir-me para a revoltar tem sido tratá-la como uma autêntica criança. Não que, para tal, me permita tomar liberdades com ela, nem nada que se assemelhe! Bem sei que perturbação daí pode resultar, e o que importa sobretudo é que a sua feminilidade possa vir a erguer-se em toda a sua pureza e encanto. Em vista das minhas relações de intimidade com a tia, é-me fácil

tratá-la como uma criança que não conhece as coisas deste mundo. De tal modo, não melindro a sua feminilidade, apenas a neutralizo; pois que a sua feminilidade não pode ser melindrada por um conhecimento das subidas e descidas de preços no mercado; o que a pode revoltar é que tal coisa represente o supremo interesse da vida. A este respeito, e graças à minha enérgica ajuda, a tia ultrapassa a si própria. Tornou-se quase fanática, o que me poderá agradecer. A única coisa em mim que ela não pode admitir é que eu não tenha qualquer ofício. Agora tomei o hábito de dizer de cada vez que se fala de um emprego vago: aí está o que me convém, e depois falar gravemente do assunto com ela. Cordélia continua a ver a ironia, mas é tudo que desejo.

Pobre Eduardo! E que pena ele não se chamar Fritz. De cada vez que, nas minhas meditações, penso nas relações que tenho com ele, sou sempre levado a lembrar-me do Fritz, personagem de *A Noiva.* Como o seu modelo, Eduardo é, além do mais, cabo na guarda nacional. E, escusado será dizê-lo, é também tão enfadonho como ele. É terrivelmente desajeitado, e chega sempre muito bem posto e engomado. Por amizade para com ele, mas *unter uns gesagt,*[15] eu apareço tão pouco cuidado quanto possível. Pobre Eduardo! A única coisa que quase me faz pena é que ele me está infinitamente obrigado, e a tal ponto que quase nem sabe como agradecer-me. Realmente, aceitar agradecimentos por isto é demasiado.

Então? não podereis manter-vos tranqüilos? Durante toda a manhã não tendes feito outra coisa senão sacudir a minha persiana, abanar o meu espelho refletor e o cordão que pende ao lado, brincar com a sineta do terceiro andar, bater nos vidros, numa palavra, anunciar a vossa presença de todos os modos possíveis como se me fizésseis sinal para ir juntar-me a vós. Sim, faz um belo tempo, mas não me apetece sair, deixai-me aqui... Ó zéfiros jocosos e ladinos! Vós, alegres crianças, podeis ir muito bem sem mim; ide, como sempre, brincar com as raparigas. Sim, bem sei, ninguém é capaz de

beijar uma jovem de modo tão sedutor como vós; é inútil que ela tente escapar-vos, não conseguirá desvencilhar-se dos vossos tentáculos — e nem mesmo o quer; porque vós refrescais e acalmais, não produzis excitação... Segui o vosso caminho, deixai-me para trás... Então? O prazer não é o mesmo sem mim, pensais, não é no vosso interesse que o fazeis... Pois bem, sigo-vos; mas com duas condições. Primeiro! Vive em Kongens Nytorv uma jovem deliciosa que, além disso, tem a impudência de me não querer amar, sim, pior ainda, ama outro, e chegaram já ao ponto de passearem de braço dado. Sei que ele irá buscá-la à uma hora. Quero pois que me prometam que aqueles de entre vós que melhor sabem soprar se escondam em qualquer lado, mas pertinho, até o momento de ele sair à porta com ela. No instante preciso em que ele irá para penetrar na Store Kongensgade, este destacamento atacará e, do modo mais delicado, tirar-lhe-á o chapéu da cabeça pondo-o a dançar diante dele, aproximadamente à distância de uma vara[16] e com moderada velocidade; não muito depressa, pois poderia ele voltar para casa. É necessário que ele esteja constantemente sob a impressão de conseguir agarrar o chapéu no momento seguinte; não deverá sequer abandonar o braço da jovem. Assim os conduzireis ao longo da Store Kongensgade, e pelas muralhas até Nörreport, em Höjbroplades... Quanto tempo será necessário? Aproximadamente uma meia hora, creio. Vindo de Ostergade, estarei aí exatamente à uma e meia. Tendo o citado destacamento conduzido os apaixonados até o meio da praça, desencadeará contra eles um violento ataque, durante o qual fará voar o chapéu da jovem, lhe porá os caracóis em desalinho, erguerá o seu xale, enquanto, ao mesmo tempo, o chapéu do mancebo se porá a subir alegremente pelo ar afora; numa palavra, criareis uma confusão destinada a provocar as gargalhadas, não só da minha parte, mas também do excelentíssimo público. Os cães põem-se a ladrar, o guarda da torre a tocar a rebate, e tereis o cuidado de fazer voar até mim o chapéu da donzela, de modo a ser

eu o afortunado que lho devolverá. — E agora, segunda condição! O destacamento que me seguir deverá obedecer ao menor dos meus sinais, nunca ultrapassará os limites do decoro, não ofenderá qualquer donzela, e não tomará liberdades, que durante toda esta farsa, poderiam nublar a sua alegria, privar os seus lábios do sorriso ou os seus olhos de paz, e angustiar o seu coração. Se qualquer um de entre vós se comportar de outro modo, sereis todos malditos. — E agora a caminho da vida e da alegria, da juventude e da beleza; mostrai-me o que já tantas vezes vi e nunca me fatigarei de admirar, mostrai-me uma jovem bela, fazei-a desabrochar em toda a sua beleza de modo que se torne mais bela ainda; observai-a de modo que ela sinta prazer nesse exame! — Decidi passar por Bredgaden mas, como sabeis, só estarei livre à uma hora e meia.

Eis uma jovem que se aproxima, elegante e empertigada; mas a verdade é que hoje é domingo... Temperai-a um pouco, animai-a com um leque de frescura, deslizai docemente por sobre a sua cabeça, enlaçai-a aflorando-a inocentemente! Oh! que eu adivinhe o tom finamente rosado das suas faces; os lábios adquirem um colorido mais vivo, o seio ergue-se... Não é verdade? não será de uma beatitude inexprimível, minha pequena, aspirar este sopro tão cheio de frescura? A volta do seu vestido ondula como uma folha no vento. Como é saudável e forte o modo como respira. O seu andar torna-se mais lento, ela é quase levada pela doce brisa, como uma nuvem, como um sonho... Soprai um pouco mais, a haustos mais longos!... Ela recolhe-se; as mãos erguem-se para o pescoço cobrindo-o com a maior precaução, não vá alguma rajada ser suficientemente indiscreta para se introduzir, lesta e fresca, sob o tecido leve... E ela enrubesce mais saudavelmente, as faces ficam mais cheias, os olhos mais transparentes, o andar mais ritmado. A menor atribulação embeleza os seres. Todas as jovens se deveriam enamorar pelos zéfiros; porque não existe nenhum homem que, como eles, seja capaz de lhes realçar a beleza lutando contra elas... Ei-la que se inclina um

pouco, a cabeça baixa-se para a ponta dos pés… Parai um pouco! É demasiado, a cintura dilata-se, ela perde um pouco da sua esbelta figura… Refrescai-a um pouco!… Não é verdade, minha filha? Quando se está afogueado, é agradável sentir estes leves frêmitos de frescura; é-se quase tentado a abrir os braços de gratidão, de alegria de viver… Ela volta-se de lado… Vamos, depressa, um sopro vigoroso para que eu possa adivinhar a beleza das formas!… Mais vigor! para que o tecido se case melhor com os contornos… Não, foi demasiado! A sua atitude já não é bela, e perturbais o seu passo lesto… Ei-la que se volta de novo… Agora, soprai com mais força, que ela se revele!… Basta, é demais: um dos seus caracóis desmanchou-se… Por favor, dominai-vos! — E eis que se aproxima um regimento em peso:

Die eine ist verliebt gar sehr;
Die andre wäre es gerne.[17]

Sim, não se pode negar que é uma forma infeliz de passar a vida, passear com o futuro cunhado de braço dado. Para uma jovem isto representa pouco mais ou menos o mesmo que significa para um homem o lugar de ajudante de escritório… Mas, pelo menos, o ajudante de escritório pode avançar; tem o seu lugar seguro na empresa, está presente nas ocasiões excepcionais — mas o que cabe a uma cunhada?… Soprai agora, soprai um pouco mais rápido! quando se dispõe de um apoio firme, não é difícil resistir… o centro adianta-se energicamente, as asas não conseguem prosseguir… O cunhado tem os pés bem assentes no chão, o vento não o faz sequer estremecer, tem demasiado peso — mas também demasiado peso para que as asas o possam erguer do solo. Ele avança cheio de energia a fim de provar — o quê? — que é um corpo pesado; e quanto mais inamovível é o homem, mais a jovem perde… Ó encantadoras damas, por favor, permiti que vos dê um bom conselho: abandonai o vosso futuro marido, ou o vosso futuro cunhado, avançai sozinhas e vereis o prazer que daí é possível tirar… agora, soprai um pouco mais

docemente!... como elas se debatem nas ondas do vento; vede como se encontram frente a frente, voando dos dois lados da rua — haverá acaso uma música de dança que consiga proporcionar alegria mais jovial? e no entanto o vento não fatiga, fortifica... Agora lançam-se num turbilhão de tempestade pela rua afora — haverá acaso uma valsa que possa inebriar uma jovem de modo mais sedutor? e no entanto o vento não fatiga, transporta... É agradável encontrar um pouco de resistência, quem haverá que se não bata de boa vontade para obter a posse daquilo que ama? e decerto que se alcança o que se ama pois há uma Providência que auxilia o amor e é por isso que o homem tem o vento por detrás... Não preparei bem as coisas? quando o vento é de popa é fácil que aconteça ultrapassar-se o bem-amado, mas com o vento de proa torna-se agradável procurar refúgio junto dele; o sopro do vento torna-vos mais sã, mais atraente, mais sedutora, ele refresca o que os lábios hão de dar e que deve, de preferência, ser saboreado frio por ser tão escaldante, tal como o champanhe que, quase gelando, aquece... Como elas riem, como conversam — e o vento leva consigo as palavras —, mas também, falar de quê? — e de novo riem, inclinam-se diante do vento, seguram os chapéus, tomam atenção aos passos... Parai agora, não se vão elas impacientar e zangar conosco, ou mesmo tomar-nos medo! — Perfeito; resoluta e dominadora, a perna direita que avança... que ousado e soberano o olhar que lança em volta... Se me não engano, dá o braço a alguém, está portanto noiva. Vejamos, minha filha, a oferta que te coube na árvore de Natal da vida... Ah! Sim, tem todo o ar de ser um noivo de confiança. Ela está pois nos primeiros tempos do noivado, ama-o — é muito possível, mas o seu amor esvoaça livremente ao redor dele, em círculos vastos e espaçosos; ela possui ainda essa capa do amor que pode envolver muitos outros... Um pouco mais de fôlego, meus amigos!... Sim, quando se caminha tão depressa não é de espantar que as fitas do chapéu se apertem para resistir ao vento, que as suas pontas

flutuem como asas segundo os caprichos do vento, tal como esta leve silhueta — e o seu amor —, como uma revoada de elfos. Sim, quando se encara assim o amor, parece ele ser assaz extensivo; mas quando chega o momento de o envergar, quando o véu deve ser transformado no vestido que se usa sempre — então já não é possível o luxo de muitos folhos... Oh, meu Deus! Quando se tem a coragem de arriscar um passo decisivo para toda a vida, não se terá também a coragem de avançar diretamente contra o vento? Quem o duvida? eu não; mas calma, minha donzelinha, calma. As intempéries castigam duramente, e o vento pode ser duro também... Arreliai-a um pouco!... Onde pára o lenço?... Ah, bom ! sempre o conseguistes encontrar... E agora é uma das fitas do chapéu que se desata... que coisa desagradável em presença do vosso futuro esposo... Ah, chega uma amiga que é preciso cumprimentar. É a primeira vez que ela vos vê desde que estais noiva, e é exatamente para vos mostrardes como tal que passeais aqui, na Bredgade, e com a intenção de vos dirigirdes depois a Langelinie. Tanto quanto sei, as recém-casadas têm o hábito de ir à igreja no primeiro domingo após o casamento, enquanto que as noivas vão a Langelinie. Sim, é por isso que os noivados têm geralmente muito em comum com Langelinie... Agora atenção, o vento quase vos leva o chapéu, segurai-o melhor, inclinai a cabeça. Que fatalidade! Não pudestes saudar a vossa amiga, faltava-vos a calma que permite a uma jovem noiva, com a altiva expressão requerida, cumprimentar as que o não estão... Soprai agora um pouco mais docemente!... Os dias melhores aproximam-se... Como ela se agarra ao bem-amado, tão à frente dele que pode voltar a cabeça, erguer os olhos para o seu rosto e sorrir-lhe, a ele que é o seu tesouro, a sua felicidade, a sua esperança, o seu futuro... Oh! minha filha, exageras... pois não é graças ao vento e a mim que ele está com tão soberbo aspecto? e não é também graças a mim e à doce brisa, que agora te cuida e faz esquecer a tua dor, que tu própria pareces tão sã de corpo e de espírito, tão cheia de esperança

e pressentimentos?

Og jeg vil ikke have en Student,
Som ligger og laeser om Natten,
Men jeg vil have en Officer,
Som gaar bed Fjer udi Hatten.[18]

Adivinha-se logo ao olhar-te, minha pequena, existe qualquer coisa no teu olhar... Não, um estudante não é de modo algum o que te convém... Mas por que precisamente um oficial? Um licenciado, tendo já acabado os seus anos de estudo, não seria também perfeito?... Contudo, de momento, não te posso oferecer nem um oficial nem um licenciado. Em contrapartida, posso enviar-te algumas lufadas amenas e refrescantes. Soprai um pouco mais!... Muito bem, lança o xale de seda por sobre o ombro; caminha lentamente, e assim as faces poderão empalidecer um pouco, um pouco menor será o brilho dos olhos!... Assim. Um pouco de exercício, sobretudo com um tempo tão delicioso como o de hoje, e, enfim, um pouco de paciência, desse modo por certo conseguireis o vosso belo oficial. — Esses dois que se aproximam agora estão perfeitos um para o outro. Que retenção nos movimentos, que segurança no porte, testemunho de uma recíproca confiança, que *harmonia praestabilita* (harmonia preestabelecida) em todos os movimentos, que encantadora suficiência! Às suas atitudes faltam ligeireza e graça, não dançam um com o outro, não, neles existem permanência, franqueza, fontes de uma esperança infalível, e inspiradoras da estima recíproca. Aposto que a sua concepção da vida se resume nisto: a vida é um caminho. Assim, parecem eles destinados a passear de braço dado através das alegrias e dos desgostos da vida. Conjugam-se tão bem que a dama renunciou mesmo ao seu privilégio de seguir pelo lado de dentro do passeio... Mas, queridos zéfiros, por que vos ocupais de tal modo com este par que me não parece merecer a vossa atenção? Haverá alguma coisa

interessante a notar? porém é já uma hora e meia, a caminho de Höjbroplads!

Não se julgaria possível prever com acuidade e nos seus mínimos detalhes a história da evolução íntima de um ser. Isso demonstra quanto Cordélia é sã de corpo e de espírito. Sim, não há dúvida, é uma excelente jovem. Embora calma, modesta e simples, tem inconscientemente, em si própria, uma enorme exigência. — Tudo isto me impressionou hoje, ao vê-la entrar pela porta exterior da casa. A leve resistência que um sopro de vento pode provocar parece acordar nela todas as faculdades sem que, no entanto, se produza uma luta interior. Ela não é uma rapariguinha insignificante que se desfaça entre os dedos, nem tão frágil que quase se tenha medo de a ver quebrar-se se a olhamos; mas não é também uma flor de estufa cheia de pretensões. Eis por que, como um médico, eu me posso entregar ao prazer de observar todos os sintomas desta história clínica de uma ótima saúde.

Pouco a pouco, os meus ataques começam a aproximar-se dela, a tornarem-se mais diretos. Se eu quisesse indicar esta mudança de tática nas minhas relações com a família, diria que voltei a minha cadeira de modo a poder vê-la de lado. Interesso-me um pouco mais por ela, dirijo-lhe a palavra, arranco-lhe respostas. A sua alma é apaixonada, violenta e, sem que reflexões insensatas e vãs a tenham despertado para as coisas estranhas, ela sente uma necessidade do que é excepcional. A minha ironia a propósito da maldade dos homens, o meu troçar da sua covardia e morna indolência, interessam-na. Ela gosta, segundo creio, de conduzir o carro do Sol através da abóbada celeste, de se aproximar demasiado da terra e queimar um pouco os homens. Mas não tem confiança em mim e, até agora, sempre opus obstáculos a qualquer tentativa de aproximação, ainda que espiritual. É necessário primeiro que, em si própria, ela adquira mais força, antes que eu lhe permita apoiar-se em mim. A intervalos, poder-se-ia ter a impressão de ser dela que eu

gostaria de fazer uma confidente na minha franco-maçonaria, mas isso apenas a intervalos. A sua evolução deve processar-se nela própria; ela deve dar-se conta da energia da sua alma, deve tentar tomar sozinha o peso do mundo. Quantas coisas ela tem a dizer e como os seus olhos me mostram facilmente os progressos que tem feito; uma única vez descortinei neles um clarão de raiva impotente. É necessário que ela me não seja devedora de nada; pois ela deve sentir-se livre, o amor apenas se encontra na liberdade, apenas nela pode existir a recreação e o divertimento eternos. Porque embora a minha intenção seja fazê-la cair nos meus braços pela força das circunstâncias, por assim dizer, e me esforce por fazê-la gravitar na minha direção, é contudo também necessário que ela não tombe pesadamente, mas como um espírito que gravita para outro espírito. Embora ela deva pertencer-me, tal não deverá poder identificar-se com a fealdade de um fardo pesando sobre mim. Ela nunca deverá constituir para mim uma prisão física, nem uma obrigação moral. Entre nós dois apenas deve reinar o efeito próprio da liberdade. Ela deve ser suficientemente leve para que eu a possa erguer com o braço estendido.

Cordélia ocupa quase demasiadamente o meu espírito. De novo perco o meu equilíbrio, não perante ela quando está presente, mas, no sentido mais estrito, quando estou só com ela. Sucede-me suspirar por ela, não para lhe falar mas apenas para deixar a sua imagem adejar em frente dos meus olhos; poderei segui-la quando sei que saiu, não para ser visto mas para a ver. A noite passada saímos juntos de casa dos Baxter; Eduardo acompanhava-a. Separei-me deles a toda a pressa e escapei-me para uma outra rua onde me esperava o meu criado. Num ápice, mudei de fato, e pude encontrá-la uma segunda vez sem que ela desse por isso. Eduardo, como sempre, estava mudo. É verdade que estou apaixonado, não há dúvida, mas não no sentido próprio, e a este respeito é também necessário ser muito prudente, pois as conseqüências são sempre

perigosas; e só se está apaixonado uma vez, não é assim? Mas o deus do amor é cego e, sendo-se suficientemente astuto, é possível enganá-lo. No que se refere às impressões colhidas, a arte consiste em ser tão receptivo quanto possível, e em saber aquela que se produz sobre as jovens, bem como a que estas nos provocam. Assim, pode-se estar apaixonado de muitas ao mesmo tempo; porque as amamos de diferentes maneiras. Amar apenas uma é demasiado pouco; amar todas é uma leviandade de caráter superficial; porém, conhecer-se a si próprio e amar um número tão grande quanto possível, encerrar na sua alma todas as energias do amor de modo que cada uma receba o alimento que lhe é próprio, ao mesmo tempo que a consciência engloba o todo — eis o prazer, eis o que é a vida.

3 de julho

No fundo, Eduardo não pode queixar-se de mim. É realmente verdade eu pretender que Cordélia se apaixone por ele, que, graças a ele, se desgoste do amor puro e simples e, por esse caminho, ultrapasse os seus próprios limites; mas, para assim suceder, é precisamente necessário que Eduardo não seja uma caricatura; caso contrário, torna-se inútil. Eduardo não só constitui, na opinião geral, um bom partido — aos olhos de Cordélia isto nada significa, porque uma donzela de dezessete anos não considera tais coisas —, mas é ainda pessoalmente dotado de várias qualidades agradáveis, e eu faço o possível para lhe permitir tirar o maior partido. Como uma costureira, como um decorador, ornamento-o o melhor possível de acordo com os seus meios — sim, por vezes enfeito-o mesmo com algum luxo tomado de empréstimo. E então, ao encaminharmo-nos ambos para a casa de Cordélia, torna-se-me extremamente divertido caminhar a seu lado. É como se fosse meu irmão, meu filho e, no entanto, é um amigo, um jovem da minha idade, é um rival. Mas

nunca poderá vir a ser perigoso para mim. Por conseqüência, quanto mais o elevo, a ele que afinal deverá tombar, mais e melhor desperta em Cordélia a consciência daquilo que despreza, com maior ardor vai adivinhando o que deseja. Ajudo-o a resolver as dificuldades, recomendo-o, enfim, faço tudo o que um amigo pode fazer pelo seu amigo. Para pôr bem em evidência a minha frieza, chego quase a declamar contra Eduardo. Descrevo-o como um sonhador. Dado que Eduardo é absolutamente incapaz de caminhar sozinho, é necessário que eu me encarregue de o pôr em evidência.

Cordélia odeia-me e teme-me. Que pode uma donzela temer? O espírito. Por quê? Porque o espírito constitui a negação de toda a sua existência feminina. A beleza masculina, uma natureza dominadora, etc., são bons meios e também servem para alcançar conquistas, mas nunca conseguem obter uma vitória completa. Por quê? Porque se guerreia contra a jovem no seu próprio terreno e, aí, ela é sempre a mais forte. Tais meios podem servir para fazer corar uma donzela, para a obrigar a baixar os olhos, mas nunca para provocar essa angústia indescritível e capciosa que torna a sua beleza interessante.

Non formosus erat, sed erat facundus Ulixes,
Et tamen aequoreas torsit amore Deas.[19]

Enfim, deve cada um conhecer as suas próprias forças. Mas muitas vezes me revoltei ao ver que mesmo aqueles que são dotados se comportam tão desastradamente. No fundo, no caso de qualquer jovem, vítima de um amor de um outro, ou melhor, do seu próprio, deveria ser possível discernir imediatamente, bastando para isso apenas olhá-la, em que sentido foi ela iludida. Um assassino experimentado vibra os seus golpes sempre do mesmo modo e, ao olhar a ferida, um polícia inteligente reconhece à primeira vista o autor do crime. Mas onde encontraremos tais sedutores sistemáticos ou tais psicólogos? Seduzir uma jovem significa para a maior parte das pessoas: seduzir uma jovem, e está tudo dito; e, no entanto, toda

uma linguagem se oculta neste pensamento.

Como mulher — odeia-me; como mulher dotada — teme-me; como inteligência desperta — ama-me. Foi esta a primeira luta que provoquei na sua alma. O meu orgulho, a minha obstinação, a minha fria troça, a minha ironia sem coração, tentam-na; não como se ela estivesse inclinada a amar-me; não, decerto não existe o menor traço de tais sentimentos nela, sobretudo no que a mim se refere. Ela quer, sim, rivalizar comigo. Tentam-na a orgulhosa independência perante os homens, uma liberdade como a dos árabes no deserto. O meu riso e a excentricidade neutralizam qualquer manifestação erótica. Ela é bastante livre comigo e, quanto à reserva, é mais intelectual que feminina. Está tão longe de ver em mim um possível amante, que as nossas relações não passam das existentes entre duas grandes inteligências. Pega-me na mão e aperta-a, ri e tem por mim um interesse no sentido puramente grego. Tendo-a pois mistificado durante tanto tempo com a ironia e a troça, sigo as diretivas da velha canção: o cavaleiro desdobra o seu capote de um tão vivo vermelho e pede à bela jovem que sobre ele se sente. Mas eu não abro o meu capote para ficar sentado junto dela, sobre o relvado, antes sim para desaparecer com ela pelos ares afora, nas asas do pensamento. Ou, sem a levar comigo, cavalgo um pensamento, envio-lhe um beijo com a mão, aceno-lhe um adeus, torno-me invisível para ela é audível somente pelo sussurro das aladas palavras. Não me vou tornando, como Jeová, cada vez mais visível graças à voz, mas sim cada vez menos, pois quanto mais falo mais me elevo. E então ela pretende seguir-me, pôr-se a caminho para o vôo ousado dos pensamentos. Mas isto apenas um instante. No instante seguinte volto a ser frio e seco.

Há várias espécies de rubor feminino. Há a vermelhidão grosseira, cor de tijolo. Desta se servem, com grande freqüência, os autores de romances quando fazem corar as suas heroínas *über und über.*[20] E depois há o rubor delicado; este é a aurora matinal do

espírito que, numa jovem, adquire inapreciável valor. A vermelhidão furtiva, resultante de uma idéia feliz, é bela no homem, mais bela ainda no adolescente, encantadora na mulher. É o clarão de tempestade, o relâmpago do calor do espírito. É o mais belo no adolescente, encantador na donzela porque se mostra na sua virgindade, e por isso tem também o pudor da surpresa. Quanto mais se envelhece, tanto mais desaparece tal rubor.

Por vezes leio em voz alta para Cordélia; trata-se, em geral, de trechos bem pouco emocionantes. Como de costume, é Eduardo quem me serve de intermediário; apontei-lhe que um meio muito útil para estreitar relações com uma jovem consiste em emprestar-lhe livros. Assim, sempre ganhou alguma coisa, pois ela fica-lhe bastante grata. Mas sou eu afinal quem mais lucra, porque decido a escolha dos livros, embora mantendo-me de parte. Tenho aí um vasto campo livre para as minhas observações. Posso dar a Eduardo qualquer livro que me agrade, dado que ele nada entende de literatura. Posso ser tão ousado quanto pretendo, chegar não importa a que extremos. Então, quando à tarde me encontro com ela, pego como por acaso num livro, folheio-o displicentemente, leio a meia-voz e elogio a atenção de Eduardo. Ontem à tarde quis, através de uma experiência, dar-me conta da elasticidade espiritual de Cordélia. Não sabia se devia pedir a Eduardo que lhe emprestasse os poemas de Schiller para os abrir acidentalmente no canto de Tecla que leria em voz alta, ou os poemas de Burger. Acabei por optar por estes últimos, principalmente porque a sua *Leonor,* apesar de toda a sua beleza, tem um pouco de exaltação. Abri pois o livro e li este poema com todo o patético possível. Cordélia estava emocionada, cosia rapidamente como se fosse ela quem Vilhelm vinha raptar. Cheguei ao fim. A tia escutara sem prestar muita atenção; ela não teme os Vilhelm, vivos ou mortos, e além disso não compreende muito bem o alemão; mas ficou perfeitamente à vontade logo que lhe mostrei a bela encadernação do livro e comecei a dissertar sobre a arte do

encadernador. A minha intenção era destruir em Cordélia o efeito do patético, no preciso instante em que ele se produzia. Estava um pouco ansiosa mas era manifesto que tal ansiedade a não tentava, antes criava nela um efeito *unheimlich.*[21]

Hoje os meus olhos repousaram pela primeira vez sobre ela. Diz-se que o sono pode tornar as pálpebras pesadas até as fechar; este olhar teria talvez um poder semelhante. Os olhos cerram-se, e contudo agitam-se nela forças obscuras. Não vê que a olho, sente-o, todo o seu corpo o sente. Os olhos cerram-se e é a noite; mas nela é dia claro.

É necessário que Eduardo desapareça. Chegou já aos últimos limites; temo a cada instante que ele lhe vá fazer uma declaração de amor. Ninguém o pode saber melhor que eu, seu confidente, que propositadamente o mantenho nesta exaltação a fim de que ele possa influenciar melhor Cordélia. Seria porém arriscar demasiado permitir-lhe que fizesse a confissão do seu amor. Bem sei que receberia uma recusa, mas isso não poria fim à situação. A recusa iria decerto afetá-lo muito, o que poderia talvez emocionar e enternecer Cordélia. Embora num tal caso eu não deva temer o pior, ou seja, que ela volte atrás com a recusa, é possível que o seu orgulho de alma venha a sofrer com este simples confronto. E, se tal fosse o caso, teria falhado completamente o objetivo para o qual me servira de Eduardo.

As minhas relações com Cordélia começam a tomar um aspecto dramático. Aconteça o que acontecer, não poderei manter-me durante muito tempo como simples espectador, sob pena de deixar escapar-se o instante decisivo. É indispensável que ela seja tomada de surpresa mas, se quiser surpreendê-la, é indispensável ocupar a posição certa. O que geralmente poderia surpreender outras não teria talvez o mesmo efeito sobre ela. No fundo, ela deveria ser surpreendida de tal modo que, nesse preciso instante, a razão dessa surpresa seja algo de quase totalmente banal. Apenas pouco a pouco

e implicitamente deverá algo de extraordinário fazer a sua aparição. É também sempre esta a lei que rege o interessante e, por seu lado, a lei que conduz todos os meus movimentos no que diz respeito a Cordélia. Desde que se saiba surpreender, a partida está sempre ganha; suspendemos por um instante a força interior daquela de quem se trata, pomo-la assim na impossibilidade de agir, seja aliás qual for o meio empregado, o meio extraordinário ou o meio comum. Recordo ainda com certa vaidade uma temerária tentativa praticada contra uma dama da alta sociedade. Já de há algum tempo que eu rondava secretamente, e sempre em vão, ao redor dela, em busca de um contato interessante, quando, uma tarde, a avisto na rua. Ia só. Estava certo de que ela me não conhecia ou, pelo menos, ignorava o fato de eu habitar em Copenhague. Adiantei-me, para me encontrar com ela de frente. Chegado perto, afastei-me a fim de lhe dar o lado de dentro do passeio. Nesse instante, lancei-lhe um olhar melancólico e julgo que quase me chegaram as lágrimas aos olhos. Tirei o chapéu. Ela parou. Com voz comovida e olhar sonhador, disse-lhe: *Não vos enfadeis, Menina. Entre as vossas feições e as de alguém que amo com todo o coração, mas vive longe de mim, existe uma semelhança tão grande que decerto me perdoareis esta estranha conduta.* Julgava ela estar perante um sonhador, e qualquer jovem gosta de um pouco de sonho, principalmente quando, ao mesmo tempo, tem o sentimento da sua superioridade e ousa sorrir de nós. Não me enganara, ela sorria, e com um sorriso encantador. Saudou-me com uma digna condescendência e voltou a sorrir. Retomou o seu caminho e eu dei, quando muito, dois passos a seu lado. Alguns dias mais tarde voltei a encontrá-la e permiti-me dirigir-lhe um cumprimento. Riu-se-me na cara. Mas a paciência é uma preciosa virtude e o último a rir é quem ri melhor.

Haveria vários meios para surpreender Cordélia. Poderia tentar desencadear uma tempestade erótica, capaz de arrancar árvores pela raiz. Graças a ela, conseguiria talvez fazê-la perder o equilíbrio,

arrancá-la à relação de dependência; e, em tal agitação, poderia tentar, por meio de encontros secretos, provocar a sua paixão. Tal não é inimaginável. É fora de dúvida que uma rapariga, tão apaixonada como ela, pode ser conduzida a não importa o quê. Contudo, esteticamente pensando, isto não seria correto. Não gosto da vertigem, e tal estado só é recomendável quando nos achamos perante jovens que, de outro modo, não poderiam alcançar um reflexo poético. Por outro lado, seria fácil perder-se o verdadeiro prazer, dado que a emoção demasiada é também nociva. Em relação a ela, uma tal medida revelar-se-ia inteiramente errada. Em poucas remadas eu abordaria talvez aquilo de que poderia, de outro modo, fruir durante muito tempo, sim, pior ainda, aquilo de que, usando de todo o meu sangue-frio, poderia obter o prazer mais completo e rico. Não convém fruir Cordélia na exaltação. No primeiro instante, ela ficaria talvez surpreendida se eu assim me conduzisse, mas em breve estaria saciada, precisamente porque uma tal surpresa estaria demasiado próxima da sua alma ousada.

De todos os meios, os esponsais puros e simples seriam os melhores, os mais a propósito. Para ela será talvez tão impossível acreditar nos seus próprios sentidos quando me ouvir fazer uma prosaica confissão de amor e pedi-la em casamento, como seria se escutasse a minha inflamada eloqüência, bebesse o meu vinho inebriante e envenenado, ou ouvisse o bater do seu coração perante a idéia de um rapto.

Quanto aos esponsais, o diabo é haver neles sempre tanta ética, o que é tão enfadonho quando se trata de ciência como quando se trata da vida. Que espantosa diferença! Sob o céu da estética tudo é leve, belo, fugitivo, mas assim que a ética se mete no assunto tudo se torna duro, anguloso, infinitamente fatigante. Contudo, os esponsais não têm, em sentido estrito, a realidade ética de um casamento, apenas devem a sua validade a *ex consensu gentium* (ao consenso dos povos). Esse equívoco pode-me ser assaz útil. Existe

aqui a precisa quantidade de ética para que Cordélia, chegado o momento, tenha a impressão de ultrapassar os limites do comum e, por outro lado, essa ética não é suficientemente grave para que eu deva temer um choque mais inquietante. Sempre tive um certo respeito pela ética. Nunca fiz qualquer promessa de casamento a uma jovem, nem sequer por descuido; e se, desta vez, der a idéia de fazer uma, é necessário recordar que se trata de uma conduta simulada. Arranjarei as coisas de modo a ser ela própria quem quebre o compromisso. O meu orgulho cavalheiresco despreza as promessas. Desprezo o juiz que arranca a confissão a um delinqüente com uma promessa de liberdade. Um tal juiz renuncia à sua força e ao seu talento. À minha prática acrescenta-se ainda o fato de eu nada desejar que, no mais estrito sentido, não seja dado livremente. Que se sirvam de tais meios os sedutores de pacotilha! Que ganham eles afinal com isso? Aquele que não sabe fazer o cerco a uma donzela até que ela perca tudo o mais de vista, aquele que não sabe, à medida do seu desejo, fazer acreditar a essa donzela que ela é quem toma todas as iniciativas, esse homem é e será sempre um desajeitado; não invejo o seu prazer. Um tal homem é e será sempre um inábil, um sedutor, termos que de modo algum se podem aplicar a mim. Eu sou um esteta, um erótico, que apreendeu a natureza do amor, a sua essência, que crê no amor e o conhece a fundo, e apenas me reservo a opinião muito pessoal de que uma aventura galante só dura, quando muito, seis meses, e que tudo chegou ao fim quando se alcançam os últimos favores. Sei tudo isto, mas sei também que o supremo prazer imaginável é ser amado, ser amado acima de tudo. Introduzir-se como um sonho na imaginação de uma jovem é uma arte, sair dela, uma obra-prima. Mas esta depende essencialmente daquela.

Seria possível um outro meio. Poderia arranjar tudo para que ela ficasse noiva de Eduardo. Eu seria então o amigo da casa. Eduardo teria em mim uma inteira confiança, pois a mim teria ficado

a dever a sua felicidade. E teria então algo a ganhar, mantendo-me mais escondido. Não, isto de nada vale. Ela não pode ser noiva de Eduardo sem que, de um ou de outro modo, se rebaixe. Mais ainda, as minhas relações com ela tomar-se-iam assim mais picantes que interessantes. O infinito prosaísmo inerente aos esponsais é justamente a pedra de toque do que é interessante.

Em casa das Wahl, tudo se torna cada vez mais significativo. Sente-se claramente que uma vida oculta se agita sob as formas de todos os dias, e que essa vida se deve brevemente manifestar numa revelação conexa. A casa das Wahl prepara-se para uns esponsais. Um observador estranho pensaria talvez numa união entre mim e a tia. Ah, e que não poderia um tal casamento produzir, na próxima geração, a favor do propagar dos conhecimentos de economia rural! Eu seria então tio de Cordélia. Sou a favor da liberdade de pensamento e não há idéia, por mais absurda, que eu não tenha a coragem de encarar. Cordélia teme uma declaração de amor de Eduardo, mas este espera que uma tal declaração virá a decidir tudo. E a verdade é que pode estar certo disso. Porém, a fim de o poupar às desagradáveis conseqüências de um tal passo, tratarei de me adiantar a ele. Espero em breve dar-lhe baixa, pois a verdade é que me impede o caminho. Ainda hoje o senti perfeitamente. Com aquele ar de sonhador, embriagado de paixão, podemos temer que ele se erga subitamente como um sonâmbulo e, perante toda a comunidade, confesse o seu amor. Mantém-se numa contemplação tão objetiva que nem sequer se aproxima de Cordélia. Lancei-lhe hoje um olhar severo. Como um elefante que agarra num objeto com a tromba, estendi-o ao comprido sobre os meus olhares e fi-lo cair de costas. Embora não se tenha movido da cadeira, creio que sentiu em todo o corpo o choque dessa queda.

Cordélia já não está tão segura de si, na minha presença, como outrora. Aproximava-se sempre de mim com uma segurança feminina, agora hesita um pouco. Contudo, isto não tem grande

importância e ser-me-ia fácil fazer voltar tudo à forma primitiva. Porém, não pretendo tal. Ainda uma última sondagem, e logo, os esponsais. Estes não podem apresentar qualquer dificuldade. Cordélia, na sua surpresa, dirá: sim, e a tia: um amém cordial. Ficará louca de alegria por ter um genro tão agronômico. Genro! Como tudo fica unido como os dedos da mão quando nos arriscamos sobre este terreno. No fundo não serei seu genro, mas apenas seu sobrinho, ou antes, *volente Deo* (se Deus quiser), nem. uma coisa nem outra.

23 de julho

Colhi hoje o fruto de um boato que pus a correr, segundo o qual estaria apaixonado por uma jovem. Graças a Eduardo, esse boato chegou também aos ouvidos de Cordélia. Está cheia de curiosidade, observa-me, mas não ousa qualquer pergunta; e no entanto, não deixa de ser importante para ela adquirir uma certeza, por um lado porque o fato ultrapassa toda a credibilidade e, por outro, porque veria nele quase um antecedente para si própria; porque se um trocista tão frio como eu se pode apaixonar, também ela o poderia fazer sem ter que corar por isso. Hoje fiz alusão ao caso. Creio saber contar uma história de modo a não se perder o fio da meada e sem que o desenlace chegue demasiado cedo. E o meu prazer é manter *in suspenso* os que me escutam, verificar através de pequenas reações episódicas o final que preferem para a minha narrativa, e enganá-los durante o seu curso. A minha arte reside em utilizar anfibologias para que me compreendam num sentido e se apercebam subitamente de que as minhas palavras podem ser entendidas também de outro modo. Quando se pretende ter uma boa ocasião para observações especiais, é sempre necessário fazer um discurso. Numa conversa, os outros escapam-nos mais facilmente e,

através de um jogo de perguntas e respostas, podem ocultar melhor a impressão produzida pelas palavras. Comecei com solene gravidade o meu discurso à tia: *Deverei atribuí-lo à benevolência dos meus amigos ou à maldade dos meus inimigos? e quem não terá ambos, em excesso?* Nesse ponto fez a tia uma observação a que respondi o mais longamente possível a fim de manter em suspenso Cordélia, que escutava e não podia interpor-se, dado que era com a tia que eu falava, e com tanta solenidade. Continuei: *ou devo atribuí-lo a um acaso, à generatio aequivoca de um boato...* — Aparentemente Cordélia não compreendia esta expressão, que apenas tornava a frase confusa, e isto tanto mais quanto eu lhe dava uma falsa importância, pronunciando-a com um ar matreiro, como se fosse o essencial no que eu tinha a dizer — *um acaso, que me tornou objeto de comentários, a mim que tenho por hábito viver escondido do mundo; estes comentários pretendendo que estou noivo;* Cordélia continuava evidentemente à espera das minhas explicações, e continuei: *foram talvez os meus amigos que os lançaram a correr, dado que se deve considerar sempre uma grande felicidade estar apaixonado* (ficou interdita), *ou os meus inimigos, pois que toda a gente considerará sempre assaz ridículo que me caiba essa felicidade* (movimento em sentido inverso), *ou foi um puro acaso, dado que não existe a menor razão de base; ou será ainda a generatio aequivoca, pois o boato deve ter nascido graças às irrefletidas obsessões de qualquer cabeça de vento.* Com uma curiosidade bem feminina, a tia estava impaciente por conhecer o nome da dama que me teria agradado desposar. Mas a este respeito furtei-me a responder a qualquer pergunta. Toda a história causou uma impressão em Cordélia, e quase estou tentado a crer que as ações de Eduardo subiram alguns pontos.

Aproxima-se o instante decisivo. Poderia dirigir-me à tia e pedir, por escrito, a mão de Cordélia. Por certo que é esse o processo habitual nos assuntos do coração, como se fosse mais natural para o

coração exprimir-se por escrito que de viva voz. Mas o que me levaria escolher este processo é precisamente o que nele existe de pretensioso. Se o escolher, ver-me-ei privado da surpresa propriamente dita e não quero renunciar a ela. — Se eu tivesse um amigo, talvez ele me dissesse: já pensaste bem no grave passo que vais dar, um passo que decidirá de toda a tua vida futura e da felicidade de outrem? É precisamente essa vantagem que se possui tendo um amigo. Não tenho amigos; não vou decidir se isso é uma vantagem, mas estar dispensado dos seus conselhos é, segundo o meu modo de ver, uma vantagem absoluta. Aliás, e no sentido mais estrito, meditei maduramente todo o assunto.

No que me diz respeito, já nada se opõe aos esponsais. Sou pois um candidato a esposo — mas quem será capaz de o imaginar ao ver-me? Em breve será a minha pobre pessoa olhada de um ponto de vista superior. Uma pessoa é precisamente o que deixo de ser, para me tornar — um partido; sim, um bom partido, dirá a tia. É ela quem me causa maior dó; porque ela ama-me com um amor agronômico tão puro e sincero, a ponto de quase me adorar como seu ideal.

Já fiz, na minha vida, muitas declarações de amor e, no entanto, toda a minha experiência me é absolutamente inútil neste caso; é que esta declaração deve ser feita de um modo particularíssimo. O que sobretudo devo inculcar no meu espírito é que se trata apenas de uma simulação. Não foram poucos os estudos de maneiras de andar que fiz, para encontrar a melhor maneira de me apresentar. Seria imprudente pôr no meu passo demasiado erotismo, pois tal arriscar-se-ia a ser uma antecipação daquilo que deve seguir-se mais tarde, e desenvolver-se gradualmente; demasiada gravidade seria perigosa; um tal momento tem tanta importância para uma rapariga, que toda a sua alma se pode fixar a ele, como a de um moribundo à sua última vontade; adotar o passo cordial ou o de uma humildade cômica, estaria em desacordo com a

máscara até agora apresentada por mim, e também com a nova que tenho a intenção de pôr e usar; torná-lo espiritual e irônico seria arriscar demasiado. Se o essencial para mim, como, em tal ocasião, para as pessoas em geral, fosse obter o pequeno *sim,* seria muito fácil. É verdade que isto é importante, mas não de uma importância absoluta; porque, embora eu tenha lançado os olhos sobre esta jovem de uma vez para sempre, embora lhe tenha devotado muita atenção, sim: todo o meu interesse, há no entanto condições que me não permitiriam aceitar-lhe o sim. De modo algum me interessa possuí-la no sentido grosseiro, o que importa é fruí-la no sentido artístico. É por isso que é necessário pôr tanta arte quanto possível neste início. Deve este ter uma forma o mais possível vaga e abrir caminho a todo tipo de possibilidades. Ela compreender-me-á mal se vir logo em mim um sedutor, pois, em sentido vulgar, não o sou; mas se me tomar por um amante fiel, também se enganará a meu respeito. O que importa pois é que, neste episódio, a sua alma fique tão pouco determinada quanto possível. Num tal momento a alma de uma jovem é profética como a de um moribundo. É isso que é necessário impedir. Minha encantadora Cordélia! Privo-te de algo de belo, mas contra isto nada há a fazer e dar-te-ei todas as compensações que estejam em meu poder. Todo o episódio se deve manter numa perfeita insignificância para que, após ter-me dado o seu sim, ela não seja de modo algum capaz de dar conta do que se pode ocultar nas nossas relações. É precisamente essa possibilidade infinita que constitui o que é interessante. Se ela fosse capaz de prever alguma coisa, eu ter-me-ia enganado no caminho e as nossas relações perderiam o seu sentido. Não é imaginável que ela me diga sim por me ter amor, pois não existe nela qualquer amor por mim. O melhor seria que eu conseguisse transformar os esponsais de modo que eles se tornassem um acontecimento em vez de serem um ato, que se tornassem algo que lhe acontece em vez de serem qualquer coisa que ela faz; o melhor seria que ela pudesse vir a dizer: *Deus*

sabe como aconteceu tudo isto.

31 de julho

Hoje escrevi, por outrem, uma carta de amor, o que me dá sempre grande prazer. Começa porque é sempre assaz interessante aprofundar uma tal situação, e isto com pouco dispêndio. O cachimbo bem cheio, ouço a história, e são-me postas em frente dos olhos as cartas da donzela em questão. Interesso-me sempre vivamente pelo modo como uma jovem se exprime por escrito. Ei-lo pois ali, apaixonado como um pombinho, lê-me as cartas e é interrompido por lacônicos comentários, deste jaez: *Ela escreve bem, tem sentimento, gosto, prudência, não é decerto a primeira vez que ama, etc.* Em segundo lugar faço uma boa ação. Ajudo jovens a unirem-se; depois tomo o que me cabe. Por cada par feliz lanço as vistas sobre uma nova vítima; torno duas pessoas felizes e, quando muito, apenas uma infeliz. Sou honesto, pode-se confiar em mim, nunca enganei ninguém que me tenha aberto o coração. Da minha parte, há sempre um pouco de comédia — mas, enfim, isso apenas representa os legítimos emolumentos. E por que têm tanta confiança em mim? Porque sei as línguas clássicas, sou assíduo nos meus estudos e guardo sempre para mim próprio as minhas pequenas histórias. E por certo que mereço esta confiança, não é assim? Pois se nunca abuso dela.

2 de agosto

O momento chegara. Tinha entrevisto a tia na rua e, portanto, sabia que não estava em casa. Eduardo fora à alfândega. Conseqüentemente, todas as possibilidades eram a favor de Cordélia se encontrar sozinha em casa. E assim era, trabalhava diante do seu

bastidor. É muito raro que eu as visite de manhã pelo que, ao ver-me, ficou um pouco emocionada. O fato quase fez perigar a situação. Isso não teria aliás sido falta sua, pois logo se recompôs, mas sim minha, porque, apesar da rainha couraça, ela me causou uma emoção excepcionalmente forte. Como estava graciosa no seu vestido muito simples, de algodão, de riscas azuis, com uma rosa acabada de colher, tão fresca e viçosa como se tivesse desabrochado naquele mesmo instante. Quem poderá dizer-me onde uma jovem passa a noite? — certamente no reino dos sonhos de onde volta, em cada manhã, cheia de uma juvenil frescura. Parecia tão jovem e, no entanto, tão perfeita, como se a natureza, semelhante a uma mãe terna e generosa, apenas naquele instante a houvesse deixado escapar das suas mãos. Tinha a impressão de ser testemunha dessa despedida, via como essa terna mãe a beijava uma última vez antes de se separar dela, e ouvia-se dizer: *Vai por montes e vales, minha filha, tudo o que fiz foi para ti; toma este beijo como um selo sobre teus lábios; um elo que guardará o santuário e que ninguém poderá quebrar sem que tu própria o queiras; mas, quando chegar aquele que deve vir, saberás compreendê-lo.* E depõe um beijo sobre os seus lábios, um beijo que de nada se apodera como o faz um beijo humano, mas um beijo divino que tudo dá, que dá à jovem o poder do beijo. Oh! Natureza maravilhosa, profunda e enigmática, é certo que dás a palavra aos homens, mas às jovens ofereces a eloqüência do beijo! Era esse beijo que eu via pousado nos seus lábios, esse adeus que eu descortinava na sua fronte, essa saudação jovial que transparecia no seu olhar, e por isso ela me aparecia ao mesmo tempo tão familiar, pois ela é sem dúvida a jovem da casa, e tão estrangeira, porque não conhecia o mundo, mas apenas a terna mãe que, invisível, velava por ela. Estava verdadeiramente encantadora, jovem como uma criança e, contudo, impregnada da nobre dignidade virginal que obriga ao respeito. — Mas em breve voltei a ficar de novo frio e solenemente estúpido, como convém quando se pretende fazer

algo importante sem que esse algo tenha, na realidade, qualquer sentido. Após algumas considerações de ordem geral, aproximei-me um pouco dela e larguei o meu pedido. É extremamente enfadonho escutar alguém que fala como um livro aberto. Sobriamente, limitei-me a algumas fórmulas consagradas. Tal como eu esperava, ficou incontestavelmente surpreendida. É-me difícil analisar a sua expressão, nesse momento. Era complexa, sim, pouco mais ou menos como o comentário, ainda não editado mas já anunciado, ao meu livro, comentário que admitirá todas as possibilidades de interpretação. Uma palavra, e ela ter-se-ia rido de mim, uma palavra, e teria ficado comovida, uma palavra, e ter-me-ia evitado; mas nenhuma palavra se soltava dos meus lábios; mantinha-me solenemente estúpido, e seguia estritamente o ritual. *Havia tão pouco tempo que ela me conhecia,* que querem, é apenas no caminho estreito dos esponsais que se encontram tais dificuldades, não nas floridas veredas do amor. Coisa curiosa! Quando, nos dias precedentes, eu refletia em toda a questão, tinha a certeza de que, no primeiro momento de surpresa, ela diria sim. Mas aí está; para que servem afinal todos os preparativos? Não foi assim que o assunto terminou, pois ela não disse nem sim nem não, e respondeu que eu me deveria dirigir à tia. Devia tê-lo previsto. Não há dúvida de que tenho sorte, pois este resultado é ainda melhor.

A tia dará o seu consentimento, do que aliás nunca duvidei. Cordélia seguirá os seus conselhos. Quanto ao meu noivado, não me poderei orgulhar da sua poesia; é, a todos os títulos, cheio de integridade, eivado de espírito comercial. A rapariga não sabe se deve dizer sim ou não; a tia dirá sim, ela dirá sim também, eu fico com ela, ela comigo — e a história poderá começar.

3 de agosto

Eis-me pois noivo, Cordélia também, e isto é, pouco mais ou menos, tudo que ela sabe sobre este assunto. Se ela tivesse uma amiga a quem falar com sinceridade, provavelmente diria: *Que sentido atribuir a tudo isto? na verdade não o entendo. Há qualquer coisa nele que me atrai, mas é em vão que tento encontrar o quê. É certo que tem um estranho poder sobre mim, mas amá-lo? não, e creio que tal nunca sucederá; no entanto, julgo que suportarei bem viver com ele e, portanto poderei também chegar a ser feliz com ele; estou quase certa de que não exigirá muito de mim, desde que eu tenha a paciência de o suportar.* Minha pobre Cordélia! Ele exigirá talvez mais e, em contrapartida, menos tolerância. — De entre todas as coisas ridículas, é o noivado que tem o primeiro lugar. O casamento tem, pelo menos, um sentido, embora seja um sentido pouco cômodo para mim. O noivado é uma invenção puramente humana e não traz honra a quem o inventou. Não é nem carne nem peixe, e assemelha-se tão pouco ao amor como a faixa nas costas do bedel à toga de um professor. Sou, presentemente, membro dessa honrada confraria. Isto tem a sua importância porque, como diz Trop, apenas aquele que é artista adquire o direito de julgar os outros artistas. E um noivo não será ele também um comediante como os de Dyrehavsbakken?

Eduardo está fora de si, exasperado. Deixa crescer a barba e, o que não deixa de ter bastante importância, pendurou no armário o seu fato preto. Pretende ver Cordélia e descrever-lhe a minha perfídia. Devia ser uma cena pungente: Eduardo por barbear, negligentemente vestido e falando a Cordélia em altos brados. Só espero que ele se não sobreponha a mim no espírito da jovem, com a sua barba comprida. Entrego-me a vãos esforços para o levar à razão, explico-lhe que foi a tia quem arranjou o noivado, que Cordélia

alimenta talvez ainda bons sentimentos em relação a ele, e que estou pronto a retirar-me se ele conseguir conquistá-la. Por momentos hesita, pensa em cortar a barba, em comprar um novo fato preto e, no momento seguinte, volta a tratar-me com aspereza. Faço todo o possível para me manter em bons termos de relação com ele. Por muito furioso que esteja contra mim, estou certo de que não dará um passo sem me consultar; ainda não esqueceu o que pôde obter de mim, na qualidade de seu mentor. Aliás, por que havia eu de lhe roubar a última esperança, ou mesmo romper com ele? é um homem de bem, e ninguém sabe o que o futuro nos reserva!

Agora, o que tenho a fazer é, primeiramente, acomodar as coisas para acabar o noivado e garantir mais belas e importantes relações com Cordélia; depois, tirar o maior proveito possível do tempo para me comprazer em todo o encanto, tudo o que nela é digno de ser amado, todas as graças com que a natureza tão abundantemente a dotou; comprazer-me, com toda a reserva e circunspecção que impedem o anteciparmo-nos aos acontecimentos. Quando eu conseguir chegar a fazê-la compreender o que é o amor, o amor por mim, então o noivado desmoronar-se-á naturalmente como representando um estado imperfeito, e ela será minha.

Há outros que ficam noivos quando chegam a este ponto, e terão assim boas possibilidades de obter um enfadonho casamento, para toda a eternidade. Tanto pior para eles.

Tudo se mantém ainda no *status quo;* mas duvido que exista noivo mais feliz que eu, ou avarento possuído de maior beatitude ao descobrir uma moeda de ouro. Embriago-me com o pensamento de ter na minha posse essa feminilidade pura e inocente, transparente como o mar e, no entanto, profunda como ele, ignorante do amor! É agora que ela deve aprender o poder que no amor se oculta. É agora que ela deve ser instalada nesse reino onde lhe pertence estar, como uma princesa que, do pó, é elevada ao trono de seus pais. E essa deve ser a minha obra; aprendendo a amar, ela aprenderá a amar-

me; à medida que ela aprende a regra, desenvolver-se-á o paradigma, e esse paradigma sou eu. Ao sentir no amor toda a sua própria importância, aplicá-la-á para me amar, e quando compreender que foi comigo que o aprendeu, amar-me-á duplamente. O pensamento da minha alegria futura sufoca-me de tal modo que quase perco o domínio sobre mim próprio.

A sua alma não se evaporou, não afrouxou nas emoções indecisas do amor, o que faz com que muitas jovens nunca consigam amar, quer dizer, amar com um amor decidido, enérgico, total. Trazem na sua consciência uma indecisa fantasmagoria que deve constituir um ideal, segundo o qual deverá ser posto à prova o objeto real do amor. De tais meias medidas resulta algo com que podem caminhar cristãmente, através da existência. — Enquanto nela desperta o amor, vô-lo desvendando e escuto-o, fora dela, em todas as vozes do amor. Dou-me conta da forma que nela tomou e a ele me adapto; e, tal como fui imediatamente incorporado na história que o amor percorre no seu coração, venho de novo ao seu encontro do exterior, e de um modo tão falacioso quanto possível. Porque uma jovem ama apenas uma vez.

Eis-me pois na legítima posse de Cordélia, tenho o consentimento e a bênção da tia, as felicitações dos amigos e parentes; logo veremos se este estado de coisas persiste. São pois história passada as canseiras da guerra, e os benefícios da paz irão começar. Que imbecilidades! Como se as bênçãos da tia e as felicitações dos amigos fossem capazes de, no sentido mais profundo, me dar a posse de Cordélia; como se o amor exprimisse um tal contraste entre o tempo de guerra e o tempo de paz! não será antes que, enquanto dura, ele se proclama em luta ainda que as armas sejam outras? No fundo, a diferença reside no fato de a luta ter lugar *cominus* ou *eminus*.[22] Nos negócios do coração, quanto mais a luta tem lugar *eminus* tanto mais triste é, tanto mais insignificante se torna o combate. O combate inclui apertos de mão, toques de pé, que

Ovídio, como se sabe, recomenda e desaconselha ao mesmo tempo com um profundo ciúme, isto para já não falar de beijos e abraços. Aquele que combate *eminus* apenas tem como armas, em geral, os seus olhos e, no entanto, se se souber servir deles artisticamente, o seu virtuosismo permitir-lhe-á chegar quase ao mesmo resultado. Poderá erguer os seus olhos para uma jovem com uma enganadora ternura, a qual age como se ele acidentalmente a tocasse; será capaz de a apertar tão firmemente com os olhos como se a tivesse segurado nos braços. Mas será sempre um erro, ou uma infelicidade, lutar demasiado tempo *eminus;* pois tal luta é apenas uma indicação e não um prazer. É apenas ao combater *cominus* que tudo adquirirá o seu real significado. O amor cessa se não há combate. Quase não combati *eminus,* e eis por que me não encontro no final mas sim no início, e desembainho as armas. Possuo-a, é certo, mas no sentido jurídico e austero — e daí não tiro qualquer vantagem, as minhas intenções são muito mais puras. Ela está noiva, noiva de mim, é certo; mas se eu daí concluísse que ela me tem amor, seria uma decepção, pois ela, pura e simplesmente, não ama. Possuo-a legitimamente, e contudo não estou de posse dela, tal como se pode muito bem estar de posse de uma jovem sem a possuir legitimamente.

Auf heimlich errötender Wange
Leuchtet des Herzens Glühen.[23]

Está sentada no sofá, diante da mesa do chá, e eu, numa cadeira, ao lado dela. Esta posição, embora íntima, é de uma dignidade que mantém a distância. Um sem-fim de coisas depende da posição, isto é, para aquele que compreende. O amor possui muitas, mas é esta a primeira. Como a natureza dotou principescamente esta jovem! As suas castas formas, tão doces, a sua profunda candura feminina, os seus olhos claros — tudo me inebria. — Cumprimentei-a. Ela veio ao meu encontro com a sua

alegria habitual, mas um pouco confusa, um pouco desorientada. O noivado deve certamente modificar um pouco as nossas relações, mas como? não o sabe; tomou-me a mão, mas sem sorrir, como é seu costume. Correspondi ao seu cumprimento com um aperto de mão leve, quase imperceptível; mostrei-me afetuoso, amável, mas sem manifestar qualquer erotismo. — Está sentada no sofá, diante da mesa do chá, e eu, numa cadeira, ao lado dela. Paira sobre a situação uma solenidade radiosa, uma doce luz matinal. Cordélia mantém-se silenciosa, nada interrompe a calma. Os meus olhos deslizam docemente sobre ela, sem avidez, o que seria impudente. Um rubor leve e fugidio, como uma nuvem sobre os campos, passa por ela e esvai-se lentamente. Que significa esse rubor? será amor, desejo, esperança, temor? Porque a cor do coração é o vermelho. Não, nenhuma de todas estas coisas. Ela admira-se, está surpresa — não por minha causa, isso seria ver nela demasiado pouco; ela surpreende-se, não de si própria mas em si própria, e em si própria se transforma. Este instante exige silêncio, e por isso nenhuma reflexão deve vir perturbá-lo, nenhum ruído de paixão quebrá-lo. É como se eu estivesse ausente e, contudo, é precisamente a minha presença que se encontra na base da sua surpresa contemplativa. As nossas naturezas estão em harmonia; é em tal situação que uma jovem, tal como certas divindades, é adorada no silêncio.

Que sorte habitar em casa de meu tio. Para fazer perder a um mancebo o gosto pelo tabaco, levá-lo-ia a qualquer sala de fumo de Regensen; se quiser que uma rapariga perca o gosto pelos noivados, basta-me trazê-la aqui. Do mesmo modo que só os alfaiates vão à sede da corporação dos alfaiates, aqui só vêm noivos. É assustador ver-se caído em tal companhia, e não posso censurar Cordélia por se impacientar. Quando nos reunimos *en masse*[24] penso que somos bem dez pares, sem contar com os batalhões anexos que, por ocasião das grandes festas, chegam da província. Apresento-me com Cordélia no centro do alvoroço a fim de a desgostar destas apaixonadas

banalidades, destas imperícias de operários do amor. Sem um momento de repouso, durante todo o serão, ouve-se um ruído como se alguém andasse por ali a passear com um mata-moscas — são os beijos dos apaixonados. Toda a gente se comporta nesta casa com um extraordinário à vontade; nem sequer se procuram os cantos, não! fica-se sentado à volta de uma grande mesa redonda. E eu também finjo tratar Cordélia do mesmo modo. Para tal fim, é-me necessário fazer um esforço sobre mim próprio. Seria na verdade revoltante que eu me permitisse ferir desta maneira a sua profunda feminilidade. Censurar-me-ia mais se lhe fizesse isto que se a enganasse. Na verdade, todas as jovens que aceitam confiar-se a mim podem estar certas de um tratamento perfeitamente estético; apenas no fim, bem entendido, serão enganadas; mas esta é também uma cláusula da minha estética porque, ou bem que a jovem engana o homem, ou bem que o homem engana a jovem. Seria assaz interessante conseguir de um qualquer rato de biblioteca que ele contasse nas fábulas, nas lendas, nas canções populares, nas mitologias, se uma jovem é mais vezes infiel que um homem.

Não lamento o tempo que perco com Cordélia, se bem que seja bastante. Qualquer encontro requer, a maior parte das vezes, longos preparativos. Vivo com ela o nascer do seu amor. A minha presença é quase invisível, embora eu esteja visivelmente sentado junto dela. Uma dança que deveria realmente ser dançada por dois mas afinal o é apenas por um, eis a imagem que representa bem a minha relação com ela. Porque eu sou o segundo dançarino, mas invisível. Ela comporta-se como se sonhasse e, no entanto, dança com um outro, sendo esse outro eu invisível, embora visivelmente presente, e visível, embora invisível. Os movimentos exigem um segundo dançarino; ela inclina-se para ele, estende-lhe a mão, afasta-se numa volta rápida, aproxima-se de novo. Tomo-lhe a mão, completo o seu pensamento que está, contudo, perfeito e acabado nela própria. Os seus movimentos seguem a melodia da sua própria alma, e eu apenas sou

o pretexto de tais movimentos. Não sou erótico, o que apenas serviria para a despertar; sou leve, maleável, impessoal, quase represento um estado de alma.

De que falam geralmente os noivos? Tanto quanto sei, aplicam-se muito em se enredarem, um ao outro, nas enfadonhas relações de parentesco das suas famílias. Será pois de espantar que o erotismo não encontre lugar entre eles? Quem não sabe fazer do amor esse absoluto ao pé do qual qualquer outra história se reduz a nada nunca deveria arriscar-se a amar, mesmo se se casasse dez vezes. Se tenho uma tia que se chama Mariana, um tio que atende pelo nome de Cristóvão, um pai que é comandante de batalhão, etc., todas estas questões de notoriedade pública nada têm a ver com os mistérios do amor. Sim, até o nosso próprio passado é destituído de qualquer importância. Uma jovem nada tem geralmente a contar a este respeito; em caso contrário poder-se-ia talvez escutá-la, mas não, durante a maior parte do tempo, amá-la. Pessoalmente não procuro histórias — verdade se diga, não encontrei poucas —, procuro o imediato. O eterno fundamento do amor, é o fato de os indivíduos apenas nascerem um para o outro no seu instante supremo.

É necessário despertar em Cordélia um pouco de confiança ou, melhor, afastar uma dúvida. Não pertenço exatamente ao número desses amantes que se amam por estima, casam por estima e, por estima, têm filhos; mas eu sei bem que o amor, principalmente enquanto a paixão não foi desencadeada, exige, daquele que é dele objeto, que não ofenda esteticamente a moral. A este respeito, tem o amor a sua própria dialética. Por exemplo, embora sob o ponto de vista da moral as minhas relações com Eduardo sejam muito mais censuráveis que a minha conduta para com a tia, ser-me-á bastante mais fácil justificar, junto de Cordélia, aquelas que esta. É certo que nada me disse, mas, de qualquer modo, achei que mais valia explicar-lhe por que me vira obrigado a conduzir-me assim. A minha precaução lisonjeou o seu orgulho, e o mistério de que eu rodeava o

fato cativou a sua atenção. É possível ter eu nisto traído já demasiada formação erótica, cair mais tarde em contradição comigo próprio, quando me vir forçado a insinuar que nunca estive apaixonado antes; mas isso não tem importância. Não temo contradizer-me, desde que ela não dê por tal e eu atinja o meu fim. Deixemos os sábios questionadores terem o maior dos orgulhos em evitar qualquer contradição; a vida de uma jovem é demasiado rica para ser isenta delas, e torna pois necessária a contradição.

Cordélia é orgulhosa e, além disso, não faz qualquer idéia do erotismo. É certo que, no campo espiritual, me rende uma certa homenagem, mas quando o erotismo começar a adquirir importância é muito possível que ela seja suficientemente audaz para voltar contra mim o seu orgulho. Segundo tudo o que me foi possível observar, ela não sabe que pensar da importância real da mulher. Por isso foi fácil erguer contra Eduardo o seu orgulho. Mas tal orgulho era totalmente periférico, pois ela não tinha idéia alguma do amor. Assim que possuir uma, poderá nascer o seu verdadeiro orgulho; porém, poder-se-ia juntar a ele um resto desse orgulho periférico, e então é sempre possível que ela se volte contra mim. Não se arrependerá de ter consentido no noivado, mas ser-lhe-á fácil verificar que eu me libertei dele por baixo preço e que, no que lhe diz respeito, a história a deixa em má situação. A dar-se conta disso, ousará defrontar-me. Precisamente o que é necessário. Saberei então até que ponto a emoção a penetrou.

É certo! De longe, na rua, vi já esta bela cabecinha encaracolada que se inclina o mais possível para fora da janela. Há já três dias que a noto... Decerto que não é sem razão que uma jovem espreita pela janela, tem sem dúvida os seus motivos... Mas, peço-vos, pelo amor de Deus, não vos inclineis assim tanto, aposto que tendes os pés na travessa da cadeira, adivinho-o pela posição. Lembrai-vos bem do horror que seria se caísseis sobre uma cabeça, não a minha pois, até nova ordem, me mantenho fora do assunto,

mas a dele; porque, enfim, tem forçosamente de haver um ele qualquer... Mas, que vejo eu ali adiante, no meio da rua? — ah! é o meu amigo, o licenciado Hansen. A sua apresentação é singular, envergou um traje de circunstância e, a julgar pelas aparências, vem trazido nas asas do desejo. Será visita desta casa? E eu que o não sabia... Minha bela jovem, haveis desaparecido; oh, compreendo, fosteis abrir a porta para o receber... Mas voltai, voltai, ele não vai de modo algum entrar nessa casa... como, sabei-lo melhor do que eu? Mas, se vo-lo asseguro, foi ele próprio quem mo disse. E se a carruagem que acaba de passar não tivesse feito tanto barulho, vós própria o teríeis podido ouvir. Dizia-lhe eu, oh! o mais acidentalmente possível: *Vens a esta casa?* E, sem hesitar, respondeu-me: *Não...* Bem lhe podeis dizer adeus, pois agora vamos dar um passeio, o licenciado e eu. Está embaraçado, e as pessoas embaraçadas gostam de tagarelar. Falar-lhe-ei agora da paróquia que ele pretende... Adeus, minha bela jovem, iremos até a alfândega. Ali chegando, dir-lhe-ei: maldição! o que tu me desviaste do caminho, e eu que tinha de ir a Vestergade. — enfim, eis-nos aqui de novo... Que fidelidade — ainda à janela. Uma tal rapariga deve tornar um homem feliz... Mas, perguntais, por que faço eu tudo isto? Será porque sou um crápula cujo prazer consiste em arreliar os outros? De modo algum. É por solicitude para convosco, amável donzela, que o faço. Primeiro. Tereis esperado o licenciado, tereis suspirado por ele e, quando chegar, parecerá duplamente belo aos vossos olhos. Segundo. Agora, quando o licenciado entrar, dirá: *Safa! quase fomos apanhados. Então o diabo do homem não havia de estar em frente da tua porta, e logo quando eu te vinha visitar. Ah! mas eu fui esperto, travei com ele uma grande conversa sobre a paróquia que procuro, e mais isto, e mais aquilo, arrastei-o até a alfândega; prometo-te que não deu por nada.* Bom, e depois? Pois bem, amareis mais que nunca o licenciado, porque sempre acreditastes que ele tinha excelentes qualidades de espírito, mas que ele fosse esperto... vós própria o

acabais de ver. E é a mim que deveis ficar agradecida. — Mas, pensemos melhor. Os vossos esponsais não foram evidentemente anunciados ainda, de outro modo já o teria sabido. A jovem é deliciosa e dá prazer aos olhos; mas é nova ainda e os seus conhecimentos não estarão talvez amadurecidos. Não será possível que ela vá dar um passo extremamente grave, irrefletidamente? É preciso impedi-la, é preciso que lhe fale. Devo-lho, pois não há dúvida de se tratar de uma jovem encantadora. E devo-o ao licenciado, pois é meu amigo — e assim também a ela, dado que é a futura esposa do meu amigo. Devo-o à família que, sem a menor dúvida, é muito respeitável. Devo-o ao gênero humano, porque se trata de uma boa ação. A todo o gênero humano! Que alto pensamento, que desporto edificante, agir em nome de todo o gênero humano, e ter na sua posse um tão geral poder. — Mas voltemos a Cordélia. Posso sempre empregar estados de alma, e a bela languidez desta jovem emocionou-me realmente.

É pois agora que começa a primeira guerra com Cordélia, guerra em que bato em retirada e a ensino assim a vencer, perseguindo-me. Continuarei a recusar e, nesse movimento de retirada, ensiná-la-ei a reconhecer, agindo sobre mim, todas as potencialidades do amor, os seus pensamentos inquietos, a sua paixão, e o que são o desejo, a esperança e a espera impaciente. Representando-os assim para ela, nela faço nascer e desenvolverem-se todos esses estados. Conduzo-a numa marcha triunfal, e sou aquele que canta os ditirâmbicos elogios da sua vitória, enquanto lhe guio os passos. Despertará nela a coragem de acreditar no amor e, ao ver o domínio que ele tem sobre mim, ao ver os meus reflexos, compreenderá enfim o seu poder eterno. Perante a minha confiança na minha arte, perante a verdade que está na base de tudo que faço, acreditar-me-á; porque, de outro modo, não me acreditaria. A cada um dos meus movimentos se torna ela mais e mais forte; nela nasce o amor, e é investida na dignidade de mulher. — No sentido banal

não pedi ainda a sua mão, mas fá-lo-ei agora, libertá-la-ei, pois apenas assim a quero amar. É indispensável que ela não suspeite dever-me a liberdade, pois perderia a confiança em si própria. Então, quando se sentir livre, tão livre que chegará quase à tentação de romper comigo, começará a segunda guerra. Nesse momento terá força e paixão, e a luta será importante para mim; quanto às conseqüências imediatas, aconteça o que tiver de acontecer. Digamos que, no seu orgulho, é presa de vantagem e rompe comigo, enfim! terá a sua liberdade; mas, de qualquer modo, virá a ser minha. É uma estupidez pensar que o noivado a aprisiona, pois só quero possuí-la na sua liberdade. Ainda que me abandone, a segunda guerra travar-se-á; e nessa luta vencerei, tão certo como a sua vitória ter sido, na primeira, uma ilusão, segundo o meu ponto de vista. Quanto mais alta for a plenitude das suas forças, tanto mais interessante tudo se tornará para mim. A primeira é uma guerra de libertação e um jogo; a segunda é a guerra da conquista, e é de vida ou de morte.

Amo Cordélia? Sim! Sinceramente? Sim! Felizmente? Sim! — no sentido estético, e também isso tem um importante significado. De que serviria a esta jovem cair nas mãos de um desajeitado marido fiel? Que teria feito dela um tal marido? Nada. Diz-se que, para triunfar na vida, é necessário algo mais que a honestidade; e eu diria que é necessário algo mais que a honestidade para amar uma jovem como esta. E eu possuo esse algo mais — é a falsidade. E, no entanto, amo-a fielmente. É com a maior firmeza e continência que eu próprio velo para que se possa desenvolver tudo que nela existe, toda a riqueza da sua natureza divina. Sou um de entre os raros que o podem fazer, ela é uma de entre as poucas que têm as condições necessárias; não fomos pois feitos um para o outro?

Farei mal em fixar os olhos no belo lenço bordado que tendes na mão, em vez de olhar o pastor? Fareis mal em segurá-lo assim?... Há um nome bordado no canto... chamai-vos Charlotte Hahn. É bem

sedutor ficar a saber o nome de uma dama desta maneira acidental. É como se existisse um espírito complacente que, em segredo, vos apresentasse a mim... ou não será por acaso que o lenço está dobrado de modo a eu poder ver o vosso nome?... Estais emocionada, limpais uma lágrima... O lenço flutua de novo... Surpreendeis-vos por eu vos olhar e não ao pastor. Olhais o lenço e compreendeis que ele traiu o vosso nome... Mas trata-se de um assunto muito inocente, é tão fácil descobrir o nome de uma jovem... Por que vos voltais pois contra o lenço, por que machucá-lo e ficardes zangada com ele? Por que ficardes zangada comigo? Escutai o que diz o pastor: *Que ninguém faça cair outrem em tentação; também aquele que o faz na ignorância, também esse tem uma responsabilidade, também ele tem uma dívida para com esse outrem, dívida que só poderá pagar por uma maior benevolência...* E agora ele diz *Amém.* — Passada a porta da igreja, decerto ousareis deixar que o lenço flutue livremente ao vento.... Ou tereis medo de mim? Mas que fiz eu afinal?... Terei feito algo que não pudésseis perdoar; mais que o que ousareis recordar — a fim de o perdoar?

Nas minhas relações com Cordélia, será necessária uma dupla manobra. Se me limito a fugir frente à sua supremacia, haverá grandes probabilidades de o seu erotismo se tornar demasiado débil, demasiado inconsistente para permitir à feminilidade mais profunda que se manifeste visivelmente. Ela seria então incapaz de oferecer resistência quando começar a segunda luta. É certo que a vitória a bafeja enquanto dorme, mas é exatamente o que pretendo; em contrapartida, é necessário que ela seja continuamente despertada. Assim, quando num determinado instante tiver a impressão que lhe foi de novo negada a vitória, deverá aprender a não renunciar a ela. É esse o conflito em que amadurecerá a sua feminilidade. A conversação poderia servir para a inflamar, as cartas para a moderar, ou inversamente, o que seria, a todos os títulos, preferível. Posso então fruir dos seus mais intensos instantes. Recebida uma

carta, e diluído no seu sangue o doce veneno, uma só frase bastará para libertar o amor. No instante seguinte, a ironia e o gelo lançarão a dúvida no seu espírito, o que no entanto a não impedirá de continuar a crer na sua vitória e que, ao receber ela uma segunda carta, fará com que a julgue ainda maior. Acontece ainda que a ironia não é tão bem cabida numa carta, pois se corre o risco de não ser entendida como tal. Os devaneios só como aparecimentos momentâneos se adaptam a uma conversa. A minha presença pessoal impedirá o êxtase. Se eu apenas estiver presente numa carta, ela poder-se-á adaptar melhor, confundir-me-á até um certo ponto com um ser, mais universal, que habita o seu amor. Além disso, numa carta posso muito melhor adotar atitudes extremas, poderei mesmo, com a maior facilidade, lançar-me a seus pés, etc., o que facilmente daria azo a confusões se o fizesse pessoalmente, perdendo-se assim a ilusão. A contradição destas manobras provocaria e desenvolveria nela o amor, justificá-lo-ia e consolidá-lo-ia, numa palavra, tentá-lo-ia.

Contudo, estas cartas não devem adquirir prematuramente um forte tom erótico. Melhor será que, de início, apresentem um cunho mais universal, que contenham apenas uma ou duas indicações, por meias palavras, e afastem qualquer possível dúvida. Ocasionalmente, indicarão também a vantagem dos esponsais, no sentido em que estes, mistificando as pessoas, as podem afastar. Aliás, não lhe faltará ocasião de se dar conta dos defeitos de um noivado. E, a par com o que escrevo, tenho a casa de meu tio que pode sempre servir como caricatura. Sem o meu auxílio, Cordélia não seria capaz de engendrar o erotismo profundo. E se eu lho recuso e permito que esta comédia a atormente, ela perderá em breve o gosto pelo noivado, sem poder, no entanto, dizer que a culpa é, no mínimo ponto, minha.

Cordélia receberá hoje uma breve carta que, descrevendo o meu estado de alma, lhe indicará muito de leve aquele em que ela própria se encontra. É este o bom método, o método não me falta;

isto graças a vós, queridas crianças que amei outrora. A vós devo estas disposições da minha alma que me tornam capaz de ser, para Cordélia, o que pretendo. Dirijo-vos um pensamento de gratidão, pois todo o mérito vos cabe. Sempre confessarei que uma donzela é um professor nato e que sempre será possível aprender com ela, se não outra coisa, pelo menos, a arte de a iludir — pois em tal matéria ninguém iguala as jovens, quando se trata de a ensinar; por muito que viva, nunca no entanto esquecerei que um homem só está acabado quando atinge a idade em que nada pode aprender com uma donzela.

Minha Cordélia!

Dizes que me não tinhas imaginado assim, mas também eu nunca pensei que assim me poderia tornar. Serás pois tu quem mudou? Porque, no fundo, é muito possível não ter sido eu a modificar-me, mas sim os olhos com que me vês; ou terei sido eu? Sim, fui eu, porque te amo, foste tu, porque é a ti que amo. À luz fria e tranqüila da razão, orgulhosa e impassível, eu tudo olhava, nada me causava temor, nada me surpreendia; sim, ainda que o espectro tivesse batido à minha porta, teria agarrado tranqüilamente no archote para ir abrir.[25] *Mas, vês tu, não foram fantasmas a quem abri, não a seres pálidos e sem força, foi a ti, minha Cordélia, foi à vida, à juventude, à saúde e à beleza que vinham ao meu encontro. O meu braço treme, não consigo manter o archote imóvel, recuo perante ti sem conseguir impedir-me de em ti fixar os olhos e de desejar manter o archote imóvel. Modifiquei-me, mas por que esta mudança, como se efetuou ela e em que consiste? Ignoro-o, e não conheço termo mais preciso, predicado algum mais rico que aquele que emprego quando, de modo infinitamente enigmático, digo de mim próprio: fui transformado.*

Teu Johannes

Minha Cordélia!

O amor ama o segredo — o noivado revela; ama o silêncio — o noivado é pregoeiro; ama o murmúrio — o noivado proclama ruidosamente; e no entanto, graças precisamente à arte de Cordélia, o noivado será um meio excelente para iludir os adversários. Numa noite sombria, nada há de mais perigoso para os outros barcos que acender as luzes de bordo, pois enganam mais que a escuridão.

Teu Johannes

Está sentada no sofá, diante da mesa do chá, e eu ao lado dela; tem o braço passado pelo meu, a sua fronte, atormentada por numerosos pensamentos, apóia-se no meu ombro. Está tão perto de mim e, no entanto, tão longe ainda; abandona-se e, no entanto, não me pertence. Há resistência ainda, mas esta não é subjetivamente refletida, é a resistência natural da feminilidade; pois a natureza feminina é um abandono sob a forma de resistência. — Está sentada no sofá, diante da mesa do chá, estou sentado ao lado dela. O seu coração bate, mas sem paixão, o seu peito ergue-se e baixa-se, mas sem agitação, por vezes a sua cor muda, mas por transições suaves. Será amor? De modo algum. Ela escuta, ela compreende. Ouve a palavra alada e compreende-a, ouve falar um outro e compreende-o como se fosse ela própria a falar; escuta a voz que se faz eco nela, e compreende este eco como se fora a sua própria voz a abrir perspectivas para ela e para um outro.

Que faço? Será que a seduzo? De modo algum, também isso me não conviria. Será que lhe roubo o coração? De modo algum; prefiro também que a jovem a quem devo amar mantenha o seu coração. Então, que faço? Formo, em mim, um coração à imagem do seu. Um artista pinta a sua bem-amada, e aí encontra o seu prazer; um escultor modela-a, e é o que também eu faço, mas no sentido espiritual. Ela não sabe que eu possuo este retrato e, no fundo, é nisso que consiste o meu crime. Consegui obtê-lo clandestinamente,

e é nesse sentido que lhe roubei o coração, tal como se diz de Raquel que roubou o coração de Labão, ao furtar-lhe perfidamente os ídolos do lar.

Grande é a influência que têm sobre nós o meio e o quadro em que estamos. É de coisas como estas que mais sólida e profundamente se impregna a memória, ou antes, toda a nossa alma, e que, por conseqüência, nunca serão esquecidas. Seja qual for a minha idade, sempre me será impossível imaginar Cordélia num outro ambiente que o desta salinha. Quando a venho ver, a criada abre-me a porta da sala, Cordélia sai do seu quarto, e abrimos ao mesmo tempo as duas portas para entrarmos nesta divisão que nos é já familiar, de modo que os nossos olhares se encontram desde logo. A divisão é pequena e de uma encantadora intimidade, dir-se-ia quase um escritório. Embora já a tenha admirado de muitos pontos de vista, é ainda do sofá que prefiro olhá-la. Está ali sentada, ao meu lado, e diante de nós encontra-se uma mesa de chá redonda, com uma cobertura de amplas pregas. Em cima da mesa, um candeeiro em forma de flor que, robusto e repleto, se ergue para suportar o seu remate, de onde pende um quebra-luz de papel, elegantemente recortado, e tão leve que constantemente oscila. A forma do candeeiro faz pensar no Oriente, e os movimentos do quebra-luz recordam as leves brisas desses países longínquos. O sobrado desaparece sob um tapete de vime entretecido, de um tipo particular que trai a sua origem estrangeira. Por momentos o candeeiro será, para mim, a idéia mestra da minha paisagem. Ficamos então estendidos por terra, sob a flor do candeeiro. Noutros momentos, o tapete de vime faz-me pensar num navio, num camarote de oficial — vogamos então no meio de um grande oceano. Como estamos sentados longe da janela, o nosso olhar mergulha imediatamente na imensidade do céu, o que aumenta a ilusão. Estando assim sentado a seu lado, evoco estas coisas como uma imagem que passa furtivamente sobre a realidade, tão depressa como a morte sobre o

nosso túmulo. O ambiente tem sempre uma grande importância, sobretudo por causa das recordações. Qualquer relação erótica deve ser vivida de modo a ser-nos fácil evocar-lhe a imagem, com tudo o que nela existe de belo. Para o conseguir é necessário, acima de tudo, dar atenção ao ambiente. Se este não está à altura dos nossos desejos, só há que produzir um outro. Aqui, ele convém a Cordélia e ao seu amor. Mas quão diferente é a imagem que se apresenta ao meu espírito, quando penso na minha pequena Emília e, no entanto, o seu ambiente também lhe convém perfeitamente. Não a consigo imaginar, ou antes, não o quero, a não ser na saleta que dá para o jardim. As portas estavam abertas, o jardinzinho diante da casa limitava a vista e obrigava o olhar a fixar-se nele, a parar um pouco antes de prosseguir ousadamente pela estrada que se perdia ao longe. Emília era encantadora, mas mais insignificante que Cordélia. Por isso o quadro se lhe adaptava. O olhar conhecia os seus limites, não se lançava em frente com coragem e impaciência, repousava no primeiro plano; a própria estrada, embora se perdesse romanticamente ao longe, tinha no entanto como efeito que os olhos a seguissem para logo voltarem pelo mesmo trajeto. Nessa divisão tudo era terra-a-terra. O ambiente que rodeia Cordélia não deve ter qualquer primeiro plano mas a ousadia do horizonte infinito. Ela não deve viver perto da terra, mas planar — não deve andar, mas voar, e não para um e para outro lado, mas sempre em frente.

Quando nós próprios estamos noivos, somos prazenteiramente iniciados nas ridículas maneiras dos noivos. Há alguns dias, apareceu-me o licenciado Hansen, acompanhado pela adorável jovem com quem está para casar. Confiou-me que ela era encantadora, o que eu já sabia, confiou-me que era muito nova, o que eu também não ignorava, e por fim confiou-me que era precisamente pela sua juventude que a escolhera, para a formar segundo o ideal de que sempre tivera a íntima noção. Santo Deus! este alarve deste licenciado — e uma jovem sã, florescente e jovial. Embora eu seja um

praticante de velha data, nunca me aproximo de uma jovem senão como das *Venerabile* da natureza, e é ela quem me dá as primeiras lições. E se tenho uma qualquer influência na sua formação, é ensinando-lhe, sempre e sempre, o que com ela aprendi.

É indispensável emocionar a sua alma, agitá-la em todos os sentidos possíveis, mas não por partes e em rajadas, e sim inteiramente. É necessário que ela descubra o infinito, que ela o conheça como o que mais próximo se encontra do homem. Que ela o aprenda, não pelo raciocínio, que é para ela um caminho errado, mas na imaginação, que é o verdadeiro meio de comunicação entre nós. Pois o que constitui uma das faculdades do homem é, para a mulher, tudo. Não é pelas laboriosas vias do raciocínio que ela se deve esforçar por atingir o infinito, pois a mulher não nasceu para o trabalho; mas é pelas vias fáceis da imaginação e do sentimento que ela o deve apreender. Para uma jovem o infinito é tão natural como a idéia de que todo amor deve ser feliz. Onde quer que uma jovem se encontre, ela encontra o infinito ao seu redor, e para ele passa num salto, mas, bem entendido, num salto feminino e não masculino. A falar verdade, como os homens são, geralmente, desajeitados! Para saltar tomam balanço, precisam de longos preparativos, calculam a distância com os olhos, iniciam várias vezes o movimento, atemorizam-se e voltam para trás. Finalmente, saltam e caem a meio. Uma jovem saltará de outro modo. Nas nossas montanhas existem duas rochas salientes, separadas por um abismo profundo, terrível de olhar. Nenhum homem ousaria saltá-lo. Mas, contam os habitantes da região, uma jovem atreveu-se a fazê-lo e por isso lhe chamam o *Salto da Donzela*. Não posso deixar de crer nisto, como creio em tudo o que de bom e maravilhoso se contar acerca de qualquer jovem, e reconforta-me o coração ouvir essa boa gente narrar o fato. Tudo creio, mesmo o miraculoso, e apenas me surpreendo por acreditar; e, tal como a primeira, a única coisa que neste mundo me surpreendeu foi uma jovem, uma jovem será

também a última que me surpreenda. E no entanto, um tal salto não passa para ela de um pulinho, enquanto o salto dos homens se torna sempre ridículo porque, seja qual for o comprimento da sua passada, o seu esforço nada tem a ver com a distância entre as rochas, embora dê uma espécie de medida. Mas quem seria suficientemente tolo para imaginar uma jovem a tomar balanço? É possível imaginá-la correndo, mas mesmo essa corrida é um jogo, um prazer, uma festa de graciosidade, enquanto que a idéia do tomar balanço separa o que, na mulher, tão estreitamente se liga. Porque no balanço se encontra a dialética, que repugna à sua natureza. E enfim, o salto, ainda aí, quem ousaria ser suficientemente inestético para separar o que está estreitamente ligado? O seu salto é um vôo planado. E, ao alcançar o outro lado, ei-la, não esgotada pelo esforço, mas de novo bela, mais bela que nunca, mais cheia de alma, e lançando-nos um beijo, a nós que ficamos do lado de cá. Jovem, recém-nascida, como uma flor a brotar das raízes da montanha, ela balança-se sobre o abismo até quase nos causar vertigens. — O que ela deve aprender é a prática de todos os movimentos do infinito, a balançar-se, a embalar-se a si própria nos estados de alma, a confundir poesia e realidade, verdade e ficção, a recrear-se no infinito. Quando estiver familiarizada com tal bulício, associar-lhe-ei o erotismo, e ela será o que pretendo, o que desejo. Terei então acabado o meu serviço, a minha tarefa, poderei recolher todas as minhas velas, estarei sentado a seu lado, e é servindo-nos das suas velas que avançaremos. E, não exagero, assim que esta jovem esteja inebriada pelo erotismo, decerto estarei completamente ocupado a segurar o leme e moderar o andamento, para que nada de prematuro ou inestético se produza. De tempos a tempos, far-se-á um pequeno rasgão na vela e, em seguida, progrediremos de novo.

Cordélia indigna-se cada vez mais em casa de meu tio. Já por várias vezes me pediu que nunca mais lá voltássemos, mas em vão — sou sempre capaz de arranjar pretextos. Ontem, ao anoitecer, e

quando de lá saíamos, apertou-me a mão com uma paixão extraordinária. Sem dúvida que se sentira ali muito torturada, o que de modo algum me espanta. Se me não continuasse a divertir com a observação das monstruosidades dessa aglomeração factícia, seria incapaz de continuar a interessar-me por ela. Esta manhã recebi uma carta em que Cordélia troça os esponsais em geral, com mais espírito do que a teria julgado capaz. Beijei a carta, a mais querida de todas as que recebi. Muito bem, minha Cordélia! É tudo o que eu queria.

É bastante curioso; quis a sorte que, em Ostergade, haja dois pasteleiros um em frente do outro. No primeiro andar esquerdo mora uma jovenzinha. Habitualmente esconde-se por detrás de uma gelosia que encobre a vidraça a que ela se senta. A gelosia é de um material muito leve, e quem conhece a jovem, ou já a viu muitas vezes, se tiver bons olhos, poderá reconhecer facilmente todos os seus traços, enquanto que, para quem a não conhece e não tem boa vista, ela não passa de uma silhueta indistinta. É este o meu caso, ao contrário de um jovem oficial que, todos os dias, precisamente ao meio-dia, aparece por estas paragens e olha a citada gelosia. Na realidade, foi esta que primeiro atraiu a minha atenção para tão bela comunicação telegráfica. As outras vidraças não têm gelosias, e esta que, completamente solitária, esconde apenas uma vidraça, indicava sem margem de dúvida haver alguém por detrás. Aconteceu que uma manhã eu estava à janela do pasteleiro defronte. Era exatamente meio-dia. Sem dar atenção a quem passava na rua, fixava eu os olhos na tal gelosia quando, subitamente, por detrás dela, a figura indistinta começou a mover-se. Uma cabeça de mulher apareceu, de perfil, atrás do vidro do lado, voltando-se estranhamente no sentido da gelosia. Depois saudou muito amigavelmente com um pequeno acenar de cabeça e de novo se escondeu por trás da gelosia. Concluí que a saudação era dirigida a um homem, pois o gesto fora por demais apaixonado para ser devido ao avistar de uma amiga; mas

concluí também que aquele a quem a saudação se dirigia devia vir geralmente do lado oposto. Ela colocara-se pois de modo a poder vê-lo assim que aparecesse, e a cumprimentá-lo escondida pela gelosia. — Perfeitamente! ao meio-dia em ponto chega o herói desta cenazinha de amor, o nosso caro tenente. E eu estou já dentro da pastelaria, no rés-do-chão da casa onde a jovem mora. O tenente avistou-a já. Atenção!, meu caro amigo, não é nada cômodo dirigir um belo cumprimento para um primeiro andar. Aliás, não se pode dizer que seja desajeitado; é bastante alto, elegante, tem um belo rosto, com um nariz aquilino, cabelos pretos e um tricórnio que lhe fica bem. Mas agora está embaraçado, as pernas começam, pouco a pouco, a fraquejar, como que se tornam demasiado compridas. À vista, o efeito é comparável à sensação provocada por uma dor de dentes, quando estes nos parecem crescer na boca. Ao concentrarmos todo o nosso poder no olhar, e dirigindo-o para um primeiro andar, arriscamo-nos a retirar demasiada força às pernas. Perdoai-me, senhor tenente, se faço parar esse olhar a meio do seu vôo para o céu. Sim, sem dúvida que é uma impertinência. Pretender que é um olhar cheio de significado seria falso, pois quase não conta, embora cheio de promessas. Mas todas essas promessas lhe sobem, aparentemente, à cabeça; ei-lo que vacila ou, para falar como o poeta a propósito de Agnete, titubeia, cai. Não o merece. É bastante aborrecido, pois quando se quer, como homem galante, emocionar as damas, nunca se deve cair. É necessário dar atenção a essas coisas quando pretendemos ser homens mundanos, mas são indiferentes se nos apresentamos simplesmente como uma figura intelectual; porque então mergulhamos em nós próprios, desmoronamo-nos e, ainda que chegássemos a cair realmente, ninguém se admiraria. — Que terá a minha jovenzinha pensado deste incidente? É pena que eu não possa estar, ao mesmo tempo, dos dois lados destes Dardanelos. É certo que poderia postar um conhecido meu do outro lado, mas prefiro sempre ser eu próprio a fazer as minhas

observações e, além disso, nunca se pode saber o que, para mim, virá a resultar deste assunto e, em tais casos, é sempre mau ter um confidente, pois perdemos tempo a arrancar-lhe o que sabe e a desconcertá-lo. — Este bom tenente começa já a enfadar-me. Dia após dia, ali o vejo desfilar em grande uniforme. Que terrível constância! Será digna de um soldado? Mas, meu caro Senhor, não trazeis uma espada? Não será vosso dever tomar a casa de assalto e a jovem à força? Ah, se fôsseis um simples bacharel, um licenciado ou um vigário vivendo de esperanças, o caso seria outro. Mas sempre vos perdôo porque, quanto mais admiro a jovem, mais ela me agrada. É bela, os seus olhos castanhos são cheios de malícia. Enquanto espera a vossa chegada, o seu rosto irradia uma superior beleza que palavras algumas poderão exprimir. Daí concluo que ela deve ter muita imaginação, e a imaginação é a pintura natural do belo sexo.

Minha Cordélia!

O que é o desejo? A língua e os poetas fazem rimar desejo e prisão.[26] *Que absurdo! Como se aquele que está na prisão pudesse arder em desejo! Se eu fosse livre, como arderia! E, por outro lado, sou livre como um pássaro e, acredita-me, ar do em desejo — sinto-o ao ir para tua casa e quando te deixo, e, ainda quando estou sentado a teu lado, ardo em desejo por ti. Mas poder-se-á então desejar aquilo que se possui? Sim, quando pensamos que, no instante seguinte, o não possuímos já. O meu desejo é uma impaciência eterna. Se eu tivesse vivido todas as eternidades e ganho a certeza de que me pertences em todos os seus instantes, só então estaria junto de ti e viveria contigo todas as eternidades — certamente não teria paciência bastante para estar um só momento separado de ti sem arder em desejo, mas possuiria a confiança suficiente para me manter calmo a teu lado.*

Teu Johannes

Minha Cordélia!

À porta espera um pequeno cabriolé, maior para mim que o mundo inteiro, pois há nele lugar para dois; tem atrelado um par de cavalos selvagens e rebeldes, impacientes como as minhas paixões, fogosos como os meus pensamentos. Se o quiseres, minha Cordélia, arrebatar-te-ei comigo! Uma palavra tua será para mim a ordem que soltará as rédeas e o desejo de fuga. Arrebatar-te-ei, não de entre alguns homens para o meio de outros, mas sim para fora do mundo — os cavalos empinam-se e a carruagem inclina-se para trás; com os cavalos na vertical, quase acima das nossas cabeças, penetramos no céu através das nuvens; os ouvidos vibram-nos; seremos nós que ficamos imóveis e o mundo que gira, ou é o nosso aventuroso impulso? sentes-te tomada de vertigem, minha Cordélia, apóia-te fortemente em mim que a não terei. Nunca poderá sentir vertigem espiritual aquele que apenas pensa numa coisa, e eu penso em ti — nunca poderá sentir vertigem física aquele que fixa o olhar numa só coisa, e eu só tenho olhos para ti. Mantém-te firme; mesmo que o mundo perecesse, mesmo que o nosso leve cabriolé desaparecesse debaixo de nós, mesmo assim, apertados nos braços um do outro, planaríamos na harmonia das esferas.

Teu Johannes

Chega quase a ser demasiado. O meu criado esperou seis horas, e eu próprio quase duas, à chuva e ao vento, apenas para espiar a gentil Charlotte Hahn. Todas as quartas-feiras, entre as duas e as cinco, vai habitualmente ver uma velha tia, e logo hoje, quando tanto desejava encontrá-la, não apareceu. E por que este desejo? Porque ela sabe imprimir em mim um estado de alma em tudo singular. Cumprimento-a e ela faz a sua reverência de um modo ao mesmo tempo indescritivelmente terreno e, no entanto, tão sublime; fica quase imóvel, como se estivesse prestes a desaparecer debaixo da terra e, no entanto, o seu olhar parece dizer que num

momento irá subir ao céu. Ao vê-la, a minha alma adquire uma feição solene, ao mesmo tempo que se enche de desejo. Aliás, a jovem não ocupa o meu pensamento e, além desta saudação, nada pretendo, ainda que ela mo quisesse dar. A sua saudação provoca em mim um bom humor de que, em seguida, sou pródigo para com Cordélia. — Entretanto, aposto que, de uma maneira ou doutra, ela se nos escapou em frente do nariz. Não é só nas comédias, mas também na vida real, que é difícil vigiar uma jovem; é necessário ter tantos olhos como dedos. Houve em tempos uma ninfa, Cardea, que passava o tempo a iludir os homens. Mantinha-se nos sítios arborizados, atraía os que por ela se apaixonavam para o mais denso dos bosques, e desaparecia. Quis iludir também Janus, mas este pôde pagar-lhe na mesma moeda, graças aos olhos que tinha na parte de trás da cabeça.

As minhas cartas acertam no alvo. Desenvolvem a sua alma, se não mesmo o seu erotismo. Para tal, aliás, as cartas não servem, mas sim os bilhetes. Quanto maior é o caminho já percorrido pelo erotismo, tanto mais curtas as cartas se tornam; mas vão tocar com maior certeza no ponto erótico. A fim de a não tornar sentimental ou indolente, a ironia irá, por seu lado, retesar os sentimentos, ao mesmo tempo que a tornam ávida do alimento que prefere. Os bilhetes fazem, de longe e vagamente, adivinhar o supremo bem. As nossas relações quebrar-se-ão no instante em que esse pressentimento começar a despontar na sua alma. Perante a minha resistência, tomará forma nela, como se do seu próprio pensamento se tratasse, um impulso do seu próprio coração. E é isso que eu quero.

Minha Cordélia!

Existe aqui, em Copenhague, uma pequena família composta por uma viúva e as suas três filhas. Duas destas têm lições nas Cozinhas do Rei. Numa tarde do princípio do verão, por volta das cinco horas, a

porta abre-se suavemente e um olhar perscrutador dá volta à sala. Ninguém, a não ser uma jovem sentada ao piano. Alguém entreabre a porta para ver sem ser visto. Não é uma artista quem toca — se o fosse esse alguém decerto teria voltado a fechar a porta. A jovem toca uma melodia sueca cujos versos falam da juventude e da beleza, demasiado breves; troçam a juventude e a beleza da jovem e esta troça os versos. Quem tem razão? A jovem ou os versos? A música é tão doce, tão triste como se a melancolia fosse o juiz encarregado de decidir o conflito. — Mas tal melodia não tem razão. Que há de comum entre a juventude e estas reflexões? Entre o amanhecer e o morrer do dia? As teclas vibram e fremem, os espíritos sonoros do piano surgem desordenadamente e não se compreendem entre si — minha Cordélia, por que essa veemência, com que fim uma tal paixão?

A que distância, no tempo, deve um acontecimento estar afastado para que o recordemos, e a que distância para que o desejo nostálgico da recordação o não possa já atingir? A este respeito, a maior parte das pessoas é limitada; não conseguem recordar o que está demasiado próximo delas no tempo, nem o que está demasiado longe. Para mim os limites não existem. Recuo de milhares de anos o que foi vivido ontem, e recordo-o como se fora ontem.

Teu Johannes

Minha Cordélia!

Tenho um segredo a confiar-te, a ti, minha amiga intima. A quem poderia confiá-lo? Ao eco? Traí-lo-ia. Às estrelas? São glaciais. Aos homens? Não o compreendem. Apenas a ti ouso confiá-lo, pois tu sabes esquecer. Existe uma jovem mais bela que o sonho da minha alma, mais pura que a luz do sol, mais profunda que o leito dos mares, mais orgulhosa que o vôo da águia — existe uma jovem — oh! Inclina a cabeça para a minha boca e para a minha voz a fim de que o segredo se não perca — amo essa jovem mais que à minha vida, pois ela é a minha vida; amo-a mais que a todos os meus desejos, pois ela

é o meu único desejo; mais do que a todos os meus pensamentos, pois ela é o meu único pensamento; mais ardentemente que o sol ama as flores, mais intimamente que o desgosto ama o segredo da alma dolorida; mais impacientemente que a areia ardente do deserto ama a chuva — estou ligado a ela com mais ternura que o olhar da mãe à criança, com mais confiança que uma alma em oração; ela é mais inseparável de mim que a planta da sua raiz.

A tua cabeça entorpece, torna-se pensativa, tomba sobre o teu peito, a garganta soergue-se para a socorrer — minha Cordélia! Compreendeste-me! Exatamente, literalmente, sem perderes uma palavra! Deverei tornar tensas as cordas do meu ouvido para permitir à tua voz que de tal me assegure? Uma dúvida, seria possível? Guardarás este segredo? Ousarei contar contigo? Fala-se de pessoas que, por crimes horríveis, prometiam silêncio umas às outras. A ti confiei um segredo que é a minha vida e a essência da minha vida; não terás tu nada a confiar-me de tão importante, tão belo, tão casto, que, se o segredo for traído, se agitem forças sobrenaturais?

Teu Johannes

Minha Cordélia!

O céu cobre-se — nuvens sombrias carregadas de chuva, como negras sobrancelhas, sulcam o seu rosto apaixonado, e agitam-se as árvores na floresta, sacudidas por sonhos inquietantes. Para mim, estás perdida na floresta. Por trás de cada árvore vejo um ser feminino que a ti se assemelha mas, quando me aproximo, esconde-se atrás de outra árvore. Não quererás mostrar-te a mim, condensar-te no teu próprio ser? Tudo se confunde para mim; cada elemento isolado da floresta perde o seu contorno, tudo se transforma num mar de névoas onde seres femininos, que se te assemelham, aparecem e desaparecem. Não é a ti que vejo, tu perdes-te sempre nos pontos vagos da visão, e no entanto cada imagem, em que julgo ver-te, me torna já feliz. Isto, a que se deve? — Será à rica unidade da tua

natureza, ou à pobre complexidade da minha? — Amar-te, não será amar um mundo?

Teu Johannes

Na verdade, interessar-me-ia muito reproduzir exatamente as minhas conversas com Cordélia. Mas bem vejo que é impossível porque, ainda que eu conseguisse recordar cada uma das palavras trocadas entre nós, é naturalmente impossível reproduzir o ambiente que é, no fundo, o nervo da conversa, as surpresas refletidas pelas exclamações, a paixão, enfim, o princípio vital da conversação. Naturalmente, não me preparo para estes diálogos, o que seria contrário ao caráter próprio de uma conversa, sobretudo quando esta é erótica. Simplesmente, tenho sempre *in mente* o conteúdo das minhas cartas, tal como o estado de alma nela criado por essas cartas está sempre presente no meu espírito. Claro que nunca pensarei sequer em lhe perguntar se as leu. Aliás, é-me fácil verificá-lo. Não lhe falo do assunto diretamente mas, no que digo, mantenho uma secreta comunicação com elas, tanto para reforçar na sua alma uma determinada impressão como para lha arrancar e assim a perturbar. Ela poderá então voltar a ler a carta e receber dela uma impressão diferente, e assim de seguida.

Ela mudou e continua a mudar. Para definir o estado da sua alma, diria que, atualmente, é o da audácia panteísta. Isto nota-se imediatamente no seu olhar. As esperanças que nele se refletem são audaciosas, quase temerárias, como se aquele olhar exigisse e pressentisse, a todo momento, o extraordinário. Como um olhar que vê para além de si, este vê para lá do que lhe é mostrado imediatamente, e vê o maravilhoso. Audacioso, quase temerário, mas não por confiança em si próprio, é pois um olhar de sonho e oração, e não altivo e imperioso. Ela procura o maravilhoso fora de si própria, pedir-lhe-á que se mostre, como se não estivesse em seu poder fazê-lo sugerir. É necessário impedir que isto suceda, pois de

outro modo eu alcançaria demasiada preponderância sobre ela. Ainda ontem me dizia que existe algo de régio na minha natureza. Chegará talvez a curvar-se perante mim, mas isso por preço algum deverá acontecer. Sem dúvida que há algo de régio na minha natureza, minha cara Cordélia, mas não soubeste adivinhar qual o reino por onde se estende o meu poder. É o das tempestades dos estados de alma. Como Éolo, deus dos ventos, mantenho-as fechadas no antro da minha personalidade, desencadeando agora uma, logo outra. A lisonja dar-lhe-á o sentimento da sua dignidade, a diferença entre o meu e o teu será mantida, e tudo lhe será atribuído. Porém, quando queremos lisonjear, é necessária uma grande prudência. É preciso por vezes colocarmo-nos num pedestal altíssimo, mas de modo a que exista outro mais alto ainda, outras vezes é necessário dar muito pouca importância a nós próprios. Com vistas a uma finalidade espiritual, o melhor caminho é o primeiro, para uma finalidade erótica, o segundo. — Deve-me ela alguma coisa? Não, nada. Poderia eu desejar que assim fosse? De modo algum. Tenho demasiada prática, demasiado conhecimento, do que é o erotismo, para cometer uma tal inépcia. Mas se ela tivesse realmente uma dívida para comigo, faria todo o possível para que o esquecesse, e para adormecer os meus próprios pensamentos a tal respeito. Toda rapariga é, em relação ao labirinto do seu coração, uma Ariana, segurando o fio graças ao qual é possível sair dele, mas de que ela própria se não sabe servir.

Minha Cordélia!

Fala — obedecer-te-ei, o teu desejo é uma ordem, o teu pedido uma conjuração todo-poderosa, e o mais leve dos teus desejos é para mim uma bondade; pois não te obedeço como um espírito escravo que te fosse exterior. Ordena e a tua vontade será feita e eu próprio com ela; pois eu sou uma desordem moral que apenas espera uma palavra tua.

Teu Johannes

Minha Cordélia!

Bem sabes como gosto de falar comigo próprio. Encontrei em mim o ser mais interessante que conheço. Poderei ter algumas vezes temido a ausência de assunto para estes diálogos, mas isso acabou agora que te tenho. É pois de ti que atualmente falo, de ti que eternamente falarei, de ti, o mais interessante dos assuntos, com o mais interessante dos homens. — Ai de mim! Pois eu não passo de um homem interessante, enquanto tu és o mais interessante dos assuntos.

Teu Johannes

Minha Cordélia!

Achas que há tão pouco tempo que te amo, quase pareces temer que eu tenha amado antes. Existem manuscritos onde o olhar perspicaz imediatamente descobre um texto antigo que foi, pouco a pouco, suplantado por absurdos que sobre nada repousam. Tendo estes sido apagados por meio de líquidos corrosivos, o texto antigo aparece, nítido e preciso. Foi assim que os meus olhos me ensinaram a reencontrar-me em mim próprio, deixo o esquecimento apagar tudo aquilo que contigo se não relaciona, e descubro então um texto primitivo de muito velha data, divinamente jovem, descubro que o meu amor por ti é tão velho como eu próprio.

Teu Johannes

Minha Cordélia!

Como poderá subsistir um reino dividido contra si próprio? Como poderia eu subsistir, pois que estou em luta comigo próprio? A propósito de quê? De ti, para encontrar alguma paz, se for possível, pensando que estou apaixonado por ti. Mas como poderei encontrar essa paz? Uma das potências em luta constantemente pretende

convencer a outra de que é ela quem realmente possui o amor mais profundo e mais sincero; e, no instante seguinte, é a outra que o pretende. Não me sentiria em muitos cuidados se a luta se travasse exteriormente a mim, se, por exemplo, alguém ousasse estar apaixonado por ti ou ousasse não o estar, pois o crime seria o mesmo; mas destroça-me esta luta interior, esta única paixão na sua dualidade.

Teu Johannes

Pequena pescadora, podes perfeitamente eclipsar-te. Esconde-te, se queres, por entre as árvores; apanha as tuas coisas, fica-te tão bem o curvar do corpo, mesmo nesse instante é com uma graça natural que te inclinas sobre os raminhos que reuniste — uma tal criatura carregar fardos semelhantes! Trais, como uma bailarina, a beleza das tuas formas — a cintura delgada, o peito largo, uma estatura florescente, eis o que apontaria qualquer encarregado de recrutamento. Pensas talvez que isso nada vale e as grandes senhoras são muito mais belas; ai de nós, criança! Não conheces toda a falsidade do mundo. Põe-te tranqüilamente a caminho com a tua carga, penetra na enorme floresta que sem dúvida se estende durante muitas léguas, até os limites das azuladas montanhas. Não serás talvez uma verdadeira pescadora, mas uma princesa encantada; serves de criada a um gnomo, e ele é suficientemente cruel para te obrigar a apanhar madeira na floresta. Assim se passam as coisas nos contos de fadas. Se não, por que penetrarias tu mais profundamente na floresta? se fosses na verdade filha de pescador, passarias diante de mim, do outro lado da estrada, para levares a tua lenha à aldeia dos marinheiros. — Segue tranqüilamente o agradável carreiro que serpenteia entre as árvores, o meu olhar te encontrará; procura-me tranqüilamente, o meu olhar te seguirá; não conseguirás emocionar-me, não serei arrastado pelo desejo, estou calmamente sentado na balaustrada da ponte e fumo o

meu charuto. — Uma outra vez — talvez — sim, o teu olhar é vivo quando voltas assim um pouco a cabeça; o teu leve passo quase chama — sim, eu sei, bem compreendo onde conduz esse caminho — à solidão da floresta, ao murmúrio das árvores, ao tão variado silêncio. Repara, o próprio céu te favorece, esconde-se por trás das nuvens, enche de sombras o espaço para lá da floresta, é como se fechasse as cortinas diante de nós. — Adeus, minha bela pescadora, adeus, obrigado pelo teu favor, foi um belo instante, um estado de alma não suficientemente forte para me fazer abandonar o meu estável posto sobre a balaustrada, mas rico no entanto de emoção interior.

Quando Jacó discutiu com Labão a paga dos seus serviços, e foi combinado que Jacó deveria levar ao pasto as ovelhas brancas e, como paga do seu trabalho, receber todo o animal marcado e malhado que nascesse do rebanho, pôs varas verdes sob o olhar das ovelhas, nos regatos, nos bebedouros. — É assim que, por toda parte, me coloco diante dos olhos de Cordélia que continuamente me vêem. Tal se lhe afigura uma pura atenção da minha parte; mas eu sei que, por causa disto, a sua alma perde o interesse por qualquer outra coisa, que se desenvolve nela uma concupiscência espiritual, e me vê por todo lado.

Minha Cordélia!

Eu, esquecer-te! Será pois o meu amor uma obra de memória? Ainda que o tempo apagasse tudo das suas ardósias, mesmo a própria memória, as nossas relações manter-se-iam tão vivas como sempre, não te esqueceria. Eu, esquecer-te ! De que lembrar-me então ? Pois se me esqueci de mim próprio para me lembrar de ti; se te esquecesse, logo seria obrigado a recordar-me de mim próprio e, ao fazê-lo, a recordar-me instantaneamente de ti. Eu, esquecer-te! Que sucederia então? Uma pintura antiga mostra Ariana que salta do seu leito e busca ansiosamente, com os olhos, uma barca que se afasta de

velas pandas. Ao lado dela está, sem corda no seu aro, um Cupido que enxuga as lágrimas e, por detrás dela, uma mulher alada e com um elmo que representa, segundo geralmente se crê, Nemésis. Imagina este afresco, mas um pouco modificado. O Cupido sorri e arma o seu arco, e Nemésis, ao teu lado, não fica inativa, arma o seu arco também. No dito afresco vê-se também um homem na barca, ocupado em governá-la. Supõe-se que seja Teseu. Mas o meu quadro é diferente. Nele, ele está à popa, cheio de arrependimento, ou antes, abandonou-o a sua loucura, mas a barca leva-o consigo. Cupido e Nemésis visam ambos, parte uma flecha de cada arco, e vemos que atingem bem o alvo, compreendemos que ambas ferem o mesmo ponto do seu coração, sinal de que foi a Nemésis quem vingou o seu amor.

Teu Johannes

Minha Cordélia!

Diz-se de mim que estou apaixonado por mim próprio. Isto não me surpreende, pois como poderiam reconhecer a minha disposição para o amor visto que só a ti amo, como a adivinhariam, visto que só a ti amo. Estou apaixonado por mim próprio — por quê? porque estou apaixonado por ti; porque é a ti que amo, apenas a ti e tudo o que em verdade é teu, e é assim que me amo a mim próprio, porque o meu eu te pertence; se, por conseqüência, já te não amasse, deixaria também de estar apaixonado por mim próprio. O que aos olhares profanos do mundo é a expressão do maior egoísmo é pois aos teus olhos iniciados a expressão da mais pura simpatia; o que aos olhares profanos do mundo é a expressão da mais prosaica consideração pessoal é aos teus olhos santificados a expressão do mais entusiástico aniquilamento de si próprio.

Teu Johannes

O meu maior temor era que toda a evolução levasse demasiado tempo. Mas vejo que Cordélia faz grandes progressos, que será

necessário pôr tudo em jogo para lhe manter o fôlego. É sobretudo necessário que ela não enfraqueça demasiado cedo, isto é, antes da hora, senão a hora, o momento exato, terá passado para ela.

Quando se ama não se segue pelas estradas largas. Apenas o casamento se encontra no meio da estrada real. Quando se ama e se vem de Nöddebo, não se costeia o lago de Esrom, embora não passe afinal de um caminho de caça; mas está bem aplainado e o amor prefere preparar os seus próprios caminhos. Mete-mo-nos pelos bosques de Gribs-skov. E ao passearmos assim, pelo braço um do outro, compreendemo-nos, e o que antes fora alegria e dor confundidas torna-se nítido. Não desconfiamos da presença de outrem. — Esta bela faia foi pois testemunha do vosso amor; sob a sua copa foi feita a primeira confissão, a primeira promessa. Tudo estava presente na vossa memória; o primeiro encontro, a primeira vez em que, no baile, estendestes a mão um para o outro, as despedidas quando nada ousáveis ainda confessar a vós próprios e, muito menos, declarar um ao outro. — Como é belo escutar estes repertórios de recordações do amor. — Ajoelharam debaixo da árvore, juraram fidelidade eterna e selaram o pacto com um primeiro beijo. — Eis aqui emoções fecundas para usar em Cordélia. — A faia foi pois testemunha. Ah! sim, uma árvore é exatamente a testemunha que convém, mas é demasiado pouco. Pensais, é certo, que o céu foi também testemunha mas o céu, sem mais nada, é uma idéia muito abstrata. E por isso havia uma outra testemunha. — Deverei levantar-me e divulgar-lhes a minha presença? Não, pois talvez me conheçam, e então estaria o jogo perdido. Deverei levantar-me quando se afastarem, e dar-lhes a entender que estava alguém presente? Não, é mal apropriado. Nada deverá romper o silêncio sobre o seu segredo — enquanto eu assim o quiser. Estão no meu poder, posso desuni-los quando me apeteça. Conheço o seu segredo — só dele ou dela o pude saber — dela própria? É impossível — dele, então? — É horrível — bravo ! E no entanto isto quase se aproxima

da malevolência. Enfim, havemos de ver. Se posso assim obter dela uma impressão que não obteria de outro modo, normalmente, como me agrada, tanto pior, é tudo o que me resta fazer.

Minha Cordélia!

Sou pobre — és a minha riqueza; sombrio — és a minha luz; nada possuo, nada necessito. E também, como poderia eu possuir alguma coisa ? Pois não será uma contradição pretender que aquele que nem a si próprio se possui possua alguma coisa? Sou feliz como uma criança, que nada pode nem deve possuir. Nada possuo, pois só a ti pertenço; não existo, cessei de existir a fim de ser teu.

Teu Johannes

Minha Cordélia!

Minha *Cordélia — que significado atribuir a esta palavra:* Minha? *Ela não designa o que me pertence, mas aquilo a que pertenço, o que engloba toda a minha natureza tanto quanto é minha, tanto quanto lhe pertenço. Meu Deus não é também o Deus que me pertence, mas antes o Deus a quem pertenço, e é também assim quando falo de: minha pátria, meu lar, minha vocação, meu desejo, minha esperança. Se já antes não existisse a imortalidade, este pensamento de ser teu seria capaz, por si só, de quebrar o curso habitual da natureza.*

Teu Johannes

Minha Cordélia!

O que eu sou ? O modesto narrador que segue os teus triunfos; o bailarino que se curva sob os teus passos quando te ergues na leveza da tua graciosidade; o ramo sobre o qual te repousas um instante quando estás cansada de voar; a voz de baixo que se submete ao devaneio do soprano, para o deixar subir ainda mais alto — o que sou ? Sou o peso terrestre que te prende à terra. Então, que sou e ? Corpo,

massa, terra, pó e cinzas — tu, minha Cordélia, tu és alma, e espírito.

Teu Johannes

Minha Cordélia!

O Amor é tudo — e por isso todas as coisas deixaram no fundo de ter importância para aquele que ama, salvo pela interpretação que o amor lhes dá. Se, por exemplo, um noivo fosse culpado de tomar interesse por outra jovem que não a sua noiva, seria sem dúvida encarado como criminoso, e a noiva revoltar-se-ia. Mas sei que tu, pelo contrário, verias em tal confissão uma homenagem; pois bem sabes como seria impossível para mim amar uma outra, é o amor que por ti tenho que lança o seu reflexo sobre tudo o que existe. Assim, se tenho interesse por uma outra, não é para ser culpado de a amar — o que seria uma sem vergonha —, a culpa é apenas tua — porque tu enches toda a minha alma, a vida toma um outro aspecto para mim, torna-se um mito em teu redor.

Teu Johannes

Minha Cordélia!

O meu amor devora-me e apenas deixa a minha voz, esta voz que, enamorada de ti, por toda parte te sussurra ao ouvido que te amo. Oh! estarás tu fatigada de escutar esta vez? Por todo lado ela te rodeia e cerca; com a minha alma rica, mutável e habitada pela reflexão, envolvo o teu ser puro e profundo.

Teu Johannes

Minha Cordélia!

Lê-se nos velhos contos que um rio se enamorou de uma jovem. A minha alma é também um rio enamorado de ti. Tão depressa está calmo e deixa a tua imagem refletir-se nele, profunda e tranqüila, como logo imagina que captou a tua imagem, e as suas ondas erguem-se para te impedirem de escapar, para em seguida enrugar a sua

superfície e brincar com a tua imagem; mas por vezes perde-a, e então as suas ondas escurecem e desesperam. É assim a minha alma: um rio enamorado de ti.

Teu Johannes

Francamente! — Mesmo sem possuir uma imaginação excepcionalmente viva, é possível imaginar sem dificuldade uma carruagem mais cômoda, mais confortável e, principalmente, mais alçada; ir passear numa carroça de carvoeiro só tem valor em sentido figurado. — Mas, à falta de melhor, arrisca-se. Passeia-se na estrada, sobe-se para a carrocinha, anda-se uma légua e nada acontece; duas léguas, tudo vai bem e ganha-se confiança; deste ponto de vista o aspecto do campo é até melhor do que o habitual; e já se atingiram quase as três léguas — mas quem teria podido pensar que, a uma tal distância e em plena estrada, se iria encontrar alguém de Copenhague? E bem sentis que este alguém é de Copenhague, e não um camponês qualquer; o seu modo de olhar é muito especial, tão decidido, nada lhe escapa, avalia-vos e há nesse olhar um leve brilho de troça. Sim, minha pequena, a tua situação não é de modo algum cômoda, sentada, como num estrado, sobre esse veículo de tal modo raso que nem sequer tem onde meter os pés. — Mas a verdade é que não sois obrigada a ir assim, a minha carruagem está à vossa inteira disposição, ouso oferecer-vos um lugar muito menos incomodativo, isto se vos não incomoda ir sentada ao meu lado. Mas, se assim for, cedo-vos toda a carruagem e eu próprio irei ao lado do cocheiro, feliz por ousar levar-vos ao vosso destino. — O chapéu de palha não é suficiente para impedir um olhar de lado; é inútil baixardes a cabeça, posso mesmo assim admirar o belo perfil. Não achais humilhante que o camponês me saúde? Mas não há nada mais natural do que um camponês cumprimentar um cavalheiro. — E tomai atenção, ainda não é tudo, porque ali nos aparece agora um albergue, sim, uma estação de muda da mala-posta, e um carvoeiro é demasiado

devoto, à sua maneira, para passar por uma destas capelinhas sem trincar alguma coisa. Encarregar-me-ei agora dele. Tenho dons excepcionais para enfeitiçar os carvoeiros. Oh! assim me seja permitido agradar-vos também! Não poderá resistir à minha oferta, e certamente que a aceitará. Mas o meu criado pode fazê-lo tão bem como eu. — Agora ele entra na locanda e vós ficais sozinha, no vosso pouso, em cima da carroça. — Sabe Deus quem ela será! Tratar-se-á de uma burguesinha, a filha de um bedel, talvez? Mas, para filha de bedel, é na verdade excepcionalmente bela e veste com raro gosto. Este bedel deve ter uma vida desafogada. Mas, pensando melhor, é possível que seja uma donzelinha de sangue nobre que, cansada de passear de carruagem, resolveu ir a pé até a sua casa de campo e, ao mesmo tempo, tentar uma pequena aventura. É muito possível, essas coisas sucedem. — O carvoeiro não é capaz de me dar qualquer informação, é um imbecil que só sabe beber. Mas está bem, bebe tranqüilamente, tiozinho, ninguém te impede. — Mas que vejo eu? Afinal é a Menina Jespersen, nem mais nem menos, Hansine Jespersen, filha do negociante de Copenhague. Oh! meu Deus! Já nos conhecemos. Foi ela quem uma vez encontrei na Bredgade. Passava de carruagem, sentada de costas para os cavalos, e não conseguia abrir a janela; peguei nos binóculos e tive o prazer de a seguir com os olhos. A sua posição incomodava-a bastante, havia gente demais na carruagem, não se conseguia mexer e, provavelmente, não se atrevia a chamar a atenção dos outros para esse fato. A sua posição atual é, pelo menos, tão incomodativa como a dessa vez. Não há dúvida de que nós os dois estamos predestinados um para o outro. Dizem que é uma jovem romântica; certamente saiu por sua alta recreação. — Mas eis que volta o meu criado com o carvoeiro, e este vem completamente bêbado. É horrível, que gente corrupta estes carvoeiros. Ah, sim, sem dúvida! E no entanto ainda há quem seja pior que eles. — Enfim, eis-vos numa bela aflição, sereis vós própria obrigada a conduzir, não pode haver

nada mais romântico. — Recusais a minha oferta, afirmando que estais muito bem assim, mas não me estareis a tentar enganar? Bem sinto como sois dissimulada. Assim que tiverdes andado um pouco, saltareis da carroça — não são poucos os esconderijos que se encontram na floresta. — Que me selem o meu cavalo, seguir-vos-ei. — Enfim, aqui estou, não tereis a temer qualquer agressão. — Vamos, não vos assusteis tanto, ou voltarei imediatamente para trás. Pretendi apenas inquietar-vos um pouco e dar assim realce à vossa beleza natural. Pois não duvidais de que fui eu quem embriagou o camponês, e no entanto não me permiti sequer pronunciar uma palavra que pudesse ofender-vos. Tudo se pode ainda arranjar pelo melhor; serei bem capaz de dar uma volta a toda esta história de modo a fazer-vos rir dela. De vós apenas pretendo um pequeno lucro — e não vos passe sequer pelo pensamento que eu seja capaz de atentar contra uma rapariga de surpresa. Sou um amigo da liberdade, e em nada me interessa o que não obtenho livremente. — *Compreendeis bem que não é possível continuar desse modo a vossa viagem. Eu, por mim, vou à caça, e é por isso que estou a cavalo. Mas, no albergue, tenho a carruagem atrelada. Se assim quiserdes, ela estará aqui num instante para vos conduzir onde vos parecer. Infelizmente não posso ter o prazer da vossa companhia, pois estou obrigado por uma promessa, e uma promessa de caça é sagrada.* — Aceitais? — eis o problema solucionado num abrir e fechar de olhos. — Vedes? Já não tereis necessidade de vos sentirdes embaraçada se um dia nos voltarmos a encontrar ou, pelo menos, não mais que aquele pouco que tão bem vos fica. Podeis divertir-vos com toda esta história, ride um pouco e pensai um bocadinho em mim. Nada mais peço. Acharão que é pouco, mas este pouco me basta. É um início, e eu sou forte sobretudo nas noções preliminares.

Ontem à noite havia uma pequena reunião em casa da tia. Sabia que Cordélia pegaria na sua malha, onde eu tinha escondido um pequeno bilhete. Deixou-o cair, emocionou-se, impacientou-se.

Eis como devemos servir-nos da situação. Não se pode imaginar quantas vantagens é possível obter assim. Um bilhete, no fundo insignificante, lido nestas circunstâncias, toma para ela uma importância extrema. Não conseguiu falar comigo; eu tinha arranjado as coisas de maneira a acompanhar uma senhora que voltava sozinha para casa. Viu-se pois obrigada a esperar até hoje. Isto é sempre bom para marcar, ainda mais profundamente, a impressão na sua alma. Aparentemente, sou sempre eu quem parece ter uma gentileza para com ela; a minha vantagem é estar instalado em todos os lados, nos seus pensamentos, e de todos os lados a surpreender.

Não há dúvida de que o amor possui a sua dialética própria. Em tempos, houve uma jovem por quem me apaixonei. No verão passado vi, no teatro de Dresde, uma atriz que se lhe assemelhava extraordinariamente. Por esta razão desejei conhecê-la e consegui-o, mas convenci-me então de que a dissemelhança era bastante grande. Hoje, encontrei na rua uma senhora que me fez lembrar a tal atriz. Esta história pode continuar até o infinito.

Os meus pensamentos envolvem Cordélia por todo lado, faço-os voar como anjos ao redor dela. Como Vênus, na sua carruagem puxada por pombas, ela senta-se no seu carro de triunfo e a ele atrelo, como seres alados, os meus pensamentos. Ela é feliz e rica como uma criança, toda-poderosa como uma deusa, e eu caminho junto dela. Na verdade, uma jovem é e será sempre o *Venerabile* da natureza e de toda a existência. Ninguém melhor do que eu o sabe. Só é pena que tal esplendor tenha tão breve duração. Ela sorri-me, cumprimenta-me, acena-me, como se fosse minha irmã. Um só olhar lhe recorda que é a minha bem-amada.

O amor tem muitas posições. Cordélia faz bons progressos. Sentada nos meus joelhos, o braço macio e quente ao redor do meu pescoço, repousa sobre o meu peito sem que eu sinta qualquer peso; as suas formas suaves mal me tocam; o seu corpo encantador

enlaça-me, como um suave nó. Os seus olhos ocultam-se sob as pálpebras, o seu pescoço é de um branco deslumbrante como o da neve, e tão liso que os meus olhos quase não conseguem repousar nele, e deslizariam se o pescoço não palpitasse. Por que esse palpitar? Será amor? Talvez. Um pressentimento, um sonho do amor, mas falta-lhe ainda a energia. Beija-me com prolixidade, como a nuvem da Transfiguração, livre como uma brisa, tão suavemente como quando se pega numa flor; os seus beijos são fugazes como os que o céu dá ao mar, suaves e tranqüilos como os que o orvalho dá às flores, solenes como quando o mar acaricia a imagem da lua.

Chamarei à sua paixão presente uma paixão ingênua. Mas, efetuada a mudança de rumo, quando eu começar seriamente a retirar-me, ela fará todo o possível para me encantar realmente. Como meio apenas lhe restará o próprio erotismo, com a diferença de que este aparecerá então numa escala muito mais vasta. Será uma arma que ela brandirá contra mim. E aí se anunciará a paixão refletida. Lutará por causa de si própria, porque sabe que eu possuo o erotismo; lutará por causa de si própria a fim de me vencer. Terá mesmo necessidade de uma forma de erotismo superior. O que, graças aos meus estímulos, lhe ensinei a suspeitar, far-lho-á compreender então a minha frieza, mas de modo que ela pense que o descobriu por si própria. Deste modo, pretenderá apanhar-me desprevenido, julgará ser-me superior em audácia e, assim, ter-me conquistado. A sua paixão tornar-se-á então decidida, enérgica, concludente, dialética, o seu beijo total, o seu abraço de um irresistível entusiasmo. — Procurará em mim a liberdade e encontrá-la-á tanto melhor quanto mais fortemente eu a enlaçar. O noivado será desfeito, e então necessitará de um pouco de repouso, para que nenhuma fealdade se produza nesse tumulto selvagem. A sua paixão recolher-se-á ainda uma vez, e ela será minha.

Como, indiretamente, o fazia já no tempo do falecido Eduardo, dirijo agora, diretamente, as suas leituras. O que lhe dou a ler é, na

minha opinião, o melhor alimento: a mitologia e os contos. Mas também aqui, como em tudo o resto, ela é livre; espreito todos os seus desejos e, quando estes não existem, eu próprio os crio primeiro.

Quando, durante o verão, as criadinhas, se preparam para ir a Dyrehaven, é, geralmente, um prazer bem pobre. Como só lá vão uma vez por ano, querem tirar o máximo proveito do que gastam. Têm forçosamente de pôr chapéu e xale, e desfeiam-se de todas as maneiras possíveis. A gaiatice é selvagem, feia e lasciva. Não, prefiro o parque de Frederiksberg. Vêm aqui aos domingos à tarde, e eu também. Tudo é próprio e decente, e a própria jovialidade é menos ruidosa e mais nobre. Aliás, os homens que não apreciam as criadinhas perdem com isso mais que elas. Os seus bandos, tão variados, constituem realmente a mais bela milícia, que temos na Dinamarca. Se eu fosse rei — bem sabia o que havia de fazer —, não seria com tropas de infantaria que faria as minhas paradas. Se eu fosse um dos nossos trinta e dois vereadores, pediria imediatamente a instituição de uma junta de saúde pública que, pelos seus conhecimentos na matéria, pelos seus conselhos e exortações, e graças a recompensas apropriadas, procuraria de todos os modos encorajar as criadinhas a adotar vestuários de bom gosto e bem cuidados. Por que desperdiçar tanta beleza, fazendo-a passar despercebida através da vida? Que ela se apresente uma vez por semana, pelo menos, sob a luz que a põe em relevo! Mas, antes de tudo: bom gosto, moderação. Uma criada não deve ter o ar de uma dama, como muito bem o diz *O Amigo da Polícia,* mas as razões desse estimável jornal são inteiramente errôneas. Se ousássemos assim considerar um desejável desenvolvimento na classe das criadinhas, não seria ele, em troca, útil às nossas jovens? Ou será demasiadamente arriscado da minha parte entrever, por este caminho, um futuro para a Dinamarca, um futuro verdadeiramente único no mundo? E, desde que me seja permitido ser contemporâneo

desse ano santo, poder-se-ia, em boa consciência, empregar o dia inteiro a passear por ruas e ruelas, no deleite desse encanto. Como o meu pensamento se apaixona e voa para longe, com uma tal ousadia e um tal patriotismo! Mas, ao mesmo tempo, encontro-me em Frederiksberg onde as criadinhas vêm aos domingos à tarde, e eu também. — Chegam primeiro as do campo, de mãos dadas com os seus namorados, ou seguindo uma outra disposição, todas as raparigas à cabeça, de mãos dadas, e todos os rapazes atrás, ou seguindo ainda uma outra fórmula, duas raparigas e um rapaz. Este grupo constitui o quadro; ficam geralmente de pé ou sentam-se ao longo das árvores que envolvem o grande espaço quadrado, em frente ao pavilhão. Grupo saudável e fresco, apenas com contrastes de cor, um pouco acentuados demais, na pele e nos fatos. Depois, juntam-se ao quadro as raparigas da Jutlândia e da Fiônia. São altas, direitas, talvez um pouco demasiado fortes, e de vestidos um tudo nada garridos. A junta teria aqui muito trabalho. Não faltam também alguns representantes da divisão de Bornholm: ótimas cozinheiras de quem não é bom aproximarmo-nos, nem na cozinha, nem em Frederiksberg — há nelas algo de orgulhoso e rebarbativo. Esta a razão por que a sua presença, pelo contraste, não deixa de ter o seu efeito; não quereria que aqui faltassem, mas é raro que eu me aventure com elas. — Eis os grupos destruidores dos corações: as raparigas de Nyboder. Menos altas, mais arredondadas de talhe, rechonchudas, finas de pele, alegres, felizes, lestas, faladoras, muito coquetes e, acima de tudo, de cabeça ao léu. — Ah, bom dia, Maria; então por aqui? Já há muito que a não via. E então, continua em casa do Conselheiro? — *Sim* — não há dúvida de que é um belo lugar, não? — *Sim* — mas então vem aqui sozinha, sem ninguém para a acompanhar... sem um namorado? foi ele que não teve tempo hoje, ou está à espera dele? — como, não está noiva? Não é possível. A rapariga mais bonita de Copenhague — com um lugar em casa do Senhor Conselheiro, uma rapariga que é uma glória e um modelo

para todas as suas colegas, uma rapariga que se sabe vestir tão bem e… tão magnificamente. Que lindo que é o seu lenço — e da mais fina cambraia… Ena, e com bordados em volta, tenho a certeza de que custou, pelo menos dez marcos… há muita senhora distinta que não tem um igual — luvas francesas — e um guarda-chuva de seda… Como é possível não estar noiva uma rapariga assim? Ora, é absurdo. Aliás, se não estou em erro, havia o Jens que se interessava muito por si. Ora, bem sabe quem é Jens, do negociante que mora no segundo andar… Ora aí está, bem me queria parecer — mas por que é que não ficaram noivos? O Jens era um belo rapaz, tinha um bom lugar e talvez, mais tarde, com a influência do Senhor negociante, pudesse ter vindo a ser agente de polícia ou fogueiro nas locomotivas, não era de modo algum um mau partido… A. culpa foi sua, com certeza; foi talvez muito dura com ele… — *Não. Mas soube que o Jens já tinha estado noivo de uma rapariga, e não se tinha portado nada bem com ela.* —… Que me diz? Mas quem havia de dizer que o Jens fosse assim… ah sim! estes rapazes da Guarda… é preciso ter muito cuidado com eles… Pois fez muito bem. Uma rapariga como você é demasiado preciosa para servir de brinquedo ao primeiro que apareça… Há de arranjar um partido ainda melhor, sou eu que lho digo. — Como vai a Menina Juliana? Há já muito tempo que a não vejo. A minha gentil Maria é que talvez me pudesse dar notícias dela, ficava-lhe tão agradecido… só porque se foi infeliz nos amores, não há razão para se ser indiferente para cornos dos outros… Mas há aqui tanta gente… não ouso falar do assunto, tenho medo que alguém me ouça. — Escute-me apenas um momento, minha bela Maria… Eis o sítio ideal. Nesta álea cheia de sombra, onde as árvores se entrelaçam para nos esconder, aqui onde não vemos ninguém e onde não ouvimos qualquer voz humana, apenas um longínquo eco de música… aqui ousarei falar do meu segredo… Se Jens não tivesse sido tão má pessoa, não é assim?, terias aqui passeado com ele, de braço dado, terias escutado a linda música, e

experimentado o prazer de outra ainda mais bela... Mas por que essa perturbação? — esquece Jens... vejo que queres ser injusta para comigo... foi para te encontrar que aqui vim... era para te ver que freqüentava a casa do Conselheiro... não reparaste?... sempre que o podia fazer, ia até a porta da copa... tens de ser minha... os banhos de casamento serão publicados... amanhã à noite te explicarei tudo... subirei pela escada de serviço, a porta à esquerda, mesmo em frente à porta da cozinha... Até a vista, minha bela Maria... Não deixes ninguém suspeitar que nos encontramos, que te falei e sabes o meu segredo. — É na verdade deliciosa, talvez haja alguma coisa a aproveitar. — Uma vez dentro do seu quarto, publicarei eu próprio os banhos de casamento. Tenho, desde sempre, tentado aperfeiçoar a bela *autárkeia*[27] dos gregos e, principalmente, dispensar um pastor.

Se tal fosse possível, gostaria de estar por trás de Cordélia quando recebe uma carta minha. Ser-me-ia então fácil verificar até que ponto ela consegue compreender, do ponto de vista estritamente erótico. As cartas, afinal, são e serão sempre um meio inapreciável para causar determinada impressão numa jovem; as palavras escritas têm, bastas vezes, uma influência muito maior que a palavra viva. Uma carta é uma comunicação cheia de mistério; comanda-se a situação, não se sente o constrangimento de uma outra presença, e creio que uma jovem prefere estar complemente só com o seu ideal, pelo menos em certos momentos, precisamente aqueles em que o ideal tem sobre ela um maior domínio. Ainda que o seu ideal tenha encontrado expressão, aproximadamente completa, num objeto preciso e amado, há no entanto momentos em que o ideal lhe causa o efeito de algo excessivo, algo que a realidade não conhece. E ela tem direito a estas grandes cerimônias de expiação; é simplesmente necessário vigiar para que delas se sirva corretamente, a fim de que, no seu regresso à realidade, ela não volte esgotada, mas plena de força. Para isso ajudam as cartas que, embora invisíveis, nos fazem espiritualmente presentes nesses sagrados instantes da iniciação,

enquanto que a idéia de ser a personagem real também o autor da carta oferece uma fácil e natural transição para a realidade.

Poderia eu ter ciúmes de Cordélia? Morte e danação sim! Embora, em outro sentido, não! Pois que — mesmo vencedor na minha luta contra um outro — se verificasse ter havido perturbação na sua natureza, não ser ela já o que desejo — renunciar-lhe-ia.

Disse um velho filósofo que se anotarmos exatamente aquilo que sucede na nossa vida, nos tornaremos, sem darmos por isso, filósofos. Já de há muito freqüento a comunidade dos noivos, e é inevitável que tal fato conduza a qualquer coisa. Tive pois a idéia de acumular materiais para uma obra intitulada: Contribuição para uma teoria do beijo, dedicada a todos os eternos amorosos. Aliás, afigura-se-me curioso que nada exista escrito sobre este assunto. E, se conseguir ultimar este trabalho, terei conseqüentemente preenchido uma lacuna que de há muito se faz sentir. Será tal lacuna literária devida ao fato de os filósofos não pensarem nessas coisas, ou *porque* não são entendidos no assunto? — Estou já no caso de poder dar algumas informações. Um beijo completo requer que sejam uma jovem e um homem a agir. Um beijo entre homens é de mau gosto ou, o que é pior, tem um sabor desagradável. — Penso também que um beijo está mais próximo da sua idéia quando é o homem a dá-lo à jovem, do que inversamente. Nos casos em que, com o decorrer dos anos, se produziu uma indiferença a seu respeito, o beijo perdeu todo o sentido. É o caso do beijo conjugai de interior, com o qual os esposos, à falta de guardanapo, se limpam reciprocamente as bocas, dizendo: muito bom proveito! Se, a diferença de idades é muito grande, nenhuma idéia poderá justificar o beijo. Recordo uma escola feminina de província, onde as raparigas da última classe tinham, na sua terminologia, a expressão: *Beijar o Senhor Conselheiro,* expressão que, nos seus espíritos, se ligava a uma idéia mais que desagradável. A sua origem era a seguinte: vivia em casa da diretora da escola um seu cunhado, antigo Conselheiro,

que graças à sua idade avançada, se permitia a liberdade de beijar as jovenzinhas. — O beijo deve exprimir uma paixão determinada. Quando um irmão beija a sua irmã, o beijo não é um verdadeiro beijo, tal como o não é um beijo de acaso no jogo das prendas, ou um beijo roubado. Um beijo é um ato simbólico, que nada significa se não existe o sentimento que o deve originar, e este sentimento apenas existe em circunstâncias determinadas. — Se queremos tentar uma classificação dos beijos, são vários os princípios que para ela se nos deparam. Podemos, por exemplo, classificá-los de acordo com o ruído que produzem. Infelizmente, as palavras não chegam para cobrir o vasto terreno das minhas observações a este respeito. Creio que nem o conjunto de todas as línguas do mundo possui onomatopéias suficientes para ilustrar as diferenças que, e isto apenas na casa de meu tio, me foi dado aprender e distinguir. O beijo é umas vezes ruidoso como um estalido, outras vezes sibilante; há beijos que estalam e beijos que ribombam; ora é cavo, ora maciço, ora roçagante como tecido, etc. — podemos classificar o beijo segundo o contato havido; o beijo tangente, o beijo aflorante e o beijo aderente. — Podemos classificá-lo segundo a sua breve ou longa duração. Mas o tempo pode ainda originar uma outra classificação, no fundo a única que me agrada. Distinguimos então entre o primeiro beijo e todos os outros. A qualidade aqui visada não sofre comparação com o que advém das outras classificações, nada tem a ver com o som, ou o contato, ou o tempo em geral. No entanto, o primeiro beijo é qualitativamente diferente de todos os outros. Há muito poucas pessoas que tenham refletido sobre este assunto, e seria pois forte pena que não houvesse pelo menos uma para pensar em tal.

Minha Cordélia!

A boa resposta é como o suave beijo, disse Salomão. Conheces bem a minha curiosidade; chegam mesmo a apontar-ma como um

defeito. É porque não compreendem o assunto sobre o qual faço as minhas perguntas; porque tu e só tu o compreendes, tu e só tu sabes a boa resposta; porque a boa resposta é como o suave beijo, disse Salomão.

Teu Johannes

O erotismo espiritual é muito diferente do erotismo físico. Até o presente foi, acima de tudo, o erotismo espiritual que tentei desenvolver em Cordélia. A minha presença pessoal deve agora transformar-se, deixando de ser apenas um estado de alma acompanhante, devendo tornar-se uma tentação. Durante os últimos dias, continuarei preparar-me lendo a bem conhecida passagem do *Fedro*[28] que trata do amor. Eletrizou todo o meu ser e é um soberbo prelúdio. Quão grande era realmente o saber de Platão sobre o erotismo !

Minha Cordélia

Um latinista diz de um discípulo atento que ele está suspenso dos lábios do seu mestre. Para o amor tudo é imagem e, em contrapartida, a imagem é realidade. Não sou eu um discípulo assíduo e atento? Mas tu não dizes uma única palavra.

Teu Johannes

Se outro que não fosse eu estivesse encarregado de dirigir esta evolução, certamente seria demasiado astuto para se deixar manobrar. Se eu pedisse conselho, de entre os noivos, a um dos muito iniciados, suponho que me diria, considerando-o um belo rasgo de audácia erótica: É em vão que busco, nas posições do amor, a configuração nodal em que os amantes falam, juntos, do seu afeto. A isto, responderia eu: Tanto melhor se a buscas em vão, pois tal configuração de modo algum pertence à extensão real do erotismo, ainda que nele se introduza o que é interessante. O amor é

demasiado substancial para se alimentar de conversas, e as situações eróticas demasiado graves para com elas se sobrecarregarem. São silenciosas, calmas, têm contornos nitidamente definidos e, contudo, são eloqüentes como a música do colosso de Mêmnon. Eros gesticula, não fala; ou, se o faz, é apenas através de misteriosa alusões, de uma harmonia repleta de imagens. As situações eróticas são sempre plásticas ou pictóricas; mas se dois amantes falam, juntos, do seu afeto, isto não é plástico nem pictórico. No entanto, os noivos sérios começam sempre por determinadas palavras que, mais tarde, constituirão também o elo de ligação no seu lar tagarela. Mas elas serão igualmente a causa inicial e a promessa do fato de, ao seu casamento, não vir a faltar o dote de que fala Ovídio: *dos est uxoria lites.*[29] — Basta, pois, a tornar-se necessário falar, que apenas um o faça. É o homem quem deve falar e, conseqüentemente, possuir algumas das virtudes do cinto de que Vênus se servia para enfeitiçar: a conversação e a doce lisonja ou, para melhor dizer, a insinuante lisonja. — De modo algum se deve concluir que Eros seja mudo, nem que seja incorreta, de um ponto de vista erótico, a prática da conversação, mas que esta deve ser, ela própria, erótica e não se perder em considerações edificantes sobre perspectivas de futuro, etc., e também que, no fundo, deve ser considerada como um repouso da ação erótica, como um passatempo, e não como o bem supremo. Uma tal conversação, uma tal *confabulatio* é, na sua essência, perfeitamente divina, e nunca me cansarei de conversar com uma jovem. Compreendamo-nos; posso muito bem cansar-me de uma jovem em particular, mas nunca de conversar com uma jovem. Seria para mim uma impossibilidade tão grande como deixar de respirar. O que, no fundo, é próprio de uma tal conversa, é o florescer vegetativo da conversação. Esta mantém-se pouco elevada, sem verdadeiro objetivo, dirigida pelo acaso — mas o seu nome e o nome das suas flores é: maravilhas, ou margaridas.

Minha Cordélia!

Minha *Cordélia* — teu *Johannes, estas palavras encerram o pobre conteúdo das minhas cartas como um parêntesis. Terás já reparado em como se encurta a distância entre os dois sinais deste parêntesis? Oh! minha Cordélia! É belo porém que quanto mais o conteúdo diminui tanto mais o parêntesis ganha em significado.*

Teu Johannes

Minha Cordélia!

Será o abraço uma luta?

Teu Johannes

Cordélia mantém-se geralmente em silêncio, e isto sempre me sensibilizou. Tem ela uma natureza feminina demasiado profunda para nos fatigar com hiatos, essa figura de retórica característica sobretudo das mulheres, e que se toma inevitável quando o homem, que deve fornecer a consoante de apoio precedente ou seguinte, é também de natureza feminina. Por vezes, contudo, um breve comentário trai tudo o que ela tem na alma. Presto-lhe então o meu auxílio. É como se, atrás de alguém que, com mão pouco segura, esboça alguns traços de um desenho, se encontrasse outra pessoa que não cessa de transformar esses traços em algo de audacioso e perfeito. Ela própria se surpreende com o fato, mas dir-se-ia que tudo brota afinal dela. Eis por que velo por ela, por todas as suas observações fortuitas, por qualquer palavra lançada ao acaso e, ao restituir-lhas, tenho-as sempre transformado em algo de mais significativo, de que ela, não o conhecendo, sabe mesmo assim o sentido.

Estávamos hoje num jantar. Não havíamos trocado uma só palavra. Ao levantarmo-nos da mesa, o criado entrou para comunicar a Cordélia que um mensageiro lhe pretendia falar. Fora eu quem o tinha enviado, portador de uma carta contendo alusões a um

assunto sobre que, à mesa, eu havia falado. Tinha sido capaz de o imiscuir na conversa geral de modo a que Cordélia não pudesse deixar de o ouvir, embora estivesse sentada longe de mim, e de se enganar quanto ao seu sentido. A minha carta fora baseada nestes fatos. Se não tivesse conseguido dar à conversa a direção requerida, teria arranjado forma de estar presente no momento exato em que a carta chegasse, para a confiscar. Quando Cordélia voltou à sala de jantar, viu-se obrigada a inventar uma desculpa para o resto dos comensais. São coisas como esta que cimentam o mistério erótico, sem o qual Cordélia não seria capaz de seguir o caminho para ela traçado.

Minha Cordélia!

Acreditas que aquele que, em sonhos, repousa a fronte sobre a Colina dos Elfos vê a imagem da Sílfide? Não o sei, mas sei que ao repousar a fronte sobre o teu peito, sem fechar as pálpebras, e lançando um olhar para cima, vejo o rosto de um anjo. Acreditas que aquele que repousa a fronte sobre a Colina dos Elfos poderá manter a sua tranqüilidade? Não o creio, mas sei que, ao inclinar a fronte sobre o teu seio, este se agita demasiado para permitir ao sono que desça sobre os meus olhos.

Teu Johannes

Alea jacta est.[30] É agora, ou nunca, o momento de o fazer. Estava hoje em casa dela, absolutamente encantado com uma idéia que me absorvia. Não tinha olhos nem ouvidos para Cordélia. A idéia, em si própria, era interessante e cativou-a. Teria pois sido um erro iniciar a nova operação, dando provas de frieza na sua presença. Após a minha partida, e quando a tal idéia a não ocupar já, descobrirá sem dificuldade que eu deixei de ser para ela o mesmo de outrora. O fato de ser quando se encontra só que ela descobre a modificação tornar-lhe-á a descoberta ainda mais penosa, e o efeito,

sendo mais lento, será também tanto mais penetrante. Não poderá exaltar-se contra mim imediatamente e, mais tarde, quando com a minha presença chegar a ocasião de o fazer, terá já imaginado tantas coisas que as não poderá exprimir todas de uma só vez, e continuará a manter um resíduo de dúvida. A inquietação irá aumentando, as cartas deixarão de chegar, o alimento erótico será cerceado, o amor troçado como ridículo. Resistirá talvez ainda durante algum tempo mas, com a continuação, deixará de o poder suportar. Pretenderá então seduzir-me pelos mesmos meios de que contra ela me servi, isto é, pelo erotismo.

Sobre o rompimento de esponsais, todas as raparigiunhas são grandes casuístas e, embora nas escolas não exista um curso para esta matéria, sabem todas perfeitamente, quando a questão se põe, em que casos esse rompimento se deve efetuar. Em suma, esta matéria devia ser, por regulamento, proposta nos exames do último ano; e embora as dissertações que saem das escolas de raparigas sejam, regra geral, muito monótonas, estou certo de que com este tema a variedade não faltaria, dado que o próprio problema oferece um vasto campo à sagacidade de qualquer jovem. Sendo assim, por que não dar a uma rapariga ocasião de fazer brilhar a sua? ou de demonstrar precisamente que ela está apta — para o noivado? Estive em tempos envolvido numa situação que muito me interessou. Um dia, em casa de uma família onde eu às vezes ia, tendo as pessoas mais velhas saído, as duas jovens da casa reuniram, durante a manhã, várias amigas para tomar café. Eram ao todo oito, e todas tinham entre dezesseis e vinte anos. Provavelmente não esperavam qualquer outra visita, e penso que a criada teria mesmo recebido ordem para não deixar entrar ninguém. Entrei, mesmo assim, e tive a sensação de ser acolhido com uma certa surpresa. Sabe Deus o que, em geral, serve de fulcro a uma discussão entre oito raparigas, numa destas solenes reuniões do sínodo. Nelas se encontram, por vezes, mulheres casadas; estas expõem então teologia pastoral e

ocupam-se sobretudo de assuntos importantes: quando deixar a criada ir sozinha ao mercado, será melhor ter conta no talho ou pagar a vista, será provável que a cozinheira tenha um namorico e, no caso afirmativo, como acabar com essa combinação galante que atrasa a confecção dos petiscos? — Deram-me lugar neste belo grupo. Era no princípio da primavera, e o sol enviava já um ou outro raio a anunciar a sua breve chegada. Na própria sala tudo era invernal, e precisamente por isso representavam esses raros raios de sol o papel de arautos. Sobre a mesa, o café exalava um doce perfume — e, finalmente, as próprias raparigas eram alegres, saudáveis, florescentes e amigas de brincar, pois em breve se acalmara a inquietação inicial; e, no fim de contas, que tinham elas a temer, seguras como estavam pela superioridade numérica? — consegui conduzir-lhes a atenção e a conversa para o assunto dos rompimentos de noivado. Enquanto os meus olhos se alegravam esvoaçando de uma para outra flor, repousando ora numa beleza ora noutra, os meus ouvidos entregavam-se ao prazer de escutar a música das suas vozes, e a seguir atentamente, do mais fundo da minha alma, o que se dizia. Por vezes, uma só palavra era o bastante para me abrir uma perspectiva sobre o coração de determinada jovem, sobre a história desse coração. Como são sedutores os caminhos do amor, e como é interessante descobrir até onde se atreve a chegar uma determinada jovem! Continuei a atear o fogo; o espírito, os ditos graciosos, a objetividade estética, contribuíam para tornar o contato mais livre e, no entanto, nunca foi ultrapassada a mais estrita decência. Enquanto assim nos divertíamos nas leves regiões da conversação, um perigo se mantinha adormecido e uma só palavra teria bastado para lançar aquelas gentis raparigas num terrível embaraço. Essa palavra estava em meu poder dizê-la. Mas elas não compreendiam esse perigo, não o suspeitavam sequer. Graças ao jogo fácil da conversação, manteve-se sempre reprimido, exatamente como quando Xeerazade protela a sentença de morte,

continuando a contar as suas histórias. — Tão depressa conduzia a conversação até os limites da melancolia, como logo dava livre curso à jocosidade como ainda as desafiava para um torneio dialético. E qual será o assunto que é cada vez mais rico, à medida que o vamos encarando sobre os seus diferentes aspectos? Continuamente, ia apresentando novos temas de conversa. — Contei o caso de uma jovem, forçada pela crueldade dos pais a acabar o seu noivado; este infeliz conflito chegou quase a provocar-lhes as lágrimas. — Relatei a história de um homem que tinha acabado o seu noivado, e dado, para tal, duas razões: a jovem era demasiado alta e, ao confessar-lhe o seu amor, ele não se lançara de joelhos diante dela. Quando lhe objetei que estas razões de modo algum me poderiam parecer suficientes, respondeu que chegavam perfeitamente para obter aquilo que pretendia; porque ninguém lhes pode opor um argumento sensato. — Submeti à deliberação da assembléia um caso assaz difícil: uma jovem rompera o noivado por se ter convencido de que ela e o noivo não tinham sido feitos um para o outro. O bem-amado pretendeu levá-la à razão, assegurando-lhe a verdade e força do seu amor, mas ela respondeu: ou bem que somos feitos um para o outro, e existe uma simpatia real, e então deverás reconhecer que nos convimos um ao outro; ou então não nos convimos, e hás de reconhecer que não fomos feitos um para o outro. Era um verdadeiro prazer observar como as jovens se esforçavam por compreender estas misteriosas palavras, e no entanto reparei perfeitamente que uma ou duas as compreendiam às mil maravilhas; porque, quando se trata de rompimento de noivados, todas as jovens são casuístas natas. — Sim, a propósito dos casos de rompimento de esponsais, creio na verdade que me seria mais fácil discutir com o próprio Diabo que com uma jovem.

Hoje, estava em casa dela. Imediatamente, tão rápido como o pensamento, desviei a conversa para o assunto sobre que havíamos falado ontem, tentando criar de novo nela a exultação. *Há uma*

observação que já ontem devia ter feito; mas só me lembrei dela depois de ter saído! Tive êxito. Enquanto estou com ela, Cordélia tem prazer em ouvir-me; depois de eu sair, ela nota sem dúvida que se iludiu, que eu estou mudado. É assim que se deve proceder. É um método hipócrita, mas muito apropriado, como todos os métodos indiretos. Ela compreende perfeitamente que as coisas de que lhe falo me possam ocupar o espírito, interessam-na também, de momento, e no entanto eu privo-a do verdadeiro erotismo.

Oderint, dum metuant,[31] como se o temor e o ódio fossem conexos, e o temor e o amor estranhos um ao outro, como se não fosse o temor que torna o amor interessante. Que é afinal o nosso amor pela natureza? Não existirá nele um misterioso fundo de angústia e horror, por que por trás da sua bela harmonia se encontram a anarquia e uma desenfreada desordem, por trás da sua segurança, a perfídia? Mas é precisamente essa angústia que mais encanta, e o mesmo sucede ao amor, quando se pretende que este seja interessante. Por trás dele deve incubar a noite profunda, cheia de angústia, de onde desabrocham as suas flores. É assim que a *nymphea alba,* com a sua corola em forma de taça, repousa na superfície das águas, enquanto a angústia se apodera do pensamento que pretende mergulhar nas trevas profundas onde ela tem as suas raízes. Reparei que, ao escrever-me, ela me chama sempre: *Meu,* mas que não tem a coragem de mo dizer. Pedi-lho hoje do modo mais insinuante e vivamente erótico possível. Cordélia tentou, mas um olhar irônico, mais breve e mais rápido que a palavra, bastou para a impedir, a despeito dos meus lábios que, com todo o seu poder, a incitavam. É algo de perfeitamente normal.

Cordélia é minha. Não vou, segundo o costume, confiá-lo às estrelas, e nem sequer vejo em que poderia esta novidade interessar essas esferas longínquas. Aliás, não o confio a ninguém, nem sequer a Cordélia. Reservo este segredo para mim próprio, e sussurro-o interiormente nos mais secretos diálogos comigo próprio, A sua

tentativa de resistência era assaz moderada, mas o poder erótico que desenvolve é admirável. Como a torna interessante esta apaixonada obstinação, como a torna grande, de uma grandeza quase sobrenatural! E com que facilidade ela se sabe esquivar, com que perfeição aprendeu a insinuar-se onde quer que descubra um ponto fraco. Põe tudo em movimento; mas neste concerto dos elementos encontro-me eu, precisamente, no meu elemento. E contudo, mesmo no seio de tal agitação nada existe nela de feio, não a conseguem as emoções ou os móbeis dilacerar. Continua ainda a ser uma Anadiômene, com a única diferença de não surgir com uma graça ingênua ou uma calma desprevenida, mas sob o impulso forte do amor, continuando a ser harmonia e equilíbrio. Eroticamente, tem todas as armas necessárias à luta; usa as flechas dos olhos, o enrugar das sobrancelhas, a fronte cheia de mistério, a eloqüência da garganta, as fatais seduções do seio, as súplicas dos lábios, o sorriso das faces, a doce aspiração de todo o seu ser. Há nela a força, a energia de uma Valquíria, mas essa plenitude de força erótica tempera-se, por sua vez, com uma certa languidez terna, como que exalada sobre ela. — Ela não deverá ser mantida por muito tempo nesta plenitude, onde apenas a angústia e a inquietação a podem manter de pé, impedi-la de se desmoronar. Face a emoções tão intensas, depressa sentirá que o estado em que o noivado a coloca é demasiado estreito, demasiado incomodativo. Será ela própria a exercer a tentação que me levará a franquear os limites do geral, e é assim que ela de tal tomará consciência, o que, para mim, constitui o essencial.

Muitas das suas palavras indicam agora que ela já não pode suportar o nosso noivado. Tais palavras não me escapam, antes, nas minhas explorações da sua alma, ajudam-me a alcançar indicações úteis, são as pontas de fio que me servirão, nos meus projetos, para apertar as malhas ao redor dela.

Minha Cordélia!

Queixas-te do nosso noivado, és de opinião que o nosso amor não tem necessidade de um elo externo, que este não passa de um obstáculo. Nisto reconheço, toda inteira, a minha excelente Cordélia! Sinceramente, admiro-te. A nossa união exterior não passa, em realidade, de uma separação. Há ainda entre nós uma parede que nos separa, como Píramo e Tisbe: a incomodativa conivência dos outros. A liberdade apenas se encontra na contradição. O amor só adquire a sua real importância quando nenhum estranho o suspeita, e só então encontra o amor a sua felicidade, quando todos os estranhos pensam que os amantes se odeiam um ao outro.

Teu Johannes

O nosso noivado acabará em breve. Ela própria desatará este nó para, se possível, assim me encantar ainda mais, tal como os caracóis ao vento encantam mais que o cabelo preso. Se o rompimento partisse de mim, perderia o espetáculo, tão sedutor, deste perigoso salto erótico, critério seguro da ousadia da sua alma. É isto, para mim, o essencial. Por outro lado, um tal acontecimento acarretar-me-ia, por parte de outros, muitas conseqüências desagradáveis. Embora sem razão, eu seria mal visto, odiado, aborrecido; sim, sem razão, pois, para muitos, que bom negócio não seria. Muita jovenzinha ficaria, mesmo assim, bastante contente por, à míngua de ter estado noiva, ter estado quase a sê-lo. Sempre é melhor que nada, embora, segundo a minha sincera opinião, muito pouco. Pois que, após se ter esforçado para chegar à frente e conseguir assim lugar na lista das esperançosas, a esperança precisamente se desvanecerá, e quanto mais se luta para alcançar os lugares dianteiros tanto menores se tornam as possibilidades. Porque, em amor, o princípio da antiguidade não conta para aumentos e promoções. De mais a mais, essas rapariguinhas aborrecem-se de continuar no *statu quo,* necessitam um

acontecimento que lhes agite a existência. E nada pode então igualar um amor infeliz, principalmente se, ainda por cima, o assunto pode ser encarado com ligeireza. Fazem então crer a si próprias e aos seus próximos que são vítimas e, como não têm as condições necessárias para serem admitidas no refúgio de penitentes, encontram alojamento ao lado, entre os choramingas. Consideram-se então no direito de me odiar. A estes casos se junta ainda um batalhão daquelas que foram iludidas completamente, semi ou a três quartos. Sob este aspecto encontram-se vários graus, desde as que podem mostrar uma aliança no dedo até as que apenas se apóiam num aperto de mão, dado durante uma contradança. Esta nova dor reabre-lhes as feridas. Aceito o seu ódio como uma gratificação suplementar. Mas todas estas criaturas cheias de ódio são, naturalmente, outras tantas pretendentes secretas ao meu pobre coração. Um rei sem reino é uma figura ridícula. Mas uma guerra entre pretendentes à sucessão num reino sem território leva a palma a todos os ridículos. O belo sexo deveria pois, na verdade, amar-me e tratar-me como a uma associação de socorros mútuos. Um noivo autêntico, esse, apenas se poderá ocupar de uma única mas, numa eventualidade tão complicada, podemo-nos muito bem encarregar, isto é, mais ou menos, de tantas quantas quisermos. Ficarei liberto de todas estas peremptórias inquietações e, além disso, auferirei a vantagem de poder representar abertamente um papel totalmente novo. As jovens lamentar-me-ão, terão piedade, soltarão suspiros por mim, eu adotarei precisamente a mesma tonalidade, e aí tenho uma nova forma de recrutar mais algumas.

Como é curioso! Apercebo-me, ai de mim, que eu próprio trago o sinal denunciador que Horácio deseja para todas as donzelas infiéis: um dente negro e, para cúmulo, incisivo. Quão supersticioso se pode ser! Este dente perturba-me bastante, desagrada-me que aludam a ele, é uma das minhas fraquezas. Enquanto, em qualquer outro sentido, as minhas armas são invioláveis, o maior dos imbecis

pode, ao tocar-me neste dente, desferir-me golpes muito mais profundos do que ele próprio poderia imaginar. Faço, em vão, todo o possível para o embranquecer, e digo como Palnatoke:

Jeg gnider den ved Dag, ved Nat,
Men ei jeg sletter ud den sorte Skygge.[32]

Ah, como a vida é cheia de mistérios. Uma coisinha de nada pode perturbar-me mais que o ataque mais perigoso, que a mais penosa das situações. Penso em mandá-lo arrancar, mas isso poderia alterar a minha voz e o seu poder. E no entanto fá-lo-ei, mandarei substituí-lo por um falso; porque esse poderá ser falso para o mundo, mas o dente negro é falso para mim.

Cordélia sente-se limitada pelo noivado — o que é excelente! O casamento será sempre uma instituição respeitável, apesar do enfado de desfrutar, logo nos primeiros dias da juventude, uma parte da respeitabilidade que é apanágio da velhice. Pelo contrário, os noivados são uma invenção verdadeiramente humana e, conseqüentemente, de tal modo importante e ridícula que uma jovem, no turbilhonar da sua paixão, vai mais além, continuando a ter consciência dessa importância e sentindo a energia da sua alma circular por todo o seu ser como um sangue superior. O que importa agora é conduzir Cordélia de modo que, no seu ousado vôo, perca de vista o casamento e, de um modo geral, o chão firme da realidade, que a sua alma, tanto no seu orgulho como no temor de me perder, aniquile esta imperfeita forma humana e se apresse em direção a algo de superior ao que é comum no gênero humano. Aliás, nada tenho a temer a este respeito, pois ela paira já acima da vida com um tal leveza que, em grande parte, perdeu por completo de vista a realidade. Por outro lado, continuo presente a bordo, com ela, e posso, a qualquer momento, erguer as velas.

A mulher, eternamente rica de dons naturais, é uma fonte inesgotável para os meus pensamentos, para as minhas observações.

Aquele que não sente a necessidade deste gênero de estudos poderá orgulhar-se de ser, neste mundo, tudo que quiser, à exceção de uma coisa: não é um esteta. O esplendor, o divino da estética reside precisamente em se ligar apenas ao que é belo; no seu âmago, ela apenas se ocupa das belas-artes e do belo sexo. Posso deleitar-me e deleitar o meu coração, imaginando o sol da feminilidade dardejando os raios da sua infinita plenitude, disseminando-se numa verdadeira torre de Babel, onde cada uma em particular possui uma pequena parcela de toda a riqueza da feminilidade de modo a fazer dessa parcela o centro harmonioso do resto do seu ser. Neste sentido, a beleza feminina é infinitamente divisível. Porém, cada parcela de beleza deve ser harmonicamente incluída, pois caso contrário resultaria daí um efeito desagradável e chegaríamos à conclusão de que a natureza, ao ocupar-se de determinada jovem, não realizara tudo o que tinha em mente. Os meus olhos nunca se cansam de aflorar essas riquezas externas, essas emanações propagadas pela beleza feminina. Cada elemento particular possui dessa beleza uma pequena parcela, sendo, ao mesmo tempo, completo em si próprio, feliz, alegre, belo. Cada uma tem o seu: o sorriso alegre; o olhar ladino; os olhos ardentes de desejo; a fronte altiva; o espírito galhofeiro; a doce melancolia; a intuição profunda; o humor sóbrio e fatídico; a nostalgia terrestre; as emoções não confessadas; as sobrancelhas eloqüentes; os lábios interrogadores; a testa cheia de mistério; os caracóis sedutores; os cílios que escondem o olhar; o orgulho divino; a castidade terrena; a pureza angélica; o insondável rubor; os passos leves; o balançar gracioso; a pose langorosa; o devaneio cheio de impaciência; os suspiros inexplicados; a cintura esbelta; as formas suaves; o colo opulento; as ancas bem arqueadas; o pé pequeno; a mão gentil. — Cada uma tem o seu, e uma tem o que a outra não possui. E quando vi e revi, contemplei e voltei a contemplar as riquezas deste mundo, quando sorri, suspirei, lisonjeei, ameacei, desejei, tentei, ri, chorei, esperei, ganhei, perdi —

fecho o leque, e o que era esparso reúne-se numa coisa só, as partes conjugam-se num todo. A minha alma alegra-se então, o meu coração bate mais rápido e a paixão incendeia-se. É precisamente aquela jovem, única no mundo inteiro, que deve ser minha e o será. Fique Deus com o céu, se eu puder ficarei com ela. Sei bem que o que escolho é tão grande que o próprio céu não ficará a lucrar nesta partilha, pois que, se eu a aguardar para mim, que restará ao céu? Os crentes — esses bons muçulmanos — ficariam decepcionados quando, no seu Paraíso, abraçassem sombras pálidas e privadas de força, pois não encontrariam corações ardentes, dado que o ardor de todos os corações estaria concentrado nela; inconsoláveis, desesperariam ao encontrarem apenas lábios pálidos, olhos mortiços, colos insensíveis e apertos de mão sem convicção, pois todo o rubor dos lábios e o fogo do olhar e a inquietação do colo e a promessa das mãos e o pressentimento dos suspiros e a confirmação dos beijos e o estremecimento do contato e a paixão do amplexo — tudo —, tudo estaria reunido nela, que me prodigalizaria tudo o que teria sido suficiente para este mundo e o outro. Tais são os pensamentos que muitas vezes tive a propósito deste assunto, mas de cada vez que assim neles penso inflamo-me, porque imagino ardente essa mulher ideal. Embora o ardor passe, em geral, por ser um bom sinal, não se conclui contudo que se atribua à minha maneira de ver o honroso predicado da solidez. Assim, para criar uma diversão, quero agora, estando eu próprio frio, imaginá-la fria. Tentarei pensar a mulher sob uma categoria, mas qual? sob a categoria da aparência. Porém não deverá ser entendida em mau sentido como se, por exemplo, destinada para mim, ela o fosse também para um outro. Neste, como em qualquer raciocínio abstrato, é necessário não levar de modo algum em conta a experiência, pois esta, no caso presente, seria por ou contra mim de modo assaz curioso. Neste, como aliás em todos os casos, a experiência é uma estranha personagem pois apresenta a

particularidade de ser sempre por, sendo também contra. A mulher é pois aparência. Mas é mais uma vez necessário não me deixar, neste caso, perturbar pela lição da experiência, a qual pretende que só em casos muito raros se encontra uma mulher que seja verdadeiramente aparência, pois há geralmente um grande número que não é coisa alguma, nem para elas próprias, nem para os outros. Aliás, partilham este destino com toda a natureza e, em resumo, com tudo o que é feminino. Toda a natureza não passa pois de aparência, não no sentido teleológico em que um dos seus elementos particulares o seria para um outro elemento particular, mas toda a natureza é aparência — para o espírito. E o mesmo sucede no que se refere aos elementos particulares. A vida da planta, por exemplo, expõe com toda a ingenuidade das suas graças ocultas e é apenas aparência. Do mesmo modo, um enigma, uma charada, um segredo, uma vogal, etc., são apenas aparências. É o que explica também que Deus, ao criar Eva, tenha lançado sobre Adão um sono profundo; pois a mulher é o sonho do homem. Esta história ensina-nos também, de um outro modo, que a mulher é aparência. Pois aí se diz que Jeová tirou do homem uma das suas costelas. Tivesse ele, por exemplo, tirado uma parte do cérebro do homem, e a mulher teria continuado a ser aparência, mas a finalidade de Jeová não era fazer uma quimera. Ela tornou-se carne e sangue e, precisamente por isto, veio a cair sob a determinação da natureza, que é essencialmente aparência. Ela apenas desperta ao contato do amor, e antes desse momento é apenas sonho. Mas, nessa existência de sonho, podemos distinguir dois tempos: primeiro o amor sonha com ela, depois ela sonha com o amor.

Enquanto aparência, a mulher é marcada pela virgindade pura. Porque a virgindade é uma existência que, enquanto existência para si, é no fundo uma abstração e apenas em aparência se revela. Abstração também é a inocência feminina, e por isso se pode dizer que a mulher, em estado de inocência, é invisível. Aliás, não havia,

como se sabe, imagem de Vesta, a deusa que representa, note-se, a verdadeira virgindade. Pois tal existência é esteticamente ciumenta de si própria, tal como Jeová o era eticamente, e não quer que exista uma sua imagem, nem mesmo uma qualquer representação. Existe aqui uma contradição; o que é aparência não existe, e só se torna visível ao tornar-se aparente. Segundo a lógica tal contradição é perfeitamente correta, e aquele que sabe pensar logicamente não será perturbado por ela, antes se regozijará. Pelo contrário, um espírito ilógico imaginará que o que é aparência existe no sentido finito, tal como se pode dizer de uma coisa particular que existe para mim.

Esta existência da mulher (existência é já demasiado, pois ela não existe *ex* si própria) é corretamente expressa pela palavra: graça, que recorda a vida vegetativa; como os poetas gostam de o dizer, ela assemelha-se a uma flor, e a própria espiritualidade tem nela um caráter vegetativo. Encontra-se completamente sob a determinação da natureza e, conseqüentemente, só esteticamente é livre. Num sentido mais profundo, apenas se torna livre através do homem, e por isso o homem lhe pede a mão e se diz que ele a liberta. Se não há, por parte do homem, um erro de conduta, não se poderá falar de uma escolha. É certo que a mulher escolhe, mas, se a sua escolha fosse o resultado de longas reflexões, não seria feminina. E é por isso que é desonroso não ser aceite, porque o homem em questão se sobrestimou, quis libertar uma mulher sem ser capaz de o fazer. — Revela-se aqui uma profunda ironia. A aparência toma o aspecto de ser o elemento predominante: o homem pede, a mulher escolhe. Segundo o conceito que deles se faz, a mulher é a vencida, o homem o vencedor e, contudo, o vencedor inclina-se diante do que foi vencido; aliás, nada mais natural, e apenas a grosseria e a estupidez e a insuficiência de sentido erótico serão capazes de não apreciar o que assim resulta do contexto. Podemos também encontrar uma razão mais profunda para este fato. Porque a mulher é essência, o

homem é reflexão. É por isto que ela não escolhe sem mais nem menos, mas o homem pede, e ela escolhe então. Mas o homem, ao pedir, limita-se a fazer uma pergunta, e a escolha que ela faz não passa de fato de uma resposta. Num sentido, o homem é mais que a mulher, num outro é infinitamente menos.

Esta aparência é a pura virgindade. Se ela tenta, por si própria, pôr-se em relação com uma outra existência, que é existência para ela, o contraste aparecerá no recato absoluto, mas este contraste mostra também que a verdadeira existência da mulher é aparência. O contraste diametralmente oposto ao abandono absoluto de si próprio é o absoluto recato que, em sentido inverso, é invisível como a abstração, contra a qual tudo se quebra, sem que ela própria ganhe vida. A feminilidade assume então o caráter da crueldade abstrata, que é o cúmulo caricatural do verdadeiro recato virginal. Um homem nunca poderá ser tão cruel como uma mulher. Se os consultarmos, os mitos, os contos e as lendas o confirmarão. Se for necessário dar um exemplo de um princípio natural que não conhece limites ao seu impiedoso rigor, encontrá-lo-emos num ser virginal. Estremecemos ao ler a história de uma jovem que, friamente, deixa os seus pretendentes arriscarem a vida, como tantas vezes é dito em todas as lendas populares. Um Barba-Azul mata, na própria noite de núpcias, todas as jovens que amou, mas não tem prazer em matá-las, pelo contrário, o prazer foi tido antes, o que constitui a manifestação material: não é uma crueldade pela crueldade. Um Don Juan sedu-las e abandona-as, mas todo o seu prazer reside em as seduzir e não em as abandonar; não se trata pois, de modo algum, dessa crueldade abstrata.

Quanto mais penso nisso mais me apercebo da completa harmonia que existe entre a minha prática e a minha teoria. Pois na minha prática sempre tive a convicção de que, essencialmente, a mulher é apenas aparência. É por isso que, a este respeito, o instante tem sempre uma importância capital, pois o que lhe diz

respeito é sempre uma aparência. Poderá decorrer um tempo mais ou menos longo antes de chegar o instante, mas, chegado ele, o que primitivamente era aparência adquire uma existência relativa e, na mesma ocasião, tudo acabou. Sei que os maridos dizem, por vezes, que, num outro sentido, a mulher é também aparência: é tudo para eles durante toda a vida. Enfim, devemos perdoá-lo a tais maridos, porque, no fundo, não será isto algo que eles pretendem fazer acreditar uns aos outros? Neste mundo, toda e qualquer profissão tem geralmente certos costumes convencionais e, principalmente, certas mentiras de convenção, entre as quais é necessário contar esta enorme patranha. O entendimento perfeito criado no instante não é coisa fácil, e aquele que o não alcança terá, naturalmente, de arrastar com ele, durante toda a vida, esse dissabor. O instante é tudo e, no instante, a mulher é tudo — mas as conseqüências ultrapassam a minha inteligência. Entre outras, também a de ter filhos. Enfim, julgo-me um pensador assaz lógico mas, mesmo louco, não seria homem para pensar nessa conseqüência, de modo algum a entendo, para isso é necessário um marido.

Ontem, Cordélia e eu fomos ao campo visitar uma família. Ficamos a maior parte do tempo no jardim, entregues a todo gênero de exercícios físicos, entre outros, a jogar às argolas. Aproveitei a ocasião em que um parceiro de Cordélia parara de jogar para o substituir. Que encantos ela ostentava, e como o esforço do jogo a tornava mais sedutora ainda! Que harmonia cheia de graça nos movimentos tão inconseqüentes! Que leveza — dir-se-ia que dançava sobre a relva! Malgrado a ausência de qualquer resistência —, que vigor em falhar a jogada, até que o equilíbrio viesse explicar tudo, um ditirambo na atitude, e que provocação no seu olhar! O próprio jogo tinha para mim um interesse natural, mas Cordélia parecia não lhe prestar qualquer atenção. Uma alusão que fiz a uma das pessoas presentes sobre o belo costume de trocar anéis atravessou a sua alma como um relâmpago. A partir desse momento, uma luz especial

iluminou toda a situação, impregnando-a de um significado mais profundo e um acréscimo de energia se mostrou em Cordélia. Retive as duas argolas na minha varinha, parei por um instante e troquei algumas palavras com as pessoas que nos rodeavam. Cordélia compreendeu aquela pausa. Voltei a lançar-lhe as argolas. Pouco depois, conseguia juntar ambas na sua varinha. Como por inadvertência, lançou-as muito alto, na vertical, e foi-me naturalmente impossível apanhá-las. Cordélia acompanhou este lançamento com um olhar de uma audácia inaudita. Conta-se que a um soldado francês, que fazia a campanha da Rússia, amputaram uma perna gangrenada. No preciso instante em que acabou aquela penosa operação, agarrou a perna pelo ar e lançou-a ao ar, gritando: Viva o Imperador! Foi com um olhar idêntico que também Cordélia, mais bela que nunca, lançou ao ar as duas argolas, dizendo baixinho: Viva o amor! Julguei no entanto imprudente deixá-la entusiasmar-se naquela disposição, e permitir-lhe que ficasse só em presença dela, temendo a fadiga que tantas vezes resulta de uma situação extrema. Mantive-me pois perfeitamente calmo e, graças à presença dos outros, levei-a a continuar o jogo como se nada tivesse notado. Uma tal conduta só pode aumentar a sua elasticidade.

Se, nos nossos dias, pudéssemos esperar um pouco de simpatia para este gênero de inquéritos, ofereceria um prêmio para a melhor resposta à seguinte pergunta: de um ponto de vista estético, qual é mais pudica, uma donzela ou uma mulher, aquela que não sabe ou a que sabe, e a qual das duas se pode conceder maior liberdade? Mas estas perguntas não preocupam esta nossa época de seriedade. Um tal inquérito teria atraído a atenção geral na Grécia, todo o Estado teria sido por ele abalado, principalmente as donzelas e as mulheres jovens. Nos nossos dias não o acreditariam, mas também não acreditariam na história da bem conhecida querela entre duas jovens gregas, e do tão escrupuloso inquérito a que deu lugar; pois na Grécia estes problemas não eram tratados com

ligeireza; e, no entanto, toda a gente sabe que Vênus usa um cognome devido a essa querela, e a imagem de Vênus que a imortalizou é universalmente admirada. A vida de uma mulher tem dois períodos interessantes; o início da sua juventude e, muito depois, quando envelheceu bastante. Mas tem também, sem a menor dúvida, um momento em que é mais encantadora ainda que uma jovenzinha, e em que merece ainda mais respeito, mas este é um momento que só muito raramente sucede na vida, é uma imagem visionária que não tem necessidade de ser vista, e que talvez nunca sequer o seja. Imagino-a então saudável, próspera, de formas desenvolvidas; segura uma criança nos braços, toda a sua atenção está presa a essa criança, e ela perde-se na sua contemplação. Eis uma visão de que, devemos confessá-lo, se não encontrará paralelo em graciosidade, é um mito da natureza que apenas devemos contemplar sob o ponto de vista artístico, e não como uma realidade. Não deverão existir outras figuras ou enquadramento, que apenas viriam perturbar a visão. Se, por exemplo, vamos a uma igreja, temos muitas vezes ocasião de ver entrar uma mãe com o filho nos braços. Mas, ainda que não fosse senão pelo choro inquietante da criança e os pensamentos ansiosos dos pais sobre as perspectivas de futuro do pequeno, baseadas nesse choro, isso seria já bastante para nos perturbar de tal modo que o efeito estaria perdido, mesmo que todo o resto fosse perfeito. Vemos o pai, o que é um grave erro porque isso suprime o mito, o encantamento, e vemos — *horrenda refero* (relato coisas horríveis) — o coro solene dos padrinhos, e vemos — ora, já não vemos nada. Como visão imaginária, nada há de mais encantador. Não me faltam a coragem, nem a ousadia, nem a temeridade para me atrever a um ataque — mas se, na realidade, uma tal visão aparecesse diante dos meus olhos, ficaria desarmado.

Como Cordélia me preocupa! E, contudo, o fim aproxima-se, a minha alma continua a pedir o seu filtro de juventude. Ouço já, ao longe, como que o canto do galo. Ela ouve-o talvez também, mas crê

ser a alvorada que ele anuncia. — Por que será uma jovem tão bela, e a sua beleza de tão curta duração? Este pensamento poderia fazer-me cair na mais profunda melancolia e, contudo, no fundo, isso nada tem a ver comigo. Goza, não discutas. A maior parte das pessoas que fazem ofício de tais reflexões nada goza. No entanto, o fato de, a este respeito, se formar um pensamento não pode ser nocivo; pois esta melancolia é livre de egoísmo e, aos olhos dos outros, vem geralmente aumentar um pouco a beleza masculina. Uma melancolia que se desenha como uma nuvem enganadora sobre a força viril faz parte do encanto masculino, e, na mulher, encontra paralelo num certo humor sombrio. — Quando uma jovem se entregou completamente, tudo está acabado. Continuo ainda a aproximar-me de uma donzela com uma certa angústia, e o meu coração bate mais depressa, porque sinto o poder eterno do seu ser. Perante uma mulher nunca sequer pensei em tal. A pouca resistência que, à custa de artifícios, tentam criar nada é. É como se pretendêssemos afirmar que a coifa de uma mulher casada se impõe mais que a cabeça nua de uma donzela. É por isso que Diana foi sempre o meu ideal. Essa virgindade integral, esse recato absoluto, sempre me interessaram muito mas, ao mesmo tempo, sempre os considerei suspeitos. Porque tenho a impressão de que, no fundo, ela de modo algum mereceu todos os louvores recebidos pela sua perene virgindade. Ela sabia que o seu papel na vida dependia da sua virgindade e, conseqüentemente, manteve-se virgem. Aliás, em que perdido recanto da filologia terei eu ouvido dizer, por meias palavras, que ela mantinha uma recordação das pavorosas dores que sua mãe sofrera, ao dá-la à luz? Essa recordação assustou-a, pelo que não poderei censurar Diana, pois digo como Eurípides: preferiria fazer três guerras a dar à luz uma só vez. A falar verdade, não poderia apaixonar-me por ela, mas, confesso, daria muito para com ela conversar, por aquilo a que eu chamaria uma conversação proba. Acho que ela se deveria poder prestar precisamente a todos os

gêneros de comédia. A minha boa Diana, ao que parece, possui, de uma ou de outra maneira, certos conhecimentos que a tornam muito menos ingênua que a própria Vênus. Não me interessaria surpreendê-la no banho, de modo algum, seria antes com as minhas perguntas que a espreitaria. Se, por meio de um subterfúgio, conseguir um encontro com uma jovem, duvidando do sucesso, conversarei primeiro com ela a fim de me preparar e armar, a fim de mobilizar todos os espíritos do erotismo.

Uma questão que foi muitas vezes objeto das minhas reflexões é saber qual a situação e qual o instante que podem ser considerados como os que maior sedução oferecem. A resposta depende naturalmente do que se deseja, do modo de desejar e da evolução de cada um. Inclino-me para o dia das núpcias e, neste, principalmente para um preciso momento. Quando ela se adianta no seu maravilhoso vestido de casamento e que, no entanto, todo aquele esplendor empalidece perante a sua beleza, quando ela própria fica, por sua vez, pálida, quando o seu sangue pára momentaneamente de correr e o seu colo repousa, quando o seu olhar se torna incerto e lhe faltam as forças nas pernas, quando a virgem treme e o fruto amadurece; quando o céu a ergue e a gravidade da hora a fortifica, quando a promessa a transporta, a prece lhe dá a sua bênção e a coroa de mirto cinge a sua fronte; quando o coração treme e o olhar se fixa no solo, quando ela se esconde em si própria e deixa de pertencer ao mundo para pertencer inteiramente ao bem-amado; quando a garganta se dilata e o seu peito se desfaz em suspiros, quando a voz quebra, quando as lágrimas brilham trementes antes da explicação do enigma, quando as luzes se acendem e o esposo espera — eis chegado o instante ! Em breve será já demasiado tarde. Já apenas resta um passo a dar, mas o tempo suficiente para o dar errado. Esse instante dá importância mesmo à mais apagada das donzelas, até uma pequena Zerlina se torna então um motivo de interesse. Tudo deve estar aí concentrado, e mesmo os maiores

contrastes deverão ser reunidos naquele instante; se algo falta, sobretudo um dos contrastes principais, a situação perde imediatamente uma parte da sua força sedutora. Quem não conhece a gravura que representa uma penitente de rosto tão inocente e jovem que quase nos sentimos embaraçados, não só por causa dela mas também do confessor, sem sabermos o que ela poderá ter para confessar? A jovem ergue um pouco o véu e olha em seu redor como se procurasse algo que, talvez mais tarde, pudesse ter ocasião de confessar e, bem entendido, é o mínimo que ela poderia fazer — para o confessor. A situação apresenta bastantes aspectos sedutores e, como ela é a única figura no quadro, nada nos impede de imaginar a igreja em que a cena se passa, tão vasta que vários pregadores, mesmo muito diferentes, ali poderiam pregar ao mesmo tempo. Sim, a situação apresenta muitos aspectos sedutores e não objetaria que me colocassem no segundo plano, principalmente se a pequena em tal consentisse. Mas esta situação não seria mesmo assim senão de segunda ordem, pois a rapariguinha tem todo o aspecto de não passar ainda de uma criança, e muita água correrá ainda debaixo das pontes antes que o instante chegue.

Com Cordélia, terei sido constantemente fiel ao meu pacto? Isto é, ao meu pacto com a estética, pois é o fato de ter sempre a idéia do meu lado que me dá força. É este um segredo como o dos cabelos de Sansão, que nenhuma Dalila conseguirá arrancar-me. Para enganar simplesmente uma jovem, decerto me faltaria a perseverança; mas saber que a idéia faz parte do contexto, que é ao seu serviço que ajo, que a ela devoto as minhas forças, eis o que me torna austero para comigo próprio, o que faz com que me abstenha dos prazeres proibidos. Terei salvaguardado sempre o que é interessante? Sim, e ouso dizê-lo livre e abertamente, neste diálogo interior. Os próprios esponsais o constituíam, precisamente porque me não proporcionavam o que comumente se entende por interessante. Salvaguardavam-no precisamente porque o fato de serem públicos

estava em contradição com a vida interior. Se a nossa ligação houvesse sido secreta, apenas teria sido interessante na primeira potência. Mas aqui trata-se do que é interessante na segunda potência, e é isso que constitui, para ela, primordialmente, o interessante. O noivado vai acabar, mas é ela quem o acaba para se lançar numa esfera superior. E tem razão, porque o que mais a ocupará será a forma do que é interessante.

16 de setembro

O rompimento é um fato consumado; forte, ousada, divina, ela eleva-se nos ares como um pássaro a quem só hoje foi permitido mostrar a envergadura das suas asas. Voa, bela ave, voa! Confesso-o, se este vôo real a afastasse de mim, isso me causaria uma dor extremamente profunda. Seria, para mim, como se a bem-amada de Pigmalião se tivesse de novo petrificado. Tornei-a leve, como um pensamento; será possível que esse pensamento agora me não pertença? Seria para desesperar. Um instante antes não lhe teria dado atenção, no instante seguinte já de modo algum me interessaria; mas agora — agora — este instante que, para mim, é uma eternidade. Mas ela não voa para longe de mim. Voa pois, bela ave, voa — ergue orgulhosamente o teu vôo nas tuas asas, desliza através dos suaves reinos do ar, em breve te alcançarei, em breve me esconderei contigo no fundo da solidão.

O acabar do noivado assustou algum tanto a tia. Mas ela tem um espírito demasiado livre para desejar constranger Cordélia, embora, a fim de melhor lhe adormecer as desconfianças, bem como para mistificar um pouco Cordélia, eu tenha feito algumas tentativas para a interessar por mim. Aliás, dá-me bastantes mostras de simpatia, e não desconfia de todas as razões que tenho para poder pedir-lhe que se abstenha de qualquer simpatia.

A tia permitiu-lhe passar algum tempo no campo, onde vai visitar uma família. É bom que ela se não possa abandonar à disposição sobreexcitada do seu espírito. Todas as resistências externas manterão assim, por algum tempo ainda, a sua emoção. Através das cartas, mantenho com ela uma fraca comunicação, e assim as nossas relações reverdecerão de novo. Agora, custe o que custar, é necessário torná-la forte, e o melhor seria levá-la a inclinar-se para o lado de um desprezo periférico pelas pessoas e pela moral. Então, quando chegar o dia da partida, apresentar-se-á como cocheiro um rapaz de confiança e, diante da sua porta, o meu criado, em quem ela confia totalmente, juntar-se-á a eles. Acompanhá-los-á até o destino e ficará junto dela, ao seu serviço e, se necessário, para a guiar. Depois de mim, não conheço ninguém melhor para representar esse papel que Johan. Eu próprio me encarreguei de toda a decoração, com o maior gosto possível. Ali nada falta para encantar a sua alma e a tranqüilizar num bem-estar magnificente.

Minha Cordélia!

Os brados de alarma das diversas famílias não se reuniram ainda para criar uma confusão geral como a que foi provocada pelos gritos dos gansos do Capitólio. Mas estou certo que tiveste já de suportar alguns solos. Tenta imaginar toda essa assembléia de efeminados e comadres, presidida por uma dama, digna pare-lha do inesquecível presidente Lars de que nos fala Claudius, e terás uma imagem, uma idéia, uma representação à escala do que perdes te e — diante de quem? diante do tribunal das pessoas honestas.

Junto a famosa gravura representando o presidente Lars. Não me foi possível comprá-la em separado, e assim adquiri as obras completas de Claudius, de onde a arranquei, lançando fora o resto; pois como ousaria eu sobrecarregar-te com um presente que, de momento, te não pode interessar, e, ao mesmo tempo, como poderia negligenciar a mínima coisa que, fosse apenas por um só momento, te

poderia ser agradável? como permitir-me sobrecarregar uma situação com coisas que lhe não dizem respeito? Uma tal prolixidade é própria da natureza, bem como do homem subjugado às coisas temporais, mas tu, minha Cordélia, na tua liberdade, odiá-la-ias.

Teu Johannes

A primavera é sem dúvida a mais bela época do ano para se ficar apaixonado — e o fim do verão a mais bela para alcançar a finalidade dos desejos. Há, no fim do verão, uma melancolia que responde inteiramente à emoção que nos penetra ao pensarmos na realização de um desejo. Hoje fui pessoalmente visitar a casa de campo onde Cordélia irá, dentro de alguns dias, encontrar um ambiente em harmonia com a sua alma. Não desejo ser eu próprio testemunha da sua surpresa e alegria, tais desvios eróticos apenas servirão para enfraquecer a sua alma. Estando só, abandonar-se-á como num sonho, e por toda parte encontrará alusões, sinais, um mundo encantado; mas tudo perderia o seu significado se eu estivesse junto dela, e lhe fizesse esquecer que já passou a hora em que poderíamos fruir em comum de tais coisas. Esse ambiente não deve adormecer a sua alma como um narcótico, mas ajudá-la sem cessar a evadir-se, pois que ela o desdenhará como a um brinquedo sem interesse, face àquilo que está para acontecer. Tenho a intenção de visitar pessoalmente este lugar várias vezes, durante os dias que restam, e isto para manter vivo o meu ardor.

Minha Cordélia!

Agora, é forçoso dizê-lo, chamo-te minha porque nenhum sinal exterior recorda a minha posse. — Em breve, ao chamar-te assim, será apura verdade. E, apertada nos meus braços, quando me enlaçares nos teus, não precisaremos de nenhum anel para nos recordar que somos um do outro; pois não será esse abraço uma aliança mais real que um simples símbolo? E quanto mais estreitamente enlaçados nos

mantiver, quanto mais indissoluvelmente nos ligar, maior será a nossa liberdade, pois a tua liberdade será seres minha, tal como a minha será ser teu.

Teu Johannes

Minha Cordélia!

Quando andava à caça, Alfeu enamorou-se da ninfa Aretusa. Ela não quis dar-lhe ouvidos, e fugiu dele até que, ao chegar à ilha Ortígia. foi transformada em fonte. Foi tal o desgosto de Alfeu que ele próprio se viu transformado num rio da Élida, no Peloponeso. Mas não esqueceu o seu amor e, sob o mar, uniu-se àquela fonte. Não será já o tempo das metamorfoses? Resposta: não será já o do amor? A que comparar a tua alma pura e profunda, sem ligação com o mundo, se não a uma fonte? Não te disse eu uma vez que sou como um rio enamorado? E, agora que estamos separados, não deverei lançar-me sob as ondas para ser unido a ti? Voltaremos ainda a encontrarmo-nos sob o mar, pois apenas nessas profundidades nos pertencemos.

Teu Johannes

Minha Cordélia!

Em breve, em breve serás minha. À hora em que o sol fecha os seus olhos indiscretos, quando a História acaba e os mitos ganham vida, não é apenas na minha capa que me envolvo, mas também na noite, e vôo para ti, e para te encontrar não são os teus passos que tento ouvir, mas o bater do teu coração.

Teu Johannes

Nestes dias em que não posso estar, quando quero, pessoalmente junto dela, temo que se ponha a pensar no futuro. Até agora não foi esse o caso, pois soube perfeitamente aturdi-la graças à minha estética. Nada se pode imaginar de menos erótico que essas tagarelices sobre o futuro, que nascem principalmente quando não

existe nada de melhor para, de momento, nos preocupar. Junto dela também nada temo a este respeito, pois saberia fazer-lhe esquecer tão bem o presente como a eternidade. Se não sabemos pôr-nos em relação a um tal ponto com a alma de uma jovem, melhor seria nunca termos sequer pensado em querer seduzir, pois haverá então estes dois escolhos, impossíveis de evitar: ser interrogado sobre o futuro e catequizado sobre a fé. É por isso perfeitamente natural que Margarida, no *Fausto,* submeta Fausto a um tal exame dado que ele teve a imprudência de se mostrar galante, e que uma jovem está sempre preparada contra um tal ataque.

Agora, creio que tudo está pronto para a receber; não lhe faltarão ocasiões para admirar a minha memória, ou antes, nem sequer terá tempo para isso. Nada do que para ela poderia ter importância foi esquecido, mas também nada aí foi posto que pudesse recordar-me diretamente e, no entanto, por todo lado estou invisivelmente presente. O efeito dependerá muito do seu modo de olhar, pela primeira vez, todo o conjunto. Para tal recebeu o meu criado as mais precisas instruções, e ele é, a seu modo, um perfeito virtuoso. Se para tal recebeu ordem, sabe lançar um comentário como por acaso e com perfeita negligência, bem como fingir-se ignorante; numa palavra, é para mim um inapreciável auxiliar. O sítio é precisamente o que ela escolheria. Do meio da sala o olhar alcança dos dois lados, para lá do primeiro plano, o horizonte infinito, é como se se estivesse só no vasto oceano do espaço. Quem se aproxima de uma janela vê ao longe, no horizonte, uma floresta que se ergue em abóbada, como uma coroa que limita e encerra o lugar. E isto é perfeito, porque o amor ama — o quê? — um recinto fechado; não era o próprio paraíso um recinto fechado, um jardim para os lados do oriente? — Mas, ao nosso redor, aperta-se demasiado este círculo — avançamos para a janela, um lago tranqüilo se esconde humildemente entre os elevados acessos — na margem, uma barca. Um suspiro do coração, um sopro do

pensamento inquieto — a barca solta-se das suas amarras e desliza por sobre o lago, docemente embalada pelo sopro suave de uma nostalgia sem nome; desaparecemos na solidão misteriosa da floresta embalados pela superfície do lago que sonha com as profundas sombras das árvores — voltamo-nos para o outro lado e é o mar que se estende diante dos olhos que nada entrava, perseguidos pelos pensamentos que nada entrava. — Que ama o amor? o infinito. — Que teme o amor? limites. — Por detrás da sala grande encontra-se uma divisão mais pequena, ou antes, um gabinete, pois o que essa divisão quase era em casa das Wahl, é-o esta. A semelhança é evidente. Um tapete de vime cobre o sobrado, diante do sofá uma mesinha de chá com um candeeiro, semelhante ao outro. Aliás, tudo ali é semelhante, mas mais luxuoso. Penso poder permitir-me esse pequeno retoque à divisão. Na sala encontra-se um piano muito simples, mas que recorda o da casa das Jansen. Está aberto e, sobre a estante do piano, a mesma ariazinha sueca. A porta que dá para a entrada está entreaberta. Ela entrará por aquela porta ao fundo, pois para tal dei instruções a Johan, e assim, no momento exato em que ele abrir a porta, descortinará ela, ao mesmo tempo, o gabinete e o piano — a ilusão é perfeita. Entra no gabinete e estou certo de que ficará contente. Ao lançar os olhos para a mesa encontrará um livro mas, nesse mesmo instante, Johan pegará nele para o arrumar, dizendo de modo casual: o Senhor deve tê-lo esquecido aqui esta manhã. Assim, Cordélia começará por saber que eu ali estive nesse mesmo dia, e depois quererá examinar o livro. É uma tradução alemã da famosa obra de Apuléio: *Eros e Psiquê.* Não é uma obra poética, porém isso também não é necessário, pois a oferta de uma obra verdadeiramente poética a uma jovem é sempre uma injúria, dado que isso implicaria que, num tal instante, ela própria o não seria bastante para beber a poesia imediatamente escondida na realidade, e que não foi previamente corroída pelo pensamento de um outro. Em geral, não se pensa nisto e, contudo, é assim. — Ela desejará ler

este livro e é isso que pretendo. — Ao abri-lo na última página lida, encontrará um raminho de mirto, que lhe dirá mais que um simples sinal.

Minha Cordélia!

Que temes? Amparando-nos um ao outro somos fortes, mais fortes que o mundo, mais fortes que os próprios deuses. Sabes que outrora existiu sobre a terra uma raça, humana é certo, mas de que cada elemento se bastava a si próprio, e não conhecia a união íntima do amor. Contudo o seu poder foi grande, tão grande que pretenderam tomar de assalto o céu. Júpiter temia essa raça e fez de cada um dos seus elementos um par, homem e mulher. Quando por vezes acontece reunir-se de novo no amor o que era outrora unido, uma tal união é mais forte que Júpiter; eles possuem então não só tanta força como o conjunto dos dois elementos, mas mais ainda, pois a união do amor é uma superior unidade.

Teu Johannes

24 de setembro

A noite está calma — é meia-noite menos um quarto — o vigia noturno de Oesterport toca a sua bênção sobre a região, e a Blegdam reenvia-lhe o eco — ele volta para a casa da guarda, tocando de novo, e o eco chega de mais longe ainda. — Tudo dorme em paz, salvo o amor. Erguei-vos pois, misteriosas potências do amor, reuni-vos neste peito! A noite está silenciosa — apenas uma ave interrompe este silêncio com o seu grito e o seu vôo que passa por sobre a erva do prado, úmida de orvalho; também ela se apressa sem dúvida para um encontro — *accipio omen* (aceito o agouro)! Quantos presságios em toda a natureza! Vejo-os no vôo das aves, nos seus gritos, nos saltos dos peixes à superfície da água, nas suas fugas para as

profundidades, num latido ao longe, no ruído longínquo de uma carruagem, no eco de passos que vêm de longe. Não vejo fantasmas a esta hora da noite, não vejo o que pertence ao passado; mas o seio do lago, o beijo úmido do orvalho, a névoa que se espalha sobre a terra, e esconde o seu fecundo amplexo, mostram-me o futuro. Tudo é imagem, sou o meu próprio mito. Pois não é como um mito que vôo para este encontro? Mas que importa quem sou? esqueci todas as coisas finitas e temporais, só o eterno me resta, o poder do amor, o seu desejo, a sua beatitude. — A minha alma está tensa como um arco e os meus pensamentos prontos para o vôo como as flechas num carcaz, não envenenadas e, no entanto, capazes de se misturarem ao sangue. Quanta força, quanta saúde e alegria na minha alma, presente como um deus! — A natureza tinha-a feito bela. Eu to agradeço, ó natureza prodigiosa. Tal uma mãe, velaste por ela. Obrigado pela tua solicitude. Ela estava inalterada, e eu vo-lo agradeço, a todos vós a quem ela o deve. A sua evolução é obra minha — em breve colherei a recompensa. — Quanto não acumulei para este único instante que se anuncia? Morte e danação, se dele fosse privado!

Não vejo ainda a minha carruagem. — Ouço o estalar de um chicote, é o meu cocheiro. — Ide depressa, para a vida e para a morte, rebentem os cavalos se necessário for, mas nunca um segundo antes da chegada.

25 de setembro

Por que não poderá uma tal noite durar mais tempo? Se Alectrion se pôde esquecer, por que não teve o sol piedade bastante para fazer como ele? Contudo, tudo está acabado, e não desejo voltar a vê-la jamais. Uma jovem é fraca quando deu tudo, — pois tudo perdeu; porque a inocência é, no homem, um elemento negativo, mas

na mulher é a essência da sua natureza. Agora, qualquer resistência é impossível, e só enquanto ela dura é belo amar; quando acabou, não passa de fraqueza e hábito. Não desejo recordar-me das nossas relações; ela está desflorada e não estamos já no tempo em que o desgosto de uma jovem abandonada a transformava num heliotrópio. Não quero fazer-lhe as minhas despedidas; nada me repugna mais que lágrimas e súplicas de mulher que tudo desfiguram e, contudo, a nada conduzem. Amei-a, mas de agora em diante não pode já interessar-me. Se eu fosse um deus faria aquilo que Netuno fez por uma ninfa, transformá-la-ia em homem.

Como seria então picante saber se podemos evadir-nos dos devaneios de uma jovem, e torná-la suficientemente orgulhosa para a fazer imaginar que foi ela quem se cansou da ligação. Que epílogo apaixonante que, no fundo, apresentaria um interesse psicológico e, por outro lado, nos poderia oferecer uma boa ocasião para muitas observações eróticas.

---

[1] Do libreto da ópera *Don Giovanni,* de Mozart: *Sua paixão predominante / é a jovem debutante.* Passe o galicismo, aliás parcialmente consagrado pelo uso, pela precisão com que traduz o termo italiano. (N. do T.)

[2] Clarividência. Em francês no original. (N. do T.)

[3] Vai, / desdenha / a fidelidade, / o remorso / virá depois. Em alemão no original. (N. do T.)

[4] O imprevisto acontece muitas vezes. Em alemão no original. (N. do T.)

[5] Espécie de touca com véu. Em alemão no original. (N. do T.)

[6] Direto. Em alemão no original. (N. do T.)

[7] Inquietante. Em alemão no original. (N. do T.)

[8] De passagem. Em francês no original. (N. do T.)

[9] Estes maqueiros usavam, como parte do respectivo uniforme, capas verdes. Daí o engano do ansioso Johannes. (N. do T.)

[10] Moeda dinamarquesa. (N. do T.)

[11] Noite e inverno e longa caminhada e ingentes sofrimentos, / Sofrimentos e toda espécie de fadiga há nestes acampamentos. (N. do E.)

[12] Fácil. Em alemão no original. (N. do T.)

[13] O que antes era impulso agora é razão. (N. do E.)

[14] Sentido literal: ir ao fundo. Em alemão significa tanto submergir como penetrar no

âmago de uma questão. (N. do E.)

[15] Entre nós. Em alemão no original. (N. do T.)

[16] Antiga medida de comprimento equivalente a 1,10 m. (N. do T.)

[17] Uma está muito apaixonada, / A outra gostaria também de estar. (N. do E.)

[18] E não quero um universitário, / que passa a noite lendo, / mas quero um militar, / que anda com pluma no chapéu. (N. do E.)

[19] Ulisses não era formoso, mas eloqüente, / E todavia fez por ele se apaixonarem as Sereias. (N. do E.)

[20] Cada vez mais. Em alemão no original. (N. do T.)

[21] Inquietante. Em alemão no original. (N. do T.)

[22] Lutar *cominus:* lutar corpo-a-corpo. *Eminus:* a distância. (N. do E.)

[23] Nas faces familiarmente ruborizadas, brilham as chamas do coração. Em alemão no original. (N. do T.)

[24] Em globo. Em francês no original. (N. do T.)

[25] Note-se o paralelismo com a situação final do *Don Giovanni,* quando Dom João vai abrir a porta à estátua-espectro do Comendador. (N. do T.)

[26] As duas palavras rimam, realmente, mas em dinamarquês. (N. do T.)

[27] Autarquia, governo colocado nas mãos de uma só pessoa. (N. do T.)

[28] Diálogo de Platão. (N. do T.)

[29] O dote é uma questão relativa à esposa. (N. do E.)

[30] A sorte foi lançada. (N. do E.)

[31] Que me odeiem, contanto que me temam. — Palavras do poeta Attius, citadas por Cícero, e freqüentemente referidas como um dito predileto do imperador Calígula. (N. do E.)

[32] Esfrego de dia, de noite, / Mas nunca apagarei a sombra preta. (N. do E.)

TEMOR E TREMOR

Tradução de Maria José Marinho

Prólogo

O que Tarquínio o Soberbo pretendia designar com as papoulas do seu jardim, compreendeu-o o filho, não o mensageiro.

Hamann

Processa-se nesta época uma verdadeira liquidação que tanto exige o mundo das idéias como o mundo dos negócios. Tudo se obtém por preços tão irrisórios que cabe perguntar se, depois, haverá ainda comprador. O árbitro da especulação muito conscienciosamente aplicado em assinalar as etapas mais significativas da evolução da filosofia, o professor, o mestre de estudos, o estudante e enfim o filósofo, amador ou formado, não ficam na dúvida radical — vão ainda mais longe. Intempestivo seria, sem dúvida, perguntar-lhes aonde esperam chegar, mas dar-se-á prova de honesta cortesia aceitando como certo que de tudo duvidaram, pois, de outra maneira, seria estranho dizer que vão mais longe. Todos eles realizaram esse ato prévio e, segundo as aparências, com tanto maior facilidade que não acham necessário dar uma breve explicação. Em vão se busca, com minucioso cuidado, uma pequena luz, um ligeiro indício, a mais simples prescrição dietética sobre a conduta que se deve seguir nesta imensa tarefa. *Mas alguma vez o fez Descartes?* Deste pensador venerável, humilde e leal, ninguém deixará de ler os escritos com a mais profunda emoção; Descartes fez o que disse e disse tudo o que fez. Ah! Ah! Eis uma coisa pouco comum em nossos dias! Descartes não duvidou em matéria de fé, como ele próprio se não cansa de repetir em vários passos: *Não devemos ser tão presumidos que acreditemos que Deus nos tenha querido dar parte das suas resoluções... Teremos, sobretudo, como regra infalível, que aquilo que foi revelado por Deus é incomparavelmente mais certo do que todo o resto, para que, no caso*

de uma centelha de razão nos parecer sugerir idéia contrária, estejamos prontos a submeter o juízo ao que venha da sua parte... (Princípios de Filosofia, Primeira parte, §§ 28 e 76).

Não impôs a todos obrigação de duvidar, nem proclamou a sua filosofia com veemência porque era um pensador tranqüilo e solitário e não um guarda noturno encarregado de dar alarme. Modestamente, confessou que o seu método só para si tinha importância, e que de algum modo o concebera em virtude da confusão dos seus conhecimentos anteriores. *O meu propósito não consiste aqui em ensinar o método que cada um deve seguir para bem dirigir a razão, mas sim mostrar apenas de que modo consegui dirigir a minha... Logo que terminei o curso de estudos com que é costume ser-se recebido na classe dos doutos, mudei inteiramente de opinião, pois vi-me tão embaraçado com dúvidas e erros que me pareceu não ter obtido outro proveito, ao tratar de me instruir, senão descobrir cada vez mais a minha ignorância (Discurso do Método,* Primeira parte). Disto fizeram os gregos antigos, algum tanto conhecedores de filosofia, tarefa para toda a vida, porque a prática da dúvida não se adquire assim em poucos dias ou escassas semanas. Tal era o *terminus* a que chegava o velho lutador já retirado dos combates, depois de haver guardado o equilíbrio da dúvida entre manhas e astúcias, de haver negado infalivelmente a certeza dos sentidos e do pensamento, de haver enfim desafiado, sem fraqueza, os tormentos do amor-próprio e as insinuações da simpatia — tarefa que a todos e para todos serve de iniciação.

Ninguém hoje se detém na fé — vai-se mais longe. Passarei, sem dúvida, por néscio se me ocorrer perguntar para onde por tal rumo se caminha. Mas, com certeza, darei prova de correção e cultura admitindo que cada um tem fé, pois do contrário seria singular dizer que se vai mais longe. Não sucedia assim antigamente; era então a fé um compromisso aceite para a vida inteira; porque, pensava-se, a aptidão para crer não se adquire em poucos dias, ou

escassas semanas. Quando, depois de ter combatido em luta leal e conservado a fé, o velho lutador experimentado chegava ao acaso da vida, o coração mantinha suficiente juventude para não esquecer o tremor e a angústia que o tinham disciplinado enquanto jovem e que o homem maduro havia dominado, porque daqueles ninguém se livra inteiramente a menos que consiga ir mais longe desde muito cedo. O *terminus* onde chegavam essas veneráveis figuras é hoje o ponto de partida para cada um ir mais longe.

O presente autor de nenhum modo é um filósofo. Não compreendeu nenhum sistema da filosofia se é que algum existe ou esteja concluso. O seu débil cérebro assusta-se já bastante ao pensar na prodigiosa inteligência que é necessária a cada um, sobretudo hoje, quando toda a gente estadeia tão prodigiosos pensamentos! Embora se possa formular em conceito toda a substância da fé, não resulta daí que se alcance a fé, como se a penetrássemos ou ela se houvesse introduzido dentro de nós. O presente autor de nenhum modo é filósofo. É sim, *poetice et eleganter,* um amador que nem escreve sistema nem *promessas* de sistema; não caiu em tal excesso nem a ele se consagrou. Para ele, escrever é um luxo suscetível de ganhar tanto mais significação e evidência quanto menos leitores e compradores tiver para as suas obras. Não tem dúvidas quanto ao seu destino numa época em que se põe de lado a paixão para servir a ciência, época em que o autor que aspira a ser lido deve ter a precaução de escrever um livro fácil de folhear à hora da sesta e o cuidado de se apresentar com a cortesia daquele jardineiro do anúncio, que, com o chapéu na mão e o certificado do último a quem servira, se recomenda ao respeitável público. O autor prevê a sua sorte, passará completamente despercebido. Adivinha com terror que a crítica invejosa o obrigará a dar-lhe com um fueiro. Mais ainda: treme ao pensar que algum zeloso escriba, algum glutão de parágrafos (sempre pronto, para salvar a ciência, a tratar a obra alheia como Trop fazia em face de *A Destruição do Gênero Humano*

para *salvar o gosto),* treme ao pensar que tal censor — inflexível como aquele homem que, para satisfazer a ciência da pontuação, dividia o seu discurso contando as palavras: trinta e cinco até o ponto e vírgula, cinqüenta até o ponto final — o desfaça em parágrafos. Inclino-me com profunda submissão diante de todo chicaneiro sistemático. "Não é sistema, isto nada tem que ver com o sistema. Desejo-lhe toda a felicidade possível, tal como a todos os dinamarqueses interessados pelo ônibus, porque jamais será uma torre o que eles elevarão. A todos e a cada um em particular desejo êxito e boa sorte."

Muito respeitosamente

JOHANNES DE SILENTIO[1]

Atmosfera

Era uma vez um homem que tinha ouvido, na sua infância, a formosa história de Abraão, que, posto à prova por Deus, vencida a tentação sem perder a fé, recebia, contra toda a expectativa, o seu filho pela segunda vez. Na maturidade, releu a narrativa e desta vez com acrescida admiração, porque a vida havia separado aquilo que a infância, com piedosa simplicidade, unira. À medida que ia envelhecendo, o pensamento retomava mais por miúdo a história e com redobrada paixão; todavia compreendia-a cada vez menos. Acabou por esquecer tudo o mais fixando na alma um só desejo: ver Abraão; e um só pesar: o não ter sido testemunha do acontecimento. Não aspirava a contemplar os belos países do Oriente, nem as maravilhas da terra prometida, nem o piedoso par cuja velhice fora bendita por Deus, nem a figura venerável do patriarca farto de dias, nem a exuberante juventude de Isaac, oferecido, como um presente, pelo Eterno: o mesmo pudera suceder em qualquer estéril páramo; não via aí qualquer objeção. Quisera ter participado na viagem dos três dias, quando Abraão, montado no seu burro, seguia com a tristeza em frente e Isaac ao lado. Quisera estar presente no instante em que Abraão, ao erguer os olhos, viu ao longe a montanha de Morija, no instante em que despediu os burros e trepou a encosta, sozinho com o filho — porque estava preocupado, não por engenhosos artifícios da imaginação, mas pelos temores do pensamento.

Este homem não era, aliás, um pensador. Não sentia o mínimo desejo de ir além da sua fé. Parecia-lhe ser destino mais belo a posteridade vir a chamar-lhe o pai da fé, e considerava-se digno de inveja possuí-la, ainda quando ninguém de tal suspeitasse.

Este homem não era um sábio exegeta pois nem sequer conhecia o hebreu. Se o tivesse podido ler, então teria, sem dúvida,

compreendido facilmente a história de Abraão.

I

E Deus pôs Abraão à prova e disse-lhe: toma o teu filho, o teu único filho, aquele que amas, Isaac; vai com ele ao país de Morija e, ali, oferece-o em holocausto sobre uma das montanhas que te indicarei.

Era de manhãzinha. Abraão levantou-se, albardou os burros, deixou a sua casa com Isaac, enquanto da janela Sara os via descer pelo vale até se perderem de vista. Caminharam em silêncio durante três dias. Na manhã do quarto dia, Abraão continuou sem dizer palavra, mas, erguendo o olhar, viu ao longe os montes de Morija. Despediu então os servidores e, tomando Isaac pela mão, trepou pela montanha. E Abraão dizia para si: *Não posso mais ocultar-lhe aonde conduz este andar.* Deteve-se, pousou a mão sobre a cabeça do filho para o abençoar e Isaac inclinou-se para receber a bênção. O rosto de Abraão era o de um bom pai: o olhar doce e a voz exortavam. Mas Isaac não podia compreendê-lo; a sua alma não lograva elevar-se tão alto; abraçou os joelhos de Abraão, rojou-se-lhe aos pés, pediu-lhe piedade, implorou pela sua juventude e pelas mais doces esperanças, falou das alegrias da casa paterna, evocou a tristeza e a solidão. Então Abraão levantou-o, pegou-lhe na mão e caminhou e a sua voz exortava e consolava. Mas Isaac não podia compreendê-lo. Abraão subiu a montanha de Morija; Isaac não o compreendia. Foi então que, tendo-se afastado um pouco do filho, Isaac lhe tornou a ver o rosto, desta vez alterado, o olhar feroz, as feições aterradoras. Agarrou Isaac pelo peito, deitou-o por terra e disse-lhe: *Estúpido! Supões que sou teu pai? Sou um idólatra! Crês que obedeço às ordens de Deus? Faço o que me apetece!* Então Isaac fremente e com grande angústia, gritou: *Deus do Céu? Tem piedade de mim! Deus de Abraão, tem piedade de mim, sê meu pai, porque já não tenho outro na Terra!*

Mas Abraão ciciava: *Deus do Céu, dou-te graças. Vale mais que me julgue um monstro do que perca a fé em ti.* Quando chega o tempo do desmame, a mãe enegrece o seio, porque manter o seu atrativo será prejudicial ao filho que o deve abandonar. Assim ele acredita que a mãe mudou, embora o coração dela continue firme e o olhar conserve a mesma ternura e amor. Feliz aquele que não tenha de recorrer a meios ainda mais terríveis para desmamar o seu filho!

II

Era de manhãzinha. Abraão levantou-se, abraçou Sara, companheira da sua velhice, e Sara deu um beijo a Isaac, que a havia preservado do escárnio e era seu orgulho e esperança para toda a posteridade. Caminharam em silêncio. Abraão conservou o olhar obstinadamente fixo no solo até o quarto dia. Só então levantou os olhos e vendo no horizonte a montanha de Morija, baixou-os de novo. Em silêncio preparou o holocausto e ligou Isaac; em silêncio puxou da faca; então viu o carneiro que Deus provera. Sacrificou-o e regressou... A partir desse dia Abraão envelheceu; não pôde esquecer aquilo que Deus lhe exigira. Isaac foi crescendo, mas os olhos de Abraão haviam perdido o brilho; nunca mais tornou a ver a alegria.

Quando o menino, já crescido, tem de ser desmamado, a mãe, pudicamente, oculta o seio e o menino já não tem mãe. Feliz o filho que não perdeu a mãe de outro modo!

III

Era de manhãzinha. Abraão levantou-se, deu um beijo a Sara, e Sara deu um beijo a Isaac, suas delícias, sua eterna alegria. E Abraão, montado no burro, seguiu pensativo. Meditava em Agar e no filho que abandonara no deserto. Subiu a montanha de Morija e puxou da faca.

A tarde estava tranqüila quando Abraão se achou sozinho em

Morija. Rojou-se na terra e pediu perdão a Deus pelo seu pecado, perdão por ter querido sacrificar Isaac, perdão por ter esquecido o dever paternal para com o filho. Tomou, de novo, com mais freqüência o solitário caminho da montanha, mas não encontrou repouso. Não podia conceber que pecara por ter querido sacrificar o seu mais precioso bem, por quem teria oferecido a vida mais de uma vez; e, se pecara, se nunca amara Isaac a tal ponto, não podia compreender como merecer o perdão de Deus — haverá, com efeito, mais horrível pecado do que o seu?

Quando chega o tempo do desmame, a mãe fica triste pensando que ela e o filho se irão separar; que o menino, a princípio sob o seu coração e depois embalado no seio, nunca mais se encontrará tão perto dela. E juntos sofrerão esta curta pena. Feliz aquele que conservou o filho tão perto do seu coração e não teve outro motivo de desgosto!

IV

Era de manhãzinha. Tudo estava pronto para a partida em casa de Abraão. Despediu-se de Sara, e Eliezer, o fiel servidor, seguiu-o pelo atalho até o momento em que Abraão lhe ordenou o regresso. Depois, em completa concordância, Abraão e Isaac caminharam juntos até a montanha de Morija. Cheio de paz e doçura, Abraão fez os preparativos do sacrifício, mas, quando se voltou para puxar da faca, viu Isaac que a mão esquerda do pai se crispava de desespero, que um arrepio lhe sacudia o corpo e contudo Abraão puxou da faca.

Regressaram então a casa. Sara precipitou-se ao encontro de ambos. Isaac, porém, já não tinha fé. Nunca de tal coisa se falou no mundo, nem Isaac disse a alguém aquilo que presenciara, nem Abraão suspeitou de que alguém o vira.

Quando chega o tempo do desmame, recorre a mãe a

alimentação mais forte para evitar a morte do filho. Feliz aquele que dispõe de alimento forte!

Assim, e também de outros distintos modos, refletia sobre este acontecimento o homem de quem falamos. De cada vez que regressava da montanha de Morija a casa, consumia-se de debilidade, juntava as mãos e exclamava: *Então não há ninguém com a estatura de Abraão, ninguém capaz de o compreender?*

Elogio de Abraão

Se o homem não possuísse consciência eterna, se um poder selvagem e efervescente produtor de tudo, grandioso ou fútil, no torvelinho das paixões obscuras, existisse só no fundo de todas as coisas; se sob elas se escondesse infinito vazio que nada pudesse encher, que seria da vida senão o desespero? Se assim fosse, se um vínculo sagrado não cingisse a humanidade; se as gerações se não renovassem como se renovam as folhas das florestas; se umas atrás das outras se fossem extinguindo como o canto dos pássaros nos bosques, atravessando o mundo como a nave o oceano, ou o vento o deserto estéril e cego; se o esquecimento eterno, sempre esfomeado, tivesse força suficiente para lhe arrebatar a presa espiada, quão vã e desoladora seria a vida! Mas tal não é o caso. Do mesmo modo que formou o homem e a mulher também Deus formou o herói, o poeta ou orador. O poeta não pode cumprir aquilo que o herói realiza: só lhe resta admirá-lo, amá-lo e rejubilar com ele. Entretanto não é menos favorecido do que este porque o herói é, por assim dizer, o melhor de si mesmo, aquele de quem está enamorado, feliz por não ser herói, para que o seu amor seja feito de admiração. O poeta é o gênio da recordação. Nada mais pode fazer do que recordar; nada mais senão admirar o que foi cumprido pelo herói.

O poeta nada tira do seu próprio fundo, mas guarda ciosamente aquilo que lhe é entregue sob custódia. Segue a escolha do seu coração; encontrado o objeto da sua pesquisa, vai, de porta em porta, recitar os seus versos e discursos para que todos participem da sua admiração pelo herói e dele se orgulhem também. Tal é a sua atividade, sua humilde tarefa, seu leal serviço na mansão do herói. Se é fiel ao seu amor e luta noite e dia contra as emboscadas do esquecimento, ávido de lhe arrebatar o herói, uma vez enfim cumprida a sua missão, entra na sua companhia. E o herói

ama-o também com amor igualmente fiel, porque também para ele, herói, o poeta é o melhor do seu ser, como débil recordação certamente, mas tão transfigurado como ele. Por isso não será esquecido daqueles que foram grandes. E, se é preciso tempo, se ainda as nuvens da incompreensão dissipam a figura do herói, virá todavia aquele que o amou e tanto mais fielmente se unirá a ele quanto maior for o seu atraso.

Não! Nada será perdido dos que foram grandes; cada um a seu modo e segundo a grandeza do objeto que *amou.* Porque aquele que se amou a si próprio foi grande pela sua pessoa; quem amou a outrem foi grande dando-se; mas o que amou a Deus foi o maior de todos. A história celebrará os grandes homens, mas cada um foi grande pelo objeto da sua *esperança:* um engrandeceu-se na esperança de atingir o possível; um outro na esperança das coisas eternas — mas aquele que quis alcançar o impossível foi, de todos, o maior. Os grandes homens hão-de sobreviver na memória dos vindouros, mas cada um deles foi grande pela importância do que *combateu.* Porque aquele que lutou contra o mundo, foi grande triunfando do mundo, o que combateu consigo próprio foi grande pela vitória que alcançou sobre si — mas aquele que lutou contra Deus foi o maior de todos. Tal é a suma dos combates travados na Terra: homem contra homem, um contra mil; mas aquele que luta contra Deus é o maior de todos. Tais são os combates deste mundo: um chega ao termo usando da força, o outro desarma Deus pela sua fraqueza. Viu-se os que se apoiaram em si próprios de tudo triunfarem e os outros, fortes da sua força, tudo sacrificarem — mas o maior de todos foi o que acreditou em Deus. E houve grandes homens pela sua energia, sabedoria, esperança ou amor — mas Abraão foi o maior de todos: grande pela energia cuja força é fraqueza, grande pelo saber cujo segredo é loucura, pela esperança cuja forma é demência, pelo amor que é ódio a si próprio.

Pela fé Abraão abandonou a terra de seus maiores e foi

estrangeiro na terra prometida. Abandonou uma coisa, a sua razão terrestre, por outra, a fé; se refletisse no absurdo da viagem, nunca teria partido. Pela fé foi estrangeiro na terra prometida onde nada evocava o que amou, onde a novidade das coisas imprimia na alma a tentação dum doloroso arrependimento. Contudo ele era o eleito de Deus, aquele em que o Eterno se revia! Em boa verdade, se fosse deserdado, banido da graça divina, teria compreendido melhor esta situação que parecia escarnecê-lo e à sua fé. Também houve no mundo quem vivesse desterrado da pátria amada. Não foi esquecido, como não se esqueceram as suas queixas entretecidas ali onde ele, na sua melancolia, procurou e encontrou o que tinha perdido. Abraão não nos deixou lamentos. Condoer-se alguém e chorar com o que chora é humano, mas é maior o que crê e mais reconfortante ainda contemplar o crente.

Pela fé Abraão obteve a promessa de que todas as nações da terra seriam abençoadas na sua posteridade. Passava o tempo, mantinha-se a possibilidade e Abraão cria. Passou o tempo, tornou-se absurda a esperança, Abraão acreditou. Por ele se viu no mundo o que era ter esperança. Passou o tempo, a tarde atingiu seu ocaso, e este homem nunca teve a covardia de a renegar; por isso jamais será esquecido. Conheceu depois a tristeza, e a amargura, em vez de o decepcionar como a vida, fez por ele tudo o que pôde e, nas suas esperanças, deu-lhe a posse da sua enganada esperança. Conhecer a tristeza é humano, humano ainda é partilhar do desgosto dos aflitos, mas crer é mais reconfortante do que contemplar o crente. Abraão não nos deixou lamentos. Não contou tristemente os dias à medida que o tempo passava, não observava Sara inquieto para ver se os anos cavavam sulcos no seu rosto, não parou o curso do sol para impedir o envelhecimento de Sara e com ela sua esperança. Para apaziguar o desgosto não entoou a Sara um triste cântico. Tornou-se velho e Sara foi escarnecida na sua terra. Contudo era o eleito de Deus e o herdeiro da promessa de que todas as nações seriam

abençoadas na sua posteridade. Não valera mais que não fosse o eleito de Deus e o herdeiro da promessa de que todas as nações seriam abençoadas na sua posteridade. Não valera mais que não fosse o eleito de Deus? Que significa ser o eleito de Deus? É ver recusado o desejo de juventude na primavera da vida, para só obter tal favor na velhice, depois de grandes dificuldades. Mas Abraão acreditou e guardou firmemente a promessa a que teria de renunciar se houvesse vacilado. Teria dito então a Deus: *Porventura não é da tua vontade que meu desejo se realize; renuncio ao meu voto, o único que contava para a minha felicidade; minha alma é reta e não guarda secreto rancor pela tua recusa.* Não teria sido esquecido por isso, muitos se teriam salvo pelo seu exemplo, mas nunca chegaria a ser o pai da fé. Porque é grande renunciar ao mais querido voto, mas maior ainda é mantê-lo depois de o ter abandonado. Grande é alcançar o eterno, mas maior ainda é guardar o temporal depois de a ele ter renunciado. Os tempos foram cumpridos. Se acaso Abraão não acreditasse, Sara morreria sem dúvida de desgosto, e ele, roído de tristeza, não compreenderia a graça, e dela teria sorrido como de um sonho de juventude. Mas Abraão acreditou e, por isso, se manteve jovem, porque aquele que espera sempre o melhor envelhece na decepção e o que aguarda sempre o pior mais depressa se gasta, mas o que crê conserva eterna juventude. Bendita seja, pois, esta história! Porque Sara, em avançada idade, foi ainda suficientemente jovem para desejar as alegrias da maternidade, e Abraão, apesar dos seus cabelos brancos, foi suficientemente jovem para desejar ser pai. À primeira vista o milagre parece consistir em o sucesso se verificar segundo a sua esperança, mas, no profundo sentido, o prodígio foi Abraão e Sara terem sido bastante jovens para desejar; foi a fé que manteve neles o desejo e, com ele, a juventude. Ele viu a satisfação da promessa e obteve-a pela fé e isso sucedeu em concordância com a promessa e segundo a fé: porque Moisés golpeou a rocha com a sua vara mas não acreditou.

Houve então alegria na casa de Abraão e Sara foi a esposa das bodas de ouro.

No entanto, esta felicidade não duraria muito; uma vez mais Abraão devia ser posto à prova. Tinha lutado contra esse manhoso poder a que coisa nenhuma escapa, contra o inimigo que, ao longo dos anos, não cessa de vigiar, contra o ancião que a tudo sobrevive, tinha, enfim, lutado contra o tempo e conservado a fé. *E Deus pôs Abraão à prova e disse-lhe: toma o teu filho, o teu único filho, aquele que amas, Isaac; vai com ele ao país de Morija e, ali, oferece-o em holocausto sobre uma das montanhas que te indicarei.*

Estava tudo perdido. Oh! Desgraça terrível, maior ainda do que o desejo que nunca foi atendido! Assim o Senhor se divertia com Abraão! Eis que, depois de ter realizado milagrosamente o absurdo, queria agora ver sua obra reduzida a nada. Que loucura! Mas Abraão não se riu, como Sara, quando a promessa lhe foi anunciada. Setenta anos de fiel expectativa para tão curta alegria da fé satisfeita! Quem é, pois, aquele que arranca o bastão das mãos do ancião, quem é ele para exigir que o velho pai o quebre por si mesmo! Quem é ele, para tornar inconsolável um homem de cabelos brancos, exigindo-lhe que seja instrumento da própria infelicidade! Não há compaixão por tão venerável ancião nem pela inocente criança! E no entanto Abraão era o eleito de Deus e era o mesmo Senhor que lhe infligia a provação. Tudo então se ia perder! O renome magnífico da raça futura, a promessa à posteridade de Abraão, tudo isso não passara de fugitivo clarão divino que ele devia apagar agora. Esse fruto magnífico tão antigo como a fé no coração do patriarca, e anterior em muitos anos a Isaac, esse fruto da vida de Abraão, santificado pela oração, amadurecido na luta, essa bênção nos lábios do pai, esse fruto, ia ser-lhe arrebatado e perder todo sentido: que sentido, na verdade, podia encerrar a promessa, quando se impunha sacrificar Isaac! Hora de tristeza essa, e ditosa apesar de tudo, em que Abraão levantando pela última vez a testa venerável,

resplandecente como a do Senhor, deveria dizer adeus a tudo quanto amava, recolhendo o espírito para dar a bênção cuja virtude se prolongaria por toda a vida de Isaac — essa hora não chegaria nunca! Porque Abraão deveria dizer adeus ao filho, permanecendo cá embaixo; separá-los-ia a morte, mas fazendo de Isaac a sua presa. No leito de morte, o ancião não podia estender alegremente a mão ao filho para o abençoar, mas, cansado da vida, erguer o braço sobre ele em gesto assassino. E Deus punha-o à prova. Desgraça! Desgraça para o mensageiro portador de tal notícia. Quem ousava ser o emissário de tão grande desolação? Mas era Deus que o punha à prova.

Apesar de tudo Abraão acreditou e acreditou para esta vida. Se a sua fé se reportasse à vida futura, ter-se-ia, com facilidade, despojado de tudo, para sair prontamente dum mundo a que já não pertencia. Mas não era desta espécie a fé de Abraão, se acaso isso é fé. A bem dizer não se trata aí de fé, mas apenas de remota possibilidade que adivinha o seu objeto no horizonte longínquo, embora dele separado por um abismo onde se agita a desesperação. Mas a fé de Abraão era para esta vida; acreditava que iria envelhecer na sua terra, honrado e benquisto do seu povo, inolvidado pela geração de Isaac, o seu mais caro amor nesta vida, a quem abraçava com afeto tal que é insuficiente dizer que cumpria fielmente o dever de pai segundo o espírito do texto: *o filho a quem amas.* Jacó foi pai de doze filhos e só a um amou; Abraão teve somente um, aquele a quem amava.

Mas Abraão acreditou sem jamais duvidar. Acreditou no absurdo. Se tivesse duvidado, agiria de outro modo, teria mesmo realizado um ato magnífico. Acaso poderia ter feito outra coisa? Dirigir-se-ia à montanha de Morija; partida a lenha, teria acendido a pira, puxado da faca e gritado assim a Deus: *Não menosprezes este meu sacrifício; de todos os meus bens não é este o mais precioso, bem o sei; que significa de fato a vida de um velho em comparação com a*

do filho da promessa? Mas é o melhor que posso oferecer-te. Faze com que Isaac nunca de tal se aperceba para que a juventude o conforte. Depois enterraria a faca no próprio peito. O mundo tê-lo-ia admirado e nunca o seu nome seria esquecido; mas uma coisa é suscitar justa admiração e outra ser a estrela que guia e salva o angustiado.

Mas Abraão acreditou. Não rogou para enternecer o Senhor a seu favor; nunca se antecipou em súplicas senão quando o justo castigo desabou sobre Sodoma e Gomorra.

Lemos na Escritura: *E Deus pôs Abraão à prova e disse-lhe: Abraão, Abraão, onde estás? E Abraão respondeu: estou aqui!* Tu, a quem o meu discurso se dirige, fizeste outro tanto? Não clamaste às montanhas *escondei-me!* e às vertentes *desabai sobre mim* quando viste chegar de longe os golpes do destino? Ou se foste mais forte, não te preguiçou o pé ao avançar pela boa senda? Não suspiraste ao recordar os antigos caminhos? E quando soou o momento da chamada, guardaste silêncio ou respondeste, talvez muito baixo, num murmúrio? Abraão, porém, não respondeu assim; alegre e corajosamente, pleno de confiança e em voz cheia exclamou: *Aqui estou!* — Lê-se ainda *e Abraão levantou-se muito cedo.* Apressou-se como quem vai para uma festa e, de madrugada, avança para o local designado, na montanha de Morija. Nada disse a Sara nem a Eliezer: de resto quem o compreenderia? E a tentação, por natureza, não lhe havia imposto voto de silêncio? — *Partiu a lenha, amarrou Isaac, acendeu a pira, tirou a faca!* Meu caro auditor! Muitos pais, ao perder seu filho, julgaram ficar sem o mais precioso tesouro do mundo e despojados de toda a esperança futura; mas nenhum foi o filho da promessa no sentido em que Isaac o foi para Abraão. Muitos pais perderam os filhos; mas perderam-nos pela mão de Deus, pela insondável e imutável vontade do Todo-poderoso. Outro é o caso de Abraão. Prova mais dura lhe estava reservada; a sorte de Isaac encontrava-se na sua mão ao empunhar a faca. Tal era a situação do ancião diante da sua única esperança! Mas ele jamais duvidou, não

relanceou o olhar angustiado à direita e à esquerda, não importunou o céu com súplicas. Sabia que o Todo-poderoso o punha à prova, sabia que este era o sacrifício mais duro que se lhe podia exigir, mas sabia também que nenhum sacrifício é demasiadamente pesado quando Deus o pede — por isso puxou da faca.

Quem foi que deu força ao braço de Abraão? Quem lhe manteve a mão direita erguida e a impediu de cair de novo, impotente? Sente-se o espectador desta cena paralisado. Quem foi que deu força à alma de Abraão e o impediu de cegar a ponto de não ver Isaac nem o cordeiro? É o espectador desta cena que se sente cego. — No entanto é raro, sem dúvida, o homem que fica paralisado e sem ver e, mais raro ainda, o homem que relata com dignidade o sucedido. Todos nós o sabemos hoje: tratava-se de uma prova e de uma prova apenas.

Se, na montanha de Morija, Abraão tivesse duvidado, se, irresoluto, olhasse em redor, se, ao puxar a faca, por mero acaso, se apercebesse da presença do cordeiro, e se Deus lhe permitisse sacrificá-lo em lugar de Isaac — então teria voltado para casa e tudo volveria ao que fora antes, teria Sara perto de si, conservaria Isaac e, apesar de tudo isso, que transformação! O regresso não passaria de fuga, a salvação mero acaso, a recompensa confusão e o seu porvir, talvez, a perdição. Não teria dado testemunho nem da sua fé, nem da graça de Deus, mas teria mostrado como é terrível subir a montanha de Morija. Abraão não seria esquecido, nem tão pouco a montanha de Morija. Ela seria então citada, não como o Ararat, onde descansou a arca, mas como um lugar de assombro: *Foi ali* — diriam — *que Abraão duvidou.*

Abraão, pai venerável! Quando de regresso a casa, vindo de Morija, não foi preciso dedicar-te um panegírico para te consolar duma perda: não é verdade que havias ganho tudo e conservado Isaac? Daqui em diante o Senhor nada mais te exigiu e viram-te bem feliz à mesa com teu filho, sob o mesmo teto, como lá em cima, para

toda a eternidade. Abraão, pai venerável! Milhares de anos decorreram desde esses dias sombrios, mas não é necessário um tardio admirador para arrancar, pelo amor, a tua memória às potências do esquecimento, porque todas as línguas te recordam. E no entanto recompensas a quem te ama por forma mais magnânima do que ninguém; lá em cima o tornas bem-aventurado em teu seio, e cá embaixo cativas-lhe o olhar e o coração com o prodígio da tua ação. Abraão, pai venerável! Segundo pai do gênero humano! Tu que foste o primeiro a sentir e a manifestar essa prodigiosa paixão que desdenha a luta terrível contra a preciosa arremetida dos elementos e das forças da criação para combater contra Deus, tu que primeiramente sentiste esta paixão sublime, expressão sagrada, humilde e pura, do divino frenesi, tu que constituíste justa admiração dos pagãos, perdoa a quem intentou cantar em teu louvor, se não soube bem desempenhar a sua tarefa. Falou humildemente, segundo o secreto desejo do seu coração; falou brevemente, como convinha; mas nunca esquecerá que te foram necessários cem anos para receber, contra toda a expectativa, o filho da velhice e que tiveste de puxar da tua faca para conservar Isaac — tão pouco esquecerá que, aos cento e trinta anos, não havias ido mais longe do que a fé.

PROBLEMATA

EFUSÃO PRELIMINAR

Só o que trabalha tem pão, diz um velho provérbio inspirado no mundo exterior e visível e, coisa curiosa, adaptando-se muito mal à esfera que é, por excelência, a sua. Porque, na verdade, o mundo exterior rege-se pela lei da imperfeição, nele se vê, constantemente, o ocioso obter também o seu alimento e o preguiçoso possuí-lo ainda em muito maior abundância do que o diligente trabalhador. Tudo se acha nas mãos do possuidor do mundo visível em que triunfa a lei da indiferença; o espírito da lâmpada mágica obedece ao seu possuidor, Nuredino ou Aladino, e aquele que detém os tesouros do mundo é realmente patrão, qualquer que tenha sido a maneira como deles se apoderou. Não sucede o mesmo no mundo do espírito, onde reina eterna e divina ordem; ali não chove simultaneamente sobre o justo e o injusto; ali não brilha o Sol com indiferença para os bons e para os maus. Em boa verdade pode dizer-se dali: só o trabalhador tem pão, só o angustiado encontra repouso, só aquele que desce aos infernos salva a bem-amada, só quem empunha a faca recebe Isaac. Ali o pão não é para o preguiçoso, que é enganado, como outrora Orfeu, ludibriado pelos deuses, a quem deram um fantasma em vez de Eurídice; e sofreu tal decepção porque foi um efeminado sem coragem, um mero tangedor de lira e não um homem. Ali de nada serve ter por pai Abraão nem dezessete quartos de sangue nobre salva alguém. Quem se nega a trabalhar sente logo cumprir-se a palavra da Escritura acerca das virgens de Israel: só pode gerar vento; mas o que trabalha gera o seu próprio pai.

Temerária doutrina pretende introduzir no reino do espírito esta mesma lei de indiferença sob o peso da qual geme o mundo exterior. Pensa ela que basta saber o que é grande sem necessidade

de nenhum outro labor. Também esta doutrina não recebe o pão; também ela perece de inanição vendo tudo em seu redor transformar-se em ouro. E que sabe ela, aliás? Milhares de contemporâneos, na Grécia e na posteridade, inumerável multidão de pessoas conheceu os triunfos de Milcíades, mas unicamente um, entre tantos, perdeu o sono. Gerações sem número souberam de cor, palavra por palavra, a história de Abraão; mas quantos tiveram insônias por sua causa?

Tem ela a virtude singular de sempre se manter magnífica, por pouco que dela se compreenda, desde que se cumpra a condição de trabalhar e penar para entendê-la. Sucede porém que se pretende ter a inteligência sem labor. Fala-se da glória de Abrãao; mas de que modo? Caracteriza-se toda a sua conduta com uma proposição demasiadamente geral: *Foi grande por amar Deus até o ponto de lhe sacrificar o melhor que possuía.* Sem dúvida; mas este *melhor* é tão vago! No curso do pensamento e da palavra, identifica-se com demasiada tranqüilidade Isaac com o melhor; e aquele que medita pode, a seu bel-prazer, fumar o seu cachimbo ao correr da reflexão e, o que o escuta, alongar as pernas com preguiçosa comodidade. Se aquele moço, bastante rico, que Jesus encontrou no caminho tivesse vendido todo o patrimônio e houvesse repartido o dinheiro pelos pobres, louvaríamos o seu comportamento, como merece toda a grande ação, ainda que a não compreendamos sem esforço; contudo, ele não se teria convertido em um Abraão pelo fato de ter sacrificado o melhor dos seus bens. O que se omite na história do patriarca? A angústia. Porque, enquanto para com o dinheiro não tenho nenhuma espécie de obrigação moral, o pai está ligado ao filho pelo mais nobre e mais sagrado vínculo. Como, porém, para os débeis de espírito, a angústia é perigosa, deixamo-la passar em silêncio: não obstante pretende-se falar de Abraão. Fala-se afetadamente e, sempre discorrendo, alternam-se os dois termos *Isaac* e *melhor;* tudo assim segue às mil maravilhas. Mas, se entre os ouvintes há quem sofra de

insônias, logo se roça a tragicomédia do mais profundo e espantoso mal-entendido. O nosso homem regressa a casa desejoso de imitar Abrãao: não é acaso, seu filho, o maior de todos os bens? Se o orador se inteira do fato, acode pressuroso e revestindo-se de toda a dignidade de sacerdote, exclama: *Homem abjeto, escória da sociedade! Que demônio te possui e impele a matar teu filho?* E este pastor, a quem o sermão sobre Abraão não aqueceu nem fez suar, assombra-se com o seu poder e com sua justa cólera, com os raios com que fulmina o pobre homem; fia satisfeito consigo mesmo porque jamais falou com tanta força e unção; diz então a si e repete depois à mulher: *Tenho o singular dom da palavra; o que me faltara, até agora, fora a ocasião; no domingo, quando fazia a prédica sobre Abraão, não me sentia assim empolgado pelo meu tema.* Se este pregador tivesse ainda um resto de razão a perder, creio bem que o perderia quando o pecado, com calma e dignidade, lhe respondesse: *Mas foi afinal tudo isso, precisamente, que nos disseste no teu sermão de domingo.* Como poderia imaginar tal coisa? Nada havia porém de surpreendente; a única falta consistia em saber o que dizia. Não haver um poeta com rasgo para adotar resolutamente situações deste gênero em vez das frioleiras com que se enchem romances e comédias! Aqui o trágico e o cômico unem-se no infinito absoluto. O sermão do pastor é já em si assaz ridículo, mas é-o infinitamente mais pelo seu efeito, todavia, tão natural. Poder-se-ia ainda mostrar o pecador convertido pelo responso do padre sem levantar verdadeira objeção, e o zeloso sacerdote a regressar a casa jubiloso, na suposição de que, se comove o auditório do alto do púlpito, é sobretudo porque possui um irresistível poder na cura de almas, visto que no domingo agita a assembléia e na segunda-feira, qual querubim brandindo espada flamejante, apresenta-se perante o insensato disposto a desmentir pelos seus atos o velho provérbio que diz: *Nem tudo sucede na vida de acordo com o sermão do pastor.*[2]

Em compensação se o pecador não fica convencido, a situação

é trágica. O mais provável, então, é ser executado ou encerrado num manicômio; em breves palavras, torna-se um desgraçado em face da chamada realidade, em diferente sentido, claro está, do que tornou feliz Abraão, pois o que luta e trabalha não pode perecer.

Como explicar esta contradição do nosso pregador? Poder-se-á dizer que Abraão adquiriu por prescrição o título de grande homem, de tal modo que um ato é nobre quando por ele praticado e revoltante se for praticado por um outro? Neste caso não tenho desejo de subscrever tão absurdo elogio. Se a fé não pode santificar a intenção de matar o filho, Abraão cai sob a alçada dum juízo aplicável a todo o mundo. Se não há coragem para ir até o fim do pensamento e dizer que Abraão é assassino, mais vale então adquiri-la primeiro do que perder o tempo em imerecidos panegíricos. Sob o ponto de vista moral, a conduta de Abraão exprime-se dizendo que quis matar Isaac e, sob o ponto de vista religioso, que pretendeu sacrificá-lo. Nesta contradição reside a angústia que nos conduz à insônia e sem a qual, entretanto, Abraão não é o homem que é. Porventura ainda se pode dizer que não tenha feito o que se lhe atribui; talvez o seu ato, explicando-se pelos costumes do tempo, tenha sido outro muito diferente. Deixemos, neste caso, o patriarca no esquecimento. Para que recordar com efeito, o passado que não pode tornar a ser presente? Talvez enfim o nosso orador tenha desprezado um elemento que corresponde ao pretenso esquecimento moral do dever de pai. Quando, na verdade, se suprime a fé, reduzindo-a a zero, resta só o fato brutal de Abraão ter querido matar o filho, conduta bem fácil de imitar por quem quer que não possua fé — entendendo eu por fé o que torna difícil o sacrifício.

Quanto a mim direi que tenho a coragem de ir até o fim de uma idéia; nenhuma me causou medo até hoje e se alguma se apresentar um dia com força para atemorizar-me, espero ter, ao menos, a franqueza de dizer sem rodeios: temo tal pensamento, põe-me perante a imagem do desconhecido e nego-me, por isso, a examiná-

lo; se não tenho razão não deixarei de ser punido. Se, no juízo de que Abraão é assassino, vejo a expressão da verdade, não sei, verdadeiramente, se poderei calar em mim a piedade que ele me desperta. Pensando-o, guardaria silêncio porque se não deve iniciar os outros em tais considerações. Mas Abraão não representa um caso de prestígio; ele não adquiriu celebridade a dormir e tão pouco a deve a um capricho do destino.

Pode, por acaso, falar-se francamente de Abraão sem correr o risco de extraviar aquele que quisesse fazer o que ele fez? Se não possuo a sua coragem, o melhor é não mencionar sequer Abraão, e, sobretudo não o aviltar tornando o seu exemplo armadilha para os fracos. Mas, se fazemos da fé um valor total, se a tomamos pelo que ela é, penso que se pode falar sem perigo dos problemas que somente lhe não são estranhos; pois pela fé alguém se pode assemelhar a Abraão em vez de a um vulgar assassino. Se fazemos do amor um sentimento fugitivo, um voluptuoso movimento da alma, estendem-se, pura e simplesmente, ao falarmos das proezas da paixão, ratoeiras aos fracos. Movimentos passageiros como este, toda a gente os tem; mas, se todo o mundo se ocupar em refazer esse ato terrível que o amor santificou como façanha imortal, tudo estará então perdido: o feito sublime e o extraviado imitador.

Pode pois falar-se de Abraão, porque as grandes coisas nunca provocam dano quando as encaramos com sublimidade; são como espada de dois gumes, um mata e outro salva. Se me propusesse pregar, mostraria primeiro o homem piedoso e temente a Deus que foi Abraão, homem digno de ser chamado eleito do Eterno. Somente um homem assim pode submeter-se a semelhante prova. Mas quem é assim? Em seguida falaria do seu amor por Isaac. Finalmente suplicaria a todos os espíritos caritativos que me assistissem para dar ao discurso a chama do amor paternal. Pintaria este amor de tal modo que, assim o creio, não haveria no reino muitos pais que ousassem sustentar exemplo paralelo. Mas, por não ser o seu amor

semelhante ao de Abraão, só a idéia de sacrificar Isaac produziria uma crise religiosa. Poder-se-ia principiar por entreter o auditório durante vários domingos, sem pressa. Quando o tema estivesse tratado de forma conveniente, verificar-se-ia que certo número de pais já não sentiam necessidade de ouvir mais, mas, provisoriamente, considerar-se-iam ditosos por haver chegado a amar tanto como amou Abraão. E se restasse um que depois de haver compreendido a grandeza, e também o horror, da façanha de Abraão, se arriscasse ao caminho, eu selaria o meu cavalo para o acompanhar. Em cada alto antes de alcançar a montanha de Morija, dir-lhe-ia que estava livre ainda de voltar atrás, para arrepender-se do equívoco de se crer chamado a luta semelhante, para confessar a sua falta de coragem, deixando a Deus a iniciativa de tomar conta de Isaac se tal fosse a sua vontade. Tenho a convicção de que um tal homem não é maldito, que pode obter a felicidade como todos os outros — mas nunca no tempo. Não se haveria julgado assim mesmo em épocas de mais funda crença? Conheci um homem que teria podido salvar-me um dia a vida se tivesse sido magnânimo. Dizia sem rodeios: *Vejo bem aquilo que poderei fazer mas não ouso, temo não possuir, em seguida, a força necessária, receio chegar a arrepender-me.* Faltava-lhe coração; quem, porém, lhe negaria por isso o afeto?

Quando assim tivesse falado e movido meus ouvintes, ao ponto de lhes fazer sentir os contrastes dialéticos da fé e sua gigantesca paixão, cuidaria de os não induzir no erro de pensar: *Que grande fé possui! Basta-nos, a nós, tocar na orla do seu hábito.* Eu acrescentaria: “De nenhum modo possuo assim a fé: a natureza deu-me uma boa cabeça e os homens do meu tipo sentem grandes dificuldades para realizar o movimento da fé; *contudo não confiro nenhum valor em si à dificuldade, a qual, uma vez superada, conduz um bom cérebro mais para além do ponto onde chega com menos trabalho o homem de espírito simples.*

Entretanto encontra o amor seus sacerdotes entre os poetas e, por vezes, ouve-se uma voz que o sabe cantar; mas a fé não tem quem a cante; quem fala em louvor desta paixão? A filosofia aponta mais longe. A teologia, cheia de ademanes, assoma à janela e, mendigando os favores da filosofia, oferece-lhe os seus encantos. Compreender Hegel deve ser muito difícil, mas a Abraão, que bagatela! Superar Hegel é um prodígio; mas que coisa fácil quando se trata de superar Abraão! Pela minha parte já despendi bastante tempo para aprofundar o sistema hegeliano e de nenhum modo julgo tê-lo compreendido; tenho mesmo a ingenuidade de supor que apesar de todos meus esforços, se não chego a dominar o seu pensamento é porque ele mesmo não chega, por inteiro, a ser claro. Sigo todo este estudo sem dificuldade, muito naturalmente, e a cabeça não se ressente por isso. Mas quando me ponho a refletir sobre Abraão, sinto-me como que aniquilado. Caio a cada instante no paradoxo inaudito que é a substância da sua vida; a cada momento me sinto rechaçado, e, apesar do seu apaixonado furor, o pensamento não consegue penetrar este parodoxo nem pela espessura dum cabelo. Para obter uma saída reteso todos os músculos: instantaneamente sinto-me paralisado. Não ignoro as ações que o mundo admira como grandes e magnânimas; elas acham eco na minha alma porque estou humildemente convencido de que o herói combateu também por *mim: jam tua res agitur,*[3] digo para mim contemplando-o. *Penetro* no pensamento do herói, mas não no de Abraão; alcançado o cimo, recaio, porque o que se me oferece consiste num paradoxo. De nenhum modo resulta daí que, a meus olhos, a fé seja algo medíocre; pelo contrário, considero-a a mais sublime de todas as coisas e é indigno que a filosofia a substitua por outro objeto e a converta em irrisão. A filosofia não pode nem deve dar a fé; a sua tarefa é compreender-se a si mesma, saber aquilo que oferece; nada ocultar e sobretudo nada escamotear, nada considerar como mera ninharia. Não deixo de observar devidamente as

vicissitudes e perigos da vida; não os temo; enfrento-os com suficiente audácia. Tenho a experiência das coisas terríveis; minha memória é como esposa fiel e a imaginação corresponde àquilo que não sou: uma corajosa jovem ocupada durante o dia nos seus lavores, dos quais me fala sabiamente durante a noite e com tanta delicadeza que me é necessário cerrar os olhos, ainda que os seus quadros nem sempre representem paisagens, flores ou idílios campestres. Com estes meus olhos vi coisas terríveis e nunca recuei apavorado, mas sei muito bem que, embora as afrontasse sem medo, não se segue daí que a minha coragem me não venha da fé, nem com ela se pareça em nada. Não posso realizar o movimento da fé, não posso cerrar os olhos e lançar-me de cabeça, pleno de confiança, no absurdo; tal coisa é impossível, mas não me vanglorio por isso. Possuo a certeza de que Deus é amor; este pensamento tem, para mim, valor lírico fundamental. Presente em mim a certeza, sinto-me inefavelmente ditoso; ausente, suspiro por ela muito mais ansiosamente do que a amante pelo objeto do seu amor; mas não tenho fé; não tenho essa coragem. O amor de Deus é, para mim, a um tempo na razão direta e na razão inversa, incomensurável com toda a realidade. Mas nem por isso tenho a fraqueza de me entregar a lamentações nem a perfídia de negar que a fé seja algo de muitíssimo elevado. Posso acomodar-me e viver à minha maneira, feliz e contente, mas tal alegria não promana da fé e, comparativamente, é desgraçada. Não importuno Deus com mesquinhas inquietações; não me preocupa o detalhe, fixo os olhos unicamente no meu amor, cuja chama, clara e virginal, guardo dentro de mim; confia a fé em que Deus cuida das mínimas coisas. Sinto-me contente de estar casado nesta vida pela mão esquerda; a fé é demasiado humilde para solicitar a direita; que o faça em plena humildade, não o nego, jamais o negarei.

Será certo que cada um dos meus contemporâneos é capaz de realizar os movimentos da fé? A menos que me engane redondamente

a tal respeito, tendem eles a orgulhar-se de cumprir aquilo de que seguramente não me crêem capacitado: o imperfeito. Sou naturalmente contrário ao hábito tão freqüente de falar sem humanidade das grandes coisas, como se alguns milhares de anos constituíssem intransponível distância; destas coisas falo de preferência como homem; vejo-as como se tivessem acontecido ontem já que a distância é, em meu juízo, a sua grandeza — nela encontramos a sua altura ou a sua sentença. Se, portanto, *como herói trágico* (pois não posso elevar-me mais) houvesse sido convidado a empreender viagem tão extraordinária como a de Morija, sei muito bem aquilo que faria. Não me acovardaria a ponto de ficar ao canto da lareira; não me divertiria no caminho, não esqueceria a faca do sacrifício para inventar uma pequena demora; estou quase seguro de que estava a postos no momento dado e que tudo teria estado em ordem; talvez até chegasse mais cedo do que a hora aprazada para tudo acabar quanto antes. Sei o que mais teria feito. No momento de montar a cavalo diria com os meus botões: agora tudo está perdido, Deus exige Isaac, sacrifico-o e com ele toda a alegria; no entanto Deus é amor e continua sendo-o para mim, porque na ordem temporal, Ele e eu não podemos conversar, não temos língua comum. Talvez nos dias de hoje, Pedro ou Paulo, no seu zelo pelas grandes coisas, fossem bastante insensatos para imaginarem e fazerem crer que, agindo realmente dessa maneira, teria eu cumprido tarefa superior à de Abraão. Com efeito esta minha imensa resignação ter-lhes-ia parecido muito mais cheia de ideal e poesia do que o prosaísmo de Abraão. Isso é, entretanto, a maior das falsidades, pois tal resignação seria, apesar de tudo, apenas um sucedâneo da fé. Por conseguinte, não poderia fazer mais do que o movimento infinito para encontrar-me e repousar de novo em mim próprio, nem amaria Isaac como Abraão. A resolução de efetuar o movimento mostraria, em rigor, o meu valor humano. O amor que, com toda a minha alma, dedico a Isaac constitui o pressuposto sem

o qual o meu comportamento resulta criminoso; no entanto não o amaria tanto como Abraão porque resistiria certamente no último minuto, sem por isso chegar demasiado tarde a Morija. Por outro lado, minha conduta teria desvirtuado a história, porque, com recuperar Isaac, logo ficaria em grandes apuros. Muito me custaria alegrar-me de novo com a sua presença, o que, para Abraão, não oferece a mínima dificuldade. Pois quem do infinito da alma, *proprio motu et propriis auspiciis,* efetua o infinito movimento, sem o poder remediar, só na dor conserva Isaac.

Mas que fez Abraão? Não chegou nem *demasiado cedo,* nem demasiado tarde. Albardou o burro seguindo, lentamente, o caminho marcado. Durante todo esse tempo conservou a fé, acreditou que Deus não lhe queria exigir Isaac, estando, no entanto, disposto a sacrificá-lo se tal fosse indispensável. Acreditou no absurdo, porque tal não faz parte do humano cálculo. O absurdo consiste em que Deus, pedindo-lhe o sacrifício, devia revogar a sua exigência no instante seguinte. Trepou a montanha e no momento em que a faca faiscava, acreditou que Deus não lhe exigiria Isaac. Então, seguramente, surpreendeu-o o desenlace, mas já então também havia por um duplo movimento recobrado o seu primitivo estado, e foi por isso que recebeu Isaac com a mesma alegria que sentira pela primeira vez. Prossigamos: vamos supor que Isaac fora realmente sacrificado. Abraão acreditou, não que um dia fosse ditoso no céu, mas que seria cumulado de alegrias cá na terra. Deus podia dar-lhe de novo Isaac, chamar de novo à vida o filho sacrificado. Acreditou pelo absurdo, pois todo humano cálculo estava, desde longo tempo, abandonado. Vê-se, e é coisa cruel, que a amargura enlouquece o homem; também se vê, e não o tenho em menos conta, que existe uma força de vontade capaz de erguer-se tão energicamente contra o vento que salve a razão, embora se fique um pouco tonto; mas que se chegue a perder a razão e com ela o finito, de que a razão é o agente de transformação, para recuperar então esse mesmo finito em

virtude do absurdo: eis o que me espanta; mas não digo por isso que seja coisa insignificante, quando, pelo contrário, é o único prodígio. Crê-se, em geral, que o fruto da fé, longe de ser uma obra-prima, constitui árduo e grosseiro trabalho reservado às mais incultas naturezas; nada menos certo, porém. A dialética da fé é a mais sutil e notável de todas; tem uma sublimidade de que posso ter uma idéia, mas não mais que isso. Posso muito bem executar o salto de trampolim no infinito; tal como o dançarino de corda, a espinha torceu-se-me na infância; também saltar me é fácil: um, dois e três! Lanço-me de cabeça na vida, mas já para o salto seguinte estou incapacitado; permaneço interdito em face do prodígio, não o consigo realizar. Certo é que, se, no instante em que montou o seu burro, Abraão tivesse dito: perdido por perdido tanto me faz sacrificar Isaac aqui, em casa, como empreender esta longa viagem até Morija — em tal caso nada teria com ele, enquanto que assim me inclino sete vezes perante o seu nome e setenta e sete vezes perante o seu ato. Que ele não se entregou a estas reflexões, tenho disso a prova na profunda alegria que o transportou quando recuperou Isaac e vendo além do mais que não precisou de preparativos, que não recorreu a dilações para se recolher do mundo finito e de seus prazeres. De outro modo, ele teria porventura amado a Deus, mas não teria sido um homem de fé — porque amar a Deus sem fé é refletir-se sobre si mesmo, mas amar a Deus com fé é refletir-se no próprio Deus. Tal é o cume onde está Abraão. O último estádio de que ele se distancia é a resignação infinita. Vai mais longe realmente e chega até a fé — porque, na verdade, todas as caricaturas da fé, essa lamentável preguiça dos lábios que dizem: *nada urge, inútil é lançar-nos ao caminho antes do tempo,* essa mesquinha esperança que calcula: *pode saber-se o que sucederá?... Talvez que...,* todas essas paródias da fé fazem parte dos mistérios da vida e já a infinita resignação as cobriu com o seu infinito desprezo.

Não consigo compreender Abraão; em certo sentido tudo

quanto aprender dele deixa-me estupefato. Ilude-se aquele que imagina chegar à fé considerando a sua história até o fim; em tal caso, ao pretender extrair do paradoxo uma regra de vida, e pondo de parte o primeiro movimento da fé, engana Deus. Pode bem ser que este ou aquele o consiga; tal sucede porque o nosso tempo não se detém na fé nem no milagre que converte a água em vinho — vai mais longe, pois que converte o vinho em água.

Não valeria mais dedicar-se a fé e não será mesmo revoltante ver como toda a gente a quer superar? Onde se pensa chegar quando, hoje, proclamando-o de tantas maneiras, se recusa o amor? Sem dúvida ao saber do mundo, ao mesquinho cálculo, à miséria e à baixeza, a tudo enfim que possa fazer-nos duvidar da divina origem do homem. Não seria preferível guardar-se a fé e tomar a precaução de não cair? Com efeito, o movimento da fé deve constantemente efetuar-se em virtude do absurdo, mas — e aqui a questão é essencial — de maneira a não perder o mundo finito, antes, pelo contrário, a permitir ganhá-lo constantemente. No que me toca, posso perfeitamente descrever os movimentos da fé, mas não me é possível reproduzi-los. Para aprender natação, pode qualquer munir-se de correias suspensas do teto; realizam-se regularmente os movimentos, mas é evidente que não se consegue nadar. Do mesmo modo é-me possível decompor os movimentos da fé, mas, quando sou lançado à água, nado sem dúvida (porque não sou um patinhador); no entanto realizo outros movimentos — os que respeitam ao infinito —, enquanto que a fé permite o contrário: depois de ter efetuado os movimentos do infinito, cumpre o finito. Feliz aquele que é capaz de tal movimento; realiza um prodígio que me não cansarei de admirar. Seja ele Abraão ou o escravo da sua casa, professor de filosofia ou a sua pobre criada, é-me indiferente: apenas reparo nos movimentos. Ponho nisso porém a máxima atenção: não me deixo enganar nem por mim, nem por ninguém. Reconhecem-se bem os cavaleiros da resignação infinita: caminham

com passo elástico e audaz. Mas os que levam consigo o tesouro da fé iludem facilmente. O aspecto exterior oferece singular semelhança com os que profundamente desprezam tanto a resignação infinita como a fé, em suma, com o espírito burguês.

Tenho de confessar sinceramente que jamais encontrei, no curso das minhas observações, um só exemplar autêntico do cavaleiro da fé, sem com isto negar que talvez um homem em cada dois o seja... Em vão, no entanto, durante vários anos procurei sinal dos seus passos. É comum dar-se a volta ao mundo para ver rios e montanhas, novas estrelas, aves multicores, estranhos peixes ou ridículas raças humanas. Abandona-se cada um a vago estupor animal, arregalando os olhos do mundo, crendo assim ver alguma coisa. Tudo isso me deixa indiferente. Mas, se acaso soubesse onde mora um cavaleiro da fé, iria, com meus próprios pés, ao encontro desse prodígio que representa para mim um interesse absoluto. Não o abandonaria um instante sequer; em cada minuto que passasse observaria os seus mais secretos movimentos e, considerando-me para sempre enriquecido, dividiria o meu tempo em duas partes: uma para o observar miudamente e outra para me exercitar de tal modo que, afinal só me empenharia em o admirar. Repito: nunca encontrei um tal homem; contudo é-me bem possível representá-lo. Ei-lo; está travado o conhecimento; fui-lhe apresentado. No próprio instante em que o fito afasto-o de mim, retrocedo instantaneamente, junto as mãos em prece e digo a meia voz: "Meu Deus! É este o homem! Mas sê-lo-á verdadeiramente? Tem todo o ar dum preceptor!" Contudo é ele. Aproximo-me um pouco, vigio os mínimos movimentos tentando surpreender qualquer coisa de natureza diferente, um pequeno sinal telegráfico emanado do infinito, um olhar, uma expressão fisionômica, um gesto, um ar melancólico, um ligeiro sorriso que traísse o infinito na sua irredutibilidade finita. Mas nada! Examino-o com minúcia da cabeça aos pés, procurando a fissura por onde se escape a luz do infinito. Nada! É um sólido bloco.

A sua conduta? Firme, integramente dada ao finito. O burguês endomingado que dá o seu passeio hebdomadário a Fresberg não o pode ser mais; nem o merceeiro é capaz de ser tão inteiramente deste mundo como ele! Nada denuncia essa natureza soberba e estranha onde se reconheceria um cavaleiro do infinito. Regozija-se por tudo e por tudo se interessa. De cada vez que intervém em alguma coisa, fá-lo com a perseverança característica do homem terrestre cujo espírito se ocupa de minúcias e seus cuidados. Ele está realmente naquilo que faz. Ao vê-lo, crê-se estar em face de um escriba que haja perdido a alma na contabilidade de partidas dobradas à força de ser meticuloso. Respeita os domingos. Vai à Igreja. Nem um olhar com sinal celeste, nem um só vestígio de incomensurabilidade o trai. Se o não conhecermos, será impossível distingui-lo do resto da congregação, porque aquela maneira saudável e possante de cantar os salmos só pode provar que ele tem um ótimo peito. Depois do almoço vai até a floresta. Entretém-se com o que vê: o bulício da multidão, os novos autocarros, o espetáculo do Sund... e, quando o encontramos sobre o Strandvej, dir-se-ia tratar-se exatamente dum merceeiro a espanejar-se. Porque, em boa verdade, ele não é poeta; em vão tenho procurado nele a pista da imensidade poética. Pela tarde volta a casa. O passo não trai maior fadiga do que o de um carteiro. No caminho sonha na refeição que, seguramente, a mulher lhe preparou para o regresso: uma novidade — quem sabe? — uma cabeça de borrego *au gratin* e, ainda por cima, talvez bem guarnecida... Se acaso encontra um semelhante, é bem capaz de o acompanhar até Osterport, para lhe falar deste prato com paixão digna de um hoteleiro. Por casualidade, não possui dez réis de seu, mas jura a pés juntos que a mulher lhe reserva a guloseima desejada. E, se por feliz acaso, sucede o que sonhara, que espetáculo digno de inveja para as pessoas de alta condição e bem capaz de provocar o entusiasmo do povo miúdo vê-lo à mesa! Nem Esaú teve assim tanto apetite! Coisa curiosa: se a mulher não cozinhar o prato

esperado, conserva exatamente o mesmo humor. Pelo caminho encontra um terreno para construir; topa com um passeante. Conversa um pouco e, num abrir e fechar de olhos, faz surgir uma casa — dispõe, de resto, de todos os meios para isso. O estranho deixa-o convencido de que se trata certamente de um capitalista, enquanto o meu admirável cavaleiro diz para si: *Estou certo de que se a situação me surgisse sair-me-ia dela sem dificuldade.* Já em casa, apóia-se ao peitoril da janela aberta, olha a praça para onde dá a sala e segue tudo que se passa. Vê escapulir-se um rato para dentro da sarjeta da rua, observa as crianças que brincam; tudo o interessa. Possui, em face das coisas, a tranqüilidade de espírito de uma jovem de dezesseis anos. Não é, portanto, um gênio. À noite fuma cachimbo. Dir-se-ia então um salsicheiro na beatitude do fim do dia. Vive em despreocupação folgazã. No entanto paga os favores do tempo, cada instante da sua vida pelo preço mais elevado — porque a mínima coisa é sempre realizada em função do absurdo. E era caso para se enfurecer, pelo menos de ciúme, porque este homem efetuou e completou, a todo momento, o movimento do infinito. Converte em resignação infinita a profunda melancolia da vida; conhece a felicidade do infinito; experimentou a dor da total renúncia àquilo que mais ama no mundo — e, no entanto, saboreia o finito com tão pleno prazer como se nada tivesse conhecido de melhor, não mostra indício de sofrer inquietação ou temor, diverte-se com uma tal tranqüilidade, que, parece, nada há de mais certo que este mundo finito. E, no entanto, toda essa representação do mundo que ele figura é nova criação do absurdo. Resignou-se infinitamente a tudo para tudo recuperar pelo absurdo. Constantemente efetua o movimento do infinito, com tal segurança e precisão que sem cessar obtém o finito sem que se suspeite a existência de outra coisa. Imagino que, para um bailarino, o esforço mais difícil consiste em colocar-se, de um só golpe, na posição precisa, sem um segundo de hesitação. É possível que não exista um acrobata com tal habilidade

e domínio: tem-na porém o meu cavaleiro. Muitos vivem dominados pelos cuidados e prazeres do mundo: assemelham-se àqueles que vão à festa sem dançar. Os cavaleiros do infinito são bailarinos a quem não falta elevação. Saltam no ar e logo voltam a cair, o que não deixa de constituir passatempo divertido e nada desagradável à vista. Mas de cada vez que recaem não podem, logo no primeiro momento, guardar completo equilíbrio. Por instantes vacilam indecisos, o que logo mostra que são estranhos ao mundo. Tal indecisão é mais ou menos sensível conforme a sua maestria, mas nem o mais hábil a consegue de todo dissimular. Inútil vê-los no ar. Basta observá-los no momento em que tocam e se firmam no solo, é então que se reconhecem. Voltar porém a cair de tal modo que se dê a impressão do êxtase e da marcha ao mesmo tempo; transformar em andamento normal o salto; exprimir o impulso sublime num passo terreno; eis o único prodígio de que só é capaz o cavaleiro da fé.

Como tal maravilha pode induzir em erro, vou descrever os movimentos num caso preciso suscetível de aclarar a sua relação com a realidade — porque o essencial da questão reside nisto. Enamora-se um jovem de uma princesa, e de tal forma que a substância da sua vida se concentra neste amor. Entretanto a situação não consente que o amor se realize, quer dizer, não se pode traduzir a idealidade em realidade. Os escravos miseráveis, sapos atolados no pântano da vida, exclamarão naturalmente: que loucura, tal amor! A rica viúva do cervejeiro é um perfeito partido tão conveniente como sério... Deixemo-los coaxar tranqüilamente no lodaçal. O cavaleiro da resignação infinita não os escuta, nem pela maior glória deste mundo renuncia ao seu amor. Não é assim tão pateta. Começa por se assegurar que esse amor é realmente para ele a substância da vida. Sente a alma demasiado sã e orgulhosa para permitir que o acaso se apodere da menor parcela do seu destino. Não é covarde pois não receia que o seu afeto penetre até o âmago dos seus mais ocultos pensamentos nem que envolva, como apertada

rede, cada uma das articulações da consciência; e mesmo que o torne desgraçado jamais se poderá dele desligar. Experimenta então deliciosa voluptuosidade com deixá-lo vibrar em cada um dos seus nervos; no entanto a sua alma vive a mesma solenidade que a daquele que esvaziou a taça de veneno e sentiu o líquido infiltrar-se, gota a gota, no sangue... porque esse instante é vida e morte. Quando assim absorveu totalmente o amor e nele mergulhou, tem ainda a coragem de tudo ousar e arriscar. Com um simples volver de olhos abarca toda a vida, reúne os seus velozes pensamentos que, como pombos de regresso ao ninho, acorrem ao menor sinal; agita a varinha mágica e então todos se dispersam ao sabor dos ventos. Mas, quando regressam, como tristes mensageiros, para lhe anunciar a impossibilidade, permanece calmo, agradece-lhes e, ficando só, empreende o seu movimento. O que acabo de dizer apenas tem sentido se o movimento se efetua normalmente.[4] De início o cavaleiro deve ter a força de concentrar toda a substância da vida e todo o significado da realidade num único desejo. No caso de o não conseguir, a alma encontra-se, desde o princípio, dispersa no múltiplo e jamais poderá chegar a realizar o movimento. Conduzir-se-á, na vida, com a prudência dos capitalistas que colocam a fortuna em diferentes valores da bolsa para ganhar nuns quando perdem noutros; numa palavra, não se trata verdadeiramente de um cavaleiro. Donde se conclui que este deve ter a força de concentrar o resultado de todo o seu trabalho de pensamento em um só ato de consciência. Na falta de tal concentração, a sua alma acha-se, desde o princípio, dispersa no múltiplo; nunca terá tempo de realizar o movimento, correrá incessantemente atrás dos problemas da vida, sem nunca entrar na eternidade; porque, no preciso momento em que está prestes a alcançá-la, aperceber-se-á, subitamente, de que se esqueceu de alguma coisa, e daí a necessidade de dar meia volta. Pensa então: *Mais adiante poderei realizar o movimento;* porém, com tais considerações, nunca o poderá conseguir; pelo contrário, assim

procedendo mais se afundará no pântano.

O cavaleiro efetua portanto o movimento, mas qual? Acaso esquecerá ele tudo, já que aí há também uma espécie de concentração? Não! Porque o cavaleiro não se contradiz nunca e haverá contradição em esquecer a substância de toda a sua vida enquanto se continua sendo o mesmo. Não sente nenhum desejo de converter-se em outro homem e de maneira alguma vê nessa transformação sinal de grandeza humana. Somente as naturezas inferiores, esquecidas de si mesmas, se podem tornar em um outro novo. Assim, a borboleta esqueceu completamente que já um dia foi larva; talvez ainda venha a esquecer que foi borboleta e a tal ponto que possa converter-se em peixe. As naturezas profundas nunca perdem a recordação de si mesmas e nunca podem chegar a ser outra coisa que o que já foram. O cavaleiro, portanto, recordar-se-á de tudo, mas essa recordação será precisamente a fonte de sua dor; no entanto, graças à sua infinita resignação, encontra-se reconciliado com a vida. O seu amor pela princesa tornou-se, para ele, a expressão de um amor eterno e tomou caráter religioso; transfigurou-se num amor cujo objeto é o ser eterno, o qual, sem dúvida, recusou ao cavaleiro favorecê-lo, mas, pelo menos, tranqüilizou-o dando-lhe a consciência eterna da legitimidade do seu amor, sob uma forma de eternidade que realidade alguma lhe poderá arrebatar. São os jovens e os loucos que se gabam de que para o homem tudo é possível; mas no mundo do finito há muitas coisas que são impossíveis. Mas o cavaleiro torna o impossível possível encarando-o sob o ângulo do espírito, e exprime esse ponto de vista dizendo que a ele renuncia. O desejo, ansioso por se converter em realidade e que havia tropeçado com a impossibilidade, debilitou-se no seu foro íntimo; mas nem por isso se perdeu ou foi esquecido. E o cavaleiro sente, às vezes, os obscuros impulsos do desejo que despertam a recordação; ou então ele mesmo a provoca; porque é demasiado orgulhoso para admitir que aquilo que foi a substância de

toda a sua vida nasceu de um efêmero momento. Conserva sempre jovem esse amor que à medida que juntos envelhecem se torna cada vez mais belo. Não deseja de nenhum modo a intervenção do finito para favorecer o crescimento do seu amor. A partir do instante em que realizou o movimento, a princesa encontra-se perdida para ele. Não tem necessidade de sentir esses arrepios nervosos que a paixão provoca na presença da bem-amada, nem de outros fenômenos parecidos. Tão pouco tem necessidade de lhe dirigir, em sentido finito, perpétuos adeuses, visto que tem dele uma recordação eterna; sabe muito bem que os amantes ávidos de se verem, ainda uma vez mais, têm razões para mostrar esse interesse e para suporem que se encontram pela última vez; porque ambos virão a fazer todo o possível para mutuamente se esquecerem um do outro. Descobriu esse grande segredo que é dever-nos bastar a nós próprios mesmo quando amamos. Deixou de se interessar dum ponto de vista terreno pelo que fez a princesa, e é isso justamente que constitui a prova de que ele executou o movimento infinito. Aí temos a oportunidade de verificar se o movimento do Indivíduo é verdadeiro ou falaz. Um há que, julgando tê-lo realizado, sentiu ao rodar o tempo, e tendo a princesa mudado de conduta (desposou, por exemplo, um príncipe) sentiu, dizia, a sua alma perder a elasticidade da resignação. Imediatamente se apercebeu de que não havia realizado o movimento como convinha, porque quem se resignou infinitamente basta-se a si próprio. O cavaleiro não abandona a resignação, o seu amor conserva a frescura do primeiro momento, não o deixa nunca e isso precisamente porque realizou o movimento infinito. A conduta da princesa não o poderia perturbar; nos outros, as leis que regem seus atos, e, fora deles, as premissas das suas resoluções. Se, pelo contrário, a princesa está na mesma disposição de espírito, verá desabrochar a beleza do amor. Ela própria entrará na ordem dos cavaleiros onde se não é admitido por votação mas donde é membro quem quer que tenha a coragem de se apresentar sozinho; entrará

nesta ordem que assim prova a sua perenidade não estabelecendo diferença entre o homem e a mulher. Deste modo conservará a juventude e a frescura do seu amor, assim terá feito calar o seu tormento, ainda que, de acordo com certa tradicional canção, não esteja todas as noites junto do seu senhor. Estes dois amantes terão então alcançado a união para a eternidade, numa *harmonia praestabilita* de tal forma indestrutível que, se alguma vez chegasse o momento favorável à expressão do seu amor no tempo (de que não têm preocupação finita, senão conheceriam a velhice), achar-se-iam em condições de iniciar o noivado no ponto mesmo de que teriam partido se tivessem contraído matrimônio. Aquele que compreende isto, homem ou mulher, nunca pode ser enganado, porque só as naturezas inferiores imaginam que o são. Nenhuma jovem a quem falte esta nobreza sabe amar verdadeiramente; mas aquela que a possui não poderá sentir-se decepcionada pelas astúcias e sutilezas do mundo.

A resignação infinita implica a paz e o repouso; aquele que a deseja, aquele que não se aviltou rindo-se de si próprio (vício mais terrível que o excesso de orgulho), pode fazer a aprendizagem deste movimento doloroso, sem dúvida, mas que leva à reconciliação com a vida. A resignação infinita é parecida com a camisa do velho conto: o fio é tecido com lágrimas e lavado com lágrimas, a camisa é também cosida com lágrimas, mas, ao cabo, protege melhor que ferro e aço. O defeito da lenda é que um terceiro pode tecer o pano. Ora, consiste o segredo da vida em que cada um deve coser a sua própria camisa e, coisa curiosa, o homem pode fazê-lo tão perfeitamente como uma mulher. A resignação infinita implica o repouso, a paz e a consolação no seio da dor, sempre com a condição de que o movimento seja efetuado normalmente. Eu não teria, contudo, muito trabalho se quisesse escrever um grosso volume onde passasse revista aos desprezos de toda espécie, às situações completamente alteradas, aos movimentos abortados que me foi dado observar no decurso da

minha modesta experiência. Acredita-se muito pouco no espírito e, no entanto, ele é indispensável para realizar este movimento, que interessa não ser unicamente o resultado de uma *dura necessitas* que, quanto mais vai agindo tanto mais duvidoso torna o seu caráter normal.

Se, por exemplo, se pretende que a fria e estéril necessidade deve intervir necessariamente no movimento, declara-se, deste modo, que ninguém pode viver a morte antes de morrer realmente, o que se me afigura ser grosseiro materialismo. Mas, em nossos dias, não há quem se preocupe muito em realizar movimentos puros. Se alguém, desejando aprender a dançar, dissesse: *Durante séculos gerações sucessivas estudaram e aprenderam as posições; já é tempo de eu tirar disto algum proveito e portanto vou já dedicar-me às danças francesas,* as pessoas não deixariam de se rir; mas, ao entrar no mundo do espírito, este raciocínio torna-se perfeitamente plausível. Pois que é a cultura? Eu sempre acreditei que era o ciclo que o Indivíduo percorria para chegar ao conhecimento de si próprio; e aquele que recusa segui-lo obtém um muito magro proveito de ter nascido na mais preclara das épocas.

A resignação infinita é o último estádio que precede a fé, pois ninguém a alcança antes de ter realizado previamente esse movimento; porque é na resignação infinita que, antes de tudo, tomo consciência do meu valor eterno, e só então se pode alcançar a vida deste mundo pela fé.

Observemos agora o cavaleiro da fé, no caso citado. Age exatamente como o outro; renuncia infinitamente ao amor, substância da sua vida; apaziguou-se na dor; então dá-se o prodígio; realiza um movimento ainda mais surpreendente do que todos os anteriores. Com efeito diz: *Eu creio, sem reserva, que obterei o que amo em virtude do absurdo, em virtude da minha fé de que tudo é possível a Deus.* O absurdo não pertence às distinções compreendidas no quadro próprio da razão. Não se pode identificar

com o inverossímil, o inesperado, o imprevisto. No momento em que o cavaleiro se resigna, convence-se segundo o humano alcance, da impossibilidade. Tal é o resultado do exame racional que tem a energia de fazer. Porém, pelo contrário, do ponto de vista do infinito, subsiste a possibilidade no seio da resignação; mas esta posse é, também, uma renúncia sem ser entretanto por isso um absurdo para a razão, visto que esta conserva o direito de sustentar que, no mundo finito onde ela é soberana, a coisa é e continua a ser uma impossibilidade. O cavaleiro da fé tem também lúcida consciência desta impossibilidade; só o que o pode salvar é o absurdo, o que concebe pela fé. Reconhece, pois, a impossibilidade e, ao mesmo tempo, crê no absurdo; porque, se alguém imagina ter a fé sem reconhecer a impossibilidade de todo o coração e com toda a paixão da sua alma, engana-se a si próprio e o seu testemunho é absolutamente inaceitável, pois que nem sequer alcançou a resignação infinita.

A fé não constitui, portanto, um impulso de ordem estética; é de outra ordem muito mais elevada, justamente porque pressupõe a resignação. Não é o instinto imediato do coração, mas o paradoxo da vida. Assim, quando uma jovem, apesar de todas as dificuldades, conserva a certeza de que o seu desejo se realizará, essa certeza não tem relação alguma com a fé, apesar da sua educação cristã e talvez mesmo de um ano inteiro de catecismo. Está convencida porque é uma ingênua e inocente rapariguinha. Essa convicção enobrece-lhe o ser, sem dúvida, concedendo-lhe uma grandeza sobrenatural, e a tal ponto que pode, como um taumaturgo, conjurar as forças finitas da vida e até fazer chorar as pedras, enquanto que, por outro lado, consegue também, no meio da sua perplexidade, dirigir-se tanto a Herodes como a Pilatos, comovendo o mundo inteiro com as suas súplicas. Semelhante conduta é muito louvável e, com esta jovem, podem-se aprender muitas coisas, exceto uma: a arte dos movimentos; porque a sua convicção não ousa olhar de frente a

impossibilidade nem aceitar a dor da resignação.

É-me lícito, portanto, afirmar que importa possuir força, energia e liberdade de espírito para realizar o movimento infinito da resignação, inclusivamente para que a sua execução seja possível. Todavia o resto deixa-me estupefato. Rodopia-me o cérebro dentro da cabeça; porque, depois de ter realizado o movimento da resignação e tudo obter em virtude do absurdo, ver assim integralmente realizado todo o desejo está acima das forças humanas: é um prodígio. Mas posso ver que a certeza da jovem não é senão leviandade comparada com a inquebrantável firmeza da fé, ainda mesmo quando tenha reconhecido a impossibilidade. Todas as vezes que pretendo realizar esse movimento turvam-se-me os olhos ao mesmo tempo que uma admiração sem reservas se apodera de mim e uma terrível angústia me esmaga a alma. Que é isto, com efeito, senão tentar Deus? Contudo, este é o movimento da fé; e sê-lo-á sempre, mesmo que a filosofia, para obscurecer os conceitos, pretenda fazer-nos acreditar que é ela que possui a fé, mesmo, que a teologia queira agrilhoar a si a todo o custo.

A resignação não implica a fé; porque o que eu adquiro no seio da resignação é a minha consciência eterna; e é isso um movimento estritamente filosófico que tenho a coragem de efetuar quando é requerido e que posso infligir a mim próprio; porque, de cada vez que uma circunstância finita me vai ultrapassar, imponho a mim próprio o jejum até o instante de realizar o movimento; porque a consciência da minha eternidade é o meu amor para com Deus e este amor é tudo para mim. Para alguém se resignar, não é indispensável a fé, mas ela é precisa para obter a mínima coisa para além da minha consciência eterna: é esse o paradoxo. Confundem-se muitas vezes os movimentos. Diz-se que é preciso fé para renunciar a tudo; torna-se vulgar ouvir, o que é ainda mais singular, pessoas a lamentarem-se por ter perdido a fé, e, quando alguém procura averiguar que grau da escala alcançaram, verifica-se, com espanto, que chegaram,

precisamente, ao ponto em que devem realizar o movimento infinito da resignação. Por ela renuncio a tudo; é um movimento que realizo sozinho e, se me abstenho, é razão disso a covardia, a moleza, a falta de entusiasmo; não tenho, portanto, o sentido da alta dignidade mais eminente que a do censor geral de toda a república romana. Exerço esse movimento graças ao meu próprio esforço, e a minha recompensa sou eu próprio na consciência da minha eternidade, mergulhado em uma bem-aventurada harmonia com o meu amor pelo ser eterno. Pela fé, a nada renuncio; pelo contrário, tudo recebo, e, o que é mais notável, no sentido atribuído àquele que possui tanta fé *como um grão de mostarda,* porque então poderá transportar montanhas. É necessária uma coragem puramente humana para renunciar a toda a temporalidade a fim de ganhar a eternidade; mas pelo menos conquisto-a e não posso, uma vez na eternidade, renunciar a ela sem contradição. Porém torna-se indispensável a humilde coragem do paradoxo para alcançar então toda a temporalidade em virtude do absurdo, e esta coragem só a dá a fé. Por ela, Abraão não renunciou a Isaac; por ela, ao contrário, obteve-o. Aquele jovem abastado teria podido despojar-se de tudo o que possuía em troca de resignação; depois disso, o cavaleiro da fé poderia dizer-lhe: *Reaverás cada um dos teus centavos graças ao absurdo; acreditas nisso?* E estas palavras não devem ser, de forma alguma, indiferentes ao jovem; porque, se acaso tudo deu por estar cansado, a sua resignação deixa muito a desejar.

Todo o problema reside na temporalidade, no finito. Posso, graças às minhas forças, renunciar a tudo e encontrar a paz e o repouso na dor. Posso enfim a tudo acomodar-me: mesmo se o cruel demônio, mais terrível do que a morte, terror dos homens, mesmo se a loucura me surgisse aos olhos no seu trajo de bufão e me fizesse compreender pelo aspecto que me era chegada a vez de o vestir, podia ainda salvar a alma, se porventura mais importasse em mim o triunfo do meu amor para com Deus do que a felicidade terrestre.

Um homem pode ainda, nesse derradeiro momento, concentrar toda a sua alma num único olhar para o céu, donde emana todo o dom perfeito, e esse olhar será compreendido por ele e por aquele que procura, como sinal de que permanece, apesar de tudo, fiel ao seu amor. Vestirá então tranqüilamente o trajo da loucura. A alma, assim despida desse romantismo, vendeu-se, quer tenha sido pelo preço dum reino quer por uma miserável moeda de prata. Não consigo porém obter pelas minhas próprias forças a mínima coisa que participe do mundo finito; porque, constantemente, emprego minha força a renunciar a tudo. Posso espontaneamente renunciar à princesa, e em lugar de me lamentar, devo alcançar a alegria, paz e repouso na dor; mas não posso por meus próprios meios voltar a obtê-la, pois utilizo toda a força a ela renunciar. Mas pela fé, diz o assombroso cavaleiro, pela fé receberás a princesa em virtude do absurdo. Ai de mim, que não posso fazer esse movimento. Quando o tento, então tudo se altera e volto a refugiar-me na dor da resignação. Sou capaz de nadar no vazio, peso todavia demasiado para realizar esse movimento místico. Não consigo existir de tal maneira que a minha oposição à existência traduza, a cada momento, a mais maravilhosa e a mais serena harmonia com ela. E, no entanto, deve ser magnífico obter a princesa. Constantemente o repito. O cavaleiro da resignação que não o diz é um mentiroso que nunca conheceu o mais pequeno desejo, nem mesmo soube guardar a juventude do desejo no seio da dor. Talvez deva felicitar-se por ter secado a fonte do desejo e ter embotado a flecha da dor: mas não é um cavaleiro. Uma alma bem nascida que surpreendesse em si tais sentimentos desprezar-se-ia e recomeçaria de novo, e, sobretudo, não suportaria ser o agente do seu próprio engano. E, no entanto, deve ser maravilhoso obter a princesa. Contudo, o cavaleiro da fé é o único feliz, o herdeiro direto do mundo finito, enquanto que o cavaleiro da resignação é um estranho vagabundo. O maravilhoso é obter também a princesa, viver alegre e feliz, dia após dia, com ela,

(mas é concebível que o cavaleiro da resignação obtenha também a princesa; a minha alma, porém, viu claramente a impossibilidade da sua felicidade futura). O maravilhoso é viver a cada momento assim ditoso e contente em virtude do absurdo, vendo em cada instante a espada suspensa sobre a cabeça da bem-amada, encontrando não o repouso na dor da resignação, mas a alegria em virtude do absurdo. Aquele que for capaz disso é grande, é o único homem realmente grande, e só o pensar naquilo que ele realiza enche-me a alma de emoção, porque nunca recusei admirar as grandes ações.

Se agora cada um dos meus contemporâneos, ao negar-se a recorrer à fé, avaliou realmente o que há de terrível na vida e compreendeu Daub quando diz que um soldado, sozinho, de arma carregada, junto de um depósito de pólvora, em uma noite de tempestade, alimenta singulares pensamentos; se realmente cada um dos que se negarem a recorrer à fé tem a força de alma necessária para compreender que o desejo era irrealizável e é capaz de permanecer só com esse pensamento; se cada um dos que recusam permanecer na fé encontrou o apaziguamento na dor e através dela; se cada um conseguiu realizar, além disso, o prodigioso (e, se acaso não fez o precedente, não tem razão para se lamentar porque se trata efetivamente da fé); se reouve as coisas deste mundo em virtude do absurdo; então estas linhas constituem o maior elogio feito aos homens do meu tempo, escrito por um deles, que somente conseguiu realizar o movimento da resignação. Mas então por que se não mantêm na fé, por que ouvimos, às vezes, dizer que as pessoas coram ao confessar que têm fé? Eis o que não posso conceber. Se alguma vez conseguisse realizar esse movimento, partiria para o futuro numa carruagem puxada por quatro cavalos.

E é assim de fato. Acaso o espírito da mesquinha burguesia que observo na vida e que não julgo pelas minhas palavras, mas pelos meus atos, não será realmente o que parece? E será ela o verdadeiro prodígio? Podemos admiti-lo, porque o nosso herói da fé

oferecia uma flagrante semelhança com esse espírito; não se tratava de um humorista nem de um ironista, mas de alguma coisa de muito diferente. Em nossos dias fala-se demasiado de ironia e de humor, sobretudo aquelas pessoas que não conseguiram nunca fazer nada, mas que, apesar disso sabem explicar tudo. Pessoalmente não desconheço essas duas paixões, sei um pouco mais acerca delas do que se diz nas coleções alemãs e germano-dinamarquesas. Sei, por conseqüência, que são essencialmente diferentes da paixão da fé. A ironia e o humor refletem-se sobre si próprios e pertencem, por isso, à esfera da resignação infinita; encontram seus motivos no fato de o indivíduo ser incomensurável com a realidade.

Apesar do mais vivo desejo, não posso efetuar o último, o paradoxal movimento da fé, quer ele seja dever ou outra coisa. Tem alguém o direito de afirmar que pode fazê-lo? Cabe-lhe a ele decidir; é um assunto entre ele e o ser eterno, objeto da fé, saber se pode, a esse respeito, acomodar-se. O que está ao alcance de qualquer homem é o movimento da resignação infinita e, pela minha parte, não hesitaria em acusar de covardia quem quer que se julgasse incapaz de o realizar. Porém, em relação à fé, já é uma outra questão. Não é permitido a ninguém fazer acreditar aos outros que a fé tem pouca importância ou é coisa fácil, quando é, pelo contrário, a maior e a mais penosa de todas as coisas.

A história de Abraão é interpretada de outra maneira. Celebra-se a graça de Deus que outorgou Isaac pela segunda vez; em toda a história não se vê senão uma prova. Uma prova: é dizer muito e pouco: e, no entanto, passou-se em menos tempo do que leva a contá-lo. Cavalga-se no Pégaso e, num abrir e fechar de olhos, está-se em Morija, avista-se o cordeiro; esquece-se de que Abraão fez a caminhada ao passo lento do seu burro, que levou três dias de viagem e que lhe foi necessário um pouco de tempo para acender o fogo, ligar Isaac e afiar a faca.

No entanto, faz-se o elogio de Abraão. O pregador pode dormir

sossegado até o último quarto de hora que antecede o seu discurso, e o auditório pode adormecer escutando-o, porque, de um lado e de outro, tudo se passa sem dificuldades nem inconvenientes. Mas, se há na assembléia um homem atingido de insônia, talvez regresse a casa e, sentando-se no seu canto, pense: *Tudo isso se resume num momento; espera apenas um minuto, verás o cordeiro e a prova terá terminado.* Se o orador o surpreende nesta disposição, imagino que vai avançar para ele, muito digno, para o invectivar: *Miserável! Como podes abandonar a tua alma a tal loucura! Não há milagre algum e toda a vida é uma prova!,* e à medida que vai falando, inflama-se, sente-se cada vez mais contente consigo mesmo; e de tal maneira que, se durante o sermão sobre Abraão não se congestionara, sente agora incharem-lhe as veias da testa. E talvez acabe mesmo por perder o fôlego e a palavra, se o pecador lhe responder com tranqüila dignidade: *Olha que eu queria pôr em prática o teu sermão de domingo passado.*

Ou nos é necessário eliminar de uma vez a história de Abraão, ou então temos que compreender o espantoso e inaudito paradoxo que dá sentido à sua vida, para que possamos entender que o nosso tempo pode ser feliz como qualquer outro, se possuir a fé. Se Abraão não é um zero, um fantasma, um personagem de opereta, o pecador nunca será culpado de tentar imitá-lo; mas convém reconhecer a grandeza da sua conduta para ajuizar se tem a vocação e a coragem de afrontar uma prova semelhante. A única contradição do pregador consiste em que faz de Abraão um personagem insignificante, ao mesmo tempo que exorta a tomá-lo como exemplo.

Urge então abster-nos de pregar acerca de Abraão. Creio, no entanto, que não. Se porventura tivesse que falar sobre ele, pintaria antes de mais a dor da prova. Para terminar, sorveria como sanguessuga toda a angústia, toda a miséria e todo o martírio do sofrimento paternal para apresentar o de Abraão, fazendo notar que, no meio das suas aflições, ele continuava a crer. Recordaria que a

viagem durou três dias e ainda uma boa parte do seguinte; e mesmo esses três dias e meio duraram infinitamente mais tempo que os milhares de anos que me separam do patriarca. Chegado a esse ponto, lembraria que, segundo a minha opinião, todos podem dar meia volta antes de subir a Morija, que todos podem a cada momento arrepender-se da decisão e voltar para trás. Agindo desta maneira, não corro nenhum perigo nem receio, sequer, de despertar em alguns o desejo de sofrerem a prova tal como Abraão. Mas, se alguém quer introduzir uma edição popular de Abraão convidando todos a imitá-lo, cai no ridículo.

É agora meu propósito extrair da sua história, sob forma problemática, a dialética que comporta para ver que inaudito paradoxo é a fé, paradoxo capaz de fazer de um crime um ato santo e agradável a Deus, paradoxo que devolve a Abraão o seu filho, paradoxo que não pode reduzir-se a nenhum raciocínio, porque a fé começa precisamente onde acaba a razão.

PROBLEMA I

Há uma suspensão teleológica da moralidade?

A moralidade, em si, está no geral, e a este título é aplicável a todos. O que pode por outro lado, exprimir-se dizendo que é aplicável a cada instante. Repousa imanente em si mesma, sem nada exterior que seja o seu *telos* sendo ela mesma *telos* de tudo o que lhe é exterior; e uma vez que se tenha integrado nesse exterior não vai mais além. Tomado como ser imediato, sensível e psíquico, o Indivíduo é o Indivíduo que tem o seu *telos* no geral; a sua tarefa moral consiste em exprimir-se constantemente, em despojar-se do seu caráter individual para alcançar a generalidade. Peca o Indivíduo que reivindica a sua individualidade frente ao geral, e não pode reconciliar-se com ele senão reconhecendo-o. De cada vez que o Indivíduo, depois de ter entrado no geral, se sente inclinado a reivindicar a sua individualidade, entra numa crise da qual só poderá libertar-se pela via do arrependimento e abandonando-se, como Indivíduo, no geral. Se tal é o fim supremo destinado ao homem e à sua vida, a moralidade participa então da mesma natureza da eterna felicidade do homem, a qual constitui em cada momento, e para toda a eternidade, o seu *telos* porque haveria contradição em afirmar-se que ela pode ser abandonada (quer dizer, ideologicamente suspensa), visto que, desde o momento em que se suspendeu, está perdida, enquanto que estar suspenso não significa perder-se, mas conservar-se na esfera superior que é o seu *telos.* Se assim sucede, quando Hegel determina o homem unicamente como Indivíduo no seu capítulo: *"O bem e a consciência,"* tem razão em considerar essa determinação como *uma forma ética do mal* (cf. sobretudo *A Filosofia do Direito)* que deve ser suprimida na teleologia da moralidade, de modo que o Indivíduo que permanece nesse

estádio ou peca ou entra em crise. Pelo contrário, erra ao falar da fé, erra ainda por não protestar em voz bem alta e poderosa contra a veneração e a glória de que Abraão goza como pai da fé, pois que o seu processo deveria ser revisto para o banir como assassino. Com efeito, é a fé esse paradoxo segundo o qual o Indivíduo está acima do geral, mas de tal maneira que, e isso importa, o movimento se repita e, por conseqüência, o Indivíduo, depois de ter permanecido no geral, se isole logo a seguir, como Indivíduo acima do geral. Se não é este o conteúdo da fé, Abraão está perdido, nunca houve fé no mundo, porque jamais ela passou do geral. Assim, se o que consideramos moral (ou o virtuoso) representa o supremo estádio, se não resta ao homem nada de incomensurável senão o mal, quer dizer, o particular que deve exprimir-se no geral, bastam-nos as categorias da filosofia grega ou as que dela logicamente se deduzem. E, visto que estudou os gregos, Hegel não devia tê-lo ocultado.

Carecendo de estudos aprofundados e usando e abusando de certas frases, a algumas pessoas se ouve dizer que uma luz brilhante ilumina o mundo cristão, enquanto o paganismo se encontra mergulhado nas trevas. Esta linguagem pareceu-me sempre singular, quando, hoje ainda, todo o pensador refletido, todo o articulista sério rejuvenesce na eterna juventude do povo grego. A frase explica-se porque se não sabe aquilo que se deve dizer, mas apenas que se tem de dizer qualquer coisa. É costume ir-se sempre repetindo que o paganismo não conheceu a fé; mas se alguém supõe ter explicado alguma coisa desta maneira, é então mister informar-nos um pouco melhor do que se deve entender por fé, porque de outro modo, cai-se de novo em frases sem sentido. É fácil explicar a vida toda, incluindo a fé, sem ter bem a idéia do que esta representa; e aquele que especula acerca da admiração causada pela sua teoria não faz mau cálculo; porque, como diz Boileau, *um tolo encontra sempre um tolo ainda maior que o admira.*

A fé é justamente aquele paradoxo segundo o qual o Indivíduo

se encontra como tal acima do geral, sobre ele debruçado (não em situação inferior, pelo contrário, sendo-lhe superior) e sempre de tal maneira que, note-se, é o Indivíduo quem,depois de ter estado como tal subordinado ao geral, alcança ser agora, graças ao geral, o Indivíduo, e como tal superior a este; de maneira que o Indivíduo como tal encontra-se numa relação absoluta com o absoluto. Esta posição escapa à mediação que se efetua sempre em virtude do geral. Ela é e permanece eternamente um paradoxo inacessível ao pensamento. A fé é este paradoxo; se assim não suceder (são estas as conseqüências que rogo ao leitor tenha constantemente presentes no seu espírito, porque seria fastidioso recordá-las a cada passo), se assim não suceder, jamais houve fé; por outras palavras Abraão está perdido.

Que o Indivíduo corra o risco de confundir este paradoxo com uma crise religiosa, concordo, mas não é razão suficiente para escondê-lo. Também é verdade que o sistema de certos pensadores os leva a serem repelidos pelo paradoxo, mas isto não é motivo suficiente para falsear a fé com o fim de a integrar no sistema; é preferível então confessar que a não têm deixando àqueles que a possuem a aberta possibilidade de fornecerem regras que permitam discernir o paradoxo da dúvida religiosa.

A história de Abraão comporta esta suspensão teleológica da moralidade. Nunca faltaram espíritos perspicazes nem eruditos para achar casos análogos. Partem deste belo princípio: que, no fundo, tudo é o mesmo. Se observarmos com mais atenção, duvido muito que se encontre uma única analogia na história universal, excetuando um caso ulterior que nada prova, quando se estabeleceu que Abraão representa a fé, e que é nele normalmente que ela se exprime, nele cuja vida não é apenas a mais paradoxal que se possa pensar, mas de tal maneira paradoxal que resulta absolutamente impossível pensá-la. Move-se em nome do absurdo; porque o absurdo consiste em que está como Indivíduo acima do geral. Este

paradoxo escapa à mediação; se Abraão a tenta, é-lhe necessário então confessar que se encontra em plena crise religiosa e, nessas condições, não pode nunca vir a sacrificar Isaac; ou, se o fizer, torna-se-lhe então preciso arrepender-se e reintegrar-se no geral. De novo obtém Isaac em virtude do absurdo. Mas no lance não é, nem por um só momento, herói trágico, mas algo muito diferente: um crente ou um assassino. Falta-lhe a instância intermediária que salva o herói trágico. Este, então, posso eu compreender, mas não Abraão, ainda que, sem motivo razoável, o admire mais do que a qualquer outro homem.

Do ponto de vista moral, a situação de Abraão para com Isaac simplifica-se, dizendo que o pai deve amar o seu filho mais do que a si próprio. No entanto, a moralidade comporta dentro da sua esfera diversos graus; trata-se de saber se encontramos nesta história uma expressão superior da moralidade capaz de explicar, moralmente, a conduta de Abraão e de o autorizar moralmente a suspender o seu dever moral para com o filho sem, no entanto, sair da teleologia deste domínio.

Quando se suspende uma empresa que implica todo o destino de um povo, quando esta é frustrada por uma desgraça caída do céu, quando a divindade irritada impõe ao mar súbita calma que desafia todos os esforços, quando o áugure cumpre a sua tarefa e declara que o deus reclama o sacrifício de uma jovem, o pai deve então, heroicamente, efetuar tal sacrifício. Ocultará com nobreza a sua dor, apesar do desejo de ser *o homem insignificante que ousa chorar,* e não o rei obrigado a agir como tal. E se, na sua solidão, o coração se lhe enche de dor, não tendo entre o seu povo senão três confidentes, em breve todos os súditos conhecerão o seu infortúnio e a nobre ação de consentir, no interesse geral, o sacrifício da sua virgem e amada filha. *Oh, busto encantador, oh, belas faces, cabelos loiros e doirados. (Ifigênia em Áulide,* v. 687). A filha, em pranto, comoverá o seu coração, mas desviando os olhos, o herói levantará a faca. Quando a

notícia chegar ao país dos antepassados, as belas virgens da Grécia vão afoguear-se de entusiasmo, e se a vítima fora prometida, o noivo não se deixará dominar pelo furor mas sentir-se-á orgulhoso por comparticipar na nobre ação do pai, porque a infortunada estava ainda mais ternamente ligada a ele do que ao autor dos seus dias.

Quando o intrépido juiz, que na hora aziaga salvou Israel, se vincula a Deus pelo mesmo voto, deve então, heroicamente, mudar em tristeza a alegria da virgem, o júbilo da filha bem-amada e todo o Israel chorará com ela a sua radiosa juventude. Porém, todo o homem bem-nascido, toda a mulher generosa compreenderá Jefté e todas as virgens de Israel invejarão a virgem imolada; porque para que serviria a vitória assim obtida pelo voto, se Jefté não o respeitasse? Não seria ela retirada ao seu povo?

Quando um filho não cumpre o dever e o Estado confia ao pai o gládio justiceiro, quando as leis exigem que o castigo seja infligido pela própria mão paterna, aquele deve heroicamente esquecer que o culpado é seu filho, e até mesmo esconder a dor; mas não há ninguém entre o povo, nem mesmo seu filho que não o admire e todas as vezes que se referirem às leis de Roma, recordar-se-á que muitos as comentaram sabiamente, mas nenhum de forma mais magnífica que Brutus.

Mas se Agamemnon, enquanto um vento favorável enfunava as velas da frota e a conduzia ao porto, tivesse mandado o mensageiro buscar Ifigênia para a trazer ao sacrifício; se Jefté, sem estar ligado por um voto de que dependessem os destinos do seu povo, tivesse dito à filha: *chora durante dois meses a tua breve juventude, porque te vou imolar;* se Brutus houvesse tido um filho irrepreensível e mesmo assim mandasse os litores executá-lo, quem os teria compreendido? Se, em resposta à pergunta: *por que agiste assim?* tivessem dito: *é uma prova à qual fomos submetidos,* tê-los-iam compreendido melhor?

Quando Agamemnon, Jefté, Brutus, no instante decisivo,

dominam heroicamente a dor, quando, perdido o objeto do seu afeto, apenas lhes resta cumprir o sacrifício exterior, pode porventura existir no mundo alguma nobre alma que não verta lágrimas de compaixão pelo seu infortúnio e de admiração pela sua façanha? Mas, se no preciso momento em que devem mostrar o heroísmo com que suportam a tristeza, esses três homens deixassem cair esta simples frase: *isto não sucederá* — quem os compreenderia então? E se acrescentassem como elucidação: *nós assim cremos porque é absurdo,* quem mais os compreenderia? Porque se o absurdo da sua explicação é fácil de entender já assim não sucede quanto à fé no absurdo.

A diferença que separa o herói trágico de Abraão salta aos olhos. O primeiro continua ainda na esfera moral. Para ele toda a expressão da moralidade tem o seu *telos* numa expressão superior da moral; limita essa relação entre pai e filho, ou filha e pai a um sentimento cuja dialética se refere à idéia de moralidade. Por conseguinte não se trata aqui de uma suspensão teleológica da moralidade em si própria.

Muito diferente é o caso de Abraão. Por meio do seu ato ultrapassou todo o estádio moral; tem para além disso um *telos* perante o qual suspende esse estádio. Porque eu gostaria de saber como se pode reconduzir a sua ação ao geral, e se é possível descobrir, entre a conduta dele e o geral, uma outra relação além da de o ter ultrapassado. Não age para salvar um povo, nem para defender a idéia do Estado, nem sequer para apaziguar os deuses irritados. Se pudéssemos evocar a ira da divindade, essa cólera teria unicamente por objeto Abraão, cuja conduta é assunto estritamente privado, estranho ao geral. Assim, enquanto o herói é grande pela sua virtude moral, Abraão é-o por uma virtude estritamente pessoal. Na sua vida, o moral não encontra mais alta expressão que esta: o pai deve amar o filho. De nenhum modo se pode considerar o moral no sentido do virtuoso. Se a conduta de Abraão tivesse, de algum

modo, participado do geral, estaria contido em Isaac e, por assim dizer, escondido em seus flancos, e teria então gritado pela sua boca: *não faças isso, aniquilas tudo.*

Então por que é que o fez Abraão? Por amor de Deus, como, de maneira absolutamente idêntica, por amor de si mesmo. Por amor de Deus porque este exige essa prova de fé; e por amor de si mesmo para dar a prova. Esta conformidade encontra o seu termo adequado na frase que sempre tem designado esta situação: é uma prova, uma tentação. Mas que quer dizer uma tentação? Geralmente pretende desviar o homem do dever; mas aqui a tentação é a moral, ciosa de impedir Abraão de realizar a vontade de Deus. Que é, então, o dever? A expressão da vontade de Deus.

Aparece aqui a necessidade de uma nova categoria, se queremos compreender Abraão. O paganismo ignora este gênero de relação com a divindade; o herói trágico não entra em relação privada com ela; para ele a moral é o divino, donde se conclui que então o paradoxo se refere ao geral por mediação.

Abraão recusa essa mediação; em outros termos: não pode falar. Logo que falo, exprimo o geral, e se me calo, ninguém me pode compreender. Quando Abraão se quer exprimir no geral, é-lhe necessário dizer que a sua situação é a da dúvida religiosa, porque não dispõe de expressão mais alta, vinda do geral, que esteja acima do geral que ele ultrapassou.

É por isso que ele me aterroriza ao mesmo tempo que suscita a minha admiração. Aquele que se renega a si próprio e se sacrifica ao dever renuncia ao finito para alcançar o infinito; e não lhe falta segurança; o herói trágico renuncia ao certo pelo mais certo, e o olhar pousa nele com confiança. Mas aquele que renuncia ao geral para alcançar algo mais elevado, mas diferente, que faz? Poder-se-á afirmar que se trata de coisa diferente de uma crise religiosa? E se isso é possível, mas o Indivíduo se engana, que salvação existe para ele? Sofre toda a dor do herói trágico, aniquila a sua alegria terrestre,

renuncia a tudo e corre ainda o risco de fechar a si próprio o caminho da alegria sublime, tão preciosa a seus olhos e que ele queria conquistar a todo o preço. Ao vê-lo, não se pode de forma alguma compreendê-lo nem pousar nele um olhar confiante. Será, acaso, o fim que o homem propõe aos seus esforços tão inacessível como inconcebível? Se é acessível, mas se ele se engana a respeito da vontade da divindade, que salvação lhe resta? O herói trágico tem necessidade de lágrimas e reclama-as; e qual é o homem que, ao contemplar Agamemnon com um olhar de inveja, ficaria com os olhos secos e não deixaria de chorar com ele? Mas qual seria a alma extraviada que ousaria chorar com Abraão? O herói trágico realiza o seu ato num momento preciso do tempo; mas no decurso do tempo realiza também uma outra ação de não menos valor: visita aquele cujo peito oprimido não pode respirar nem abafar os suspiros, aquele cuja alma se verga ao peso da tristeza, acabrunhada pelos pensamentos alimentados de lágrimas; aparece-lhe, liberta-a do triste sortilégio, corta os laços, seca as lágrimas; porque se esquece de seus próprios sofrimentos ao pensar nos alheios. Não se pode chorar Abraão. Aproximamo-nos dele com um *horror religiosus,* tal como Israel ao aproximar-se do Sinai. Mas se o solitário que escala a encosta de Morija, cujo cimo ultrapassa a planície de Áulida em toda a altura do céu, não é mais que um sonâmbulo caminhando tranqüilamente para o abismo, enquanto junto da montanha levantamos os olhos, tremendo de angústia, veneração e temor, sem ousar chamá-lo: que seria se este homem tivesse o cérebro perturbado, se ele se tivesse enganado! — Graças sejam eternamente dadas ao homem que estende ao infeliz, assaltado pela angústia da vida e abandonado nu sobre a estrada, a palavra, o vestuário verbal que lhe permite esconder a sua miséria; graças te sejam dadas, nobre Shakespeare, que podes dizer todas as coisas, absolutamente todas, tal como elas são! Mas, no entanto, por que não te referiste nunca a este tormento? Talvez o tenhas guardado para ti, como se

guarda o nome da bem-amada, para que nem mesmo o mundo o pronuncie; porque um poeta adquire o poder dessa palavra que lhe permitirá exprimir todos os graves segredos dos que o cercam, pelo preço de um pequeno segredo que não pode confessar; e um poeta não é um apóstolo, exorciza somente os demônios com o poder do diabo.

Mas quando a moral é assim ideologicamente suspensa, qual é então a existência do Indivíduo sujeito a essa suspensão? Existe como o Indivíduo oposto ao geral. Pecará ele, então? Porque, de acordo com a idéia, há aí uma forma de pecado; do mesmo modo que a criança não peca ignorante da sua existência como tal: de acordo com essa idéia a sua existência não é menos pecaminosa, e a cada momento está submetida às exigências da moral. Ao negar-se que esta forma se presta à repetição de tal forma que não seja o pecado, Abraão está condenado. Como existe então? Ele crê. Tal o paradoxo que o impele até o extremo e que não pode tornar inteligível a ninguém, porque o paradoxo consiste em que se coloca como Indivíduo numa relação absoluta com o absoluto. Mas está Abraão autorizado a isso? Se está, eis novamente o paradoxo, porque não o está em virtude de uma participação qualquer no geral, mas na sua qualidade de Indivíduo.

Como é que, por conseguinte, o Indivíduo se assegura de que está autorizado? É muito fácil regular a vida pela idéia do Estado ou da sociedade. Nesse caso, é igualmente fácil operar a mediação; pois, com efeito, não se aborda de modo algum o paradoxo segundo o qual o Indivíduo está acima do geral; o que posso ainda exprimir de uma maneira típica, dizendo como Pitágoras que o número ímpar é mais perfeito do que o número par. Se nos nossos dias se ouve, às vezes, uma resposta no sentido do paradoxo, pode formular-se deste modo: o resultado permite julgá-lo. Um herói, com plena consciência de ser um paradoxo ininteligível, desafia a sua época, ao mesmo tempo que a escandaliza, ao gritar-lhe: *o resultado mostrará que eu tinha um*

fundamento, ao agir como agi. Ouve-se hoje muito raramente este grito, porque se o nosso tempo tem o defeito de não produzir heróis, tem em compensação a vantagem de nos dar deles caricaturas. Quando hoje se ouve esta apóstrofe, sabe-se imediatamente a quem se tem a honra de falar. Os que usarem esta linguagem formam um numeroso grupo e qualifico-os a todos de peões de xadrez. Vivem nos seus pensamentos, cheios de confiança na vida, desfrutam de posição *segura* e têm opiniões *firmes* acerca de um Estado bem organizado; séculos, senão milênios, separam-nos das aflições da vida; não receiam que semelhantes aventuras se repitam; que diria a polícia e os jornais? A sua tarefa consiste em julgar os grandes homens e em julgá-los de acordo com os resultados. Uma tal atitude diante das coisas grandiosas demonstra singular mistura de orgulho e miséria; de orgulho porque se supõem autorizados a julgar; de miséria porque não sentem nem a mais ínfima parcela de afinidade entre a sua vida e a dos grandes homens. Quem quer que possua um grão de *erectioris ingenii*[5] tem pelo menos a vantagem de não vir a transformar-se em um frio e flácido molusco; e ao abordar coisas grandiosas jamais perderá de vista que, desde a criação do mundo, foi sempre uso e costume considerar o resultado último termo, e quando verdadeiramente se quer extrair uma lição das nobres ações torna-se necessário olhar para o seu princípio. Se o homem que quer agir pretende chegar logo ao resultado, nunca começará nada. O herói ignora se o resultado poderá vir a encher o mundo inteiro de alegria, porque dele toma conhecimento quando o ato atinge a sua realização total. E não é por isso que se tornou um herói; foi-o porque começou.

Além disso o resultado, enquanto constitui a resposta do mundo finito ao problema infinito, é, na sua dialética, de uma natureza totalmente diferente da existência do herói. Bastaria, para provar o seu direito a comportar-se como Indivíduo em frente do geral, o fato de Abraão ter recebido Isaac por um *milagre?* Teria sido

menos fundado o seu direito se realmente tivesse sacrificado Isaac?

No entanto, sente-se curiosidade por conhecer o resultado como se se tratasse da conclusão de um livro, nada se quer saber da angústia, da tribulação ou do paradoxo. Joga-se com o resultado; chega de um modo imprevisto, mas não menos fácil que um número premiado na loteria; e quando se ouviu anunciá-lo, declararam-se logo edificados. E, no entanto, não há ladrão de igrejas condenado a trabalhos forçados, que seja um criminoso tão vil como o especulador do sagrado, e Judas, que vendeu o seu mestre por trinta dinheiros, não é mais desprezível do que o traficante de ações heróicas.

É contrário aos meus sentimentos falar de tão grandes ações sem humanidade, deixá-las a flutuar nos contornos indecisos de longínquos horizontes, conservar a nobreza que elas encerram, evitando, no entanto, os seus caracteres humanos sem os quais deixam de ser grandes. Porque não é o que me sucede que me eleva mas aquilo que faço; e ninguém pensa que se engrandece pelo fato de lhe ter saído o prêmio na loteria. A um homem de humilde nascimento exijo que não alimente a desumanidade de não poder apresentar-se no palácio do rei, contentando-se em vê-lo de longe, em um vago sonho de magnificência, e, ao mesmo tempo, contraditoriamente, erigindo-o e destruindo-o porque esse palácio foi construído na sua mente sem nobreza: exijo que seja suficientemente homem para se aproximar do palácio, pleno de confiança e dignidade. Não deve ter a impudente desumanidade de calcar aos pés todas as conveniências saltando da rua para os aposentos do soberano. Em tal caso terá mais a perder que o rei; pelo contrário, deve ter o prazer de observar a etiqueta, com alegre encanto e confiança em si próprio, o que lhe dará uma coragem franca. Trata-se aqui apenas de uma imagem: por isso que esta diferença não passa de equivalente muito imperfeito das distâncias que se observam no mundo do espírito. Exijo que o homem afaste de si todo

o pensamento desumano, que o inibiria de entrar nesses palácios, onde habitam, não somente a recordação dos eleitos, mas eles próprios. Não se deve avançar por entre eles invocando um parentesco; em boa verdade deve cada um sentir-se pleno de alegria todas as vezes que se inclina diante deles, mas deve ao mesmo tempo ser pelo menos mais corajoso e confiante do que uma criada de servir, porque jamais alguém será admitido neste círculo se não assumir um pouco mais de educação. E encontrar-se-á lenitivo nessa angústia e nessa tribulação que os grandes homens conheceram; e se não, se não se possui um pouco de tutano nos ossos, esses grandes só despertariam um justo ciúme. E as coisas grandiosas, somente a distância, as coisas às quais se pretende conferir uma elevação feita de palavras ocas, ficam, assim, reduzidas por isso a si próprias, a nada.

Quem alcançou neste mundo grandeza igual à dessa bendita mulher, a mãe de Deus, a virgem Maria? No entanto, como se fala dela? A sua grandeza não provém do fato de ter sido bendita entre as mulheres, e se uma estranha coincidência não levasse a assembléia a pensar com a mesma desumanidade do predicador, qualquer jovem devia, seguramente, perguntar: *Por que não fui eu também bendita entre as mulheres?* Se se não possuísse outra resposta, de forma alguma acharia ter de rejeitar esta pergunta, pretextando a sua falta de senso; porque, no abstrato, em presença de um favor, todos têm os mesmos direitos. São esquecidos a tribulação, a angústia, o paradoxo. Meu pensamento é tão puro como o de qualquer outro; e ele purifica-se, exercendo-se sobre as coisas. E se não se enobrecer pode-se então esperar pelo espanto; porque se essas imagens foram alguma vez evocadas jamais poderão ser esquecidas. E se contra elas se peca, extraem da sua muda cólera uma terrível vingança, mais terrível do que os rugidos de dez ferozes críticos. Maria, indubitavelmente, deu à luz o filho graças a um milagre, mas no decorrer de tal acontecimento foi como todas as outras mulheres, e

esse tempo é o da angústia, da tribulação e do paradoxo. O anjo foi, sem dúvida, um espírito caritativo, mas não foi complacente porque não foi dizer a todas as outras virgens de Israel: *Não desprezeis Maria, porque lhe sucedeu o extraordinário.* Apresentou-se perante ela só e ninguém a pôde compreender. No entanto, que outra mulher foi mais ofendida do que Maria? Pois não é também verdade que aquele a quem Deus abençoa é também amaldiçoado com o mesmo sopro do seu espírito? É desta forma que se torna necessário, espiritualmente, compreender Maria. Ela não é, de maneira alguma, uma formosa dama que brinca com um deus menino, e até me sinto revoltado ao dizer isto e muito mais ao pensar na afetação e ligeireza de tal concepção. Apesar disso, quando diz: *sou a serva do Senhor,* ela é grande e imagino que não deve ser difícil explicar por que razão se tornou mãe de Deus. Não precisa, absolutamente nada, da admiração do mundo, tal como Abraão não necessita de lágrimas, porque nem ela foi uma heroína, nem ele foi um herói. E não se tornaram grandes por terem escapado à tribulação, ao desespero e ao paradoxo, mas precisamente porque sofreram tudo isso. Há grandeza em ouvir dizer ao poeta, quando apresenta o seu herói trágico à admiração dos homens: *chorai por ele; merece-o;* porque é grandioso merecer as lágrimas dos que são dignos de as derramar; há grandeza em ver o poeta conter a multidão, corrigir os homens e analisá-los um por um para verificar se são dignos de chorar pelo herói, porque as lágrimas dos vulgares chorões profanam o sagrado. Contudo ainda é mais grandioso que o cavaleiro da fé possa dizer ao nobre caráter que quer chorar por ele: *não chores por mim, chora antes por ti próprio.*

A emoção invade-nos; regressa-se aos tempos afortunados; um doce e lânguido desejo condu-los à satisfação de avistarem Jesus nos caminhos da terra prometida. Esquece-se a angústia, a tribulação, o paradoxo. Era assim tão fácil não errar? Não era terrível que fosse Deus esse homem que andava com os outros? Não era terrível estar

sentado à mesa com ele? Era assim tão fácil ser apóstolo? Mas o resultado, dezoito séculos de cristianismo, serve para alguma coisa: para esta abjeta burla pela qual cada um se engana a si e engana os outros. Não sinto coragem para desejar ser o contemporâneo desses acontecimentos; mas também, se não julgo severamente os que se enganaram, não avalio mediocremente os que viram certo. Regresso a Abraão. Durante o tempo que precedeu o resultado, ou Abraão foi a cada momento um assassino, ou então estamos em presença de um paradoxo que escapa a todas as mediações.

A história de Abraão comporta uma suspensão teleológica da moral. Como Indivíduo, superou o geral. Tal é o paradoxo que se recusa à mediação. Não se pode explicar nem como aí entra nem como aí permanece. Se não é este o caso de Abraão, nem sequer este alcança ser herói trágico, é um assassino. E então é tolice persistir em chamar-lhe o pai da fé, e conversar a seu respeito com pessoas desejosas de ouvir mais do que palavras. O homem pode chegar a ser um herói trágico, pelas suas próprias forças, mas não um cavaleiro da fé. Quando um homem se embrenha no caminho, penoso em um sentido, do herói trágico, muitos devem estar em condições de o aconselhar; mas àquele que se segue a estreita senda da fé, ninguém o pode ajudar, ninguém o pode compreender. A fé é um milagre; no entanto ninguém dela está excluído; porque é na paixão[6] que toda a vida humana encontra a sua unidade, e a fé é uma paixão.

PROBLEMA II

Há um dever absoluto para com Deus?

A moralidade é o geral e, como tal, também o divino. Por conseguinte, há razão em dizer que todo o dever é, no fundo, dever para com Deus; mas se não se pode acrescentar mais nada, limito-me a dizer, ao mesmo tempo, falando com propriedade, que não tenho nenhum dever para com Deus. O dever constitui-se como tal quando é referido a Deus, mas no dever propriamente dito, não entro em relação com o divino. Assim sucede com o dever de amar o próximo: é dever, na medida em que este amor está referido a Deus; no entanto, no dever, não entro em relação com ele mas com o próximo que amo. Se digo, segundo esta relação, que é um dever amar Deus, enuncio uma simples tautologia, sendo aqui tomado *Deus* no sentido totalmente abstrato de divino, de geral, de dever. Toda a vida da humanidade arredonda-se então e toma a forma de uma esfera perfeita, de que a moral é ora o limite ora o conteúdo. Deus torna-se um ponto invisível e dissipa-se como um pensamento sem consistência; seu poder só se exerce no moral que enche a vida. Portanto, se um homem tem a idéia de amar Deus em sentido diferente daquele que se acaba de indicar, esse homem desvaira, ama um fantasma que, se chegasse a ter forças para falar, lhe diria: *Não peço o teu amor, fica na tua esfera.* Se cremos amar Deus de outra forma, este amor torna-se tão suspeito como aquele de que fala Rousseau, e segundo o qual um homem ama os cafres, em lugar de amar o seu próximo.

Se estes pontos de vista são exatos, se não há nada incomensurável na vida humana, se o incomensurável que nela terá aparece por um acaso do qual nada advém, na medida em que a existência é contemplada, segundo a idéia, então Hegel tem razão;

mas equivoca-se ao falar da fé e ao autorizar a que se fale de Abraão como pai da fé, porque invocando a outra alternativa, condenou Abraão e a fé. Na sua filosofia, *das Aeussere (die Entausserung)*[7] é superior à *das Innere,*[8] como freqüentemente se mostra por um exemplo. A criança é *das Innere,* o homem *das Aeussere;* donde se segue que a criança está determinada pelo exterior; inversamente o homem, como *das Aeussere,* está determinado por *das Innere.* A fé é, pelo contrário, este paradoxo: o interior é superior ao exterior, ou, para retomar uma fórmula precedente, o número ímpar é superior ao número par.

Na concepção moral da vida, trata-se, deste modo, para o Indivíduo, de o despojar da sua interioridade, para o exprimir em algo de exterior. Todas as vezes que isso lhe repugna, todas as vezes que é retido por algum sentimento, disposição, etc., de ordem íntima, ou que recai no interior, peca contra si mesmo e entra num estado de crise ansiosa. O paradoxo da fé consiste em que há uma interioridade incomensurável em relação à exterioridade, e esta interioridade, importa notá-lo, não é idêntica à precedente, mas uma nova interioridade. É preciso não esquecê-lo. A nova filosofia permitiu-se substituir, pura e simplesmente, o imediato pela "fé". Quando se age desta maneira é ridículo negar que a fé existiu sempre. Assim entra na companhia, bastante vulgar, do sentimento, do humor, da idiossincrasia, dos fumos, etc. Neste sentido a filosofia pode ter razão ao afirmar que não é necessário recorrer à fé. Mas nada a autoriza a tomar as palavras nesta acepção. A fé é precedida de um movimento de infinito; é somente então que ela aparece, *nec inopinate,*[9] em virtude do absurdo. Posso compreendê-lo, sem por isso pretender que possuo a fé. Se ela não é outra coisa senão o que a filosofia diz, já Sócrates foi mais longe, muito mais longe, enquanto que, no caso contrário, não a alcançou. Fez o movimento infinito do ponto de vista intelectual. A sua ignorância não é outra coisa senão a resignação infinita. Esta tarefa é já suficiente para as forças

humanas, ainda que hoje seja desdenhada; mas, antes de tudo, é necessário tê-la realizado, é necessário primeiro que o Indivíduo se haja esgotado na infinitude, para chegar então ao ponto em que a fé pode surgir.

O paradoxo da fé consiste portanto em que o Indivíduo é superior ao geral, de maneira que, para recordar uma distinção dogmática hoje já raramente usada, o Indivíduo determina a sua relação com o geral tomando como referência o absoluto, e não a relação ao absoluto em referência ao geral. Pode ainda formular-se o paradoxo dizendo que há um dever absoluto para com Deus; porque, nesse dever, o Indivíduo se refere como tal absolutamente ao absoluto. Nestas condições, quando se diz que é um dever amar Deus, exprime-se algo que difere do anteriormente dito; porque se esse dever é absoluto, a moral encontra-se rebaixada ao relativo. De qualquer modo não se segue daí que a moral deva ser abolida, mas recebe uma expressão muito diferente, a do paradoxo, de forma que, por exemplo, o amor para com Deus pode levar o cavaleiro da fé a dar ao seu amor para com o próximo a expressão contrária do que, do ponto de vista moral, é o dever.

Se assim não é, a fé não tem lugar na vida, é uma crise, e Abraão está perdido, visto que cedeu.

Este paradoxo não se presta à mediação, porque repousa no fato de o Indivíduo ser exclusivamente Indivíduo. Desde que ele quer exprimir o seu dever absoluto no geral e tomar consciência de aquele neste, reconhece que está em crise e, apesar da sua resistência a esta perturbação, não consegue realizar o tal dever absoluto; e se não resiste, peca, ainda que o seu ato traduza *realiter* o que era seu dever absoluto. Que deveria Abraão fazer? Se dissesse a outro: *Amo Isaac acima de tudo; é por isso que me é tão doloroso sacrificá-lo,* o seu interlocutor responder-lhe-ia, encolhendo os ombros: *Então por que é que o queres fazer?* A menos que, cheio de sutileza, descobrisse que Abraão fazia ostentação dos seus sentimentos em flagrante

contraste com a sua conduta.

Encontramos um paradoxo deste gênero na história de Abraão. Do ponto de vista moral, a relação que mantém com Isaac exprime-se dizendo que o pai deve amar o filho. Esta relação moral está referida ao relativo e opõe-se à relação absoluta com Deus. Se se pergunta por quê, Abraão não pode invocar outra coisa senão a prova, a tentação, o que, como já se disse, exprime a unidade de uma conduta em que se age por amor de Deus e por amor de si próprio. A linguagem usual realça também a correspondência destes dois termos. Um homem faz uma coisa que não entra no geral: diz-se que não agiu por amor de Deus, querendo exprimir com isso que agiu por amor de si próprio. O paradoxo da fé perdeu a instância intermediária, o geral. Por um lado, a fé é a expressão do supremo egoísmo: realiza o terrificante, realiza-o por amor de si próprio; por outro lado é a expressão do mais absoluto abandono, atua por amor de Deus. Não pode entrar no geral pela mediação; porque, dessa maneira, destruí-lo-ia. A fé é esse paradoxo, e o Indivíduo não pode de forma alguma fazer-se compreender por ninguém. Supõe-se, sei-o muito bem, que o pode fazer perante o seu semelhante colocado em igual situação. Esta idéia seria inconcebível se, nos nossos dias, não se procurasse por tantas maneiras o insinuar-se sub-repticiamente nas coisas grandiosas. Um cavaleiro da fé não pode de maneira alguma socorrer um outro. Ou o Indivíduo se transforma em cavaleiro da fé, carregando ele mesmo o paradoxo, ou nunca chega realmente a sê-lo. Nessas regiões, não se pode pensar em ir acompanhado. O Indivíduo nunca pode receber, senão de si próprio, a explicação aprofundada do que é necessário entender-se por Isaac. E se, do ponto de vista do geral, se pudesse exatamente determiná-lo (por outro lado haveria uma contradição terrivelmente ridícula em colocar o Indivíduo, que está fora do geral, nas categorias gerais, pois que ele deve agir na sua qualidade de Indivíduo que se acha fora do geral), o Indivíduo nunca poderá, no entanto, assegurar-se disso

pelos outros senão por si mesmo, como Indivíduo. Assim, ainda que um homem fosse suficientemente covarde e miserável para pretender tornar-se um cavaleiro da fé sob a responsabilidade de outrem, não o poderia conseguir; porque unicamente o Indivíduo chega a sê-lo como Indivíduo; aí reside sua grandeza que posso compreender mas não atingir, por falta de coragem; aí reside também o espanto, e esse posso ainda melhor concebê-lo.

Encontra-se, como é sabido, uma notável doutrina sobre o dever absoluto para com Deus no *Evangelho de S. Lucas* (14, 26): *se alguém vem a mim e não odeia seu pai, sua mulher, seus filhos, seus irmãos e irmãs e até sua própria vida, não pode ser meu discípulo.* Esta frase é violenta; quem a poderia escutar? Por isso muito raramente ouvida. Esse silêncio não passa, todavia, de um vão subterfúgio. Porque o estudante em teologia aprende que aquelas palavras se encontram no Novo Testamento e acha em qualquer manual de exegese que *misein* nesta passagem e em algumas outras significa, por atenuação: *minus diligo, posthabeo, non colo, nihil facio.*[10] O contexto, no entanto, não me parece apoiar a elegante interpretação. Porque, num versículo mais adiante, se acha a história do homem que, querendo construir uma torre, começa por calcular a despesa com medo de se ter enganado. A estreita relação desta parábola com o versículo citado parece significar que os termos devem ser tomados em todo o seu terrível rigor, para que cada um prove por si mesmo se é capaz de erigir essa torre.

Se este piedoso e sentimental exegeta que supõe, com estes regateios, fazer entrar de contrabando no mundo o cristianismo conseguisse convencer o aluno que tal é realmente, segundo a gramática, a lingüística e a analogia, o sentido dessa passagem, chegaria indubitavelmente a persuadi-lo de que o cristianismo é o que de mais lamentável há no mundo. Porque a doutrina que, numa das suas mais belas expressões líricas e onde ressalta mais fortemente a consciência do valor eterno, não diz mais que uma

palavra estrepitosa e vazia de sentido, recomendando simplesmente menos boa vontade, menos atenção e mais indiferença; a doutrina que, no momento em que parece assustar, dá meia volta e balbucia: doutrina assim não vale a pena de alguém se levantar para a seguir.

As palavras são terríveis, mas creio que podem compreender-se sem ter, com isso, a coragem de as pôr em prática. É imperioso ter a lealdade de reconhecer o que está escrito, de confessar-lhe a grandeza, mesmo quando se não tenha a coragem de nos conformarmos. Dessa maneira, não nos privamos do benefício que desse belo relato nos pode advir, porque, em um certo sentido, encerra uma consolação para aquele que não tem a audácia de empreender a construção da torre. Mas é preciso ser honesto e evitar dar o nome de humildade a esta falta de coragem, pois que, muito pelo contrário, se trata de orgulho; a coragem da fé é o único ato de humildade.

Vê-se que se a passagem citada tem um sentido, deve ser tomado à letra. Deus é aquele que exige amor absoluto mas o que, ao requerer o amor de uma pessoa, pretende ao mesmo tempo que este amor se manifeste pela tibieza em relação a tudo o que, à sua volta, tem de querido, acrescenta ao egoísmo a patetice, e assina a sua sentença de morte por mais que ponha a sua vida na paixão que dessa maneira solicita. Assim um marido exige de sua mulher que abandone pai e mãe, mas se considerasse uma prova de amor extraordinário para consigo, a tibieza que mostra para com eles, por sua causa, seria o último dos tolos. Se tem uma idéia do que é o amor, terá prazer em descobrir, na perfeita afeição filial e fraternal de sua mulher, a segura prova de que ela o amará mais do que a qualquer outro no reino. Mas. graças a um exegeta, é preciso considerar como uma idéia digna da divindade o que no homem passaria por sinal de egoísmo e de tolice.

Então como odiar o próximo? Não quero recordar nesta altura a distinção que costumamos fazer entre o amor e o ódio, não porque

achasse ter algo de novo a acrescentar, ainda que seja o testemunho da paixão, mas porque é egoísta e não convém aqui. Pelo contrário, se considero a tarefa como um paradoxo, compreendo-a, como se pode compreender um paradoxo. O dever absoluto pode então levar à realização do que a moral proibiria, mas de forma alguma pode incitar o cavaleiro da fé a deixar de amar. É o que mostra Abraão. No momento em que quer sacrificar Isaac, a moral diz que ele o odeia. Mas se assim é realmente, pode estar seguro de que Deus lhe não pede esse sacrifício; com efeito Caim e Abraão não são idênticos. Este deve amar o filho com toda a sua alma; quando Deus lho pede, deve amá-lo se possível, ainda mais e é então somente que pode *sacrificá-lo;* porque este amor que dedica a Isaac é o que, pela sua posição paradoxal ao amor que tem por Deus, faz do seu ato um sacrifício. Mas a tribulação e a angústia do paradoxo fazem que Abraão não possa ser compreendido, de nenhuma forma, pelos homens. É somente no instante em que o seu ato está em contradição absoluta com o seu sentimento, que ele sacrifica Isaac. No entanto, é pela realidade do seu ato que pertence ao geral e, neste domínio, é e continua a ser um assassino.

É preciso ainda ouvir o texto de Lucas de forma a ver que o cavaleiro da fé não encontra absolutamente nenhuma expressão do geral (concebido como moral) capaz de o salvar. Quando, por exemplo, é a igreja que exige este sacrifício de um dos seus membros, encontramo-nos apenas em presença de um herói trágico. A idéia de igreja, com efeito, não difere qualitativamente da de Estado, desde que o Indivíduo pode entrar aí pela mediação, e, quando entrou no paradoxo, não chega à idéia de igreja; encerrado dentro do paradoxo, encontra nele, necessariamente, ou a sua felicidade ou a sua perdição. O herói que obedece à igreja exprime, na sua ação, o geral, e não há ninguém aí, nem mesmo o pai e a mãe, que não o compreendam. Mas ele é o cavaleiro da fé e dá uma resposta diferente da de Abraão; não diz tratar-se de uma prova ou

de uma tentação a que foi submetido.

Evita-se, geralmente, citar textos como este de Lucas. Receia-se libertar o homem das cadeias; teme-se o pior logo que o Indivíduo se propõe conduzir-se como tal. Dito de outro modo, pensa-se que existir como Indivíduo é a mais fácil das coisas e por conseguinte interessa constranger os homens a alcançarem o geral. Não partilho nem deste receio, nem desta opinião e pelo mesmo motivo. Quando se sabe, por experiência, que não há nada de mais terrível que existir na qualidade de Indivíduo, não se deve temer afirmar que não há nada de maior; mas também é-se obrigado a exprimi-lo de maneira a não fazer dessas palavras uma ratoeira para o extraviado que é necessário, antes de mais, reconduzir ao geral, ainda quando as suas palavras não deixem lugar ao heroísmo. Se não se ousa citar semelhantes textos, também se não deve ter o atrevimento de mencionar Abraão; e se pensamos que é relativamente fácil existir como Indivíduo, mostramos indiretamente uma inquietante indulgência para conosco; porque se realmente se tem respeito por si próprio e cuidado com a alma, está-se seguro de que aquele que vive sob o seu próprio domínio, sozinho no seio do mundo, leva uma vida mais austera e mais isolada que a de uma jovem no seu quarto. Não faltam pessoas a quem é necessária a sujeição e que, entregues a si próprias, se lançariam como animais selvagens no egoísmo do prazer; nada mais verdadeiro; mas trata-se precisamente de mostrar que não se pertence a esse número, testemunhando que se pode falar com temor e tremor; e deve-se fazê-lo por respeito às coisas grandiosas, a fim de que elas não caiam no esquecimento, por receio das funestas conseqüências que se evitarão se se falar, sabendo que se trata de coisas grandiosas, conhecendo os seus terrores, sem o que nada se conhece da sua grandeza.

Examinemos um pouco mais de perto a tribulação e a angústia contidas no paradoxo da fé. O herói trágico renuncia a si mesmo para exprimir o geral; o cavaleiro da fé renuncia ao geral para se

converter em Indivíduo. Já o disse, tudo depende da atitude que se adote. Se supomos relativamente fácil ser Indivíduo, pode-se estar seguro de que não se é cavaleiro da fé: porque os pássaros em liberdade e os gênios vagabundos não são os homens da fé. Pelo contrário, o cavaleiro da fé sabe que é magnífico pertencer ao geral. Sabe que é belo e benéfico ser o Indivíduo que se traduz no geral e que, por assim dizer, dá de si próprio uma edição apurada, elegante, o mais possível correta, compreensível a todos; sabe quanto é reconfortante tornar-se compreensível a si próprio no geral, de forma a compreender este, e que todo o Indivíduo que o compreenda a ele compreende o geral, ambos usufruindo da alegria que a segurança do geral justifica. Sabe quanto é belo ter nascido como Indivíduo que tem no geral a sua pátria, a sua acolhedora casa, sempre pronta a recebê-lo todas as vezes que lá queira viver. Mas sabe, ao mesmo tempo, que acima desse domínio serpenteia um caminho solitário, estreito e escarpado; sabe quanto é terrível ter nascido isolado, fora do geral, caminhar sem encontrar um único companheiro de viagem. Sabe perfeitamente onde se encontra e como se comporta em relação aos homens. Para eles, é louco e não pode ser compreendido por ninguém. E no entanto, louco é o menos que se pode dizer. Se não se olha para ele deste ângulo, então considera-se hipócrita, e tanto mais cruelmente quanto mais alto trepou pelo escarpado caminho.

O cavaleiro da fé conhece o entusiasmo que dá a renúncia ao sacrificar-se pelo geral, quanta coragem é necessária para isso; mas também sabe que há nessa conduta uma segurança que se obtém ao agir pelo geral; sabe que é magnífico ser compreendido por todas as almas nobres, e de tal forma, que aquele que o considera ainda se enobrece a si próprio. Tudo isto ele sabe, e sente-se como se estivesse agrilhoado; desejaria que essa tarefa fosse a sua. Abraão teria assim podido desejar, por vezes, que o seu papel fosse amar Isaac como convém a um pai, amor inteligível para todos, e para sempre inolvidável; podia desejar que a sua tarefa consistisse em

sacrificar Isaac no interesse geral, e despertar nos pais o entusiasmo das façanhas gloriosas — sentimo-nos quase espantados ao pensar que estes desejos não passam de crises e como tal devem ser tratados; porque ele sabe que percorre um caminho solitário, que nada fez no interesse geral, mas que simplesmente sofre uma provação e uma tentação. Então, que fez Abraão pelo geral? Permitam-me falar disto como um homem, com toda a humanidade! Recebe, passados setenta anos, o filho da velhice. Esse bem que outros obtiveram tão rapidamente para o poderem gozar por muito tempo, espera ele setenta anos; e por quê? Porque sofreu uma prova e uma tentação. Não é loucura!

Mas Abraão acreditou; somente Sara sentiu vacilar a sua fé, e induziu Abraão a tomar Agar como concubina; mas por isso teve de a expulsar. Recebe Isaac, e de novo deve sofrer a prova. Conhecia a beleza de exprimir o geral, a magnífica alegria de viver com Isaac. Mas não é essa a sua missão. Sabia que sacrificar semelhante filho ao bem geral era digno de um rei; nele teria encontrado o repouso; e assim como a vogal descansa na consoante que a apóia, do mesmo modo todos aqueles que o celebram teriam encontrado apoio na sua ação, mas tal não é a sua missão — deve sofrer a prova! Aquele famoso capitão romano conhecido por Cunctator conteve o inimigo com contemporizações: mas em comparação, que contemporizador não é Abraão! Porém ele não salva o Estado. Tal é a substância de cento e trinta anos. Quem poderia suportar esta expectativa? O seu contemporâneo, se algum ainda existisse, teria dito: *Abraão não se cansou de esperar e finalmente teve um filho; foi preciso tempo! E agora eis que o quer sacrificar. Não estará louco? Se, no entanto, pudesse explicar-se... mas repete sempre que se trata de uma prova.* Também Abraão não poderia dizer muito mais, porque a sua vida é como um livro sob o seqüestro divino, e que não se torna *juris publici.*[11]

Isso é que é terrível. Se não o vimos, podemos estar certos de

que não se trata de um cavaleiro da fé; mas, se alguém nota, não poderá negar que mesmo o mais sofredor herói trágico tem o ar de ir a um baile, quando comparado com o cavaleiro que só consegue avançar lenta e penosamente. Se o reconhecemos e estamos seguros de que não temos a coragem de o compreender, imagine-se a maravilhosa glória obtida por este cavaleiro que se torna familiar a Deus, amigo do Senhor, e que, para me exprimir numa forma completamente humana, trata por tu o Senhor, a quem até mesmo o herói trágico não fala senão na terceira pessoa.

O herói trágico rapidamente terminou o combate; realizou o movimento infinito e agora encontra a segurança no geral. Pelo contrário, o cavaleiro da fé sofre uma constante prova, a cada momento tem uma possibilidade de regressar, arrependendo-se, ao seio do geral, e essa possibilidade tanto pode ser crise como verdade. Não pode pedir a ninguém que o ilumine, porque então colocar-se-ia fora do paradoxo.

O cavaleiro da fé possui, portanto, em primeiro lugar, a paixão necessária para concentrar toda a moral com que rompe num único ponto: o poder ter a certeza de que ama realmente Isaac com toda a sua alma.[12] Se não o faz, está em crise. Por outras palavras, possui paixão suficiente para mobilizar, num abrir e fechar de olhos, toda essa segurança e de tal maneira que nada perde da sua primitiva realidade. Se não pode fazê-lo, permanece no mesmo lugar, porque, então, é-lhe mister recomeçar constantemente. O herói trágico converte também num ponto decisivo a moral que superou teleologicamente; mas encontrou a este respeito um apoio no geral. O cavaleiro da fé só dispõe, em tudo e para tudo, de si próprio: daí o terrível da situação. A maior parte dos homens vive numa obrigação moral que, dia após dia, evita cumprir; mas também nunca alcança essa concentração apaixonada, essa consciência enérgica. Para a obter, o herói trágico pode, em certo sentido, pedir o socorro ao geral, mas o cavaleiro da fé está só em todos os momentos. O herói trágico

realiza essa concentração e encontra o repouso no geral, o cavaleiro da fé despende um esforço constante. Agamemnon renuncia a Ifigênia e dessa maneira encontra o repouso no geral; pode, então, sacrificá-la. Se não realiza o movimento, se no momento decisivo a sua alma, em vez de operar a concentração apaixonada, se perde em ninharias gerais, como o pensar por exemplo que tem outras filhas e que *vielleicht*[13] poderia ainda suceder *das Ausserordentliche,*[14] é claro que não é um herói, mas um homem pronto a entrar no manicômio. Abraão também conhece a concentração do herói, ainda que seja nele muito mais difícil, por falta de apoio no geral, mas efetua também um outro movimento pelo qual recolhe a sua alma, pronto para o prodígio. Se não o fez, não é mais que um Agamemnon, na medida em que se pode ainda justificar o sacrifício de Isaac quando não tem utilidade para o geral.

Só o Indivíduo pode decidir-se se está verdadeiramente em crise ou se é um cavaleiro da fé. No entanto, o paradoxo permite mostrar alguns caracteres que quem não se ache nesta situação pode também compreender. O verdadeiro cavaleiro da fé encontra-se sempre no absoluto isolamento; o falso cavaleiro é sectário, quer dizer que tenta sair da estreita vereda do paradoxo para se tornar um herói trágico barato. O herói trágico exprime o geral e sacrifica-se por ele. Em vez de assim atuar, o polichinelo sectário possui um teatro privado, alguns bons amigos e companheiros que representam o geral tão bem como os assessores de *A Tabaqueira de Ouro* representam a justiça. O cavaleiro da fé, pelo contrário, é o paradoxo, é o Indivíduo, absoluta e unicamente o Indivíduo, sem conexões nem considerações. É essa a sua terrível situação, que o débil sectário não pode suportar. Em lugar de tirar como conclusão, o reconhecer a sua incapacidade para fazer o que é grande e confessá-lo sinceramente, o que não posso deixar de aprovar pois que é afinal a minha atitude, o pobre diabo supõe que juntando-se a alguns dos semelhantes poderá alcançar o termo do seu intento. Mas de modo

algum terá êxito, pois o mundo do espírito não se deixa enganar. Uma dezena de sectários dão-se as mãos; não compreendem absolutamente nada acerca das crises de solitude que esperam o cavaleiro da fé e às quais não pode subtrair-se porque seria ainda mais terrível abrir caminho com demasiada audácia. Os sectários ensurdecem-se uns aos outros fazendo grande algazarra, mantêm afastada a angústia graças aos seus gritos, e este conjunto de gente ululante de medo supõe poder assaltar o céu e trilhar o caminho do cavaleiro da fé; mas este, na solidão do universo, jamais ouve uma voz humana; avança sozinho com sua terrível responsabilidade.

O cavaleiro da fé já não encontra outro apoio senão em si próprio; sofre por não poder fazer-se compreender, mas não sente nenhuma vã necessidade de guiar os outros. A sua dor é a sua segurança; ignora o vão desejo, a sua alma é demasiado séria para isso. O falso cavaleiro atraiçoa-se por esse domínio adquirido num momento. Ele não compreende que se outro Indivíduo vai seguir o mesmo caminho deve tornar-se em Indivíduo exatamente da mesma maneira, sem ter, por conseqüência, necessidade de diretivas de ninguém, e, sobretudo, de quem as pretenda impor. Aqui de novo ele sai da senda do paradoxo, não pode suportar o martírio da incompreensão; prefere, o que é muito cômodo, impor-se à admiração do mundo mostrando a sua capacidade de domínio. O verdadeiro cavaleiro da fé é uma testemunha, nunca um mestre; nisso reside a sua profunda humanidade muito mais significativa que essa frívola participação na felicidade ou na desgraça de outrem, honrada com o nome de simpatia, quando afinal não passa de pura vaidade. Quer-se ser simplesmente testemunha: confessa-se implicitamente que ninguém, nem mesmo o último dos homens, tem necessidade de compaixão humana, nem de mostrar o seu aviltamento para que um outro faça disso um pedestal. Mas como esta testemunha não conseguiu facilmente o que ganhou, também não o vende por baixo preço e não tem a baixeza de aceitar a

admiração dos homens para lhes oferecer, em troca, o seu desprezo; sabe que a verdadeira grandeza é, igualmente, acessível a todos.

Por conseguinte, ou há um dever absoluto para com Deus, e nesse caso, trata-se do paradoxo atrás descrito, segundo o qual o Indivíduo está, como tal, acima do geral e se encontra em relação absoluta com o absoluto, ou então nunca teve fé porque ela sempre existiu, ou ainda então Abraão está perdido, a menos que se explique o texto de Lucas (14) tal como fazia o elegante exegeta e se interpretem de forma semelhante as passagens correspondentes e análogas.

PROBLEMA III

Pode moralmente justificar-se o silêncio de Abraão perante Sara, Eliezer e Isaac?

A moralidade é, como tal, o geral e a este último título ainda o manifesta. Definido como ser imediatamente sensível e psíquico, o Indivíduo é ser oculto. A sua tarefa moral consiste então em se libertar do secreto para se manifestar no geral. Todas as vezes que quer permanecer oculto, comete um pecado e entra numa crise de onde só pode sair pela manifestação.

Eis-nos de novo no mesmo ponto. Se não há um interior oculto, e justificado pelo fato de o Indivíduo como tal ser inferior ao geral, a conduta de Abraão é insustentável, porque desdenhou as instâncias morais intermediárias. Mas se possui esse interior oculto, estamos em presença de paradoxo irredutível à mediação visto que repousa no fato de o Indivíduo, como tal, estar acima do geral, e de este ser mediação. A filosofia hegeliana não admite um interior oculto, um incomensurável fundamentado em direito. Conseqüente ao reclamar a manifestação, não está, entretanto, na verdade quando pretende considerar Abraão como pai da fé e dissertar a tal respeito. Porque a fé não é a primeira imediatidade, mas imediatidade ulterior. A primeira imediatidade é do domínio estético, e aqui a filosofia hegeliana pode ter razão. Mas a fé não pertence ao estádio estético: ou então não há fé, porque ela sempre existiu.

O melhor, neste caso, é encarar toda a questão do ponto de vista estético e proceder para este efeito a exame desse domínio, rogando ao leitor que a ele aceda provisoriamente sem reservas, enquanto eu, para contribuir pelo lado, modificarei a exposição segundo o tema. Proponho-me a análise minuciosa da categoria de *o interessante* que, sobretudo nos nossos dias, em que se vive *in*

discrimine rerum,[15] tomou grande importância; porque é verdadeiramente a categoria da fase crítica. Nem se deve, como às vezes sucede, depois de ter cultivado essa categoria *provirili,*[16] rirmo-nos dela como o pretexto de que já não está à nossa altura; mas também não se deve desejá-la com demasiada avidez, porque chegar a ser interessante ou ter uma vida interessante não é certamente empreendimento que a arte industrial possa resolver; é um funesto privilégio que, como todos os do espírito, se paga com profundas dores. Sócrates foi o mais interessado dos homens que viveram, e a sua vida a mais interessante das vidas vividas; mas esta existência foi-lhe adscrita pela divindade, e na medida em que lhe foi necessário conquistá-la por si próprio não deixou de conhecer a dor e o sofrimento. Quem examinar a vida com certa seriedade não tem motivos para adotar de ânimo leve existência semelhante; e contudo, não é raro ver, hoje em dia, exemplos tais. O interessante é, aliás, uma categoria limite, nos confins da estética e da ética. Nesta medida o exame deve sempre fazer incursões no terreno moral, ainda que, para ser significativo, deva abranger o problema com um fervor íntimo e uma concupiscência verdadeiramente estéticas. Hoje em dia a moral ocupa-se muito raramente destes problemas. O motivo deve residir na impossibilidade de o sistema lhes outorgar o direito de cidadania. Também se poderiam tratar mais problemas em monografias, que nada impede sejam breves, se não se quer acrescentar muitos pormenores, porque se chegaria ao mesmo resultado, com a condição de dispor de um predicado; porque um ou dois predicados podem revelar um mundo. Não haveria já no sistema um lugar para estas palavrinhas?

Pode ler-se na imortal *Poética* de Aristóteles: *Aqui estão duas partes constituintes da fábula, a peripécia e o reconhecimento.*[17] Naturalmente só me interessa aqui o segundo momento, *o reconhecimento.* Em toda a parte onde intervém se trata *eo ipso* de uma coisa previamente oculta. Assim como o reconhecimento produz

o alívio, do mesmo modo a coisa oculta é a tensão da vida dramática. Acerca das considerações anteriormente feitas por Aristóteles, no mesmo capítulo, sobre os diversos méritos da tragédia, sobre a atuação simultânea da peripécia e do reconhecimento, e sobre o reconhecimento simples e duplo, não posso aqui deter-me, ainda que, pela sua penetração, calma e profundidade, sejam uma tentação para o pensador de há muito fatigado com a superficial onisciência dos vulgarizadores sistemáticos. Contentar-me-ei com algumas considerações mais gerais. Na tragédia, grega, a coisa oculta (e, por conseguinte, o reconhecimento) é um vestígio épico cujo princípio é *um/atum* em que desaparece a ação dramática e de onde a tragédia extrai a sua obscura e misteriosa origem. Daí ser o efeito produzido por uma tragédia grega análogo à impressão que se recebe ao ver uma estátua de mármore à qual falta o poder do olhar. A tragédia grega é cega. Assim também se torna necessária uma certa dose de abstração para lhe sofrer a influência. Um filho mata seu pai, mas só então sabe que é parricida. Uma irmã sacrifica o irmão, cujo parentesco só lhe é revelado no momento decisivo. Este gênero de trágico não pode, de forma alguma, convir à nossa época de *reflexão.* O drama moderno desembaraçou-se do destino; emancipou-se dramaticamente; é evidente, perscruta-se a si próprio e faz atuar o destino na consciência do drama. Coisa e manifestação são, nestas condições, o ato livre do herói que transporta aos ombros toda a responsabilidade.

A coisa oculta e o reconhecimento são também elemento essencial do drama moderno. Fastidioso aduzir exemplos. O nosso tempo entrega-se de tal maneira à voluptuosidade do estético, encontra-se de tal forma inflamado e propício à fecundação, que concebe com a facilidade da perdiz, à qual basta, segundo diz Aristóteles, ouvir a voz do macho ou sentir o seu vôo por cima dela; tenho portanto a delicadeza de acreditar que, ao pronunciar-se simplesmente "coisa oculta", cada um poderá, sem dificuldade,

extrair da sua manga uma dezena de novelas e comédias. Por isso serei breve e consignarei simplesmente uma observação de ordem geral. Se, jogando às escondidas e introduzindo o fermento dramático na peça, se oculta algo que não tem sentido, temos uma comédia; pelo contrário, se mantemos uma relação com a idéia, pode alcançar-se a categoria do herói trágico. Um simples exemplo para ilustrar o cômico: um homem pinta-se e põe chinó. Desejaria obter êxito junto do belo sexo e está quase seguro de triunfar graças ao artifício que o faz absolutamente irresistível. Cativa uma jovem e sente-se no cúmulo da felicidade. Mas agora é que tudo se complica: se é capaz de confessar a sua mistificação não perde o seu poder de sedução; e apresentando-se como toda a gente e até calvo não se vê desprezado pela sua amada. A coisa oculta é o seu ato livre do qual é responsável perante a estética. Esta ciência não ama o hipócrita de crânio nu que ela expõe ao ridículo. Basta isto para me fazer entender; não é no cômico que pode residir nem o objeto nem o interesse deste estudo.

Tenho de desenvolver, por via dialética, como se comporta o oculto na estética e na ética; porque se trata de mostrar a absoluta diferença entre o oculto estético e o paradoxo.

Alguns exemplos. Uma adolescente está secretamente enamorada de um jovem, sem que reciprocamente se tenham confessado seu mútuo amor. Os pais da jovem obrigam-na a contrair um outro casamento (pode até deixar-se arrastar pela piedade filial); obedece-lhes, esconde os sentimentos para *não fazer o outro desgraçado e nunca ninguém saberá o que ela sofre.* — Um jovem pode, com uma única palavra, possuir o objeto dos seus desejos e dos seus inquietos sonhos. Mas essa pequena palavra pode comprometer e até (quem sabe?) arruinar uma família; resolve, portanto, nobremente, conservar o segredo; *nunca a jovem conhecerá a sua paixão, para que possa vir a ser feliz, aceitando a mão de outro.* É pena que estes dois seres, um e outro a cada um em particular se

ocultem a quem amam, se escondam um do outro, porque poderiam efetuar uma união de caráter notavelmente superior. A sua mútua dissimulação é um ato livre, de que são também responsáveis perante a estética. Mas esta ciência plena de delicadeza e cortesia tem mais recursos que um gerente de montepio. Que faz ela, então? Tudo o que pode em favor dos amantes. Os dois candidatos ao projetado casamento são, por acaso, ambos avisados da nobre resolução do outro; explicam-se, casam-se e ao mesmo tempo adquirem a figura do herói real; porque ainda que nem mesmo tenham tido tempo de dormir sobre a heróica resolução, a estética considera a conduta deles como se tivessem lutado corajosamente durante anos para manter o seu mútuo desígnio. Porque a estética faz caso omisso do tempo, o qual transcorre para ela com a mesma rapidez, quer se trate de uma brincadeira ou de uma coisa séria.

Mas a ética não admite nem este acaso, nem esta delicadeza, e também não tem acerca do tempo conceito tão expedito. O problema toma assim novo aspecto. É bom não disputar com a ética porque tem categorias puras. Não invoca a experiência, quase a mais ridícula de todas as coisas risíveis, que, em vez de propiciar sabedoria, transforma as pessoas em insensatos quando não se reconhece nada que lhe seja superior. A ética ignora o acaso, e por conseguinte não tem a mínima precisão de golpes teatrais, não brinca com as dignidades, carrega com uma pesada responsabilidade os ombros do herói, condena como presunçoso quem quiser com os seus atos enganar a divindade, não reprovando menos quem o pretenda fazer com os sofrimentos. Convida a acreditar na realidade e a lutar corajosamente contra todas as suas vicissitudes, sobretudo contra esses sofrimentos imaginários que se forjam sob a sua própria responsabilidade, põe-te em guarda contra os cálculos sofísticos da razão, ainda menos dignos da fé que os oráculos da Antiguidade. Recomenda cautela perante toda a nobreza intempestiva: deixa atuar a realidade; haverá sempre tempo para mostrares a tua coragem, e

então encontrarás na ética todo o socorro necessário. Todavia, se esses dois seres seguem um impulso profundo, se encaram a sua tarefa e a ela se dedicam com seriedade, o esforço não será estéril; mas a ética ofendida não os poderá socorrer porque eles lhe ocultam um segredo que assumiram por sua conta e risco.

Assim, a estética exigia o oculto e recompensava-o; a ética exigia a manifestação e punia o oculto.

Mas a estética exige, também, algumas vezes, a manifestação. Quando o herói é envolvido na ilusão estética e crê salvar uma outra pessoa calando-se, a estética quer o silêncio e recompensa-o; pelo contrário, quando os atos do herói lançam a perturbação na vida de outrem, exige a claridade. Encontro-me aqui perante o herói trágico e vou, por momentos, examinar *Ifigênia em Áulide* de Eurípedes. Agamemnon deve sacrificar sua filha. A estética exige que ele se cale, porque seria indigno de um herói procurar a consolação junto de outros; por solicitude para com as mulheres, deve ainda ocultar-lhes o seu desígnio o mais tempo possível. Por outro lado o herói, para merecer tal nome, deve também passar pela terrível crise, em que o colocarão as lágrimas de Clytemnestra e Ifigênia. Como procede a estética? Recorre a um expediente, faz intervir um velho servo que faz a revelação a Clytemnestra. Desta forma tudo se encontra em ordem.

Mas a ética não dispõe de nenhum acaso, nem de nenhum velho servo. A idéia estética contradiz-se desde que tenha de ser executada na realidade. Por isso a ética exige a manifestação. O herói trágico mostra a sua coragem moral ao anunciar ele próprio a Ifigênia, livre de toda a ilusão estética, o seu destino. Se o faz, é com efeito o filho bem-amado da ética para o qual ela usa de toda a sua complacência. Se se cala, a razão pode ser a de acreditar que assim alivia o sofrimento aos outros, e talvez ainda o seu. Sabe-se livre dessa última preocupação. Se se cala, acarreta, como Indivíduo, responsabilidades na medida em que negligencia um argumento que

pode vir de fora. Como herói trágico não pode fazê-lo; a ética, com efeito, ama-o precisamente porque ele exprime constantemente o geral. O seu ato heróico exige coragem mas esta coragem requer que não se furte a nenhum argumento. Ora, sem dúvida alguma, as lágrimas são um terrível *argumentum ad hominem,* e comovem por vezes aquele que nada ainda demovera. Na peça de Eurípedes, Ifigênia pode recorrer às lágrimas; na realidade, deve-lhe ser permitido, tal como à filha de Jefté, dois meses para chorar, não na solidão, mas aos pés de seu pai, pondo em ação toda a sua arte *unicamente feita de lágrimas,* abraçando-lhe os joelhos, em lugar de lhe apresentar o ramo de oliveira dos suplicantes. (Cf. *Ifigênia em Áulide,* Verso 1224.)

O estético pedia a manifestação, mas saiu da dificuldade com um golpe do acaso; a ética reclamava-a igualmente, e encontrava no herói trágico a sua satisfação.

Apesar do rigor com que a ética requer tal manifestação, não se pode no entanto, negar que o segredo e o silêncio não conferem ao homem real grandeza, e precisamente porque essas são determinações da vida interior. Amor ao deixar *Psiqué,* diz-lhe: *Se tu guardares silêncio, darás ao mundo uma criança que será deus, mas se atraiçoares o segredo, será homem.* O herói trágico, favorito da ética, é o homem puro; também posso compreendê-lo e tudo o que ele faz passa-se em plena claridade. Se vou mais longe tropeço sempre com o paradoxo, quer dizer, com o divino e o demoníaco porque o silêncio é um e outro. O silêncio é a armadilha do demônio; quanto mais ele é mantido mais o demônio é terrível; mas o silêncio é também um estádio em que o Indivíduo toma consciência da sua união com a divindade.

Antes de passar à história de Abraão, evocarei algumas personagens poéticas. Mantê-las-ei de pé graças ao poder da dialética e, brandindo sobre elas a disciplina do desespero, preservá-las-ei da imobilidade, a fim de que possam, se possível, descobrir na

sua angústia isto e aquilo.[18]

Aristóteles conta na *Política* uma anedota referente aos distúrbios ocorridos em Delfos causados por uma história de casamento. *O noivo, a quem os áugures prediziam uma desgraça após o casamento, alterou subitamente a sua resolução no instante decisivo em que vinha buscar a noiva;* recusou-se a celebrar as bodas. Basta-me isto.[19] Em Delfos, este acontecimento não passou sem lágrimas; se um poeta nele se inspirasse, indubitavelmente poderia contar com a simpatia. Não é terrível que o amor, tão freqüentes vezes barrido da vida, se veja ainda privado de socorro do céu? E não se transformou aqui em escárnio a velha frase que fez do matrimônio uma instituição divina? Geralmente são as vicissitudes do mundo finito que se encarniçam como espíritos malignos contra os amantes, procurando separá-los; mas o amor tem o céu a seu lado e eis porque esta santa aliança triunfa de todos os inimigos. Mas aqui, é o céu que separa o que o céu uniu. Quem poderia acreditar em tal? A pobre noiva, seguramente, menos do que ninguém. Apenas há momentos, estava no gineceu em toda a sua beleza; as graciosas companheiras haviam-na ataviado carinhosamente com seu traje de noiva, com satisfação de todas, não somente felizes, mas ciumentas; sim, felizes pela impossibilidade de se sentirem ainda mais ciumentas, porque era impossível ser mais bela. Estava sozinha no seu quarto e metamorfoseava-se de beleza em beleza; porque todos os recursos da arte feminina tinham sido empregados para embelezar dignamente a digna noiva; no entanto, faltava ainda uma coisa em que as jovens servas não tinham pensado: um véu fino, mais leve e no entanto mais impenetrável que aquele que lhe tinham posto, um traje de noiva que nenhuma rapariga conhecia e não podiam seguramente fornecer-lhe, o vestido que ela mesmo não tinha tido a inteligência de vestir. Uma potência invisível e amiga que se compraz em ataviar uma noiva, envolveu-a nesse véu sem que ela se apercebesse; porque ela viu somente o noivo passar em frente da sua

casa e entrar no templo. Viu a porta fechar-se atrás dele e sentia-se ainda mais calma e feliz; porque sabia que agora ele lhe pertencia mais do que nunca. A porta do templo voltou a abrir-se; ele saiu; ela baixou pudicamente os olhos e não viu a perturbação que se espalhava no rosto do amado; mas este viu que o céu estava ciumento do encanto da noiva e da sua própria felicidade. A porta do templo abriu-se, as servas viram o jovem sair, mas não viram a perturbação do rosto, na pressa de ir buscar sua senhora. Então ela avançou com toda a sua virginal humildade, semelhante, no entanto, a uma soberana no meio de todas as jovens que se inclinaram à sua passagem, como sempre fazem perante uma noiva. Assim permaneceu em frente da graciosa teoria e esperou — um só instante; porque o templo era muito próximo — e o noivo veio — mas não parou em frente da porta.

Mas eu paro; não sou poeta; deixo-me guiar simplesmente pela dialética. Notemos, primeiro, que o herói só é avisado no momento decisivo; não tem, portanto, nada de que se censurar; não fez contrato de casamento sem refletir. Tem por ele, ou melhor, contra ele, uma intervenção divina; não se conduz pela sua própria prudência, como os amantes vulgares. Resulta óbvio que aquela intervenção o torna tão infeliz como à jovem, e mesmo um pouco mais, visto que é o objeto dela. É sem dúvida certo que os áugures só lhe anunciaram a desgraça a *ele;* mas trata-se de saber se o infortúnio não é de tal natureza que ao atingi-lo não destrua a felicidade conjugai. Que deve então fazer? 1.° Deve calar-se e celebrar o casamento esperando que a desgraça não surja imediatamente; então, de toda a maneira, respeitou o amor sem recear tornar-se desditoso; mas deve guardar silêncio, porque senão o instante de efêmera felicidade está perdido. Este ponto de vista, plausível na aparência, é absolutamente inadmissível; porque, agindo desta maneira, o noivo ofende a jovem. Ao calar-se, torna sua noiva, em certo sentido, culpada; com efeito, prevenida, não teria

nunca consentido em tal união. Na hora aziaga, não só terá de suportar a desgraça, mas também a responsabilidade de ter guardado silêncio, e ainda a justa cólera daquela que não avisou. 2.° Deve calar-se e deixar celebrar o casamento? Nesse caso, deve participar numa mistificação em que se aniquila na sua relação com ela. Talvez a estética não visse nisso inconveniente. A catástrofe poderia, então, produzir-se de maneira análoga à verdadeira, exceto a intervenção no último momento de uma explicação, embora tardia, visto que, para a estética, é necessário deixá-lo morrer: a menos que esta ciência fosse capaz de suspender a funesta profecia. No entanto, apesar da sua coragem, tal conduta implicaria uma ofensa para com a jovem e a realidade do seu amor. 3.° Deve falar? O nosso herói, é preciso não esquecê-lo, é um nadinha demasiado poeta para que a renúncia ao amor não signifique para ele outra coisa além de uma infeliz especulação comercial. Se fala, tudo se transforma numa desgraçada história de amor parecida com a de *Axel e Valborg.*[20] Temos então um par que o próprio céu separa. No entanto, no caso presente, a separação deve ser compreendida um pouco de outra maneira, visto que resulta do ato livre dos indivíduos. A extrema dificuldade dialética deste assunto resume-se em que a desgraça só deve atingir o noivo. Os amantes não têm, portanto, como Axel e Valborg termo comum para exprimir o seu sofrimento, já que o céu separa Axel e Valborg em igualdade de situações. Se tal fosse aqui o caso, poder-se-ia conceber uma saída. Porque o céu não recorre a uma potência visível para os separar, mas deixa-lhes esse cuidado, de modo que se poderia admitir que eles resolvem de comum acordo afrontar o céu e as suas ameaças.

No entanto a ética ordena ao noivo que fale. O seu heroísmo consiste, então, essencialmente em renunciar à magnanimidade estética, que, neste caso, não poderia ser suspeita da ponta de vaidade que oculta o secreto, porque ele deve ver claramente que causa a desgraça da jovem. A realidade desta coragem heróica

repousa, no entanto, num pressuposto que teve e suprimiu; porque no caso contrário não faltariam heróis em nossa época, na qual se elevou a um alto grau de virtuosismo a arte do falsário que realiza coisas grandiosas, saltando por cima das dificuldades intermediárias.

Mas para que serve este apontamento se eu me ocupo do herói trágico? Serve para lançar um pouco de luz sobre o paradoxo. Então tudo depende da relação entre o noivo e a predição, que de uma maneira ou de outra decide da sua vida. Esta é *publici juris?* É um *primatissimum?* A cena passa-se na Grécia; a predição do áugure é inteligível a todos; quero dizer que não somente podem apreender o conteúdo literal mas compreender ainda que um áugure anuncia ao indivíduo a vontade do céu. A profecia é pois perfeitamente compreensível, não somente para o herói, mas para todos, e não resulta daí nenhuma relação privada com a divindade. O noivo podia fazer o que quisesse, mas a predição cumprir-se-ia; nem agindo, nem abstendo-se poderá entrar numa relação estreita com a divindade; não chegará a ser o objeto nem da graça nem da cólera divinas. Cada um poderá compreender o efeito da predição tão bem como o herói, que não possui nenhuma carta secreta compreensível unicamente para ele.

Portanto, se quiser falar, pode fazê-lo comodamente, pois será compreendido por todos; e se prefere calar-se a razão é que, pelo fato de ser o Indivíduo, pretende colocar-se acima do geral para se alimentar com toda a espécie de quimeras acerca da forma como a noiva esquecerá rapidamente esses sofrimentos, etc. Pelo contrário, se a vontade do céu não tiver sido anunciada por um áugure, se entrou em relação com ele de uma maneira privada, e interveio na sua vida a título estritamente pessoal, estamos então em presença de um paradoxo, se aliás existe (porque o meu exame é dilemático) e não pode falar apesar do seu desejo. Então, bem longe de gozar em silêncio, suportará, ao contrário, um sofrimento que, de mais a mais,

lhe servirá de garantia de como a sua causa é bem fundada. O seu silêncio não teria, como motivo, a vontade de entrar como Indivíduo em uma relação absoluta com o *geral,* mas no fato de ter entrado como Indivíduo numa relação absoluta com o *absoluto.* Deste modo poderia, suponho, achar ali o repouso, enquanto seu magnânimo silêncio seria constantemente perturbado pelas exigências da ética. Seria bom que a estética tratasse alguma vez de começar por esta ilusória magnanimidade, ponto onde terminou durante tantos anos. Fazendo isto, trabalhará diretamente para o religioso: porque unicamente esta potência é capaz de salvar o estético na luta que trava com a ética. A rainha Isabel sacrificou o seu amor ao Estado ao assinar a sentença de morte de Essex. Foi um ato heróico, ainda que nele se misturasse um pouco de amor-próprio ofendido pela negligência de Essex em enviar o anel. Sabe-se, no entanto, que ele o havia feito, mas que o anel fora retido por uma mal-intencionada dama da corte. Diz-se que Isabel foi depois informada do fato, *ni fallor,*[21] manteve dez dias dentro da boca um dedo que mordia sem pronunciar palavra e depois morreu. Este rasgo seria um formoso tema para um poeta que fosse capaz de fazer descerrar os dentes; no caso contrário convém mais a um mestre de dança com quem o poeta se confunde hoje com freqüência.

Eis agora aqui um esboço no sentido do demoníaco. Para isso, utilizarei o conto de Inês e do tritão. Este é um sedutor que, surgindo do abismo onde tinha o esconderijo, no furor do desejo, agarrou e destruiu a inocente flor que, junto da margem, desabrochava na plenitude da sua graça e se inclinava, sonhadoramente, para o murmúrio das águas. Tal foi até o presente o tema do poeta; mas modifiquemos os dados. O tritão foi um sedutor; chamou Inês; as suas belas palavras fizeram nascer nela sentimentos desconhecidos; achou nele o que buscava, o que o seu olhar procurava nas profundezas das águas. Está pronta a segui-lo; o tritão toma-a nos braços; plena de confiança, abandona-se com toda a sua alma ao ser

mais forte; ele está já na margem, inclina-se sobre as águas, pronto a precipitar-se nelas com a sua presa... quando Inês o olha uma vez mais, sem receio, sem excitação, sem orgulho da sua felicidade, sem embriaguez do desejo, mas com uma completa fé, e toda a humildade da flor que ela é para ele; com uma absoluta confiança entrega-lhe nesse olhar, todo o seu destino. E, maravilha! O mar deixa de rugir; essa voz selvagem cala-se; e a natureza apaixonada que constitui a força do tritão abandona-o repentinamente, uma completa calma o envolve, e Inês continua a olhá-lo sempre com os mesmos olhos. Então o tritão deixa-se vencer, não pode resistir ao poder da inocência, o seu elemento é-lhe infiel, não pode seduzir Inês. Devolve-a ao seu mundo, explica-lhe que desejava somente mostrar-lhe o esplendor do oceano quando está tranqüilo, e Inês acredita nele. E o tritão regressa sozinho, o mar volta a desencadear a sua fúria, mas o desespero ainda ruge mais alto no seu coração. Podia seduzir Inês, cem que fossem, pode fascinar todas as jovens, mas Inês venceu e está perdida para ele. Só lhe pode pertencer como presa; é-lhe impossível entregar-se fielmente a uma rapariga, porque é apenas um tritão. Permiti-me uma pequena alteração neste ponto;[22] afinal também embelezei um pouco Inês; porque no conto ela não é completamente inocente e, além disso, há um *contra-senso,* bajulação ou ofensa a respeito do sexo feminino, ao imaginar uma história em que uma jovem não tem nada, absolutamente nada de que se censurar. Para modernizar um pouco o meu vocabulário, a Inês do conto é uma mulher ávida do interessante, e uma mulher como ela pode estar certa de que o tritão nunca se encontra muito longe; porque os sedutores até a conhecem, podemos mesmo dizê-lo, de olhos fechados, e lançam-se sobre ela como o tubarão sobre a presa. É uma palermice dizer, ou talvez seja um boato posto a correr por um tritão, que uma pretensa cultura preserva a jovem do sedutor. A vida é mais justa na sua igualdade para todos; o único recurso contra o sedutor é a inocência.

Concedamos agora ao tritão a consciência humana, e entendamos por condição de tritão uma preexistência humana na qual, como conseqüência, a vida se encontrou entravada. Nada impede que se converta em herói, porque o passo que agora efetua o redime. É salvo por Inês, o sedutor é vencido; inclinou-se perante o poder da inocência, nunca mais seduzirá. Mas neste preciso momento, duas potências o disputam: o arrependimento, e Inês com o arrependimento. Se apenas se apodera dele o arrependimento permanece oculto; mas se é este e Inês que dele se apoderam, então torna-se patente.

Se agora o tritão, presa do arrependimento, permanece dissimulado, faz seguramente a desgraça de Inês; porque ela ama-o com toda a sua inocência; acredita realmente que no momento em que lhe apareceu diferente a seus olhos, apesar do cuidado em esconder essa transformação, queria simplesmente mostrar-lhe o calmo encanto do mar. Mas o tritão torna-se então mais desgraçado, porque amou Inês com uma multidão de paixões e deve carregar com mais uma falta. O demônio do arrependimento intervém então para lhe fazer notar que esse é o seu castigo e que é tanto mais útil quanto mais o martiriza.

Se se abandona a esse demônio, talvez tente, uma vez mais, salvar Inês como se pode, em certo sentido, tentar salvar alguém por meio do mal. Sabe-se amado por Inês. Se pudesse libertá-la desse amor, de certo modo, ela ter-se-ia salvo. Mas como fazê-lo? O tritão está demasiado prevenido para contar com o desgosto que poderia inspirar a Inês uma confissão franca. Esforçar-se-á, talvez, por agitar nela todas as obscuras paixões da sua alma; enganá-la-á, rir-se-á dela, ridicularizará o seu amor e, se possível, excitar-lhe-á vivamente o orgulho. Não se furtará a nenhum tormento, porque essa é a contradição do demoníaco e, num sentido, há infinitamente mais qualidade num demônio que nos seres vulgares. Quanto mais egoísta for Inês, tanto mais fácil será enganá-la (porque unicamente as

pessoas de pouca experiência supõem fácil enganar a inocência; a vida tem infinitos recursos e o malvado não encontra dificuldade em subornar os seus iguais). Mas os sofrimentos do tritão duplicaram. Quanto mais habilidade emprega em enganá-la, tanto menos pudor terá Inês em ocultar-lhe os seu pensamentos; ela recorrerá a todos os meios e o resultado será não comover o tritão mas martirizá-lo.

Graças ao demoníaco, o tritão seria assim, o Indivíduo como tal, acima do geral. Como o divino, o demoníaco tem a propriedade de fazer entrar o Indivíduo em uma relação absoluta com ele. Tal é a sua analogia com o paradoxo, o seu reverso que oferece, por conseqüência, uma certa semelhança capaz de produzir uma ilusão. O tritão tem, deste modo, a prova aparente de que o seu silêncio está justificado, que sente todo o sofrimento. Todavia, é indubitável que pode falar. Pode então converter-se em um herói trágico e, a meu ver, sublime, se rompe o silêncio. Poucos há, sem dúvida, que compreendam por que é sublime a sua conduta.[23] Terá por conseguinte a coragem de se despojar de todas as ilusões acerca da sua capacidade de assegurar a felicidade de Inês, por meio dos seus artifícios; terá, do ponto de vista humano a coragem de partir-lhe o coração. Contentar-me-ei aqui, aliás, com uma simples nota psicológica. Quanto mais se haja Inês manifestado a si mesma, tanto mais deslumbrante será também sua ilusão; e até é concebível que possa suceder na realidade que um tritão, pela sua ruindade demoníaca e, para falar humanamente, não somente salve Inês, mas ainda extraia desta situação qualquer coisa de extraordinário; porque um demônio é hábil em suscitar forças para mesmo o mais débil ser agüentar os tormentos que impõe; e pode, à sua maneira, acalentar as melhores intenções a respeito de um ser humano.

O tritão encontrava-se num cume dialético. Se o arrependimento o salva do demoníaco, abrem-se na sua frente duas vias. Pode manter-se em guarda, permanecer no secreto, sem se apoiar, no entanto, na sua sabedoria. Então não entra como

Indivíduo em uma relação absoluta com o demoníaco mas encontra o repouso no contraparadoxo, segundo o qual a divindade salvará Inês. (Seria assim que a Idade Média efetuaria o movimento; porque, segundo a sua concepção, o tritão é manifestamente destinado ao claustro) Ou então pode ser salvo por Inês, no sentido em que o amor de Inês o poderia preservar, de agora em diante, de voltar a ser um sedutor (tentativa estética de salvação que ilude sempre o essencial, a continuidade da vida do tritão); com efeito, deste ponto de vista, salva-se na medida em que a sua vida de dissimulado se tornou patente. Casa-se então com Inês. Mas é-lhe necessário recorrer ao paradoxo. Efetivamente quando o Indivíduo saiu, por culpa sua, do geral, só pode regressar entrando como Indivíduo em uma relação absoluta com o absoluto. Quero fazer aqui observação que se ligará a tudo o que a precede.[24] O pecado não é uma imediatidade primeira, mas uma imediatidade ulterior. No pecado, o Indivíduo encontra-se já, no sentido do paradoxo demoníaco, acima do geral; porque há, por parte do geral, contradição ao exigir a sua própria realização daquele a quem falta a *conditio sine qua non.* Se a filosofia pensasse, entre outras coisas, que o homem poderia agir de acordo com os seus ensinamentos, disso adviria uma singular comédia. Moral que ignora o pecado é ciência perfeitamente vã; mas se o admite, encontra-se por tal fato fora da sua esfera. A filosofia ensina que o imediato deve ser suprimido. Sem dúvida: mas não é exato dizer que o pecado, como a fé, é, sem outra explicação, o imediato.

Enquanto me movo nestas esferas, tudo vai sem dificuldades; mas então o que digo não explica Abraão; porque não se tornou o Indivíduo pelo pecado, visto que era, pelo contrário, o homem justo, o eleito de Deus. A analogia com Abraão só surgirá quando o Indivíduo for capaz de realizar o geral; então repete-se o paradoxo.

Posso, pois, compreender os movimentos do tritão, enquanto Abraão resulta ininteligível, porque é justamente pelo paradoxo que o tritão chega a realizar o geral. Se, com efeito, permanece no secreto e

sofre todos os tormentos do arrependimento, converte-se então em um demônio e, como tal, se aniquila. Se permanece no secreto, mas considera imprudente trabalhar para a libertação de Inês, suportando o martírio na escravidão do arrependimento, encontra, sem dúvida, a paz, mas está perdido para este mundo. Se se tornar patente e se se deixar salvar por Inês, será então o maior homem que posso conceber; porque a estética é a única a supor, na sua leviandade, que avalia exatamente o poder do amor, ao conceder a um homem perdido o amor de uma inocente jovem que assim o redime; unicamente a estética comete o erro de chamar a Inês uma heroína, quando o epíteto se deve aplicar ao tritão. Este não pode pertencer a Inês, a menos que, depois de ter realizado o movimento infinito do arrependimento, efetue um outro, o movimento em virtude do absurdo. Pode, pelo seu próprio esforço, efetuar o primeiro, mas para nele se esgotar; por isso mesmo é-lhe impossível regressar ao seu estado anterior e apreender toda a realidade. Se não tem bastante paixão, se não se efetua nem um nem outro destes movimentos, se se malbarata a vida com um ou outro arrependimento supondo que o resto se encaminhará por si próprio, então renunciou-se, de uma vez para sempre, a viver na idéia; pode-se facilmente, chegar ao ponto crucial e aí conduzir os outros; quer dizer, enganar-se a si e aos outros na ilusão de que o mundo do espírito é como um jogo de cartas ou de dados, onde é necessário enganar o parceiro. É, pois, permitido, achar divertido e singular que numa época em que cada um é capaz das coisas mais grandiosas, possa estar tão espalhada a dúvida sobre a imortalidade da alma; porque se apenas, mas realmente, se realizou o movimento do infinito, de forma alguma se justifica a dúvida. As conclusões da paixão são as únicas dignas de fé, as únicas provas. Felizmente a vida é muito mais fiel e piedosa do que dizem os sábios, porque não exclui ninguém, nem mesmo os mais humildes; e não engana seja quem for porque, no mundo do espírito, só é enganado quem se

engana a si próprio. Seguindo a opinião geral e igualmente a minha, se me é permitido supô-lo, a suprema sabedoria não é entrar no convento; mas não pretendo, ao dizer isto, afirmar que hoje em dia, porque ninguém já para lá vai, o primeiro que aparece seja superior às almas profundamente sérias que aí encontravam o repouso. Quantos têm hoje a paixão necessária para meditar neste problema e se julgarem a si próprios com toda a sinceridade? Só a idéia de tomar consciência do fardo do tempo, assumindo a responsabilidade de perscrutar incansavelmente todo o secreto pensar, só por ela, se não se realiza a todo o instante o movimento em virtude do que de mais nobre e sagrado há no homem, pode descobrir-se[25] com horrível angústia, e se não de outra maneira ao menos pela angústia, pode suscitar-se o obscuro impulso que se oculta em toda a vida humana. Ao mero viver na companhia dos semelhantes escapa e se oblitera tal responsabilidade, é-se mantido à superfície e encontra-se toda a oportunidade do reiterado engano. Apenas esta idéia, concebida com o respeito conveniente, me parece capaz de disciplinar muitos contemporâneos que crêem ter já atingido o ponto mais alto. Mas pouco importam tais considerações nos nossos dias porque se supõe ter alcançado a suprema sabedoria, ainda que em nenhuma outra época se tenha caído tanto no cômico como nesta. Como se compreende que não haja ainda engendrado, por *generatio aequivoca* o seu herói, o demônio que representará inexoravelmente o terrível drama de fazer rir toda a época sem que esta se aperceba que se ri de si própria? Não merece a vida que dela se riam quando aos vinte anos já se alcançou a suprema sabedoria? E, que outro movimento mais nobre encontrou o nosso tempo desde que se deixou de ir para o convento? Não se tratará aqui de uma execrável fraqueza radical a que propende a fazer acreditar aos homens que realizaram a mais grandiosa tarefa impedindo-os, perfidamente, de intentar outras mais modestas? Quando se efetuou o movimento do claustro, não resta senão um, o do absurdo. Quantos, em nossos dias,

compreendem o que é o absurdo; quantos vivem tendo renunciado a tudo ou tudo tendo obtido; quantos têm a franqueza de reconhecer o que podem e aquilo de que não são capazes? E se acaso um se encontra, não é sobretudo entre as pessoas de menor cultura e principalmente entre as mulheres? Um demoníaco manifesta-se sempre sem se compreender; igualmente o tempo revela a sua falta em uma espécie de *Clarividência* pois exige sempre e constantemente o cômico. Se verdadeiramente fosse esse o seu desejo, poder-se-ia representar uma nova peça na qual se votasse ao ridículo um personagem que morre de amor; mas não seria de maior proveito para a época que o acontecimento se verificasse à nossa frente, perante os nossos olhos para, finalmente, ela ter a coragem de acreditar no poder do espírito, ter a valentia de não liquidar covardemente o que de melhor em nós existe, não o afogando ciosamente nos outros com o riso? Seria de fato necessária à nossa época a ridícula aparição de um profeta para ter um motivo de riso? Não lhe seria muito mais necessário que um tal exaltado lhe recordasse tudo aquilo que caiu no esquecimento? Se alguém quisesse elementos para semelhante peça, que se tornaria aliás mais emocionante sem a paixão do arrependimento, poder-se-ia utilizar o relato do livro de Tobias. O moço Tobias deseja desposar Sara, filha de Raquel e de Edna. Porém a jovem vive sob o signo de triste fatalidade. Já foi dada a sete esposos e todos sucumbiram na câmara nupcial. Para mim, é este o ponto débil do relato, porque o efeito cômico torna-se inevitável quando se pensa nas sete vãs tentativas de matrimônio dessa jovem, sete vezes prestes a resultar; é como o estudante que esteve por sete vezes quase a ser aprovado em um exame. Mas no livro de Tobias o tom da narrativa é muito diferente e daí o recurso ao elevado número de sete para lhe dar um aspecto trágico; porque a nobreza do jovem Tobias é tanto maior quanto, por um lado, é filho único e, por outro, tem a defrontar um tão grande motivo de temor. É, por conseguinte, mister afastar esse dado. Sara

é, portanto, uma jovem que nunca amou; conserva ainda essa felicidade da rapariga que constitui, de certo modo, o seu precioso título de prioridade na vida, o seu *Vollmachtbrief zum Glücke,*[26] ela ama um homem com todo o seu coração. É, no entanto, a mais infeliz de todas as jovens porque, e ele sabe-o, o execrável demônio seu enamorado pretende matar-lhe o noivo na noite de núpcias. Tenho lido muitas histórias tristes; mas duvido que possa haver, em qualquer outra parte, tristeza comparável à da vida desta rapariga. No entanto, quando a desgraça vem de fora, ainda se pode encontrar alguma consolação. Se a vida não oferece a alguém o objeto da sua felicidade, esse resigna-se pensando que poderia tê-la recebido. Mas a insondável tristeza que o tempo jamais poderá dissipar e curar, a tristeza de saber que não há salvação, ainda que a vida o cumule de favores! Um autor grego oculta um mundo de pensamentos nestas palavras, tão simples e ingênuas: *Porque nunca alguém escapou ou escapará ao amor enquanto houver beleza e olhos para ver (Longi Pastoralia,* Prólogo, 4). Muitas jovens foram desgraçadas no amor, *mas vieram a sê-lo;* Sara *foi-o* antes de chegar a sê-lo. É duro não obter aquele a quem nos podemos entregar, mas é *indizivelmente* duro não nos podermos entregar. Uma jovem dá-se, mas logo se afirma que deixou de ser livre; porém Sara nunca foi livre, se bem que jamais se tenha entregado. É cruel para uma rapariga ser enganada depois de se ter dado, mas Sara foi enganada antes de se ter dado. Que mundo de tristeza não há em perspectiva quando Tobias quer a todo o custo desposar Sara! Que cerimônias, que preparativos! Nenhuma outra jovem foi enganada como Sara; porque viu arrebatarem-lhe a suprema felicidade, absoluta riqueza que é o dote mesmo da mais pobre noiva; viu-se privada da oferta de si própria à qual nos abandonamos com uma confiança sem limites, inesgotável, desenfreada; porque foi necessário antes de tudo fazer subir o fumo colocando o coração e o fígado do peixe em cima de carvões ardentes *(Tobias,* Cap. 8). E qual não será a separação da

mãe e filha, quando esta, desiludida de tudo, deve, ainda, como conseqüência, privar a mãe da sua mais bela esperança. Leia-se o relato. Edna preparou o quarto nupcial; para aí conduz Sara; chora e recolhe as lágrimas de Sara. *Coragem minha filha!* diz-lhe. *Que o Senhor do céu e da terra transmude essa tristeza em alegria! Coragem minha filha!* E leia-se ainda a narração do momento das núpcias, se as lágrimas não velarem os olhos: *mas quando ambos ficaram sós, Tobias levantou-se da cama e disse-lhe: levanta-te, minha irmã! e oremos ao Senhor* para que tenha piedade de nós (8,4).

Se um poeta lesse esta história e nela se inspirasse, aposto, cem contra um, em como poria todo o acento no jovem Tobias. Veria um belo tema neste heroísmo em que se arrisca a vida num perigo tão evidente e que a história recorda uma vez mais, porque no dia seguinte ao do casamento, Raquel diz a Edna: *envia uma serva para verificar se ele está morto, para que, no caso de ter morrido, eu o enterre e ninguém saiba de nada* (8,13). Permito-me, no entanto, propor outra coisa. Para um cavaleiro de coração bem temperado, Tobias age valorosamente, e quem não possui tal valor é um poltrão tão ignorante do amor como da sua verdadeira condição de homem. Não sabe o que vale a pena viver-se nem sabe compreender este pequeno mistério: que mais vale dar que receber. Não tem nenhuma idéia da grandeza deste pensamento: que é muito mais difícil receber que dar, quando, bem entendido, se teve a coragem de aceitar a privação sem chegar a perder a coragem no instante da angústia. Não, a heroína deste drama é Sara. É dela que me quero aproximar, como nunca antes me aproximei de jovem alguma ou tive em meu espírito desejo de me aproximar daquelas de quem já li a história. Pois quanto amor a Deus não é preciso para se querer deixar curar, quando assim se é, desde o princípio, desgraçada, sem que qualquer falta o justifique, quando se é desde o primeiro momento um exemplar malogrado da humanidade ! Quanta maturidade moral não é necessária para assumir a responsabilidade de permitir ao ser

amado um semelhante esforço! Quanta humildade perante o próximo! Quanta fé em Deus para não odiar no instante a seguir aquele a quem tudo se deve!

Suponhamos que Sara é um homem; temos então o demoníaco. Uma nobre e altiva natureza pode suportar tudo, salvo uma coisa, a compaixão. Pois ela implica ofensa tal que só um poder superior lha pode infligir, porque por *sua própria vontade* nunca consentirá em ser objeto dela. Se pecou, então pode suportar o castigo sem se desesperar, mas o que não pode aceitar é estar reservado desde o seio da mãe, sem que haja cometido falta, a tornar-se a vítima oferecida à compaixão, um doce perfume para as suas narinas ! A compaixão tem uma curiosa dialética: num dado instante reclama a falta, no seguinte já não a quer. Também a situação do Indivíduo predestinado à compaixão se torna cada vez mais terrível à medida que o seu infortúnio se desenvolve no sentido espiritual. Mas Sara não é culpada; foi lançada para o meio do sofrimento e deve ainda sofrer o martírio da compaixão humana, porque mesmo eu, que a admiro mais do que Tobias a pode ter amado, mesmo eu não posso pronunciar o seu nome sem exclamar: desgraçada! Ponham um homem no lugar de Sara. Que ele saiba que, ao amar, um espírito infernal virá matar a bem amada na noite de núpcias; poderia então suceder que escolhesse o demoníaco; encerrar-se-ia então em si próprio e diria, de acordo com uma natureza demoníaca: *Obrigado, não me agradam cerimônias e formalidades, não tenho a menor intenção de solicitar o prazer do amor porque posso converter-me num Barba Azul e encontrar a alegria em ver morrerem as jovens na noite de núpcias.* Geralmente, nunca se ouve falar do demoníaco ainda que, sobretudo em nossos dias, esse domínio tenha direito a ser explorado, e mesmo que o observador, se acaso sabe manter alguma relação com o demoníaco, possa utilizar qualquer homem, pelo menos, por instantes. Shakespeare é e será, a este respeito, um herói. Esse demônio cruel, essa figura, a mais

demoníaca que ele apresentou com incomparável maestria, esse Gloster (mais tarde Ricardo III), que é que fez dele um louco? Foi manifestamente recusar-se à compaixão a que fora votado desde a infância. O seu monólogo do primeiro ato de *Ricardo III* vale mais que todos os sistemas de moral sem sombra dos terrores da vida ou do seu significado:

I, that am rudely stamp'd and want love's majesty;
To strut before a wanton ambling nymph;
I, that am curtail'd of this fair proportion,
Cheated of feature by dissembling nature,
Deformed, unfinish'd, sent before my time
Into this breathing world, scarce half made up,
And that so lamely and unfashionable,
That dogs bark at me, as I hait by them.[27]

Não se pode salvar naturezas como a de Gloster fazendo-as passar, pela mediação, à idéia de sociedade. A ética zomba realmente destes homens como se riria de Sara se então lhe dissesse: *Por que não exprimes tu o geral e te casas?* Estas naturezas têm raízes no paradoxo; de forma alguma são mais imperfeitas que as outras, a não ser o estarem ou perdidas no paradoxo demoníaco ou salvas no paradoxo divino. Sempre se quis olhar para as bruxas, duendes, gnomos, etc., como se fossem monstros, ora é inegável que à vista de um monstro todos nós somos levados a referir a impressão que nos causa a uma depravação moral. Que cruel injustiça! Melhor seria acusar a vida de haver ela própria depravado esses seres como madrasta que desnatura as crianças que não são seus filhos. O fato de se estar originalmente colocado fora do geral, por natureza ou por conseqüências da história, constitui o princípio do demoníaco, e o Indivíduo não é responsável. O juiz de Cumberland é igualmente um demônio, ainda que praticando o bem. O demoníaco pode, ainda, manifestar-se pelo desprezo para com os homens, e, coisa curiosa,

esse desprezo não leva o sujeito demoníaco a agir de forma censurável, porque, pelo contrário, tira a sua força da certeza de que é melhor do que todos os seus juizes. A respeito destes temas, os poetas deveriam dar, sem demora, o alarme. Sabe Deus quais são as leituras dos nossos jovens poetastros! Os seus estudos consistem, na maior parte, em decorar rimas. Sabe Deus qual o seu papel na vida! Neste momento ignoro se prestam algum outro serviço além de administrar a prova edificante da imortalidade da alma; porque pode repetir-se a seu respeito, para nos consolarmos, o que dizia Baggesen acerca do poeta Kildevalle: *Se chega a ser imortal, então todos nós o havemos de ser.* O que disse a respeito de Sara, referindo-me sobretudo à produção poética e portanto, segundo o aspecto imaginativo, adquire o seu completo sentido quando, guiados pelo interesse psicológico, aprofundamos a velha máxima: *nullum unquam exstitit magnum ingenium sine aliqua dementia.*[28] Esta loucura é o sofrimento do gênio na vida. Traduz, por assim dizer, o ciúme divino, enquanto que o geral exprime a sua predileção. O gênio encontra-se assim, desde o princípio, desorientado perante o geral e colocado em presença do paradoxo, ou porque no desespero da sua limitação que transforma, a seus olhos, a onipotência em impotência, procura o apaziguamento demoníaco e por conseguinte não quer confessá-lo nem a Deus nem aos homens, ou porque encontra uma paz religiosa no amor que consagra à divindade! Há aí, ao que me parece, problemas psicológicos a que se poderia alegremente dedicar a vida toda; no entanto, raro é dedicar-lhe uma só palavra. Em que consiste a relação entre a loucura e a genialidade? Pode deduzir-se uma da outra; mas em que sentido e em que medida o gênio é senhor da loucura? Pois se torna evidente, que aquele a governa até certo ponto, porque de outra maneira seria verdadeiramente um louco. Estas observações, porém, implicam muita sutileza e amor, porque é muito difícil observar o que nos é superior. Se alguém dirigisse a atenção neste sentido quando lê certos autores, entre os mais

representativos do gênio, talvez lhe fosse possível, mas raramente e com muito trabalho, obter um pouco de luz.

Examinarei ainda o caso de um Indivíduo que quer salvar o geral com o seu mistério e o seu silêncio. Utilizarei, para isso, a história de *Fausto.* Este é um *incrédulo,*[29] um apóstata do espírito; segue a voz da carne. Assim pensam os poetas, e enquanto se continua repetindo que cada época tem o seu Fausto, eles renovam-se incessantemente percorrendo a mesma trilha da vereda. Realizemos uma pequena alteração: Fausto é um incrédulo *por excelência;* mas é uma natureza simpática. De resto, à concepção goethiana do Fausto falta, do meu ponto de vista, profundidade psicológica quando se entrega às secretas considerações sobre a dúvida. Nos nossos dias, em que todos vivemos a dúvida, nenhum poeta deu ainda um passo nesta direção. Oferecer-lhes-ia de boa vontade, o papel das obrigações da Coroa, para nele escreverem a imensa experiência que têm sobre tal matéria; mas não chegariam a cobrir a pequena margem da esquerda.

Assim é mister repor Fausto em si próprio para que a dúvida se apresente de uma forma digna da poesia; e o leve mesmo a descobrir, na realidade, todos os sofrimentos que a dúvida comporta. Sabe então que o espírito conduz o mundo, mas que a segurança e a alegria em que vivem os homens não repousam no poder do espírito, mas muito simplesmente se explicam por uma beatitude isenta de reflexão. Como incrédulo, como o incrédulo, está acima de tudo isto, e se alguém pensa enganá-lo levando-o a acreditar que percorreu toda a via da dúvida, não tem muito trabalho em descobrir a mentira, porque quando se realizou um movimento no mundo do espírito, quer dizer um movimento infinito, pode-se reconhecer imediatamente pela réplica, se sai da boca de um homem experimentado ou da de um Münchhausen. Seguro da sua dúvida, Fausto sente-se capaz das proezas de um Tamerlão com os Hunos; sabe que pode obrigar as pessoas a gritarem de espanto, fazer vacilar o mundo

sob os seus pés, desunir os homens e por toda a parte fazer estalar gritos de angústia. E se chega a isso, não é todavia um Tamerlão, porque está autorizado pelo pensamento. Mas Fausto é uma natureza simpática, ama o mundo, a sua alma não conhece a inveja, vê que não pode deter o furor que é capaz de desencadear, não procura nenhuma honra aerostática e cala-se; esconde a dúvida na sua alma mais cuidadosamente que uma jovem esconde em seu seio o fruto do amor culpado; procura caminhar, quanto possível, no mesmo passo dos outros; mas o que sente, consome-o consigo próprio e assim se entrega ao sacrifício pelo geral.

Ouvem-se, por vezes, pessoas que se lamentam ao verem um excêntrico provocar o turbilhão da dúvida: *Se pelo menos não tivesse dito nada!,* exclamam. Quando se sabe o que significa viver do espírito da dúvida, e que o incrédulo é tão esfomeado do pão cotidiano da vida como do alimento espiritual.

Se bem que o sofrimento de Fausto seja um excelente argumento para mostrar que não estava possuído pelo orgulho, recorrerei, ainda assim, a uma pequena demonstração fácil de perceber. Chamou-se a Gregório de Rimini *tortor infantium,*[30] porque admitia a danação das crianças; pela mesma razão poderia estar tentado em intitular-me *tortor heroum,* porque sou muito hábil em mandar os heróis para a tortura. Fausto vê Margarida antes de ter optado pelo prazer, porque o meu Fausto de maneira alguma o escolhe; vê Margarida, não no côncavo espelho de Mefistófeles mas em toda a sua amável inocência; e como conserva na alma o amor pela humanidade, pode perfeitamente enamorar-se da jovem. Mas ele é incrédulo e a dúvida destrói-lhe a realidade; porque o meu Fausto liga-se de tal forma à idéia que não pertence a esses sábios incrédulos que do alto das suas cátedras reservam uma hora por semestre para duvidar, e durante todo o tempo restante podem fazer qualquer outra coisa, e fazê-lo com ou sem o recurso do espírito. É incrédulo, e o incrédulo é tão esfomeado do pão cotidiano da alegria

como do alimento do espírito. No entanto, permanece fiel à sua resolução e cala-se; não comunica a ninguém a sua dúvida e muito menos o seu amor a Margarida.

Claro que Fausto é uma figura demasiado ideal para se contentar com a tolice de que, se falasse, não faria senão ocasionar uma banal discussão, que o assunto não teria conseqüências ou qualquer outra insensatez. (Aqui qualquer outro poeta verá facilmente o cômico latente deste tema em que Fausto é comparado ironicamente a esses fátuos de baixo estofo que, na nossa época, correm atrás da dúvida, e mostram para os espectadores que duvidaram realmente, exibindo, por exemplo, um atestado de um médico, jurando que duvidaram de tudo ou ainda dando, como prova, um encontro com um incrédulo no decurso de alguma viagem, tema em que Fausto é comparado a esses velozes mensageiros que percorrem, a toda a pressa, o mundo do espírito, que com toda a presteza descobrem nuns a suspeita da dúvida, noutros uma suspeita de fé, e atuam da melhor forma possível, de acordo com o auditório que ora exige areia fina, ora grossa.) Fausto é uma figura demasiado ideal para comportar tais misérias. Sem uma paixão infinita, não se pertence à idéia, e quando se possui uma, desde há muito se salvou a alma de tais tolices. Cala-se para se sacrificar, ou fala sabendo que provocará uma confusão geral.

Se guarda silêncio, a moral condena-o; diz ela, com efeito: *Deves confessar o geral, e é ao falar que o consegues; não deves sentir compaixão por ele.* Não se deveria perder de vista esta frase quando se julga severamente um incrédulo, porque ele fala. Não estou inclinado à indulgência perante semelhante atitude, mas aqui, como em qualquer parte, interessa que os movimentos se efetuem realmente. No pior dos casos, e apesar de toda a desgraça que pode espalhar pelo mundo falando, um incrédulo é, todavia, muito preferível a essas astutas bocas miseráveis que aprovam tudo e intentam aclarar a dúvida sem conhecê-la, e por conseguinte

constituem, em geral, a primeira ocasião que faz surgir a dúvida em um selvagem e irresistível impulso. Se fala, semeia a confusão; porque se assim não suceder, só o saberá depois, e o resultado não traz nenhuma ajuda, nem no momento de agir, nem a respeito da responsabilidade.

Se afronta a responsabilidade de se calar, pode, neste caso, agir nobremente, mas acrescentará então à dor existente um ligeiro matiz de ansiedade, porque o geral atormentá-lo-á constantemente e dir-lhe-á: *deverias ter falado; onde encontras a certeza de que a tua resolução não foi inspirada por oculto orgulho?*

Pelo contrário, se o incrédulo é capaz de se converter no Indivíduo, que como tal entra em relação absoluta com o absoluto, pode estar autorizado a calar-se. Neste caso deve considerar a sua dúvida como uma falta. Encontra-se no paradoxo, mas supera a dúvida, ainda que outra possa suscitar-se.

Até o Novo Testamento aprovaria um tal silêncio. Encontram-se aí passagens que preconizam a ironia, exceto quando se trata de esconder alguma coisa de melhor. No entanto, este movimento da ironia fundamenta-se, tal como qualquer outro, na superioridade do subjetivo sobre o real. Acerca disto nada hoje se pretende saber; sobretudo recusando-se a conhecer sobre a ironia mais do que Hegel disse a seu respeito. Porém ele nada dela compreendia e votava-lhe, mesmo, algum rancor, o que aliás o nosso tempo tem boas razões para imitar, uma vez que dela se guarda cuidadosamente. Lê-se no Sermão da Montanha: *quando jejuas, unge a cabeça e lava o rosto, a fim de que os homens não vejam que jejuas.* Esta passagem assinala nitidamente que a subjetividade é incomensurável com a realidade, a qual até lhe é lícito enganar. Se as pessoas que, nos nossos dias, vão lançando palavras ao vento a respeito da idéia de comunidade se dessem somente ao trabalho de ler o Novo Testamento, talvez pensassem de outra maneira.

Vejamos, qual foi a conduta de Abraão? Por que não esqueci,

tenham a bondade de recordar, que, se me deixei levar por todas as considerações precedentes, foi para regressar a Abraão: isso não permitirá compreender melhor Abraão, mas fazer girar em todos os sentidos a impossibilidade de o compreender; porque, volto a repeti-lo, ele é-me ininteligível e apenas posso admirá-lo. Também se notou que, nos estádios analisados, não se encontra nenhuma analogia com Abraão; devolvi esses exemplos simplesmente para que, processando-se sempre nas suas próprias esferas, pudessem no devido momento indicar, de alguma maneira, as fronteiras do país desconhecido. Se pudesse tratar-se de uma analogia só o seria referida ao paradoxo do pecado; mas este pertence, por sua vez, a outro nível, muito mais fácil de explicar que Abraão, mas que não o pode explicar.

Abraão guardou, pois, silêncio; não falou a Sara, a Eliezer, nem a Isaac, desprezou as três instâncias morais porque a ética não tinha, para ele, mais alta expressão que a vida em família.

A estética autorizava e exigia mesmo, do Indivíduo, o silêncio quando, ao calar-se, pode salvar alguém. Isto mostra já que Abraão não se encontra no domínio estético. Não mantém o silêncio para salvar Isaac, e além disso toda a sua missão, que é de o sacrificar por Deus e por si próprio, é um escândalo para a estética; porque ela admite que me sacrifique a mim próprio, mas não que sacrifique um outro por mim próprio. O herói estético manter-se-ia silencioso. No entanto a ética condena-o, porque se calou em virtude do seu caráter acidental de Indivíduo. Foi a sua previsão humana que determinou o silêncio: eis o que a ética não pode perdoar, porque todo o saber humano deste gênero não passa de ilusão; a ética exige um movimento infinito, requer a manifestação. O herói estético pode portanto falar, mas recusa-se a fazê-lo.

O verdadeiro herói trágico sacrifica-se ao geral com tudo o que lhe é próprio: os seus atos, todos os seus impulsos pertencem ao geral; está manifesto e nessa manifestação é o filho bem amado de

ética. A sua situação não se aplica a Abraão, que nada fez pelo geral e permanece no secreto.

Estamos então em presença do paradoxo. Ou o Indivíduo pode, como tal, estar em relação absoluta com o absoluto, e nesse caso a moralidade não é o supremo estádio, ou então Abraão está perdido; não é um herói nem trágico nem estético.

Nestas condições pode parecer que nada é mais fácil do que o paradoxo. Torna-se-me então necessário repetir que, se cremos nisso firmemente, não se é cavaleiro da fé, porque a única legitimação concebível é a tribulação e a angústia, ainda que não se lhe possa dar uma acepção geral, porque então suprime-se o paradoxo.

Abraão cala-se... porque não *pode* falar; nesta impossibilidade residem a tribulação e a angústia. Porque, se não me posso fazer compreender, não falo, mesmo se discurso noite e dia sem interrupção. Tal é o caso de Abrãao; pode dizer tudo, exceto uma coisa, e quando não pode dizê-la de maneira a fazer-se entender, não fala. A palavra, que permite traduzir-me no geral, é um apaziguamento para mim. Abraão pode dizer as coisas mais formosas a respeito de Isaac de que uma língua é capaz. Mas no seu coração guarda uma coisa muito diferente; esse algo mais profundo, que é a vontade de sacrificar o filho porque é uma prova. Não podendo ninguém compreender este último ponto, podem, no entanto, equivocar-se todos quanto ao primeiro. O herói trágico ignora tal tribulação. Antes de tudo, tem o consolo de dar satisfação a cada contra-argumento — de poder oferecer a Clitemnestra, a Ifigênia, a Aquiles, ao coro, a qualquer voz que surja do coração da humanidade, a qualquer pensamento capcioso ou angustiado, acusador ou compassivo, a ocasião de se erguer contra ele. Está seguro de que tudo o que se pode dizer em seu desfavor foi formulado sem consideração nem piedade — e há uma consolação em lutar contra o mundo inteiro, um terrível assombro em lutar contra si próprio...; não receia ter omitido algum argumento nem ter

de gritar em seguida, como o rei Eduardo IV, ao tomar conhecimento da morte de Clarence:

Quem pediu em seu favor? Quando eu estava enfurecido, quem se ajoelhou e me rogou que refletisse? Quem me falou de fraternidade? Quem me falou de amor?

O herói trágico não conhece a terrível responsabilidade da solidão. Mais ainda, tem a consolação de poder chorar e lamentar-se com Clytemnestra e Ifigênia, e as lágrimas e os gritos apaziguam; mas os suspiros indizíveis são um martírio.

Agamêmnon pode recolher rapidamente a sua alma na certeza de que quer agir; mas tem ainda tempo para consolar e reconfortar. Abraão não pode fazê-lo. Quando o seu coração está comovido, quando as suas palavras vão ser uma ajuda para o mundo inteiro, não ousa consolar, porque Sara, Eliezer e Isaac dir-lhe-iam: *Por que é que queres fazer isso? Podes dispensar-te de realizá-lo.* E se na sua angústia quisesse tomar um pouco de alento, abraçar os seres queridos antes de dar o último passo, arriscar-se-ia a provocar a terrível acusação de hipocrisia formulada por Sara, Eliezer e Isaac, escandalizados com a sua conduta. Não pode falar. Não é sua nenhuma linguagem humana. Mesmo se soubesse todas as que existem na terra, mesmo se os seres queridos o compreendessem, não poderia falar. A sua linguagem é divina, *fala as línguas.*

Posso muito bem compreender esta tribulação, posso admirar Abraão, não receio que se tenha, perante esta narrativa, a tentação de querer de ânimo leve ser o Indivíduo, mas confesso que não tenho essa coragem e que renuncio com alegria a qualquer oportunidade de ir mais longe, se acaso fosse possível lá chegar, ainda que fosse demasiado tarde. Abraão pode romper em qualquer momento, arrepender-se de tudo, como de uma crise; então pode falar, ser compreendido por todos... mas já não é Abraão.

Ele não *pode* falar, pois não pode fornecer a explicação definitiva (de forma a ser inteligível) de que se trata duma prova;

mas, o que é notável, uma prova em que a moral constitui a tentação. O homem em semelhante situação é um emigrante da esfera do geral. Pode ainda menos dizer o que se segue. Com efeito realiza dois movimentos, como se demonstrou suficientemente; o da resignação infinita, em que renuncia a Isaac, o que ninguém pode compreender, porque é um assunto privado; mas efetua, além disso, a todo o instante, o movimento da fé, e aí reside a sua consolação. Com efeito, diz: não, isso não sucederá e se suceder, o Eterno devolver-me-ia Isaac, em virtude do absurdo. O herói trágico visiona, pelo menos, o fim da história. Ifigênia inclina-se perante a decisão do pai; realiza o movimento infinito da resignação, e, pai e filha, ficam, então de perfeito acordo. Ela pode compreender Agamêmnon, cuja conduta exprime o geral. Mas se ele lhe dissesse: *Ainda que Deus te reclame um sacrifício, seria possível, em virtude do absurdo, que não o exigisse,* tornar-se-ia então incompreensível para a filha. Se pudesse dizê-lo em função de humanos cálculos, Ifigênia compreendê-lo-ia; mas resultaria disso que Agamêmnon não teria efetuado o movimento da resignação infinita, e não seria, nesse caso, um herói, e a predição do áugure resulta uma banal história de marinheiros e toda a história uma comédia.

Portanto Abraão não falou. Dele apenas foi conservada uma única frase, a única resposta dada a Isaac que prova suficientemente que nada dissera anteriormente. Isaac pergunta ao pai onde está o cordeiro para o sacrifício. Abraão responde: *Meu filho, Deus prover-se-á ele próprio do cordeiro para o holocausto.*

Compete-me examinar um pouco mais de perto esta última frase. Sem ela faltaria qualquer coisa à narrativa; se fosse diferente, talvez tudo se reduzisse a confusão.

Freqüentes vezes tenho perguntado a mim próprio em que medida um herói trágico, no cúmulo do sofrimento ou no máximo da ação, deve pronunciar uma última réplica. A resposta, parece-me, depende da esfera da vida à qual ele pertence, do grau de

importância intelectual da sua vida, da relação que o seu sofrimento, ou a sua ação, mantém com o espírito.

É evidente que no instante da suprema tensão, o herói trágico pode, como qualquer outro que tenha o uso da palavra, dizer algumas frases talvez mesmo apropriadas. Mas trata-se de saber em que medida é adequado pronunciá-las. Se a importância da vida reside num ato exterior, nada tem a dizer, e tudo o que disser são apenas vãs palavras com o que apenas enfraquece a impressão que dá de si próprio quando o cerimonial trágico lhe ordena realizar a tarefa em silêncio, quer consista numa ação ou em um sofrimento. Para não me alongar mais, contentar-me-ei em analisar o que se apresenta. Se fosse Agamêmnon a puxar da faca sobre Ifigênia em lugar de Calcas, ter-se-ia diminuído ao pronunciar algumas palavras no momento supremo, porque o sentido da sua ação a todos se tornava notório; o processo da piedade, da compaixão, do sentimento, das lágrimas estava cumprido, e, para além disso, a sua vida não mantinha nenhuma relação com o espírito; quero dizer que não era um mestre ou testemunha do espírito. Pelo contrário, se o significado da vida do herói é de ordem espiritual, a falta de réplica debilitaria a impressão que deve produzir. Não tem necessidade de declamar alguma frase de circunstância, qualquer pequena tirada; a importância da réplica consiste em realizar toda a sua personalidade no instante decisivo. Este herói trágico intelectual deve ter e guardar a última palavra, o que freqüentemente se procura dar de forma cômica. Exige-se dele a mesma atitude transfigurada que incumbe a todo o herói trágico adotar, mas, além disso, exige-se-lhe uma frase. Portanto se esse herói trágico chega ao ponto culminante do sofrimento (na morte), converte-se então com esta última frase, antes de morrer, em imortal; enquanto pelo contrário, o herói trágico vulgar só consegue sê-lo depois de morrer.

Tomemos Sócrates como exemplo. É um herói trágico intelectual. A condenação à morte é-lhe anunciada. Nesse instante,

morre; porque se não compreendemos que é necessária toda a força do espírito para morrer e que o herói trágico morre sempre antes de morrer, não se irá muito longe na concepção da vida. O repouso em si é solicitado a Sócrates como herói; mas, como herói trágico intelectual, ainda lhe é exigido que, no último momento, tenha a força de alma de se realizar por si próprio. Não pode, portanto, como o herói vulgar, recolher-se, permanecendo frente à morte, mas deve efetuar esse movimento com tanta rapidez que, no mesmo instante, se encontre com a consciência para além dessa luta e se afirme ele mesmo. Se, por acaso, Sócrates se tivesse calado nessa crise de morte, haveria atenuado o efeito da sua vida; faria suspeitar que a elasticidade da ironia não era nele uma força do universo mas um jogo a cuja flexibilidade lhe era mister recorrer no instante decisivo, na medida inversa para se manter pateticamente à sua própria altura.[31]

Estas breves indicações podem não ser aplicadas a Abraão, se, por qualquer analogia, pensamos encontrar uma frase final que lhe convenha, mas aplicam-se-lhe no caso de se compreender a necessidade em que está de se realizar no último momento, de não tirar a faca em silêncio, mas de pronunciar algumas palavras, ainda que, na sua qualidade de pai da fé, revista importância absoluta na ordem do espírito. Do que ele deve dizer não posso, antecipadamente, ter idéia; mas desde que tenha falado, poderei sem dúvida compreender Abraão, sem que, por isso, me aproxime mais dele que anteriormente. Se não existisse uma derradeira réplica de Sócrates poderia, pelo pensamento, colocar-me no seu lugar e formulá-la, e, se não fosse capaz disso, um poeta poderia fazê-lo; mas nenhum poeta se pode aproximar de Abraão.

Antes de examinar as suas últimas palavras, é-me indispensável primeiro sublinhar a dificuldade em que se encontra de poder dizer qualquer coisa. A tribulação e a angústia do paradoxo residem, já se mostrou, no silêncio. Abraão não pode falar.[32] Há,

portanto, contradição, ao exigir-se que o faça, a menos que o desembaracemos do paradoxo de modo que o suspenda no momento decisivo, com o que deixa de ser Abraão e anula tudo o que o preceda. Se, por exemplo, dissesse a Isaac no momento supremo: *é de ti que se trata,* a frase seria um sinal de fraqueza. Porque se de uma ou outra maneira, pode falar, deveria tê-lo feito muito mais cedo, e agora esta fraqueza consiste numa falta de maturidade e de recolhimento espiritual, que o impede de pensar com antecedência em toda a sua dor; subtrai-se a algo, de modo que a dor real se torna maior que a dor pensada. Em outras palavras, uma tal frase coloca-o fora do paradoxo e se, efetivamente, deseja falar a Isaac, é-lhe mister transformar o seu estado em crise; de contrário nada pode dizer e, se o faz, nem sequer é um herói trágico.

Contudo, conservou-se uma última frase de Abraão, e se, por um lado, consigo compreender o paradoxo, posso também compreender a sua inteira presença nessas palavras. Em primeiro lugar não diz absolutamente nada, é dessa forma que exprime o que tem a dizer. A sua resposta a Isaac reveste a forma de ironia, porque é ela sempre que se emprega para exprimir qualquer coisa, sem, no entanto, dizer seja o que for. Se Abraão tivesse respondido: *nada sei,* haveria proferido uma mentira. Não lhe cabe pronunciar seja o que for, porque não pode dizer o que sabe. Portanto, responde apenas: *Meu filho, Deus prover-se-á ele próprio do cordeiro para o holocausto.* Aqui se vê o duplo movimento que se espera na alma de Abraão, tal como já se mostrou. Se tivesse simplesmente renunciado a Isaac sem fazer mais nada, teria expresso uma mensagem; porque sabe que Deus exige a Isaac em sacrifício, e que ele próprio está, nesse momento, prestes a sacrificá-lo. A cada instante, depois de ter realizado esse movimento, efetuou, portanto, o seguinte, o movimento da fé, em virtude do absurdo. Nesta medida, não mente; porque, em virtude do absurdo, é possível que Deus faça uma coisa completamente diferente. Não pronuncia, pois, uma mentira, mas

também não diz outra coisa, porque fala uma língua estranha. Isto torna-se ainda mais evidente quando pensamos que é o próprio Abraão que deve sacrificar Isaac. Se a missão tivesse sido diferente, se Deus tivesse mandado Abraão conduzir o filho à montanha de Morija para aí o abater com o seu raio, e assim o tomar em sacrifício, então Abraão teria completa razão em recorrer à linguagem enigmática que emprega; porque, nesse caso, não pedia saber o que ia acontecer. Mas Abraão deve ser ele mesmo a agir nas condições em que a missão lhe foi confiada; é, portanto, necessário que saiba, no momento decisivo, o que deve fazer e, por conseguinte, que Isaac tem de ser sacrificado. Se não o sabe com exatidão, não realizou o movimento infinito da resignação e, sem dúvida, não pronuncia uma mentira, mas é um homem indeciso incapaz de tomar uma resolução e que, por conseguinte, será obrigado a falar de forma enigmática. Mas um tal homem que assim titubeia constitui uma verdadeira caricatura do cavaleiro da fé.

Ainda aqui se vê que Abraão pode ser compreendido, mas somente como se compreende o paradoxo. Sou capaz, pela minha parte, de entender Abraão, vejo porém, ao mesmo tempo, que não possuo a coragem de falar, e ainda menos de agir como ele; contudo, de forma alguma quero exprimir, com isto, que a sua conduta seja medíocre, quando, pelo contrário, é o único prodígio.

E que pensaram os contemporâneos do herói trágico? Que era grande e então foi admirado. E esse venerável colégio de nobres espíritos, esse júri que cada geração institui para julgar a precedente, também se pronunciou do mesmo modo. Mas não houve quem compreendesse Abraão. No entanto, o que conseguiu ele? Permanecer fiel ao seu amor. Mas aquele que ama Deus não tem necessidade de lágrimas nem de admiração; esquece o sofrimento no amor, e tão completamente que não deixará atrás de si o mínimo traço de dor, se não fosse o próprio Deus a recordar-lhe; porque vive no secreto, conhece a angústia, conta as lágrimas e nada esquece.

Portanto, ou se verifica o paradoxo de forma que o Indivíduo se encontra como tal em relação com o absoluto, ou então Abraão está perdido.

Epílogo

Tendo uma vez, na Holanda, baixado demasiado o preço das especiarias, os mercadores fizeram lançar ao mar alguns carregamentos com o objetivo de o elevar de novo. Trata-se de uma pequena manobra perdoável e talvez mesmo necessária. Precisamos de idêntica operação no mundo do espírito? Estamos tão seguros de ter chegado ao cume que só nos resta supor, piedosamente, não o haver ainda alcançado, para ter com que preencher o tempo? É desta maneira que a geração presente tem necessidade de se enganar a si própria? É essa a virtude que lhe interessava atribuir-se? Ou talvez não tenha ainda conseguido a perfeição suficiente na arte de se enganar a si própria? Ou aquilo de que precisa não é sobretudo uma seriedade íntegra que, sem se deixar assustar ou corromper, indica as tarefas a realizar, uma seriedade íntegra, que vele com amor por estas tarefas, que não incite os homens, pelo terror, a lançarem-se até ao cimo, mas, pelo contrário, conserve as tarefas a cumprir, frescas, belas e agradáveis à vista, atraentes aos olhos de todos, e no entanto com a dificuldade precisa para fazer nascer o entusiasmo das naturezas nobres, porque uma nobre natureza só se entusiasma com o que é difícil? Uma geração pode aprender muito de uma outra, mas o que é propriamente humano, nenhuma o aprende da que a precedeu. Deste ponto de vista, cada geração recomeça como se fosse a primeira, nenhuma tem uma tarefa nova além da tarefa da anterior, e não chega mais longe, a menos que haja atraiçoado a sua obra, que se haja enganado a si própria. Aquilo a que chamo propriamente humano é a paixão, através da qual cada geração compreende inteiramente a outra e se compreende a si própria. Assim, no que respeita ao amor, nenhuma geração aprenderá a amar com outra, nenhuma começa senão no princípio, nenhuma geração ulterior tem tarefa mais breve que a precedente; e se não quer, como

as anteriores, contentar-se de amar, e deseja ir mais longe, passou de vãs e censuráveis palavras.

Mas a mais alta paixão do homem é a fé, e nenhuma geração começa aqui em ponto diferente da anterior, cada uma recomeça de novo; a geração seguinte não vai mais longe que a precedente, se foi fiel à sua obra e não a abandonou. Nenhuma tem direito a dizer que tal começo seja fatigante, porque ela possui a sua tarefa e não tem que se prender com o fato de a anterior se ter ocupado do mesmo, a não ser que uma geração ou os indivíduos que a compõem, pretendam, audaciosamente, preencher o lugar que pertence ao único Espírito que governa o mundo, e que é suficientemente paciente para não sentir fadiga. Se uma geração mostra esta audácia, há nela algo de falso: não admira pois que o mundo lhe apareça às avessas. Certamente não há ninguém que veja o mundo às avessas, tal como aquele alfaiate que, entrando vivo no céu, de lá contemplou o universo. Quando uma geração se limita a ocupar-se da sua tarefa, que é o mais importante, não pode sentir fadiga, porque ela chega sempre para uma vida humana. Quando as crianças, num dia feriado, esgotaram antes do meio-dia todo o ciclo dos jogos e exclamam com impaciência: *não há ninguém que invente um jogo novo?,* prova isso que essas crianças estão mais desenvolvidas e mais adiantadas que as da mesma geração anterior para quem os jogos conhecidos bastavam para preencher um dia? Não prova isso, antes, que as primeiras carecem daquilo, a que eu chamaria essa meiga seriedade, que é sempre necessário possuir para brincar?

A fé é a mais alta paixão de todo homem. Talvez haja muitos homens de cada geração que não a alcancem, mas nenhum vai além dela. Se se encontram ou não muitos homens do nosso tempo que não a descobrem, não posso decidi-lo, porque apenas me é lícita a referência a mim próprio, e não devo ocultar que me resta ainda muito que fazer, sem por isso desejar trair-me, ou trair a grandeza,

reduzindo isto a um assunto sem importância, a uma doença infantil, de que se espera estar curado o mais depressa possível. Mas mesmo para aquele que não chega até a fé, a vida comporta suficientes tarefas, e se as aborda com sincero amor, a sua vida não será perdida, mesmo que não possa ser comparada à existência dos que aprenderam e alcançaram o mais alto. Mas aquele que chegou até à fé, e pouco importa que tenha dons eminentes ou que seja uma alma simples, esse não se detém na fé; indignar-se-ia até se lho disséssemos, tal como um amante se irritaria a ouvir dizer que se detinha no amor: não, me fixo, responderia, porque toda a minha vida se encontra jogada aí. Não vai contudo mais além, não passa a outro estádio, porque logo que o descobre nova relação o solicita.

É preciso ir mais além, é preciso ir mais além. Esta necessidade é velha sobre a terra. O obscuro Heráclito, que depositou os seus pensamentos nos escritos, que colocou no templo de Diana (porque os seus pensamentos haviam sido a sua armadura durante a vida, por isso os suspendeu no templo), o obscuro Heráclito disse: não se pode mergulhar duas vezes no mesmo rio. Heráclito tinha um discípulo: este não se deteve aí e por isso foi mais além acrescentando: nem mesmo uma vez o podemos fazer. Pobre Heráclito, que teve um tal discípulo! A sua frase foi, com esta correção, transformada na fórmula eleática que nega o movimento: e no entanto esse discípulo apenas desejava ser um discípulo de Heráclito, que fosse mais além que seu mestre e não regressasse àquilo que Heráclito havia abandonado.

---

[1] Um dos pseudônimos de Kierkegaard. (N. do E.)

[2] Dizia-se dantes: "Desgraçadamente a vida não é como o sermão do pastor"; talvez chegue o tempo em que poderá dizer-se: "Felizmente a vida não é como o sermão do pastor, porque a vida, apesar de tudo, tem algum sentido, enquanto o sermão não tem nenhum". (N. do A.)

[3] A tua ação já está se realizando. (N. do E.)

[4] *Para tanto é necessário paixão. Todo o infinito se efetua apaixonadamente; a reflexão*

não pode produzir qualquer movimento. Ê o salto perpétuo na vida que explica o movimento. A mediação é uma quimera que, em Hegel, tudo deve explicar e que constitui, ao mesmo tempo, a única coisa que ele jamais tentou explicar. Mesmo para estabelecer a distinção socrática entre aquilo que se compreende e não compreende é indispensável paixão e ainda com maior razão, naturalmente, para realizar o movimento socrático propriamente dito: o da ignorância. Não é reflexão que falta à nossa época mas paixão. Assim, o nosso tempo tem, em certo sentido, demasiada saúde para morrer porque o fato de morrer constitui um dos mais notáveis saltos que existem. Sempre gostei de certa estrofe de um poeta que, após cinco ou seis versos, duma beleza cheia de simplicidade, onde ele deseja os bens da vida, termina assim:

Ein seliger Sprung in die Ewigkeit.

(Um salto bem-aventurado para a eternidade.) (N. do A.)

[5] Talento mais nobre. (N. do E.)

[6] Lessing emitiu algures um pensamento análogo partindo de um ponto de vista puramente estético. Quer mostrar, nessa passagem, que a tristeza pode também ser exprimida por uma frase espirituosa. Refere, com este objetivo, uma réplica do desgraçado Eduardo II de Inglaterra, em determinada situação. A ela opõe, segundo Diderot, a história e a sagaz resposta de uma camponesa. Depois continua: "Também isto tinha espírito, além de ser dito por uma aldeã; mas as circunstâncias tornaram-no inevitável. Por conseguinte, não se deve procurar a razão de uma frase espirituosa provocada pela dor ou pela tristeza, pretextando que o seu autor era uma pessoa de qualidade, de boa educação, inteligente e, além disso, com espírito; *porque as paixões igualam todos os homens;* sem dúvida esta razão consiste em que qualquer pessoa, nas mesmas circunstâncias, teria dito a mesma coisa. Uma rainha poderia e deveria ter tido o pensamento da camponesa; tal como as palavras do rei teriam podido ser pronunciadas por um camponês que não deixaria de as dizer". *(Sämmtl. W.,* vol. 30, pág. 223.) (N. do A.)

[7] O exterior (a manifestação). (N. do T.)

[8] O íntimo. (N. do T.)

[9] E não inopinadamente. (N. do E.)

[10] Respectivamente: amo menos, desprezo (renuncio), não venero, nada faço. (N. do E.)

[11] De direito público. (N. do E.)

[12] Esclarecerei, mais uma vez, a diferença de conflito tal como se apresenta ao herói trágico e ao herói da fé. O primeiro assegura-se de que a obrigação moral está completamente presente em si própria pelo fato de a poder transformar em desejo. Assim Agamêmnon pode dizer: a prova de que não sou infiel ao meu dever paternal é que o objeto do meu dever é o meu único desejo; Temos, aqui, dever e desejo em presença um do outro. A feliz oportunidade da vida é a concordância do desejo e do dever e inversamente; a tarefa da maior parte consiste precisamente em permanecer no dever e em convertê-lo, pelo entusiasmo, no desejo. O herói trágico renuncia ao desejo para cumprir o dever. Para o cavaleiro da fé desejo e dever são igualmente idênticos, mas encontra-se na necessidade de renunciar a um e a outro. Assim, quando quer resignar-se, renunciando ao desejo, não encontra o repouso, porque é ele próprio o objeto do dever. Se quer permanecer no dever e no desejo, não se torna o cavaleiro da fé; porque o dever absoluto exige precisamente que renuncie ao dever. O herói trágico exprime um dever superior, mas não absoluto. (N. do A.)

[13] Talvez. (N. do E.)

[14] O extraordinário. (N. do E.)

[15] Era provações. (N. do E.)

[16] Com todas as forças. (N. do E.)

[17] Aqui estão as duas partes constitutivas da fábula, a peripécia e o reconhecimento... (Aristóteles, *Poética,* 1542, págs. 9 e 10). (N. do A.)

[18] Estes movimentos e situações poderiam ainda ser objeto de estudos estéticos; pelo contrário, deixo em suspenso o problema de saber em que medida os da fé e de toda a vida religiosa podem prestar-se a isso. Como é sempre para mim uma satisfação exprimir o meu reconhecimento a quem de direito, quero simplesmente agradecer a Lessing algumas indicações sobre o drama cristão dadas na sua *Hamburgische Dramaturgie.* No entanto, ele dedicou a sua atenção ao aspecto puramente divino desta vida (a vitória completa); também desesperou do sujeito. Talvez tivesse julgado de outra maneira se fosse mais atento ao aspecto estritamente humano *(Theologia viatorum).* Sem dúvida, as suas considerações são muito breves, até um pouco evasivas, mas, como sempre, em todas as ocasiões, me sinto feliz elogiando Lessing, aqui o faço sem demora. Lessing não foi somente um dos cérebros mais compreensivos de Alemanha; não foi unicamente servido por uma rara segurança de erudição, que permite apoiar-se com toda a confiança nas suas análises, sem receio de ser enganado por citações sem sentido, por frases semicompreendidas, extraídas de coleções duvidosas, ou ser desorientado pela ruidosa publicação de novidades que os antigos haviam exposto muito melhor, ele teve ao mesmo tempo o dom extremamente raro de explicar o que havia compreendido. E nisso se manteve; nos nossos dias vai-se mais longe: explica-se o que se não compreendeu. (N. do A.)

[19] A catástrofe histórica foi, segundo Aristóteles, a seguinte: para se vingar, a família arranjou um vaso sagrado que colocou entre os pertencentes do noivo, que foi então condenado como ladrão sacrílego. No entanto, pouco importa; porque não se trata de saber se a família ao vingar-se deu provas de engenho ou loucura; isto só conta na medida em que decorre a dialética do herói. De resto é demasiada fatalidade que o noivo se precipite no perigo ao querer evitá-lo com a sua recusa de casamento, e que a sua vida entre duplamente em contato com o divino, primeiro pela predição dos augures, depois pela sua condenação como ladrão de templos. (N. do A.)

[20] Deste ponto de vista, poder-se-ia seguir um outro movimento dialético. O céu predisse-lhe uma desgraça causada pelo casamento; poderia, portanto, deixar de celebrar a cerimônia sem renunciar à jovem, indo viver com ela numa união romântica perfeitamente satisfatória para amantes. Esta conduta implica, todavia, uma ofensa a respeito da jovem, porque, ainda que amando-a, ele não exprime o geral. Todavia, haveria nisto um tema, tanto para um poeta como para um moralista defensor do casamento. A poesia, sobretudo, se estivesse atenta ao religioso e ao caráter profundo da individualidade, encontraria aí matéria muito mais rica que aquela em que presentemente se inspira. Sempre e sem descanso se ouve repetir a mesma história: um homem está ligado a uma jovem que amou uma vez e talvez nunca sinceramente, porque agora encontra o seu ideal encarnado noutra. Um homem engana-se na vida; seguiu o bom caminho, mas enganou-se na casa, porque é em frente, no segundo andar, que mora o ideal: aqui está, pode admitir-se, assunto para uma poesia. Um amante enganou-se; viu a bem-amada à luz da lâmpada e supôs que tinha cabelos castanhos, mas, de dia, ela é loura e é a irmã que encarna o ideal. Eis ainda assunto para poesia. Em minha opinião, todo homem deste gênero é um Labão bastante insuportável na vida, e merece ser assobiado quando quer fazer algo de importante em poesia. Um conflito poético resulta unicamente do choque da paixão contra a paixão; não consiste na balbúrdia dos detalhes no seio da mesma paixão. Na Idade Média, por exemplo, quando um jovem amante se convence de que o amor terrestre é um pecado e opta pelo amor celeste, dá-se um conflito poético e a jovem é digna da poesia porque a sua vida está fundada na idéia. (N. do A.)

[21] Se não me engano. (N. do E.)

[22] Poder-se-ia também tratar este conto de uma outra maneira. O tritão não quer seduzir Inês, se bem que o faça como ensaio. Já não é um tritão, mas, se não importam, um pobre diabo de um tritão de há muito mergulhado com tristeza na profundidade dos seus domínios; sabe, todavia, como narra o conto, que pode ser salvo graças ao amor de uma jovem inocente: mas ele tem uma culposa consciência de sedutor e não pode aproximar-se de nenhuma. Lança, então, os olhos para Inês. Amiudadas vezes, escondido entre os juncos, vira-a correr pela margem. A sua beleza, a calma com que gosta de se entreter consigo própria, arrastam-nos para ela; mas a

melancolia vive na sua alma, não é agitada por nenhum desejo selvagem. E, quando o tritão mistura os seus suspiros ao murmúrio do canavial, ela põe-se à escuta, imóvel, imersa em sonhos, mais encantadora que qualquer outra mulher e no entanto bela como um anjo redentor que inspira confiança ao tritão. Este ganha coragem, aproxima-se de Inês, conquista o seu amor, espera salvar-se. Mas Inês não é uma rapariga calma e sensata, ama demasiado o ruído do mar, e se lhe agradava tanto o murmúrio das águas era porque encontrava um eco poderoso no seu coração. Quer partir, partir a todo o custo. Deseja precipitar-se no infinito com o tritão que ama... e no entanto excita-o. Desprezou-lhe a humildade e por isso despertou-lhe o orgulho. O mar ruge, as vagas espumam, o tritão estreita Inês e arrasta-a para as profundezas. Nunca se sentira tão selvagem, tão transbordante de desejo, porque desta jovem espera a salvação. Depressa se cansa de Inês, de quem, todavia, nunca ninguém encontrou o cadáver, porque se transformou numa sereia que seduz os homens com o seu canto. (N. do A.)

[23] Às vezes a estética trata um assunto análogo com a sua habitual galanteria. Inês salva o tritão e tudo acaba por um feliz casamento. Um feliz casamento! É muito fácil. Em contrapartida, se a ética deve tomar a palavra durante a bênção nupcial, a questão toma, penso eu, um outro aspecto. A estética lança sobre Tritão o manto do amor e tudo é esquecido. Ainda admite, sem mais complicações, que o matrimônio é semelhante a um leilão, onde cada objeto é vendido no estado em que se encontra ao golpe do martelo. Apenas se preocupa em lançar os amantes nos braços um do outro, sem se preocupar com o resto. E deveria observar o que sucede em seguida, mas não tem tempo para isso, porque já se encontra atarefada a preparar uma nova união. A estética é a mais infiel de todas as ciências. Quem quer que a tenha amado verdadeiramente, torna-se, de certa maneira, desgraçado; mas aquele que nunca foi atraído por ela é e ficará um *pecus.* (N. do A.)

[24] No que a precede, afastei cuidadosamente toda a consideração relativa à questão do pecado e da sua realidade. Toda a discussão se refere a Abraão, que posso, todavia, aproximar de categorias imediatas, contanto que, bem entendido, me seja inteligível. Sobrevindo o pecado, a moral cede ao tropeçar no arrependimento que é a mais alta expressão da ética, ainda que seja a esse título a mais profunda contradição moral. (N. do A.)

[25] Na nossa grave época já não se acredita em tudo isto; mas é notável que no paganismo, por natureza mais superficial, menos saturado de reflexão, os dois representantes propriamente ditos do *conhece-te a ti mesmo* característico da concepção grega da vida mostraram, cada um à sua maneira, que é preciso antes de tudo penetrar em si mesmo para descobrir a predisposição para o mal. Não é mister que aluda a Pitágoras e Sócrates. (N. do A.)

[26] Carta de crédito para a felicidade. (N. do T.)

[27] Eu, que sou de aspecto grosseiro e desprovido do encanto dos amantes para me pavonear diante de uma ninfa de porte lascivo; eu, a quem a traidora natureza privou dessas belas proporções e de toda a formosura; disforme, inacabado, precipitado no mundo antes do tempo e apenas semifeito; e tão monstruoso e tão deselegante que até os cães ladram quando me vêem passar. (N. do A.)

[28] Jamais existiu gênio algum sem laivos de demência. (N. do E.)

[29] Se não se quer recorrer a um incrédulo, pode-se escolher personagem análogo, um ironista, por exemplo, cujo olhar agudo apreendeu o ridículo da vida e a quem uma secreta inteligência com as forças da vida ensina quais os desejos do paciente. Sabe que dispõe do poder do riso; se a ele recorre, está seguro da história e, o que é mais importante, do aplauso. Sabe que se levantará uma voz isolada que desejará evitar tudo, mas sabe também que é o mais forte; sabe que por instantes pode fazer aguardar a seriedade aos homens, mas que, em segredo, esperam o momento de rir com ele; sabe que se pode ainda, por um instante, permitir à mulher esconder os olhos atrás do leque, enquanto fala, mas que ela ri por debaixo da máscara; sabe que o leque não é absolutamente opaco, que se pode escrever nele com uma letra invisível; sabe que se uma mulher lhe dá um leve toque com o leque é porque compreendeu;

sabe, sem dar lugar a dúvida, como o riso se insinua no homem e como nele se oculta; como aí uma vez instalado permanece à espreita. Imaginemos este Aristófanes, este Voltaire levemente modificado; porque é, ao mesmo tempo, duma nobreza simpática, ama a vida, os homens; e sabe que se a reprovação do riso é talvez capaz de salvar uma nova geração, também pode causar a perda de uma multidão de contemporâneos. Mantém, portanto, o silêncio e, na medida do possível, ele mesmo se esquece de rir. Mas deve calar-se? Talvez haja muitos que de forma alguma entendem a dificuldade a que me refiro. Consideram digna de admiração a nobreza do seu silêncio. Não é essa a minha opinião; penso que toda a nobreza deste gênero, se não tem a magnanimidade de guardar o silêncio, é um traidor para com a vida. Portanto também reclamo a nobre coragem deste homem; mas, quando a tenha, que se cale. A moral é uma ciência perigosa e poderia suceder que Aristófanes, colocando-se no estrito ponto de vista moral, se resolvesse a permitir que o riso julgasse os erros do tempo. A magnanimidade da estética não dá nenhuma ajuda; porque não se arriscam tais coisas por esse valor. Se cabe guardar silêncio, é necessário estar no paradoxo. — Uma idéia mais: um homem conhece o triste segredo que explica a vida do herói; no entanto, uma geração inteira confia totalmente nesse herói, sem que suspeite da sua miséria. (N. do A.)

[30] Torturador de crianças. (N. do E.)

[31] Que réplica de Sócrates é necessário considerar como decisiva? As opiniões podem dividir-se porque a poesia de Platão elevou Sócrates acima de nós de muitas e variadas maneiras. Proponho o seguinte: a condenação à morte é-lhe anunciada; no mesmo instante morre e nesse mesmo instante triunfa da morte e realiza-se ele próprio na famosa declaração de *que se maravilha ter sido condenado à morte por uma maioria de três votos.* Nenhum propósito frívolo de praça pública, nenhuma miserável observação de um *idiota* podia ser da sua parte objeto de uma maior ironia que esta condenação à morte. (N. do A.)

[32] Se fosse possível procurar alguma analogia, seria necessário encontrá-la na situação em que Pitágoras encontra a morte; porque este devia manter até o último momento o silêncio que sempre observara. É por isso que *diz:* "Vale mais ser morto que falar". Cf. Diógenes, Livro VIII, § 39. (N. do A.)

O DESESPERO HUMANO

(DOENÇA ATE A MORTE)

Tradução de Adolfo Casais Monteiro

Prefácio

É possível que esta forma de "exposição" se afigure, a muita gente, singular; que pareça demasiado severa para ser edificante, demasiado edificante para ter rigor especulativo. Se ê demasiado edificante, não sei bem; demasiado severa, suponho que não; e se o fosse, seria, a meu ver, um defeito. O problema não está em saber se pode ser edificante para toda a gente, visto que nem toda a gente será capaz de a seguir; mas, neste caso, que por sua natureza seja edificante. A regra cristã quer, com efeito, que tudo, tudo, possa ser pretexto para edificar. Uma especulação que não o consiga, será, por isso mesmo, acristã. Uma exposição cristã deve evocar, sempre, as palavras do médico à cabeceira do enfermo; não sendo necessário ser cristão para as entender, nunca se deve esquecer, contudo, o lugar onde foram proferidas.

Esta intimidade do pensamento cristão com a vida (contrastando com a distância que a especulação mantém) e também esse aspecto ético do cristianismo, implicam precisamente a edificação, e uma separação radical, uma diferença de natureza, separam uma exposição desta espécie, não obstante o seu rigor, dessa forma de especulação que se quer "imparcial", e cujo pretenso heroísmo sublime, bem longe de o ser, não é para o cristão mais do que uma espécie de desumana curiosidade. Ousarmos ser nós próprios, ousar-se ser um indivíduo, não um qualquer, mas este que somos, só face a Deus, isolado na imensidade do seu esforço e da sua responsabilidade: eis o heroísmo cristão, e confesse-se a sua provável raridade; mas haverá heroísmo no iludirmo-nos pelo refúgio na pura humanidade, ou em brincar a ver quem mais se extasia perante a história da humanidade? Todo o conhecimento cristão, por estrita que seja de resto a sua forma, é inquietação e deve sê-lo; mas essa mesma inquietação edifica. A inquietação é o verdadeiro comportamento para

com a vida, para com a nossa realidade pessoal e, conseqüentemente, ela representa, para o cristão, a seriedade por excelência; a elevação das ciências imparciais, muito longe de representar uma seriedade superior ainda, não é, para ele, senão farsa e vaidade. Mas sério é, eu vo-lo afirmo, aquilo que edifica.

Em certo sentido, portanto, um estudante de teologia teria podido ser o autor deste livrinho, ainda que, em outro sentido, talvez nenhum professor o tivesse podido escrever.

Mas, tal como se apresenta, este tratado não nasceu da irreflexão, nem deixa de ter probabilidades de acerto psicológico. Se há um estilo mais solene, o certo é que a solenidade levada a tal grau deixa de ter sentido, e com o hábito acaba por se realizar à insignificância.

Quanto ao resto, urna última observação, sem dúvida supérflua, mas que não quero deixar de fazer: quero acentuar por uma vez qual a acepção que tem a palavra desespero *em todas as páginas que se seguem; como o título indica, ele é a doença e não o remédio. É essa a sua dialética. Tal como na terminologia cristã, a morte exprime miséria espiritual, se bem que o remédio seja precisamente morrer, morrer para o mundo.*

Exórdio

Esta enfermidade não é para morte (João 11, 4) *e contudo Lázaro morreu; mas como os discípulos não compreendessem a continuação:* Lázaro, o nosso amigo, dorme, mas eu vou acordá-lo do seu sono, *Cristo disse-lhes sem ambigüidade:* Lázaro está morto *(11, 14). Lázaro, portanto, está morto, e contudo a sua doença não era mortal, mas o fato é que está morto, sem que tenha estado mortalmente doente.*

Cristo pensava nesse momento, sem dúvida, no milagre que mostrasse aos contemporâneos, ou seja, àqueles que podem crer, a glória de Deus, *no milagre que acordou Lázaro de entre os mortos; de modo que* não só essa doença não era mortal, mas ele o predisse, para maior glória de Deus, a fim de que o filho de Deus por tal fosse glorificado.

Mas, ainda que Cristo não tivesse acordado Lázaro, nem por isso seria menos verdade que essa doença, a própria morte, não é mortal!

Desde o instante em que Cristo se aproxima do túmulo e exclama: Lázaro, levanta-te e caminha! *(11, 43) já estamos certos de que essa doença não é mortal. Mas até sem essas palavras, não mostra ele, ele que é* a Ressurreição e Vida *(11, 25), só pelo aproximar-se do túmulo, que essa doença não é mortal? e simples fato da existência de Cristo, não é isso evidente? Que proveito haveria, para Lázaro, em ter ressuscitado para ter de acabar por morrer! Que proveito, sem a existência daquele que é a Ressurreição e a Vida para qualquer homem que n 'Ele creia! Não, não é por causa da ressurreição de Lázaro que essa doença não é mortal, mas por Ele existir, por Ele. Visto que na linguagem humana a morte é o fim de tudo, e, como é costume dizer-se, enquanto há vida há esperança. Mas, para o cristão, a morte de modo algum é o fim de tudo, e nem*

sequer um simples episódio perdido na realidade única que é a vida eterna; e ela implica para nós infinitamente mais esperança do que a vida comporta, mesmo transbordante de saúde e de força.

Assim, para o cristão, nem sequer a morte é a doença mortal, *e muito menos todos os sofrimentos temporais: desgostos, doenças, miséria, aflição, adversidades, torturas do corpo ou da alma, mágoas e luto. E de tudo isso que coube em sorte aos homens, por muito pesado, por muito duro que lhes seja, pelo menos àqueles que sofrem, a tal ponto que os faça dizer que* a morte não é pior, *de tudo isso, que se assemelha à doença, mesmo quando não o seja, nada é aos olhos do cristão doença mortal.*

Tal é a maneira magnânima como o cristianismo ensina ao cristão a pensar sobre todas as coisas deste mundo a morte incluída. É quase como se lhe fosse necessário orgulhar-se de estar altivamente para além daquilo que correntemente é considerado infelicidade, daquilo que vulgarmente se diz ser o pior dos males... Mas em compensação o cristianismo descobriu uma miséria cuja existência o homem, como homem, ignora; e essa miséria é a doença mortal.

O homem natural pode enumerar à vontade tudo o que é horrível — e tudo esgotar, o cristão ri-se da soma. A diferença que há entre o homem natural e o cristão é semelhante à da criança e do adulto. O que faz tremer a criança nada é para o adulto. A criança ignora o que seja o horrível, o homem sabe e treme. O defeito da infância está, em primeiro lugar, em não conhecer o horrível, e em seguida, devido à sua ignorância, em tremer pelo que não é para fazer tremer. Assim o homem natural; ele ignora onde de fato jaz o horror, o que todavia não o livra de tremer. Mas é do que não é horrível que ele treme. Assim o pagão na sua relação com a divindade; não só ele ignora o verdadeiro Deus, mas adora, para mais, um ídolo como se fosse um deus.

O cristão é o único que conhece a doença mortal. Dá-lhe o cristianismo uma coragem ignorada pelo homem natural — coragem recebida com o receio dum maior grau de horrível. Certo é que a

coragem a todos é dada; e que o receio dum maior perigo nos dá forças para afrontar um menor; e que o infinito temor dum único perigo nos torna como inexistentes todos os outros. Mas a lição horrível do cristão está em ter aprendido a conhecer a doença mortal.

PRIMEIRA PARTE

A DOENÇA MORTAL É O DESESPERO

LIVRO I

O DESESPERO É A DOENÇA MORTAL

CAPÍTULO I

Doença do espírito, do eu, o desespero pode
como tal tomar três figuras:

O desespero inconsciente de ter um eu (o que é verdadeiro desespero); o desespero que não quer, e o desespero que quer ser ele próprio.

O homem é espírito. Mas o que é espírito? É o eu. Mas, nesse caso, o eu? O eu é uma relação, que não se estabelece com qualquer coisa de alheio a si, mas consigo própria. Mais e melhor do que na relação propriamente dita, ele consiste no orientar-se dessa relação para a própria interioridade. O eu não é a relação *em si,* mas sim o seu *voltar-se* sobre si própria, o conhecimento que ela tem de si própria depois de estabelecida.

O homem é uma síntese de infinito e de finito, de temporal e de eterno, de liberdade e de necessidade, é, em suma, uma síntese. Uma síntese é a relação de dois termos. Sob este ponto de vista, o eu não existe ainda.

Numa relação de dois termos, a própria relação entra como um terceiro, como unidade negativa, e cada um daqueles termos se relaciona com a relação, tendo cada um existência separada no seu relacionar-se com a relação; assim acontece com respeito à alma, sendo a ligação da alma e do corpo uma simples relação. Se, pelo contrário, a relação se conhece a si própria, esta última relação que se estabelece é um terceiro termo positivo, e temos então o eu.

Uma tal relação, que se orienta sobre si própria, não pode ter sido estabelecida senão por si ou por um outro. Se o foi por um outro, essa relação é, sem dúvida, um terceiro termo, mas este é ainda, ao mesmo tempo, uma relação, isto é, relaciona-se com *quem estabeleceu* toda a relação.

Uma relação desse modo derivada ou estabelecida é o eu do homem; é uma relação que não é apenas consigo própria, mas com outrem. Daí provém que haja duas formas do verdadeiro desespero. Se o nosso eu tivesse sido *estabelecido* por ele próprio, uma só existiria: não querermos ser nós próprios, querermo-nos desembaraçar do nosso eu, e não poderia existir esta outra: a vontade desesperada de sermos nós próprios. O que esta fórmula, com efeito, traduz é a dependência do conjunto da relação, que é o eu, isto é, a incapacidade de, pelas suas próprias forças, o eu conseguir o equilíbrio e o repouso; isso não lhe é possível, na sua relação consigo próprio, senão relacionando-se com o que pôs o conjunto da relação. Mais ainda: esta segunda forma de desespero (a vontade de sermos nós próprios) designa tampouco uma maneira especial de desesperar, que, pelo contrário, nela finalmente se resolve e a ela se reduz todo o desespero. Se o homem que desespera tem, como ele crê, consciência do seu desespero, se não se lhe refere como a um fenômeno de origem exterior (um pouco como uma pessoa que, sofrendo de vertigens, e iludida pelos seus nervos, a elas se refere como se fossem um peso sobre a cabeça, um corpo que lhe tivesse caído em cima, etc...., quando o peso ou a pressão não é outra coisa senão, sem nada de externo, uma sensação interna) se este desesperado quer por força, por si e só por si, suprimir o desespero, ele dirá que não o pode conseguir, e que todo o seu ilusório esforço o conduz somente a afundar-se ainda mais. No desespero, a discordância não é uma simples discordância, mas a de uma relação que, embora orientada sobre si própria, é estabelecida por outrem; de tal modo que a discordância, existindo em si, se

reflete além disso até o infinito na sua relação com o seu autor.

Eis a fórmula que descreve o estado do eu, quando deste se extirpa completamente o desespero: orientando-se para si próprio, querendo ser ele próprio, o eu mergulha, através da sua própria transparência, até ao poder que o criou.

CAPÍTULO II

Desespero virtual e desespero real

O desespero será uma vantagem ou uma imperfeição? Uma coisa e outra em pura dialética. A só considerarmos a idéia abstrata, sem pensar num caso determinado, deveríamos julgá-lo uma enorme vantagem. Sofrer um mal destes coloca-nos acima do animal, progresso que nos distingue muito mais do que o caminhar de pé, sinal da nossa verticalidade infinita ou da nossa espiritualidade sublime. A superioridade do homem sobre o animal está pois em ser suscetível de desesperar, a do cristão sobre o homem natural, em sê-lo com consciência, assim como a sua beatitude está em poder curar-se.

Assim há uma infinita vantagem em poder desesperar, e, contudo, o desespero não só é a pior das misérias, como a nossa perdição. Habitualmente a relação do possível com o real apresenta-se de outro modo, porque, se é uma vantagem, por exemplo, poder-se ser o que se deseja, maior ainda é sê-lo, isto é: a passagem do possível ao real é um progresso, uma ascensão.

Com o desespero, pelo contrário, há uma queda do virtual ao real, e a margem infinita do virtual sobre o real dá a medida da queda. Não desesperar é pois elevar-se. Mas a nossa definição é ainda equívoca. A negação, aqui, não se assemelha ao não ser manco, não ser cego, etc.... Pois que, se não desesperar equivale à absurda ausência de desespero, o progresso, nesse caso, será o desespero. Não estar desesperado deve significar a destruição da possibilidade de o estar: para que um homem não o esteja verdadeiramente, é preciso que a cada instante aniquile em si a sua possibilidade. Habitualmente, é outra a relação do virtual com o real. É verdade os filósofos dizerem que o real é o virtual destruído; sem

grande exatidão contudo, pois que é o virtual plenamente realizado, o virtual agindo. Aqui, pelo contrário, o real (não estar desesperado), por conseqüência uma negação, é o virtual impotente e destruído; ordinariamente o real confirma o possível, aqui nega-o.

O desespero é a discordância interna duma síntese cuja relação diz respeito a si própria. Mas a síntese não é a discordância, é apenas a sua possibilidade, ou então implica-a. De contrário não haveria sombra de desespero, e desesperar não seria mais do que uma característica humana, inerente à nossa natureza, ou seja, que o desespero não existiria, sendo apenas um acidente para o homem, um sofrimento como uma doença em que se soçobrasse, ou, como a morte, nosso comum destino. O desespero está portanto em nós; mas se não fôssemos uma síntese, não poderíamos desesperar, e tampouco o poderíamos se esta síntese não tivesse recebido de Deus, ao nascer, a sua firmeza.

De onde vem então o desespero? Da relação que a síntese estabelece consigo própria, pois Deus, fazendo que o homem fosse esta relação, como que o deixa escapar da sua mão, de modo que a relação depende de si própria. Esta relação é o espírito, o eu, e nela jaz a responsabilidade da qual depende todo o desespero, desde que existe; da qual ele depende a despeito dos discursos e do engenho dos desesperados em enganarem-se e enganar os outros, considerando-o como uma infelicidade — como no caso da vertigem que o desespero, se bem que de natureza diferente, evoca sob mais que um ponto de vista, a vertigem estando para a alma com o desespero para o espírito e abundando em analogias com ele.

Ora, quando a discordância, o desespero, apareceu, seguir-se-á que só por isso persista? De modo algum; a duração da discordância não depende desta, mas da relação que se relaciona consigo própria. Por outras palavras: cada vez que se manifesta uma discordância, e enquanto ela permanece, é necessário remontar à relação. Diz-se, por exemplo, que alguém apanha uma doença, digamos por

imprudência. Em seguida declara-se o mal, e, a partir desse momento, é uma *realidade,* cuja origem está cada vez mais no *passado.* Seria cruel e um monstro quem continuamente censurasse o doente por estar a apanhar a doença, como a fim de dissolver a cada momento a realidade do mal na sua possibilidade. Bom! apanhou-a por sua culpa. A persistência do mal não é mais do que a simples conseqüência do único momento em que a apanhou, ao qual não se pode, a cada passo, reduzir o progresso da doença; ele apanhou-a, mas não se pode dizer que *ainda a apanha.* De outro modo se passam as coisas no desespero. Cada um dos seus instantes reais é redutível à sua possibilidade; a cada momento de desespero, se *apanha* o desespero; o presente constantemente se desvanece em passado real, a cada instante real do desespero o desesperado contém todo o passado possível como se fosse presente. Deriva isto de ser o desespero uma categoria do espírito, que no homem diz respeito à sua eternidade. Mas não podemos ficar quites com esta eternidade para toda a eternidade; nem sobretudo rejeitá-la por uma vez; a cada instante em que estamos sem ela, é porque já a rejeitamos ou estamos a rejeitá-la — mas ela volta, quer dizer, em cada instante que desesperamos *apanhamos* o desespero. Porque o desespero não é uma conseqüência da discordância, mas da relação orientada sobre si própria. E desta relação consigo própria, tampouco como do seu eu o homem pode estar quite, o que não é, afinal, senão o mesmo fato, pois que o eu é a relação voltada sobre si própria.

CAPÍTULO III

O desespero é a “doença mortal”

Esta idéia de “doença mortal” deve ser tomada num sentido particular. A letra significa um mal cujo termo é a morte, e serve então de sinônimo duma doença da qual se morre. Mas não é nesse sentido que se pode designar assim o desespero; porque, para o cristão, a própria morte é uma passagem para a vida. Desse modo, a nenhum mal físico ele considera “doença mortal”. A morte põe termo às doenças, mas só por si não constitui um termo. Mas uma “doença mortal” no sentido estrito quer dizer um mal que termina pela morte, sem que após subsista qualquer coisa. E é isso o desespero.

Mas em outro sentido, mais categoricamente ainda, ele é a “doença mortal”. Porque, bem longe de dele se morrer, ou de que esse mal acabe com a morte física, a sua tortura, pelo contrário, está em não se poder morrer, como se debate na agonia o moribundo sem poder acabar. Assim, estar *mortalmente doente* é não poder morrer, mas neste caso a vida não permite esperança, e a desesperança é a impossibilidade da última esperança, a impossibilidade de morrer. Enquanto ela é o supremo risco, tem-se confiança na vida; mas quando se descobre o infinito do outro perigo, tem-se confiança na morte. E quando o perigo cresce a ponto de a morte se tornar esperança, o desespero é o desesperar de nem sequer poder morrer.

Nessa última acepção, o desespero é portanto a “doença mortal”, esse suplício contraditório, essa enfermidade do eu: eternamente morrer, morrer sem todavia morrer, morrer a morte. Porque morrer significa que tudo está acabado, mas morrer a morte significa viver a morte; e vivê-la um só instante, é vivê-la eternamente. Para que se morresse de desespero como duma doença, o que há de eterno em nós, no eu, deveria poder morrer, como o

corpo morre de doença. Ilusão! No desespero, o morrer continuamente se transforma em viver. Quem desespera não pode morrer; *assim com um punhal não serve para matar pensamentos,* assim também o desespero, verme imortal, fogo inextinguível, não devora a eternidade do eu, que é o seu próprio sustentáculo. Mas esta destruição de si própria que é o desespero é impotente e não consegue os seus fins. A sua vontade própria é destruir-se, mas é o que ela não pode fazer, e a própria impotência é uma segunda forma da sua destruição, na qual o desespero pela segunda vez erra o seu alvo, a destruição do eu; é, pelo contrário, uma acumulação de ser, ou a própria lei dessa acumulação. Eis o ácido, a gangrena do desespero, esse suplício cuja ponta, dirigida sobre o interior, nos afunda cada vez mais numa autodestruição impotente. Bem longe de consolar o desesperado, pelo contrário, o insucesso do seu desespero em destruí-lo é uma tortura, reanimada pelo seu rancor; porque é acumulando sem cessar, no presente, o desespero pretérito que ele desespera por não poder devorar-se nem libertar-se do seu eu, nem aniquilar-se. Tal é a fórmula de acumulação do desespero, o crescer da febre nesta doença do eu.

O homem que desespera tem um *motivo* de desespero, é o que se pensa durante um momento, e só um momento; porque logo surge o verdadeiro desespero, o verdadeiro rosto do desespero. Desesperando duma coisa, o homem desesperava de *si,* e logo em seguida quer libertar-se do seu eu. Assim, quando o ambicioso que diz *Ser César ou nada* não consegue ser César, desespera. Mas isto tem outro sentido, é por não se ter tornado César que ele já não suporta ser ele próprio. No fundo, não é por não se ter tornado César que ele desespera, mas do eu que não o deveio. Esse mesmo eu que de outro modo teria feito a sua alegria, alegria contudo não menos desesperada, ei-lo agora mais insuportável do que tudo. A olhar as coisas mais de perto, não é o fato de não se ter tornado César que é insuportável, mas o eu que não se tornou César, ou, antes, o que ele

não suporta é não poder libertar-se do seu eu. Tê-lo-ia podido, tornando-se César, mas tal não sucedeu, e o nosso desesperado tem de se sujeitar. Na sua essência, o seu desespero não varia, pois não possui o seu eu, não é ele próprio. Ele não se teria tornado ele próprio, tornando-se César, é certo, mas ter-se-ia libertado do seu eu. É portanto superficial o dizer dum desesperado, como se fosse o seu castigo, que ele destrói o seu eu. Porque é justamente aquilo de que, para seu desespero, para seu suplício, ele é incapaz, visto que o desesperado lançou fogo àquilo que nele é refratário, indestrutível: o eu.

Desesperar duma coisa não é ainda, por conseqüência, verdadeiro desespero, é o seu início: está latente, como os médicos dizem duma enfermidade. Depois declara-se o desespero: desespera-se de si próprio. Olhai uma rapariga desesperada de amor, isto é, da perda do seu amado, morto ou inconstante. Tal perda não é desespero declarado, mas é dela própria que ela desespera. Aquele eu, do qual ela se teria despojado, que teria perdido deliciada se ele se tivesse tornado o bem do "outro", esse eu provoca agora a sua tristeza, porque tem de ser um eu sem o "outro". Esse eu que tem sido — aliás também desesperado em outro sentido — o seu tesouro, é-lhe agora um abominável vazio, morto o "outro", ou como que uma repugnância, pois provoca o abandono. Tentai dizer-lhe: "Estás a matar-te, minha filha", logo vereis como ela responde: "Ai de mim! não, a minha pena, precisamente, é não o conseguir".

Desesperar de si próprio, querer, desesperado, libertar-se de si próprio, tal é a fórmula de todo o desespero, e a segunda: querer, desesperado, sê-lo, reduz-se àquela, como atrás reduzimos (ver capítulo I), ao desespero no qual alguém quer ser ele próprio, aquele em que se recusar a sê-lo. Quem desespera quer, no seu desespero, ser ele próprio. Mas então, é porque não pretende desembaraçar-se do seu eu? Aparentemente, não; mas se virmos as coisas mais de perto, encontramos sempre a mesma contradição. Este eu, que o

desesperado quer ver, é um eu que ele não é (pois querer ser o eu que se é verdadeiramente é o contrário do desespero), o que ele quer, com efeito, é separar o seu eu do seu Autor. Mas aqui ele falha, não obstante desesperar, e apesar de todos os esforços do desespero, este Autor permanece o mais forte e constrange-o a ser o eu que ele não quer ser. Entretanto o homem deseja sempre libertar-se do seu eu, do eu que é, para se tornar um eu da sua própria invenção. Ser este "eu" que ele quer faria a sua delícia — se bem que em outro sentido o seu caso não seria menos desesperado — mas o constrangimento de ser este eu que não quer ser, é o seu suplício: não pode libertar-se de si próprio.

Sócrates provara a imortalidade da alma pela impotência da doença da alma (o pecado) em destruí-la, como a doença destrói o corpo. Pode-se demonstrar identicamente a eternidade do homem pela impotência do desespero em destruir o eu, por esta atroz contradição do desespero. Sem a eternidade em nós próprios não poderíamos desesperar; mas caso ele pudesse destruir o eu, também não haveria desespero.

Assim é o desespero, essa enfermidade do eu, "a doença mortal". O desesperado é um doente de morte. Mais do que em nenhuma outra enfermidade, é o mais nobre do eu que nele é atacado pelo mal; mas o homem não pode morrer dela. A morte não é neste caso o termo da enfermidade: é um termo interminável. Salvar-nos dessa doença, nem a morte o pode, pois aqui a doença, com o seu sofrimento e... a morte, é não poder morrer.

É esse o estado de desespero. E o desesperado pode não o saber, pode conseguir (isto é sobretudo verdadeiro para o desespero que se ignora) perder o seu eu, e perdê-lo tão completamente que não fiquem vestígios: de qualquer modo a eternidade fará revelar-se o desespero do seu estado, retê-lo no seu eu. E por que nos espantaremos deste rigor? pois que este eu, nosso ter, nosso ser, é ao mesmo tempo a suprema infinita concessão da eternidade ao

homem e a garantia que tem sobre ele.

LIVRO II

A UNIVERSALIDADE DO DESESPERO

Assim como talvez não haja, dizem os médicos, ninguém completamente são, também se poderia dizer, conhecendo bem o homem, que nem um só existe que esteja isento de desespero, que não tenha lá no fundo uma inquietação, uma perturbação, uma desarmonia, um receio de não se sabe o quê de desconhecido ou que ele nem ousa conhecer, receio duma eventualidade exterior ou receio de si próprio; tal como os médicos dizem duma doença, o homem traz em estado latente uma enfermidade, da qual, num relâmpago, raramente um medo inexplicável lhe revela a presença interna. E de qualquer maneira jamais alguém viveu e vive, fora da cristandade, sem desespero, nem ninguém na cristandade se não for um verdadeiro cristão; pois que, a menos de o ser integralmente, nele subsiste sempre um grão de desespero.

Este ponto de vista parecerá a muitos um paradoxo, um exagero, uma idéia triste e desanimadora. E todavia não é assim. Bem longe de obscurecer, ele pelo contrário tenta fazer luz sobre o que é geralmente deixado numa certa penumbra; bem longe de desanimar, ele exalta, visto considerar sempre o homem segundo a suprema exigência do seu destino: ser um espírito; enfim, longe de ser um dito espirituoso, é um ponto de vista fundamental e perfeitamente lógico, e conseqüentemente não exagera.

A concepção corrente do desespero limita-se, pelo contrário, à aparência, é um ponto de vista superficial, e não uma concepção. Segundo ela, cada um de nós será o primeiro a saber se é ou não um desesperado. O homem que se diz desesperado, ela crê que o seja, mas basta que não creia, para passar por não o ser. Rareia-se assim o desespero, quando, na verdade, ele é universal. Não é ser

desesperado que é raro, o raro, o raríssimo, é realmente não o ser.

Mas a opinião do vulgo não compreende grande coisa do desespero. Assim (para citar um único caso, que, a ser bem compreendido, faz recolher milhares de milhões de homens sob a rubrica do desespero) o que a maior parte não vê, é que não ser desesperado, não ter consciência de o ser, é precisamente uma forma de desespero. No fundo, ao definir o desespero, o vulgo comete o mesmo erro que a declarar a alguém doente ou com saúde... mas um erro, neste caso, bem mais profundo, porque ele faz infinitamente menos idéia do que seja o espírito (e sem o saber, nada se compreende do desespero) do que a doença ou a saúde. Geralmente, quem se não confessa doente passa por são, e mais ainda se é ele quem se considera saudável. Os médicos, pelo contrário, olham doutro modo as doenças. Porque têm uma idéia precisa e desenvolvida do que seja a saúde, e por ela se regulam para julgar o nosso estado. Não ignoram que, assim como há doenças imaginárias, há saúdes imaginárias; por isso receitam remédios para tornar o mal patente. Porque há sempre, no médico, um homem experimentado, que desconta metade do que dizemos sobre o nosso estado. Se ele pudesse confiar sem reserva em todas as nossas impressões individuais, como estamos, onde sofremos, etc., o papel do médico seria apenas ilusório. Não lhe basta, com efeito, prescrever remédios, mas em primeiro lugar reconhecer o mal e portanto, antes de mais, saber se este está realmente doente, como supõe, ou se aquele, que se julga são, não é no fundo um doente. Assim o psicólogo em face do desespero. Ele sabe o que é o desespero, conhece-o, e portanto não se contenta com a opinião de quem não se crê ou crê desesperado. Não esqueçamos, com efeito, que em certo sentido nem sempre o são aqueles que dizem sê-lo. É fácil imitar o desespero, é fácil que sejam tomadas como desespero todas as espécies de abatimento sem conseqüências, de sofrimentos que passam sem chegar a sê-lo. Contudo o psicólogo não cessa, mesmo em casos

destes, de encontrar as formas do desespero; é certo que vê tratar-se de afetação — mas até esta imitação é desespero; tampouco se deixa iludir por todos os abatimentos sem conseqüências — mas a insignificância destes ainda é desespero!

Também não vê o vulgo que o desespero, como enfermidade espiritual, é diferentemente dialético daquilo que ordinariamente se chama uma doença. Mas, bem compreendida, esta dialética engloba ainda milhares de homens na categoria do desespero. Se uma pessoa, cuja saúde ele constatou em dado momento, cai depois doente, o médico tem o direito de dizer que *estava* são e que *está* agora doente. O mesmo não sucede com o desespero. A sua aparição mostra já a sua preexistência. Conseqüentemente nunca nos podemos pronunciar sobre alguém, quando não se salvou por ter desesperado. Porque o próprio acontecimento que o lança no desespero, imediatamente revela que toda a sua vida passada tinha sido desespero. Ao passo que não se poderia dizer, quando alguém tem febre, que é evidente, agora, que sempre a tivera. Mas o desespero é uma categoria do espírito, suspensa na eternidade, e um pouco de eternidade entra por conseqüência na sua dialética.

O desespero não é apenas uma dialética outra que uma doença, mas até os seus sintomas todos são dialéticos e é por isso que o vulgo corre o risco de se enganar quando considera alguém como sendo, ou não, um desesperado. Não o ser pode, com efeito, significar: que se é, ou ainda: que tendo-o sido, se está salvo dele. Estar confiado e calmo pode significar que o somos: esta calma, esta segurança podem ser desespero. A ausência de desespero não equivale à ausência dum mal; porque não estar doente não significa que o sejamos, mas não estar desesperado pode ser o próprio indício de que o somos. Nada portanto de idêntica à doença, na qual o mal-estar é a própria doença. Nenhuma analogia. Aqui o próprio mal-estar é dialético. Nunca o ter sentido, eis precisamente o desespero.

A razão disso é que, a considerá-lo como espírito (e para falar

do desespero é sempre sob esta categoria que o devemos fazer), jamais o homem deixa de estar num estado crítico. Por que motivo não se fala de crise senão para as doenças e não para a saúde? Porque com a saúde física permanecemos no imediato, não há dialética senão com a doença e só então se pode falar de crise. Mas o espiritual, ou quando se estuda o homem sob esta categoria, doença e saúde são igualmente críticas, e não existe saúde imediata do espírito.

Pelo contrário, desde que nos desviamos do destino espiritual (e sem ele não se poderia falar em desespero) para não ver no homem mais do que uma simples síntese de alma e de corpo, a saúde volta a ser uma categoria imediata e é a doença, do corpo ou da alma, que se torna categoria dialética. Mas o desespero é precisamente a inconsciência em que os homens estão do seu destino espiritual. Mesmo aquilo que para eles é mais belo e adorável, a feminilidade na flor da idade, toda ela alegria, paz e harmonia, mesmo esta é desespero. É felicidade, sem dúvida, mas será a felicidade uma categoria do espírito? De modo algum. E no seu fundo, até na sua mais secreta profundidade, também habita a angústia que é desespero e que só aspira a ocultar-se aí, pois não há lugar mais na predileção do desespero do que o mais íntimo e profundo da felicidade. Toda a inocência, não obstante a sua paz e segurança ilusórias, é angústia, e jamais a inocência sente maior temor do que quando a sua angústia carece de objeto; a pior descrição duma coisa horrível, jamais aterrorizará tanto a inocência como a reflexão o pode fazer com uma palavra hábil, lançada como que distraidamente, mas contudo calculada sobre qualquer vago perigo; sim, o maior pavor que se possa dar à inocência, é insinuar-lhe, sem falar nisso, que ela sabe muito bem de que se trata. E é bem certo que ela o ignora, mas nunca a reflexão tem armadilhas mais sutis e mais seguras do que aquelas que forma com nada, e nunca ela é mais real do que quando não é senão... nada. Somente uma reflexão acerada, ou, melhor, uma

grande fé, poderiam resistir à reflexão sobre o nada, isto é, à reflexão sobre o infinito.

E assim o que é mais belo e mais adorável, a feminilidade em flor, é todavia desespero.

Por isso esta inocência não basta para atravessar a vida. Se até o fim nada, além desta felicidade, se possui para a viagem, nada se ganha com isso, pois só se possui desespero. E precisamente, porque ele não é senão a dialética, o desespero é a doença que, pode dizer-se, o pior mal é não ter sofrido... e é uma divina felicidade suportá-la, se bem que seja a mais nociva de todas, quando não queremos curar-nos dela. Tanto é assim que, salvo neste caso, sarar é uma felicidade, e que a infelicidade é a doença.

O vulgo comete portanto um grande erro considerando o desespero uma exceção, quando ele é, pelo contrário, a regra. E bem longe de, como supõe, não serem desesperados todos aqueles que não se sentem ou supõem, e de só o serem aqueles que o confessam, muito ao contrário, o homem que sem imitação afirma o seu desespero não está tão longe da cura, está mesmo mais próximo do que todos aqueles que não são considerados e não se julgam desesperados. Mas a regra é, precisamente — e aqui o psicólogo conceder-mo-á sem dúvida — que a maior parte das pessoas vive sem grande consciência do seu destino espiritual... e daí toda essa falsa despreocupação, essa falsa satisfação em viver, etc., etc., que é o próprio desespero. Mas daqueles que se dizem desesperados, em regra geral, uns, é porque tinham em si suficiente profundidade para tomar consciência do seu destino espiritual, os outros, porque dolorosos sucessos ou violentas decisões os levaram a aperceber-se dela; exceto estes, poucos mais haverá — porque bem poucos serão aqueles que verdadeiramente não sejam desesperados.

Oh! sei bem tudo o que se diz da angústia humana... e presto atenção, também eu conheci, e de perto, mais de um caso; o que não se conta de existências malbaratadas! Mas só se desperdiça aquela

que as alegrias e as tristezas da vida iludem a tal ponto que jamais atinge, como um ganho decisivo para a eternidade, a consciência de ser um espírito, um eu, por outras palavras, que jamais consegue constatar ou sentir profundamente a existência de um Deus, não tão pouco que ela própria, "ela", o seu eu, existe para esse Deus; mas esta consciência, esta conquista da eternidade, só se consegue para lá do desespero. E esta outra miséria! tantas existências frustradas dum pensamento que é a beatitude das beatitudes! Dizer — ai de nós! — que nos entretemos e que se entretêm as multidões com tudo, exceto com aquilo que importa! que as arrastam a desperdiçar a sua vida no palco da vida sem nunca lhes recordar essa beatitude! que as conduzem em rebanhos... enganando-as em vez de as dispersar, de isolar cada indivíduo, a fim de que sozinho se consagre a atingir o fim supremo; o único que vale que se viva e que tem com que alimentar toda uma vida eterna. Perante essa miséria eu bem poderia chorar uma eternidade inteira! Mas mais um horrível sinal desta doença — a pior de todas — é o seu segredo. Não só o desejo e os esforços bem sucedidos para escondê-la daquele que a sofre, não só que ela o possa habitar sem que ninguém, ninguém a descubra, não! mas ainda que ela de tal modo se possa dissimular no homem que nem ele se dê conta! E, esvaziada a ampulheta, a ampulheta terrestre, reduzidos a silêncio todos os ruídos do século, acabada a nossa agitação febril e estéril, quando em redor tudo for silêncio, como na eternidade — homem ou mulher, rico ou pobre, subalterno ou senhor, feliz ou mal-aventurado, quer a tua cabeça tenha suportado o brilho da coroa ou que, perdido entre os humildes, não tenhas tido mais do que as penas e os suores dos dias, quer a tua glória seja celebrada enquanto durar o mundo ou esquecido, sem nome, anonimamente sigas a multidão inumerável; quer o esplendor que te rodeou tenha ultrapassado qualquer descrição humana, ou os homens te tenham aplicado a mais dura, a mais aviltante das condenações, quem quer tenhas sido, a ti como a cada um dos

milhões dos teus semelhantes, a eternidade duma só coisa inquirirá: se a tua vida foi ou não de desespero, e se, desesperado, tu ignoravas sê-lo, ou soterravas em ti esse desespero, como um segredo angustioso, como o fruto dum amor criminoso, ou ainda se, horrorizando os mais, desesperado, gritavas enfurecido. E, se a tua vida não foi senão desespero, que pode então importar o resto! vitórias ou derrotas, para ti tudo está perdido, a eternidade não te dá como seu, ela não te conheceu, ou, pior ainda, identificando-te, amarra-te ao teu eu, o teu eu de desespero!

LIVRO III

PERSONIFICAÇÕES DO DESESPERO

Podem-se distinguir abstratamente as diversas personificações do desespero perscrutando os diversos fatores desta síntese que é o eu. O eu é formado de finito e de infinito. Mas a sua síntese é uma relação que, apesar de derivada, se relaciona consigo própria, o que é a liberdade. O eu é liberdade. Mas a liberdade é a dialética das duas categorias do possível e do necessário.

Não é menos necessário por isso considerar o desespero, principalmente sob a categoria da consciência: segundo ele é consciente ou não, difere de natureza. Quanto ao conceito, é-o com certeza sempre; daí não se conclui porém que o indivíduo habitado pelo desespero e que portanto devemos designar, em princípio, como desesperado, tenha consciência de o ser. Deste modo a consciência, a consciência interior, é o fator decisivo. Decisivo sempre que se trata do eu. Ela dá a sua medida. Quanto mais consciência houver, tanto mais eu haverá; pois que, quanto mais ela cresce, mais cresce a vontade, e haverá tanto mais eu quanto maior for a vontade. Num homem sem vontade, o eu é inexistente; mas quanto maior for a vontade, maior será nele a consciência de si próprio.

CAPÍTULO I

Do desespero considerado não sob o ângulo da consciência mas apenas quanto aos fatores da síntese do eu

a) O desespero visto sob a dupla categoria do finito e do infinito

O eu é a síntese consciente de infinito e de Finito em relação com ela própria, o que não se pode fazer senão contatando com Deus. Mas tornar-se si próprio, é tornar-se concreto, coisa irrealizável no finito ou no infinito, visto o concreto em questão ser uma síntese. A evolução consiste pois em afastar-se indefinidamente de si próprio, numa "infinitização". Pelo contrário, o eu que não se torna ele próprio permanece, saiba-o ou não, desesperado. Contudo, o eu está em evolução a cada instante da sua existência (visto que o eu *Katà dýnamin* (em potência) não tem existência real), e não é senão o que será. Enquanto não consegue tornar-se ele próprio, o eu não é ele próprio; mas não ser ele próprio é o desespero.

a) O desespero da infinidade ou a carência de finito — isto deriva da dialética da síntese do eu, na qual um dos fatores não cessa de ser o seu próprio contrário. Não se pode dar definição direta (não dialética) de nenhuma forma de desespero, é sempre necessário que uma forma reflita o seu contrário. Pode-se descrever sem dialética o estado do desesperado no desespero, tal como fazem os poetas, deixando que ele próprio fale. Mas o desespero só se define pelo seu contrário; e para que tenha valor artístico a expressão deve ter então no colorido como que um reflexo dialético do contrário. Portanto, em toda a vida humana que se julga já infinita, e o quer ser, cada instante é desespero. Porque o eu é uma síntese de finito que delimita e de infinito que ilimita. O desespero que se perde no

infinito é portanto imaginário, informe; porque o eu não tem saúde e não está livre de desespero, senão quando, tendo desesperado, transparente a si próprio, mergulha até Deus.

É certo que o imaginário depende em primeiro lugar da imaginação; mas esta toca a seu turno no sentimento, no conhecimento, na vontade, de modo que é possível ter-se um sentimento, um conhecimento, um querer imaginários. A imaginação é geralmente o agente da infinitização, não é uma faculdade como as outras... mas, por assim dizer, é o seu *proteu.*

O que há de sentimento, conhecimento e vontade no homem depende em última análise do poder da sua imaginação, isto é, da maneira segundo a qual todas as faculdades se refletem: projetando-se na imaginação. Ela é a reflexão que cria o infinito, por isso o velho Fichte tinha razão quando via nela, mesmo para o conhecimento, a origem das categorias. Assim como o eu, também a imaginação é reflexão; reproduz o eu e, reproduzindo-o, cria o possível do eu; e a sua intensidade é o possível de intensidade do eu.

É o imaginário em geral que transporta o homem ao infinito, mas afastando-o apenas de si próprio e desviando-o assim de regressar a si próprio.

Uma vez que o sentimento se torna imaginário, o eu evapora-se mais e mais, até não ser ao fim senão uma espécie de sensibilidade impessoal, desumana, doravante sem vínculo num indivíduo, mas partilhando não sei que existência abstrata, a da idéia de humanidade, por exemplo. Tal como o reumático que, dominado pelas suas sensações, de tal modo cai sob o império dos ventos e do clima, que o seu corpo instintivamente ressente a menor transformação atmosférica, etc...., assim o homem, com o sentimento absorvido pelo imaginário, cada vez se inclina mais para o infinito, mas sem que se torne cada vez mais ele próprio, pois não deixa de se afastar do seu eu.

Igual aventura se passa com o conhecimento que se torna

imaginário. A lei de progresso do eu, neste caso, se também é na verdade preciso que o eu se torne ele próprio, é que o conhecimento vá de par com a consciência, e que, quanto mais ele conheça, tanto mais o eu se conheça. De contrário, o conhecimento, à medida que progride, transforma-se num conhecer monstruoso, para edificar o qual o homem desperdiça o seu eu, um pouco como o desperdício de vidas humanas para construir as pirâmides ou de vozes nos coros russos só para produzir uma nota, uma única.

Igual aventura ainda com a vontade, quando ela cai no imaginário: o eu cada vez se evapora mais. Porque enquanto ela não deixa de ser tão concreta como abstrata, e tal não é o caso presente, quanto mais os seus fins e resoluções têm o infinito como fim, tanto melhor ela permanece simultaneamente disponível, quer para ela própria, quer para a menor tarefa imediatamente realizável; e é então que, infinitizando-se, ela regressa mais — no sentido estrito — a ela própria, é quando está *mais longe* de si própria (o mais infinitizada nos seus fins e resoluções) que *mais próximo* está no mesmo instante, de realizar essa infinitesimal parcela da sua tarefa, realizável hoje mesmo ainda, nesta hora, neste instante.

E quando uma das suas atividades, querer, conhecer, ou sentir, se perdeu assim no imaginário, todo o eu corre igualmente o risco de nele se perder, e, abandone-se voluntariamente ou se deixe levar: nos dois casos, permanece responsável. Leva então uma existência imaginária, infinitizando-se ou isolando-se no abstrato, sempre privado do seu eu, do qual consegue afastar-se cada vez mais. Vejamos o que se passa então no domínio religioso. A orientação para Deus dota o eu de infinito, mas esta infinitização, neste caso, quando o eu for devorado pelo imaginário, apenas conduz o homem a uma embriaguez no vácuo. Poder-se-á achar, deste modo, insuportável a idéia de existir para Deus, não podendo o homem regressar ao seu eu, tornar-se ele próprio. Um tal crente, sendo assim presa do imaginário, diria (para personificá-lo pelas suas

próprias palavras): “Compreende-se que uma andorinha possa viver, pois não sabe que vive para Deus. Mas sermos nós próprios a sabê-lo! e não soçobramos imediatamente na loucura e no nada!”

Mas para alguém que seja assim presa do imaginário, um desesperado portanto, a vida pode muito bem seguir o seu curso, e, semelhante à de toda a gente, estar plena de temporalidade, amor, família, honras e considerações; talvez ninguém se aperceba de que num sentido mais profundo este indivíduo carece de eu. O eu não é destas coisas a que o mundo dê muita importância, é com efeito aquela que menos curiosidade desperta e que é mais arriscado mostrar que se tem. O maior dos perigos, a perda desse eu, pode passar tão desapercebido dos homens como se nada tivesse acontecido. Nada há que faça tão pouco ruído, seja ela qual for, braço ou perna, fortuna, mulher, etc.... nenhuma perda pode passar desapercebida.

b) O desespero no finito, ou a carência de infinito — este desespero, segundo ficou demonstrado em a), provém da dialética do eu, por causa da sua síntese, um de cujos termos não cessa de ser o seu próprio contrário. Carecer de infinito comprime e limita desesperadamente. Não se trata aqui, naturalmente, senão de estreiteza e de indigência morais. O mundo, pelo contrário, só fala de indigência intelectual ou estética ou de coisas indiferentes, que são as que mais o ocupam; porque a sua tendência é, com efeito, para dar um valor infinito às coisas indiferentes. A reflexão de quase toda a gente prende-se sempre às nossas pequenas diferenças, sem que, naturalmente, se dê conta da nossa única necessidade (porque a espiritualidade está em dar-se conta dela), por isso nada percebem dessa indigência, dessa estreiteza, que é a perda do eu, perdido não porque se evapore no infinito, mas porque se fecha no finito, e porque em vez dum eu se torna um número, mais um ser humano, mais uma repetição dum eterno zero.

Quando se desespera, a estreiteza é uma falta de primitividade,

é porque nos depojamos dela, porque, espiritualmente, nos castramos. A nossa estrutura originária está com efeito sempre disposta como um eu que deve tornar-se ele próprio; e, como tal, é certo que um eu tem sempre ângulos, mas daí apenas se conclui que é preciso dar-lhes resistência, e não limá-los; e de modo algum significa que, por receio de outrem, o eu deva renunciar a ser ele próprio ou não ousar sê-lo em toda a sua originalidade (mesmo com os seus ângulos), essa originalidade na qual somos plenamente nós para nós próprios. Mas ao lado do desespero que às cegas se embrenha no infinito até à perda do eu, existe um de outra espécie, que se deixa como que frustrar do seu eu por "outrem". A contemplar as multidões à sua volta, a encher-se com ocupações humanas, a tentar compreender os rumos do mundo, este desesperado esquece-se a si próprio, esquece o seu nome divino, não ousa crer em si próprio e acha demasiado ousado sê-lo e muito mais simples e seguro assemelhar-se aos outros, ser uma imitação servil, um número, confundido no rebanho.

Esta forma de desespero passa perfeitamente desapercebida. A perder assim o seu eu, um desesperado desta espécie adquire uma aptidão sem fim para ser bem visto em toda a parte, para se elevar na sociedade. Aqui, nenhuma dificuldade, aqui o eu e a sua infinitização deixaram de ser um entrave; polido como um seixo, o nosso homem gira dum lado para o outro como moeda corrente. Bem longe de o tomarem por um desesperado, é precisamente um homem como a sociedade o quer. Em geral, a sociedade ignora, e isso explica-se, quando há motivo para recear. E esse desespero, que facilita a vida em vez de a entravar, não é, naturalmente, tomado como desespero. Tal é a opinião da sociedade, como se pode ver pela maioria dos provérbios, que nada mais são do que regras de prudência. Assim, o ditado que diz *a palavra é de prata, o silêncio é de ouro;* por quê? porque as nossas palavras, como fato material, podem trazer-nos dissabores, o que é uma coisa real. Como se calar-

se fosse uma coisa de nada! quando é o maior dos perigos! O homem que se cala fica com efeito reduzido ao diálogo consigo próprio e a realidade não o vem socorrer castigando-o, fazendo recair sobre ele as conseqüências das suas palavras. Nesse sentido não, nada custa calar-se. Mas aquele que sabe onde há que temer, receia precisamente mais que tudo qualquer má ação, qualquer crime duma orientação interior que não deixe vestígios exteriores. Aos olhos do mundo, o perigo está em arriscar, pela simples razão de se poder perder. Evitar os riscos, eis a sabedoria. Contudo, a não arriscar, que espantosa facilidade de perder aquilo que, arriscando, só dificilmente se perderia, por muito que se perdesse, mas de toda a maneira nunca assim, tão facilmente, como se nada fora: a perder o quê? a si próprio. Porque se arrisco e me engano, seja! a vida castiga-me para me socorrer. Mas se nada arriscar, quem me ajudará? tanto mais que nada arriscando no sentido mais lato (o que significa tomar consciência do eu) ganho ainda por cima todos os bens deste mundo — e perco o meu eu.

Assim é o desespero do finito. Um homem pode, com ele, levar perfeitamente uma vida temporal, humana em aparência, tendo os louvores dos outros, as honras, a estima e todos os bens terrestres. Porque o século, como é costume dizer-se, não se compõe afinal de pessoas desta espécie, isto é, devotadas às coisas do mundo, sabendo usar os seus talentos, acumulando dinheiro, hábeis em prever, etc...., o seu nome talvez passe à história, mas terão sido na verdade eles próprios? Não, porque espiritualmente não tiveram eu, um eu pelo qual tudo arriscassem, porque estão absolutamente sem eu perante Deus... por muito egoístas que de resto sejam.

b) O desespero visto sob a dupla categoria do possível e da necessidade

O possível e a necessidade são igualmente essenciais para que

o eu se transforme (com efeito, o eu só pode transformar-se sendo livre). Como de infinito e de finito *(ápeiron-péras),* o eu tem uma igual precisão de possível e de necessidade. Tanto desespera por falta de possível como por falta de necessidade.

a) O desespero do possível ou a carência de necessidade — este fato, segundo vimos, depende da dialética. Em face do infinito a finidade limita; igualmente a necessidade exerce no campo do possível, a função de reter. O eu, inicialmente, como síntese de finito e de infinito, é dado, existe *katà dýnamin;* em seguida, para se transformar, projeta-se sobre o *écran*[1] da imaginação e é assim que se lhe revela o infinito do possível. O eu *katà dýnamin* contém tanto de possível como de necessidade, porque é ele próprio, mas deve realizá-lo. O eu é necessidade, porque é ele próprio, e possível, porque deve realizar-se.

Se o possível repele a necessidade e o eu se precipita e perde no possível, sem elo que o prenda à necessidade, temos o desespero do possível. Esse eu torna-se então uma abstração no possível, esgota-se debatendo-se nele, sem contudo mudar de lugar, pois o seu lugar é a necessidade: tornar-se ele próprio é com efeito um movimento sem deslocação. Tornar-se é partir, mas tornar-se si próprio é um movimento sem deslocação.

O campo do possível não pára então de crescer aos olhos do eu, e este encontra sempre mais possível, visto que nenhuma realidade se forma. Por fim o possível tudo abarca, mas é porque então o eu foi tragado pelo abismo. Algum tempo seria necessário para que a mais pequena parcela de possível se realizasse. Mas esse tempo de tal modo se abrevia que tudo por fim se dissolve em poeira de instantes. Os possíveis tornam-se cada vez mais intensos, mas sem que deixem de ser possíveis, sem que se tornem reais, e no real não há de fato intensidade se não houver passagem do possível ao real. Mal o instante revela um possível que logo outro surge, e estas fantasmagorias acabam por desfilar com tal rapidez que tudo nos

parece possível, e atingimos então esse instante extremo do eu, no qual este não é mais do que uma miragem.

Do que ele carece agora, é de real, como também o exprime a linguagem vulgar, quando de alguém se diz que saiu da realidade. Mas a olhar as coisas mais de perto, vemos que é de necessidade que carece. Porque, a despeito dos filósofos, a realidade não se une ao possível na necessidade, mas é esta última que na realidade se une ao possível. Não é também por falta de força, pelo menos no sentido corrente, que o eu se extravia no possível. O que lhe falta, no fundo, é a força de obedecer, de se submeter à necessidade inclusa no nosso eu, do que se pode chamar as nossas fronteiras interiores. A infelicidade de um eu desta espécie não está em nada ter feito neste mundo, mas em não ter tomado consciência de si próprio, em não se ter apercebido de que este eu é o seu, é um determinado preciso e, portanto, uma necessidade. Em vez disso, o homem perdeu-se deixando que o seu eu se reflita imaginariamente no possível. Ninguém pode ver-se a *si próprio* num espelho, sem se conhecer previamente, caso contrário não é ver-se, mas apenas ver alguém. Mas o possível é um extraordinário espelho, que só pode ser usado com a maior prudência. É na verdade um espelho ao qual podemos chamar mentiroso. Um eu que se olha no seu próprio possível só é semiverdadeiro, porque, nesse possível, está muito longe de ser ele próprio, ou só o é parcialmente. Ainda não se pode saber o que de futuro decidirá a sua necessidade. O possível lembra a criança que recebe um convite agradável e diz logo sim; resta saber se os pais darão licença... e os pais desempenham o papel da necessidade.

O possível contém de fato todos os possíveis e, portanto, todos os desvarios, mas principalmente dois: um, em forma de desejo, de nostalgia, e o outro de melancolia imaginativa (esperança, receio ou angústia). Como aquele cavaleiro, tão falado nas lendas, que subitamente vê uma ave rara e teima em persegui-la, julgando-se a princípio prestes a atingi-la... mas a ave de novo se distancia até o

cair da noite, e o cavaleiro, longe dos seus, perdido na solidão já não sabe o caminho: assim é o possível do desejo. Em vez de reportar o possível à necessidade, o desejo persegue-o até perder o caminho de regresso a si próprio. Na melancolia sucede o contrário de maneira idêntica. O homem possuído por um amor melancólico empenha-se em perseguir um possível da sua angústia, que acaba por afastá-lo de si próprio e o faz morrer nessa angústia ou nessa mesma extremidade, na qual ele tanto receava perecer.

b) O desespero na necessidade, ou a carência de possível — suponhamos que transviar-se no possível se compara ao balbuciar infantil, carecer de possível, será, assim, como ser mudo. A necessidade parece ser apenas de consoantes, mas o possível é necessário para pronunciá-las. Se ele falta, se o caso faz com que uma existência dele careça, essa existência será desesperada, e sê-lo-á a cada instante em que a carência se manifeste.

Há, como é costume dizer-se, uma idade para a esperança, ou então, em certa época, em certo momento da vida estamos ou estivemos, diz-se, transbordantes de esperança ou de possível. Mas isso é palavreado que não contém verdade alguma: porque todo o esperar ou desesperar desta espécie não é ainda verdadeira esperança, nem verdadeiro desespero.

O critério ei-lo: a Deus tudo é possível. Verdade de sempre, e portanto de qualquer instante. É um estribilho cotidiano, e que todos usam sem pensar no que significa, mas a expressão só é decisiva para o homem que esgotou todas as possibilidades, e quando nenhum outro possível humano subsiste. O essencial para ele é então saber se quer crer que a Deus tudo seja possível, se ele tem a vontade de *acreditar* nisso. Mas não será a fórmula mais própria para perder a razão? Perdê-la para ganhar Deus, é o próprio ato de crer. Suponhamos alguém nessas condições: todas as forças duma imaginação apavorada lhe mostram não sei que intolerável horror; e é esse, esse que o ameaça! Aos olhos dos homens a sua perda é caso

decidido... e, desesperadamente, o desespero da sua alma luta pelo direito de desesperar, pelo, se ouso dizer assim, vagar de desesperar, para o contentamento de todo o seu ser em instalar-se no desespero; até ao ponto de fazer recair a sua maior maldição sobre aquele que lho quisesse impedir, segundo as palavras do poeta dos poetas, em *Ricardo II:*

Beshrew thee, cousin, which didst lead me forth
Of that sweet way I was in to despair![2]

(Ato III, cena II).

A salvação é portanto o supremo impossível humano, mas a Deus tudo é possível! Esse é o combate da *fé,* a qual luta como louca pelo possível. Sem ele, com efeito, não há salvação. Perante um desmaio, grita-se: Água! Água de Colônia! Gotas de Hofmann! Mas perante alguém que desespera, grita-se: possível, possível! Só o possível o pode salvar! Uma possibilidade: e o nosso desesperado recomeça a respirar, revive, porque sem possível, por assim dizer, não se respira. Por vezes basta para arranjá-lo o engenho humano, mas ao cabo, quando se trata de *crer,* um único remédio existe: a Deus tudo é possível.

Este é o combate. A solução depende apenas duma coisa: o combatente quer obter o possível: quer ele crer? Entretanto, falando só humanamente, ele bem sabe que a sua perda é arquicerta. E é esse o movimento dialético da fé. Ordinariamente, o homem limita-se à esperança, ao provável, etc...., contando que isto ou aquilo não lhe virá a acontecer. Que em seguida venha o acontecimento, e ele morre. O temerário aventura-se a um perigo, cujo risco também depende de diversos fatores; sobrevenha esse risco, ele desespera e sucumbe. O *crente* vê e apercebe-se da sua perda (no que sofreu ou no que ousou) como homem, mas crê. É o que o livra de perecer. Deixa a Deus o modo de socorro, e contenta-se em crer que a Deus tudo é possível. *Crer* na sua perda é-lhe impossível. Compreender

que humanamente isso é a sua perda e acreditar ao mesmo tempo no possível, é crer.

É então que Deus vem em socorro do crente, livrando-o do horror, talvez pelo próprio horror, no qual, inesperadamente, miraculoso, divino, se manifesta o socorro. Miraculoso, pois como crer que uma única vez, há dezoito séculos, um homem tenha sido miraculosamente socorrido! A ajuda do milagre depende antes de mais de se ter tido a apaixonada compreensão da impossibilidade do socorro, e depois da lealdade para com esse poder que nos salvou. Mas, em regra, os homens não possuem um nem outro; proclamam a impossibilidade do auxílio, sem mesmo se terem esforçado inteligentemente para o descobrir, e mentem depois como ingratos.

No possível tem o crente o eterno e seguro antídoto do desespero; porque Deus *pode* a todo instante. É essa a saúde da fé, que resolve as contradições. E uma destas é aqui a certeza humana da perda simultaneamente com a existência do possível. A saúde não será, em suma, o poder de resolver a contradição? Assim no campo físico uma corrente de ar é uma contradição, um disparate de frio e calor sem dialética, que um corpo saudável resolve sem dar por isso. Com a fé sucede o mesmo.

Carecer do impossível significa que tudo se tornou para nós necessidade ou banalidade.

O determinista, o fatalista são desesperados que perderam o seu eu, porque para eles só há necessidade. Sucede-lhes o mesmo que àquele rei esfomeado, porque todos os alimentos se transformavam em ouro. A personalidade é uma síntese de possível e de necessidade. A sua duração depende pois, como a respiração (*respiratio),* duma alternativa de inspiração e expiração. O eu do determinista não respira, visto que a necessidade pura é irrespirável e asfixia inteiramente o eu. O desespero do fatalista consiste em ter perdido o eu ao perder Deus; carecer de Deus é carecer de eu. O fatalista vive sem Deus, ou, melhor, o seu é a necessidade; pois que

tudo sendo possível a Deus, Deus é a possibilidade pura, a ausência de necessidade. Conseqüentemente, o culto do fatalista é, quando muito, uma interjeição, e, na sua essência, mutismo, muda submissão, impossibilidade de orar. Orar é ainda respirar, e o possível está para o eu assim como para os pulmões o oxigênio. Como não se respiram o oxigênio ou o azoto isolados, tampouco a prece se alimenta isoladamente de possível ou de necessidade. Para orar é necessário um Deus, um eu — e possível, ou um eu e possível no seu sentido sublime, porque Deus é o absoluto possível, ou, por outras palavras, a possibilidade pura é Deus; e só aquele que um tal abalo fez nascer para a vida espiritual, compreendendo que tudo é possível, só esse tomou contato com Deus. É porque a vontade de Deus é o possível que podemos orar; não o poderíamos, se ele fosse apenas necessidade, e, por natureza, o homem não teria mais linguagem do que o animal.

As coisas passam-se de modo um pouco diferente com os filisteus, com a sua banalidade: também ela carece principalmente de possível. Se no determinismo e no fatalismo o espírito desespera, aqui está ausente; mas a carência de espírito é ainda desespero. Vazio de qualquer orientação espiritual, o filisteu permanece no domínio do provável, no qual o possível encontra sempre um refúgio; deste modo não resta ao filisteu probabilidade alguma de descobrir Deus. Sem imaginação como sempre, ele vive, ao correr dos acontecimentos, nos limites do provável, no curso habitual das coisas, numa certa soma banal de experiência, e que importa que seja negociante de vinhos ou primeiro-ministro. Assim o filisteu nem tem eu, nem Deus. Porque, para descobrir um e outro, é preciso que a imaginação nos mantenha acima dos valores do provável, e, tornando possível o que ultrapassa a medida da experiência, nos ensine a esperar e temer ou a temer e esperar. Mas, imaginação, o filisteu não a tem nem a quer, detesta-a. Neste caso, pois, não há remédio possível. E se por vezes, à força de horrores, a existência o

ajuda, ultrapassando a sua banal sabedoria de papagaio, ele desespera, isto é, vê-se bem que o seu caso era desespero, e que lhe falta o possível da fé para que possa, com a ajuda de Deus, salvar um eu da sua perda inevitável.

Fatalistas e deterministas têm pois imaginação suficiente para desesperar do possível e suficiente possível para sentirem a sua insuficiência; quanto ao filisteu, a banalidade tranqüiliza-o, o seu desespero é o mesmo, quer as coisas corram bem ou mal. Fatalistas e deterministas carecem de possível para suavizar e acalmar, para temperar a necessidade; e desse possível, que lhes serviria de atenuante, carece o filisteu como reagente contra a ausência de espírito. A sua sabedoria, com efeito, gaba-se de dispor do possível e de ter retido a sua imensa elasticidade na armadilha do provável; ela assim supõe, e o nosso filisteu passeia-o na gaiola do provável, exibe-o e julga-se seu dono, sem pensar que desse modo se engaiolou a si próprio, se tornou escravo da tolice e o último dos párias. E ao passo que aquele que se extravia no possível mantém a audácia do desespero, e que aquele que só crê na necessidade, se crispa desesperado e se desarticula no real, o filisteu triunfa no seu erro.

Capítulo II

O desespero visto sob a categoria da consciência

A consciência vai aumentando e os seus progressos medem a intensidade sempre crescente do desespero; quanto mais aumenta, mais intensa se torna. O fato, visível em toda parte, é-o sobretudo nos dois extremos do desespero. O do diabo é o mais intenso de todos, do diabo, espírito puro, e, por essa razão, consciência e limpidez absolutas; sem nada de obscuro nele que possa servir de desculpa, de atenuante: por isso o seu desespero é o próprio cume do desafio. Eis o máximo. No mínimo, é um estado, uma espécie de inocência, sem nenhuma aparência de desespero. Assim, no mais elevado da inconsciência, o desespero está no seu menor grau, a tal ponto que quase nos perguntamos se ainda é lícito dar-lhe esse nome.

a) O desespero que se ignora ou a ignorância desesperada por ter um eu, um eu eterno

Este estado, que a justo título se designa como desespero, e que não deixa de o ser, exprime por isso mesmo, mas no bom sentido da palavra, o direito de chicana da Verdade. *Veritas est index sui et falsi.*[3] Mas este direito de chicana é tido por menos que o seu valor, assim como, ordinariamente, os homens estão longe de considerar como supremo bem a relação com a verdade, a sua relação pessoal com a verdade, como estão longe de concordar com Sócrates em que a pior das infelicidades é estar em erro; neles, o mais das vezes, os sentidos têm mais força do que a intelectualidade. Quase sempre, quando alguém se julga feliz e se envaidece com sê-lo, ao passo que à luz da verdade é um infeliz, está a cem léguas de desejar que o tirem

do seu erro. Pelo contrário, zanga-se, considera como seu pior inimigo àquele que o tenta, e como um atentado e quase um crime esse modo de proceder e, como costuma dizer-se, de destruir a sua felicidade. Por quê? Mas porque é presa da sensualidade e duma alma plenamente corporal; porque a sua vida só conhece as categorias dos sentidos, o agradável e o desagradável, e manda passear o espírito, a verdade, etc.... É porque é demasiado sensual para ter a ousadia, a paciência de ser espírito. Apesar da sua vaidade e falsidade, os homens não têm ordinariamente mais do que uma leve idéia, ou, melhor, não fazem a mais leve idéia de serem espírito, de serem esse absoluto que ao homem é dado ser; mais vaidosos e enfatuados, é certo que o são... entre si. Imagine-se uma casa, cada um de cujos andares — cave, rés-do-chão, primeiro andar — tivesse uma espécie diferente de moradores, e compare-se a vida com esta casa: pois não se veria — tristeza ridícula! — que a maior parte da gente preferiria apesar de tudo a cave!

Todos nós somos uma síntese com uma finalidade espiritual, essa é a nossa estrutura; mas quem não prefere habitar a cave, as categorias do sensual? O homem não só prefere viver nelas, mas ama-as a tal ponto que se zanga, quando lhe propõe o primeiro andar, o andar nobre, sempre vago e esperando-o — porque afinal toda a casa lhe pertence.

Sim, estar no erro é aquilo que, ao invés de Sócrates, mais se teme. Fato que ilustram em grande escala extraordinários exemplos. Certo pensador eleva uma construção imensa, um sistema, um sistema universal que abraça toda a existência e história do mundo, etc., — mas se alguém atentar na sua vida privada, descobre com pasmo este enorme ridículo: que ele próprio não habita esse vasto palácio de elevadas abóbadas, mas um barracão lateral, uma pocilga, na melhor das hipóteses o cacifo do porteiro! E zanga-se se alguém ousa uma palavra para lhe fazer notar essa contradição. Pois que lhe importa viver no erro, logo que construa o seu sistema... com a ajuda

desse erro.

Que importa pois que o desesperado ignore o seu estado, se nem por isso deixa de desesperar? Se esse desespero é desvario, a ignorância ainda o torna maior: é estar ao mesmo tempo desesperado e em erro. Tal ignorância está para o desespero como está para a angústia (ver o *Conceito de Angústia,* por Virgilius Haufniensis [4]), a angústia do nada espiritual reconhece-se precisamente pela segurança vazia de espírito. Mas, no fundo, a angústia está presente, assim como o desespero, e quando se suspende o encantamento das ilusões dos sentidos, desde que a existência vacila, o desespero, que espiava, surge.

Ao lado do desesperado consciente, o desesperado que se ignora só está afastado da verdade e da salvação por mais um passo negativo. O próprio desespero é uma negação e a ignorância do desespero é outra. Mas o caminho da verdade passa por todas elas; aqui se verifica pois o que a lenda diz para desfazer os sortilégios: deve-se representar toda a peça de trás para diante, senão a feitiçaria não se quebra. Contudo, só num sentido, em pura dialética, o desesperado que se ignora está realmente mais longe da verdade e da salvação do que o desesperado consciente, que se obstina em sê-lo; pois que, em outra acepção, em dialética moral, aquele que permanece conscientemente no desespero está mais longe da salvação, visto que o seu desespero é mais intenso. Mas a ignorância está de tal modo longe de o destruir ou de transformá-lo em não-desespero, que, pelo contrário, ela pode ser a forma que mais riscos contém. Na ignorância, o desesperado está de certo modo garantido, mas para seu mal, contra a consciência, isto é, está sem apelo, nas garras do desespero.

É nesta ignorância que o homem tem menor consciência de ser espírito. Mas, precisamente, esta inconsciência é o desespero, quer seja uma extinção de todo o espírito, uma simples vida vegetativa, ou então uma vida múltipla, cuja base, contudo, continua a ser

desespero. Aqui, como na tuberculose, é quando o desesperado está melhor e melhor se sente, e pode dar a impressão duma saúde florescente, que o mal é mais agudo.

Esse desespero que se ignora, é a forma mais freqüente do mundo; sim! o mundo, como lhe chamam, ou, para ser mais exato, o mundo no sentido cristão: o paganismo, e na cristandade, o homem natural, o paganismo da antiguidade e do nosso tempo, constituem precisamente esta espécie de desespero, o desespero que se ignora. O pagão, assim como o homem natural, distingue, é certo, fala de ser desesperado e de não o ser, como se o desespero fosse apenas o acidente isolado de alguns. Distinção tão falaciosa como a que fazem entre o amor e o amor de si próprio, como se, neles, todo o amor não fosse na sua essência amor de si próprios. Distinção, contudo, da qual jamais puderam nem poderão sair, porque a ignorância da sua própria presença é o caráter específico do desespero.

Conseqüentemente, é fácil verificar que, para decidir da sua presença, não fornece critério a definição estética de carência de espírito; nada mais normal, de resto; visto que, se a estética não pode dizer ao certo em que consiste o espírito, como poderia responder a uma pergunta que não lhe diz respeito! Seria também uma monstruosa tolice negar tudo o que, para eterno entusiasmo dos poetas, de extraordinário criou o paganismo dos povos ou dos indivíduos, negar os feitos a que deu lugar, para os quais a admiração da estética nunca será excessiva. Não menor loucura seria negar a vida plena de prazer estético que o pagão e o homem natural puderam ou podem levar, utilizando-se de todos os recursos favoráveis à sua disposição, com o mais seguro gosto, fazendo até que a arte e a ciência sirvam para a elevação, o embelezamento, o enobrecimento do prazer. A definição estética da carência de espírito não fornece pois critério da presença ou ausência do desespero, é à definição ético-religiosa que temos de recorrer, à distinção entre o espírito e o seu contrário, a ausência de espírito. Todo o homem que

não se conhece como espírito ou cujo eu interior não tomou em Deus consciência de si próprio, toda a existência humana, que não mergulha desse modo limpidamente em Deus, mas se funda nebulosamente sobre qualquer abstração ou a ela se reduz (Estado, Nação, etc.), ou que, cega para consigo própria, não vê nas suas faculdades mais do que energias de origem pouco explícita, e aceita o seu eu como um enigma rebelde a qualquer introspecção — toda a existência deste gênero, realize o que realizar de extraordinário, explique o que explicar, até o próprio universo, por muito interessante que, como esteta, goze a vida: mesmo assim, ela será desespero. Era esse o pensamento dos Padres da Igreja, considerando vícios brilhantes as virtudes pagãs: querendo dizer, com isso, que o fundo do pagão era desespero, e que o pagão não se conhecia como espírito perante Deus. Daí vinha também (para tomar como exemplo um fato estreitamente ligado a este estudo) essa estranha leviandade do pagão em julgar a até em louvar o suicídio. Pecado do espírito por excelência, evasão da vida, revolta contra Deus. Faltava aos pagãos a compreensão do eu tal como o define o espírito, daí a sua opinião sobre o suicídio; e eram contudo eles quem condenavam com tão casta severidade o roubo, o impudor, etc.... Sem relação com Deus e sem eu, faltava-lhes um fundamento para julgar o suicídio, coisa indiferente sob o seu ponto de vista, não devendo cada um contas a ninguém da liberdade dos seus atos. Para repudiar o suicídio, o paganismo precisaria de ter feito um largo desvio, mostrar que era violar o direito para com o próximo. O crime contra Deus que o suicídio é, eis um sentido que escapa inteiramente ao pagão. Não se pode dizer, portanto, seria fazer uma absurda reversão dos termos, que para o pagão o suicídio fosse desespero, mas temos o direito de afirmar que o era a própria indiferença, a esse respeito.

Resta contudo uma diferença, diferença de qualidade, entre o paganismo de outrora e os nossos pagãos modernos, aquela que, a

propósito da angústia, observou Virgilius Haufniensis; se o paganismo não conhece o espírito, está contudo orientado para ele, ao passo que os nossos pagãos modernos carecem dele por afastamento ou traição, e isso é que é o verdadeiro nada do espírito.

b) Do desespero consciente da sua existência; consciente portanto dum eu de certa eternidade; e das duas formas desse desespero, uma na qual se deseja, outra na qual não se deseja ser si próprio

Neste ponto uma distinção se impõe: sabe o desesperado consciente, com precisão, o que é o desespero? Segundo a idéia que dele faz, tem talvez razão em dizer-se desesperado, e talvez que, com efeito, desespere, mas provará isso que a sua idéia seja justa? Olhando a sua vida sob o ângulo do desespero, talvez se pudesse dizer a esse desesperado: No fundo, tu é-lo muito mais ainda do que supões, o teu desespero tem raízes ainda mais fundas. Assim, recordemo-nos, como para os pagãos; quando, em comparação com outros, um deles se considerava desesperado, o seu erro não estava, é claro, em dizer que o era, mas em crer sê-lo com exclusão dos outros: faltava-lhe representar-se verdadeiramente o desespero.

O desesperado consciente não deve pois saber apenas o que é precisamente o desespero, mas ainda ter feito completa luz sobre si próprio, a não ser que lucidez e desespero se excluam. A plena luz sobre si próprio, a consciência de ser desesperado, poderá conciliar-se com o próprio desespero? Não deveria essa lucidez no conhecimento do nosso estado e do nosso eu arrancar-nos do desespero, dar-nos tamanho terror de nós próprios que estivéssemos a ponto de deixar de ser desesperados? Problema que não se decidirá neste momento, que nem sequer se abordará, pois o seu lugar é mais adiante. Mas, sem desenvolver aqui essa investigação dialética, limitemo-nos a notar a grande variabilidade da consciência, não só

sobre a natureza do desespero, mas também sobre o seu próprio estado, quando se trata de saber se ele é desespero. A vida real é por demais matizada para que apenas se verifiquem contradições abstratas como a que há entre os dois extremos do desespero, a sua inconsciência total e a sua completa consciência. Habitualmente, o estado do desesperado, ainda que irisado por muitas tonalidades, esconde-se sob a sua própria penumbra. No seu íntimo ele bem duvida do seu estado, sente-o até, como quando se pressente a doença latente, mas sem grande vontade de descobrir qual seja. Em certo instante quase apercebe do seu desespero, outro dia já o seu mal-estar lhe parece ter outra origem, como se fosse qualquer coisa exterior, fora dele, e cuja substituição aboliria o seu desespero. Ou quem sabe se, por meio de distrações, ou pelo trabalho, por ocupações que sirvam de passatempo, ele não procura manter, sobre o seu estado, essa penumbra, mas mesmo assim, sem querer ver nitidamente que é com tal fim que se distrai, que age assim para não sair dessas meias trevas. Ou até, quando se esforça por embeber nesse ambiente a sua alma, talvez o faça conscientemente, com uma certa perspicácia, cálculos hábeis, e uma destreza de psicólogo, mas sem lucidez profunda, sem dar conta do que faz, nem do que entra de desespero na sua maneira de agir, etc.... Visto que, constantemente, na sombra e na ignorância, o conhecimento e a vontade prosseguem no seu concerto dialético, e, se pretendemos definir alguém, corremos sempre o risco de exagerar uma ou outra.

Mas, segundo atrás se viu, a intensidade de desespero aumenta com a consciência. Quanto mais, por possuir uma exata idéia do desespero, se desespera, tanto melhor se tem a clara consciência de o ser, tanto melhor se sente a sua intensidade. Quando alguém se mata com a consciência de que matar-se é um ato de desespero, e portanto com uma visão exata sobre o que seja o suicídio, é mais desesperado do que matando-se sem saber ao certo que isso significa desespero; pelo contrário, o matar-se tendo uma

falsa idéia do suicídio, representa um desespero menos intenso. Por outro lado, quanto mais lucidamente nos conhecemos (consciência do eu) ao suicidar-nos, mais intenso é o nosso desespero, em comparação com o daquele que se suicide num estado de alma indeciso e obscuro.

Na exposição que se segue das duas formas do desespero consciente, não só se verá crescer o conhecimento do desespero, como também a consciência do seu estado por parte do desesperado, ou, o que vem a dar na mesma e é o fato decisivo: ver-se-á crescer a consciência do eu. Mas o contrário de desesperar é crer; aquilo que atrás foi exposto, como fórmula dum estado do qual o desespero foi eliminado, vem a ser afinal a fórmula da fé: descendo em si próprio, querendo ser si próprio, o eu mergulha através da sua própria transparência no poder que lhe deu existência (ver Livro I, cap. I).

a) Do desespero, no qual não se quer ser si próprio, ou desespero-fraqueza — esta designação de desespero-fraqueza implica já um relacionamento com a segunda forma do desespero: aquele que nos leva a não querermos ser nós próprios. A oposição das duas formas torna-se, deste modo, relativa. Qualquer espécie de desespero contém um certo desafio; contém-no até a expressão "no qual não se quer". E, por outro lado, até no supremo desafio do desespero se encontra fraqueza. Vê-se assim toda a relatividade da sua diferença. Poder-se-ia dizer que uma das formas é feminina, masculina a outra.[5]

1.° DESESPERO DO TEMPORAL OU DUMA COISA TEMPORAL. Encontramo-nos aqui ante o puro imediato, ou do imediato com uma reflexão apenas quantitativa. — Não se encontra consciência infinita do eu, do que seja o desespero, nem da natureza desesperada do estado em que nos encontramos; neste caso, desesperar é simplesmente sofrer; suporta-se passivamente uma opressão que vem de fora, e de modo nenhum o desespero vem de dentro como se

fosse uma ação. É, em suma, por um abuso inocente de linguagem, um jogo de palavras, que na linguagem da espontaneidade se empregam palavras como: o eu, o desespero.

O homem do *espontâneo* (se é que a vida oferece de fato tipos de imediato a tal ponto desprovidos de reflexão) não é, para defini-lo e definir o seu eu sob o ponto de vista espiritual, senão uma coisa a mais, um detalhe na imensidade do temporal, senão uma parte integrante do mundo material *(tò héteron)* e esse homem não tem em si mais do que um arremedo de eternidade. Assim o eu, como parte integrante desse todo, por muito que espere, deseje, goze... será sempre passivo; mesmo desejando, esse eu não passa de um dativo, como quando a criança diz: eu; sem outra dialética que não seja a do agradável e do desagradável, nem outros conceitos além dos de felicidade, infelicidade, fatalidade.

Eis que, então, *sobrevém* (sobre-vir) a esse eu irrefletido qualquer coisa que o faz desesperar, coisa que só por essa via se pode dar, o eu não possuindo por si só nenhuma reflexão. É de fora que deve vir o seu desespero, o qual é apenas uma passividade. Aquilo que enchia a vida desse homem imediato ou, caso nele existisse uma sombra de reflexão, a parte que mais lhe importa dessa vida, eis que lha arrebata "um golpe do destino", e para usar a sua linguagem, ei-lo infeliz, isto é: tal golpe aniquila nele o imediato, ao qual não pode regressar: desespera. Ou então, mas isso na vida é muito raro, se bem que muito normal sob o ponto de vista do raciocínio, esse desespero do imediato resulta daquilo a que o homem irrefletido chama um excesso de felicidade; o imediato, como tal, é, com efeito, duma grande fragilidade, e qualquer *quid nimis,*[6] que ponha a reflexão em movimento, o leva ao desespero.

Portanto, desespera, ou, melhor, por uma estranha miragem e como que ludibriado a seu respeito, diz que desespera. Mas o desespero está em perder a eternidade — e dessa perda não diz ele uma palavra, nem em sonhos a suspeita. A perda do temporal, em si,

não é desespero, e é contudo dela que ele fala, é a isso que ele chama desespero. Em certo sentido, as suas afirmações são verdadeiras, mas não como ele as entende; é também preciso interpretá-las ao contrário: ei-lo a mostrar aquilo que não é desespero e a dizer-se desesperado, e entretanto o desespero produz-se com efeito, por detrás dele, sem que ele dê conta. É como se alguém, de costas para o edifício da câmara municipal, apontasse em frente dizendo: ali é a câmara municipal; ele tem razão: é com efeito em frente... se der meia volta. Ele não está com efeito desesperado, não! se bem que não se engane dizendo-o. Considera-se como desesperado, julga-se morto, sombra de si próprio. E contudo não o está, digamos: ainda há vida nesse cadáver. Se de repente tudo mudasse, todo o mundo exterior, e o seu desejo se tornasse realidade, havíamos de o ver tomar alento e "curar a mordedura com o pêlo do mesmo cão", e o nosso homem renasceria. Mas a espontaneidade não conhece outro modo de lutar, uma só coisa sabe: desesperar e ficar em êxtase... e contudo, se há uma coisa que ela ignora, é o que seja o desespero. Desespera e fica em delíquio, e depois, como morta, fica imóvel, habilidade semelhante à de "fazer de morto", porque ela assemelha-se àqueles animais inferiores cuja única arma de defesa é a imobilidade e a simulação da morte.

Entretanto o tempo vai correndo. Com algum auxílio exterior, o desesperado recobra vida, retoma o caminho no ponto em que ficara, tão privado de eu como antes, e continua vivendo na pura espontaneidade. Mas, sem ajuda exterior, muitas vezes a realidade toma outro aspecto. Um pouco de vida volta a esse cadáver, mas, como ele diz, "jamais tornará a ser ele próprio". Agora não percebe nada da existência, aprende a imitar os outros e a maneira de se arranjarem para viver... e ei-lo vivendo como eles. E, além disso, é um cristão na cristandade, que ao domingo vai ao templo, escuta e compreende o pastor, pois são compadres, e quando morre o outro, por dez risdales, introdu-lo na eternidade — mas quanto a ser um

eu, nunca o foi, nem antes nem depois.

Esse é o desespero do imediato: não se querer ser si próprio, ou, mais abaixo ainda: não se querer ser um eu, ou forma inferior a todas: desejar ser outrem, aspirar a um novo eu. No fundo, a espontaneidade não possui eu e, não se conhecendo, como poderia reconhecer-se? Por isso a sua aventura tanta vez cai no burlesco. O homem do imediato, ao desesperar, nem sequer tem eu suficiente para ao menos desejar ou sonhar ter sido aquilo que não foi. Defende-se então de outra maneira, desejando ser outrem. Observe quem se quiser certificar os homens do espontâneo: no momento do desespero, o primeiro desejo que lhes vem, é terem sido ou tornarem-se outros. Em todo caso, como não sorrir dum desesperado desta espécie, cujo desespero permanece, apesar de tudo, bem anódino aos olhos dos homens. Ordinariamente um homem assim é dum cômico sem limites. Imagine-se um eu (e nada é, depois de Deus, tão eterno como o eu) e que esse eu se ponha a pensar na maneira de se transformar num outro... E esse desesperado, cujo único desejo é a mais extravagante de todas as metamorfoses, ei-lo apaixonado, sim, apaixonado pela ilusão segundo a qual esta transformação lhe seria tão fácil como mudar de casaco. Porque o homem do imediato não se conhece a si próprio, e, literalmente, só se conhece pelo fato, só reconhece um eu (ainda aqui se mostra o seu cômico infinito) na sua vida exterior. Não seria possível encontrar equívoco mais ridículo; visto que, precisamente, é infinita a diferença entre o eu e o exterior. Como toda a vida foi transformada pelo homem do imediato, e como caiu no desespero, dá mais um passo, e tem esta idéia que lhe sorri: se eu me tornasse outro? se arranjasse um novo eu? Sim, se ele se tornasse outro? — mas poderia em seguida reconhecer-se? Conta-se que um aldeão, que viera descalço para a capital, aí ganhou um par de vinténs, e depois de comprar meias e sapatos, o que lhe sobrou ainda chegou para se embriagar. Diz a história que então, embriagado e querendo regressar à terra, caiu no meio da estrada e

adormeceu. Aconteceu passar um carro e o cocheiro gritou-lhe que se desviasse para não ficar com as pernas esmagadas. Então o nosso bêbado acorda, olha as suas pernas; e, não as reconhecendo, exclama: “Podes passar por cima, que não são as minhas”. Assim se comporta o homem do imediato que desespera: impossível é imaginá-lo senão numa postura cômica, porque já é uma espécie de *tour de force*[7] o falar, como ele faz na sua algaravia, dum eu e ao mesmo tempo de desespero.

Quando se supõe misturada ao imediato uma certa reflexão sobre si próprio, o desespero modifica-se um pouco; o homem, algo consciente do seu eu, é-o também um pouco mais, e por isso mesmo, do que é o desespero e da natureza desesperada do seu próprio estado; que fale de estar desesperado, e já não será absurdo; mas no fundo é sempre desespero-fraqueza, um estado passivo; e a sua forma continua a ser aquela em que o desesperado não quer ser ele próprio.

O progresso, neste caso, no puro imediato, está em que o desespero já não provém sempre dum choque, dum acontecimento, mas pode ser devido a essa reflexão sobre si próprio, e não é então uma simples submissão passiva a coisas exteriores, mas, em parte, um esforço pessoal, um ato. Manifesta-se aqui, efetivamente, um certo grau de reflexão interna, e portanto um regresso ao eu; e esse começo de reflexão inicia a ação de escolha pela qual o eu se apercebe da íntima diferença com o mundo exterior, começo que também inicia a influência dessa escola sobre o eu. Mas isso não o levará muito longe. Quando o eu, com a sua bagagem de reflexão, vai *assumir-se* inteiramente, arrisca-se a chocar com qualquer dificuldade na sua íntima estrutura, na sua necessidade. Pois que, tal como o corpo humano, também nenhum eu é perfeito. Essa dificuldade, seja qual for, fá-lo recuar aterrorizado. Ou então, mais do que a reflexão, um qualquer acontecimento vem mostrar-lhe uma mais profunda ruptura entre o eu e o imediato; ou é a sua

imaginação descobrindo um possível que, a dar-se, igualmente o separaria do imediato.

Então desespera. O seu desespero é o desespero-fraqueza, sofrimento passivo do eu, o oposto do desespero em que o eu se afirma; mas, graças à pequena bagagem de reflexão sobre si próprio, tenta, também aqui, diferindo do espontâneo puro, defender o eu. Compreende que perturbação causaria o abandoná-lo e a sua meditação ajuda-o a compreender que se pode perder muito, sem contudo se chegar ao ponto de perder o eu; faz concessões e está em estado de as fazer, tendo sabido distinguir o eu de qualquer exterioridade, e pressentido vagamente que nele deve existir uma parcela de eternidade. Mas em vão se debate: a dificuldade que se lhe depara exige a ruptura com todo o imediato, e para isso falta-lhe a suficiente reflexão ética; não tem a menor consciência dum eu que se adquire por uma infinita abstração que o liberta da exterioridade, dum eu abstrato e nu, oposto ao eu vestido do imediato, primeira forma do eu infinito e motor desse processo sem fim, no qual o eu assume infinitamente o seu eu real com os seus ganhos e perdas.

Desespera portanto, e o seu desespero consiste em não querer ser ele próprio. Não que se lhe meta na cabeça o ridículo de querer ser um outro; não se divorcia do eu, e as relações que mantém com ele lembram neste caso os sentimentos que alguém tivesse para com o seu domicílio (o engraçado é que a ligação com o eu nunca é tão frouxa como a dum homem com o seu domicílio), se por causa do fumo ou por outro motivo se aborrecesse dele; esse homem sai então da casa, mas sem a abandonar, sem alugar outra, persistindo em considerá-la como sua, na esperança de que o inconveniente há de desaparecer. Assim com o homem que desespera. Enquanto a dificuldade persiste, não ousa, segundo a expressão literal, regressar a si próprio, não quer ser ele próprio; mas é sem dúvida coisa passageira, talvez mude. Entretanto não faz, por assim dizer, senão raras visitas ao seu eu, para ver se não tem havido mudança. E logo

que esta se dá, regressa; "torna a encontrar-se", como ele diz, o que para ele quer dizer que recomeçou onde tinha ficado; não tinha senão um vislumbre de eu, e nada mais adquiriu.

Mas se nada se modifica, procede de maneira diferente. Desvia-se completamente do caminho interior que deveria ter seguido para ser verdadeiramente um eu. Todo o problema do eu, do verdadeiro, se torna como que uma porta condenada no mais fundo da sua alma. Sem nada por detrás. Ele toma sobre si aquilo que, na sua algaravia, chama o seu eu, isto é, o que lhe coube de talentos, qualidades, etc...., tudo isso ele toma sobre si, mas inclinando-se para o exterior, para aquilo a que se chama vida, vida real, a vida ativa; não mantém senão prudentes relações com o pouco de reflexão que ainda conserva, receando que reapareça o que se escondia lá no fundo. Pouco a pouco consegue esquecê-lo; com o tempo chega a achá-lo quase ridículo, principalmente quando está em boa sociedade, entre homens de valor e de ação, desses que têm amor à realidade e estão em bons termos com ela. Encantador! Ei-lo como nos romances que acabam bem, casado há alguns anos já, homem ativo, compreensivo, pai de família, talvez mesmo grande homem. E na cristandade é um cristão (tal como seria pagão no paganismo e holandês na Holanda), que se conta no número dos cristãos bem educados. O problema da imortalidade ocupou-o muitas vezes, e em várias ocasiões perguntou ao pastor se ela é uma realidade; ponto que o deve interessar particularmente, visto não ter eu.

Como descrever sem um grão de sátira esta forma de desespero! O cômico do seu está em que ele se lhe refere no passado; e o que é terrível depois de o ter, como ele supõe, superado, é o seu estado ser precisamente desespero. O cômico infinito, sob esta sabedoria prática, tão apreciada no mundo, sob este aranzel de bons conselhos e de atilados provérbios, todos os "ver-se-á", "tudo se arranjará", etc., está num sentido ideal, nessa completa estupidez, que ignora onde esteja o verdadeiro perigo, e em que possa consistir.

Neste caso, o que é terrível é a estupidez ética.

O desespero do temporal ou duma coisa temporal é o tipo mais vulgar de desespero, sobretudo na sua segunda forma, como imediato acrescido dum pouco de reflexão sobre si próprio. Quanto mais o desespero se impregna de reflexão menos é visível, ou menos fácil é de encontrar. Tão certo é que a maior parte dos homens não aprofunda muito o seu desespero, o que não prova que o não tenham. Bem raros são aqueles cuja vida tenha um destino espiritual! quantos o procuram, e, entre estes últimos, quantos não desistem! Não tendo aprendido nem temor nem imperativo, tudo o mais lhes é indiferente, infinitamente indiferente. Por isso não toleram que preocupar-se com a sua alma e querer ser espírito — uma contradição, a seu ver, que o espelho da sociedade em que vivem lhes devolve ainda mais flagrante — seja para o mundo um desperdício de tempo. Desperdício indesculpável que as leis deviam punir, ou castigar pelo menos o desprezo ou o sarcasmo; como traição à humanidade, como absurdo desafio enchendo o tempo dum louco nada. Uma hora há então na sua vida, e, ai!, é a melhor, na qual todavia se dedicam a uma orientação interior. Mas logo aos primeiros obstáculos torcem o caminho, afigura-se-lhes que por ali vão dar a um deserto desolado... *und rings umher liegt schöne grüne Weide.*[8] Depressa esquecem esse tempo, que foi o melhor que tiveram, ai deles!, esquecem-no como se se tratasse duma criancice. São, além disso, cristãos — tranqüilizados pelos pastores quanto à sua salvação. Como é sabido, esse desespero é o mais corrente, comum a ponto de explicar por si só essa idéia que corre mundo, de que o desespero é apanágio da juventude, exclusivamente, e que não devia encontrar-se no homem feito, chegando ao auge da vida. É um ponto de vista desesperado, que se equivoca, ou, melhor, erra não vendo que a maior parte deles, a olhá-los com atenção, não chegam a ultrapassar durante toda a sua vida o estádio infantil e juvenil: a vida imediata, acrescida duma leve dose de reflexão sobre si próprio.

Não, na verdade o desespero não é coisa que só se encontre entre os jovens e que nos abandone com a idade, "tal como a ilusão que com o crescer perdemos". Porque é o que não acontece, apesar da tolice de o acreditar. Quantos homens e mulheres, quantos velhos, nós vemos, pelo contrário, tão cheios de ilusões pueris, como se fossem adolescentes! Omitem-se, com efeito, as duas formas da ilusão, a da esperança e a da recordação. Os jovens têm a primeira, os velhos a segunda; mas é também por serem presa dela que estes últimos têm dela a idéia exclusiva, segundo a qual a esperança é a sua única forma. Não é esta, naturalmente, que os atormenta, mas outro: dum ponto de vista presumido superior e desiludido, o seu desprezo pela ilusão dos jovens. A juventude vive na ilusão, esperando dela e da vida o extraordinário; pelo contrário, a ilusão, nos velhos, diz muitas vezes respeito à sua maneira de recordar a mocidade. Uma velha mergulha, tanto como uma rapariga, nas ilusões mais imaginárias, ao evocar a sua juventude, como era feliz, linda, etc...., ao passo que, pela sua idade, devia estar isenta disso. Esse *fuimus,* (fomos) tão freqüente na boca dos velhos vale a ilusão dos novos referida ao futuro; nuns e noutros: mentira ou poesia.

Mas um erro bem diferentemente desesperado é o de crer o desespero apanágio exclusivo dos homens. E dum modo geral — além de que é não compreender a natureza do espírito e, mais ainda, que o homem não é apenas uma simples criatura animal... mas também um espírito — que loucura pensar que a fé e o bom senso nos podem nascer tão naturalmente como os dentes, a barba e o resto. Não, onde quer que os homens cheguem fatalmente, e aconteça-lhes o que lhes acontecer, uma só coisa escapa à fatalidade: a fé e o bom senso. Pois que nunca, se se trata do espírito, a simples fatalidade traz ao homem seja o que for, e, precisamente, não há pior inimigo do espírito do que ela; mas nada é mais fácil, com o correr dos anos, do que perder. Com esse correr, e sem maior esforço, vai-se esvaindo o pouco de paixão, de sentimento,

de imaginação, o pouco de interioridade que tínhamos, e sem mais esforço (essas coisas sucedem sem mais esforço) alinham-nos à sombra da bandeira da banalidade, que julga compreender a vida. Esse melhoramento, devido sem dúvida ao correr dos anos, o homem olha-o agora, no seu desespero, como um bem, e convence-se sem dificuldade (e em certo sentido, mas satírico, nada mais certo) de que jamais terá a idéia de desesperar — não! contra isto está garantido, pois está nesse desespero que é o nada espiritual. Sócrates teria na verdade amado a juventude, se não tivesse conhecido o homem?

E se nem sempre acontece que um homem soçobre, com o tempo, no mais banal desespero, significa isso que o desespero esteja reservado aos jovens? O homem que progride verdadeiramente com a idade, que amadurece a consciência profunda do seu eu, talvez possa atingir uma forma superior de desespero. E se ao longo da vida só fizer progressos medíocres, ainda que não soçobrando na pura e simples banalidade, se, por assim dizer, no homem, no pai e no velho sobrevive um jovem, se ele conservar sempre qualquer coisa das promessas da juventude, corre sempre o risco de desesperar, como um jovem, do temporal ou duma coisa temporal.

A diferença, se alguma existe, entre o desespero dum homem idoso como ele e o dum jovem, é apenas secundária e puramente acidental. O jovem desespera do futuro como dum presente *in futuro;* há no futuro qualquer coisa que ele não quer suportar, com a qual não quer ser ele próprio. O homem de idade desespera do passado como dum presente *in praeterito,* mas que não se afunda como se fosse passado — porque o seu desespero não vai até o total esquecimento. Esse fato passado é talvez mesmo qualquer coisa cujo arrependimento o deveria impressionar. Mas, para que houvesse arrependimento, seria preciso desesperar primeiro, frutuosamente desesperar até o fim, e a vida espiritual poderia então surgir das profundezas. Mas o nosso desesperado não permite que as coisas cheguem a uma tal decisão. E vai-se ficando, o tempo passa — a

menos que consiga, mais desesperado ainda, à força de esquecer, cicatrizar o mal, tornando-se assim, em vez de penitente, no seu próprio receptador. Mas, idoso ou jovem, no fundo é o mesmo o desespero, não se chega a uma metamorfose do que há de eternidade no eu, consciencialização que tornaria possível a luta ulterior, que intensificaria o desespero até uma forma mais elevada, ou então conduziria à fé.

Não haverá então diferença essencial entre esses dois termos, de emprego até aqui idêntico: o desespero do temporal (indicando a totalidade) e o desespero duma coisa temporal (indicando um fato isolado)? Mas sem dúvida. Desde que o eu com uma paixão infinita na imaginação desespera duma coisa temporal, a paixão infinita eleva esse detalhe, esse qualquer coisa, até recobrir o temporal *in toto,* isto é, a idéia de totalidade está no desesperado e depende dele. O temporal (como tal) é precisamente o que se desmorona neste fato particular. É impossível, na realidade, perder todo o temporal ou dele ser privado, visto que a totalidade é um conceito. O eu desenvolve portanto a perda real até o infinito, e em seguida desespera do temporal *in toto.* Mas desde que se quer investir esta diferença (entre desesperar de todo ó temporal e desesperar duma coisa temporal) de todo o seu valor, faz-se dar, por isso mesmo, à consciência do eu um passo capital. Essa fórmula do desespero do temporal torna-se então uma primeira expressão dialética da fórmula seguinte do desespero.

2.° DESESPERO QUANTO AO ETERNO ou DE si PRÓPRIO. Desesperar do temporal ou duma coisa temporal, se é de fato desespero, vem a ser o mesmo, no fundo, que desesperar quanto ao eterno e de si próprio, fórmula de todo o desespero.[9] Mas o desesperado, que descrevemos, não suspeita do que se passa, em suma, atrás dele; julgando desesperar duma coisa temporal, fala sem descanso daquilo de que desespera, mas, de fato, o seu desespero diz respeito à eternidade; visto que é por dar tanto valor ao temporal, ou mais

explicitamente, a uma coisa temporal, ou por a dilatar em primeiro lugar até a totalidade do temporal, ou por dar em seguida tanto valor a essa totalidade, é por isso que ele desespera quanto à eternidade.

Este último desespero é um progresso considerável. Se o outro era *desespero-fraqueza,* o homem aqui *desespera da sua fraqueza,* mas o seu desespero ainda releva do desespero-fraqueza, como diferente do desespero-desafio. Diferença que é portanto apenas relativa: a forma precedente não ultrapassava a consciência da fraqueza, ao passo que aqui a consciência vai mais longe e condensa-se numa nova consciência, a da sua fraqueza. O desesperado vê por si só que fraqueza é dar tanto valor ao temporal, que fraqueza é desesperar. Mas em vez de obliquar declaradamente do desespero para a fé, humilhando-se perante Deus sob essa fraqueza, mergulha no desespero e desespera dela. Devido ao que o seu ponto de vista muda: cada vez mais consciente do seu desespero, já sabe agora que desespera quanto ao eterno, que desespera de si próprio, da sua fraqueza de dar tanta importância ao temporal, o que para o seu desespero equivale à perda da eternidade e do seu eu.

Nesse caso, há crescimento. Em primeiro lugar na consciência do eu; porque desesperar quanto ao eterno é impossível sem uma idéia do eu, sem a idéia de que há ou houve nele eternidade. E para desesperar de si, é também necessário que se tenha consciência de ter um eu; e é disso que o homem desespera, não do temporal ou duma coisa temporal, mas de si próprio. Além disso, há aqui maior consciência do que seja o desespero, que não é, com efeito, senão a perda da eternidade e de si próprio. Naturalmente que o homem tem assim maior consciência da natureza desesperada do seu estado. Agora o desespero não é apenas um mal passivo, mas uma ação. Quando o homem, com efeito, perde o temporal e desespera, o desespero parece vir de fora, se bem que venha sempre do eu; mas quando o eu desespera deste último desespero, esse desespero vem do eu, como uma reação indireta e direta e difere nisso do desespero-

desafio, o qual surge do eu. Notemos aqui, enfim, um outro progresso. O seu próprio crescimento de intensidade aproxima, em certo sentido, este desespero da salvação. Porque a sua própria profundidade o salva do esquecimento; não se cicatrizando, ele salvaguarda a cada instante uma probabilidade de salvação.

Contudo essa forma nem por isso deixa de ser redutível à do desespero, no qual queremos ser nós próprios. Assim como um pai deserda o seu filho, assim o eu recusa reconhecer-se após tanta fraqueza. Desesperado, não a pode esquecer, e, em certo sentido, abomina-se, não querendo, como o crente, humilhar-se sob ela para assim se encontrar; não, no seu desespero, não quer ouvir falar mais de si, nada mais quer saber de si. Mas não pode tratar-se, tampouco, duma ajuda do esquecimento; tampouco também, graças ao esquecimento, de se esgueirar no clã a-espiritual, e viver então como um homem e cristão vulgar; não, o eu é por demais o eu para que assim seja. Como acontece muitas vezes com o pai que deserda o seu filho e que não adianta nada com esse gesto exterior, não se tendo desembaraçado por meio dele do seu filho, não o tendo, pelo menos, afastado do seu pensamento; mas muito mais freqüentemente com a amante, que amaldiçoa o homem que odeia (e que é o seu amante), mas esse amaldiçoar de nada vale, e ainda prende mais — o mesmo acontece com o nosso desesperado em face do seu eu.

Esse desespero, dum mais profundo grau que o precedente, é daqueles que se encontram menos freqüentemente no mundo. Essa porta condenada, por trás da qual nada havia além do nada, é aqui uma verdadeira porta, apesar de aferrolhada, e, por trás dela, o eu, como que atento a si próprio, ocupa-se e ilude o tempo a recusar-se ser ele próprio, ainda que sendo-o infinitamente para se amar. É o que se chama o *hermetismo,* do qual nos vamos agora ocupar, esse oposto do puro espontâneo, por ele desprezado dada a sua fraqueza intelectual.

Mas existe na realidade um tal eu, não se terá refugiado no

deserto, no convento ou no asilo de alienados? Será um ser vivo vestido como os outros, ou escondendo-se como eles sob o manto de cada dia? Ora essa! e por que não? Simplesmente, ninguém está iniciado nesses segredos do seu eu, e ele não sente necessidade disso, ou sabe recalcá-la, senão ouçamos o que diz: "Mas só os puros espontâneos — aqueles que, pelo espírito, estão quase no mesmo nível que a criança de poucos anos, quando o corpo, com uma deliciosa despreocupação, nada sabe reter — só os puros espontâneos nada sabem esconder". É essa espontaneidade que muitas vezes se pretende "verdade, naturalidade, sinceridade, franqueza sem rodeios" e que é quase tão verdadeira como seria mentiroso no adulto não se reter desde que o corpo sente uma necessidade natural. Qualquer eu, por pouco refletido que seja, tem contudo a idéia de se dominar. E o nosso desesperado tem o suficiente hermetismo para conservar os importunos, isto é, toda a gente, a distância dos segredos do seu eu, sem perder o aspecto de "um vivo". É um homem cultivado, casado, pai de família, um funcionário com futuro, um pai respeitável, de comércio agradável, muito terno para a sua mulher, e para os seus filhos a solicitude em pessoa. E também cristão? Mas certamente, a seu modo, ainda que prefira não falar disso, se bem que de bom grado e com um pouco de alegria melancólica consinta que sua mulher se ocupe de religião para se edificar. O templo não o vê com freqüência, a maior parte dos pastores parecem-lhe não saber, no fundo, de que estão a falar. Exceto um único, confessa: esse, sabe; mas outra razão o impede de o ir escutar, o receio de ser arrastado demasiado longe. Em compensação, toma-o muitas vezes uma necessidade de solidão, tão vital para ele como respirar e dormir. Que mais intensamente do que o comandar gente ele tenha essa necessidade vital, é nele outro indício duma natureza mais profunda. A necessidade da solidão revela sempre a nossa espiritualidade, e serve para dar a sua medida. "Essa espécie estouvada de homens, que o não são, esse

rebanho de inseparáveis” sentem-no tão pouco que, como os periquitos, morrem mal se vêem sòzinhos; como a criancinha que não adormece sem uma canção, é-lhes necessário, para comer, beber, dormir, orar e apaixonar-se, etc.... o trauteio tranqüilizador da sociabilidade. Mas nem a Antiguidade nem a Idade Média desprezavam essa necessidade de solidão, respeitava-se o que ela significa. A nossa época, com a sua sempiterna sociabilidade, treme de tal modo ante a solidão, que não sabemos (que epigrama!) servir-nos dela senão contra os criminosos. É certo que, nos nossos dias, é um crime dedicar-se ao espírito, e nada tem de extraordinário, portanto, que os amantes da solidão sejam postos ao lado dos criminosos.

Ocupado com a relação do seu eu consigo próprio, o desesperado hermético vive em vão, *horis successivis,* horas que algo têm que ver com a eternidade, embora não vividas para ela; no fundo, continua imóvel. Mas passadas essas horas, apaziguada a sua necessidade de solidão, é como se saísse — mesmo quando regressa para encontrar a mulher e os filhos. O que o torna um marido tão terno, um pai tão solícito, é, além do seu fundo bonachão e do seu sentido do dever, essa confissão, que no mais íntimo da sua alma se fez, da sua fraqueza.

Suponho que nos tornássemos seu confidente, e lhe disséssemos: “Mas o teu hermetismo é orgulho! No fundo estás ufano de ti!”, é muito provável que não o confessasse. A sós consigo, reconheceria talvez a nossa razão; mas depressa a paixão com que o seu eu penetra a sua fraqueza lhe restitui a ilusão de que não pode ser orgulho, visto que era da sua fraqueza, precisamente, que desesperava — como se atribuir esse peso enorme à fraqueza não fosse orgulho, como se a vontade de se orgulhar do eu o não impedisse de suportar essa consciência da fraqueza. E se lhe disséssemos: “Ora, aí está uma estranha complicação, uma estranha confusão; visto que todo o mal vem, no fundo, da maneira segundo a

qual esse pensamento se forma (fora isso, nada de anormal), esse é precisamente o caminho a percorrer, que te conduzirá, pelo desespero do eu, ao teu verdadeiro eu. O que dizes da fraqueza está certo, mas não é dela que deves desesperar; devemos despedaçar o eu para nos tornarmos nós próprios, deixa-te pois de desesperar dela". Estas palavras provocariam, num momento de calma, a sua confissão, mas depressa a paixão o arrastaria, uma outra viragem o lançaria de novo no desespero.

Um desesperado assim, como já se disse, não aparece com freqüência. Mas se não fica por aí, a dar voltas no mesmo lugar, ou se, por outro lado, não se produz nele uma revolução, que o ponha no bom caminho da fé: então, ou o seu desespero condensa-se numa forma superior, mas sempre hermética, ou despedaçar-se-á destruindo o disfarce exterior que como um incógnito envolvia a sua vida. Neste caso vê-lo-emos lançar-se a viver, talvez na distração dos grandes empreendimentos, tornar-se um destes espíritos inquietos, cuja carreira deixa bem visíveis vestígios, desses espíritos sempre em busca do esquecimento, e que, perante o seu túmulo interior, exigem remédios poderosos, ainda que diversos dos de Ricardo III fugindo às maldições de sua mãe. Ou iria então procurar o esquecimento nos sentidos, talvez na devassidão, para, no seu desespero, regressar ao espontâneo, mas sempre com a consciência do eu que quer ser. No primeiro caso, quando o desespero se condensa, transforma-se em desafio, e vê-se então claramente que soma de mentira escondiam as lamentações da sua fraqueza, e quanta verdade dialética contém a afirmação de que o desafio começa por se exprimir como desespero de ser fraco.

Mas lancemos um último olhar ao íntimo deste taciturno que não faz senão chafurdar na sua taciturnidade. Se a mantém intata, *omnibus numeris absoluta,*[10] o suicídio é o seu primeiro risco. O comum dos mortais não faz naturalmente a menor idéia do que pode suportar um hermético desta espécie; ficariam estupefatos se o

soubessem. Tão certo é que ele corre, em primeiro lugar, o risco do suicídio. Que pelo contrário ele fale a alguém, que se abra a uma só pessoa que seja, e produz-se então nele uma tal aquietação, um tal apaziguamento, que o suicídio deixa de ser o desenlace do hermetismo. Um confidente, um só, basta para fazer abaixar dum tom o hermetismo absoluto. Há então probabilidades de o suicídio ser evitado. Mas a própria confidência pode dar lugar ao desespero, e então afigura-se ao hermético que suportar a dor de se calar teria sido infinitamente melhor do que tomar um confidente. Há exemplos de herméticos levados ao suicídio precisamente por terem tomado um confidente. Um poeta poderia assim dispor a catástrofe de modo a fazer assassinar o confidente pelo herói (a supor, *poetice,* este último rei ou imperador). Poder-se-ia imaginar um demoníaco déspota com essa necessidade de confiar a alguém os seus tormentos e que se serviria sucessivamente duma série de confidentes, sê-lo significando a morte certa: acabada a confidência, eram mortos. Bom assunto para um poeta pintar, sob esta forma, essa contradição dolorosa dum demoníaco, simultaneamente incapaz de suportar um confidente e de passar sem ele.

b) Do desespero no qual queremos ser nós próprios, ou desespero-desafio — assim como se mostrou que se podia classificar como feminino o desespero-fraqueza *(a),* igualmente se pode classificar este como masculino. É por isso que, em relação ao precedente, é ainda desespero, visto sob o ângulo do espírito. Mas a virilidade é também da competência do espírito, ao contrário de feminilidade, síntese inferior.

O desespero descrito em *a,* 2, era desespero de ser fraco, no qual o desesperado aspira a não ser ele próprio. Mas tão só com mais um grau dialético, se esse desesperado sabe enfim porque não quer sê-lo, dá-se uma reviravolta, e temos o desafio, precisamente porque, desesperado, ele quer ser ele próprio.

Vem em primeiro lugar o desespero do temporal ou duma coisa

temporal, em seguida o desespero de si próprio quanto à eternidade. Depois vem o desafio que é, no fundo, desespero, graças à eternidade, e no qual o desesperado, para ser ele próprio, abusa desesperadamente da eternidade inerente ao eu. Mas é precisamente por se servir da eternidade que esse desespero a tal ponto se aproxima da verdade, e é por estar próximo dela que vai infinitamente longe. Esse desespero, que conduz à fé, não existiria sem o auxílio da eternidade; graças a ela, o eu consegue a coragem de se perder, para de novo se encontrar; pelo contrário, recusa-se a começar por se perder, e quer ser ele próprio.

Nesta forma de desespero, a consciência do eu aumenta progressivamente, e portanto, a par e passo, a do que é o desespero e da natureza desesperada do estado em que se está; nela o desespero tem consciência de ser um ato e não provém do exterior como um sofrimento passivo sob a pressão ambiente, mas diretamente do eu. Deste modo, em relação ao desespero de ser fraco, este desafio representa de fato uma nova qualificação.

O desespero em que pretendemos ser nós próprios, exige a consciência dum eu infinito, que no fundo não é senão a mais abstrata das forças do eu, o mais abstrato dos seus possíveis.

É esse eu que o desesperado quer ser, isolando-o de qualquer relação com um poder que lhe deu resistência, arrancando-o à idéia da existência de tal poder. Com o auxílio dessa forma infinita o eu quer, desesperadamente, dispor de si, ou, criador de si próprio, fazer do seu eu o eu que quer ser, escolher o que admitirá ou não o seu eu concreto. Pois que este não é uma qualquer concretização, é a sua, e com efeito comporta necessidade, limites, é um determinado preciso, particular, com os seus dons, os seus meios, etc. Mas com o auxílio da forma infinita que é o eu negativo, mete-se na cabeça do homem transformar esse todo para ele extrair um eu conforme à sua idéia, produzido graças a essa forma infinita do eu negativo... após o que pretende ser ele próprio. Quer dizer que pretende começar um pouco

mais cedo do que os outros homens, nem pelo, nem com o começo, mas "no começo"; e recusando-se a aceitar o seu eu, a ter como seu esse eu que lhe coube em sorte, quer pela forma infinita, que persiste em ser, construir ele próprio o seu eu.

Se quiséssemos dar uma etiqueta geral a esse desespero, poderíamos designá-lo como estóico, sem pensar apenas na seita. E para maior clareza, poder-se-ia distinguir um eu ativo e um eu passivo, e ver-se-ia como o primeiro se relaciona consigo próprio, e como o segundo, no seu sofrimento passivo, igualmente se relaciona consigo próprio: a fórmula continua portanto a ser a do desespero, no qual queremos ser nós próprios.

Se o eu desesperado é um eu *ativo,* o seu relacionar-se consigo próprio é, no fundo, apenas experimental, empreenda ele o que empreender de grande, de extraordinário, e por muito tenaz que seja. Não reconhecendo nenhum poder acima dele, carece interiormente de seriedade que só pode conseguir por magia um seu sucedâneo, quando põe nas suas experiências todos os seus mais ambiciosos cuidados. É seriedade fraudulenta... aqui rouba-se fogo roubado aos deuses por Prometeu... aqui rouba-se a Deus a idéia de que ele nos contempla, e isso é que é importante; mas o desesperado não faz senão contemplar-se, pretendendo assim conferir aos seus empreendimentos um interesse e um sentido infinitos, quando é apenas um fazedor de experiências. Pois que, sem levar o seu desespero ao ponto de, experimentalmente, se erigir em Deus, nenhum eu derivado pode, contemplando-se, dar-se por mais do que é; em última instância, é sempre o eu, mesmo multiplicando-se, o eu e só o eu. Neste sentido, no seu esforço desesperado para ser ele próprio, o eu dissolve-se no seu contrário, até acabar por deixar de ser um eu. Em toda a dialética que enquadra a sua ação, nem um ponto fixo; o que o eu é, em nenhum momento adquire constância, uma eterna constância. O poder que exerce a sua forma negativa tanto liga como desliga; pode, sempre que queira, voltar ao começo, e

por muita perseverança que ponha em seguir uma idéia, a sua ação permanece hipótese. Bem longe de conseguir ser cada vez mais ele próprio, revela-se, cada vez mais, um hipotético.

O eu é senhor em sua casa, como é costume dizer-se, absolutamente senhor, e isso é o desespero, mas é-o ao mesmo tempo aquilo que toma como satisfação e prazer. Mas um segundo exame convence-nos sem dificuldade de que este príncipe absoluto é um rei sem reino, que, no fundo, sobre nada governa; a sua situação, a sua soberania está submetida a esta dialética: que a todo o instante a revolta é legitimidade. Com efeito, no fim de contas tudo depende da arbitrariedade do eu.

O homem desesperado não faz portanto mais do que construir castelos no ar e bater-se sempre contra moinhos de vento. Que brilho têm todas estas virtudes de fazedor de experiências! encantam por um momento como um poema oriental: tamanho autodomínio, essa firmeza de rocha, toda essa ataraxia, etc., atingem os domínios da fábula. E são de fato lendárias, sem nada por detrás. O eu, no seu desespero, quer esgotar o prazer de se criar, de se desenvolver, de existir por si próprio, reclamando as honras do poema, de trama a tal ponto magistral, em suma, a glória de tão bem se ter sabido compreender. Mas o que isso significa para ele continua a ser um enigma; no próprio instante em que crê terminar o edifício, tudo pode, arbitrariamente, desvanecer-se no nada.

Se o eu que desespera é *passivo,* o desespero continua, contudo, a ser aquele em que pretendemos ser nós próprios. Talvez que um eu experimentador como o que se descreveu, querendo, previamente, orientar-se no seu eu concreto, vá de encontro a qualquer dificuldade, àquilo a que os cristãos chamariam uma cruz, um mal fundamental, seja ele aliás qual for. O eu, que nega os dados concretos, imediatos, do eu, começará talvez por tentar alijar esse mal, por fingir que ele não existe, e não quererá saber dele. Mas a sua tentativa aborta, a sua destreza nas experiências não vai a esse

ponto, nem sequer a sua destreza de abstrator; como Prometeu, o eu negativo infinito sente-se preso a essa sujeição interior. Temos aqui, portanto, um eu passivo. Como se revela então o desespero em que queremos ser nós próprios?

Lembremo-nos: nessa forma de desespero, acima descrita, que é o desespero do temporal ou duma coisa temporal, mostrou-se que no fundo ele é e se revela também como desespero quanto à eternidade; isto é, que o desesperado desse tipo não quer deixar-se consolar nem curar pela eternidade, que dá tal importância ao temporal, que a eternidade não lhe pode dar nenhuma consolação. Mas o recusar-se a aceitar como possível que uma miséria temporal, uma cruz deste mundo nos possam ser tiradas, não será uma outra forma de desespero? É o que recusa esse desesperado, que, na sua esperança, quer ser ele próprio. Mas se está convencido de que esse espinho enterrado na carne (caso exista de fato ou que disso o persuada a sua paixão) penetra demasiado fundo para poder ser eliminado pela abstração,[11] então procurará eternamente torná-lo seu. Ele torna-se-lhe um motivo de escândalo, ou, melhor, dá-lhe azo a fazer de toda a existência um motivo de escândalo; então, por desafio, quer ser ele próprio, que não, a despeito do espinho, sê-lo sem ele (o que seria eliminá-lo pela abstração, coisa impossível, ou orientar-se para a resignação), não! ele quer, a despeito desse espinho ou desafiando a sua vida inteira, ser com ele próprio, incluí-lo e como que tirar insolência do seu tormento. Porque admitir uma possibilidade de auxílio, sobretudo por esse absurdo de que a Deus tudo é possível, não! não! isso não quer. Nem por nada no mundo procurá-lo em outrem, preferindo, mesmo com todos os tormentos do inferno, ser ele próprio a gritar por socorro,

E com efeito será tão verdadeiro como isso dizer: "é evidente que o homem que sofre nada deseja tanto como auxílio, contanto que alguém lho possa dar..."? Bem diferente é a realidade, se bem que a repugnância pelo socorro nem sempre tenha um acento tão

desesperado. Habitualmente, o homem que sofre nada deseja tanto como ser auxiliado, mas duma certa maneira. Se o socorro é dado dentro da forma em que o deseja, de boa vontade o aceita. Mas num sentido bem diversamente grave, quando se trata dum socorro superior, do socorro de cima... dessa humilhação de ter de aceitá-lo sem condições, não importa como, ser como um nada na mão do "Socorredor", a quem tudo é possível, ou que se trate apenas da obrigação de ceder ante o próximo, de renunciar a si próprio: ah! quantos sofrimentos, então, ainda que longos e tormentosos, o eu não acha contudo tão intoleráveis como isso, e conseqüentemente prefere, sob reserva de permanecer ele próprio.

Mas quanto mais consciência há nesse eu passivo, que sofre e quer desesperadamente ser ele próprio, tanto mais o desespero se condensa e tende para o demoníaco, do mal eis a freqüente origem. Um desesperado, que quer ser ele próprio, suporta de má vontade qualquer estado penoso ou inseparável do seu eu concreto. Lança-se então com toda a sua paixão nesse tormento, que acaba de se tornar num raivar demoníaco. E se então fosse possível que no céu Deus com todos os seus anjos lhe oferecesse a libertação, recusá-la-ia: tarde demais! Dantes teria dado alegremente tudo para se ver livre dele, mas fizeram-no esperar, agora é tarde demais, prefere arrebatar-se contra tudo, ser a injustiçada vítima dos homens e da vida, permanecer aquele que vela por guardar à vista o seu tormento para que não lho tirem — caso não, como comprovar o seu direito e convencer-se a si próprio? Esta idéia fixa de tal modo se desenvolve na sua cabeça, que por fim é uma razão muito diversa que o faz temer a eternidade, temer que ela lhe arrebate aquilo que ele, demoniacamente, crê ser a sua superioridade infinita sobre o resto dos homens, e a justificação de ser quem é. — É ele próprio quem quer ser; começou por formar uma abstração infinita do seu eu, mas ei-lo no fim tornado tão concreto que lhe seria impossível ser eterno nesse sentido abstrato, enquanto o seu desespero se obstina em ser

ele próprio. Ó demência demoníaca! o essencial da sua raiva é pensar que a eternidade poderia lembrar-se de o privar da sua miséria.

Esta forma de desespero não é freqüente, heróis desta espécie não se encontram de fato senão entre os poetas, nos maiores de entre eles, os quais conferem sempre às suas criações essa idealidade "demoníaca", no sentido em que a entendiam os gregos. Todavia também na vida se encontra esse desespero. Mas que aspecto exterior lhe corresponde? Em boa verdade, nenhum, pois que um exterior correspondente, que corresponda ao hermetismo, implica uma contradição nos termos; essa correspondência seria uma revelação. Mas aqui o sinal exterior é absolutamente indiferente, pois o hermetismo, isto é, uma interioridade, cujo segredo se perdeu, é a principal coisa a salvaguardar. As formas mais inferiores do desespero, sem real interioridade, ou em todo o caso não havendo nada a dizer delas, deveriam ser expressas descrevendo-se ou indicando-se apenas, em duas palavras, os sinais exteriores dos indivíduos. Mas quanto mais o desespero se espiritualiza, tanto mais a interioridade se isola como um mundo incluso no hermetismo, tanto mais indiferente se torna o aspecto exterior sob o qual o desespero se esconde. Mas é que à medida que se espiritualiza, manifesta, por um tato demoníaco, um cuidado cada vez maior em esquivar-se sob o hermetismo, e conseqüentemente em revestir-se de aparências quaisquer, tanto quanto possível insignificantes e neutras. Como o diabinho do conto, que se eclipsa por uma frincha invisível, quanto mais espiritualizado é, mais lhe importa alojar-se sob uma aparência, na qual ninguém, naturalmente, se lembraria de o procurar. Até nesta dissimulação há uma certa espiritualidade, e é um meio, entre outros, de se garantir por trás da realidade, um mundo exclusivamente para si próprio, mundo em que o eu desesperado, como Tântalo, sem tréguas, se ocupa em querer ser ele próprio.

Começamos (*a* 1.) pela mais inferior das formas do desespero,

no qual não queremos ser nós próprios. Mas aquele em que o queremos, de todos o mais condensado, é o desespero demoníaco. E não é sequer por estóico apego ou por *self*-idolatria que este eu quer ser ele próprio; não é, como no último caso, por uma mentira, é certo, mas também em certo sentido para prosseguir no aperfeiçoamento próprio; não, ele pretende-o, por ódio à existência e segundo a sua miséria; e a esse eu, nem sequer é por revolta ou desafio que se apega, mas para comprometer Deus; não quer arrancá-lo pela violência ao poder que o criou, mas impor-lhe, especá-lo contra ele satanicamente... e a coisa é compreensível, uma objeção verdadeiramente maldosa ergue-se sempre violentamente contra o que a suscitou! Precisamente por causa da sua revolta contra a existência, o desesperado gaba-se de possuir uma prova contra ela e contra a sua bondade. Julga ser ele próprio essa prova, e, visto querer sê-la, quer portanto ser ele próprio — sim, com o seu tormento! — para, por meio desse próprio tormento, protestar toda a vida. Ao passo que o desespero-fraqueza foge à consolação que seria para ele a eternidade, o nosso desesperado demoníaco também não quer saber dela para nada, mas por motivo diferente: essa consolação perdê-lo-ia, deitaria por terra a objeção geral contra a existência que ele é. Para exprimir isto por uma imagem, suponha-se um erro de impressão escapando a um autor, uma *gralha* dotada de consciência, e que em revolta contra o autor lhe proíbe por ódio emendá-la, e lhe grita num desafio absurdo: não! tu não me hás de suprimir, ficarei como um testemunho contra ti, como testemunho de que és um escritor medíocre!

SEGUNDA PARTE

DESESPERO E PECADO

LIVRO IV

O DESESPERO E O PECADO

Pecamos quando, perante Deus ou com a idéia de Deus, desesperados, não queremos, ou queremos ser nós próprios. O pecado é deste modo fraqueza ou desafio elevados à suprema potência; é, portanto, condensação do desespero. O acento recai aqui sobre estar *perante* Deus ou ter a idéia de Deus; o que faz do pecado aquilo que os juristas chamam "desespero qualificado"; a sua natureza dialética, ética, religiosa, é a idéia de Deus.

Se bem que esta segunda parte não seja nem o lugar nem o momento, especialmente este Livro IV, para uma descrição psicológica, digamos contudo que os mais dialéticos confins do desespero e do pecado são o que se poderia chamar uma existência de poeta de orientação religiosa, existência que não deixa de ter pontos comuns com o desespero da resignação, mas sem que lhe falte a idéia de Deus. Tendo em conta apenas as categorias da estética, eis a mais elevada imagem de uma vida de poeta. Mas (não obstante toda a estética), para o cristão essa vida é sempre pecado, o pecado de sonhar em vez de ser, de não manter senão uma relação estética de imaginação com o bem e a verdade, em vez duma relação real, em vez do esforço de a criar pela sua própria vida. A diferença entre esta vida de poeta e o desespero, é a presença nela da idéia de Deus, a sua consciência de estar perante Deus; mas intensamente dialética, ela é como uma impenetrável confusão, desde que nos perguntemos se ela terá obscuramente consciência de ser pecado. Pode ser que uma profunda necessidade religiosa se encontre nesse poeta, e que a idéia de Deus entre no seu desespero. No seu secreto suplício, só Deus, que ele ama acima de tudo, o pode consolar, e contudo ele ama o seu suplício e não quereria ver-se livre. O seu

maior desejo é ser ele próprio, perante Deus, exceto naquele ponto fixo onde o eu sofre, e não quer ser ele próprio; conta com a eternidade para ser libertado, mas, na terra, apesar de todo o seu sofrimento, adotá-lo, humilhar-se-lhe, como faz o crente, é coisa a que não pode resolver-se. Contudo a sua relação com Deus, a sua única alegria celeste, não cessa; o cúmulo do horror seria ter de passar sem ela, "e isso seria o mesmo que desesperar"; mas permitindo-se, no fundo, talvez inconscientemente, sonhar Deus um pouco diferente do que é, como um pai enternecido que cede demasiado ao único desejo do seu filho. Tal como o poeta nascido dum amor infeliz canta como bem-aventurada a felicidade do amor, assim o nosso se torna o cantor do sentimento religioso. A sua infelicidade provém da sua religiosidade, e ele pressente, ele adivinha que a exigência de Deus é que abandone esse tormento, que à semelhança do crente se lhe humilhe, que o aceite como parte do seu eu — pois que o retém querendo mantê-lo a distância, ainda que julgue (verdade do avesso, como tudo o que diz um desesperado, e portanto inteligível entendendo-a ao contrário) afastá-lo assim o melhor possível, livrar-se dele tanto quanto ao homem é possível. Mas adotar o tormento, à semelhança do crente, eis do que ele é incapaz, quer dizer que, em suma, o recusa, ou antes que o seu eu se perde aqui no obscuro. Mas como as descrições amorosas do poeta, a que ele faz da religião tem um encanto, um *élan* lírico que não atingem nunca nem os maridos, nem os pastores. Mas é que no que diz não há falsidade, pelo contrário, a sua pintura, a sua descrição é precisamente o melhor dele próprio. Ele ama a religião como apaixonado infeliz, sem ser crente no sentido estrito; da fé apenas possui o primeiro elemento, o desespero; e nesse desespero uma ardente nostalgia da religião. O seu conflito, no fundo, é este: é ele "chamado"? o espinho na sua carne será o sinal duma missão extraordinária, e, se esta lhe é destinada, sê-lo-á regularmente perante Deus? ou o espinho cravado na carne significa que sob ele se

deva humilhar para retomar o seu lugar entre o comum dos homens? Mas basta, não tenho o direito de, sem mentir, dizer: a quem falei? Estas investigações psicológicas de potência n^n, a quem importam! todas as imagens populares dos pastores são de mais fácil compreensão, imitam a semelhança das pessoas a ponto de iludir — das pessoas como são em geral, isto é: espiritualmente, nada.

CAPÍTULO I

As gradações da consciência do eu
(A qualificação: perante Deus)

A primeira parte deste escrito marcou sem cessar uma gradação da consciência do eu: primeiro o homem ignorante do seu eu eterno (Livro III, cap. II, *A*), depois o homem consciente dum eu, no qual existe contudo eternidade (Livro III, cap. II, *B*), e no interior dessas divisões (*a* 1. e 2. *b*), ainda outras gradações foram estabelecidas. Invertamos agora os termos dialéticos de todo esse desenvolvimento. Eis do que se trata. Essa gradação da consciência foi tratada até aqui sob o ângulo do eu humano, do eu cuja medida é o homem. Mas esse mesmo eu, perante Deus, toma por essa razão uma nova qualidade ou qualificação. Já não é apenas o eu humano, mas aquilo que, na esperança de não ser mal compreendido, designarei como eu teológico, o eu em face de Deus. E que realidade infinita ele toma então, pela consciência de estar perante Deus, eu humano agora à medida de Deus! Um vaqueiro que não fosse mais do que um eu em face das suas vacas, não seria senão um eu bem inferior; assim também um soberano eu, perante os seus escravos, não é senão um eu inferior, no fundo nem sequer é um eu — porque nos dois casos falta a escala. A criança, que por medida ainda não teve senão os pais, será um eu quando, homem, tiver para medida o Estado; mas que acento infinito Deus dá ao homem tornando-se a sua medida! A medida do eu é sempre o que este tem diante de si, e assim se define o que seja "a medida". Como só se adicionam grandezas da mesma ordem, todas as coisas são assim qualitativamente idênticas à sua medida; medida que é ao mesmo tempo a sua regra ética; medida e regra exprimem portanto a qualidade das coisas. Não sucede contudo o mesmo no mundo da

liberdade: aqui, se não se for de qualidade idêntica à medida e à regra, é-se contudo responsável desta desqualificação, de modo que regra e medida, quando chega o juízo final, permanecem contudo invariáveis, manifestam o que não somos: a nossa regra e a nossa medida.

A dogmática antiga não procedia mal — e a isso recorreu mais que uma vez, ao passo que uma escola mais recente lhe achou defeitos, por falta de compreensão do seu sentido —, não procedia mal, digo, a despeito, por vezes, de erros de prática em crer que o terrível do pecado consiste em estar perante Deus. Assim se provava a eternidade das penas do inferno. Mais tarde, com mais habilidade, se disse: o pecado é o pecado; não se torna mais grave por ser cometido contra ou perante Deus. Argumento singular! quando até os juristas falam de crimes qualificados, quando os vemos distinguir se o crime é contra um funcionário ou um particular e fazer variar a pena segundo é um parricídio ou um crime vulgar.

Não, a velha dogmática tinha razão em dizer que o ser contra Deus elevava o pecado a um infinito de potência. O erro estava em considerar Deus como de certo modo exterior a nós, admitir, por assim dizer, que nem sempre se peca contra ele. Porque Deus não nos é exterior como por exemplo um agente de polícia. Insistamos: o eu tem a idéia de Deus, mas isso não o impede de não querer o que Deus quer, nem de desobedecer. Tampouco nem só por vezes se peca perante Deus, ou, antes, o que transforma um pecado numa falta humana é a consciência de que o culpado tem de estar perante Deus.

O desespero condensa-se à proporção da consciência do eu; mas o eu condensa-se à proporção da sua medida, e, quando esta medida é Deus, infinitamente. O eu aumenta com a idéia de Deus, e reciprocamente a idéia de Deus aumenta com o eu. Só a consciência de estar perante Deus faz do nosso eu concreto, individual, um eu infinito; e é esse eu infinito que então peca perante Deus. Também o

egoísmo pagão, apesar de tudo o que dele pode ser dito, estava longe de ser tão qualificado como o egoísmo que podemos encontrar num cristão; porque o eu do pagão não estava perante Deus. O pagão e o homem natural só têm como medida o homem humano. Assim, é talvez lícito dizer, sob um ponto de vista superior, que o paganismo residia no pecado, mas no fundo esse pecado não era senão a ignorância desesperada de Deus, a ignorância de estar perante Deus; no fundo "de estar sem Deus no mundo". Mas sob um outro ponto de vista pode negar-se o pecado (no sentido estrito) do pagão, pois que ele não pecava perante Deus; e todo o pecado o é perante Deus. Certamente que, também em certo sentido, o que devia, impecavelmente, se assim se pode dizer, tirá-lo muitas vezes de dificuldade na vida, era a própria leviandade do seu pelagianismo; mas nesse caso o seu pecado era outro, era a sua própria leviandade. Pelo contrário, e não menos seguramente, uma demasiada severa educação cristã deve ter levado muitas vezes ao pecado, pois que a maneira de ver do cristianismo é demasiado grave para alguns, sobretudo em momentos anteriores da sua vida; mas, em compensação, essa mais profunda idéia do pecado deve ter podido ajudá-los.

Peca-se quando, perante Deus, desesperados, não queremos, ou queremos ser nós próprios. Mas esta definição, vantajosa talvez noutros casos (entre outros e sobretudo pela sua conformidade única com a Escritura, onde o pecado é sempre definido como desobediência), não será duma natureza por demais espiritual? Em primeiro lugar, responderemos, nunca uma definição do pecado pode ser por demais espiritual (a menos que o seja a tal ponto que o suprima); visto que o pecado, precisamente, é uma categoria do espírito. Em seguida: por que demasiado espiritual? Por não falar de homicídio, de roubo, de fornicação, etc.? Mas não falará, de fato? Não implica ela uma obstinação contra Deus, uma desobediência que desafia os seus mandamentos? Pelo contrário, não falar, a propósito

do pecado, senão dessa espécie de faltas, é esquecer facilmente que, até certo ponto, se pode estar em tudo isso em regra com os homens, sem que toda a vida nem por isso deixe de ser pecado, pecado que nós bem conhecemos; os nossos vícios brilhantes e a nossa obstinação, quando, estúpida, ignora ou quer, a descarada, tudo quanto o nosso eu intimamente deve de obediência a Deus em todos os seus desejos e pensamentos mais secretos, na agudeza dos seus ouvidos para fixar e na sua docilidade em seguir os menores sinais de Deus nos seus desígnios sobre nós. Os pecados da carne são a obstinação das partes mais baixas do eu; mas quantas vezes o Demônio não se substitui a um demônio específico, agravando assim o nosso estado. Porque assim vai o mundo: começa-se a pecar por fragilidade ou fraqueza; depois — sim, depois é possível que aprendamos a recorrer a Deus e que pela sua ajuda se chegue à fé, que salva de todo pecado; mas disso não falamos aqui — depois desesperamos da fraqueza, tornando-nos num fariseu, que o desespero eleva a uma certa justiça legal, ou sucede então que o desespero nos reconduz ao pecado.

A nossa fórmula engloba portanto todas as formas imagináveis e todas as formas reais do pecado, e ela revela pois o seu traço decisivo: ser desespero (pois o pecado não é o desregramento da carne e do sangue, mas o consentimento dado pelo espírito a esse desregramento) e estar perante Deus. Ela não é mais do que uma fórmula algébrica; não é este pequeno escrito o lugar e além disso uma tentativa não teria probabilidades de sucesso, para descrever os pecados um por um. O importante, aqui, é apenas que a definição prenda nas suas malhas todas as formas. O que ela faz, como se pode ver quando a verificamos supondo o seu contrário: a definição da fé pela qual me guio em todo este escrito, como por uma segura bóia. Ora crer, é: sendo nós próprios e querendo sê-lo, mergulhar em Deus através da sua própria transparência.

Mas demasiadas vezes se esquece que o contrário do pecado de

modo algum é a virtude. Esse é antes um ponto de vista pagão, que se contenta com uma medida puramente humana, ignorando o que é o pecado e que ele está sempre perante Deus. Não, o *contrário do pecado é a fé;* como o diz a *Epístola aos Romanos* 14,23: *Tudo o que não provém da fé é pecado.* E uma das definições capitais do cristianismo é que o contrário do pecado não é a virtude, mas sim a fé.

Apêndice — A definição do pecado implica a possibilidade do escândalo; nota geral sobre o escândalo

Esta oposição do pecado e da fé domina o cristianismo e transforma, cristianizando-os, todos os conceitos éticos, que dela recebem assim um mais profundo relevo. É sobre o critério soberano do cristão que ela repousa: se está ou não perante Deus, critério que implica outro, por sua vez decisivo no cristianismo: o absurdo, o paradoxo, a possibilidade do escândalo. A presença deste critério é de extrema importância todas as vezes que se quer definir o cristianismo, pois é o escândalo que defende o cristianismo contra qualquer especulação. Onde se encontra então, aqui, a possibilidade do escândalo? Mas em primeiro lugar neste ponto, que a realidade do homem devia consistir em existir *Isolado* perante Deus; e neste segundo ponto, conseqüência do primeiro, de que o seu pecado deveria ocupar Deus. Este *tête-à-tête*[12] do Isolado e de Deus jamais entrará na cabeça dos filósofos; eles não fazem outra coisa senão universalizar imaginariamente os indivíduos na espécie. Foi isso o que levou um cristianismo incrédulo a inventar que o pecado não é senão o pecado, sem que estar ou não perante Deus acrescente ou diminua alguma coisa. Em suma, queria-se eliminar o critério: perante Deus, inventando para tal fim uma sabedoria superior, que era afinal um regresso ao que é ordinariamente a sabedoria superior,

para o antigo paganismo.

Quantas vezes não se disse que o cristianismo escandalizava por causa das suas sombrias trevas, da sua austeridade, etc....; não terá chegado enfim a hora de explicar que, se os homens se escandalizam, é no fundo porque ele é demasiadamente elevado, porque não é à medida do homem, ao qual pretende tornar um ser tão extraordinário, que o homem já não o pode compreender. É isso também que esclarecerá uma simples exposição psicológica do que é o escândalo, a qual mostrará ainda o absurdo duma defesa do cristianismo de que se amputasse o escândalo; que mostrará também toda a tolice ou descaramento de ter ignorado os próprios preceitos de Cristo, as suas tão freqüentes e tão diligentes advertências contra o escândalo, quando ele próprio nos indica a sua possibilidade e necessidade; porque desde que a sua possibilidade não é necessária, desde que ela deixa de ser uma parte eterna e essencial do cristianismo, Cristo cai no contra-senso humano, passeando assim os seus vãos avisos contra ele, em vez de a suprimir.

Imaginemos um pobre jornaleiro e o imperador mais poderoso do mundo, e que este potentado tivesse bruscamente o capricho de o mandar chamar, a ele que jamais tinha sonhado coisa semelhante, e "cujo coração jamais tinha ousado conceber" que o imperador soubesse da sua existência, a ele que teria como felicidade sem nome a sorte de, uma vez que fosse, ver o imperador, e que o teria contado aos filhos e aos netos como o acontecimento capital da sua vida — se o imperador o mandasse chamar, e lhe fizesse saber que o queria para genro: que sucederia? Então o jornaleiro, como todos os homens, Sentir-se-ia um pouco ou muito embaraçado, confuso, constrangido. O caso havia de lhe parecer (e é o lado humano) humanamente bem estranho, insensato, e não ousaria contar nada a quem quer que fosse, estando já tentado, de si para consigo, por esta explicação, da qual nenhum dos seus vizinhos tardaria em fazer-se

eco: o imperador queria rir-se à sua custa, toda a cidade o troçaria, os jornais publicariam a sua caricatura e as comadres venderiam uma canção sobre o noivado com a filha do príncipe. Mas, tornar-se genro do imperador, não seria contudo uma realidade iminente, visível? e então o jornaleiro poderia verificar por todos os seus sentidos até que ponto era sério o convite do imperador; ou se não pensava senão em troçar do pobre diabo, em torná-lo infeliz para o restante dos seus dias e ajudá-lo a acabar num hospital de doidos; porque há no caso um *quid nimis,* que bem facilmente se pode transformar no seu contrário. Um pequeno testemunho de favor, isso o jornaleiro compreendia-o, e a cidade achá-lo-ia plausível, e todo o respeitável público bem educado, e todas as vendedeiras de canções, em suma as cinco vezes cem mil almas desse grande burgo, sem dúvida uma grande cidade pelo número dos seus habitantes, mas uma aldeola para efeito de compreender e apreciar o extraordinário — mas esta coisa, desposar a filha do imperador, sempre é um exagero. E suponhamos agora uma realidade, não exterior mas interior, e portanto sem nada de material que pudesse dar ao jornaleiro qualquer certeza, mas sim a fé por si só, e da qual tudo dependesse, teria ele a suficiente e humilde coragem para ousar acreditar nela (uma coragem sem humildade não ajuda nunca, com efeito, a *crer):* e essa coragem, quantos jornaleiros a teriam? Mas aquele que não a tivesse, escandalizar-se-ia; essa coisa extraordinária far-lhe-ia quase o efeito duma zombaria pessoal. Talvez confessasse então ingenuamente: “São coisas demasiado altas para mim e que não me podem entrar na cabeça; para falar sem rodeios, isso parece-me loucura”.

E então o cristianismo! A lição que ele dá é que esse indivíduo, como qualquer indivíduo, seja ele qual for, marido, mulher, criada, ministro, negociante, barbeiro, etc...., é que esse indivíduo existe *perante Deus* — esse indivíduo que porventura se orgulharia de ter uma vez em toda a sua vida falado ao rei, esse mesmo homem, que

seria já alguém pelo seu comércio amistoso com este ou aquele, esse homem está perante Deus, pode falar com Deus quando quiser, com a certeza de ser escutado, e é a ele que propõem viver na intimidade de Deus! Mais ainda: foi por esse homem, por ele também que Deus veio ao mundo, se deixou encarnar, sofreu e morreu; e é esse Deus de sofrimento que lhe roga e quase suplica que aceite o socorro, que é um oferecimento! Na verdade, se há no mundo coisa para enlouquecer, não será esta? Quem quer que não o ousa crer, por falta de humilde coragem, escandaliza-se. Mas se se escandaliza, é porque a coisa é demasiado elevada para ele, porque não lhe pode entrar na cabeça, porque não pode neste caso falar com toda a franqueza, e eis porque lhe é necessário pô-la de parte, considerá-la nada, uma loucura, uma ingenuidade, de tal modo ele se sente sufocado.

Que é então o escândalo? A admiração infeliz, parente pois da inveja, mas uma inveja que se volta contra nós próprios, mas ainda: que se encarniça mais contra ela própria do que contra outrem. Na sua estreiteza de coração, o homem natural é incapaz de se conceber o extraordinário que Deus lhe destinava: por isso se escandaliza.

O escândalo varia segundo a paixão que o homem põe na admiração. Mais prosaicas, as naturezas sem imaginação nem paixão, portanto sem grande aptidão para admirar, é certo que se escandalizam, mas limitando-se a dizer: "São coisas que não me entram na cabeça, deixo-as passar". Assim falam os céticos. Mas quanto maior é a paixão e a imaginação num homem, e em certo sentido se aproxima da fé, isto é, da possibilidade de crer, contanto que se humilhe de adoração sob o extraordinário, tanto mais o escândalo se ergue contra esse extraordinário, até pretender nada menos que extirpá-lo, aniquilá-lo e espezinhá-lo na lama.

A verdadeira ciência do escândalo só se aprende estudando a inveja humana, um estudo extraprograma, mas que me gabo de ter feito e a fundo. A inveja é uma admiração que se dissimula. O

admirador que sente a impossibilidade de ser feliz cedendo à sua admiração, toma o partido de invejar. Usa então duma linguagem diferente, segundo a qual o que no fundo admira deixa de ter importância, não é mais do que patetice insípida, extravagância. A admiração é um abandono de nós próprios penetrado de felicidade, a inveja uma reivindicação infeliz do eu.

Assim o escândalo: pois o que de homem para homem é admiração-inveja, torna-se, do homem para Deus, adoração-escândalo. A *summa summarum* de toda a humana sabedoria é esse *quid nimis,* que em vez de ouro é um metal qualquer dourado: o excesso ou a míngua estragam tudo. Essa mercadoria passa de mão em mão como se fosse sabedoria e tem a admiração de todos; o seu curso ignora as flutuações, por que toda a humanidade garante o seu valor. Que apareça então um gênio que ultrapasse um pouco essa mediocridade, e os sábios declaram-no... louco. Mas o cristianismo, com um passo de gigante para além desse *ne quid nimis,*[13] salta até o absurdo; daí que ele parte... e que parte o escândalo.

Vê-se agora que extraordinária tolice se comete defendendo o cristianismo, como se trai assim o restrito conhecimento do homem, e como essa tática, ainda que inconsciente, tem, sub-repticiamente, partida ligada com o escândalo, fazendo do cristianismo uma coisa tão lamentável, que por fim é necessário advogar a sua causa para o salvar. Tanto isto é assim que o primeiro inventor na cristandade duma defesa do cristianismo é de fato um outro Judas; também ele trai com um beijo, mas é o beijo da estupidez. Advogar desacredita sempre. Suponhamos alguém que possui um armazém cheio de ouro e que queira dar todos os seus ducados aos pobres — mas se cai ao mesmo tempo na estupidez de começar a sua caridosa empresa com um discurso, demonstrando em três pontos tudo o que ele tem de defensável, nada mais é preciso para que seja posta em dúvida a caridade do seu gesto. Mas então o cristianismo? Declaro incrédulo

aquele que o defenda. Se crê, o entusiasmo da sua fé nunca é uma defesa, é sempre um ataque, uma vitória; um crente é um vencedor.

Assim se passam as coisas com o cristianismo e o escândalo. Por isso a possibilidade do escândalo está bem presente na definição cristã do pecado. Está no: perante Deus. Um pagão, o homem natural, reconheceriam sem dificuldade a existência do pecado, mas este: perante Deus, sem o qual no fundo o pecado não existe, para eles é ainda demasiado. A seus olhos, é dar excessiva importância à existência humana; um pouco menos de importância, ainda admitiriam... mas a demasia é sempre demais.

CAPÍTULO II

A definição socrática do pecado

Pecar é ignorar. Tal é, como se sabe, a definição socrática do pecado, a qual, como tudo o que vem de Sócrates, é sempre uma instância digna de atenção. Contudo, esse aspecto teve a sorte de tantos outros aspectos do socratismo e aprendeu-se a sentir a necessidade de passar adiante. Quantos não sentiram a de ultrapassar a ignorância socrática!... sentindo sem dúvida a impossibilidade de nela se manterem; pois quantos haverá, em cada geração, que saibam suportar, um mês que seja, essa ignorância de tudo, que saibam manifestá-la pela sua própria vida!

É por isso que, muito ao contrário de pôr de parte a definição socrática dada a dificuldade de a realizar, quero, com o cristianismo *in mente*, servir-me dela para salientar os ângulos do cristianismo — precisamente por ela ser tão profundamente grega; assim, qualquer outra definição sem o rigor cristão, que hesite, aqui como sempre mostrará o seu vazio.

Por sua vez, o defeito da definição socrática está em deixar no vago o sentido mais preciso dessa ignorância, a sua origem, etc.... Por outras palavras, mesmo se o pecado é ignorância (ou aquilo a que o cristianismo de preferência chamaria necessidade), o que em certo sentido é inegável, poder-se-á ver nele uma ignorância original? isto é, o estado de alguém que nada soube, e até aqui nada pôde saber acerca da verdade? ou será uma ignorância ulteriormente adquirida? Caso o seja, é porque o pecado mergulha as suas raízes, não na ignorância, mas nessa atividade que há no nosso fundo, pela qual, por meio da qual trabalhamos no obscurecimento do nosso conhecimento. Mas a admiti-lo, esse defeito da definição socrática, tenaz e resistente, reaparece, porque nos podemos perguntar se o

homem tem plena consciência desse obscurecer do conhecimento, que pratica. Se não tem, é porque a sua consciência já estava um pouco obscurecida, antes mesmo de começar; e o problema põe-se de novo. Se, pelo contrário, na iminência de obscurecer a sua consciência, disso fosse consciente, então o pecado (se bem que sempre ignorância como resultado) não está no conhecimento, mas na vontade, e põe-se então o problema inevitável das suas respectivas relações. Nessas relações (e poder-se-ia continuar questionando dias e dias), não penetra, no fundo, a definição de Sócrates. Sócrates foi, sem dúvida, um moralista (a Antiguidade reivindicou-o sempre como tal, como inventor da ética) e o primeiro em data, como é e será sempre o primeiro no seu gênero; mas é pela ignorância que começa. Intelectualmente, é para a ignorância que ele tende, para o nada saber. Eticamente, é outra coisa que ele pretende significar, que não ignorância, quando a esta se refere, e é dela que parte. Mas, pelo contrário, é bem certo que Sócrates não tem nada dum moralista religioso, e ainda menos, no plano cristão, dum dogmatista. Eis porque ele não entra em todo este inquérito pelo qual se inicia o cristianismo, nessa antecedência, na qual se pressupõe o pecado e que encontra a sua explicação cristã no pecado original.

Sócrates não vai portanto até à categoria do pecado, o que sem dúvida é defeito, para uma definição do pecado. Mas como? Se o pecado é com efeito ignorância, no fundo a sua existência desaparece. Porque admiti-lo é crer, como Sócrates, que nunca sucede praticar-se uma injustiça sabendo-se o que é injusto, ou cometê-lo sabendo o que é injusto. Portanto, se Sócrates o definia bem, o pecado não tem existência. Mas, atenção! isto está perfeitamente em regra sob o ponto de vista cristão, e é até profundamente justo, e, no interesse do cristianismo, *quod erat demonstrandum.* Precisamente, o conceito que estabelece uma radical diferença de natureza entre o cristianismo e o paganismo, é o pecado, a doutrina do pecado; assim o cristianismo crê, muito

logicamente, que nem o pagão nem o homem natural sabem o que seja o pecado, e até que a Revelação se torna necessária para ilustrar o que ele é. Pois que, ao contrário duma visão superficial, a diferença de natureza entre o paganismo e o cristianismo não provém da doutrina da Redenção. Não, é preciso estabelecer a diferença muito mais em profundidade, partir do pecado, da doutrina do pecado, como faz o cristianismo. Que perigosa objeção contra este último seria então, se o paganismo desse uma definição do pecado cuja exatidão um cristão tivesse de reconhecer!

Que faltou então a Sócrates na sua determinação do pecado? A vontade, o desejo! A intelectualidade grega era demasiado feliz, demasiado ingênua, demasiado estética, demasiado irônica, demasiado maliciosa... demasiado pecadora para chegar a compreender que alguém tendo o seu saber, conhecendo o justo, pudesse cometer o injusto. O helenismo dita um imperativo categórico da inteligência. Eis uma verdade a não desdenhar, e que é mesmo bom acentuar num tempo como o nosso, extraviado em muita e vã ciência empolada e estéril, se é verdade que no de Sócrates e mais ainda em nossos dias a humanidade precisa duma ligeira dieta de socratismo. Pois não dá vontade de rir e de chorar ao ver todas estas afirmações de ter compreendido e apreendido as verdades supremas, e perante essa tão freqüente virtuosidade em desenvolvê-las *in abstracto,* em certo sentido, sem dúvida com grande precisão!... Sim, riamos e choremos ao ver tanto saber e compreensão permanecerem sem ação sobre a vida dos homens, na qual nada se manifesta do que compreenderam, antes pelo contrário! À vista duma tal discordância, tão triste como grotesca, exclama-se involuntariamente: mas como diabo é possível que eles tenham compreendido? Aqui o velho ironista e moralista responde: não te fies nisso, meu amigo; eles não compreenderam, de outro modo a sua vida exprimi-lo-ia, e os seus atos corresponderiam ao seu saber.

É que há compreender e compreender! e aquele que o

compreende — não, bem entendido, à maneira da vã ciência — fica desde logo iniciado em todos os segredos da ironia. Porque é com este equívoco que ele tem de se haver. Achar engraçado que um homem ignore de fato uma coisa, é dum cômico bem inferior, e indigno da ironia. Que há de cômico, no fundo, em que muita gente tenha vivido na idéia de que a terra estava imóvel — quando não sabiam mais? A nossa época, sem dúvida, fará por sua vez a mesma figura ao lado duma época mais adiantada em física. A contradição é aqui entre duas épocas diferentes, sem coincidência profunda; é por isso que o seu contraste fortuito carece completamente de cômico. Eis contudo, pelo contrário, alguém que diz o que é o bem... e por conseqüência o compreendeu; e quando em seguida vai agir, vê-lo cometer o mal... que cômico infinito! E o cômico infinito deste outro, comovido até às lágrimas ao ponto que com o suor elas lhe caem a cântaros, capaz de ler ou de escutar horas e horas o quadro da renúncia a si próprio, todo o sublime duma vida sacrificada à verdade — e que um instante depois, um, dois, três, uma pirueta! os olhos ainda mal secos, e ei-lo que já se esfalfa, segundo as suas pobres forças, a ajudar ao sucesso da mentira! E ainda o cômico infinito deste discursador, que, com a verdade do acento e do gesto, comovendo-se, comovendo-te, te faz calafrios pela sua pintura da verdade, e desafia todas as forças do mal e do inferno, com um aprumo de atitude, um topete do olhar, uma justeza do passo, perfeitamente admiráveis — e, cômico infinito, que ele possa quase logo, ainda com quase toda a sua atitude, escapulir-se como um covarde ao mais pequeno incidente! E o cômico infinito de ver alguém que compreenda toda a verdade, todas as misérias e pequenezas do mundo, etc.... que as compreenda e seja em seguida incapaz de as reconhecer! porque, quase no mesmo instante, esse mesmo homem correrá a envolver-se nessas mesmas pequenezas e misérias, para delas tirar honras e vaidade, isto é, reconhecê-las. Oh! ver alguém que jura ter-se dado conta de como Cristo caminhou sob a aparência

humilde dum servo, pobre, desprezado, objeto de escárnio, e, como dizem as Escrituras, sob os escarros, e ver esse mesmo homem alapardar-se cuidadosamente nesses lugares do mundo, onde se está tão agradavelmente, anichar-se no melhor abrigo; vê-lo fugir com tanto receio como para salvar a sua vida, a sombra da direita ou da esquerda, da menor corrente de ar, vê-lo tão bem-aventurado, tão celestemente feliz, tão radioso — sim, para que nada falte ao quadro, é-o a tal ponto que a sua emoção o leva até agradecer a Deus — tão radioso pela estima e pela consideração universais! quantas vezes não disse comigo, em tais ocasiões: “Sócrates! Sócrates! Sócrates! será possível que este homem se dê conta daquilo de que ele afirma dar-se conta?” Assim dizia para comigo, desejando até que Sócrates não se tivesse enganado. Porque como que apesar de mim, o cristianismo quase me parece demasiado severo e a minha experiência se recusa ainda a fazer deste homem um tartufo. Decididamente, Sócrates, só tu mo explicas, fazendo dele um histrião, como que um alegre espertalhão; tu nem sequer ficas chocado, tu aprovas até que eu o sirva com molho cômico — sob reserva de o conseguir.

Sócrates! Sócrates! Sócrates! Tríplice apelo que bem poderia elevar até dez, se fosse de algum socorro. O mundo teria necessidade, segundo se supõe, duma república, supõe-se haver necessidade duma nova ordem social, duma nova religião; mas quem julgará que é dum Sócrates que precisa este mundo perturbado por tanta ciência! Naturalmente, se alguém, se, sobretudo, vários o pensassem, Sentir-se-ia menos a sua necessidade. O que mais falta quando nos extraviamos, é sempre aquilo em que não pensamos — evidentemente, porque pensá-lo seria encontrarmo-nos.

Seria pois necessária à nossa época, e é talvez a sua única necessidade, uma tal correção de ética e de ironia — porque se verifica ser a última das suas preocupações; em vez de ultrapassar Sócrates, já teríamos grande proveito em regressar ao seu *distinguo*

entre compreender e compreender... e a regressar a ele, não como a uma absolvição final, brotando para nossa salvação da nossa pior miséria — porque cessa então a diferença entre as duas maneiras de compreender — mas como a um ponto de vista moral penetrando a nossa vida cotidiana.

A definição socrática salva-se pois pela maneira seguinte. Se alguém não pratica o justo, é também por falta de o ter compreendido; ele afigura-se-lhe apenas; se o afirma, extravia-se; se o reitera, praguejando por todos os diabos, não faz senão afastar-se até ao infinito pelo mais longo desvio. Mas é então Sócrates quem tem razão. O homem que finge de justo não peca, portanto; e se não peca, é por não o ter compreendido; a verdadeira compreensão do justo depressa o levaria a fazê-lo, e ele seria em breve o eco da sua compreensão: *ergo* (portanto) pecar é ignorar.

Mas em que ponto claudica então a definição? O seu defeito, e o socratismo, se bem que incompletamente, dá-se conta disso e evita-o, é a ausência duma categoria dialética para passar da compreensão à ação. O cristianismo, esse, parte desta passagem; e ao longo dessa via embate com o pecado, mostra-o na vontade, e atinge o conceito do desafio; e para bem atingir então o fundo, acrescenta-se o dogma do pecado original — porque, ai de nós! o segredo da especulação, quando se trata de compreender, consiste precisamente em não tocar o fundo, em evitar sempre dar o nó no fio, e eis como, ó maravilha! ela consegue coser indefinidamente, isto é, passar a agulha enquanto quiser. O cristianismo, pelo contrário, ata o último ponto pelo paradoxo.

Na filosofia das idéias puras, a qual não considera o indivíduo real, a passagem é de absoluta necessidade (como aliás no hegelianismo, no qual tudo se realiza com necessidade), isto é, a passagem do compreender ao agir não tropeça em nenhum embaraço. Nisso está o helenismo (não em Sócrates, contudo, demasiado moralista para isso). E é igualmente esse, no fundo, todo

o segredo da filosofia moderna, toda ela contida no *cogito ergo sum,* na identidade do pensamento e do ser; (ao passo que o cristão, esse, pensa: *Que vos seja dado segundo a vossa fé*[14] ou: tal fé, tal homem, ou: crer é ser). A filosofia moderna não é, como se vê, senão paganismo. Mas esse ainda é o seu mais pequeno defeito; e já não está muito mal com ser parente próxima de Sócrates. O que nela é verdadeiramente o perfeito contrário do socratismo, é o tomar e fazer-nos tomar esse escamoteamento como cristianismo.

Pelo contrário, no mundo real em que se trata do indivíduo existente, não se evita essa minúscula passagem do compreender ao agir, nem sempre é possível percorrê-la *cito citissime,*[15] ela não é — para falar alemão por falta de calão filosófico — *geschwind wie der Winde.*[16] Pelo contrário, começa aqui uma longa história.

A vida do espírito não tem paragens (nem tampouco, afinal, estado: tudo é atual); portanto, se um homem, no próprio segundo em que reconheça o justo, não o pratica, eis o que se produz: em primeiro lugar o conhecimento estanca. Resta saber em seguida o que pensa a vontade acerca do resíduo. A vontade é um agente dialético, que por sua vez determina toda a natureza interior do homem. Se ela não aceita o produto do conhecimento, nem por isso se põe a fazer o contrário daquilo que o conhecimento apreendeu, tais conflitos são raros; mas deixa passar algum tempo, abre-se um ínterim, e ela diz: ver-se-á até amanhã. Entretanto, o conhecimento obscurece-se cada vez mais, as partes inferiores da nossa natureza tomam uma supremacia cada vez maior; ai de nós! porque é preciso fazer o bem imediatamente, mal se reconheça (e é por isso que na especulação pura é tão fácil a passagem do pensamento ao ser, porque aí tudo é dado antecipadamente), ao passo que para os nossos instintos inferiores, a tendência é para demorar, demoras que a vontade nem por isso detesta, ante as quais semicerra os olhos. E, quando se obscurece suficientemente, o conhecimento põe-se em mais completo acordo com a vontade; por fim é o acordo perfeito,

porque aquele passou para o campo contrário e ratifica tudo o que esta arranja. Assim vivem talvez multidões de pessoas; trabalhando, como que insensivelmente, para obscurecer o seu juízo ético e ético-religioso, que os leva a decisões e conseqüências que reprova a parte inferior deles próprios; em lugar daqueles, desenvolvem em si um conhecimento estético e metafísico, o qual, para a ética, não é senão divertimento.

Mas ultrapassamos até aqui o socratismo? Não, porque Sócrates diria que, se tudo se passa assim, é a prova de que afinal o nosso homem não compreendeu o justo. Por outras palavras, para enunciar que alguém, sabendo-o, pratica o injusto, o helenismo carece de coragem e defende-se dizendo: quando alguém pratica o injusto, ignora o justo.

Sobre isso não existe dúvida; e acrescentarei não ser possível que um *homem* possa passar adiante, possa, sozinho e por si próprio dizer o que é o pecado, visto que vive nele; todos os seus discursos sobre o pecado não são, no fundo, senão a sua desculpa, uma atenuação pecadora. É por isso que o cristianismo começa de outro modo, pondo a necessidade duma revelação de Deus, que instrua o homem sobre o pecado, mostrando-lhe que ele não está em não compreender o justo, mas em não querer compreendê-lo, em não querer o justo.

Já quanto à distinção entre não *poder* e não *querer* compreender, Sócrates afinal nada esclarece, ao passo que é o grão-mestre de todos os ironistas, quando com o seu *distinguo* opera sobre compreender e compreender. Se não se pratica o justo, explica ele, é por incompreensão, mas o cristianismo vai um pouco mais longe, e diz: é pela recusa de compreender, o que por sua vez provém do recusar-se a querer o justo. E ensina em seguida que se pode praticar o injusto (é o verdadeiro desafio), se bem que se compreenda o justo, ou abster-se de praticar o justo, ainda que compreendendo-o; em suma, a doutrina cristã do pecado, asperamente agressiva

contra o homem, compõe-se de acusações sobre acusações, é o requisitório que o divino, como ministério público, toma a responsabilidade de intentar ao homem.

Mas esse cristianismo, dir-se-á, é ininteligível aos homens. Como se se tratasse de compreender! com o cristianismo — escândalo pois para o espírito — é preciso crer. Compreender é do alcance humano, é a relação do homem com o homem. Mas crer é a relação do homem com o divino. Como explica o cristianismo este incompreensível? mas, plenamente conseqüente consigo próprio, duma maneira não menos incompreensível, visto ele ser a salvação.

Para o cristão, pois, o pecado está na vontade e não no conhecimento; e esta corrupção da vontade ultrapassa a consciência do indivíduo. É a lógica em pessoa; caso não, seria necessário que para cada indivíduo nos perguntássemos como começou o pecado!

Voltamos a encontrar aqui o sinal do escândalo. O possível escândalo, é que se torna necessária uma revelação de Deus para instruir o homem sobre a natureza do pecado, sobre a profundidade das suas raízes. O homem natural, o pagão, pensam: "Seja! confesso não ter compreendido tudo o que diz respeito ao céu e à terra, e já que por força é preciso uma revelação, que ela nos explique as coisas celestes; mas que também seja indispensável para nos explicar o que vem a ser o pecado, isso é o maior dos absurdos. Não me considero a perfeição, longe disso, mas visto que sei e estou disposto a confessar tudo o que dela me separa, como não saberia o que é o pecado!" Ao que o cristianismo replica: "Mas não; aí está o que tu sabes pior: a distância a que estás da perfeição é que é o pecado". — É pois uma verdade cristã ser o pecado ignorância, ignorância da sua própria natureza.

A definição do pecado dada no capítulo anterior deve portanto completar-se assim: depois de uma revelação de Deus nos ter explicado a sua natureza, o pecado consiste, perante Deus, no desespero por não querermos ser nós próprios, ou no desespero por

o querermos ser.

Capítulo III

Que o pecado não é uma negação, mas uma posição

Eis com efeito o que a dogmática ortodoxa e a ortodoxia em geral sempre sustentaram, rejeitando como panteísta qualquer definição do pecado que o reduza a uma simples negação, fraqueza, sensualidade, finitude, ignorância, etc.... A ortodoxia viu muito bem que é neste campo que tem de se travar o combate, ou, para retomar a nossa imagem, que é preciso dar o nó na linha; ela compreendeu que, a definir o pecado como uma negação, a posição cristã é insustentável. É por isso que ela tanto insiste sobre a necessidade da Revelação para ensinar ao homem decaído o que é o pecado, lição que para nós deve ser ponto de fé, visto que é um dogma. E, naturalmente, paradoxo, fé e dogma fazem entre si uma aliança que é o mais seguro sustentáculo e defesa contra toda a sabedoria pagã.

Isto pelo que diz respeito à ortodoxia. Por um estranho equívoco, uma dogmática, que se diz especulativa e sem dúvida se avizinha demasiado e perigosamente da filosofia, gabou-se de *compreender* esta doutrina segundo a qual o pecado é uma posição. Mas se ela o conseguisse, o pecado seria uma negação. O segredo de toda a compreensão é que o próprio ato de compreender ultrapassa sempre a posição que põe. O conceito põe uma posição, que nega o próprio fato de a compreender. Não sem que até certo ponto o constatassem, os nossos teólogos não conseguiram fugir à dificuldade — manobra bem pouco digna de uma ciência filosófica — senão encobrindo o seu movimento sob um véu de provas. Ainda que multiplicando-os cada vez mais solenes, e jurando que o pecado é uma afirmação, e que há panteísmo, racionalismo e Deus sabe o que, em fazer dele uma negação... passa-se a querer compreender que o

pecado é uma posição. Ou seja, que só o é até certo ponto, ficando ao alcance do entendimento.

E a duplicidade dos nossos teólogos manifesta-se ainda noutro ponto, que aliás diz respeito ao mesmo assunto. A definição do pecado, ou o modo de o definir, liga-se à do arrependimento. E terem descoberto a "negação da negação" pareceu-lhes tão tentador que a foram aplicar ao arrependimento, fazendo, desse modo, do pecado uma negação. — Seria interessante de resto, ver um sóbrio pensador esclarecer se esta lógica pura, que lembra as primeiras relações da lógica com a gramática (duas negações valem uma afirmação) ou com as matemáticas, se esta lógica pura vale na ordem do real, no mundo das qualidades; se a dialética das qualidades não é uma outra dialética; se a "passagem" não tem aqui uma outra função. *Sub specie aeterni, aeterno modo,*[17] etc.... o sucessivo não existe, logo tudo é, e não haverá passagem. *Pôr* neste *medium* abstrato é pois *ipso facto o* mesmo que *anular.* Mas considerar deste modo o real frisa na verdade a loucura. Muito *in abstracto* também se pode dizer que o perfeito se segue ao imperfeito. Mas se, na realidade, alguém daí concluísse, como conseqüência automática e imediata, que um trabalho que não chegou a concluir *(imperfectum)* está concluído, não seria esse alguém um louco? Não se procede de outro modo com essa pretensa posição do pecado, quando o *medium* em que é posto é o pensamento puro.

Mas deixando de lado todos estes problemas, atenhamo-nos apenas ao princípio cristão de que o pecado é uma posição — não todavia como a um princípio inteligível, mas como um paradoxo no qual é necessário acreditar. Esse é o ponto de partida dos meus pensamentos. Revelar a contradição de todas as tentativas de compreender, é já colocar o problema na sua verdadeira luz, tão claro se torna então que é necessário deixar à fé o saber se se deve ou não crer. — Admito (o que de modo algum é demasiado divino para ser compreendido), se se quer por força compreender e que não

se possa achar bom senão aquilo que se dá ares de tudo compreender, que se considere estéril a minha atitude. Mas se o cristianismo só tem vida se for objeto de crença e não de compreensão, se for necessariamente *ou um ou outro,* objeto de fé ou de escândalo: onde estará então o mérito de procurar compreender? Havê-lo-á, ou não se tratará antes de insolência e leviandade, em querer compreender aquilo que não quer ser compreendido? Quando apetece a um rei viver incógnito e ser tratado estritamente como um particular, se houver quem ache mais elegante tratá-lo com uma deferência real, terá razão em fazê-lo? Ou o fazer como se quer em vez de se inclinar não será erguer a sua pessoa e a sua personalidade em face do desejo do rei? Que possibilidade haverá de lhe agradar, quanto mais se fizer por lhe testemunhar um respeito de súdito, se ele não quer ser tratado como rei? Que possibilidade haverá de lhe agradar, quanto mais se fizer para contrariar a sua vontade? — Outros que louvem e admirem aquele que se dá ares de poder compreender o cristianismo: para mim, numa época tão especulativa, na qual todos "os outros" tanto se agitam para compreender, é um dever profundamente ético, e que talvez exija muita abnegação, confessar que não temos o poder, nem tampouco o dever de compreender. Portanto, a necessidade provável da nossa época, dos cristãos de hoje é precisamente um pouco de ignorância socrática pelo que toca ao cristianismo; é bem "socrática" que eu digo. Mas — e quão poucos na verdade o souberam ou pensaram ! — não esqueçamos nunca que a ignorância de Sócrates era uma espécie de receio e de culto de Deus; que ela transpunha para grego a idéia judaica do terror de Deus, começo da sabedoria; que era por respeito da divindade que ele era ignorante, e, tanto quanto o podia um pagão, que guardava como *um juiz* a fronteira entre Deus e o homem, tratando de reforçar a diferença de qualidade entre eles por um fosso profundo, a fim de que Deus e o homem não se confundissem, como os confundiram *philosoplice, poetice,* etc.... Eis a

causa da ignorância de Sócrates, eis porque a divindade nele reconheceu o mais alto saber — Mas o cristianismo ensina-nos que toda a sua existência não tem outro fim senão a fé; por isso seria uma piedosa ignorância socrática o defender por ignorância a fé contra a especulação, velando por reforçar com um profundo fosso a diferença de natureza entre Deus... e o homem, como o fazem o paradoxo e a fé, a fim de que Deus e o homem, pior ainda do que no paganismo, não se confundissem, como se fez *philosophice, poetice,* etc.... no sistema.

Não há portanto senão um ponto de vista possível para pôr a claro a natureza positiva do pecado. Na primeira parte, descrevendo o desespero verificou-se sem cessar um crescimento, traduzido por um lado num progresso da consciência do eu, por outro num progresso de intensidade indo da passividade até ao ato consciente. Por sua vez, as duas traduções exprimiam conjuntamente a origem interior e não exterior do desespero, o qual se torna assim cada vez mais positivo. Mas segundo a definição dada mais acima, o pecado implicando o eu, elevado a uma infinidade de potência pela idéia de Deus, implica pois também o máximo de consciência do pecado como sendo um ato. — É o que se exprime dizendo que o pecado é uma posição, e o que tem de positivo é precisamente o estar *perante Deus.*

Além disso tal definição do pecado contém ainda, num sentido completamente diverso, a possibilidade do escândalo, o paradoxo, que se encontra com efeito como conseqüência na doutrina da Redenção. Em primeiro lugar o cristianismo estabelece tão solidamente a natureza positiva do pecado, que a razão jamais o pode compreender; pois esse mesmo cristianismo se encarrega de eliminar em seguida esse positivo de maneira não menos ininteligível à razão. Os nossos teólogos, que se livram destes paradoxos com palavreado, limam-lhe as arestas para tornar assim tudo fácil: tiram um pouco de sua força ao positivo do pecado, coisa que aliás nada os adianta para compreender o *coup d'éponge*[18] da remissão. Mas ainda

aqui esse inventor de paradoxos que é o cristianismo permanece tão paradoxal quanto possível; trabalhando por assim dizer contra si, afirma tão solidamente a natureza positiva do pecado, que parece perfeitamente impossível eliminá-lo depois — ora é esse mesmo cristianismo que, pela Redenção, o eliminará de novo tão completamente, que o diríamos afogado no oceano.

APÊNDICE AO LIVRO IV

Não será então o pecado uma exceção?
(a moral)

Como foi observado na primeira parte, da intensidade do desespero provém a sua raridade neste mundo. Mas sendo o pecado desespero elevado a uma qualidade de potência ainda maior, qual deve ser então a sua raridade? Estranha dificuldade! O cristianismo subordina tudo ao pecado; nós procuramos expô-lo em todo seu rigor: e eis-nos agora perante este resultado singular, principalmente singular, de que o pecado não existe sob essa forma no paganismo, mas apenas no judaísmo e no cristianismo, e, mesmo nestes, sem dúvida muito raramente.

E contudo, o fato, mas só em certo sentido, é completamente exato. "Ainda que instruídos por uma revelação de Deus sobre o que é o pecado, quando, perante Deus, desesperados, queremos, ou não queremos, ser nós próprios", pecamos... e é certo que não se vê muitas vezes um homem tão transparente para si próprio, que se possa aplicar-lhe esta fórmula.

Mas, que concluir disto? O caso merece atenção, pois estamos numa encruzilhada dialética. De um homem ser só mediocremente desesperado, não se deduzia com efeito que não o fosse nada. Pelo contrário; e mostramos como a maioria dos homens vive no desespero, ainda que dum grau inferior. Mas nenhum mérito há, também, em tê-lo dum grau superior. Aos olhos da estética, pelo contrário, isso é uma vantagem, visto que só lhe interessa a força; mas para a ética, um grau superior de desespero afasta mais da salvação do que um inferior.

O mesmo sucede com o pecado. A vida da maior parte dos homens está, a considerá-la com uma indiferença dialética, tão

afastada do bem (a fé), que é quase demasiado a-espiritual para se poder chamar pecado, quase demasiado mesmo para se chamar desespero.

É certo que não há mérito algum, longe disso, em ser um verdadeiro pecador. Mas como, por outro lado, conseguir achar uma consciência essencial do pecado (e é isso que o cristianismo quer) numa vida tão cheia de mediocridade, a tal ponto decaída em macaqueação dos "outros" que é quase impossível considerá-la pecado, demasiado quase a-espiritual para ser assim designada, e, como dizem as Escrituras, não merecendo senão "ser vomitada"?

A questão não fica contudo resolvida assim, porque a dialética do pecado torna a apreendê-la de outra maneira. Como é possível que uma vida humana seja a tal ponto a-espiritual que pareça que o cristianismo se lhe torne inaplicável, como um macaco de que não podemos utilizar-nos (e o cristianismo levanta tal como um macaco) quando, em vez de terra firme, só há pântanos e charcos? Será uma fatalidade que é preciso suportar? Não, é da própria culpa do homem. Ninguém nasce a-espiritual; e, por numerosos que sejam aqueles que, à hora da morte, nada mais levem como resultado da sua vida... não é por culpa da vida. Mas digamo-lo sem hesitar, essa pretensa sociedade cristã (na qual, aos milhões, as pessoas são cristãs como se nada fosse, de modo que se contam, exatamente, tantos cristãos quantos nascimentos há) não é apenas uma mesquinha edição do cristianismo, crivada de gralhas extravagantes e de vazios ou acrescentos ineptos, constitui até um abuso em relação a ele: profana-o. Se num pequeno país talvez só nasçam três poetas por geração, o que não falta são pastores, e a sua turba excede os empregos. Fala-se em vocação a propósito dum poeta, mas, aos olhos dum sem número de pessoas (cristãos, portanto!) basta um exame para se ser pastor. E contudo, contudo, um verdadeiro pastor é um acaso ainda mais raro do que um verdadeiro poeta, e contudo a palavra "vocação" é ordinariamente do domínio da religião. Mas, se

se trata de ser poeta, nem por isso a sociedade deixa de ter apego à vocação, a ver nela grandeza. Pelo contrário, para a multidão (cristãos, portanto!) privada de qualquer idéia que eleve, ser pastor é, sem o menor mistério *in puris naturalibus* (em estado de natureza), um ganha-pão.

Ai de nós! a própria aventura desta palavra na cristandade simboliza todo o destino do cristianismo entre nós. A infelicidade não está em não se falar disso (como tampouco a infelicidade consiste em carecer de pastores); mas em falar de tal maneira, que a multidão acaba por não ligar nenhum pensamento à palavra (do mesmo modo que essa multidão dá tão pouca significação espiritual ao fato de se ser pastor como ao terra-a-terra de ser comerciante, notário, encadernador, veterinário, etc.), de tal modo que o sagrado e o sublime deixaram de impressionar, e ouve-se mesmo tratá-los como coisas inveteradas, tornadas costumes, Deus sabe como, a exemplo de tantas outras. Como admirar-se que a nossa gente, depois disto — por não sentir defensável a sua própria atitude — sinta a necessidade de defender o cristianismo !

Mas seria preciso que os pastores fossem pelo menos crentes! E crentes que creiam! Mas crer é como amar, a tal ponto que, no fundo, quanto ao entusiasmo, o mais apaixonado dos apaixonados faz figura de adolescente ao lado do crente. Olhai o homem que ama. Quem ignora que ele poderia, dia após dia, da manhã à noite e da noite à manhã, infindavelmente, falar do seu amor! Mas qual de vós iria supor que ele tenha idéia, poder de falar como a nossa gente! que ele não abomine a idéia de provar em três pontos que o seu amor tem um sentido!... quase como o pastor quando prova em três pontos a eficácia das orações, tanto elas têm baixado de preço que têm necessidade de três pontos para recuperar um pouquinho de prestígio; ou ainda, o que é semelhante, mas um pouco mais risível, quando prova em três pontos que a oração é uma beatitude que ultrapassa o entendimento. Ó querido e inapreciável Anticlímax!

dizer que se prova por três razões que, a valerem um pouco mais que nada, não devem portanto superar o entendimento, mas, pelo contrário, provar-lhe à evidência que essa beatitude de modo algum o ultrapassa; como se, com efeito, as "razões" não tivessem de estar sempre ao alcance da razão! Mas quanto àquilo que supera o entendimento — e para aquele que nisso crê — essas três razões são tão vazias como, nas tabuletas das hospedadas, três garrafas ou três veados! Mas Prossigamos: quem suporia ao apaixonado a idéia de defender a causa do seu amor, de admitir que esse amor não seja o seu absoluto, o Absoluto! Como crer que o tenha pensado ao mesmo tempo que nas objeções hostis, e que assim nasceu o seu discurso de defesa; isto é, como julgá-lo capaz ou nas vésperas de admitir que não está apaixonado, de se denunciar como não o estando? Ide propor-lhe para tomar tal atitude, e é fatal que vos julgue louco, e se, além de apaixonado, for também um pouco psicólogo, podeis estar certo de que suspeitará o autor da proposição de nunca ter conhecido o amor, ou de querer conduzi-lo a trair, a renegar o seu... defendendo-o! Não estará nisto a prova terminante de que a um verdadeiro apaixonado, jamais passará pela cabeça a idéia de em três pontos provar o seu amor ou defendê-lo?! visto que alguma coisa vale mais que todos esses pontos juntos e que qualquer defesa: ele ama. E quem prova e pleiteia, não ama, limita-se a fingi-lo, e, infelizmente — ou tanto melhor — tão tolamente o fez que apenas revela a sua falta de amor.

Ora é exatamente assim que se fala do cristianismo — que falam os pastores crentes "defendendo-o", ou transpondo-o em "razões", se não é que o estragam a querer pô-lo especulativamente em "conceito"; é o que se chama pregar, e a cristandade tem já em grande estima essas formas de pregação... e os seus auditórios. Eis porque (isso o prova) a cristandade está tão longe de ser aquilo que se diz, e a maior parte dos cristãos carece a tal ponto de espiritualidade que não se pode sequer, no sentido estritamente

cristão, considerar a sua vida como pecado.

LIVRO V

A CONTINUAÇÃO DO PECADO

O estado contínuo de pecado é um pecado a mais; ou, para usar uma expressão mais precisa e tal como adiante se desenvolverá, permanecer no pecado, é renová-lo, é pecar. Ao pecador talvez isto pareça exagerado, pois lhe custa reconhecer em qualquer outro pecado atual um novo pecado. Mas a eternidade, seu guarda-livros, é obrigada a inscrever o estado de pecado em que se está no passivo dos novos pecados. O seu livro tem apenas duas colunas e *tudo o que não vem da fé é pecado*[19]; a falta de arrependimento após cada pecado é um novo pecado, e até cada um dos instantes em que esse pecado permanece sem arrependimento é um novo pecado. Mas como são raros os homens cuja consciência interior tem continuidade! Habitualmente a sua consciência é uma simples intermitência, que não se manifesta senão nas decisões graves, mas que permanece fechada ao cotidiano; como espírito, o homem não existe durante mais duma hora por semana... forma bem animal, evidentemente, da existência espiritual. A continuidade é contudo a própria essência da eternidade, e ela exige o mesmo do homem, isto é, quer que ele tenha consciência de ser espírito, e que creia. Pelo contrário, o pecador está a tal ponto em poder do pecado que, não suspeitando o seu alcance, nem sequer sabe que a sua vida inteira está no caminho da perdição. Ele não conta senão cada novo pecado, que lhe dá como que um novo impulso sobre a mesma via, como se, no instante anterior, não a seguisse já com toda a velocidade dos pecados anteriores. O pecado tornou-se-lhe tão natural, ou a tal ponto uma segunda natureza, que não encontra nada de anormal nos acontecimentos de cada dia, e só tem um breve recuo no momento de receber como que um novo impulso de cada novo

pecado. Nessa perdição, em vez da verdadeira continuidade da eternidade: a do crente que se sabe perante Deus, não vê a da sua própria vida... a continuidade do pecado.

"A continuidade do pecado"? Mas não será o pecado precisamente o descontínuo? Eis-nos de novo ante a teoria de que o pecado é apenas uma negação, da qual nenhuma prescrição jamais poderá fazer uma propriedade, como tampouco uma prescrição pode dar direitos sobre bens roubados; que ele não é senão uma negação, uma impotente tentativa para se constituir, votada, através todos os suplícios da impotência, num desesperado desafio, a jamais o conseguir. Sim, é a teoria dos filósofos; mas para o cristão o pecado (e nisto é preciso crer, pois que é o paradoxo, o ininteligível) é uma posição que por si própria se desenvolve, uma continuidade cada vez mais positiva.

E a lei de crescimento desta continuidade não é tampouco a mesma que rege uma dívida ou uma negação. Porque uma dívida não aumenta por não ser paga, mas somente quando mais uma se lhe acrescenta. O pecado, esse, aumenta em cada instante em que nele se permanece. O pecador tem tão pouca razão em só ver aumento do pecado a cada novo pecado, que, no fundo, para os cristãos, o estado no qual se permanece no pecado lhe é um acréscimo, é o novo pecado. Há até um ditado para dizer que pecar é humano, mas satânico preservar nele; forçoso é contudo ao cristão entendê-lo um pouco diferentemente. Não ter senão uma visão descontínua, não notar os novos pecados e saltar os intervalos, os espaços entre dois pecados, não é menos superficial do que supor, por exemplo, que um comboio só avança cada vez que se ouve arquejar a locomotiva. Contudo não é esse arquejar nem o impulso que se lhe segue, que de fato é preciso ver, mas a velocidade média, pela qual a locomotiva avança e que produz esse arquejar. Assim do pecado. O permanecer no pecado é o seu próprio fundo, os pecados singulares não são a sua continuação, mas, simplesmente, manifestam-no; cada novo

pecado não faz senão tornar-nos mais sensível a sua velocidade.

Permanecer no pecado é pior do que cada pecado isolado, é o pecado por excelência. E é neste sentido, com efeito, que permanecer no pecado é continuar o pecado, é um novo pecado. Ordinariamente não se julga assim, pensa-se que um novo pecado é engendrado pelo pecado atual. Mas a razão, bem diversamente profunda, é que permanecer no pecado constitui um novo pecado. Por isso Shakespeare, mestre psicólogo, faz dizer a Macbeth (III, 2) *Things bad begun make strong themselves by ill.*[20] Isto é, que o pecado se engendra a si próprio como uma conseqüência, e que ainda ganha mais força nesta continuidade interior do mal. Mas jamais se pode chegar a esta conclusão considerando apenas os pecados isolados.

A maior parte das pessoas vivem por demais inconscientes de si para suspeitar quais sejam as conseqüências; por falta do vínculo profundo do espírito, a sua vida, seja por encantadora ingenuidade infantil, seja por necessidade, não é mais do que uma mistura sem nexo de um pouco de ação, de acaso, de acontecimentos; vemo-las umas vezes praticar o bem, depois fazer mal; umas vezes o seu desespero dura uma tarde, outras prolonga-se durante três semanas, e ei-las prazenteiras, e logo desesperadas por mais um dia. A vida é para elas uma espécie de jogo em que se entra, mas não chegam nunca a arriscar tudo, nunca ela se lhes representa como uma conseqüência infinita e fechada. Por isso não falam nunca senão acerca de atos isolados, tal ou tal boa ação, tal falta.

Qualquer existência, dominada pelo espírito, está sujeita a uma seqüência interior, seqüência de origem transcendente, que depende pelo menos duma idéia. Mas, numa tal vida, o homem por sua vez receia infinitamente, por uma idéia infinita das conseqüências possíveis, qualquer ruptura da seqüência; não corre ele o risco de ser arrancado a essa totalidade que suporta a sua vida? A menor inconsequência representa uma perda enorme, visto ele perder o encadeamento; é talvez desfazer um momento o encanto,

esgotar esse poder misterioso que ligava todas as forças numa harmonia única, fazer saltar a mola; arruinar tudo, talvez, para maior suplício do eu, num caos de forças em revolta intestina, donde se terá esvaído todo o acordo interior, toda a franca velocidade, todo o *impetus*. O admirável mecanismo, que à seqüência devia toda a facilidade de movimentos da sua relojoaria de aço, tanta energia dúctil, ei-lo desarranjado; e quanto mais esplêndido, mais grandioso era o mecanismo, tanto maior é a sua confusão.

O crente, cuja vida inteira repousa sobre o encadeamento do bem, tem um receio infinito mesmo do menor pecado, visto se arriscar a perder infinitamente, ao passo que os homens do espontâneo, que não saem do pueril, não têm totalidade a perder, as perdas e ganhos nunca são para eles mais do que parcialidade, particularidade.

Mas com conseqüência não inferior à do crente, o demoníaco obstina-se, por seu lado, no encadeamento interior do pecado. Semelhante ao ébrio, dia sobre dia vai mantendo a embriaguez, com receio à paragem, ao langor que então se produziria e dos seus possíveis resultados, se permanecesse sem beber um dia inteiro. Exatamente, aliás, como o homem de bem, se o fossem tentar pintando-lhe o pecado sob uma forma atraente; a sua resposta suplicante seria: “Não me tenteis !” Assim também o demoníaco daria exemplos do mesmo medo. Em face dum homem de bem, mais forte no seu campo do que ele, e que viesse descrever-lhe o bem na sua beatitude, o demoníaco é bem capaz de lhe implorar, em lágrimas, que não lhe fale, que, como ele diz, não tente enfraquecê-lo. Porque é a sua continuidade interior e a sua continuidade no mal que fazem com que também ele tenha uma totalidade a perder. O desvio dum segundo fora da sua seqüência, uma só imprudência de regime, um só olhar distraído, por um só instante, o ter uma outra visão do conjunto ou só duma parte: e é risco, como ele diz, de jamais voltar a ser ele próprio. É certo que renunciou ao bem, desesperado, e que

dele não espera mais auxílio, faça o que fizer; mas esse bem não poderia vir ainda perturbá-lo? impedi-lo para sempre de reatar o pleno impulso do encadeamento, em suma, enfraquecê-lo? Só na continuidade do pecado é ele próprio, só nela vive e se sente viver. Que dizer a isto? senão que a permanência, a estabilidade no pecado ainda é o que, no fundo da sua queda, o sustenta, pelo diabólico reforço da seqüência; não é o novo pecado, distinto, que (sim, demência horrível!) o ajuda; o novo pecado, distinto, apenas manifesta a continuidade no pecado, e é esta que é, propriamente, o pecado.

A "continuação do pecado" visa portanto menos aos novos pecados isoladamente, do que ao estado contínuo de pecado, o que é ainda uma elevação de intensidade do pecado por si próprio, uma persistência consciente no estado de pecado. A lei de condensação do pecado marca pois, aqui como em toda parte, um movimento interior para uma sempre maior intensidade de consciência.

CAPÍTULO I

O pecado de desesperar do seu pecado

O pecado é desespero, e o que eleva a sua intensidade é o novo pecado de desesperar do seu pecado. Facilmente se vê que é isso o que se entende por elevação de intensidade; não se trata dum outro pecado, como, após um roubo de cem, um outro de mil risdales. Não, não se trata aqui de pecados isolados; o estado contínuo de pecado é o pecado, e esse pecado intensifica-se na sua nova consciência.

Desesperar do seu pecado significa que este se encerrou na sua própria seqüência e não quer sair daí. Recusa-se a qualquer contato com o bem, receia a fraqueza de escutar por vezes uma outra voz. Não, ei-lo decidido a só se escutar a si, a não conviver senão consigo, a fechar-se no seu eu, a enclausurar-se por detrás duma nova muralha, enfim, a garantir-se pelo desespero do seu pecado contra qualquer surpresa ou perseguição por parte do bem. Tem consciência de ter cortado todas as pontas atrás de si, e de estar assim inacessível ao bem como o bem o está a ele; a ponto que, embora num momento de fraqueza o quisesse, voltar atrás lhe seria impossível. Pecar é afastar-se do bem; mas desesperar do pecado, é um segundo abandono, e que, como dum fruto, espreme do pecado as últimas forças demoníacas; então, nesse endurecimento ou inteiriçamento infernal, levado na sua própria seqüência, obriga-se, não só a ter como estéril e vão a tudo o que seja arrependimento e perdão, mas ainda a ver nisso um perigo, contra o qual, em primeiro lugar, precisa armar-se, exatamente como faz o homem de bem contra a tentação. Nesse sentido, Mefisto, no *Fausto,* diz certo ao afirmar que não há pior miséria do que a dum diabo que desespera; visto que o desespero, neste caso, não é senão fraqueza que dá ouvidos ao arrependimento e ao perdão. Para caracterizar a

intensidade de potência a que se eleva o pecado, quando dele se desespera, poderia dizer-se que se começa por renegar o bem, e se acaba por renegar o arrependimento.

Desesperar do pecado é tentar manter-se caindo cada vez mais; como o aeronauta sobe largando lastro, assim o desesperado se obstina em lançar todo o bem pela borda afora (sem compreender que é um lastro que eleva, quando conservado), e cai, julgando subir — e é certo que, também, cada vez se torna mais leve. O pecado por si só é a luta do desespero; mas, esgotadas as forças, é precisa uma nova elevação de potência, uma nova compressão demoníaca sobre si próprio; e é o desespero do pecado. É um progresso, um crescimento do demoníaco que, evidentemente, nos mergulha, nos afunda no pecado. É uma tentativa para dar ao pecado um interesse, para torná-lo uma potência, dizendo que as sortes estão deitadas para sempre, e que se permanecerá surdo a qualquer idéia de arrependimento e perdão. O desespero do pecado não se ilude, contudo, com o seu próprio nada, sabendo bem que nada mais tem de que possa viver, nada mais, a própria idéia do seu eu sendo nada para ele. É o que, como grande psicólogo, diz o próprio Macbeth (II, 1), depois de ter assassinado o rei — e desesperando agora do seu pecado:

There's nothing serious in mortality:
All is but toys: renown and grace is dead.[21]

O magistral de tais versos está na dupla intenção das palavras *renown* e *grace*. Pelo pecado, isto é, desesperando do pecado, está ao mesmo tempo a infinita distância da graça... e dele próprio. O seu eu, só egoísmo, culmina em ambição. Ei-lo rei e, contudo, desesperando do seu pecado e da realidade do arrependimento, isto é, da graça, e mesmo, acaba de perder o seu eu; incapaz de por si próprio o sustentar, está exatamente tão longe de o poder gozar na ambição como de obter a graça.

*

Na vida (a encontrar-se nela, de aperceber-se, o desespero do pecado; encontra-se todavia um estado assim designado pelos homens) tem-se, habitualmente, uma maneira de ver errônea, sem dúvida porque não nos mostrando o mundo senão leviandade, irreflexão, qualquer manifestação um pouco mais profunda nos impressiona e faz tirar respeitosamente o chapéu. Seja por brumosa ignorância de si próprio ou do que indica, seja por verniz de hipocrisia, ou graças à sua habitual astúcia e sofistica, o desespero do pecado não detesta dar-se a aparência de ser o bem. Pretende-se então ver nele o sinal duma natureza profunda, que toma naturalmente muito a sério o seu pecado. Um homem, por exemplo, entregou-se a qualquer pecado, depois, resistiu por muito tempo à tentação e acabou por vencê-la... Após o que, se torna a cair e cede, a perturbação que o invade nem sempre é desgosto por ter pecado. Pode ter origem bem diferente, ser também uma irritação contra a Providência, como se tivesse sido ela a abandoná-lo, ela que não devia tê-lo tratado com tal dureza, pois que ele resistira durante tanto tempo. Mas não será raciocinar efeminadamente, aceitar de olhos fechados esse desgosto, passar por cima do equívoco incluso em toda a paixão, expressão dessa fatalidade que faz com que o homem apaixonado até a loucura possa aperceber-se, posteriormente, de ter dito o contrário do que julgara dizer! Esse homem protestará, talvez, com palavras cada vez mais fortes, toda a tortura da sua recaída, e como ela o levou de novo ao desespero. “Nunca mo perdoarei”, diz ele. Tudo isso para mostrar todo o bem que nele existe, e como a sua natureza é profunda. Ora, tudo isso é mistificação. Inseri de propósito, na minha descrição, o “nunca mo perdoarei” precisamente uma das expressões que se ouvem em tais circunstâncias. Nunca mais poderá perdoar-se tal coisa... mas se

Deus o quisesse fazer, terá ele, ele próprio, a maldade de não se perdoar? Na realidade, o seu desespero do pecado — sobretudo quando emprega os maiores esforços para se denunciar (sem que de modo algum pense o que diz), quando diz que “nunca se perdoará” de ter podido pecar assim (palavras quase ao invés da humilde contrição que pede a Deus o perdão) — o seu desespero indica tão pouco o bem que, pelo contrário, indica insensatamente o pecado, cuja intensidade provém de que nele se atola. De fato, era quando resistia à tentação, que supôs tornar-se melhor do que realmente é: tornou-se orgulhoso, e o seu orgulho está agora interessado em que o passado se tenha esvaído completamente. Mas a sua recaída renova de repente esse passado, torna-o atual. Recordar intolerável ao seu orgulho, daí esse profundo entristecer, etc.... Tristeza que evidentemente volta as costas a Deus, que não é senão uma dissimulação de amor próprio e de orgulho. Quando deveria, antes de mais, dar-lhe graças, humildemente, por ter socorrido tão longamente a sua resistência, e confessou-lhe em seguida, e a si próprio, que tal socorro já excedia o seu mérito.

Nisto, como em tudo, a explicação dos velhos textos edificantes transborda de profundidade, de experiência, de instrução. Ensinam eles que Deus permite às vezes ao crente um passo em falso, e a queda em qualquer tentação... a fim, precisamente, de o humilhar e assim mais o fortalecer no bem; o contraste da sua recaída com os seus progressos no bem, consideráveis talvez, é uma tamanha humilhação! E constatar-se idêntico a si próprio é-lhe tão doloroso! Quanto mais o homem se eleva, mais sofre quando peca. Talvez, com o desgosto, soçobrasse na mais negra tristeza... e o tolo dum diretor de consciência seria então capaz de admirar a sua profundeza moral, todo o poder do bem sobre ele... como se fosse o bem! E a sua mulher, a pobre! como ela se sente humilhada junto de tal marido, sério e temente a Deus, tão desgostado pelo pecado! Talvez ele diga coisa mais enganadora ainda, talvez que em vez de dizer: jamais mo

poderei perdoar (como seja se tivesse perdoado pecados a si próprio: pura blasfêmia), talvez diga simplesmente que Deus jamais poderá perdoar-lhe. Ai dele! mesmo aqui continua a iludir-se. O seu desgosto, a sua preocupação, o seu desespero? simples egoísmo (como essa angústia do pecado, à qual é a própria angústia que conduz, porque ela é amor próprio que quer orgulhar-se de si, ser sem pecado...) e a consolação é a sua menor necessidade, e é por isso que as imensas doses de consolação que administram os diretores de consciência só servem para agravar o mal.

CAPÍTULO II

O pecado de desesperar quanto à[22] remissão dos pecados (o escândalo)

Aqui a consciência do eu eleva-se a um maior poder pelo conhecimento de Cristo, aqui o eu está perante Cristo. Após o homem ignorante do seu eu eterno, depois do homem consciente dum eu que tem alguns vestígios de eterno (na primeira parte), mostrou-se (passando à segunda parte) que todos eles eram redutíveis ao eu cheio duma idéia humana de si próprio e comportando em si a sua própria medida. A isto opunha-se o eu em face de Deus, base da definição do pecado.

Eis, agora, um eu perante Cristo — um eu que, mesmo aqui, desesperado, não quer, ou quer ser ele próprio. Desesperar quanto à remissão dos pecados é, com efeito, redutível a uma ou outra das fórmulas do desespero; desespero-fraqueza ou desespero-desafio; por escândalo o primeiro não ousa crer, o segundo recusa-se. Mas fraqueza e desafio são aqui precisamente o contrário do que costumam ser. O desespero no qual alguém se recusa a ser ele próprio é fraqueza de hábito, mas aqui é o contrário; visto que, efetivamente, é desafio recusar-se a ser o que se é, um pecador, e aproveitar-se disso para se dispensar da remissão dos pecados. O desespero no qual alguém quer ser ele próprio é desafio de hábito, mas aqui é o contrário, pois é-se fraco querendo, por desespero, ser si próprio, querendo ser pecador a ponto de não admitir o perdão.

Um eu em face de Cristo é um eu elevado a uma altitude, a uma potência superior, pela imensa concessão de Deus, a imensa acepção de que Deus o investiu, tendo querido, para ele também, nascer e ser homem, sofrer e morrer. A nossa fórmula precedente sobre o crescimento do eu, quando cresce a idéia de Deus, vale

igualmente aqui: quanto mais aumenta a idéia de Cristo, mais o eu aumenta. A sua qualidade depende da sua medida. Dando-nos Cristo como medida, Deus mostrou-nos à evidência até onde vai a imensa realidade dum eu; porque só em Cristo é verdade que Deus é a medida do homem, a sua medida e o seu fim. — Mas com a intensidade do eu aumenta a do pecado.

Também se pode demonstrar de outro modo a elevação de intensidade do pecado. Viu-se em primeiro lugar que o pecado era desespero; e que a sua intensidade se elevava pelo desespero do pecado. Mas Deus oferece-nos então a reconciliação remindo as nossas culpas. Contudo o pecador desespera e a expressão do seu desespero torna-se ainda mais profunda; ei-lo, se assim pode dizer-se, em contato com Deus, mas por estar ainda mais afastado dele. O pecador, desesperando da remissão dos pecados, quase parece querer aproximar-se o mais possível de Deus; pois não é este o tom do diálogo: "Mas não, os pecados não são remidos, é impossível", não se diria uma luta corpo a corpo! E, contudo, é preciso que o homem se afaste ainda mais de Deus, e dê um passo que transforme a sua natureza, para assim lhe poder falar, e ser ouvido; para assim lutar *cominus*[23] é preciso que seja *eminus;*[24] tal é a extravagância acústica do mundo espiritual, o bizarro das leis que regulam as distâncias! É desde a maior distância de Deus que o homem lhe pode fazer ouvir este: Não ! O homem nunca é tão familiar com Deus como quando está longe dele, familiaridade que só pode nascer do próprio afastamento! na vizinhança de Deus não se pode ser familiar, e a sê-lo, é sinal de que se está longe. Tal é a impotência do homem em face de Deus! A familiaridade com os grandes da terra faz correr o risco de se ser atirado longe deles; mas não se pode ser familiar com Deus senão afastando-se dele.

Ordinariamente, os homens têm uma opinião errada sobre este pecado (desesperar da remissão), sobretudo depois que se suprimiu a moral, e não se ouve senão raramente, ou nunca, uma vã palavra

moral. Para a estética metafísica que hoje reina, o desesperar da remissão dos pecados é sinal duma natureza profunda, um pouco como se se quisesse ver nas malícias duma criança um sinal de profundeza. Aliás, reina uma linda desordem no terreno religioso, desde que das relações do homem com Deus se suprimiu o seu único regulador, o "tu deves", impossível de dispensar para determinar seja o que for da existência religiosa. Em vez dele, vencendo a fantasia, utilizou-se a idéia de Deus como um condimento da importância humana, para se fazer de importante perante Deus. Como em política, onde se arranja importância colocando-se na oposição, a ponto que por fim, se deseja um governo para encontrar alguma coisa a que se opor, tal como se acabará por não querer suprimir Deus... apenas para se encher de mais importância do estar na oposição. E tudo o que outrora era tomado como ímpia obstinação passa agora por genial, por sinal de profundeza. "Deves *crer",* dizia-se outrora, muito simplesmente, sem sombra de romantismo — agora dizer que isso é impossível é genial e profundo. "Deves crer na remissão dos pecados", e como único comentário deste texto, acrescentava-se outrora: "Cairá sobre ti uma grande infelicidade, se o não puderes; porque se pode aquilo que se deve" — agora é genial e profundo não o poder crer. Lindo resultado para a cristandade! Se se calasse o cristianismo, os homens seriam tão cheios de si? Certamente que não, como nunca o foram no paganismo, mas a trazer assim a-cristãmente as idéias cristãs por toda a parte, o seu emprego torna-se da maior irreverência, quando não se faz dele um uso de outra espécie, mas não menos vergonhoso. De fato, que epigrama: a blasfêmia que não existia nos costumes pagãos, estar como em sua casa na boca dos cristãos! e ao passo que os pagãos, com uma espécie de horror, de medo ao mistério, não nomeavam em geral Deus senão com toda a solenidade, que epigrama que entre os cristãos o seu nome seja a mais corrente das palavras de todos os dias, e inquestionavelmente a palavra mais vazia de sentido, e a que

se usa com menos cautela, porque esse pobre Deus, na sua evidência (o imprudente! o desastrado! ter-se manifestado, em vez de se conservar escondido, como fazem as pessoas de *élite)* é, atualmente, tão conhecido como o lobo branco. Assim, ir de vez em quando à igreja é prestar-lhe um grande serviço, o que vale também os louvores do pastor, o qual em nome de Deus agradece tê-lo honrado com a visita e concede o título de homem piedoso, ao mesmo tempo que dá uma ferroada àqueles que não dão nunca a Deus a honra de passar o limiar da sua casa.

O pecado de desesperar da remissão dos pecados é o *escândalo.* Os judeus, neste ponto, tinham muita razão para se escandalizar de Cristo querer remir os pecados. Quanta falta de elevação (normal, de resto, nos nossos cristãos) é necessária, quando não se é crente, para não se escandalizar de que um homem queira perdoar os pecados! E que falta de elevação não menos lamentável, para não se escandalizar de que o pecado possa ser remido! Para a razão humana é a maior impossibilidade — sem que com isto eu queira elogiar a genialidade de não o poder crer; porque *deve* ser crido.

Um pagão, naturalmente, não podia cometer esse pecado. Pudesse ele (e nem sequer o podia, não tendo a idéia de Deus) ter a verdadeira idéia do pecado, que nem assim poderia ter ido além do desespero do seu pecado! E, o que é mais (e é essa toda a concessão a fazer à razão e ao pensamento humano), deveriam tecer-se louvores ao pagão que na verdade conseguisse não desesperar do mundo, nem de si, no sentido largo, mas do seu pecado. A empresa requer, para ser bem sucedida, profundeza de espírito e dados éticos. Nenhum homem, como homem, pode ir mais longe, e raramente se vê alguém chegar aí. Mas tudo muda com o cristianismo; pois que, cristão, tu deves crer na remissão dos pecados.

Mas, sob este último ponto de vista, qual é o estado da cristandade? Pois bem! no fundo ela desespera da remissão dos

pecados, neste sentido, contudo, de quem nem sequer conhece o seu estado. Nem sequer atingiu a consciência do pecado, não reconhece senão a espécie de pecado que já o paganismo reconhecia, vive alegre e contente numa pagã segurança. Mas viver na cristandade é já ultrapassar o paganismo, e os nossos cristãos vão até gabar-se de que o seu sentimento de segurança não é senão — pois como o seria na cristandade! — a consciência que eles têm da remissão dos pecados, convicção que os pastores reforçam nos fiéis.

A infelicidade principal dos cristãos de hoje é, afinal, o cristianismo, é que o dogma do homem-deus (mas no sentido cristão, garantido pelo paradoxo e pelo risco do escândalo), à força de ser pregado e repregado, foi profanado, é que uma confusão panteísta substituiu (em princípio na aristocracia filosófica, depois na plebe das ruas) a diferença de natureza entre Deus e o homem. Jamais uma doutrina humana aproximou, de fato, tanto como o cristianismo, Deus e o homem; nenhuma aliás o teria podido. Pessoalmente é Deus o único a podê-lo — que é a invenção humana senão sonho, ilusão precária! Mas jamais uma doutrina se defendeu com tanto cuidado contra a mais atroz das blasfêmias, a de, após Deus se ter feito homem, profanar o seu ato, como se Deus e o homem fossem um só — jamais uma doutrina fugiu tanto disso como o cristianismo, cuja defesa é o escândalo. Ai dos frouxos discursadores, dos superficiais pensadores! ai da sua seqüela de discípulos e turiferários!

Se se quer ordem na vida — e não será o que Deus quer, ele que não é um Deus da desordem? — que se vele sobretudo a fazer de cada homem um isolado. Desde que se deixa aos homens reunir-se naquilo a que Aristóteles chama uma categoria animal: a multidão; e desde que essa abstração (que é contudo menos que nada, menos que o mais insignificante indivíduo) é tida como alguma coisa: então pouco tempo é preciso para que a divinizem. Então chega-se *philosophice* a modificar o dogma do homem-deus. Assim como a

multidão soube, em diversos países, impor-se ao rei e a imprensa aos ministros, assim se acaba por descobrir que a soma de todos os homens, *summa summarum,* impõe respeito a Deus. E aí está ao que se chama a doutrina do homem-deus, identificando o homem a Deus. Está claro que vários filósofos, depois de se terem interessado pela propaganda desta doutrina da preponderância da geração sobre o indivíduo, dela se asfastaram desgostados, quando a dita doutrina se inferiorizou até deificar a multidão. Mas esses mesmos filósofos esquecem que tal doutrina é afinal a sua, sem ver que, quando a *élite* a adotava e uma igreja de filósofos era como que a sua encarnação, ela não era menos falsa.

Em suma, o dogma do homem-deus tornou os cristãos insolentes. É um pouco como se Deus tivesse sido demasiado fraco, como se tivesse tido a sorte do debonário, pago com ingratidão por excesso de concessões. Foi ele quem inventou o dogma do homem-deus, e eis que os cristãos, por uma descarada reversão de relações, se põem em pé de parentesco com ele; de modo que a sua concessão tem aproximadamente o mesmo sentido que a outorga duma carta constitucional . . . e sabe-se bem o que é: "não tinha outro remédio senão aceitá-la!..." É como se fosse Deus que se tivesse colocado numa situação difícil; e que os maliciosos tivessem razão em lhe dizer: "A culpa é tua, para que te puseste em tão boas relações com os homens!" Doutro modo quem teria sonhado, quem teria a ousadia de pretender essa igualdade entre Deus e o homem? Mas foste tu quem a proclamou, e agora colhes o que semeaste.

Contudo, o cristianismo, desde o seu começo, tomou as suas precauções. Parte da doutrina do pecado, cuja categoria é precisamente a do individual. O pecado não é objeto de pensamento especulativo. Com efeito, o indivíduo está sempre abaixo do conceito; não se pensa um indivíduo, mas sim apenas o seu conceito. Logo os nossos teólogos se precipitaram sobre a doutrina da *preponderância* da geração sobre o indivíduo; porque fazer-lhes confessar a

impotência do conceito em face do real, isso seria pedir-lhes demasiado. Como não se pensa um indivíduo, tampouco se pode pensar um pecado individual; pode-se pensar o pecado (que se torna então uma negação) mas não um pecador isoladamente. Mas é isso mesmo que tira ao pecado toda a seriedade, se nos limitarmos a pensá-lo. Porque o que é sério, é sermos, vós e eu, pecadores; não é o pecado geral que é sério, mas o *acento* recaindo sobre o pecador, isto é, sobre o indivíduo. Com respeito a este último, a especulação, para ser conseqüente, deve ter em grande desprezo o fato de se ser um indivíduo, isto é, ser o que não é pensável, e para tentar ocupar-se dele, devia dizer-lhe: para que perdes tempo com a tua individualidade, trata de a esquecer; ser um indivíduo nada é; mas pensa... e serás então toda a humanidade, *cogito ergo sum.* Mas se até isso fosse mentira! e que pelo contrário o indivíduo, a existência individual, fossem a coisa suprema! Façamos de conta que não. Mas, para não se contradizer, a especulação devia acrescentar: ser um pecador particular, mas que vem a ser isso? é inferior ao conceito, não percas tempo com tal coisa, etc. E em seguida? em vez de ser um pecador particular, seria necessário pôr-se a pensar o pecado? E em seguida? por acaso, pensando o pecado, não irá tornar-se em "o pecado" personificado — *cogito ergo sum?* Belo achado! Em todo o caso, não se corre o risco de encarnar o pecado, o pecado puro... porque este último, precisamente, não se deixa pensar. Pontos que nos deviam conceder os nossos próprios teólogos, visto que é pecado e, de fato, uma decadência do conceito. Mas para não disputar mais *e concessis,*[25] passemos à dificuldade principal, que é bem diferente. A especulação esquece que, a propósito do pecado, não se evita a ética, a qual visa sempre ao oposto da especulação e progride em sentido contrário; porque a ética, em vez de fazer abstração do real, prende-nos a ele e está na sua essência operar sobre o individual — essa categoria tão desprezada e abandonada pelos nossos filósofos. O pecado depende do indivíduo; é leviandade e novo pecado fazer como

se ser um pecador individual não fosse nada... quando esse pecado somos nós próprios. Neste ponto o cristianismo interrompe com um sinal da cruz o caminho da filosofia. A seriedade do pecado é a sua realidade no indivíduo, em vós ou em mim; a teologia hegeliana, forçada a afastar-se sempre do indivíduo, não pode falar do pecado senão levianamente. A dialética do pecado segue vias diametralmente opostas â da especulação.

Ora, é daqui que parte o cristianismo, do dogma do pecado, logo do indivíduo. Embora nos tenha ensinado o homem-deus, a semelhança do homem e de Deus, nem por isso passa a odiar com menos força tudo o que é familiaridade impertinente. Pelo dogma do pecado, do isolamento do pecador, Deus e Cristo tomaram para sempre, e cem vezes melhor do que um rei, as suas precauções contra tudo que é povo, populaça, multidão, público, etc.... *idem* contra qualquer pedido duma Carta mais livre. Esse bando de abstrações não existe para Deus; para ele, encarnado no seu filho, só existem indivíduos (pecadores)... Deus, contudo, pode muito bem compreender num só olhar a humanidade inteira, e mesmo, ainda por cima, cuidar dos pardais. Deus é em tudo um amigo da ordem, e é para esse fim que ele próprio está presente, é, em toda a parte e sempre (coisa que o catecismo assinala como um dos seus títulos nominativos, e em que o espírito dos homens pensa vagamente, por vezes, mas sem que tente pensá-lo sem cessar), a ubiqüidade. O seu conceito não é como o do homem, sob o qual o individual se situa como realidade irredutível; não, o conceito de Deus abraça, compreende tudo, caso não, Deus não o teria. Porque Deus não se contenta com um resumo, ele "compreende" *(comprehendit)* a própria realidade, todo o particular ou o individual; para ele o indivíduo não é inferior ao conceito.

A doutrina do pecado, do pecado individual, do meu, do vosso, doutrina que dispersa sem apelo "a multidão", assegura a diferença de natureza entre Deus e o homem mais firmemente do que jamais

se conseguiu... e só Deus o pode fazer; não está o pecado *perante Deus?* etc....

Nada distingue melhor o homem de Deus do que o fato de ser um pecador, coisa que todo o homem é, e de o ser "perante Deus"; eis, evidentemente, o que mantém os contrastes, isto é, o que os retém *(continentur),* os impede de afrouxar, e, devido a isso, ainda melhor sobressai a diferença, como quando se justapõem duas cores, *opposita juxta se posita magis illucescunt.*[26] O pecado é o único predicado humano inaplicável a Deus, nem *via negationis,* nem *via eminentiae.* Dizer de Deus (como se diz que não é finito, o que, *via negationis,* significa a sua infinidade) que não peca, é uma blasfêmia. Um abismo aberto separa de Deus a natureza deste pecador que é o homem. E o mesmo abismo, naturalmente, separa em compensação Deus do homem, quando Deus faz a remissão dos pecados. Supondo que — coisa impossível — uma espécie de assimilação em sentido inverso pudesse transferir o divino ao humano, um ponto, um único, o perdão dos pecados, eternamente faria que o homem diferisse de Deus.

É aqui que o escândalo culmina, o escândalo que quis esse mesmo dogma que nos ensinou a semelhança de Deus e do homem.

Mas é pelo escândalo que principalmente se manifesta a subjetividade, o indivíduo. Sem dúvida que o escândalo sem escandalizado é um pouco menos impossível de conceber que um concerto de flauta sem flautista; mas até um filósofo me confessaria a irrealidade, mais ainda do que do amor, do conceito do escândalo e que ele não se torna real senão quando há alguém, quando há um indivíduo que se possa escandalizar.

O escândalo está portanto ligado ao indivíduo. É daí que parte o cristianismo; ele faz de cada homem um indivíduo, um pecador particular, e depois junta tudo aquilo que, entre o céu e a terra, se encontra de possibilidade de escândalo: eis o cristianismo. Então ordena que creia a cada um de nós, isto é, diz-nos: escandaliza-te ou

crê. Nem mais uma palavra; é tudo. "Agora, tenho dito", diz Deus nos céus, "voltaremos a falar na eternidade; até lá, está em ti o fazer o que quiseres, mas o Juízo Final te espera."

Um julgamento! Ah, sim! Nós bem sabemos, por sabê-lo de experiência, que numa rebelião de soldados ou de marinheiros, os culpados são tantos, que não se pode pensar em castigar; mas quando é o público, ou quando é o povo, não somente não há crime, mas no dizer dos jornais, nos quais podemos crer como se fossem o Evangelho ou a Revelação, é a vontade de Deus. Por que esta modificação. Porque a idéia de julgamento não corresponde senão ao indivíduo, porque não se julgam *massas;* podem massacrar-se, inundar-se com água, lisonjear-se, em suma, é possível tratar a multidão de cem maneiras, como um animal; mas é impossível julgar as pessoas como animais: impossível, porque os animais não se julgam; seja qual for a quantidade dos julgados, um julgamento que não julga as pessoas uma a uma individualmente[27] não é senão farsa e mentira. Com tantos culpados, a empresa é impraticável; por isso se abandona tudo, sentindo a quimera de um juízo, e que são demasiados para serem julgados, que estaria acima das nossas forças fazê-los passar um a um, e portanto é necessário desistir de os *julgar.*

Com todas as suas luzes, a nossa época, que vê inconveniência em dar a Deus formas e sentimentos humanos, não vê contudo nenhuma em ver nele, como juiz, um simples juiz de paz ou um magistrado militar afadigado com tamanho processo... por isso se conclui que assim será na eternidade, que é suficiente unir-se e certificar-se de que os pastores pregarão no mesmo sentido. E se aparecesse um ousado a falar doutro modo, um só, tão ingênuo para ao mesmo tempo sobrecarregar a sua vida de tristeza e de angustiada e tremente responsabilidade, e perseguir a dos outros: seja! façamo-lo passar por louco para nossa segurança, ou morrer, se for preciso. Logo que tenhamos o número, não é injustiça. A tolice

ou velharia fora de moda é crer que o número possa fazer uma injustiça; o que ele faz é a vontade de Deus. A experiência mostra-nos que é perante esta sabedoria — porque, afinal, não somos ingênuos imberbes, não falamos no ar, mas como homens *de peso* — que, até hoje, todos se têm inclinado, imperadores, reis e ministros; que foi ela quem, até hoje, nos ajudou a elevar ao poder todas as nossas criaturas, cabe agora a vez a Deus de se inclinar. Basta ser em grande número, e estar lado a lado, o que nos garantirá do juízo da eternidade. Oh! sem dúvida que estaríamos garantidos, se só na eternidade nos tornássemos indivíduos. Mas, indivíduos éramos e perante Deus o continuamos a ser sempre, e até o homem metido num armário de vidro está mais à vontade do que, perante Deus, cada um de nós na sua transparência. É isso a consciência. É ela que dispõe tudo de tal modo que um relatório imediato segue cada uma das nossas faltas, e é o próprio culpado quem o redige. Mas redige-o com uma tinta simpática que só é legível no contraluz da luz eterna, quando a eternidade faz a revisão das consciências. No fundo, entrando na eternidade, somos nós que levamos e entregamos o relato minucioso dos nossos mais insignificantes pecados, cometidos ou omitidos. Por isso uma criança poderia administrar a justiça na eternidade; na realidade não há nada a ser feito por um terceiro, tudo até as nossas menores palavras estando registrado. O culpado, na terra a caminho da eternidade, tem a mesma sorte que aquele assassino que foge a toda a velocidade do trem do lugar do crime e... do seu crime; ai dele! ao longo da via que o leva, corre o fio telegráfico transmissor dos seus sinais e da ordem para o prender na próxima estação. Na *gare,*[28] ao saltar em terra, já é prisioneiro — ele próprio, por assim dizer, trouxe o desenlace.

O escândalo está portanto em desesperar da remissão das faltas. E o escândalo eleva o pecado a um grau superior. É o que em regra se esquece, por não se contar verdadeiramente o escândalo como pecado, e em vez de referir, fala-se de pecados, sem deixar

lugar para ele. Menos ainda é concebido como elevando o pecado a um grau superior. Por quê? Porque não se opõe, como quer o cristianismo, o pecado à fé, mas à virtude.

CAPÍTULO III

O abandono positivo do cristianismo, o pecado de o negar

Esse é o pecado contra o Espírito Santo. O eu eleva-se aqui ao seu supremo grau de desespero; não faz senão lançar longe de si o cristianismo, considera-o como mentira e fábula... que idéia monstruosamente desesperada deve ter de si próprio um tal eu !

A elevação de potência do pecado revela-se quando o interpretamos como uma guerra entre o homem e Deus, na qual o homem muda de tática; o seu aumento de potência, consiste em passar da defensiva à ofensiva. O pecado começa por ser desespero, e o desesperado luta esquivando-se. Vem depois um segundo desespero, e desespera-se do pecado; ainda aqui se luta pelo entrincheiramento nas posições de retirada, mas sempre *pedem referens.*[29] Em seguida, mudança de tática: embora se estranhe cada vez mais em si e que desse modo se afaste, pode contudo dizer-se que o pecado se aproxima e cada vez se torna mais decisivamente ele próprio. Desesperar da remissão dos pecados é uma atitude positiva em face duma oferta da misericórdia divina; já não é apenas um pecado completamente em retirada, nem em simples defensiva. Mas o abandono do cristianismo pelo fato de o considerar fábula e mentira, isso é ofensiva. Toda a tática precedente concedia em suma ao adversário a superioridade. Agora é o pecado que ataca.

O pecado contra o Espírito Santo é o pecado que ataca.

O dogma do cristianismo é o dogma do homem-deus, o parentesco entre Deus e o homem, mas reservando a possibilidade do escândalo, como a garantia da qual Deus se premune contra a familiaridade humana. Na possibilidade do escândalo está a força dialética de todo o cristianismo. Sem ele o cristianismo cai abaixo do

paganismo e perde-se em tais quimeras que um pagão o consideraria como pura fantasia. Estar tão perto de Deus que o homem tenha o poder de o aproximar em Cristo, que cérebro humano jamais o teria sonhado? E a considerá-lo sem rodeios, abertamente, sem reserva nem constrangimento, com desenvoltura, o cristianismo, caso se considere loucura humana esse poema do divino que é o paganismo, seria então a invenção da demência dum deus; dogma assim só poderia ter vindo à cabeça dum deus que tivesse perdido a razão... assim concluirá o homem que ainda tenha a sua. O deus encarnado, sé o homem, sem cerimônia, devesse ser o seu camarada, seria um *pendant* ao príncipe Henrique de Shakespeare.[30]

Deus e o homem são duas naturezas separadas por uma infinita diferença de natureza. Toda a doutrina que o não quer ter em conta, é para o homem uma loucura e para Deus uma blasfêmia. No paganismo é o homem que reduz Deus ao homem (deuses antropomórficos); no cristianismo é Deus quem se torna homem (homem-deus)... mas a essa caridade infinita da sua graça, Deus põe contudo uma condição, uma única, que não pode deixar de pôr. Nisso consiste precisamente a tristeza de Cristo, ser obrigado a pô-la; pode humilhar-se ao ponto de tomar o aspecto de um servo, suportar o suplício e a morte, chamar-nos todos a si, sacrificar a sua vida... mas o escândalo, não! não pode abolir a sua possibilidade. Ó ato único! e tristeza indecifrável do seu amor, essa impotência do próprio Deus — e em outro sentido a sua recusa de o querer — essa impotência do próprio Deus, ainda que ele o quisesse, em fazer que esse ato de amor não se converta para nós no seu exato oposto, na nossa extrema miséria! Porque o pior para o homem, pior ainda que o pecado, está em escandalizar-se de Cristo, e obstinar-se no escândalo. E isso, Cristo, que é o “Amor”, não o pode impedir. Vede como ele nos diz: *Bem-aventurados aqueles que não se escandalizam de mim.* Porque mais não lhe é dado fazer. O que ele pode, portanto, o que está em seu poder, é levar, pelo seu amor, um homem a uma

infelicidade tal como ele a não poderia atingir por si próprio. Ó insondável contradição do amor! É o seu próprio amor que o impede de ter a dureza de não levar a cabo esse ato de amor; porque não torna ele, porém, um homem desgraçado como jamais doutro modo ele teria chegado a ser!

Mas tentemos falar disto humanamente. Ó miséria duma alma que jamais sentiu essa necessidade de amar, na qual tudo se sacrifica por amor, duma alma, portanto, que jamais o pôde! Mas se precisamente esse sacrifício do seu amor lhe revelasse a maneira de fazer a maior infelicidade de outrem, dum ser amado, que faria? Ou nela o amor perderá a sua força, e duma vida de poderio descerá até aos mudos escrúpulos da melancolia, e, afastando-se do amor, não ousando assumir a ação que entrevê, essa alma sucumbirá, não por agir, mas devido à angustia de poder agir. Pois tal como um peso é infinitamente mais pesado, se está na extremidade duma alavanca, e que seja necessário erguê-lo pela outra, assim também qualquer ato se torna infinitamente mais pesado ao tornar-se dialético, e o seu peso infinito quando essa dialética se complica de amor, quando aquilo que o amor leva a fazer pelo ser amado, a solicitude pelo amado, parece pelo contrário desaconselhá-lo. Ou então o amor vencerá, e por amor esse homem ousará agir. Mas na sua alegria de amar (o amor é sempre alegria, sobretudo se é sacrifício) a sua tristeza profunda será... a própria possibilidade de agir! Por isso só em lágrimas ele realizará essa ação do seu amor, só em lágrimas fará o sacrifício (que lhe dá, a ele, tamanha alegria): porque sempre flutua, sobre o que chamarei uma pintura da história da interioridade, a sombra funesta do possível! E, contudo, se essa sombra não reinasse, seria o seu um ato de verdadeiro amor? Não sei, amigo leitor, o que terás feito na vida, mas esforça agora o teu cérebro, arranca a máscara, caminha a descoberto por uma vez, desnuda o teu sentimento até às suas vísceras, destrói todas as muralhas que ordinariamente separam o leitor do seu livro, e lê

então Shakespeare... verás conflitos que te farão estremecer! Mas perante os verdadeiros, os conflitos religiosos, o próprio Shakespeare parece ter recuado com temor. Talvez que eles, para se exprimirem, só toleram a linguagem dos deuses. Linguagem excluída pelo homem; pois que, como muito bem o disse um grego, os homens ensinam-nos a falar, mas os deuses a calarmo-nos.

Esta diferença infinita de natureza entre Deus e o homem, eis o escândalo cuja possibilidade nada pode afastar. Deus faz-se homem por amor e diz-nos: Vede o que é ser homem; mas acrescenta: tomai cuidado, porque ao mesmo tempo sou eu Deus... e bem-aventurados os que não se escandalizam de mim. E se ele reveste, como homem, a aparência dum humilde servo, é para que essa humilde extração a todos manifeste que nunca devemos julgar-nos excluídos de nos aproximarmos d'Ele, que para isso não é necessário prestígio ou crédito. Com efeito, ele é humilde. Olhai para mim, diz, e vinde convencer-vos do que é ser homem, mas tomai cuidado também, porque ao mesmo tempo eu sou Deus... e bem-aventurados aqueles que não se escandalizam de mim. Ou inversamente: Meu Pai e eu somos um só, e contudo eu sou este homem de nada, este humilde, este pobre, este desamparado, entregue à violência humana... e bem-aventurados aqueles que não se escandalizam de mim. E este homem de nada que sou é o mesmo que faz que os surdos ouçam, que os cegos vejam, caminhem os coxos, e se curem os leprosos e ressuscitem os mortos... sim, bem-aventurados os que não se escandalizam de mim.

É por isso que esta palavra de Cristo, quando se prega sobre ele — e, responsável perante o Altíssimo, ouso afirmá-lo aqui — tem tanta importância, senão como as palavras de consagração da ceia, pelo menos como as da *Epístola aos Coríntios: Que cada qual se examine.* Porque são as próprias palavras de Cristo, e é preciso, pelo menos a nós, cristãos, intimá-las, reiterá-las, sem descanso, redizê-las a cada um de nós particularmente. Onde quer que as calem,[31]

onde quer que, pelo menos, a exposição do cristianismo não se penetre do seu pensamento, o cristianismo não é senão blasfêmia. Pois que, sem guardas nem servidores para lhe abrir passagem e fazer compreender aos homens quem se aproximava, Cristo passou neste mundo sob o aspecto humilde de um servo. Mas o risco de escândalo (ah! que no fundo do seu amor era essa a sua tristeza!) defendia-o e defende-o ainda, como um abismo escancarado entre Ele e aqueles a quem mais ama e lhe estão mais próximos.

Aquele que, com efeito, não se escandaliza, a sua fé é uma *adoração.* Mas adorar, que traduz crer, traduz também que a diferença de natureza entre o crente e Deus permanece um abismo infinito. Pois que na fé se encontra de novo o risco do escândalo como força dialética.[32]

Mas o escândalo aqui em causa é bem diferentemente positivo, pois que tratar o cristianismo como fábula e mentira é tratar de igual modo a Cristo.

Para ilustrar esta forma de escândalo, será conveniente passar em revista as suas diferentes formas; como deriva sempre, em princípio, do paradoxo (isto é, de Cristo), iremos encontrá-lo sempre que se defina o cristianismo, coisa que não se pode fazer sem que nos pronunciemos sobre Cristo, sem que o tenhamos presente no espírito.

A forma inferior do escândalo, a mais inocente humanamente, consiste em deixar indeciso o problema de Cristo, em concluir que não se ousa concluir (uma maneira de dizer que não se crê) que nos abstemos de julgar. Essa forma de escândalo, porque o é, escapa à maior parte. Tão completamente se esqueceu o “deves” do imperativo cristão. Daí que não se veja o escândalo de relegar Cristo para a indiferença. E contudo, essa mensagem que é o cristianismo não pode significar para nós senão o dever imperioso de concluir acerca de Cristo. A sua existência, o fato da sua realidade presente e passada, impera sobre toda a nossa vida. Se o sabes, cometes o

escândalo decidindo que a esse respeito não terás opinião.

Numa época como a nossa, na qual o cristianismo é pregado com a mediocridade que se sabe, é necessário tomar esse imperativo com alguma reserva. Mas que ainda por cima se pretenda não ter opinião a esse respeito, isso é o escândalo. É com efeito negar a divindade de Cristo negar o seu direito a exigir de cada um que tenha opinião. Escusam de dizer que não se pronunciam, que não dizem "nem sim nem não a respeito de Cristo". É então o momento de perguntar se lhes é indiferente saber se devem ou não ter uma opinião sobre Cristo. Os que disserem não caem na sua própria armadilha; aos que disserem sim, ainda o cristianismo os condenará apesar de tudo, pois que todos devemos ter uma opinião a esse respeito, e igualmente portanto acerca de Cristo, e ninguém deve ter a ousadia de tratar a vida de Cristo como curiosidade sem importância. Quando Deus se encarna e se faz homem, não é duma fantasia que se trata, duma invenção para se evadir, talvez, desse tédio inseparável, segundo uma opinião impudente, duma existência de Deus... em suma, não é para pôr nela a aventura. Não, esse ato de Deus, esse fato, é a seriedade da vida. E por sua vez, a seriedade dessa seriedade, é o *dever* imperioso que todos têm de ter uma opinião a esse respeito.

Quando um monarca passa numa cidade da província, é para ela uma injúria que um funcionário, sem desculpa de valor, se dispense de ir cumprimentá-lo; mas que pensaria ele então dum funcionário que pretendesse ignorar a própria vinda do rei à cidade, que quisesse fazer de particular e que desse modo "desse ao desprezo Sua Majestade e a Carta!". É o mesmo caso quando apraz a Deus fazer-se homem... e que alguém (porque o homem está para Deus como para o rei o funcionário) ache conveniente dizer: sim, é um ponto sobre o qual não me interessa ter opinião. Assim se fala, com ares aristocráticos, do que no fundo se despreza: assim, sob esta altivez que se quer eqüitativa, se despreza Deus.

A segunda forma do escândalo, ainda que negativa, é um sofrimento. Nela, sentimo-nos sem dúvida incapazes de ignorar Cristo, incapazes de deixar pendente todo esse problema de Cristo pelo mergulhar nas agitações da vida. Mas nem por isso se fica menos incapaz de crer, esbarra-se sempre no mesmo e único ponto, no paradoxo. Ainda é, se assim quiserem, prestar homenagem ao cristianismo, é dizer que a pergunta: "Que dizes acerca de Cristo?" é com efeito a pedra de toque. O homem a tal ponto atolado no escândalo passa a sua vida como uma sombra, vida que se consome porque ele gira sempre no seu foro íntimo à volta desse mesmo problema. E a sua vida irreal exprime com evidência (como no amor, o sofrimento dum amor infeliz) toda a substância profunda do cristianismo.

A última forma do escândalo é exatamente a deste último capítulo, a forma positiva. Ela considera o cristianismo como fábula e mentira, nega Cristo (a sua existência, e que ele seja quem diz ser) à maneira dos docetas ou dos racionalistas: então, ou Cristo deixa de ser um indivíduo, não tendo senão a aparência humana, ou não é senão um homem, um indivíduo; assim ele se desvanece com os docetas em poesia ou mito sem pretensão à realidade, ou mergulha com os racionalistas numa realidade que não pode aspirar à natureza divina. Esta negação de Cristo, do paradoxo, implica por sua vez a do cristianismo: do pecado, da remissão dos pecados, etc....

Esta forma de escândalo é o pecado contra o Espírito Santo. Assim como os judeus diziam que Cristo escorraça os demônios por meio do Demônio, assim também este escândalo faz de Cristo uma invenção do demônio.

Este escândalo é o pecado, elevado à sua suprema potência, coisa que vulgarmente não se vê, por não se opor cristãmente o pecado à fé.

É esse contraste que, pelo contrário, serviu de fundo a todo

este escrito, quando, desde a primeira parte (Livro I, cap. I) formulamos o estado dum eu do qual o desespero está totalmente ausente: na sua relação com ele próprio, e querendo ser ele próprio, o eu mergulha através da sua própria transparência no poder que o criou. E essa fórmula é, por sua vez, como tantas vezes o lembramos, a definição da fé.

---

[1] Tela, fundo. (N. do E.)

[2] Maldito sejas, primo, que me desviaste daquele doce caminho no qual eu estava para o desespero. (N. do E.)

[3] A verdade é índice de si mesma e da falsidade. (N. do E.)

[4] Vigilius Haufniensis: um dos vários pseudônimos usados por Kierkegaard. (N. do T.)

[5] Um exame psicológico da realidade mostrará que o que a lógica constata, e que deve portanto dar-se necessariamente, se dá com efeito, e constatar-se-á que a nossa classificação apreende toda a realidade do desespero; não se fala em desespero a propósito da criança, mas apenas de cóleras, porque sem dúvida nela a eternidade só existe em potência; longe de mim, contudo, o pensamento de que na mulher não se possam encontrar formas de desespero masculino, e inversamente formas de desespero feminino no homem; mas trata-se de exceções. Bem entendido que a forma ideal bem raro se encontra, e só idealmente é verdadeira esta distinção entre desespero masculino e desespero feminino. Não existe na mulher esse aprofundamento subjetivo do eu, nem uma intelectualidade absolutamente dominante, se bem que ela tenha geralmente uma sensibilidade bem mais delicada do que a do homem. Em compensação o seu ser é dedicação, abandono, sem o que não será mulher. Coisa estranha, ninguém tem com ela a afetação da virtude nem esse jeito quase de crueldade e todavia o seu ser é dedicação, e (é isso que é admirável) todas estas reservas, no fundo, não exprimem senão isso. Foi com efeito por causa de todo esse abandono feminino do seu ser que a Natureza, com ternura, a armou com um instinto cuja sutileza ultrapassa a mais lúcida reflexão masculina e a reduz a nada. A afeição duma mulher e, como dizem os gregos, esta dádiva dos deuses, esta magnificência, é um tesouro de demasiado preço para ser abandonado ao acaso; mas qual será a lúcida inteligência humana que tenha jamais lucidez suficiente para confiar a quem de direito. Por isso a Natureza se encarregou dela: por instinto, a sua cegueira vê melhor do que a mais clarividente inteligência, por instinto ela vê para onde inclinar a sua admiração, a quem confiar o seu abandono. Sendo todo o seu ser dedicação, a Natureza assume a sua defesa. Daí vem ainda que a sua feminilidade só nasce por uma metamorfose: quando a infinita afetação de virtude se transfigure em feminino abandono. Mas esta dedicação fundamental no seu ser reaparece no desespero, dá-lhe o seu caráter. No abandono ela perde o seu eu, e só assim consegue a felicidade, só assim recupera o eu, uma mulher feliz, que não se dedica, isto é, que não abandona o seu eu, seja a quem for, não possui a mínima feminilidade. Também o homem se dá, e não o fazer será nele um defeito; mas o seu eu não é abandono (fórmula do feminino, substância do seu eu), e é certo que isso não lhe faz falta, como à mulher, para reaver o seu, pois que já o possui; o homem abandona-se, mas o seu eu permanece como uma sóbria consciência do abandono, ao passo que a mulher, com uma verdadeira feminilidade, se precipita e precipita o seu eu no objeto do seu abandono. Perdendo esse objeto perde o eu, e ei-la naquela forma de desespero, em

que não queremos ser nós próprios. — O homem não se abandona desse modo; mas por isso a outra forma de desespero tem a característica masculina: nesta o desespero quer ser ele próprio.
Isto para caracterizar a relação entre o desespero do homem e o da mulher. Recordemos contudo que não se trata aqui de abandono a Deus, nem da relação do crente com Deus, da qual só trataremos na segunda parte. Na relação com Deus, em que desaparece esta diferença entre o homem e a mulher, é indiferentemente verdade que o abandono seja o eu, e que se atinja o eu pelo abandono. Isto tanto vale para um como para o outro, ainda que muitas vezes, na vida, a mulher não tenha relação com Deus senão por intermédio do homem. (N. do A.)

[6] Algo a mais. (N. do E.)

[7] Esforço extraordinário. (N. do E.)

[8] Verso de *Fausto,* de Goethe: "e ao redor estende-se um belo e verde prado". (N. do T.)

[9] É por isso que a linguagem tem razão em dizer: desesperar do temporal (a ocasião), *quanto* ao eterno, mas de si próprio, visto que aqui ainda se exprime a ocasião, o motivo do desespero, o qual para o pensamento é sempre desespero *quanto* ao eterno, enquanto que a coisa *da qual* se desespera, é porventura arquidiferente. Desespera-se *daquilo* que nos fixa no desespero: da infelicidade, do temporal, da perda da fortuna, etc.... mas *quanto* ao que, bem compreendido, nos liberta do desespero: quanto ao eterno, quanto à salvação, quanto às nossas forças, etc.
Com respeito ao eu, dado que ele é duplamente dialético, tanto se diz desesperar *de* si como *quanto a* si. Da! essa obscuridade, sobretudo inerente às formas inferiores do desespero, mas além disso presente em quase todas: ver com tão apaixonada clareza *de* que se desespera, não vendo ao mesmo tempo *quanto a* quê. Para que a cura se opere, é necessária uma conversão da atenção, é preciso transferir o olhar do *de que* ao *quanto a;* e seria um ponto delicado sob o puro ponto de vista filosófico a saber se é na verdade possível desesperar sabendo plenamente quanto a que se desespera. (N. do A.)

[10] Perfeitamente sem restrições. (N. do E.)

[11] Pode-se ver em muitas atitudes, a que o mundo dá o nome de resignação, uma forma de desespero, aquele em que o desesperado quer ser o seu eu abstrato, quer bastar-se na eternidade e desse modo tornar-se capaz de edificar ou de ignorar o sofrimento temporal. A dialética da resignação consiste no fundo em cada um querer ser o seu eu eterno, e em seguida com respeito a um sofrimento do eu, negar-se a sê-lo, lisonjeando-se, para própria consolação, de que na eternidade se ficará quite desse mal e que há assim o direito de não aceitar, na terra, o seu peso; pois o eu, ainda que sofrendo, não se quer confessar que o seu sofrimento lhe é inerente, isto é, não quer humilhar-se sob ele como faz o crente. A resignação considerada como desespero é portanto essencialmente diversa do desespero, no qual nos recusamos a ser nós próprios, pois que ela, no seu, quer ser ela própria, exceto contudo num ponto em que, desesperada, o não quer. (N. do A.)

[12] Conversação (entrevista) particular de duas pessoas. (N. do E.)

[13] Nada a mais. (N. do E.)

[14] *Mateus,* 9,29. (N. do T.)

[15] Muito depressa. (N. do E.)

[16] Veloz como o vento. (N. do E.)

[17] Sob a aparência de eterno, à maneira de eterno. (N. do E.)

[18] Efeito purificador (de apagar). (N. do E.)

[19] *Epístola aos Romanos,* 14,23. (N. do T.)

[20] Coisas mal começadas tornam-se elas mesmas fortes pelo mal. (N. do E.)

[21] Não há nada sério em mortalidade: tudo é apenas "brinquedo": renome e graça não

existem mais. (N. do E.)

[22] Notar a diferença entre: desesperar *do* seu pecado e desesperar *quanto ao*. Ver a explicação à nota 9. (N. do T.)

[23] Corpo a corpo. (N. do E.)

[24] De longe. (N. do E.)

[25] A partir do que é concedido. (N. do E.)

[26] Os opostos colocados lado a lado tornam-se mais claros. (N. do E.)

[27] É por isso que Deus é "o Juiz", porque ignora a multidão e só conhece indivíduos. (N. do T.)

[28] Estação ferroviária. (N. do E.)

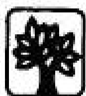
[29] Voltando a atacar. (N. do E.)

[30] No *Henrique IV*. (N. do T.)

[31] E quase todos os cristãos as calam: será por que ignorem verdadeiramente que é o próprio Cristo quem, tanta vez, com tamanho acento interior nos disse que tivéssemos cautela com o escândalo, e até quase o fim da sua vida o repetiu mesmo aos apóstolos, seus fiéis desde o começo, que por ele tudo tinham abandonado? Ou dar-se-á o caso que o seu silêncio ache exageradamente ansiosas essas advertências de Cristo, dado que uma experiência inumerável demonstra que é bem possível crer em Cristo sem ter tido jamais a menor idéia do escândalo? Mas não será esse um erro que venha a ser corrigido um dia, quando o possível do escândalo fizer a escolha entre os chamados cristãos? (N. do A.)

[32] Aqui um pequeno problema para os observadores. Admitamos que todos os pastores daqui e dacolá, que pregam ou que escrevem, sejam cristãos crentes, como é que nunca se ouve nem se lê esta prece que seria contudo bem natural nos nossos dias: Pai celeste, dou-te graças por nunca teres exigido dum homem a inteligência do cristianismo; de outro modo eu seria o último dos desgraçados. Quanto mais tento compreendê-lo, mais incompreensível o acho, mais encontro, apenas, a possibilidade do escândalo. É por isso que te peço para sempre a fazeres aumentar em mim.
Esta oração seria pura ortodoxia e, supostos sinceros os lábios que a dizem, seria ao mesmo tempo de uma ironia impecável para toda a teologia dos nossos dias.
Mas existirá a fé neste mundo? (N. do A.)

ÍNDICE



ABRIL CULTURAL

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA
Diretores: Edgard de Sílvio Faria Richard Citiva Roberto Civita Rubens Vaz da Costa

DIVISÃO DE FASCÍCULOS E LIVROS
Diretor-Gerente: Roger Karman
Diretora Editorial: Elizabeth di Cropani
Diretor de Marketing: Élcio Capalbo

Os Pensadores
Diretor do Grupo de Publicações: Roberto Martins Silveira

CONSELHO EDITORIAL DA 1ª EDIÇÃO
Diretor de Grupo: José Américo Motta Pessanha
Editor-chefe: Edson Araújo Cabral (livros)
Secretário Editorial: Remberto Francisco Kuhnen (livros)
Ely Melo Soares e Nestor Deola (fascículos)
Chefe de Arte: Constantino Kouzmin Korovaeff e Roberto Galvão Paes (livros)
Ricardo Amadeo Júnior (fascículos)
Editores de Livros: Nestor Deola. Arnildo Devegili
José Benedito de Oliveira Damião
Mauro de Queiroz Edson Braga de Souza
Redator: Hélio Leite de Barros (fascículos)
Pesquisador: Israel Betenas (fascículos)
Assistentes de Arte: José Antônio Suzuki (livros) e José Ramos Neto (fascículos)
Pesquisadora Iconográfica: Vera Maria Arames (fascículos)
Serviços Editoriais Auxiliares: Maria Del Carmen Suares Otero (livros) e Ida Maria Marighi (fascículos)

CONSELHO EDITORIAL DA 2.ª EDIÇÃO
Diretor: José Américo Motta Pessanha
Editor-Chefe: Paschoal Miguel Forte
Secretário Editorial: Remberto Francisco Kuhnen
Assistentes de Arte: Satiko Arikita e Rosângela Lopes Lourenço
Serviços Editoriais Auxiliares: Marlene de Fátima Alves Merajo
Coordenação Gráfica: Samuel L. Silvério
Colaboradores: Mauro Lemos e Roberto Galvão Paes (Arte)

DEPARTAMENTO COMERCIAL
Gerente de Produto: Flávio Maculan
Operações: Nélson Murauskas
Promoções: José Carlos Mádio
Serviço de Atendimento aos Leitores: Maria Eleonora Rocha

Composto e impresso nas oficinas da
Abril S.A Cultural e Industrial, caixa postal 2372, São Paulo